



STAR WARS™

TIMOTHY ZHAN

THRAWN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**STAR
WARS**

TIMOTHY ZAHN

STAR WARS™

THRAWN

TRADUÇÃO
ANDRÉ GORDIRRO


ALEPH

*Para todos aqueles que queriam mais
histórias do grão-almirante Thrawn.
E para todos aqueles na Lucasfilm e na
Del Rey que fizeram isso acontecer.
Obrigado.*

Nota dos editores

O universo de STAR WARS é infinitamente rico e criativo. Desde 1977, inúmeros planetas, raças alienígenas e personagens vêm despertando a imaginação de fãs do mundo inteiro. A ideia de expandir um universo ficcional, embora não seja nova, ganha novas proporções com STAR WARS. O livro *STAR WARS: from the adventures of Luke Skywalker*, novelização do Episódio IV da saga, foi lançado em 1976, antes mesmo da estreia do filme no cinema. E, antes do final da trilogia clássica, já existiam diversos quadrinhos e romances, que muitas vezes davam sinais dos caminhos a ser seguidos depois nas telas, ou mesmo, como no caso do livro *Splinter of the mind's eye*, de Alan Dean Foster, diferiam completamente da trajetória seguida nas continuações. Esse era apenas um prelúdio da força que o Universo Expandido de STAR WARS acumularia nas décadas seguintes.

Embora outras rarefeitas obras tenham sido lançadas no início dos anos 1980, dois marcos importantes deram impulso à saga, projetando-a ao atual ousado projeto transmídia: em 1987, veio o lançamento do RPG *STAR WARS: The Roleplaying Game*; em 1991, a publicação de *STAR WARS: Herdeiro do Império*, de Timothy Zahn. Enquanto a importância do RPG foi estabelecer novos cenários e trazer detalhes do universo de STAR WARS, o livro de Zahn fez história ao ser o primeiro com autorização oficial da Lucasfilm para abordar os acontecimentos posteriores ao Episódio VI. Os personagens e as histórias do livro foram aproveitados por toda uma nova geração de autores, que escreveram centenas de obras a fim de complementar cada vez mais esse universo e saciar a sede dos fãs, especialmente durante o intervalo de quinze anos entre os lançamentos das duas trilogias no cinema – e também depois.

Em 2014, a Lucasfilm lançou o novo conceito de STAR WARS, aplicável a filmes, HQs, livros, videogames e séries televisivas relacionados à franquia, formando um só cânone. Juntos, todos esses registros contam uma única história no universo de STAR WARS, complementando e continuando os filmes lançados no cinema entre 1977 e 2005, além de servirem como preparação para os tão esperados novos filmes, a começar com *STAR WARS: O despertar da Força* em 2015. Todas as obras publicadas antes de 2014 passam a ser classificadas como *Legends*: histórias que não serviram como base para o cânone estabelecido pela Lucasfilm para STAR WARS, mas cuja importância e cuja qualidade continuam sendo apreciadas.

Participando dessa nova e empolgante fase de STAR WARS, a Editora Aleph pretende lançar todos os romances adultos do novo cânone, bem como uma seleção dos títulos *Legends* mais relevantes. Convidamos os leitores a embarcar conosco nessa jornada rumo a uma galáxia muito, muito distante.

E trata-se de uma viagem que não tem ponto de partida nem direção definidos. Não importa por qual obra você decida começar, seja por uma das novas ou uma das *Legends*. Temos a certeza de que viverá uma grande aventura.

Que a Força esteja com você.



HÁ MUITO TEMPO,
NUMA GALÁXIA MUITO,
MUITO DISTANTE...



CAPÍTULO

1

Todos os seres começam a vida com esperanças e aspirações. Entre essas aspirações está o desejo de que haja um caminho direto para seus objetivos.

Raramente é assim. Talvez nunca seja.

Às vezes, as curvas são causadas pela própria vontade da pessoa, conforme seus pensamentos e objetivos mudam com o passar do tempo. Mas, na maioria das vezes, as curvas são causadas por forças externas.

Foi assim comigo. A memória é nítida, imaculada pela idade: os cinco almirantes levantando-se das cadeiras enquanto sou escoltado para o interior da câmara. A decisão da Autoridade foi tomada, e eles estão aqui para cumpri-la.

Nenhum deles está contente com a decisão. Consigo ver na expressão de seus rostos. Mas eles são oficiais e servidores dos Chiss, e executarão as ordens. O protocolo, por si só, exige isso.

A palavra é a que eu esperava.

Exílio.

O planeta já foi escolhido. A Aristocracia reunirá o equipamento necessário para garantir que a solidão não se transforme rapidamente em morte causada por predadores ou pelos elementos.

Sou levado embora. Novamente, meu caminho fez uma curva.

Para onde ele levará, não sou capaz de dizer.

A cabana era pequena, aparentemente feita de materiais locais e situada no centro de uma clareira na floresta. Era cercada por oito caixotes retangulares, altos e com dois conjuntos distintos de marcações.

– Então isto – disse o capitão Voss Parck – é o que o senhor trouxe lá da *Raide* para que eu visse?

– Sim, capitão – respondeu o coronel Mosh Barris com acidez. – Na verdade, talvez nós tenhamos um problema. Está vendo aquelas marcações?

– Claro – falou Parck. – Letras bogolanas, não são?

– São letras bogolanas, mas o texto não está em bogolonês – disse Barris. – Os droides tradutores não conseguem entender nada. E os dois geradores atrás da cabana não combinam com nenhum design imperial.

Parado ao lado, observando o capitão e o comandante de tropas de alto escalão da *Raide* discutirem sobre o misterioso povoado que haviam encontrado naquele mundo sem nome, o cadete-de-primeira-classe Eli Vanto tentou se manter o mais discreto possível.

E imaginou o que estava fazendo ali.

Nenhum dos outros dez cadetes da Academia Myomar recebera ordens de descer com a nave de Parck. Eli não tinha nenhuma qualificação especial em artefatos ou tecnologia desconhecidos. Também não era como se ele precisasse de experiência em superfícies planetárias – Eli estava seguindo a carreira para se tornar oficial de aprovisionamento. Não havia motivos aparentes para ele ter sido destacado daquela forma.

– Cadete Vanto? – chamou Barris.

Eli tirou a mente dos devaneios.

– Sim, coronel?

– Os droides disseram que há meia dúzia de idiomas comerciais aqui que usam letras bogolanas. Você é o nosso especialista em idiomas locais obscuros. – Ele gesticulou para os caixotes. – E então?

Eli se aproximou e estremeceu um pouco. Então *aquele* era o motivo de ele estar ali. Eli crescera no planeta Lysatra, naquela parte do Espaço Selvagem, na fronteira com as chamadas Regiões Desconhecidas. A transportadora de sua família trabalhava na maior parte do tempo em torno de seu planeta natal, mas faziam negócios suficientes nas Regiões Desconhecidas para que Eli tivesse aprendido vários idiomas comerciais locais.

Mas isso estava longe de torná-lo um especialista.

– Pode ser uma variação de Sy Bisti, senhor – respondeu ele. – Algumas palavras são conhecidas, e a sintaxe está correta, mas não é o padrão.

Barris deu um muxoxo de desdém.

– É difícil imaginar um *padrão* para um idioma tão obscuro que nem os droides se deram ao trabalho de aprendê-lo.

Eli conteve a língua. Na verdade, Sy Bisti era um idioma altamente útil e perfeitamente bem definido. Obscuras eram as pessoas que ainda o usavam e os mundos em que elas viviam.

– O senhor disse que consegue ler um pouco do texto? – perguntou Parck.

– Sim, senhor – respondeu Eli. – As marcações parecem conter, em grande parte, informações de rastreamento e o nome da empresa que forneceu o conteúdo. E também há um trechinho curto apregoando a grandeza e a honra da empresa.

– Espere, eles estampam material promocional bem nos caixotes? – perguntou Barris.

– Sim, senhor. Muitas empresas pequenas por aqui fazem isso.

– O senhor não reconhece o nome da empresa, eu presumo? – perguntou Parck.

– Não, senhor. Eu acredito que seja Red Bye ou Redder Bye. Possivelmente é o nome do proprietário.

Parck concordou com a cabeça.

– Podemos ver se há algo em nossos registros. E quanto ao segundo texto?

– Lamento, senhor – disse Eli. – Eu nunca vi aquilo antes.

– Que ótimo – murmurou Barris. – Então, se isto for uma base de contrabandistas ou um campo de sobreviventes da queda de uma nave, ainda se encontra sob os protocolos de AD.

Eli estremeceu. Os protocolos de Alienígena Desconhecido eram uma relíquia dos dias de glória da República, quando uma nova espécie era descoberta a cada semana e o Senado queria que todas elas fossem contatadas e estudadas. Não era da alçada da Marinha Imperial moderna cuidar de tarefas como essa, e a Marinha Imperial tinha menos interesse ainda em executá-las, como o Alto Comando repetia sem parar.

Rumores na Academia diziam que o imperador Palpatine estava trabalhando para revogar os protocolos. Porém, por enquanto eles ainda eram a ordem padrão, e muitos senadores os apoiavam.

Isso iria prejudicar o cronograma da *Raide*. Os oficiais e a tripulação da nave já não estavam exatamente empolgados em ter um bando de cadetes subordinados, e Eli notou que os superiores estavam ansiosos para desová-los de volta em Myomar. Essa questão atrasaria a despedida feliz em pelo menos

uns dois dias.

– Concordo – disse Parck. – Muito bem. Mande suas tropas ficarem à vontade enquanto mando uma equipe de analistas técnicos descer. Fique de olho caso nosso contrabandista ou sobrevivente retorne.

– Sim, senhor. – O comlink de Barris apitou, e o coronel sacou o aparelho. – Barris.

– Aqui é o major Wyan no local do acidente, coronel – falou uma voz tensa. – Desculpe interromper, mas acho melhor o senhor vir aqui ver isto.

Eli franziu a testa. Ele não tinha ouvido falar nada sobre um acidente.

– Houve um *acidente*, senhor? – perguntou.

– Um dos caças V-wing caiu – respondeu Parck, apontando com a cabeça para fora da clareira, onde luzes distantes podiam ser vistas brilhando entre os filetes de bruma da tarde que passavam pelas árvores.

Eli assentiu em silêncio. Ele notara as luzes mais cedo, mas presumiu que fossem apenas mais gente do grupamento de inspeção de Barris.

– Eu irei imediatamente – disse Barris. – Com sua permissão, capitão?

– Vá em frente – falou Parck. – Eu ficarei aqui com o cadete Vanto e verei o que mais ele pode nos informar sobre o que está escrito nos caixotes.

Eli tinha examinado quase todo o texto no momento em que Barris e um trooper da Marinha, de uniforme e capacete negros, retornaram carregando o traje de voo de um piloto de V-wing.

Um traje de voo recheado com grama, folhas e frutinhas selvagens vermelhas que tinham um cheiro estranho.

– O que é *isso*? – exigiu saber Parck.

– Isto é o que encontramos perto do local do acidente – respondeu Barris com a cara fechada, enquanto colocavam o traje no chão, diante do capitão. – O corpo sumiu. Nada além desse... desse... – Ele fez um gesto com a mão.

– Espantalho – murmurou Eli.

Parck disparou um olhar feio para o cadete.

– Isto é algo que sua gente faz por aqui?

– Alguns fazendeiros ainda usam espantalhos para afugentar os pássaros da colheita – respondeu Eli, cujo rosto ficou quente. *Sua gente*. Parck estava deixando à mostra os preconceitos dos Mundos do Núcleo. – Eles também são usados em festivais e paradas.

Parck voltou a olhar para Barris.

– O senhor procurou pelo piloto?

– Ainda não, senhor – disse o coronel. – Eu ordenei que a tropa formasse um perímetro em volta do povoado e mandei que outro pelotão de troopers descesse.

– Ótimo – falou Parck. – Assim que eles chegarem, expanda a busca e encontre o corpo.

– Sim, senhor – disse Barris. – Talvez quem quer que tenha levado as granadas tenha a consideração de se explodir em mil pedaços antes de nos atacar.

– Talvez. – Parck ergueu os olhos para o céu, que estava escurecendo. – Eu vou voltar para a nave e providenciar uma zona de cobertura mais ampla por parte dos caças.

Ele baixou o olhar para Eli e disse:

– Cadete, o senhor ficará aqui com a equipe do coronel Barris. Estude o povoado e veja se há mais inscrições. Quanto mais cedo descobirmos tudo que for possível, mais cedo poderemos ir embora.

Era quase noite quando os homens de Barris terminaram de estabelecer o perímetro. A equipe técnica montou uma mesa de exame protegida por um toldo climático transparente onde eles podiam estudar a grama e as folhas retiradas do traje de voo. Os técnicos começaram o trabalho quando o major Wyan e seu grupamento de busca retornaram de mãos vazias da floresta.

Então, eles não haviam encontrado o corpo do piloto da V-wing. Ainda assim, também não havia indícios de feridos ou mortos dentro da equipe. Com granadas e uma arma de raios nas mãos de primitivos ou de um sobrevivente de uma espécie desconhecida, Eli estava secretamente disposto a considerar aquela situação um empate.

– Então era isso que estava dentro do traje de voo? – perguntou Wyan ao caminhar até onde Barris observava dois técnicos espalharem o enchimento do espantalho.

– Sim – respondeu Barris.

A brisa momentaneamente mudou de direção, e Eli notou um pouco do estranho aroma que sentira mais cedo. Provavelmente vinha de algumas das frutinhas selvagens que os técnicos amassaram para análise.

– Até agora parece ser apenas a flora local – continuou Barris. – Talvez tudo tenha sido alguma espécie de ritual religioso...

E sem alerta, houve o clarão e a trovoadade de uma explosão atrás deles.

– Protejam-se! – berrou Barris enquanto girava o corpo, se ajoelhava e sacava a pistola de raios.

Eli pulou no chão atrás de um caixote grande, depois espiou cuidadosamente pela lateral. A meio caminho do limite da clareira, um trecho de grama estava fumegando com os resquícios da explosão; mais além, troopers da Marinha corriam para o ponto mais próximo do perímetro de vigia, com armas de raios sacadas e prontas. Alguém ligou um refletor, e o brilho intenso varreu a floresta e acendeu a bruma que fluía entre as árvores. Eli acompanhou o fecho de luz com os olhos, à procura de um vislumbre do inimigo que os atacava...

E em vez disso viu Barris cair com a cara no chão por causa de uma segunda explosão.

– Coronel! – berrou Wyan.

– Estou bem – gritou Barris de volta.

Atrás dele, a coleção de grama e folhas na mesa de exame estava queimando brilhantemente, e a própria mesa ficou meio virada pela explosão. Do outro lado dela, os dois técnicos estavam em quatro apoios, tremendo. Xingando baixinho, Eli ficou deitado no chão e se preparou para a inevitável terceira explosão.

Mas o inevitável não aconteceu. Uma por uma, ele ouviu as tropas do perímetro se reportarem a Barris para confirmar que as defesas estavam seguras. Wyan conduziu uma busca nos primeiros vinte metros de floresta do lado de fora da clareira e relatou que os agressores desconhecidos tinham fugido.

Embora considerasse que ninguém tivesse visto alguma coisa de início, o fato de continuarem não encontrando nada naquele momento não pareceu muito reconfortante para Eli.

As próprias explosões haviam sido igualmente misteriosas.

– Elas com certeza não eram granadas de concussão – disse Wyan. – Não eram potentes o bastante. Nossa melhor teoria é que as granadas eram energipentes de armas de raios com os pinos antissobrecarga arrancados.

– Isso não parece com algo que “selvagens” seriam capazes de inventar – falou Eli, franzindo a testa.

– Muito bem deduzido, cadete – disse Wyan sarcasticamente. – O coronel Barris acha que nosso sobrevivente retornou. – Ele gesticulou para a cabana. – Eu não o chamei aqui para obter sua opinião sobre nossa situação tática. Eu o chamei aqui para ver se o senhor encontraria algo na cabana ou nos caixotes que nos desse uma pista da aparência ou do nível de tecnologia do sobrevivente.

– Na verdade, não, senhor – respondeu Eli. – Pelo formato da cama e desenho dos talheres, ele provavelmente é humanoide. Mas não há nada além disso, realmente.

– E quanto aos geradores? Ele deve ter alguma habilidade tecnológica para operá-los, não é?

– Não necessariamente – falou Eli. – Eles são em grande parte automáticos.

Wyan fez uma careta de desdém para a noite.

– Então por que o ataque? – murmurou. – E por que um ataque tão insignificante? Se ele é

suficientemente esperto para descobrir os pinos antissobrecarga, é esperto o bastante para acionar uma granada.

– Talvez ele esteja tentando nos afugentar sem destruir sua casa – sugeriu Eli.

Wyan olhou feio para o cadete, talvez se preparando para repetir o alerta de não dar conselhos militares, mas não fez isso. Talvez estivesse se lembrando de que Eli possuía experiência naquela parte irrelevante da galáxia.

– E como ele entrou no acampamento?

Houve um pequeno barulho de algo arranhando perto do pé de Eli. Ele levou um susto, mas era apenas alguma criaturinha terrestre qualquer passando pela grama.

– Talvez ele tenha lançado os energipentes com uma catapulta ou algo assim.

Wyan ergueu as sobrancelhas.

– Atravessando o toldo climático?

Eli estremeceu ao olhar para o monte de grama queimada que ainda fumegava. Não, claro que não – um explosivo lançado teria quicado no toldo e jamais teria chegado à mesa. Que idiotice.

– Acho que não, senhor.

– Você acha que não, senhor – repetiu Wyan sarcasticamente. – Obrigado, cadete. Volte ao trabalho, e desta vez encontre algo de útil para nós.

– Sim, senhor.

– Major? – chamou Barris, cruzando a clareira com passos largos.

– Senhor? – disse Wyan ao se virar para encará-lo.

– O capitão está mandando alguns V-wings para realizar uma busca no quadrante – informou o coronel. – Enquanto isso, pegue um esquadrão e instale alguns refletores no perímetro. Eu quero que a borda da floresta esteja acesa como o interior de um módulo de ignição. Depois ajuste o filtro sensor do hemisfério. Não quero que mais explosivos penetrem as defesas sem que nós ao menos saibamos que estão vindo.

A resposta de Wyan se perdeu em meio ao súbito ronco de duas V-wings passando na altura da copa do arvoredo.

– O quê? – perguntou Barris.

– Eu estava lembrando ao coronel que há muitos pássaros voando por aí – repetiu Wyan. – Pequenos animais terrestres também. Eu quase torci o tornozelo pisando em um há um minuto. Se ajustarmos demais o filtro, os alarmes vão ser acionados a noite inteira.

– Tudo bem, esqueça o ajuste – falou Barris. – Apenas instale aquelas luzes...

E, de repente, bem à frente, as árvores mais próximas foram iluminadas por uma bola de fogo que irrompeu em algum ponto distante.

– Mas que...? – vociferou Wyan.

– Um V-wing caiu! – disparou Barris enquanto acionava o comlink. – Equipe de resgate para o transporte. Agora!

Pelo menos dessa vez o corpo do piloto não foi levado. Infelizmente, a pistola de raios, os energipentes e as granadas de concussão foram.

E os rumores e especulações não paravam.

Eli ficou de fora da maior parte das discussões discretas, pois estava trabalhando na cabana do sobrevivente. Mas, de vez quando, um dos técnicos entrava para coletar alguma coisa para analisar. Geralmente estavam ansiosos para conversar, para apresentar suas próprias teorias e fingir que não tinham medo.

Mas tinham, sim.

Assim como Eli. Os refletores acesos no limiar da floresta conseguiram evitar mais ataques, mas a

miríade de insetos e pássaros noturnos que o brilho atraiu eram quase tão enervantes quanto ataques. Os V-wings que sobrevoavam a área transmitiam uma ilusão de segurança e proteção, mas Eli ficava tenso toda vez que um passava, imaginando se aquele seria o próximo a ser derrubado do céu.

E acima de tudo isso havia o “*por quê*”.

Por que isso estava acontecendo? Será que alguém estava tentando afugentar os imperiais? Ou o agressor estava tentando imobilizá-los ou fazê-los correr em círculos? Ou, pior de tudo, será que aquilo era alguma espécie de jogo macabro?

E o traje de voo cheio de grama era um subterfúgio, uma distração ou apenas algum ritual nativo?

Essa pergunta, pelo menos, recebeu uma resposta. Por volta da meia-noite, após consultar o capitão Parck via comlink, Barris ordenou que o traje de voo empalhado fosse completamente examinado.

Só então descobriram que o comlink do capacete estava desaparecido.

– Cobrinhas espertas – rosnou Barris enquanto Eli se aproximava da conversa. – E quanto ao outro?

– O comlink ainda está aqui – confirmou Wyan ao espiar o interior do capacete do segundo piloto abatido. – Eles não devem ter tido tempo para removê-lo.

– Ou simplesmente não se deram ao trabalho – comentou Barris.

– Porque eles já podem ouvir as nossas comunicações?

– Exatamente – disse Barris. – Bem, isso acaba agora. Ligue para a *Raide* e mande eles desligarem aquele circuito.

– Sim, senhor.

Barris virou-se para Eli.

– O senhor tem algo para acrescentar, cadete? Ou estava simplesmente bisbilhotando um pouquinho por conta própria?

– Sim, senhor – respondeu Eli. – Quer dizer, não, senhor. Eu queria informar que encontrei duas moedas entre as camadas externa e interna de um dos caixotes que datam do início das Guerras Clônicas. Então parece que nosso sobrevivente está aqui pelo menos desde então...

– Espere aí – disse Barris. – *Moedas?*

– Muitas das transportadoras daqui colocam moedas de baixo valor cunhadas recentemente nos caixotes – explicou Eli. – É um costume de boa sorte, bem como uma forma de garantir que as datas nos inventários de carga não sejam alteradas. As transportadoras retiram e colocam novas moedas sempre que o caixote retorna para elas.

– Então, presumindo que o sobrevivente tenha pegado os caixotes enquanto eram novos, isso significa que ele está aqui há anos – disse Wyan pensativo. – Isso pode explicar um pouco de seu comportamento.

– Para mim, não explica – falou Barris. – Se tudo que ele quer é uma carona de volta para a civilização, por que ele simplesmente não sai da floresta e pede?

– Talvez ele estivesse fugindo quando caiu – sugeriu Wyan. – Ou talvez tenha vindo aqui voluntariamente e só quer que nós vamos embora.

– Nesse caso, ele ficará tremendamente desapontado – disse Barris. – Muito bem, cadete, continue procurando. Quer que eu destaque um técnico para ajudá-lo?

– Não há muito espaço, senhor. Nós provavelmente ficaríamos um no caminho do outro.

– Então volte ao trabalho – ordenou Barris. – Mais cedo ou mais tarde, nosso amigo vai forçar a própria sorte. Quando isso acontecer, estaremos prontos.

Naquela noite, houve cinco baixas entre os troopers da Marinha no perímetro de vigia. Três deles foram incapacitados pelas mãos do inimigo desconhecido e tiveram seu peito ou capacete atingido por granadas de concussão. Ninguém viu nada, nem antes nem depois dos ataques. As duas outras baixas levaram tiros acidentais dos próprios companheiros nervosos, que os confundiram com intrusos na escuridão brumosa.

Quando a aurora começou a clarear o céu, Barris retornou ao comlink para a *Raide*. Quando o sol terminou de queimar a bruma da noite, dois esquadrões de stormtroopers chegaram. Eles se reuniram com Barris e depois entraram rapidamente na floresta, segurando fuzis de raios contra o peito.

Pessoalmente, Eli duvidava que eles teriam mais sorte em encontrar o agressor misterioso do que os troopers de Barris haviam tido, mas teve que admitir que a presença dos guerreiros de armadura branca trouxe um crescimento providencial do moral.

Ele estava desmontando o último caixote para procurar por mais moedas de marcação quando ouviu um guincho baixo, porém difuso, soar em algum lugar do lado de fora da cabana, seguido instantaneamente por berros e xingamentos.

Um alerta geral? Eli pegou o comlink e ligou.

E na mesma hora desligou e afastou o aparelho de si o máximo possível, pois o guincho do lado de fora explodiu nos ouvidos.

Alguém estava causando interferência nos comlinks.

– Alerta total! – Eli ouviu Barris berrar do outro lado da clareira. – Todos os troopers, alerta total! Major Wyan, onde está o senhor?

Eli deu a volta correndo pela lateral da cabana e quase foi derrubado por uma trooper da Marinha que se dirigia para o perímetro. O rosto dela estava coberto de cinzas sob o capacete negro pesado, sua expressão era séria, o uniforme estava sujo de poeira. Eli surgiu à vista de Barris no momento em que Wyan alcançou o coronel.

– Todos os canais dos comlinks estão inoperantes, senhor – relatou Wyan.

– Eu sei – rosnou Barris. – Já chega. Há dezoito stormtroopers vasculhando a floresta lá fora; mande alguns troopers da Marinha chamá-los de volta. Vamos nos retirar.

– Estamos *indo embora*, senhor?

– O senhor é contra?

– Não, senhor, mas e quanto àquilo? – Wyan apontou para a cabana com o polegar. – Os protocolos exigem que seja estudado.

Barris olhou feio para a cabana por alguns segundos, e aí a expressão em seu rosto se amenizou.

– Mas não exigem que nós estudemos aquilo *aqui* – disse ele. – Nós levaremos a cabana conosco.

O queixo de Wyan caiu.

– Para a *Raide*?

– Por que não? – falou Barris como se ainda pensasse melhor sobre a ideia. – Há espaço no transporte para a cabana inteira. Mande os técnicos acionarem os repulsores pesados e comecem a trabalhar logo.

Wyan lançou um olhar muito menos entusiasmado para o povoado.

– Sim, senhor.

– E diga para os técnicos se apressarem – gritou Barris para Wyan enquanto o major se afastava correndo. – O único motivo para que tenha interferido nos nossos comlinks é que ele deve estar se preparando para lançar um grande ataque.

Eli se encolheu contra a cabana enquanto olhava para a beira da floresta. Não conseguia ver nenhum inimigo à espreita ali, mas, por outro lado, nenhum dos imperiais tinha conseguido também.

Três minutos depois, um esquadrão de troopers e técnicos com caras fechadas chegaram ao acampamento e começaram a prender guinchos repulsores aos geradores e caixotes. Um dos técnicos ficou com Eli enquanto os demais começaram a transferir os bens para o transporte, e os dois examinaram o exterior da cabana para calcular onde prenderiam os ganchos a fim de manter a construção intacta.

Eles ainda estavam discutindo o procedimento quando o primeiro dos stormtroopers começou a ressurgir da floresta em resposta às ordens de Barris. A interferência continuava enquanto o resto da tropa entrou no acampamento e se virou para encarar a floresta em uma formação defensiva contra o

ataque que todos eles sabiam que viria.

Só que o ataque não aconteceu. A meia hora que Barris estipulou se encerrou com o acampamento empacotado dentro do transporte e o grupo inteiro pronto para partir.

A não ser por um pequeno probleminha. Um dos dezoito stormtroopers estava desaparecido.

– O que o senhor quer dizer com desaparecido? – exigiu Barris em uma voz que foi ouvida por quase toda a clareira enquanto três stormtroopers se dirigiam com determinação para a floresta novamente. – Como um stormtrooper *some*?

– Eu não sei, senhor – respondeu Wyan olhando em volta. – Mas o senhor está certo. Quanto mais cedo sairmos daqui, melhor.

– É claro que estou certo – disse Barris. – Já chega, major. Mande os técnicos para o transporte, com seus troopers seguindo em formação padrão de retaguarda.

– E quanto aos stormtroopers? – perguntou Wyan.

– Eles têm o próprio transporte de tropas – respondeu Barris. – Eles podem ficar para trás e vasculhar a floresta até se cansarem. Vamos partir assim que todo mundo estiver a bordo.

Eli não esperou para ouvir mais. As ordens de Barris não o mencionaram especificamente, mas ele era mais técnico do que trooper. Era o suficiente. Ele se voltou para o transporte.

E parou. Um stormtrooper mantinha uma vigia rígida do lado de fora da escotilha, segurando a arma junto ao peito. Se ele fosse contra a ordem de Barris e abandonasse seus companheiros...

Sem movimento ou aviso, o stormtrooper abruptamente se dissolveu em uma explosão violenta.

Eli estava estirado no chão em um instante.

– Alerta! – ele ouviu alguém gritar, com a voz distorcida pelo zumbido nos ouvidos.

Um punhado de troopers avançava na direção da floresta, mas Eli não sabia dizer se eles estavam de fato no encalço de alguém ou se simplesmente torciam para pegar o agressor aleatoriamente. Ele olhou de volta para o transporte...

Eli prendeu o fôlego. A fumaça da explosão estava se dissipando e revelando que a nave em si sofrera apenas avarias menores – em maioria danos estéticos, nada que deveria interferir com a operação de voo ou a integridade do casco. A armadura do stormtrooper, que havia perdido o tom branco imaculado, estava despedaçada e espalhada em um pequeno raio em volta do ponto onde o homem estivera parado.

Só havia a armadura. O corpo em si tinha sumido.

– Não – Eli ouviu o próprio murmúrio.

Aquilo era impossível. Era impossível que uma explosão que causara tão pouco dano à nave tivesse desintegrado um corpo tão completamente. Especialmente sem fazer o mesmo com a armadura que o envolvia.

Um movimento à esquerda atraiu seu olhar. Estavam entrando na clareira os três stormtroopers que saíram para procurar pelo companheiro desaparecido. Eles de fato o haviam encontrado.

Ou, pelo menos, o que sobrara dele.

Eli meio que esperava que o transporte de tropas e o dos técnicos fossem atacados quando alçaram aos céus, mas eles não foram seguidos por mísseis, pulsos de laser ou granadas catapultadas. Em breve, para seu alívio, eles estavam a salvo no hangar da *Raide*.

O capitão Parck estava esperando ao lado da escotilha do transporte enquanto os homens saíam.

– Coronel – disse ele, com um aceno sério de cabeça para Barris, que saiu de trás de Eli. – Eu não me lembro de ter lhe dado permissão para abandonar seu posto.

– Não, o senhor não deu – falou Barris, e Eli não teve dificuldade em ouvir o cansaço em sua voz. – Mas eu era o comandante no local. Eu fiz o que considerei ser o melhor.

– Sim – murmurou Parck.

Eli olhou para trás e viu o capitão desviar o olhar de Barris para o transporte em si.

– Soube que o senhor trouxe o povoado alienígena consigo – disse Parck.

– Sim, senhor – respondeu o coronel. – Tudo que estava lá, até a terra. Posso colocar os técnicos de volta ao trabalho quando o senhor quiser.

– Não há pressa – disse Parck. – O senhor vai me acompanhar ao meu gabinete. Todos os demais devem se apresentar para o relatório.

Ele se voltou para encarar a fila de técnicos e troopers da Marinha.

E os olhos pararam em Eli.

Rapidamente, Eli virou o rosto. Bisbilhotar oficiais era uma prática muito ruim. Ele esperava que Parck não tivesse notado.

Infelizmente, ele notou.

– Cadete Vanto?

Eli se preparou, parou e se virou.

– Sim, senhor?

– O senhor também nos acompanhará – ordenou Parck. – Venha.

Com o capitão à frente, eles saíram do hangar.

Mas, para a surpresa de Eli, eles não entraram na sala do capitão. Em vez disso, Parck conduziu os dois para a torre de controle do hangar, cujas luzes estavam inexplicavelmente apagadas.

– Senhor? – perguntou Barris assim que Parck foi até a janela de observação.

– Uma experiência, coronel. – Parck gesticulou para o homem no painel de controle. – Todo mundo saiu? Ótimo. Diminua a iluminação no hangar.

Barris parou ao lado de Parck quando as luzes do lado de fora da janela de observação foram diminuídas ao nível do turno da noite. Com cuidado, tentando ser o mais discreto possível enquanto ainda assim dava uma boa olhada, Eli se posicionou atrás de Parck, do outro lado. Os dois transportes estavam proeminentemente visíveis diretamente abaixo; depois dos dois, na outra extremidade do hangar, havia três naves classe Zeta e uma nave mensageira Arauto.

– Que tipo de experiência? – perguntou Barris.

– O teste de uma teoria – explicou Parck. – Fiquem à vontade, coronel, cadete. Talvez nós fiquemos um tempo aqui.

Os três estavam ali havia quase duas horas quando uma figura furtiva e humanoide surgiu, saindo de mansinho do transporte. Silenciosamente, ela cruzou o hangar escurecido na direção das outras naves, se aproveitando da pouca cobertura ao longo do caminho.

– Quem é *aquela*? – perguntou Barris ao se debruçar mais perto da divisória de transparação.

– A não ser que eu esteja enganado, aquela é a fonte dos nossos problemas lá embaixo, na superfície – respondeu Parck com óbvia satisfação. – Creio que aquele é o sobrevivente cujo lar o senhor invadiu.

Eli ficou perplexo e franziu a testa. Um homem? Um *único* homem?

Barris aparentemente também não acreditava.

– Isso é impossível, senhor – reclamou ele. – Aqueles ataques não podem ter sido obra de uma única pessoa. Ele deve ter tido *alguma* ajuda.

– Vamos esperar um momento para ver se mais alguém se junta a ele – disse Parck.

Ninguém fez isso. A figura furtiva cruzou o hangar até as outras naves, onde parou por um momento como se estivesse considerando seus próximos passos. Então, intencionalmente, foi à porta da nave Zeta do meio e entrou.

– Parece que ele de fato estava sozinho – falou Parck ao sacar o comlink. – Ele está no Zeta do meio. Todas as armas configuradas para atordoamento: eu o quero vivo e ileso.

Após toda a confusão que o sobrevivente criara na superfície do planeta, Eli esperou que ele resistisse terrivelmente contra os captores. Para sua surpresa, o sobrevivente aparentemente se rendeu

aos stormtroopers sem oferecer qualquer resistência.

Talvez ele tenha sido surpreendido. Mais provavelmente, o sobrevivente sabia quando resistir era inútil.

Pelo menos Eli entendeu por que Parck queria que ele estivesse presente. Os caixotes de carga do prisioneiro estavam marcados com uma variação de Sy Bisti. Se ele falasse o idioma em si – e se fosse o *único* idioma que falasse –, os imperiais precisariam de um tradutor.

O grupo estava a meio caminho da escotilha onde Parck, Barris, Eli e a escolta de stormtroopers aguardava quando as luzes do hangar voltaram a ser acesas.

O prisioneiro, como Eli já notara, tinha dimensões e forma humanas. Mas era aí que a semelhança com humanos normais acabava. A pele era azul, os olhos tinham um brilho vermelho, e o cabelo era de um tom negro-azulado reluzente.

Eli se contraiu. Em Lysatra, seu planeta natal, havia mitos sobre seres como aquele. Guerreiros letais e imponentes que as histórias chamavam de Chiss.

Ele fez um esforço para tirar os olhos do rosto e a mente de mitos antigos. O prisioneiro estava vestido com o que pareciam ser peles, aparentemente costuradas e retiradas dos animais nativos da floresta onde ele vivia. Mesmo marchando no centro de um retângulo de stormtroopers armados, o prisioneiro tinha um ar de autoconfiança quase majestosa.

Autoconfiança. Isso com certeza fazia parte das histórias.

Os stormtroopers levaram o prisioneiro a poucos metros de Parck e o cutucaram para que parasse.

– Bem-vindo ao destróier estelar classe Venator *Raide* – disse o capitão. – Você fala a língua básica?

Por um instante, o alienígena pareceu estudá-lo.

– Ou Sy Bisti seria melhor? – acrescentou Eli naquele idioma.

Barris olhou feio para ele, e Eli recuou. Novamente foi uma estupidez. Ele deveria ter esperado por ordens. O prisioneiro também estava encarando Eli, embora a expressão parecesse mais pensativa do que furiosa.

O capitão Parck, por sua vez, só tinha olhos para o prisioneiro.

– O senhor perguntou se ele falava Sy Bisti, presumo eu?

– Sim, senhor – respondeu Eli. – Desculpe, capitão. Eu só pensei... todas as histórias dizem que os Chiss usavam Sy Bisti em suas...

– Os *o quê?* – perguntou Parck.

– Os Chiss – disse Eli, sentindo o rosto ficar quente. – Eles são um... bem, eles sempre foram considerados como um mito do Espaço Selvagem.

– É mesmo? – falou Parck encarando o prisioneiro. – Parece que eles são um pouco mais reais do que isso. Mas eu interrompi. O senhor dizia?

– Só que, nas histórias, os Chiss usavam Sy Bisti nas transações conosco.

– Assim como vocês também usavam aquele idioma conosco – disse calmamente o prisioneiro em Sy Bisti.

Eli estremeceu. O prisioneiro respondeu em Sy Bisti... mas reagiu a um comentário que Eli fizera na língua básica.

– Você entende a língua básica? – perguntou ele em Sy Bisti.

– Eu compreendo um pouco – respondeu o Chiss no mesmo idioma. – Mas fico mais à vontade com esta aqui.

Eli concordou com a cabeça.

– Ele disse que compreende um pouco da língua básica, mas fica mais à vontade com Sy Bisti.

– Entendo – disse Parck. – Muito bem. Eu sou o capitão Parck, comandante desta nave. Qual é o seu nome?

Eli abriu a boca para traduzir...

– Não. – Parck deteve o cadete com uma mão erguida. – O senhor pode traduzir as respostas dele, mas quero ver o quanto da língua básica ele compreende. Seu nome, por favor?

Por um momento, o Chiss ficou calado, e seu olhar vasculhou o hangar. Não como um primitivo sobrepujado pelo tamanho e suntuosidade do lugar, pensou Eli, mas como outro militar avaliando as forças e fraquezas do inimigo.

– Mitth'raw'nuruodo – disse ele, ao voltar os olhos brilhantes para Parck. – Mas creio que seria mais fácil para vocês me chamarem de *Thrawn*.



CAPÍTULO

2

Decisões e eventos importantes podem alterar a trajetória de uma vida. Foram esses os acontecimentos que me conduziram ao meu rumo atual.

Mas às vezes o menor dos eventos também pode provocar uma curva. No caso de Eli Vanto, essa força foi uma única palavra entreouvida.

Chiss. Onde teria o cadete Vanto ouvido esse nome? O que significava para ele? Eli Vanto já explicara um motivo, mas podia haver outros. De fato, a verdade completa pode ter várias camadas. Mas quais seriam elas?

Em uma nave tão grande quanto essa, só havia uma maneira de descobrir.

E assim meu caminho fez mais outra curva. Assim como, certamente, o caminho dele.

– Thrawn – repetiu Parck como se testasse o nome. – Muito bem. Como eu disse, bem-vindo. Quero que saiba que não tínhamos a intenção de invadir sua privacidade. Estávamos procurando por contrabandistas e esbarramos em sua casa. Uma de nossas ordens permanentes é estudar todas as espécies desconhecidas que encontrarmos.

– Sim – disse Thrawn em Sy Bisti. – Os negociantes que entraram em contato primeiro com meu povo também disseram a mesma coisa.

– Ele compreende, senhor – traduziu Eli. – Ele conhece a ordem por causa dos negociantes que entraram em contato com seu povo.

– Então por que você não apareceu? – exigiu Barris. – Por que você acossou e matou meus homens?

– Foi necessário... – começou Thrawn em Sy Bisti.

– Já chega – interrompeu Barris. – Ele compreende a língua básica. Isso significa que sabe falar. Então fale. Por que você acossou e matou meus homens?

Por um momento, Thrawn olhou para ele com uma expressão pensativa. Eli olhou para Parck, mas o capitão também permaneceu em silêncio.

– Muito bem – respondeu Thrawn com um sotaque forte nas palavras, mas compreensível. – Foi necessário.

– Por quê? – perguntou Parck. – O que você esperava realizar?

– Eu esperava retornar para casa.

– Você naufragou?

– Eu fui... – Ele olhou para Eli. – *Xishu azwane*.

Eli ficou perplexo. Ele foi...?

– Ele diz que foi exilado – informou o cadete para os demais.

A palavra pareceu pairar no ar com cheiro de gás do hangar. Eli encarou Thrawn enquanto se recordava das histórias de acampamento da infância. Os contos falavam da capacidade militar e da união dos Chiss.

Jamais as histórias falaram sobre eles exilarem uns aos outros.

– Por quê? – perguntou Parck.

Thrawn olhou para Eli.

– Na língua básica, se você conseguir – disse Eli.

O Chiss voltou a olhar para Parck.

– Os líderes e eu discordamos.

– Discordaram a ponto de você ser exilado?

– Sim.

– Interessante – murmurou Parck. – Muito bem. Então este é o *motivo* de você ter feito os homens do coronel Barris correrem atrás do próprio rabo. Agora, diga-nos *como*.

– Foi indifícil – disse Thrawn. – Sua espaçonave caiu perto de meu lugar de exílio. Eu tive oportunidade de examinar antes de os soldados seguintes chegarem. O piloto estava morto. Eu peguei o corpo e escondi.

– E encheu o traje de voo com grama – comentou Barris. – Esperando que nós não fôssemos notar que você roubou o equipamento dele.

– E vocês não notaram – disse o Chiss. – Importante mais era que vocês levassem o traje de voo e as frutinhas pyussh estragadas com vocês.

– As frutinhas? – repetiu Barris.

– Sim. Frutinhas pyussh decompostas e amassadas são isca para pequenos animais da noite.

Eli demonstrou que entendeu com um aceno de cabeça. *Decomposta – fermentada; animais da noite – animais noturnos*. Era como se Thrawn tivesse tido um bom dicionário de língua básica para usar, mas não soubesse algumas palavras mais técnicas e tivesse que improvisar. A gramática também era um pouco vacilante, o que novamente sugeria que ele aprendera por meio de livros, em vez de experiência com conversas de verdade.

Será que isso implicava que os Chiss só tiveram um contato limitado recente com alguém de fora do Espaço Desconhecido?

– Então você prendeu os energipentes adulterados nos animais – disse Barris. – Foi assim que você fez com que eles passassem pelo nosso perímetro de vigia.

– Sim – concordou o Chiss. – E foi como ataquei soldados mais tarde. Com uma funda, eu atirei mais frutinhas nas armaduras deles.

– Depois você derrubou um caça estelar – disse Parck. – Como?

– Eu sabia que naves espaciais viriam procurar. Em preparação, eu estiquei um pouco de... – Ele fez uma pausa. – *Ohuludwu*.

– Linha monofilamentar – traduziu Eli.

– ... linha monofilamentar entre o topo das árvores. A nave espacial bateu.

– E, naquela altitude, o piloto não teria tempo para se recuperar – falou Parck, concordando com a cabeça. – Não teria adiantado nada capturar o caça intacto, por falar nisso. Eles não possuem hiperdrive.

– Eu não queria a nave espacial – disse Thrawn. – Eu queria... – Novamente uma pausa. – *Ezenti ophu ocengi* do piloto.

– Equipamento e comlink – informou Eli.

– Mas você não pegou o comlink dele – reclamou Barris. – Nós verificamos o traje no acampamento. O aparelho ainda estava ali.

– Não – falou Thrawn. – O que estava ali era o comlink do primeiro piloto.

Eli acenou com a cabeça como se compreendesse. Astúcia, tática e controle da situação. Essas eram de fato características marcantes dos Chiss, pelo menos de acordo com as histórias.

Mas, ainda assim, *exílio*?

– Engenhoso – disse Parck. – E nós pensamos que sabíamos o que acontecera, e não nos demos ao trabalho de verificar o número de série. Então, quando descobrimos que o primeiro comlink estava sumido e fora do circuito, você ainda estava com o aparelho que funcionava.

– Então você matou um homem apenas para pegar o comlink dele – falou rispidamente Barris, que claramente não estava tão impressionado com a engenhosidade do alienígena quanto o capitão. – Por que você continuou atacando meus homens? Porque era divertido?

– Eu lamento pela perda de vidas – respondeu Thrawn em tom sério. – Mas eu precisava que viessem soldados com armadura mais completa.

– Com armadura mais...? – Barris se interrompeu. – Os stormtroopers? Você queria que viessem stormtroopers?

– Seus soldados usam capacetes abertos – explicou o Chiss enquanto traçava uma aba imaginária em volta da testa. – Não serviam para mim. – Ele tocou o rosto com a mão. – Eu precisava cobrir o rosto.

– A única maneira de você entrar no acampamento sem ser detectado – disse Parck, concordando com a cabeça.

– Sim – concordou Thrawn. – Eu usei explosivo em um, para obter armadura que eu pudesse estudar...

– Como você fez isso sem ninguém ouvir a explosão? – interrompeu Barris.

– Foi quando eu comecei a enviar ruído via comlink – falou o Chiss. – O ruído abafou o barulho do explosivo. Com a armadura, eu aprendi a matar um soldado sem barulho ou avarias notáveis. Eu peguei um segundo soldado e sua armadura e andei até a nave.

– Enquanto transportávamos seu equipamento para dentro dela? – perguntou Barris.

– Eu selecionei um momento quando ninguém estava dentro – disse Thrawn. – Com pequenos gravetos, eu coloquei a armadura em pé e deixei do lado de fora da entrada. Um explosivo dentro destruiu a armadura.

– Uma distração para que não notássemos que na verdade havia *dois* stormtroopers sumidos – falou Parck. – Onde você se escondeu na viagem para o espaço?

– Dentro da cápsula do segundo gerador – contou Thrawn. – Estava quase vazia, pois usei suas peças para consertar o primeiro.

– Pelo visto você estava aqui há muito tempo – disse Parck. – Entendo por que você estava tão desesperado para ir embora.

Thrawn se empertigou.

– Eu não estava desesperado, mas meu povo precisa de mim.

– Por quê?

– Eles estão em perigo. Há muitos perigos na galáxia. Perigos para meu povo. Perigos para o seu. – Ele fez um gesto estranho. – Seria bom vocês aprenderem sobre eles.

– E, no entanto, seu povo o exilou aqui – argumentou Parck. – Eles discordam de você em relação ao tamanho dessas ameaças?

Thrawn olhou para Eli.

– Repete? – pediu ele em Sy Bisti.

Eli traduziu a pergunta do capitão.

– Nós não discordamos em relação à ameaça – respondeu Thrawn em sua língua básica com sotaque. – Nós discordamos em relação ao processo. Eles não aceitam a crença em... *ezboli hlusalu*.

Eli engoliu em seco.

– Eles não acreditam em ataques preventivos.

– Então, seu povo precisa de proteção – disse Parck, com a voz sutilmente alterada. – Como você

faria isso, sozinho e sem naves ou aliados?

Eli franziu a testa. Uma pergunta estranha em um tom de voz estranho. Será que o capitão estava tentando obter informações sobre possíveis aliados Chiss?

Thrawn pareceu não notar.

– Eu não sei – respondeu ele calmamente. – Eu darei um jeito.

– Tenho certeza que sim – falou Parck. – Enquanto isso, você teve um dia cheio, e tenho certeza de que um descanso cairia bem. Comandante?

– Senhor? – Um dos stormtroopers deu um passo à frente.

– O senhor e seu esquadrão vão escoltar nosso convidado à sala do oficial de convés, onde acomodações e um lanche adequados os esperam – ordenou Parck. – Thrawn, preciso ir agora. Devemos nos falar em breve.

– Obrigado, capitão Parck – disse o Chiss. – Eu aguardo avidamente por isso.

Eli estava em seu alojamento, trabalhando no relatório pós-missão que recebera ordens de completar, quando vieram buscá-lo.

Eli nunca estivera no gabinete particular do capitão. Ele nunca sequer havia estado naquela parte da *Raide*.

E *nunca* estivera na companhia de oficiais de escalão tão alto. Era como uma sessão de certificação do conselho.

Ou uma corte marcial.

– Cadete Vanto – cumprimentou o capitão Parck, que gesticulou para uma cadeira que fora colocada diante da fileira de oficiais. – Sente-se.

– Sim, senhor.

Eli se sentou e torceu fervorosamente para que a tremedeira não fosse visível.

– Primeiro, quero lhe dar os parabéns pela sua conduta durante a recente missão – disse Parck. – O senhor se comportou de maneira admirável sob fogo.

– Obrigado, senhor – falou Eli.

Embora, de acordo com sua recordação, Eli tivesse feito muito pouco a não ser se manter o mais longe possível do combate e da confusão.

– Diga-me, o que o senhor acha do nosso prisioneiro?

– Ele me parece muito confiante, senhor – disse Eli.

Por que estavam perguntando para *ele*?

– Muito no controle da situação – ponderou Eli. – A não ser quando foi capturado no hangar. O senhor deve tê-lo capturado de surpresa ali.

– Eu não acho – falou Parck. – Ele se rendeu muito prontamente, sem nenhuma tentativa de resistência ou fuga. – O capitão inclinou a cabeça ligeiramente. – O senhor parece saber um pouco sobre o povo do prisioneiro.

– Na verdade, não, senhor – respondeu Eli. – Nós temos histórias sobre os Chiss; na verdade, são mais como mitos que foram transmitidos através das gerações. Até onde sei, nenhum Chiss esteve em Lysatra ou em qualquer parte daquela área em centenas de anos.

– Mas vocês pelo menos *têm* mitos, o que é mais do que nós temos nos registros da *Raide* – argumentou Parck. – O que essas histórias dizem sobre eles?

– Os Chiss teoricamente são grandes guerreiros – disse Eli. – Astutos, engenhosos, imponentes. Intensamente leais uns aos outros também. Esse exílio... eles *realmente* devem odiar a ideia de ataques preventivos para fazer isso com Thrawn.

– É o que parece – concordou Parck. – Estou vendo que o senhor está seguindo a carreira de oficial de provisionamento em Myomar.

– Sim, senhor – respondeu Eli, que ficou perdido com a mudança brusca de assunto. – Minha família trabalha no setor de empresas transportadoras, e eles acharam que servir ao Império seria um passo acima...

– O senhor teve algum treinamento em ensino ou tutoria?

– Nada formal, senhor – falou Eli.

Será que Parck iria recomendar uma mudança para a carreira de ensino? Eli torcia para que não. Ele passara a juventude transportando cargas para a família e não queria ficar preso a um gabinete ou sala de aula em algum lugar.

Por um instante, o capitão o observou, depois se recostou no assento e olhou para os outros oficiais ao seu lado. Um sinal sem palavras passou por eles...

– Muito bem, cadete – disse Parck, voltando-se para Eli. – A partir deste momento, o senhor está destacado como contato, tradutor e assistente de nosso prisioneiro. O senhor também...

– Senhor? – disparou Eli, que arregalou os olhos. – Mas eu sou apenas um cadete...

– Eu não terminei – falou Parck. – Juntamente com a tradução, o senhor também ensinará a língua básica para ele. O prisioneiro domina os fundamentos, como o senhor viu, mas ele precisa de um vocabulário mais extenso e algumas correções com a pronúncia e a gramática. Alguma pergunta?

– Não, senhor – Eli conseguiu dizer. As surpresas estavam vindo rápido demais. – Na verdade, senhor, eu tenho, sim. Por que ele precisa aprender a língua básica? Não vamos devolvê-lo ao planeta?

Houve uma agitação discreta entre os oficiais, e Eli percebeu subitamente que acabara de cruzar uma linha invisível. Ele ficou tenso...

– Não – respondeu Parck. A voz do capitão era calma, mas havia um tom incisivo, como se aquela fosse uma pergunta que ele e os demais já tivessem discutido. E sobre a qual não tivessem chegado a um consenso. – Nós vamos levá-lo para Coruscant.

– Para...?

Eli fechou a boca, e na mente surgiram imagens de antigos reis desfilando como inimigos derrotados pelas ruas. Mas certamente não era isso que Parck tinha em mente. Era?

– Eu acredito que o imperador ficará interessado em conhecê-lo e saber sobre esses Chiss – disse Parck. Havia algo no tom de voz que sugeria que aquela explicação era tão dirigida aos oficiais quanto a Eli. – Eu também acredito que eles podem ser de grande valia para o Império. Seus mitos incluem alguma sugestão da localização do planeta natal dos Chiss?

– Apenas que eles vêm das Regiões Desconhecidas, senhor. Nada específico.

– Que pena – comentou Parck. – Não importa. Este será outro de seus deveres nos próximos dias, aprender o máximo possível sobre ele, seu planeta natal e seu povo.

– Sim, senhor – falou Eli, sentindo o coração quicando.

De pobre cadete a tradutor e tutor de um ser saído das histórias de Lysatra.

E a única desvantagem é que isso poderia custar seu futuro.

Porque Eli já tinha visto que o Império era uma máquina gigante e impiedosa. Se ele se desviasse sequer alguns graus da carreira escolhida, poderia se ver subitamente relegado a outra carreira qualquer, alguma coisa obscura que poderia enviá-lo para o convés principal de uma base estelar esquecida e abandoná-lo por lá.

Ainda assim, este pequeno desvio de curso deveria ocupar apenas mais ou menos uma semana enquanto a *Raide* transportava Thrawn para Coruscant. Após isso, Eli retornaria a Myomar com os demais cadetes e com uma história que poderia contar para as pessoas pelo resto da vida.

E, realmente, o que poderia dar errado?

– Você parece estar achando graça – disse o cadete Vanto. *Ele se recosta no assento.*

– Graça? – perguntou Thrawn.

– Estar sendo entretido com uma sensação de humor – falou Vanto. *Ele troca para Sy Bisti para explicar.* – Houve algo em especial sobre essa história que você tenha achado digno de humor?

– Eu achei a história bem interessante.

– Algumas das minhas histórias você acha interessante – disse Vanto. *Rugas se formam na testa.* – Outras, você parece achar inacreditáveis. Algumas, você considera engraçadas. Essa foi uma delas.

– Minha intenção não é ofender – falou Thrawn. – Mas eu mesmo sou Chiss e nunca ouvi falar de ninguém do meu povo possuindo tamanho poder.

– Isso eu admito – disse Vanto. *As rugas se suavizam parcialmente.* – Eu lhe disse desde o início que essas histórias mal estão acima do nível de mitos, mas você pediu para ouvi-las.

– Eu agradeço sua disposição em contá-las – falou Thrawn. – É possível aprender muita coisa sobre um povo pelas histórias que contam sobre outros.

– E? – perguntou Vanto. *As rugas retornam. A cabeça se volta ligeiramente para a direita.*

– Eu não compreendo.

– Eu perguntei o que você aprendeu sobre os humanos – respondeu Vanto. *Os olhos se apertam um pouco.*

– Eu falei errado. Perdão. Eu quis dizer que posso aprender sobre uma pessoa, você, pelas histórias que escolhe contar.

– E o que você aprendeu sobre mim? – perguntou Vanto. *Os olhos retornam ao tamanho normal. O tom de voz diminuiu de intensidade.*

– Que você não quer estar aqui – disse Thrawn. – Você não quer atuar como tradutor e assistente. Você certamente não quer atuar como interrogador.

– Quem disse que eu era um interrogador? – perguntou Vanto. *O tom dele aumenta levemente de intensidade e volume. A musculatura embaixo das mangas se contrai.*

– Você deseja voltar às listas de inventário e quantidade – prosseguiu Thrawn. – Aí que estão seus talentos, aonde você deseja que seu rumo o conduza.

– Fascinante – comenta Vanto. *O tom ganha uma nova textura retumbante. Os cantos dos lábios se contraem brevemente.* – Eu imagino que, como um grande comandante militar importante, você considera logística e abastecimento inferiores à sua dignidade?

– Você acha isso?

– Claro que não – disse Vanto. *O torso se estica para cima na cadeira. A voz ganha um tom mais grave.* – Porque eu sei das coisas. Minha família faz esse tipo de serviço há três gerações. Eu estou apenas fazendo isso para a Marinha Imperial agora, em vez de fazer para a minha própria família, só isso.

– Imagino que você seja bom nisso.

– Sou *muito* bom nisso – falou Vanto. – O tenente Osteregi me disse que sou um dos melhores cadetes que ele já teve a bordo. Assim que terminar o próximo período na Academia, terei uma vaga garantida a bordo de uma nave de guerra.

– É isso que você deseja? – perguntou Thrawn.

– Totalmente – respondeu Vanto. *O tom mais grave some parcialmente da voz.* – O que eu não sei é por que você se importa.

– Por que eu me importo com o quê?

– Por que você se importa *comigo* – disse Vanto. *Ele aperta os olhos novamente. O tom retorna à intensidade menor.* – Você vem me estudando; não pense que não notei. Você me pede para contar uma das lendas que aprendi quando criança, depois me pergunta sobre meu lar, formação e infância. Sempre pequenas perguntas, sempre feitas com muita naturalidade. O que eu quero saber é o motivo. – *Ele dobra os braços de uma forma cruzada diante do peito.*

– Desculpe – falou Thrawn. – Não quis fazer mal. Apenas fiquei interessado em você, como estou

interessado em tudo sobre seu Império.

– Mas por que *eu*? – perguntou Vanto. – Você nunca pergunta sobre o capitão Parck ou o coronel Barris ou qualquer outro dos oficiais superiores. Ou mesmo sobre o imperador Palpatine ou o Senado Imperial.

– Eles não estão ligados à minha sobrevivência imediata – respondeu Thrawn. – Você, sim.

– Com todo o respeito, você não poderia estar mais equivocado – disse Vanto. *Ele balança a cabeça, de um lado para o outro.* – O capitão Parck poderia ordenar que você fosse jogado pela câmara de vácuo a qualquer momento. O coronel Barris pode forjar provas ou envolver você em algo e mandar que seja fuzilado. Quanto ao imperador... – *A musculatura da garganta se aperta um pouco. O rosto emana um brilho infravermelho mais forte.* – Ele tem poder absoluto sobre todo mundo e todas as coisas no Império. Se ele não achar graça em você ou não estiver contente, você acabará morto.

– O capitão Parck busca honra e promoção – falou Thrawn. – Ele acredita que eu seja o caminho para tal fim. O coronel Barris não gosta de mim, mas não vai arriscar irritar seu capitão. Quanto ao imperador... veremos.

– Certo – disse Vanto. *A musculatura da garganta relaxa parcialmente, mas não de todo.* – Pessoalmente, eu ficaria *muito mais* preocupado com ele, mas isso cabe a você. Porém, eu ainda sou o último homem na lista. Por que você sequer se importa comigo?

– Você é o meu tradutor. Você tem minhas palavras e seus significados nas mãos. Uma tradução malfeita vai confundir ou irritar. Um erro proposital pode levar à morte.

– Cuspe de krayt – exclamou Vanto. *Ele faz um som de desdém pelo nariz.*

– Perdão?

– Eu digo que é cuspe de krayt – disse Vanto. – Você aprendeu muito da língua básica nos últimos dias. Fala tão bem quanto eu. Provavelmente melhor; você não tem um sotaque do Espaço Selvagem de que as pessoas caçoam. A última coisa de que você precisa é um tradutor.

– Você apresenta meu caso por mim – falou Thrawn. – O que quer dizer *cuspe de krayt*?

– É uma gíria para besteira – explicou Vanto. *O canto esquerdo do lábio se ergue.* – Especialmente besteira que o orador sabe que é besteira.

– Entendo. *Cuspe de krayt.* Vou lembrar disso.

– Não – disse Vanto. *O tom é grave, e a palavra sai curta e grossa.* – Não é educado. E também é uma expressão que fede a um ermo como Lysatra. *Ermo* significa qualquer planeta que não faça parte dos Mundos do Núcleo e da elite e dos poderosos que vivem lá.

– Eu presumo que exista uma hierarquia de mundos e dos povos que os habitam?

– Finalmente uma pergunta sobre o Império em si – falou Vanto. – Sim, com certeza existe uma hierarquia. Uma enorme, impressionante, em grande parte implícita, mas absolutamente rígida, hierarquia. Se você estava contando comigo para apresentá-lo aos ricos e poderosos, vai ficar seriamente desapontado.

– Você se menospreza muito, cadete Vanto – disse Thrawn. – Ou talvez valorize demais a hierarquia social. Eu estou contente em tê-lo como meu tradutor.

– Fico feliz que esteja contente – falou Vanto. *O tom aumenta de intensidade ligeiramente. A musculatura da garganta ainda mostra rigidez.* – Não que você tenha tido alguma escolha na questão.

– Talvez – disse Thrawn. – Diga-me, quando nós chegaremos ao seu mundo capital?

– Minhas ordens são para levá-lo ao hangar frontal, aquele do qual você tentou escapar, às sete horas da manhã de amanhã – respondeu Vanto.

– E vou conhecer o imperador logo após isso?

– Eu não faço ideia do que vai acontecer depois disso – disse Vanto. *Os músculos embaixo da túnica se retesam ligeiramente, e as rugas voltam à testa.* – Mas provavelmente não vão te levar a ninguém sequer próximo ao imperador. É capaz que te levem a algum administrador do alto escalão. Talvez até do

baixo escalão.

– Você virá comigo?

– Isso depende do capitão – respondeu Vanto. – Eu *ainda* tenho outras funções a bordo da *Raide*.

Também preciso me preparar para retornar à Academia Myomar.

– Seus estudos e funções são obviamente importantes – disse Thrawn. – Veremos que decisão o capitão Parck tomará. Até amanhã, cadete, fique bem e boa noite.

– Sim – falou Vanto. *A tensão na musculatura diminui, mas ainda não passa completamente.* – Até amanhã.

A nave lambda particular do capitão Parck saiu do hangar precisamente às sete horas e sete minutos da manhã seguinte. Além de Parck, Thrawn e Eli, a lista de passageiros incluía o coronel Barris, três dos troopers da Marinha que estiveram no planeta quando Thrawn fez todo mundo correr atrás do próprio rabo e dois stormtroopers, supostamente também integrantes do grupo que viu o alienígena em ação.

Também havia dez troopers da Marinha fortemente armados. Se Parck estava preocupado com administradores hostis do Alto Comando, também não queria correr o risco de seu prisioneiro tentar fugir assim que chegassem ao planeta.

Como todo mundo no Império, Eli tinha visto centenas de holovídeos sobre Coruscant. Ele também passara algumas horas estudando mapas planetários um dia após Parck anunciar que iriam para lá.

Nada o havia preparado para a grandiosidade avassaladora do planeta.

Ele olhava completamente fascinado para o monitor da cabine de passageiros. O planeta inteiro era cercado por meia dúzia de anéis de transportes em órbita, naves militares e de passageiros, cada uma esperando sua vez de rumar para a superfície. Por toda parte, fluxos constantes de naves de partida criavam fontes de luz sutis ao entrarem nos vários corredores de saída para atravessar a atmosfera, que depois se espalhavam por todas as direções assim que chegavam ao espaço.

Enquanto a lambda descia, Eli viu o conjunto de pontinhos reluzentes como estrelas que cobriam o planeta lentamente virar prédios e torres. Mais perto, era possível ver a rede de veículos repulsores que costurava entre os prédios gigantes, fazendo uma dança complicada conforme se dirigiam para mil destinos. Um pensamento preocupante ocorreu a Eli: naquele exato momento, ele provavelmente era capaz de ver mais veículos do que havia em seu planeta natal inteiro.

O piloto os levou para uma das vias mais altas, uma que parecia reservada para veículos militares. Eles estavam tão perto agora que Eli podia notar pontos de referência específicos. Lá estava a Academia Real Imperial, onde a elite do Império treinava para o Exército e a Marinha. Atrás da academia, ao leste, havia uma das áreas industriais, com torres altas cuspidas vapor superaquecido de água residual no alto da atmosfera. Mais ao longe, atrás disso, Eli viu uma área aberta que ficava bem abaixo dos topos das torres ao redor, mas ainda assim a muitos níveis acima da verdadeira superfície planetária. Uma área de pouso, mais provavelmente, talvez para políticos de elite ou naves militares maiores. Ele notou o topo do prédio do Senado Imperial na outra direção.

Eli ficou ansioso. Se o Senado estava *ali* e a Academia Real *lá* atrás...

Eles não estavam indo para o Almirantado ou para o quartel do Departamento de Segurança Imperial, que Eli havia concluído como os dois destinos mais prováveis.

Eles estavam indo diretamente para o Palácio Imperial.

O *Palácio* Imperial?

Não – não podia ser. Não por causa de um único quase-humano aleatório, de pele azul, capturado em um mundo sem nome lá no Espaço Selvagem. Não havia possibilidade de o imperador sequer notar um evento como aquele, quanto mais ter um interesse pessoal na questão.

E, no entanto, isso parecia ser exatamente o que tinha acontecido.

Discretamente, Eli olhou para o outro lado do corredor, onde Thrawn e Parck estavam sentados

juntos, cercados por guardas. O capitão parecia anormalmente rígido, como se não conseguisse acreditar no destino deles tanto quanto Eli. Os guardas davam a impressão de estar da mesma forma, a não ser por alguns deles que pareciam discretos mas genuinamente aterrorizados.

E deveriam estar mesmo. Aqueles eram homens e mulheres cujos erros permitiram que Thrawn entrasse a bordo da *Raide*, para início de conversa. Havia histórias sombrias sobre o que o imperador fazia com pessoas que o desapontavam.

Mas o próprio Thrawn não parecia assustado ou sequer preocupado. Tudo que Eli podia ver no rosto do Chiss era aquela segurança enlouquecedora de sempre.

Talvez Parck não tivesse contado para onde eles iam. Talvez não tivesse contado a história ou a reputação do imperador.

Ou talvez tivesse contado tudo para Thrawn, e o Chiss simplesmente pressupôs que, fosse qual fosse o destino, ele teria a situação sob controle.

Eli voltou a olhar para o monitor, e as velhas histórias do poderio militar dos Chiss ecoaram em sua mente. Até onde ele podia determinar, toda aquela cultura e sociedade haviam se perdido do conhecimento da República havia séculos, talvez até milênios. Agora, subitamente, eles reentravam para a história.

Será que o nível de segurança de Thrawn era exclusivo dele? Ou todos os Chiss eram daquele jeito?

Como alguém que algum dia poderia ser convocado para combatê-los, Eli torcia fervorosamente para que não fosse a segunda opção.

Eli quase tinha conseguido se convencer de que o grupo iria simplesmente se reunir com alguma autoridade do Palácio quando eles passaram por um par de guardas imperiais de mantos e capacetes vermelhos e entraram na sala do trono do imperador.

Mais ainda que Coruscant em si, os holovídeos que Eli vira sobre o imperador Palpatine não chegavam aos pés do verdadeiro homem.

À primeira vista, o imperador não parecia lá muita coisa. Ele estava vestido em um simples manto marrom encapuzado, sem decoração ou brilho de qualquer forma. O trono, embora enorme, era completamente negro e muito simples, novamente sem nenhuma decoração, e ficava a meros quatro degraus acima do chão. Na verdade, a escuridão do manto fazia o imperador praticamente desaparecer da vista dentro do breu do trono.

Foi quando o grupo se aproximou que a aura sombria pôde ser sentida.

Primeiro foi o rosto do imperador. Os holovídeos sempre o mostraram como um homem digno e mais velho, amadurecido de certa forma pela experiência de vida e pelas preocupações da liderança. Mas os holovídeos estavam errados. O rosto embaixo do capuz era *velho*; velho e marcado por uma centena de rugas profundas.

Também não eram rugas comuns, do tipo que os avós de Eli ganharam após anos sob o céu aberto. Aquelas rugas pouco tinham a ver com idade, e pareciam mais cicatrizes ou tecido queimado.

As histórias diziam que a última tentativa dos Jedi traidores de tomar o poder fora um ataque ao então chanceler Palpatine. As histórias não mencionavam que sua vitória sobre os assassinos tinha sido a um custo tão terrível.

Talvez tenha sido isso que aconteceu também aos olhos do imperador.

Um arrepio subiu pelas costas de Eli. Os olhos eram brilhantes e inteligentes, oniscientes e completamente poderosos. Mas eles eram... estranhos. Singulares. Perturbadores. Prejudicados, talvez, pela mesma traição que devastara seu rosto?

Inteligência, conhecimento, poder. E mais ainda do que com Thrawn, uma sensação de domínio completo sobre tudo à sua volta.

O imperador observou em silêncio enquanto o grupo avançava em sua direção. Parck ia à frente,

Barris e Eli vinham atrás, seguidos por Thrawn e as testemunhas formadas pelo trooper da Marinha e stormtroopers. O contingente de guarda trazido por Parck ficou do lado de fora da porta, e seis guardas imperiais assumiram a tarefa de escolta.

Pareceu levar uma eternidade para chegar ao trono. Eli se perguntou a que distância eles teriam permissão de se aproximar e como o capitão Parck saberia que havia alcançado tal ponto. A questão foi respondida quando Parck chegou a cinco metros e os dois guardas imperiais aos pés dos degraus deslizaram para posições diretamente em frente dele. Parck parou, o resto do grupo fez o mesmo, e esperou.

E esperou.

Foram provavelmente apenas cinco segundos. Mas para Eli pareceu uma eternidade de médio porte. A sala do trono estava completamente calma, completamente silenciosa. O único som era a batida abafada da pulsação nos ouvidos, o único movimento era a tremedeira dos braços dentro das mangas.

– Capitão Parck – disse o imperador finalmente, em tom neutro e voz saibrosa. – Fui informado que o senhor me trouxe um presente.

Eli estremeceu. Um *presente*? Para os Chiss das histórias, isso teria sido um insulto mortal. Thrawn estava atrás dele, e Eli não ousou se virar, mas pôde imaginar a expressão naquele rosto altivo.

– Sim, Vossa Majestade – falou Parck, se curvando. – Um guerreiro que, segundo consta, é de uma espécie conhecida como Chiss.

– Certo – disse o imperador, com a voz ainda mais seca. – E diga-me, o que o senhor quer que eu faça com ele?

– Se me permite, Vossa Majestade – interrompeu Thrawn antes que Parck pudesse responder. – Eu não sou simplesmente um presente. Também sou um recurso. Um recurso que o senhor jamais viu igual e que pode nunca mais ver novamente. O senhor faria bem em me utilizar.

– Faria? – disse o imperador, parecendo achar graça. – Certamente o senhor é um recurso de ilimitada autoconfiança. O que você oferece exatamente, Chiss?

– Para começar, eu ofereço informação – respondeu Thrawn.

Se ele estava ofendido, Eli não conseguiu detectar no tom de voz.

– Há ameaças à espreita nas Regiões Desconhecidas, ameaças que um dia encontrarão seu Império. Eu conheço muitas delas.

– Vou saber a respeito delas em breve por conta própria – contra-argumentou o imperador calmamente. – Você pode oferecer mais alguma coisa?

– Talvez o senhor saiba a respeito delas a tempo de derrotá-las – disse Thrawn. – Talvez, não. O que mais eu ofereço? Eu ofereço minha qualificação militar. O senhor pode usar essa qualificação para fazer planos a fim de procurar e eliminar esses perigos.

– Essas ameaças de que você fala – falou o imperador. – Eu presumo que não sejam simples ameaças ao meu Império?

– Não, Vossa Majestade – respondeu Thrawn. – Elas também são ameaças ao meu povo.

– E você busca eliminar tais ameaças ao seu povo?

– Busco.

Os olhos amarelados do imperador pareceram brilhar.

– E você deseja a ajuda do meu Império?

– A vossa assistência seria bem-vinda.

– Você quer que eu ajude o povo que o exilou? – perguntou o imperador. – Ou o capitão Parck estava errado?

– Ele estava certo – disse Thrawn. – Eu de fato fui exilado.

– E no entanto você ainda busca protegê-los. Por quê?

– Porque eles são meu povo.

– E se eles se negarem a ser gratos e se recusarem a aceitá-lo de volta? E aí?

Houve uma ligeira pausa, e Eli teve a sensação estranha de que Thrawn estava oferecendo ao imperador um daqueles sorrisinhos que ele sabia dar tão bem.

– Eu não preciso da permissão deles para protegê-los, Vossa Majestade. Nem espero pelo agradecimento deles.

– Eu já vi outros com sua noção de nobreza – falou o imperador. – A maioria deu-se por vencida quando sua abnegação ingênua colidiu com o mundo real.

– Eu *encarei* o mundo real, como o senhor diz.

– De fato – disse o imperador. – O que você deseja exatamente do meu Império?

– Um estado de ganho mútuo – respondeu Thrawn. – Eu ofereço meu conhecimento e qualificação para o senhor agora em troca de sua consideração pelo meu povo no futuro.

– E quando esse futuro vier, e se eu me recusar a conceder tal consideração?

– Então eu terei jogado e perdido – disse Thrawn calmamente. – Mas terei até então para convencer o senhor de que meus objetivos e os seus de fato coincidem.

– Interessante – murmurou o imperador. – Diga-me, se você servisse ao Império, e, no entanto, uma ameaça surgisse contra seu povo, onde ficaria a sua lealdade? Qual de nós controlaria sua fidelidade?

– Eu não vejo conflito em compartilhar informações.

– Eu não estou falando de informações – falou o imperador. – Estou falando de serviço.

Houve uma pequena pausa.

– Se eu fosse servir ao Império, o senhor controlaria a minha fidelidade.

– Que garantia você oferece?

– Minha palavra é minha garantia – disse Thrawn. – Talvez seu servo possa falar sobre a força desse voto.

– Meu servo? – perguntou o imperador, que voltou os olhos para Parck.

– Eu não me refiro ao capitão Parck – explicou Thrawn. – Eu falo de outro. Talvez eu tenha presumido incorretamente que ele era seu servo. No entanto, ele falou muitíssimo bem do chanceler Palpatine.

O imperador se inclinou um pouco à frente, e os seus olhos amarelados brilharam.

– E o nome dele?

– Skywalker – respondeu Thrawn. – Anakin Skywalker.



CAPÍTULO

3

A guerra é basicamente um jogo de habilidade. É uma competição de mente contra mente, tática contra tática.

Mas também há um elemento de acaso que é mais apropriado aos jogos de cartas e dados. Um estrategista prudente também estuda esses jogos e aprende a partir deles.

A primeira lição dos jogos de cartas é que elas não podem ser jogadas em uma ordem aleatória. Apenas quando são dispostas da maneira correta a vitória pode ser alcançada.

Neste caso, havia apenas três cartas.

A primeira foi jogada no acampamento. O resultado foi a entrada na Raide. A segunda foi jogada a bordo da nave. O resultado foi a promessa de passagem para Coruscant e a atribuição do cadete Vanto como meu tradutor.

A terceira foi um nome: Anakin Skywalker.

– Interessante – disse o imperador. *Seus olhos estão firmes e não piscam. A pele do rosto está imóvel.* – E o seu nome?

– O senhor já sabe.

– Eu quero que você fale.

– Mitth'raw'nuruodo.

– Então foi você – falou o imperador. *Ele se recosta de volta no trono. Os cantos dos lábios se curvam para cima. Os olhos não mudam de tamanho.* – Quando a mensagem do capitão Parck chegou, eu torci para que fosse.

– O Jedi Skywalker sobreviveu à guerra, então?

– Infelizmente, não – disse o imperador.

– Eu sinto pela sua passagem – falou Thrawn. – Ele era um guerreiro muito astuto e... posso consultar meu tradutor?

– Pode – disse o imperador. *Ele franze ligeiramente os olhos. O tom amarelo agora aparece mais forte.*

– Eghuwa.

– Corajoso – traduziu Vanto. *O rosto dele irradia um calor extra. Os músculos por baixo da túnica mostram rigidez. Os lábios se comprimem com força antes e depois de ele falar a palavra.*

– Ele era um guerreiro muito astuto e corajoso – continuou Thrawn. – Eu esperava encontrá-lo novamente.

– Muito corajoso, de fato – concordou o imperador. *A cabeça vira levemente para a esquerda. Os olhos recaem brevemente em Vanto, depois retornam. Os dedos apertam gentilmente os braços do trono.* – Mas, antes de seu fim, ele me contou em detalhes as circunstâncias de seu encontro e elogiou suas habilidades. Então, você deseja se tornar meu conselheiro em questões das Regiões Desconhecidas?

– Eu já disse isso.

– E se eu oferecesse mais? – perguntou o imperador.

– Que oferta maior o senhor faria?

– Você pode ver o poder que eu criei – falou o imperador. *Os olhos estão muito concentrados, os lábios demonstram uma pequena curva.* – Ou pode fazer parte dele.

– Eu perdi meu lar – disse Thrawn. – O senhor perdeu os serviços do Jedi Skywalker. Se o senhor quiser meu serviço direto como um substituto do dele, estou honrado em oferecê-lo.

– Interessante – falou o imperador. *Os olhos permanecem em mim por um momento, depois mudam de direção e se concentram no capitão Parck.* – Você acertou em trazer seu prisioneiro para mim, capitão. Você e seus homens retornarão à sua nave e funções. O Alto Comando dará uma recompensa adequada pelo seu serviço e iniciativa.

– Sim, Vossa Majestade – disse Parck, curvando-se novamente. – Obrigado.

– Um favor, Vossa Majestade? – pediu Thrawn.

– Fale, Mitth'raw'nuruodo – disse o imperador. *Seus olhos se apertam.*

– Eu ainda sou inapto em seu idioma. Eu pediria que meu tradutor fosse transferido para trabalhar comigo.

O imperador permanece sentado e imóvel, sem falar. Ele então faz força com as mãos nos braços do trono e fica de pé.

– Ande comigo, Mitth'raw'nuruodo.

Os dois guardas ao pé do trono se afastaram um metro para cada lado. O imperador desceu ao piso e virou para a esquerda, na direção de um jardim na lateral da câmara.

O jardim é pequeno, mas contém uma variedade de plantas. A maioria está disposta em vasos grandes ou em jardineiras compridas que acompanham o trajeto curvo da passarela de lajotas. Algumas flores de cores intensas crescem das próprias pedras decorativas. Árvores pequenas com casca reluzente ficam na periferia, como sentinelas da privacidade. A distância do jardim ao trono garante privacidade daqueles que ainda esperam lá.

Há um fundamento artístico no arranjo do jardim. Há um padrão na interação de curvas e retas, na junção e no contraste de forma e cor, no jogo sutil de luzes e sombras. O arranjo indica poder e sutileza e um raciocínio muito intenso.

– Um espaço interessante – comentou Thrawn. – O senhor o criou?

– Eu o projetei – respondeu o imperador, que parou perto da primeira curva de arbustos. – Diga-me, o que você pensa?

Sutileza e um raciocínio muito intenso.

– O senhor não me trouxe aqui para falar de tradutores – disse Thrawn. – Mas o senhor quer que o capitão Parck e os demais acreditem nisso.

– Ótimo – falou o imperador. *O tom é mais grave. Os cantos dos lábios se erguem. A boca se abre ligeiramente e revela os dentes.* – Ótimo. Anakin comentou sobre sua percepção. Estou contente em saber que ele estava certo. As Regiões Desconhecidas me intrigam, Mitth'raw'nuruodo. Existe um enorme potencial ali.

– Existe também grande perigo.

– Aqui também existe enorme perigo – contra-argumentou o imperador. *Os cantos dos lábios se curvam para baixo, e ele franze os olhos.*

– Certamente existe poder aqui – comentou Thrawn. – Mas existe perigo apenas para seus inimigos.

– Você não considera que seu povo esteja entre esses inimigos?

– O senhor expressou ter interesse nas Regiões Desconhecidas. Como posso ajudá-lo a satisfazer essa curiosidade?

– Você parece fugir da minha pergunta – disse o imperador. *Os lábios estão colados.* – Diga-me: seu povo considera o Império como inimigo?

– Eu não sou responsável pelos objetivos ou atitudes futuras do meu povo – respondeu Thrawn. – Só posso falar por mim mesmo. E já disse que servirei ao senhor.

– Até achar conveniente escapar do meu alcance?

– Eu sou um guerreiro, Vossa Majestade – falou Thrawn. – Um guerreiro pode recuar. Ele não foge. Pode ficar à espreita, para emboscar. Ele não se esconde. Pode vivenciar a vitória ou a derrota. Ele não para de servir.

– Vou obrigá-lo a honrar essas palavras – disse o imperador. – Por que você deseja ter um tradutor?

– Ele sabe algo a respeito do meu povo – respondeu Thrawn. – Desejo explorar a profundidade desse conhecimento.

– Se ele tem conhecimento das Regiões Desconhecidas, então, pelo contrário, talvez eu devesse mantê-lo aqui comigo.

– O conhecimento dele é composto por pouco mais do que histórias e contos – falou Thrawn. – Ele não conhece mundos ou povos, nem hiperlinhas ou possíveis santuários.

– Esse conhecimento só você possui? – perguntou o imperador. *O tom diminui de intensidade.*

– Por enquanto – respondeu Thrawn. – Mais tarde, o senhor também o possuirá.

– Novamente, sua eloquência desmente a necessidade de um tradutor – disse o imperador. *Os lábios novamente se curvam para cima.* – Mas eu o darei para você. Venha, vamos nos juntar aos demais.

O grupo ainda esperava entre as fileiras de guardas.

– É aquele ali? – perguntou o imperador, apontando para Vanto.

– Sim, Vossa Majestade – falou Thrawn. – Cadete Eli Vanto.

– Capitão Parck, quanto tempo ainda falta para a formatura do cadete Vanto?

– Três meses-padrão, Vossa Majestade – respondeu Parck. – Estávamos agendados para devolvê-lo juntamente com seus colegas cadetes a Myomar quando fomos desviados para a perseguição ao contrabandista que, no fim das contas, nos levou ao local de exílio de Thrawn.

– Vocês devolverão os outros cadetes como planejado – disse o imperador. – O cadete Vanto permanecerá em Coruscant e terminará o treinamento na Academia Real Imperial.

– Sim, Vossa Majestade – falou Parck, que olhou brevemente para Vanto e depois para Thrawn. – Informarei o almirante Foss sobre essa mudança.

O rosto de Vanto irradia mais forte do que nunca, e os músculos da garganta se enrijecem. Ele começa a abrir a boca, como se fosse falar, mas a fecha sem dizer uma palavra.

Vanto não compreende. Nem vai. Não por muito tempo.

A Academia Myomar, situada na Região de Expansão, tinha uma equipe de funcionários e alunos formada por residentes de planetas ermos. Lá, Eli estivera entre seus pares, tão relaxado e à vontade quanto possível dada a pressão excruciante do regime de treinamento mais intenso do Império.

A Academia Real Imperial, em comparação, tinha apenas funcionários oriundos da elite do Império, assim como o corpo estudantil. No momento em que Eli e Thrawn colocaram os pés para fora da nave saída do Palácio, ele sentiu os olhos de todo mundo fixos nos recém-chegados.

E não teve dúvida de que a maioria daqueles olhos era hostil.

O alienígena e o caipira de um mundo ermo. Isso, pensou Eli melancolicamente, era uma piada clássica pronta.

O comandante Deenlark claramente pensou a mesma coisa.

– Então – disse ele com esforço e o olhar indo e voltando entre os dois, enquanto Eli e Thrawn permaneciam em posição de sentido diante da mesa do comandante. – Isso é uma piada do almirante Foss?

Thrawn não respondeu e aparentemente deixou essa com Eli. Ótimo.

– O imperador em pessoa nos mandou aqui, senhor – respondeu Eli, sem saber o que mais dizer.

– Isso foi uma pergunta retórica, cadete – rosnou Deenlark enquanto olhava feio para Eli por debaixo das sobrancelhas espessas. – Vocês têm palavras complicadas como *retórica* no Espaço Selvagem, não têm?

Eli cerrou os dentes.

– Sim, senhor.

– Ótimo – disse Deenlark. – Porque nós usamos muitas palavras difíceis aqui. Não queremos que o senhor se perca.

Ele desviou o olhar para Thrawn.

– Qual é a *sua* desculpa, alienígena?

– Minha desculpa para o quê, senhor? – perguntou Thrawn calmamente.

– Sua desculpa para viver – disparou Deenlark. – E então?

Thrawn permaneceu em silêncio, e por alguns segundos, os dois se encararam. Então, o lábio de Deenlark tremeu.

– É, como eu pensei – falou o comandante amargamente. – O senhor tem muita sorte que o imperador tenha se interessado pelo senhor. Embora eu não consiga imaginar o *motivo*.

Ele fez uma pausa, como se esperasse que Thrawn explicasse. Novamente, o Chiss não respondeu.

– Muito bem – disse Deenlark finalmente. – A mensagem de Foss disse que o senhor já era uma espécie de soldado excepcional, que tudo de que precisava era uma pequena orientação sobre procedimentos, equipamentos e tecnologia imperais. Isso dá basicamente um curso de seis meses para um típico cadete cru. Provavelmente dois anos para cadetes vindos dos cafundós – acrescentou ele, olhando para Eli.

O cadete aprendera que havia ocasiões em que valia a pena ficar calado. Esta era uma delas. Eli manteve a cabeça erguida, os olhos concentrados bem à frente e a boca fechada.

– Então, é assim que vai ser – falou Deenlark se voltando para Thrawn. – O cadete Vanto tem três meses antes de ser comissionado. Esse é o tempo que o senhor terá para estar pronto. Fracasse e está fora.

– O imperador talvez discorde – disse Thrawn em tom brando.

O lábio de Deenlark tremeu.

– O imperador compreenderia – falou ele, mas a fanfarronice perdeu um pouco do ímpeto. – A própria instrução do imperador para as Academias é que elas formem oficiais dignos de servir ao Império. Com menos do que isso, toda a Marinha sofre, dos oficiais aos praças. É claro que, se o imperador quiser que o senhor ingresse por decreto, ele pode fazer isso. – Deenlark ergueu as sobrancelhas. – Espero que o senhor prove ser suficientemente bom para que ele não tenha que fazer isso.

– Veremos – disse Thrawn.

– Creio que sim. – Deenlark contraiu os lábios. – Outra coisa, Foss disse que o senhor deveria sair daqui como tenente em vez da patente padrão de guarda-marinha. Algo a ver com colocá-lo em um posto de comando o mais rápido possível. Eu pensei, por que perder tempo?

O comandante abriu uma gaveta, tirou uma divisa com a patente de tenente e girou; ela parou na borda da mesa diante de Thrawn.

– Prontinho. Parabéns, tenente. O cadete Vanto pode lhe mostrar que lado fica para cima.

– Obrigado, senhor – agradeceu Thrawn educadamente ao pegar a insígnia. – Eu presumo que os uniformes adequados serão entregues em nossos alojamentos?

– Sim – respondeu Deenlark, que franziu a testa. – O senhor tem certeza de que sequer *precisa* de um tradutor? Sua língua básica parece bem boa.

Eli sentiu um fiapo de esperança. O comandante já deixara claro que não estava contente com aquele arranjo. Deenlark não podia tocar em Thrawn diretamente, mas talvez pudesse expressar um pouco de seu descontentamento se recusando a aceitar Eli como tradutor do Chiss. Se ele fizesse isso, talvez ainda houvesse tempo para Eli voltar a Myomar e terminar sua formação em um ambiente mais agradável.

– Ainda há muitos termos técnicos e idiomáticos que não conheço – disse Thrawn. – O serviço dele será valiosíssimo.

– Tenho certeza de que será – admitiu Deenlark relutantemente. – Muito bem. Agora saiam daqui. Quer dizer, *dispensados, cadetes*. Os senhores receberam um alojamento duplo; o escrevente vai mandar um droide rato levá-los até lá. Cronogramas e instruções estão no seu computador. Considerando que o senhor tenha descoberto como ligá-lo.

– Eu conheço seus sistemas de computadores – falou Thrawn.

– Eu estava falando com Vanto – disse Deenlark sarcasticamente. – Ambos dispensados.

O escrevente era tão rígido quanto o comandante, mas foi bem eficiente. Dois minutos depois, Eli e Thrawn seguiam um droide rato que deslizava velozmente pela passarela na direção do Quartel Dois.

E assim, do nada, a vida de Eli fora virada completamente de cabeça para baixo.

O trajeto de sua carreira na Marinha, tão cuidadosamente calculado e implementado, chegara ao fim. E pior, só porque Eli estivera firme no rumo certo para se formar em Myomar não significava que ele sobreviveria ao ambiente muito mais rigoroso da Academia Real Imperial. Mesmo faltando apenas três meses para acabar, ele ainda poderia fracassar.

Especialmente uma vez que o tempo de Eli agora seria dividido entre os estudos e os joguinhos de palavras com Thrawn. Um alienígena que era ainda mais um peixe fora d'água do que o próprio Eli.

Um alienígena que não tinha a menor chance de triunfar.

Eli sabia como eram as Academias Imperiais. Ouvira todas as piadas correntes sobre Falleens, Umbaranos, Neimoidianos e outros alienígenas. E a Real Imperial, bem no centro do Império, certamente seria a pior de todas. Thrawn tinha a mesma chance de sobreviver ali que um pássaro ferido em um ninho de guandiras sangrentos.

E, quando o Chiss fosse derrotado, será que Eli iria junto com ele?

Eli não fazia ideia, mas achava que provavelmente sim.

– Você parece pensativo – comentou Thrawn.

Eli fez uma careta. O Chiss não fazia ideia de onde havia entrado.

– Só imaginando como nos sairemos aqui.

– Sim. – Thrawn ficou em silêncio por um momento. – Você falou uma vez de hierarquia planetária e social. Diga-me como essa hierarquia... – Ele fez uma pausa. – *Binesu*.

Eli suspirou.

– Se manifesta.

– Obrigado. Diga-me como essa hierarquia se manifesta aqui.

– Provavelmente da mesma forma que em qualquer academia militar – respondeu Eli. – O comandante está no topo, os instrutores, abaixo dele, e os cadetes, abaixo deles. Muito simples, na verdade.

– Há boas relações entre cada nível de autoridade?

– Eu não sei – disse Eli. – Todos têm que trabalhar juntos, então suponho que todos se deem bem.

– Mas existe rivalidade entre cadetes?

– É claro.

– E os cadetes não têm nenhuma patente militar oficial ou hierarquia até a formatura?

– Há uma ordem social velada – falou Eli, franzindo a testa. – Nada oficial. Por que todas essas perguntas?

– Por causa disso. – Thrawn abriu a mão e olhou para a divisa com a patente de tenente sobre a palma. – Quero entender por que ele me deu isso.

– Bem, não foi por bondade – rosnou Eli. – Também não foi para poupar tempo.

– Explique.

Eli bufou.

– Veja bem. Há três reações que você vai provocar assim que começar a exhibir essa divisa por aí. Número um: alguns alunos e instrutores vão considerá-lo como o animal de estimação de Deenlark e odiá-lo por isso.

– O que é um *animal de estimação*?

– Nesse caso, é uma gíria para aluno favorito – explicou Eli. – Esse grupo vai odiá-lo por todos os privilégios que você teoricamente está recebendo.

– Eu não espero receber privilégios.

– Não importa; eles ainda vão achar que você está recebendo alguns. Reação número dois: alguns vão considerá-lo como um oficial fracassado que voltou para uma reciclagem. Esse grupo vai tratá-lo com total desprezo.

– Então isto aqui é mais uma arma do que um presente?

– Uma arma contra *você* , sim – disse Eli. – E aí existe a reação número três. Eles vão pensar que você é uma piada. Não, pensando bem, eles provavelmente vão pensar que você é um teste.

– Que tipo de teste?

– Do tipo bem difícil – falou Eli. É, esse devia ser o objetivo de Deenlark. – Ok. Aqui a pessoa não deve demonstrar desrespeito pelos oficiais superiores. Eu presumo que também seja assim nas forças armadas Chiss, certo?

– Normalmente – respondeu Thrawn com a voz um pouco seca.

Eli se contraiu. Por um momento, ele se esquecera da maneira como Thrawn chegara ao Império, antes de mais nada.

– Bem, oficialmente não temos permissão para desrespeitar alienígenas também – continuou Eli às pressas. – Eu digo *oficialmente* porque isso é o que o Regulamento Geral diz que devemos fazer, mas não é sempre o que *realmente* fazemos.

– Vocês não gostam de não humanos?

Eli hesitou. Como ele deveria responder?

– Houve vários grupos diferentes de não humanos no movimento Separatista – disse Eli, escolhendo as palavras com cuidado. – As Guerras Clônicas mataram um monte de gente e devastaram mundos inteiros. Há ainda muito ressentimento em relação a isso, especialmente entre humanos.

– Mas não houve outros grupos não humanos aliados à República?

– Claro – falou Eli. – E a maioria deles agiu bem, mas os humanos ainda carregaram a maior parte do fardo. – Ele ponderou. – Bem, essa é a impressão, de qualquer forma. Não sei se é realmente verdade.

Thrawn mexeu a cabeça concordando ou simplesmente aceitando.

– Seja como for, não seria mais razoável odiar apenas aqueles grupos de não humanos que se opuseram a vocês?

– Provavelmente – disse Eli. – Bem, ok, certamente. E provavelmente era dessa forma, mas às vezes esse tipo de coisa acaba afetando outros grupos. – Ele hesitou. – Ainda por cima, há muito desprezo nos Mundos do Núcleo em relação às pessoas de qualquer lugar além da Orla Média, tanto humanos como não humanos. E comigo vindo do Espaço Selvagem e você sendo das Regiões Desconhecidas, nós estamos bem no interior da Zona de Desdém.

– Certo – falou Thrawn. – Se entendi bem, eu sou intocável por três razões: sou um oficial, não sou humano e venho de uma fronteira desrespeitada do Império. Então, o teste para os cadetes seria ver como podem ser criativos no desrespeito voltado contra mim?

– Basicamente – respondeu Eli. – E a que distância do limite eles podem chegar sem passar por cima dele.

– Que limite?

– O limite de fazer alguma coisa que não pode ser ignorada – explicou Eli, tentando pensar. – Ok, considere isto. Alguém pode empurrar você para fora de uma passarela e alegar que foi *você* quem esbarrou *nele*. Mas essa pessoa não poderia invadir seu alojamento e detonar seu computador. Viu a diferença? No segundo caso, não há como alegar que você foi o culpado.

– A não ser que a pessoa alegasse que eu armazenei dados roubados no computador e ela estivesse tentando recuperá-los.

Eli se contraiu.

– Eu não pensei nisso – disse ele. – Mas, sim, é exatamente assim que funcionaria. Embora, nesse caso, a pessoa teria que provar que você *tinha* roubado dados para se safar daquilo.

– Os dados poderiam ter sido colocados ali após terem invadido meu alojamento.

– Pode ser – falou Eli. Isso estava ficando cada vez melhor. – Parece que nós vamos andar sobre ovos pelos próximos três meses.

Thrawn ficou em silêncio durante os passos seguintes.

– Eu presumo que isso seja outra expressão idiomática – disse ele. – Talvez fosse melhor se você não andasse nesses ovos ao meu lado.

– É, bem, você deveria ter pensado nisso antes de pedir ao imperador para que eu fosse seu tradutor – falou Eli, mal-humorado. – Você quer ligar para o Palácio e dizer que mudou de ideia?

– Eu ainda preciso de seus serviços – disse Thrawn. – Mas você pode se juntar aos demais ao expressar seu desdém por mim.

Eli franziu a testa.

– Como é que é?

– Perdão?

Eli revirou os olhos. Às vezes, Thrawn pegava essas expressões idiomáticas imediatamente; em outras ocasiões, ele não fazia ideia do que eram.

– Isso significa que eu quero que você repita o que disse ou então explique a sua intenção.

– As palavras não foram claras? Muito bem. Você deixa claro para os demais que eu não sou nada mais do que uma tarefa. Uma tarefa, aliás, que você resistiu a assumir e que detesta completamente.

– Eu não detesto a minha tarefa – reclamou Eli com uma mentira educada que chegou automaticamente aos lábios. – E eu não detesto você.

– Não? – retrucou Thrawn. – Por minha causa, você foi retirado de sua nave e trazido para esta Academia, que você teme.

Eli sentiu algo se remexer dentro dele.

– Quem disse que estou com medo? – reclamou Eli. – Não estou com medo, só não estou ansioso para passar meu último período com um bando de esnobes dos Mundos do Núcleo, só isso.

– Fico contente em saber – disse Thrawn em tom sério. – Vamos suportar esta situação juntos.

– É – falou Eli, franzindo a testa para o Chiss.

Será que ele acabara de ser manipulado a apoiar Thrawn contra qualquer coisa que a Real Imperial fizesse contra os dois? Aparentemente, sim.

O que não significava que Eli não pudesse dar para trás a qualquer momento que quisesse. E esse momento poderia muito bem ocorrer.

– Mal posso esperar – disse ele. – Mudando de assunto, você realmente conheceu o general Skywalker?

– Sim – disse Thrawn com a voz distante. – Foi uma época interessante.

– Só isso? É tudo que você vai me contar? Que foi *interessante*?

– Por enquanto – falou Thrawn. – Talvez nós falemos mais sobre isso depois.

Ele abriu a mão e olhou para a nova divisa.

– Eu não posso evitar não ser humano ou ter vindo de uma região pouco respeitada – disse Thrawn. –

Mas talvez seja melhor mantermos isto um segredo entre nós.

Ele guardou a divisa na túnica, fora do alcance da visão. Eli concordou com a cabeça.

– Por mim, tudo bem.

Adiante, o droide rato rolou até a frente de um prédio de três andares e parou, esperando que alguém abrisse a porta para ele.

– Acho que chegamos – acrescentou Eli. – Vamos ver o que o Almirantado mandou para nós.

– E aí saberemos nosso cronograma e tarefas – disse Thrawn. – E vamos nos preparar da melhor maneira possível para o massacre.

Eli suspirou.

– É. Isso também.



CAPÍTULO

4

Até certo ponto, a direção do caminho escolhido por alguém automaticamente aponta para os caminhos que possam cruzá-lo. O caminho de um guerreiro cruzará com os caminhos de outros guerreiros, tanto amigos como inimigos. O caminho de um trabalhador cruzará com os caminhos de outros trabalhadores.

Mas, assim como nos jogos de cartas e dados, às vezes ocorrem cruzamentos inesperados. Alguns são motivados pelo acaso, outros por planejamento, outros pela mudança de objetivos.

Alguns cruzamentos são motivados por má intenção.

Tais manipulações podem surtir efeito a curto prazo, mas as consequências a longo prazo podem ser perigosamente difíceis de serem previstas.

O caminho de Arihnda Pryce é um exemplo disso. Um estudo profundo e atento do caso pode servir como uma lição valiosa.

E como um alerta ainda mais valioso.

– Srta. Pryce?

Arihnda Pryce parou e deu meia-volta. Apressando-se em sua direção pelo longo corredor estava Arik Uvis, com um datapad na mão e uma expressão intensa no rosto.

Arihnda fez uma careta para si mesma. Ela realmente não queria ter que lidar com Uvis, com seus comentários e perguntas idiotas, naquele momento.

Mas Uvis não iria embora, e a sede corporativa da Mineradora Pryce era pequena demais para que ela conseguisse evitá-lo o dia inteiro com sucesso. Era melhor acabar com aquilo de vez.

Ele alcançou Arihnda e parou.

– Srta. Pryce? – repetiu Uvis com a respiração um pouco ofegante; ele tinha trinta e poucos anos, praticamente a mesma idade de Arihnda, mas sua forma física era bem pior. – Que bom que a encontrei.

– O que posso fazer pelo senhor, sr. Uvis? – perguntou Arihnda, mantendo o rosto e a voz neutros.

– Eu ouvi um rumor de que seu pai acabou de descobrir um veio até então desconhecido de dúnio – disse Uvis. – É verdade?

– É, sim – respondeu Arihnda, cogitando de maneira pessimista quem deixara vazar a notícia.

O dúnio era um dos metais mais duros de que se tinha conhecimento, o que fazia dele um componente chave na fabricação de cascos de naves de guerra, e sob o recentemente acelerado programa de construção de naves da Marinha Imperial, o preço do metal havia disparado. Até mesmo a sugestão de que um veio novo fora encontrado seria suficiente para dar início a uma competição frenética tanto entre

refinadores como entre compradores de minério.

– Posso saber onde o senhor ouviu isso? – perguntou Arihnda.

– Isso não é importante – respondeu Uvis. – O importante é que guardemos a descoberta de maneira que possamos tirar vantagem total dela.

– Tenho certeza de que minha mãe já está cuidando disso – garantiu Arihnda. – Temos vários contatos entre agentes comerciais capazes de cuidar de algo assim.

Uvis soltou um muxoxo de desdém.

– Tenho certeza que sim – disse ele em um tom vagamente condescendente. – Agentes locais, pequenos, que trabalham com uma promessa e um aperto de mão?

– Nem todos são pequenos – falou Arihnda, se esforçando para não demonstrar irritação.

Uvis era um forasteiro vindo do Núcleo que fora mais ou menos impingido a eles pela administração do governador Azadi havia seis meses-padrão. Ela provavelmente conseguia contar o número de viagens que Uvis fizera para fora da área da Capital durante aquele período em uma mão. Não apenas ele não sabia virtualmente nada sobre Lothal como também claramente não se importava em aprender.

– Mas e daí se eles forem pequenos? – continuou Arihnda. – Se qualquer um deles não der conta do contrato pleno, nós simplesmente faremos negócio com dois, três ou quatro. Tudo está interconectado aqui.

– E eu tenho certeza de que esse sistema funciona para um planeta rústico comum da Orla Exterior – disse Uvis com a paciência no limite. – Mas alguns de nós têm ambições maiores para Lothal.

Arihnda soltou um muxoxo baixinho de desdém. Ambições para um mundo ermo como Lothal. Certo.

– Boa sorte com isso.

– Estou falando sério – insistiu Uvis. – Agora que temos um veio de dúnio...

– Nós temos um veio de dúnio – interrompeu Arihnda. – A Mineradora Pryce. Não você, e não Lothal. Nós temos.

– Certo – disse Uvis. – Só lembre-se de que o governador e eu estamos incluídos nesse *nós*. Somos sócios, lembra?

– Não por muito tempo – falou Arihnda. – Assim que começar a entrar o lucro proveniente do dúnio, nós vamos pagar o empréstimo que vocês nos deram. Podemos fazer isso, pelo que diz o contrato.

– O contrato não previu algo assim. – Uvis respirou fundo. – Veja bem, Arihnda. Eis a realidade: sim, vocês têm riqueza agora, mais do que já sonharam na vida. Isso significa que é sua grande chance. Não apenas a grande chance da Mineradora Pryce, mas a sua também, pessoalmente.

– Sério? – disse Arihnda, tentando dar um tom sarcástico à palavra, mas sem conseguir exatamente.

Porque ele estava certo. Esse tipo de riqueza súbita finalmente possibilitaria a saída de Arihnda dali. Não apenas a saída do negócio da família, mas de Lothal completamente.

– Mas também vai atrair atenção, e não necessariamente do tipo bom – continuou Uvis. – Você precisa...

Ele se interrompeu quando uma Ithoriana de cabeça de martelo apareceu na curva e passou correndo pelos dois, com uma pilha de datacards na mão. Arihnda lembrava vagamente que era a sobrinha de alguém, trabalhando em um estágio de duas semanas. A Ithoriana grunhiu um *bom dia* e depois desapareceu em uma curva diferente.

– Você precisa de apoio – disse Uvis. – Mais do que isso, você precisa de proteção. O governador Azadi pode lhe dar isso.

O pensamento nebuloso de finalmente sair de Lothal sumiu em uma súbita nuvem de desconfiança.

– Proteção? – contra-argumentou ela. – Ou o senhor quer dizer *incorporação*?

– Não, é claro que não – reclamou Uvis.

– Sério? – disse Arihnda. – Porque nós já ouvimos isso antes. Outras pessoas vieram a Lothal, muita gente, procurando por maneiras de nos ajudar a sacudir a poeira e coincidentemente se enriquecer. Mais

cedo ou mais tarde, todas elas descobrem que o povo aqui é teimoso, arraigado em seus costumes e que não está interessado em bacanas do Núcleo lhes dizendo o que fazer.

– Fico contente que Lothal tenha feito as pazes com a mediocridade – disparou Uvis. – Mas esse costume acabou. Os bacanas vão voltar, desta vez para ficar. E vão comer peixes pequenos como a Mineradora Pryce no café da manhã.

– Não me ameace, Uvis – alertou ela.

– Não estou ameaçando – disse ele. – Estou tentando dizer que tudo está prestes a mudar. Há uma dezena de maneiras como uma grande corporação mineradora pode se aproximar de uma operação pequena como a sua e tomá-la ou secá-la. Eu não quero isso, a senhorita não quer isso, e o governador Azadi certamente não quer isso.

Com um esforço, Arihnda manteve a calma novamente. Então Uvis já contara para Azadi sobre o dúnio?

Droga. Em uma comunidade coesa como a Capital, isso significava que metade dos cidadãos já sabia a essa altura. E se metade dos cidadãos sabia, um quarto dos forasteiros na cidade provavelmente também sabia.

– Eu presumo que vocês tenham uma solução para oferecer?

– Temos – garantiu Uvis. – Começamos com a senhorita vendendo outros 21% da Mineradora Pryce para o governador. Isso faria...

– *O quê?* – interrompeu Arihnda, sentindo o queixo cair. – Absolutamente não. Vocês não vão adquirir controle societário.

– É a única forma de manter uma megacorporação predadora longe de vocês – argumentou Uvis. – Com vocês sob a proteção do poder do governador, nós podemos negociar com refinarias *de verdade*, do tipo com dinheiro e influência...

– Não – disse Arihnda sem rodeios.

Uvis respirou fundo.

– Eu sei que isso é um grande passo – falou ele com um tom mais brando agora. – Mas é a única forma...

– Eu disse *não* – repetiu Arihnda.

– A senhorita precisa ao menos contar para seus pais sobre a oferta do governador – insistiu Uvis. – Pelo menos para sua mãe. Como a gerente-geral, ela precisa saber...

– Que parte de *não* o senhor ainda não entendeu?

Uvis fechou a cara.

– Se a senhorita não contar, eu conto.

– Não, o que o senhor fará é sair da minha frente – disse Arihnda. – Na verdade, o que o senhor pode fazer é sair da nossa propriedade.

Ele soltou um muxoxo de desdém.

– Por favor. Eu sou dono de 30% da Mineradora Pryce. A senhorita não pode simplesmente me expulsar.

– A família Pryce é dona de 70% – contra-argumentou Arihnda – e os droides de guarda obedecem a nós.

Por um longo momento, os dois se entreolharam. Depois Uvis inclinou a cabeça.

– Muito bem, srta. Pryce – falou ele. – Mas preste atenção: a senhorita pode ficar no seu mundinho sujo, um grande sapo em uma pocinha de poeira, e pensar que pode resistir sozinha contra a galáxia. Mas não pode. Quanto mais cedo a senhorita se der conta disso, menos vai lhe custar. – Uvis ergueu as sobrancelhas. – *E* menos vai custar aos seus pais.

– Até mais, sr. Uvis – disse Arihnda.

– Até mais, srta. Pryce – respondeu ele. – Ligue para mim quando recuperar o bom senso.

Uvis foi embora, mas a nuvem que deixou sobre Arihnda permaneceu.

Naquele dia, em vários momentos ela pensou em ir ver a mãe e avisá-la sobre o alerta e a oferta de Uvis, mas toda vez Arihnda decidiu não ir. A mina era propriedade da família desde os primeiros assentamentos planetários, e ela sabia que os pais morreriam lutando em vez de desistir.

Eles tinham direitos legais plenos sobre a mina, a terra e o negócio. Além do mais, o ordenamento jurídico de Lothal, no qual quaisquer disputas seriam ouvidas, estava cheio de conhecidos, fornecedores, clientes, amigos e amigos de amigos. Essa era a única vantagem de viver em um pacato mundo da fronteira. O que quer que as corporações ou os agentes desonestos e compradores sórdidos a mando do governador tentassem jogar contra eles, a família Pryce sobreviveria à crise.

Ela trabalhou até tarde para finalizar a triagem de dados do dia e escrever um comunicado para quando os pais decidissem anunciar a novidade. Só porque metade de Lothal provavelmente já sabia àquela altura não significava que eles não teriam que dizer algo oficial mais à frente.

O sol quase tinha se posto quando Arihnda finalmente saiu do escritório. Ela foi para casa e dirigiu mais lentamente do que o normal, ficou observando as cores do céu a oeste e a luz que desaparecia ao refletir nos arbustos rasteiros e nas formações rochosas complexas que acompanhavam a rodovia. No horizonte, surgiam as luzes dos prédios da Capital, um brilho mais suave e mais branco do que os vermelhos e rosas do sol poente. De algum ponto ao longe, vinham os guinchos alegres de crianças brincando. Atrás do horizonte, ela enxergou um par de airspeeders, provavelmente com adolescentes no controle, fazendo acrobacias sobre os morros ondulantes e cobertos por grama enquanto perseguiam o sol poente. Era o tipo de beleza primitiva que os guias turísticos elogiavam.

Arihnda odiava aquilo.

Nem sempre fora assim. Durante um tempo, na infância, ela gostou da vida tranquila, dos espaços abertos e da companhia de crianças de tantas espécies e procedências diferentes. Porém, durante a adolescência, Arihnda começou a encarar a quietude como chatice, os espaços abertos como falta de cultura e agito, os conhecidos como sufocantes e entediantes. Muitas vezes, deitada na cama sem dormir, ela olhava pela janela para as estrelas e torcia de coração para que pudesse escapar para um mundo *de verdade* em qualquer lugar, um local com agito, luzes brilhantes e pessoas sofisticadas.

Mas Arihnda nunca escapara. E com a passagem da adolescência e a transição para as responsabilidades da vida adulta, ela sabia que jamais escaparia.

A dor e a frustração haviam diminuído um pouco na última década, mas jamais desapareceram completamente. Arihnda ainda odiava a vida ali, mas era um ódio conhecido e constante, como uma dor leve que nunca tinha exatamente se curado.

Ela desacelerou um pouco mais o landspeeder e observou a interação entre as luzes da cidade e o brilho do poente. Em mundos com agito e luzes brilhantes, Arihnda suspeitava, muitos habitantes nunca sequer viam o horizonte, quanto mais um pôr do sol.

É claro que eles provavelmente não se importavam com tais coisas. Se estivesse lá, ela duvidava que também se importaria.

Será que Uvis estava certo sobre as jazidas de dúnio serem sua chance de finalmente escapar?

Arihnda deu um muxoxo de desdém. Claro que não. Todo aquele discurso fora um jogo mental, feito para distraí-la da tentativa de Uvis de convencê-la a ceder controle da empresa.

Deixe que ele tente. Arihnda não gostava particularmente da vida ali, mas era a vida *dela*, e a Mineradora Pryce era a companhia *dela*, e Arihnda veria Uvis no inferno antes de permitir que ele a roubasse.

Os traços de cor sumiram, e ela estava estacionando o landspeeder na garagem quando o comlink apitou. Arihnda olhou para o identificador – era o pai – e aceitou a chamada.

– Oi, pai – cumprimentou ela. – O que foi?

– Arihnda, você precisa ir à delegacia imediatamente – disse Talmoor Pryce, com a voz praticamente

irreconhecível. – Sua mãe foi presa.

Arihnda olhou espantada.

– *O quê?* Por quê? E quem mandou?

– A queixa veio do governador – respondeu Talmoor, com a respiração acelerada. – A acusação é de peculato.

Talmoor Pryce trabalhara na mina da família a vida inteira, e Arihnda vira o pai agir com calma e determinação em dezenas de situações de crise. Mas aquela crise não era baseada na mina, e pela primeira vez ele claramente não tinha ideia do que fazer.

A polícia não parecia saber o que fazer também. Talmoor e Arihnda conheciam pessoalmente vários policiais, mas desta vez esses contatos pessoais não eram suficientes para dar um jeitinho na situação ou sequer passar pela burocracia. Tudo que a polícia pôde dizer foi que Elaine estava sob custódia, que o pedido de fiança fora negado e que eles tinham recebido ordens para não permitir visitas. A pessoa por trás da ordem não foi identificada, mas tudo aquilo veio diretamente do gabinete do governador.

Não que Arihnda já não soubesse quem estava por trás daquela situação.

– Arik Uvis trabalha no gabinete de Azadi – comentou Talmoor quando ele e a filha saíram da delegacia. – Talvez ele possa ajudar.

– Talvez – disse Arihnda com uma pontada de culpa que aqueceu brevemente o gelo que se formava em volta da alma.

Pensando bem, ela *deveria* ter contado para os pais sobre a última conversa com Uvis. Pelo menos eles não teriam sido surpreendidos completamente por esse ataque covarde.

– Eu vou vê-lo depois que deixar o senhor em casa.

– Obrigado, mas estou bem – falou Talmoor. – Podemos ir vê-lo juntos.

– Eu realmente acho que o senhor deveria ir para casa – insistiu Arihnda. Um plano já estava se formando lentamente em sua cabeça, do tipo que funcionava melhor sem testemunhas presentes. – Barkin vai continuar tentando soltá-la sob fiança. Se ele conseguir, é melhor que o senhor não esteja do outro lado da Capital quando a mãe estiver pronta para que o senhor a pegue.

– Creio que sim – admitiu Talmoor. – Você vai me contar o que Uvis disser, não é?

– Claro – prometeu Arihnda. – Mas não estou esperando nada imediatamente. Tente dormir um pouco, ok?

– Vou tentar. – Ele olhou para a filha e franziu os olhos levemente. – Tome cuidado, Arihnda.

– Não se preocupe – garantiu ela com a cara fechada. – Eu vou.

Foi pura sorte que o senador Domus Renking por acaso estivesse em Lothal, em vez de no mundo distante de Coruscant, onde passava a maior parte do tempo. De acordo com os comunicados à imprensa, ele voltara ao planeta natal para um curto período de férias e algumas reuniões com o governador Azadi e outros líderes políticos e industriais e deveria partir em dois dias.

Arihnda chegou precisamente às nove da manhã, quando o gabinete de Renking abria, e deu o nome e o motivo da visita para a mulher sorridente na mesa da recepção. Duas horas depois, ela finalmente foi conduzida para o interior.

– Srta. Pryce – cumprimentou Renking, que se levantou educadamente quando ela entrou. – Por favor, sente-se.

– Obrigada, senador – disse Arihnda, que passou por um par de guardas silenciosos que flanqueavam a porta e foi até a cadeira diante da mesa de Renking. – Obrigada por me receber.

– Foi provavelmente inevitável – falou Renking sorrindo. Ele esperou até que Arihnda se sentasse antes de retornar à própria cadeira. – Eu soube que sua mãe, Elaine, foi presa por peculato.

– Sim, foi – concordou Arihnda. – E ela é inocente.

Renking recostou-se na cadeira.

– Fale-me mais.

– Sim, senador. – Ela ligou o datapad e tocou no primeiro arquivo. – Antes de mais nada, as finanças da minha mãe – disse Arihnda ao colocar o datapad na mesa e virar o aparelho para Renking. – O senhor verá que não houve aumento em nenhuma das contas dela. Se minha mãe cometeu peculato, o dinheiro teve que ir para algum lugar.

– Ela pode ter aberto uma conta secreta – argumentou o senador. – Possivelmente fora do planeta.

– Concordo – disse Arihnda. – Mas, se minha mãe cometeu peculato, os fundos, obrigatoriamente, tinham que ter vindo da Mineradora Pryce. Eu verifiquei tudo pelo lado da empresa, fuzei todos os vetores a que ela tinha acesso. Não há indicação de dinheiro, crédito ou recursos desaparecidos. Nem de transações virtuais.

– Que a senhorita tenha conseguido encontrar.

– Eu sei mais sobre as operações dos sistemas da Mineradora Pryce do que a minha mãe – argumentou Arihnda. – É impossível que ela tivesse conseguido fazer alguma coisa que eu não fosse capaz de rastrear.

– Hum – disse Renking. – Eu pressuponho que a senhorita perceba a impressão que isso deixa sobre você.

– Sim, e eu também não cometi peculato – falou Arihnda, que esticou a mão sobre a mesa e abriu outro arquivo. – Esta é a planilha de lucros da empresa nos últimos dois anos. O senhor pode ver que há quedas e picos regulares nesse período de tempo.

– Flutuações do mercado galáctico – disse Renking, concordando com a cabeça. – Acontecem em todas as indústrias. Sua conclusão?

– O senhor pode ver um padrão – falou Arihnda. – Quedas aqui, aqui e aqui. Se houve peculato, provavelmente teria sido programado para ocorrer no momento certo a fim de, talvez, não ser notado.

– A senhorita diz se houve peculato – disse o senador. – Eu achava que o governador Azadi tinha confirmado que havia fundos desaparecidos.

– Foi o que eu ouvi dizer – falou Arihnda, se preparando enquanto tocava novamente no datapad; agora vinha a parte complicada. – Mas a questão pode não ser tão simples quanto fundos desaparecidos. Aqui está um vídeo de câmera de segurança de uma festa na empresa há duas semanas, bem no meio da última queda financeira. – Ela apontou para um ser de rosto largo com uma papada peluda e olhos bem separados, vestido em uma túnica marrom-escura. – Está vendo a Lutrilliana aqui do lado?

– Sim.

– Ela é Pomi Harchmak – informou Arihnda. – Ela cuida do inventário de máquinas pesadas. Sua conta é separada da conta do fundo principal. Agora... ali. Viu como ela sai do salão bem no auge da festa?

– Sim – respondeu Renking. – Aonde vai aquele corredor?

– Ao escritório central – disse Arihnda. – A mesa dela fica lá, de onde pode acessar todo o sistema do inventário. Ah, e um pedido novo de escavadeiras havia acabado de chegar, com os fundos programados para serem transferidos na manhã seguinte. Um momento perfeito para ela agir.

– E também um momento perfeito para alguém que estava bebendo em uma festa ir ao banheiro – argumentou Renking. – O que faz a senhorita pensar que não é isso que ela está fazendo?

– Porque a Lutrilliana sai mais três vezes nas próximas duas horas e fica ausente por pelo menos dez minutos cada vez – respondeu Arihnda.

– O que isso tem a ver com o caso?

– Porque é assim que as transações financeiras funcionam aqui – disse Arihnda. – Eu não sei como é em Coruscant, mas em Lothal uma transferência segura de fundos exige dois ou três pontos de contato, e

os códigos de autorização às vezes vão e voltam por uma hora ou mais.

O senador resmungou.

– Muito ineficiente.

– Extremamente ineficiente – concordou Arihnda mal-humorada; este era mais um elemento da mentalidade estranha de Lothal em relação à vida que ela considerava irritante. – Mas estamos presos a esse sistema. Todos os bancos e fornecedores têm sua própria maneira de realizar operações, e nenhum deles gosta de deixar tudo nas mãos de computadores ou droides. Todo mundo quer ter um toque pessoal nas grandes transações.

– Sim, isto *de fato* soa como Lothal – admitiu Renking, que colocou o dedo sobre o datapad. – Posso?

– Certamente.

Ele tocou no datapad para avançar a gravação. Até onde Arihnda era capaz de dizer, o senador não suspeitava que ela não tivesse dito nada além da verdade.

E era verdade, realmente... só que Arihnda se lembrava de a mãe ter mencionado mais cedo naquele dia que Pomi Harchmak andou tendo problemas digestivos – o que significava que todas aquelas ausências quase certamente *foram* idas ao banheiro.

Talvez Harchmak fosse inocente. Talvez não houvesse fundos desaparecidos, e Uvis estivesse simplesmente fazendo uma jogada inescrupulosa para obter controle. Ou talvez a questão estomacal tenha sido uma mentira e uma desculpa e Harchmak fosse genuinamente culpada.

Arihnda não sabia. E também não se importava. Tudo que importava para ela era desviar suspeita suficiente de sua mãe a fim de persuadir Renking a intervir. Assim que ele interviesse, a culpa ou inocência de Harchmak seria problema dela.

– Posso fazer uma cópia de tudo isso? – perguntou Renking.

– Na verdade, eu já fiz uma para o senhor – respondeu Arihnda ao tirar um datacard do bolso, que ela colocou na mesa.

O senador deu um sorriso sardônico ao pegá-lo.

– Estamos muito autoconfiantes, hein?

– Pelo contrário – disse Arihnda. – Se eu não conseguisse que o senhor me recebesse pessoalmente, eu pensei que gostaria de pelo menos ver as provas que reuni.

– Fico feliz de ter decidido me dar ao trabalho – falou Renking. – Dê-me um momento.

Ele terminou de assistir à gravação da câmera de segurança, depois empurrou silenciosamente o datapad sobre a mesa na direção de Arihnda e se voltou para o computador. Pelos próximos minutos, o senador digitou olhando para o monitor. Arihnda permaneceu onde estava, tentando sem êxito ler a expressão de Renking.

Finalmente, ele apertou uma última tecla e se virou para encará-la.

– Eis a situação – disse o senador com a voz grave. – Primeiro, do jeito que as coisas estão, eu não posso retirar a acusação de peculato.

Arihnda olhou espantada para ele. Essa não era a resposta que ela tinha esperado.

– E quanto a Harchmak? Eu acabei de lhe mostrar que há outra suspeita que é pelo menos tão viável quanto a minha mãe.

– Ah, ela é viável, sim – concordou Renking. – E não tenho dúvida de que ela será detida assim que eu passar esta informação para a polícia. Mas, sem provas da inocência de sua mãe, o governador Azadi não vai soltá-la.

– Nós ao menos podemos soltá-la sob fiança?

– Você realmente não compreende do que essa situação se trata? – perguntou o senador ao olhar de maneira estranha para ela. – Essa é a tentativa de Azadi de assumir o controle da Mineradora Pryce.

– Tentativa de Azadi ou Uvis?

– Isso importa?

– Provavelmente não – reconheceu Arihnda. – É por isso que vim ver o senhor em vez de levar meu caso a ele. Eu esperei que, se fornecesse munição suficiente, o senhor poderia detê-lo. Agora o senhor me diz que não pode?

Renking ergueu as sobrancelhas.

– O que a faz pensar que eu *quero* detê-lo? – perguntou o senador. – O que a faz pensar que eu não faço parte desse plano?

Arihnda franziu os lábios. *O que* a fez pensar assim?

– Porque, se o senhor fizesse parte da trama, não teria me contado a respeito. O senhor teria mantido sigilo ou me encorajado a fazer um acordo e vender a empresa.

– Muito bem – disse Renking, dando um sorrisinho para ela. – A senhorita está certa, existe uma certa... rivalidade entre o governador e eu. E *existe* uma forma de eu ajudar sua mãe, mas não acho que a senhorita vá gostar.

– Estou ouvindo.

– Eu consigo retirar as acusações – falou o senador.

– Até agora, parece bom – disse Arihnda. – E quanto à empresa?

– Essa é a parte que você não vai gostar – falou Renking. – A senhorita terá que passar a posse da mina para o Império.

Arihnda suspeitava que algo do gênero estivesse a caminho. Mesmo assim, as palavras foram como um soco no estômago.

– O Império.

O senador fez um gesto com as palmas da mão voltadas para cima.

– Você vai perder a mina, Arihnda – disse ele. – Ou para Azadi ou para o Império.

– Por causa do dúnio.

– Basicamente – falou Renking. – Tenha em mente que Coruscant pode tomá-la por decreto, sem compensação alguma. Neste momento, eles preferem ser bonzinhos nessa parte da Orla Exterior, mas esse comedimento não vai durar para sempre. Desta forma, pelo menos, a senhorita vai soltar sua mãe e conseguir novos empregos para a sua família.

Arihnda balançou a cabeça.

– Não acho que eles iriam querer trabalhar na mina para outra pessoa qualquer.

– Ah, eu não estava falando de mantê-los aqui – garantiu o senador. – Não na Mineradora Pryce ou em qualquer outro lugar em Lothal. O governador Azadi é um homem vingativo e, enquanto seus pais permanecessem sob sua jurisdição, ele poderia ficar tentado a mexer com os dois por maldade. Felizmente, há uma mina que conheço em Batonn que precisa de um subgerente e de um capataz experiente. E já tenho uma oferta.

Arihnda deu um sorriso contido.

– As duas horas que o senhor me manteve esperando lá fora.

Renking deu de ombros.

– Isso e outras coisas. Infelizmente, não há um cargo de analista de dados para a senhorita no momento, mas o proprietário diz que pode colocá-la no inventário até que algo melhor surja.

– Entendo – falou Arihnda, observando o senador atentamente.

Lothal estava tomado por políticas mesquinhas e, no decorrer dos anos, ela aprendera a navegar por elas. Se as mesmas regras valessem para a versão imperial...

– Eu creio que poderia simplesmente ficar aqui em Lothal até lá.

– Eu não aconselharia a fazer isso – disse Renking rapidamente. – Não com Azadi descontente com a senhorita.

– Descontente *comigo*?

O lábio do senador tremeu em um sorrisinho.

– Descontente *comigo*, então – admitiu ele.

– O governador provavelmente não hesitaria em tentar me extorquir também – disse Aarihnda lentamente, como se só agora estivesse entendendo a situação. – Isso não seria bom para nenhum de nós.

– Nem um pouco – falou Renking, com uma mistura de diversão e resignação no rosto. – Vamos pular para a última página. O que exatamente a senhorita quer?

– Eu quero ir para Coruscant – disse Aarihnda. – O senhor deve ter uma centena de bons cargos de assistente para me oferecer. Eu quero um deles.

– Em troca de quê? – perguntou o senador. – Favores têm que ser de mão dupla.

– Em troca de não arrumar problema quando o Império assumir o controle da Mineradora Pryce – respondeu Aarihnda. – Talvez o senhor tenha se esquecido de como são as pessoas aqui, mas elas não ficarão contentes com uma incorporação inescrupulosa.

– Ah, eu me lembro muitíssimo bem – garantiu Renking. – Por que a senhorita acha que estou tomando essa atitude em vez de simplesmente deixar o Império entrar e cortar as asinhas de Azadi? Lothal é igual a praticamente todos os outros planetas de fronteira na Orla Exterior: indomável e uma possível dor de cabeça.

– Mas um novo veio de dúnio vale o transtorno?

– Vale *muito* transtorno. – Renking respirou fundo e observou Aarihnda cuidadosamente. – Muito bem. Por acaso, eu tenho mesmo um emprego que posso lhe oferecer em Coruscant. Há uma vaga em um dos meus departamentos de assistência ao cidadão.

– O que é isso?

– Meu trabalho é defender os interesses de Lothal em Coruscant – explicou o senador. – Isso inclui cidadãos visitando ou trabalhando temporariamente lá. Na verdade, há um contingente razoavelmente grande de tais cidadãos deslocados trabalhando nas minas de Coruscant.

A surpresa de Aarihnda deve ter sido aparente, porque ele sorriu.

– Não minas *de verdade*, é claro, não como as suas – disse Renking. – Aquelas são mais como operações de recuperação, nas quais entulho, fragmentos de metal e outros destroços equivalentes a séculos de refugo são escavados das cercanias das fundações de antigas usinas industriais. O contingente de Lothal está sempre em constante mudança, então eu tenho um departamento de assistência na área para ajudá-los com moradia e orientação geral, bem como conduzi-los pelo labirinto burocrático de Coruscant.

– De quantas pessoas nós estamos falando?

– Cerca de quinhentas no momento – respondeu Renking. – Mas há outros mineiros e pessoal de apoio de uma dezena de outros mundos da Orla Exterior que também trabalham nos projetos de recuperação, e esse número provavelmente chega a 10 mil ou mais. Eu tenho pessoas que compreendem burocracia, mas ninguém entende minas e as necessidades específicas e a linguagem dos mineiros. Eu acho que a senhorita será de grande valor para mim.

– Tenho certeza que sim – disse Aarihnda. – E como seriam meu salário e moradia? E quando o senhor quer que eu saia de Lothal?

– A moradia seria modesta, mas o salário seria bem maior do que aqui – falou o senador, examinando a expressão dela. – O suficiente para manter seu estilo de vida atual mesmo com os preços de Coruscant. Quanto à saída, eu posso levá-la para lá assim que o acordo com o Império pela Mineradora Pryce estiver concluído. A não ser que a senhorita queira instalar seus pais em Batonn primeiro, é claro.

– Isso provavelmente seria melhor – disse Aarihnda. – Partindo do princípio que eu consiga persuadi-los a seguir com este plano, para início de conversa.

– Eu torço, pelo bem deles, para que a senhorita consiga – alertou Renking em um tom mais sombrio. – É isso ou o próximo serviço de mineração de sua mãe pode ser em Kessel.

– Então é melhor eu ir falar com eles. – Aarihnda se levantou e guardou o datapad novamente na bolsa.

– Eu presumo que o senhor pode cancelar a proibição de visitas da minha mãe?

– Eu darei a ordem assim que a senhorita sair.

– Obrigada – falou Aarihnda. – Mantereí contato.

Cinco minutos depois, ela estava dirigindo pela rodovia, e sua mente girava com pensamentos e emoções conflitantes. Então agora era para valer. Após anos de espera – após anos sabendo que aquilo nunca ocorreria –, Aarihnda finalmente sairia de Lothal. Não apenas sairia de Lothal, mas iria para Coruscant.

E o preço seriam os empregos e a dignidade dos pais e o legado de várias gerações da família Pryce.

Também não era como se Renking estivesse sendo completamente altruísta. Parte de seu objetivo em aceitar a exigência pouco velada de Aarihnda era claramente dividir a família, o que ajudaria a sufocar qualquer desafio jurídico ou agitação local que eles decidissem fomentar.

Mas, deixando de lado as conspirações e as tramas, um ponto se destacava claramente.

Coruscant.

Na infância, Aarihnda sempre quisera ver as luzes, as cores e os grandes prédios daquele mundo distante. Na confusão da desesperança e do desânimo que vieram na adolescência, a capital cintilante parecia a epítome da vida que ela sonhava desesperadamente.

Agora, quando toda esperança estava perdida, Aarihnda finalmente iria para lá.

Renking tinha os próprios motivos e planos. Mas, por outro lado, ela também.

Porque, juntamente com as luzes, as cores e os grandes prédios, Coruscant era, acima de tudo, o centro do poder político do Império. O poder que Azadi usara para colocar a mãe de Aarihnda na prisão. O poder que Renking estava usando para tomar a mina para o Império.

O poder que Aarihnda algum dia usaria para tomá-la de volta.

Então seus pais aceitariam os termos de Renking. Ela cuidaria disso. E depois iria para Coruscant e trabalharia no pequeno departamento de assistência do senador e seria uma boa menina e uma funcionária exemplar.

Até o momento em que Aarihnda descobrisse uma maneira de derrubá-lo.



CAPÍTULO

5

Nem todos os oponentes são necessariamente inimigos. Mas tanto inimigos como oponentes possuem certas características em comum. Ambos enxergam seu adversário como um obstáculo, uma oportunidade ou uma ameaça. Às vezes, a ameaça é pessoal; outras vezes, é uma violação assim interpretada dos padrões ou normas aceitas pela sociedade.

Na sua forma mais branda, os ataques do oponente são verbais. O guerreiro deve escolher quais desses enfrentar e quais ignorar.

Frequentemente, essa decisão é tirada de nossas mãos por outras pessoas. Nesses casos, a falta de disciplina pode dissuadir o oponente de realizar mais ataques. Muitas vezes, porém, o oponente se vê encorajado a continuar ou intensificar os ataques.

É quando os ataques se tornam físicos que o guerreiro deve fazer a escolha mais perigosa de todas.

– Você viu? – perguntou Vanto. *A voz dele é ríspida e estridente. Os gestos com a mão são largos e expansivos. Ele está furioso e frustrado.* – Se você continuar ignorando essas ocorrências, elas só vão piorar.

– Como você queria que eu reagisse?

– Você precisa contar para o comandante Deenlark – respondeu Vanto. *A voz ainda é ríspida, mas os gestos estão se acalmando. A fúria abranda, mas a frustração permanece.* – Em um mês você já teve alterações com quatro cadetes separados.

– Três – corrigiu Thrawn. – O segundo incidente não foi intencional.

– Você só pensa assim porque não está atualizado com gírias dos Mundos do Núcleo – disse Vanto. *Ele faz um gesto, imitando o suposto insulto.* – Isto não é de forma alguma um sinal de respeito.

– Mas eu já vi gestos similares sem essa intenção.

– Você não viu nos Mundos do Núcleo. – *Vanto passa a mão transversalmente diante de si, indicando rejeição.* – Veja só, três ou quatro, não importa. O que importa é que você não está sendo respeitado, e Deenlark precisa saber disso.

– Com que propósito? – perguntou Thrawn.

– Veja bem. – *Vanto faz uma pausa, e os músculos do maxilar se contraem e relaxam enquanto ele prepara o argumento.* – O imperador em pessoa colocou você aqui. Mesmo que ninguém mais saiba disso, Deenlark sabe. Pelo bem dele, você precisa informá-lo, porque, se o imperador descobrir que isso vem acontecendo e Deenlark não fez nada, haverá problemas.

– O comandante Deenlark está em uma posição tática ruim – disse Thrawn. – Se for informado e não

fizer nada, ele arrisca um ataque da parte do imperador. Se souber e agir, ele arrisca um ataque da parte das famílias dos cadetes.

– Então o que um bom estrategista faria?

– O ideal seria recuar para uma posição melhor ou uma ocasião diferente – respondeu Thrawn. – Nesse caso, ele não pode fazer nem um, nem outro.

Vanto olha pela janela. O rubor facial está passando. Ele passa a compreender melhor a situação.

– Então você está dizendo que estamos empacados.

– Apenas por mais dois meses – disse Thrawn. – Aí nos formamos e saímos deste lugar.

– E você finalmente pode colocar aquela divisa de tenente – falou Vanto. *Ele volta a olhar e aponta para o bolso onde a divisa costuma estar escondida. Os músculos faciais e da garganta se contraem brevemente outra vez. A frustração aumenta.*

– Você está incomodado por isso?

– Incomodado pelo quê? – perguntou Vanto. *A voz ficou mais grave e mais ríspida. Frustração, mas também ressentimento.* – Que você está pulando quatro anos de academia em três meses? E depois pulando de patente na frente de todo mundo ainda por cima?

– Você se esqueceu que eu já passei por muitos anos de experiência militar?

Vanto novamente vira o rosto.

– Eu sei disso. É que às vezes eu me esqueço que você... desculpe por sequer ter puxado esse assunto.

O rosto se acalma quando o ressentimento passa. As mãos se abrem e fecham brevemente, com vergonha.

– Eu compreendo – falou Thrawn. – Não se preocupe. Os incidentes vão ter fim quando os agressores se sentirem encorajados a levar os atos longe demais.

Vanto franze os olhos. Ele está surpreso agora, com espanto e desconfiança crescentes.

– Você está dizendo que quer que eles passem do limite?

– Acho que a falta de reação aos ataques verbais torna isso inevitável – explicou Thrawn. – Tais atos os colocariam em posição de serem oficialmente disciplinados, certo?

– Provavelmente. – *Vanto ergue as mãos diante de si em um gesto de confusão.* – Mas você não acabou de... espere, estou recebendo uma ligação.

Ele puxou o comlink.

– Cadete Vanto.

Por um minuto, ele ouviu a ligação em silêncio. *A voz é humana, as palavras, indistinguíveis. Os músculos faciais de Vanto se contraem, e o rubor aumenta. Ele primeiro se surpreende com o que ouve, depois fica cauteloso, e aí, desconfiado.*

– Claro, parece divertido – disse Vanto. *A voz está na defensiva, mas não tem nada da desconfiança revelada pela expressão.* – Estaremos lá.

Ele desligou o comlink.

– Bem, talvez você tenha acabado de realizar seu desejo – falou Vanto. – Nós fomos convidados ao laboratório de metalurgia hoje à noite para jogar cartas com Spenc Orbar e Rosita Turuy enquanto eles conduzem alguns testes de corrosão nas pranchas de liga.

– Temos permissão para entrar no laboratório de metalurgia? – perguntou Thrawn.

– Não, a não ser que tenhamos um projeto em que estejamos trabalhando – respondeu Vanto. *Ele comprime os lábios brevemente. As suspeitas se transformam em certeza.* – O que nós não temos.

– E se nós formos convidados por quem tem tais projetos?

– Não existe isso – disse Vanto. – Não nos grandes laboratórios. Se algum instrutor ou oficial nos flagrar ao passar por ali, não ficará feliz. E se o jogo de cartas envolver apostas, será ainda pior. Jogar apostando créditos é estritamente proibido.

– Isso garante que eles não tentarão tal armadilha.

– Não? Por que não?

– Porque, se nós formos acusados por jogatina, eles também serão – respondeu Thrawn.

Vanto sacudiu a cabeça.

– Você ainda não entendeu como a coisa funciona, não é? – *O rubor aumenta; a tensão muscular também. Mais uma vez, ele demonstra frustração.* – A família de Orbar é daqui de Coruscant. Pior: eles têm conexões com o senador do planeta. Orbar provavelmente consegue armar qualquer coisa, menos um assassinato direto, sem ser expulso.

– Então nós simplesmente recusaremos quaisquer ofertas para apostar.

Vanto suspira ruidosamente.

– Você vai, não é? – *A voz se acalma, indicando aceitação de bom grado.*

– Fomos convidados – lembrou Thrawn. – Você pode ficar aqui se quiser.

– Ah, eu quero mesmo – disse Vanto. – Mas não acho que deixar você perambular sozinho por aí é o que o imperador tinha em mente quando me colocou aqui. É melhor descobrir o que Orbar planejou. – *A cabeça gira alguns graus para o lado. Ele está curioso ou talvez perplexo.* – É isso o que os Chiss fazem? Veem uma armadilha e simplesmente entram nela? Porque não é isso o que as histórias contam sobre como vocês operam.

– É melhor você encarar essas histórias com cuidado – alertou Thrawn. – Algumas foram distorcidas a ponto de não restar mais verdade. Algumas falam apenas de vitórias e não dizem nada sobre derrotas. Algumas foram criadas propositalmente para incutir ideias falsas no ouvinte.

– E em qual categoria esta se encaixa?

– Às vezes entrar em uma armadilha é a melhor estratégia – disse Thrawn. – Existem poucas armadilhas que não possam ser voltadas contra quem as criou. Que jogo de cartas ele sugeriu?

– Chama-se Desafio Montanhês – respondeu Vanto. *Aceitação resignada?* – Vamos, acho que tem um baralho no salão. Eu vou te ensinar como se joga.

– Eu imagino que estejam se perguntando – disse Orbar ao distribuir a primeira mão – por que chamamos vocês dois aqui hoje à noite.

– Você disse que era para jogar cartas – respondeu Eli, observando-o atentamente.

Tanto Orbar como Turuy estavam calmos e controlados; cumprimentaram Eli e Thrawn na porta, deram excessiva atenção à preparação do teste de corrosão, depois puxaram quatro cadeiras até uma mesa do laboratório e trouxeram as cartas.

Mas a educação e a cordialidade não eram reais.

Talvez Thrawn ainda não fosse capaz de notar as sutilezas das expressões humanas, mas Eli era. Ele já tinha sido o alvo de muitos sorrisos irônicos e comentários sussurrados desde o dia em que ele e Thrawn haviam chegado à academia, e por isso desenvolvera um senso apurado de quando estava prestes a ser atingido por uma piada, truque ou insulto.

E Orbar e Turuy estavam definitivamente armando um dos três. Ou algo pior.

Pelo menos não era o lance de apostas com que Eli se preocupara. Turuy fez um pequeno estardalhaço quando Eli disse que nem ele, nem Thrawn podiam bancar os créditos extras para apostar no jogo, e ela e Orbar aceitaram a condição com olhos revirados e um desdém pouco contido.

Mas o estardalhaço não fora suficientemente grande, e eles haviam cedido muito fácil. Algo mais estava em andamento.

Eli torceu a cara. Estavam entrando em uma armadilha desconhecida. Era assim que os Chiss *realmente* faziam as coisas?

– Ah, claro, o jogo fazia parte disso – disse Orbar, após distribuir as cartas e pegar suas próprias. – Testes de corrosão são chatos, e a pessoa fica cansada de jogar apenas com outra. – Ele desviou o olhar para Thrawn. – Mas principalmente eu queria explorar os conhecimentos de seu amigo.

– Sobre que tema? – perguntou Thrawn, que franziu levemente os olhos vermelhos brilhantes enquanto abria as cartas como um leque cuidadosamente como Eli havia mostrado.

– Tática e estratégia – respondeu Orbar. – Estou tendo problemas com algumas aulas de combate simulado e pensei que, com toda a sua experiência militar...

– Pelo menos foi isso que nos disseram – comentou Turuy com um sorriso. Ela estava sorrindo demais naquela noite.

– Certo – disse Orbar. – Nós pensamos que você pudesse ajudar.

– Fico feliz em compartilhar minha experiência – falou Thrawn. – Você tem uma pergunta específica?

– Estou interessado na ideia de armadilhas – disse Orbar, com um tom de voz informal demais. –

Considere estas cartas. Se estou com uma Estrada do Rei, não há como algum de vocês me vencer. Mas você não saberá até ser tarde demais. Como se prepararia para esse tipo de situação?

– Primeiro, a pessoa estudaria as probabilidades – respondeu Thrawn. – Uma Estrada do Rei é realmente invencível; mas lembre-se de que há três cartas equivalentes no baralho. Qualquer uma delas anularia a sua e levaria a um impasse mútuo.

Turuy deu um muxoxo de desdém.

– Você faz ideia das probabilidades de haver duas Estradas do Rei na mesma rodada? – perguntou ela.

– As probabilidades de haver duas são similares às de haver uma – salientou Thrawn. – Mas, como você diz, uma rodada assim é rara. É mais provável que a pessoa tenha uma Estrada do Príncipe, na melhor das hipóteses, ou um Cubo ou Tríade. Nesse caso, o que você descreve como armadilha seria simplesmente chamado de combate, mais provavelmente. – Os olhos do Chiss reluziram. – Ou um blefe.

– Ok, mas você está fugindo da pergunta – falou Orbar. – Eu perguntei o que você faria se *eu* tivesse uma Estrada do Rei. Eu não pedi uma dissertação sobre teoria de jogo.

– Vamos partir do pressuposto que você tem as cartas que insinua que tem – disse Thrawn. – Como eu disse antes, mesmo nesse caso sua chance de sucesso também depende das cartas que eu tiver. – Ele ergueu ligeiramente as cartas dispostas em leque. – Um conhecimento que você não possui.

– A premissa é que minha mão é imbatível.

– Não existe mão assim – falou Thrawn categoricamente. – Como afirmei antes, eu posso ter minha própria Estrada do Rei. Nesse caso, um desafio significaria destruição mútua. Sua melhor opção seria evitar a minha mão e desafiar um jogador diferente.

Orbar deu uma olhadela para Eli.

– Isso considerando que haja outro alvo que valha a pena perseguir.

– Verdade – concordou Thrawn. – Mas destruição mútua nunca é a opção preferencial. – Ele gesticulou ao redor da mesa. – Você ainda não fez seu desafio. Não é tarde demais para escolher outro.

– Mas nenhum seria mais satisfatório – disse Orbar, dando um sorrisinho.

– Como queira – falou Thrawn dando de ombros. – Um momento, por gentileza.

Ele colocou as suas cartas voltadas para baixo na mesa e enfiou a mão na túnica.

E sacou a divisa de tenente. O Chiss a prendeu no canto superior esquerdo da túnica e pegou as cartas novamente.

– Creio que você estava prestes a fazer um desafio?

Eli olhou para Orbar e Turuy. Ambos os cadetes estavam encarando a divisa com olhos arregalados e boquiabertos. Orbar olhou de relance para Turuy e recebeu de volta um olhar completamente sem sorriso da parte dela...

– O que está acontecendo aqui? – veio uma voz severa por trás de Thrawn.

Eli virou a cabeça. Um dos instrutores estava parado na porta do laboratório, com os punhos na cintura e uma expressão ameaçadora, olhando feio para os cadetes em volta da mesa.

– Eu presumo que todos os senhores tenham autorização para estar aqui? – rosnou ele, vindo a passos largos para a mesa.

– Os cadetes Orbar e Turuy estão realizando um teste, senhor – respondeu Thrawn ao ficar de pé e se voltar para encarar o instrutor.

O outro sujeito parou abruptamente e arregalou os próprios olhos. Reação suficiente, pensou Eli de forma pessimista, para demonstrar que fazia parte do esquema de Orbar.

– Tenente – sussurrou o instrutor. – Eu... e quanto a ele? – perguntou o homem, apontando para Eli com a cabeça.

– O cadete Vanto é meu tradutor – disse Thrawn calmamente. – Aonde eu vou, ele deve me acompanhar necessariamente.

O lábio do instrutor tremeu.

– Entendo. Eu... muito bem, tenente. Prossiga.

Ele deu meia-volta e saiu às pressas. Thrawn observou o instrutor ir embora. Depois, muito intencionalmente, ele se voltou para a mesa e olhou de cima para os demais.

– Não existe mão vencedora garantida, cadete Orbar – disse ele baixinho. – Eu sugiro que o senhor não se esqueça disso. Cadete Vanto, creio que estamos encerrados por aqui. Boa noite, cadetes.

Um minuto depois, ele e Eli estavam de volta ao lado de fora, sob a luz refletida da cidade planetária que os cercava, seguindo pelo caminho que levava ao Quartel Dois.

– Bem, aquilo foi divertido – comentou Eli, que fez uma expressão de desgosto para o leve tremor na voz. Será que ele *nunca* se acostumaria a confrontos? – Você sabia que ele aprontaria aquilo?

– Você mesmo sugeriu a tática de Orbar na tarde de hoje – lembrou Thrawn. – O momento certo foi o único desafio.

– O momento certo?

– Se eu tivesse mostrado a divisa cedo demais, ele poderia ter conseguido alertar o aliado – explicou Thrawn. – Se eu tivesse esperado até o momento após o surgimento do instrutor, ele poderia ter me disciplinado por estar uniformizado de maneira imprópria.

– Ou poderia ter contestado seu direito a usá-la – salientou Eli. – Você nunca tinha usado a divisa antes.

– Porque eu sou, ao mesmo tempo, oficial e cadete – explicou Thrawn. – É uma situação singular, que leva a oportunidades singulares. – Ele deu um sorrisinho. – Bem como a confusão e incerteza entre nossos oponentes. O que você aprendeu na noite de hoje?

Eli torceu o nariz. Que Orbar e Turuy eram babacas a serem evitados no futuro? Era verdade, mas provavelmente não o que Thrawn queria saber.

– Anteveja seu inimigo – respondeu Eli. – Descubra o que ele está fazendo, depois tente ficar um passo adiante dele.

– Um passo adiante ou para o lado – falou Thrawn, concordando com a cabeça. – Quando surge um ataque, geralmente é melhor estar fora da zona de objetivo, se possível, permitindo assim que a energia do ataque seja dissipada em outro lugar.

– Sim, agora entendo como isso vem a calhar – disse Eli ironicamente. – Embora eu ache que nem sempre é possível escolher...

Sem aviso prévio, Thrawn colocou a mão no ombro de Eli e deu um empurrão violento para o lado.

O comentário de Eli acabou em um guincho assustado quando as pernas atingiram a sebe que batia no joelho e corria paralelamente à passarela. O impacto e o ímpeto fizeram Eli passar pela barreira e cair na faixa decorativa de brita do outro lado. O guincho virou um grunhido quando os braços e os ombros absorveram o grosso do impacto. Ele usou as mãos para ficar sentado e fez uma careta de dor quando a brita se cravou nas palmas. Que *diabos*...

Eli se enrijeceu. Três homens encapuzados apareceram subitamente e cercaram Thrawn.

E enquanto Eli observava sem conseguir acreditar, eles avançaram para matar.

Naquele primeiro segundo demorado, a mente de Eli se recusou a acreditar na situação. Coisas assim não aconteciam nas dependências da Academia Real Imperial. Elas simplesmente *não* aconteciam.

Mas estavam acontecendo. Bem diante dele.

A primeira investida furiosa dos atacantes parecia ter errado o alvo, provavelmente porque quando Thrawn empurrou Eli sobre a sebe também foi igualmente empurrado um metro na direção oposta. Mas os agressores foram rápidos. Eles se corrigiram e estavam convergindo contra Thrawn.

E enquanto Eli observava horrorizado, sem conseguir acreditar, os agressores atacaram.

O currículo padrão da Academia incluía um período de combate corpo a corpo. Infelizmente, os estudos de Thrawn estavam concentrados exclusivamente em tecnologia e no protocolo da Marinha; ele não tivera nenhuma aula na academia de combate.

Isso era evidente. O Chiss estava fazendo o melhor possível para evitá-los, mas sua defesa consistia basicamente em tentar empurrá-los, se abaixar durante os ataques, desviar de maneira que os agressores não conseguissem vir todos para cima dele ao mesmo tempo, e tentar proteger o rosto e o torso.

Mas aquilo não era o suficiente. A defesa sozinha nunca foi suficiente. Thrawn precisava começar a acrescentar alguns contra-ataques, se esforçar para reduzir as probabilidades contra ele. Naquele exato momento, o Chiss estava em uma batalha de desgaste, e não importava quanto vigor ele tivesse, Thrawn certamente ficaria sem forças antes dos agressores.

E então, espontaneamente, um pensamento entrou de mansinho no limite da mente de Eli.

Aquele poderia ser o fim de todos os seus problemas.

Era um pensamento horrível. Um pensamento pavoroso. E, no entanto, era surpreendentemente irresistível. Se Thrawn ficasse tão machucado a ponto de não conseguir completar o treinamento, ele não teria escolha a não ser abandonar os estudos. A grande experiência do imperador – o que quer que ele pretendesse realizar ao colocar o Chiss na Marinha – teria falhado. Não haveria nada mais a ser feito a não ser levar Thrawn de volta ao planeta do exílio e deixá-lo lá.

E Eli estaria livre.

A *Raide* já havia partido havia muito tempo, obviamente, mas ele conseguiria pegar um transporte até Myomar, pagando do próprio bolso se necessário, e recuperaria o ritmo na Academia de lá dentro de uma semana. Certamente o comandante Deenlark não iria querer que ele permanecesse na Real Imperial quando Thrawn fosse embora, da mesma forma que o próprio Eli não queria. De volta a Myomar; de volta ao rumo correto da carreira; de volta à vida.

Um dos agressores acertou um soco forte na parte inferior do torso de Thrawn e derrubou o Chiss em um joelho só.

E uma onda de vergonha abruptamente tomou a alma de Eli.

Que diabos ele estava *pensando*?

– Ei – berrou Eli, que se agachou, enfiou os dedos na brita e ignorou as pontadas de dor quando as pontas afiadas perfuraram a pele. – Ei, você! Olhos brilhantes!

Dois dos três homens se voltaram para encará-lo...

E, com toda a força, Eli atirou dois punhados de brita bem na cara deles.

Ele não esperava que aquilo realmente funcionasse, mas deu certo. Ambos os agressores levantaram as mãos com atraso contra a chuva de pedrinhas e urraram de dor. Eli se abaixou e enfiou as mãos no solo novamente, imaginando se conseguiria arremessar mais uma saraivada antes que eles conseguissem se recuperar e reagir.

Porque se não conseguisse – se os agressores pulassem pela sebe e o pegassem primeiro –, ele estaria muito encrencado. Thrawn ainda estava apoiado em um joelho só, incapaz de ajudar, e dois contra um seriam mais do que o suficiente para derrotar Eli.

Tarde demais, ocorreu a Eli que os agressores haviam aprendido muito bem as aulas de tática. Dividir a força inimiga em duas partes e destruí-las uma de cada vez era uma estratégia clássica de guerra. Eles

foram bem-sucedidos em concentrar os esforços em Thrawn e agora fariam o mesmo com Eli.

Só que os agressores calcularam mal. No momento em que os dois começaram a se dirigir para Eli, o indefeso e praticamente derrotado Thrawn avançou contra o homem diante dele e o golpeou na coxa com o antebraço, usando de uma força capaz de paralisar o músculo.

O sujeito se assustou e soltou um xingamento, quase caindo enquanto agarrava a perna ferida. Os dois amigos se voltaram para ele, e o ímpeto contra Eli esmoreceu quando a concentração foi subitamente dividida entre dois alvos. Eli preparou os braços para a próxima saraivada de brita...

– Ei! – berrou alguém ali perto.

Eli se voltou para olhar. Cinco cadetes surgiram de um dos prédios e vinham correndo na direção da briga.

Aquilo bastou para os agressores. Eles deram meia-volta e fugiram noite adentro, com o homem que Thrawn golpeara na perna sendo apoiado em ambos os lados pelos companheiros.

– Você está bem?

Eli pestanejou para se livrar do suor que subitamente escorreu para os olhos; seu corpo tremia com o nervosismo pós-combate. Será que tinha acabado?

– Estou bem – disse ele para Thrawn enquanto passava desequilibrado por cima da sebe. Estranhamente, sua voz não estava nada trêmula. – E você?

– Meus ferimentos são leves – respondeu Thrawn enquanto ficava de pé com cuidado.

– É – falou Eli, franzindo a testa para o Chiss.

A túnica de Thrawn estava muito amarrotada, e havia pontos de sangue escorrendo em ambas as bochechas.

– Tem certeza?

– Parece pior do que é – garantiu Thrawn enquanto tocava delicadamente uma das bochechas. – Sua ajuda veio na hora certa. Obrigado.

Eli sentiu o rubor tomar conta do rosto, com a vergonha sigilosa. Se o Chiss soubesse por que ele não agira mais rápido...

– Desculpe por não ter conseguido fazer mais – disse Eli. – Eu estava do lado errado da sebe, você sabe. Imagino que você tenha ouvido a aproximação deles?

– Há um modo de andar que todos os predadores tendem a usar – explicou Thrawn enquanto ia até Eli. – Um equilíbrio entre o silêncio e a velocidade. Os humanos usam uma versão desse passo.

– Ah. – Eli já sabia que os olhos dos Chiss eram um pouco melhores do que os dos humanos, pois o espectro visível da espécie entrava um pouco no infravermelho. Aparentemente, os ouvidos também eram melhores. – Obrigado por me tirar do caminho. Eu tive treinamento suficiente para saber que não sou muito bom nisso.

– De nada.

Thrawn olhou para os cadetes que se aproximavam e que diminuíram o passo agora que os agressores haviam ido embora.

– E agora, creio eu – acrescentou ele –, finalmente chegou a hora de falarmos com o comandante Deenlark.



CAPÍTULO

6

Um líder é o responsável por aqueles sob sua autoridade. Essa é a primeira regra do comando. Ele é o responsável por sua segurança, suas provisões, suas informações e, no fim das contas, por suas vidas.

Os comandados pelo líder, por sua vez, são responsáveis por seu comportamento e dedicação ao dever. Qualquer um que viole essa confiança deve ser disciplinado pelo bem dos demais.

Mas tal disciplina nem sempre é fácil ou direta. Há muitos fatores em jogo, alguns deles além do controle do comandante. Às vezes, são complicações que envolvem relacionamentos pessoais. Outras vezes, são as circunstâncias em si que são difíceis. Também pode haver política e intervenções externas.

Deixar de agir sempre acarreta consequências, mas, às vezes, essas consequências podem ser convertidas em vantagem.

– Muito bem – disse o comandante Deenlark ao fazer a última anotação no datapad. *A pele ao redor dos olhos está inchada. Talvez ele tenha acabado de acordar. O rubor do rosto está intenso, e os músculos da garganta estão tensos. Há uma leve camada de suor no rosto. Talvez ele esteja nervoso.* – Os cadetes Orbar e Turuy orquestraram o ataque, segundo o senhor. O senhor de fato ouviu os dois chamando os homens que os atacaram?

– Não, senhor, não ouvimos – respondeu Vanto. – Mas os registros dos comlinks dos dois, ou o próprio sistema de comunicação do laboratório, devem lhe fornecer as provas necessárias.

– Sim, devem – concordou Deenlark. *O tom de voz fica mais grave. Relutância?* – A não ser que os agressores sejam de um grupo completamente independente.

– Eles não eram – disse Thrawn.

– Como o senhor sabe? – perguntou Deenlark. *Ele franze os olhos.*

– Eles vieram pela esquina sudoeste da praça de armas – explicou Thrawn. – Naquele momento, os agressores já se deslocavam com velocidade e furtividade, e a única maneira de eles terem nos identificado de forma independente seria com eletrobinóculos.

– Que nenhum deles possuía – falou Vanto. *Ele mexe a cabeça em um gesto de compreensão.* – Isso também exclui um ataque motivado por inveja ou xenofobia, uma vez que os agressores não tinham como saber que era o cadete Thrawn. Logo, foi Orbar ou Turuy. Ou o instrutor? – acrescenta ele. *O tom de voz aumenta ligeiramente com a reflexão.*

– Não – disse Deenlark. – Não foi ele.

– Pode ter sido – falou Thrawn.

– Eu disse que não foi – repetiu Deenlark. *O tom fica mais grave, o rosto enrijece, os olhos brilham com um propósito maior. Talvez ele não deseje que aquilo seja possível.* – Já é bastante ruim que cadetes estejam envolvidos em algo assim. Não vamos arrastar um instrutor também. – *Ele olha de volta para o datapad. O rubor aumenta quando ele faz uma última anotação.*

– Senhor, com todo o respeito, eu não acho que essa questão deva envolver política – disse Vanto. *O tom é respeitoso, mas firme.*

– Ah, você não acha, é? – retrucou Deenlark. *A voz fica ríspida.* – O senhor está pronto para colocar seu nome na lista de testemunhas?

– Isso eu aguento, senhor.

– Eu duvido, cadete – disse o comandante. – A família de Orbar tem muito a dizer sobre o que acontece em Coruscant. Mesmo que deixem que se forme, o senhor provavelmente seria destacado para algum posto de escuta do Espaço Selvagem.

– Uma manipulação assim do sistema judicial não é, em si, ilegal? – perguntou Thrawn.

– Claro que é – respondeu Deenlark. *Os lábios se comprimem, o rubor está desaparecendo lentamente.* – Muito bem. Considerando que seus agressores não tenham descoberto uma forma de driblar os registros dos comlinks, nós devemos ter os nomes pela manhã.

– Não será uma procura muito demorada – disse Thrawn. – Eles não se arriscariam a sair do círculo mais íntimo de amigos. Há outros oito cadetes que tipicamente socializam com Orbar e Turuy, e dois podem ser eliminados por questões de aura.

– Aura?

– *Esethimba.*

– Presença ou aura – traduziu Vanto. – O termo em Sy Bisti pode se referir ao peso, altura, porte físico, voz, maneirismos, profissão e experiência, ou alguma combinação disso tudo, de uma pessoa.

– Eles são cadetes – falou Deenlark. – Eles não *têm* uma profissão.

– Todos os dez seguem a carreira de engenheiros de armas – explicou Thrawn.

– Sim, creio que sim – disse o comandante. – O que nos deixa com seis suspeitos.

– E todos eles são do mesmo nível social dos cadetes Orbar e Turuy, imagino?

– Se o senhor está insinuando que vou fazer vista grossa para esta situação, cadete, eu sugiro fortemente que o senhor reveja seu modo de pensar – falou Deenlark. *A voz é ríspida, o rubor aumenta. Talvez ele esteja furioso ou se sinta culpado.* – Sim, estou preocupado com a possível repercussão política aqui. Eu aguento as presepadas de Orbar há quase quatro anos por causa disso. Mais dois meses, e ele será o problema de outra pessoa. Sim, eu gostaria de ver esta situação sumir, mas não posso deixá-la passar em branco. E não vou.

– Fico agradecido em ouvir isso, comandante – disse Thrawn. – Deixe-me sugerir uma atitude alternativa. O senhor encontrará nossos agressores, mas não os acusará.

Deenlark franze os olhos. A boca se abre ligeiramente, em surpresa.

– O senhor não quer que eles sejam acusados? – perguntou o comandante. – Então o que diabos estamos fazendo aqui?

– Como eu disse, quero que sejam descobertos – respondeu Thrawn. – Depois, recomendo que sejam transferidos.

Deenlark soltou um muxoxo de escárnio.

– Para onde? Mustafar?

– Para o treinamento de pilotos de caças.

Deenlark olha fixamente. A expressão de surpresa aumenta.

– Isso está longe do que eu consideraria uma punição.

– A intenção não é essa – disse Thrawn. – Todos os três demonstram a aptidão e aura necessárias para

pilotos de caças.

– Sério? – Deenlark se recosta na cadeira. Ele cruza os braços. – Eu mal posso esperar para ouvir essa.

– Ficou óbvio pelo método de ataque dos agressores – falou Thrawn. – Da forma como eles agiam tanto juntos como separados. Eu não tenho palavras para explicar adequadamente, mas era a marca de pilotos de combate com instintos.

– Cadete Vanto? – *Deenlark gesticula para Vanto de uma maneira convidativa.* – O senhor pode corroborar isso?

– Desculpe, senhor – disse Vanto. *A expressão é pensativa.* – Mas eu não estava me concentrando na tática deles. E duvido que eu teria enxergado o que o cadete Thrawn está falando mesmo que eu tivesse visto.

– Uma atitude dessas também acarretaria um bônus adicional – falou Thrawn. – O programa de caças da Real Imperial é excelente, mas eu creio que o programa da Academia Skystrike seja igualmente capaz?

– Nada se compara; a Skystrike é bem melhor com pilotos do que nós – respondeu Deenlark. *Ele se ajeita na cadeira. O cenho franzido desaparece. Ele compreende.* – E não há motivos para revelar a Orbar e Turuy onde seus colegas conspiradores foram parar, não é?

– Nenhum motivo, senhor – concordou Thrawn. – Na verdade, eu sugeriria que os três começassem o novo treinamento... – Ele fez uma pausa. – *Ngikotholu.* Há uma palavra na língua básica para isso?

– Sim: incomunicável – disse Vanto. – Eles podem ficar incomunicáveis, comandante?

– Na *Skystrike*? – *Deenlark dá um muxoxo de desdém.* – É difícil não ficar incomunicável lá. E o senhor está certo; eu imagino que até Orbar possa aprender a se comportar após três de seus coconspiradores desaparecerem sem deixar rastros.

– Incertezas geralmente são úteis em paralisar os planos e ações de um oponente – falou Thrawn. – Para um humano como o cadete Orbar, que acredita ser capaz de lidar com todas as situações, isso também será uma lição útil para o futuro. É de se esperar que ele a leve a sério e se torne uma pessoa e um oficial melhor.

– Não tenho certeza de que eu iria tão longe assim – disse Deenlark. – Não com Orbar. Mas vale a tentativa. Se o senhor tem *certeza* de que quer dessa forma.

– Deixe-me afirmar de uma maneira mais categórica – falou Thrawn. – Se o senhor levar os agressores à corte marcial, eu não testemunharei contra eles.

– Hmm. – *Deenlark inclina a cabeça alguns graus para o lado.* – É assim que os senhores fazem as coisas nas Regiões Desconhecidas, cadete? Driblam a lei e os regulamentos e conseguem o que querem por meio de chantagem e extorsão?

– Nós tentamos solucionar problemas. Essa é uma solução que é melhor para o Império como um todo.

– O senhor tem algo a acrescentar, cadete? – perguntou Deenlark. *Ele ergue as sobrancelhas para Vanto em uma expressão de questionamento.*

– Não, senhor – disse Vanto.

Deenlark dá de ombros. Talvez seja aceitação relutante.

– Vou dar início ao processo – afirmou ele. – Talvez ligar para o comandante da Skystrike. Teremos os nomes dos culpados pela manhã, e seus traseiros estarão fora de Coruscant pela hora do jantar. – *Deenlark sorri. Talvez seja um sorriso malicioso de quem acha graça.* – Isso deverá lhes dar tempo suficiente apenas para dizer para Orbar e Turuy que não fazem ideia de para onde estão indo antes de desaparecer. Como o senhor disse, cadete: incertezas.

– Exatamente – concordou Thrawn. – Obrigado, comandante.

– Não agradeça a mim. – *O tom de Deenlark fica mais grave.* – Só fique avisado que, se essa

situação estourar, seu nome estará logo abaixo do meu na lista de *graves consequências*. – *Ele respira fundo*. – Ambos os senhores estão dispensados do serviço. Voltem ao quartel e durmam. Dispensados.

– Sim, senhor – disse Vanto ao se levantar. – Obrigado, senhor.

Thrawn e Vanto já estavam novamente na passarela quando Vanto falou mais uma vez:

– Solução interessante – comentou ele. *A voz está pensativa*. – Estou um pouco surpreso que Deenlark tenha topado.

– Eu, não – falou Thrawn. – Você observou a escultura na parede lateral da esquerda?

– Acho que sim – disse Vanto. *Ele franze a testa e a voz fica hesitante. Ele está se concentrando na memória*. – Aquela com as ondas do oceano e o veleiro?

– Um navio de guerra à vela, sim – falou Thrawn. – É uma obra de arte muito valiosa, bem mais cara do que um homem no cargo do comandante Deenlark poderia bancar.

– Duvido que seja dele – opinou Vanto. – Provavelmente faz parte da decoração do escritório.

– E ainda assim é valiosa demais até para a Academia comprar – disse Thrawn. – Eu concluo, portanto, que foi um presente de uma ou mais famílias poderosas de Coruscant.

– O que quer dizer... – perguntou Vanto. *A postura se ajeita abruptamente quando ele compreende*. – Quer dizer que Deenlark sabe que a Real Imperial está em débito com essas famílias. Significa, por sua vez, que ele aproveitaria qualquer chance de evitar um confronto público.

– Está em débito?

– *Ubuphaka*.

– Ah – falou Thrawn. – Sim, essa é a posição do comandante Deenlark, de fato. Foi por isso que ele aceitou meu plano tão prontamente. Estranho que esses comlinks não tenham um sinal de emergência pré-programado.

– O quê? – *Vanto franze a testa em surpresa ou confusão*.

– Os comlinks dos Chiss têm um botão de emergência – explicou Thrawn. – Que permite chamar ajuda rapidamente.

– Sim, isso seria útil – concordou Vanto. – Nós temos botões assim nos comlinks civis, mas não nos militares. Provavelmente precisamos do espaço para todos aqueles chips de encriptação que garantem que ninguém esteja interceptando as conversas oficiais.

– Também seria útil arrumar os comlinks de maneira que ninguém precisasse retirá-los do cinto ou do bolso.

– Isso seria definitivamente prático. – *Vanto gesticula para a divisa de tenente*. – Talvez fosse possível colocar um comlink dentro da divisa de patente. Pelo menos a pessoa não teria que se preocupar em deixá-lo cair.

– Isso poderia ser feito?

– O quê, colocar um comlink na divisa? Claro. A pessoa só teria que tirar o miolo das pastilhas por trás. Há muito espaço ali para a quantidade de circuitos eletrônicos de um comlink. – Ele franze os olhos enquanto raciocina mais. – Porém, pensando melhor, não haveria espaço suficiente para os chips de encriptação. Provavelmente também não caberia bateria com capacidade suficiente para uso de longo alcance.

– Só funcionaria a bordo de naves, então?

– Certo – disse Vanto. – O que significa que a pessoa ainda teria que carregar a versão de longo alcance para uso fora de naves. – Ele suspira, resignado. – Acho que existe um motivo para as pessoas fazerem as coisas do jeito que fazem.

– Às vezes – falou Thrawn. – Nem sempre.

– Pode ser – disse Vanto. *O tom é pensativo*. – Você realmente foi capaz de notar que eles seriam bons pilotos de caça? Ou foi apenas um jeito de expulsá-los da Real Imperial?

– Eu realmente fui capaz de notar – respondeu Thrawn. – Você não?

– Nem cheguei perto. – *Ele fica em silêncio por mais três passos. A testa está franzida.* – Isso ainda não aborda o fato de que eles o atacaram, sabe. Você vai simplesmente deixá-los se safar com isso?

– Sua pergunta insinua que eles não sofrerão punição – disse Thrawn. – Pelo contrário. Os três passarão o dia de amanhã sabendo que seus atos foram descobertos e se perguntando que destino o comandante Deenlark planejou para eles. Os agressores irão para a Academia Skystrike sentindo o mesmo medo e incerteza.

– Ah – falou Vanto. – Eu sei aonde você quer chegar. Mesmo depois de saírem daqui, os três jamais terão certeza de que não serão retirados da cama no meio da noite e devolvidos a Coruscant para serem julgados.

– O medo acabará passando – disse Thrawn –, mas não por um tempo considerável.

– Creio que não – falou Vanto. – Então eles vão andar sobre ovos por alguns meses, Orbar fará o mesmo, e Deenlark não vai ter que encarar a família de Orbar?

– Você também não precisará encarar a mesma pressão de antes.

– Estava me perguntando se você pensou nisso – disse Vanto. – A justiça foi feita, mais ou menos, e todo mundo saiu ganhando. É o que chamamos de ganho mútuo. – Ele aponta para o rosto de Thrawn. – A não ser você.

– Meus ferimentos são leves e vão sarar. Eu já passei por coisa pior.

– Aposto que sim. – *Vanto fica calado por mais alguns passos.* – Então é isso que aguarda os líderes Chiss?

– Eu não entendi.

– Esse tipo de justiça – explicou Vanto. – Retaliação por terem exilado você. As histórias dizem que os Chiss jamais esquecem as ofensas que foram cometidas contra eles.

– Suas histórias insinua que a lembrança leva necessariamente à vingança – disse Thrawn. – Nem sempre é o caso. Situações mudam. Razões e motivações mudam. Não, eu não busco nenhuma retaliação.

– Sério? Porque me parece que eles merecem.

– Eles tiveram razões para me exilar.

– O lance dos ataques preventivos? – perguntou Vanto. *O tom é curioso, mas cauteloso. Ele vê que a informação está ao alcance, mas teme espantá-la.* – O que aconteceu, afinal de contas? Você deixou o ataque de alguém penetrar as linhas dos Chiss?

– Não – respondeu Thrawn. – Eu lancei um ataque por conta própria.

– Contra quem?

– Contra o mal – falou Thrawn. – Piratas nômades que atacavam mundos indefesos. Eu considerei desonroso que a Autoridade Chiss ficasse imóvel e não ajudasse os desamparados.

– Você os venceu?

– Sim – disse Thrawn. – Mas meus líderes ficaram descontentes.

– Isso parece uma grande ingratidão – comentou Vanto. *A voz é firme, sem hesitação.* – E também uma grande estupidez. Piratas como esses teriam se voltado contra seu povo, mais cedo ou mais tarde. E aí, o que aconteceria?

– Aí nós teríamos lutado – falou Thrawn. – Mas aí teríamos sido as vítimas.

– E vocês não podem lutar até que isso ocorra?

– Essa é a doutrina militar atual da Autoridade.

Vanto balança a cabeça.

– Continua sendo injusto.

– Às vezes, as decisões de um comandante têm que ser feitas sem considerar como elas serão interpretadas – disse Thrawn. – O que importa é que o comandante faça o que é necessário para a vitória.

– É – falou Vanto. – Para minha sorte, eu estou seguindo a carreira para me tornar oficial de aprovisionamento.

– Sim – disse Thrawn. – Talvez.

– Agora observe – pediu Arihnda, apontando para o ponto manchado em que um conduíte entrava na parede do apartamento. – Ok, Daisie. Abra.

Do outro cômodo veio o som da água do banheiro sendo aberta. Um momento depois, um pequeno jato d'água espirrou do ponto.

– Um vazamento de água? – rosou Chesna Braker. – Você me arrastou até aqui embaixo para um vazamento de água?

– O prédio é seu – lembrou Arihnda calmamente. – Seu pessoal de manutenção não parava de enrolá-la, e eu não consegui que ninguém no seu escritório levasse este caso a sério.

– Então, como uma menininha que ralou o joelho, você foi chorar para algum burocrata no departamento habitacional e pediu que ele emitisse uma ordem para que *eu* largasse tudo e descesse até aqui?

– A licença expedida pelo governo diz que sua empresa é responsável por consertos – explicou Arihnda. – Você é a dona da empresa que é dona deste prédio. Isso faz de você essencialmente responsável. Se seus funcionários não obedecem à lei, acho que vai ter que ser com você. Pessoalmente.

– Hum – disse Braker olhando feio para ela. – Venha aqui um minuto.

Ela se virou e foi até a janela que dava vista para a enorme cidade planetária que era Coruscant.

Com o cenho franzido, Arihnda foi atrás.

– Está vendo aquilo? – perguntou Braker quando as duas mulheres estavam novamente juntas. – Lá fora está o povinho que você representa com tanto orgulho. Sabe o que eles farão se você algum dia se meter em confusão ou precisar de ajuda?

– Não. O quê?

– Absolutamente nada – respondeu Braker. – Você será tão esquecida quanto o café da manhã de ontem. – Ela tocou no peito. – *Eu* sou a pessoa que você quer impressionar, srta. Pryce. Homens e mulheres como eu. Não a Daisie qualquer-coisa ali. Nós somos as pessoas com o poder para fazer com que você seja bem-sucedida ou fracasse. É bom se lembrar disso.

– Eu agradeço a preocupação pelo meu bem-estar – disse Arihnda –, mas já tenho um amigo no alto escalão.

– Quem, o senador Renking? – Braker soltou um muxoxo de desdém. – Vá em frente e acredite nisso se quiser. Você é apenas a pessoa mais recente de uma longa fila de gente que ele soltou em um emprego sem futuro e abandonou para apodrecer.

– Vou ficar atenta a esse respeito – respondeu Arihnda. – Enquanto isso, você tem alguns consertos para fazer, e eu tenho mais 57 portas para bater. Enquanto eu estiver aqui, é melhor ver o que mais está errado com este lugar.

– Não perca seu tempo – rosou Braker. – Eu vou mandar uma pessoa, alguém do meu *povinho*, verificar as reclamações dos inquilinos. Tudo estará pronto no fim da semana que vem.

– Eu vou lhe cobrar isso, srta. Braker. Bom dia.

Dez minutos depois, Arihnda estava no aircar, cruzando o céu de Coruscant juntamente com milhões de outros veículos. Havia um mês, refletiu, ela estaria morrendo de medo do fluxo do tráfego. Agora, mal notava.

Assim como, um mês antes, ela talvez tivesse concordado com a insinuação de Braker de que Renking a colocara ali para se livrar dela. Nos dois primeiros meses, o senador falara com Arihnda talvez umas duas vezes, por não mais que três minutos por vez. Parecia que Renking havia se esquecido dela.

Isso estava prestes a mudar. Muito, muito em breve.

O comlink apitou, e Arihnda pegou o aparelho. O identificador mostrou que era o senador Renking.

Ela deu um sorrisinho. Muito em breve, ou possivelmente agora mesmo.

– Arihnda Pryce – disse ela.

– É o senador Renking, srta. Pryce – falou ele pelo comlink. – Como vão as coisas?

– Muito bem, senador, obrigada – respondeu Arihnda. – Acabei de dar uma bronca em outra senhorita por não cumprir suas responsabilidades com os inquilinos.

– Eu soube – disse Renking, com a voz um pouco irritadiça. – Acabei de falar com o conselheiro Jonne, que acabou de falar com a srta. Braker. A senhorita está causando um verdadeiro rebuliço aí embaixo.

– Só fazendo meu trabalho, senador – falou Arihnda, sorrindo para si mesma. Então sua pequena cruzada-de-uma-mulher-só contra a corrupção e indiferença finalmente estava atraindo o tipo certo de atenção. – Eu espero que o senhor e o conselheiro Jonne não estejam insinuando que eu ignore as leis e regulamentos de Coruscant.

– Não, é claro que não – garantiu Renking.

– Porque os cidadãos de Lothal que estou servindo certamente parecem contentes com nosso avanço – continuou Arihnda. – E *essa* é a razão de eu estar aqui.

– Claro – disse Renking. – A senhorita está fazendo um trabalho muito eficiente. É por isso que eu liguei, na verdade. Como a senhorita deve saber, com tanta gente morando em Coruscant, o conjunto de serviços públicos de praxe vem sendo levado ao limite há muitos anos. Um novo programa foi iniciado para encorajar senadores a estabelecer, e bancar, é claro, departamentos suplementares de assistência ao cidadão por todo o planeta.

– Departamentos abertos a todos os cidadãos de Coruscant, e não apenas os próprios cidadãos temporários de um determinado senador?

– Exatamente – respondeu Renking. – Eu tenho quatro departamentos assim e estou prestes a abrir um quinto no Setor Bartanish IV. Tive a ideia de que a senhorita é a pessoa perfeita para administrá-lo.

– Sério? – sussurrou Arihnda, que colocou um pouco de empolgação juvenil na voz ao mesmo tempo que deu um sorriso cínico para o tráfego do lado de fora. – Isso seria maravilhoso. Quando eu começaria?

– Assim que a senhorita fechar o escritório por hoje. Eu mandarei outra pessoa para reabri-lo na semana que vem. Daí pode sair do seu apartamento e transferir tudo para Bartanish IV. O escritório lá está pronto, e tenho um apartamento reservado para a senhorita a dois e seis de distância.

– Parece ótimo – disse Arihnda. Dois quarteirões e seis níveis a colocariam a uma distância perfeita para ir a pé. – Vou voltar para o escritório e dar andamento às coisas imediatamente.

– Ótimo. Eu lhe enviarei tanto o endereço do escritório como o do apartamento. Avise-me quando for chegar, e eu mandarei alguém encontrá-la com as várias chaves. Tudo bem?

– Parece perfeito – falou Arihnda. – Obrigada novamente.

– Não há o que agradecer – disse o senador. – A senhorita mereceu. Passar bem.

A conexão foi interrompida.

Arihnda guardou o comlink, sorrindo novamente. Renking não se importava que ela incomodasse os relativamente ricos e poderosos; ele só não queria que as atividades de Arihnda fossem tão intimamente associadas a ele. Em um departamento anônimo de assistência, sem conexões óbvias com o senador, ela poderia causar o alvoroço que quisesse sem quase nenhuma repercussão política.

Do ponto de vista de Renking, o arranjo tinha duas vantagens interessantes. Arihnda continuaria a mexer no mar de lama de Coruscant, provavelmente conquistando influência sobre líderes locais que o senador poderia usar no futuro. Ao mesmo tempo, havia a esperança de que o novo posto manteria Arihnda ocupada demais para se preocupar com a mina que ela perdera para o Império.

O que Renking provavelmente não se dera conta era que a situação era simplesmente de ganho mútuo para Arihnda – havia sido por isso que ela trabalhara tanto para garantir esse exato emprego desde que ouvira falar do projeto algumas semanas antes. Lidar com cidadãos que eram de Coruscant em vez de

expatriados de Lothal faria com que ela galgasse um degrau modesto na escada social; e, em Bartanish IV, Arihnda também subiria fisicamente vários degraus mais perto do todo-poderoso Distrito Federal.

Degraus pequenos, certamente. Mas se havia algo que seus pais lhe ensinaram foi que o melhor caminho não precisava ser o mais rápido, desde que fosse o correto.

E Arihnda não tinha pressa. Pressa nenhuma.

De repente, quase antes de Eli perceber, já tinha terminado.

– Parabéns, filho – disse o pai dele, apertando a mão com força.

– Obrigado, pai – falou Eli.

Mas, apesar dos sorrisos e palavras de satisfação, Eli sentiu uma circunspeção inesperada à espreita, por trás dos olhos do pai. As preocupações da mãe eram ainda mais visíveis.

Não era difícil descobrir o motivo. Toda olhadela para o horizonte de Coruscant, todo olhar demorado para um dos outros guardas-marinhas recém-formados, todas as vozes baixas sempre que alguém por perto pudesse ouvir – tudo isso apontava para o fato de que um cadete do Espaço Selvagem como Eli jamais deveria ter passado pela Real Imperial, para início de conversa.

E, por outro lado, havia Thrawn.

– Você tem certeza de que ele é bom? – perguntou a mãe de Eli enquanto eles andavam por uma das alamedas do jardim que levava de volta aos alojamentos. – Porque, se as histórias sobre os Chiss estão certas... – Ela não completou o raciocínio.

– Não estão, mãe – garantiu Eli. – Pelo menos não as histórias que a senhora está pensando.

– Como você sabe quais eu estou pensando?

– Aquelas sobre astúcia e um espírito vingativo cruel – respondeu Eli. – Se fossem, um monte de cadetes que a senhora está vendo jamais teriam sobrevivido para se formar.

Ele fez uma careta quando as últimas palavras saíram da boca. Provavelmente não fora a melhor maneira de se expressar.

– Ele é tranquilo – garantiu Eli. – Sério. Muito inteligente.

– Então *essa* parte das histórias é verdade? – comentou o pai.

– Sim – disse Eli. – Vamos não falar sobre ele, ok?

– Tudo bem – falou o pai. – Vamos falar sobre você. O que acontece agora que você se afastou da carreira que estava seguindo?

– Quem disse que me afastei? – contestou Eli. – A maioria do meu treinamento, até eu vir para cá, segue a carreira que eu busco. Até onde eu sei, ainda estou no caminho.

– Bem, eu espero que sim – disse o pai. – Eu só... nunca se sabe em relação aos absurdos que acontecem nos Mundos do Núcleo.

Eli conteve um suspiro. Depois de tudo que ele aturara na Real Imperial... mas, por outro lado, era assim que as coisas eram.

– E andar com aquele Chiss pode ter afetado a sua situação também – acrescentou a mãe.

– Eu não tive escolha, mãe – explicou ele novamente com a maior paciência possível. Não importava o fundo do poço social em que uma pessoa se encontrava, Eli acrescentou para si mesmo, sempre havia alguém mais embaixo. – Eu fui designado como tradutor dele.

– Bem, espero que isso tenha acabado agora – falou o pai. – Quando você recebe a designação de sua nave?

– Hoje, mais tarde – respondeu Eli. – E pode ser a designação em um posto em terra firme, não em uma nave.

– Será em uma nave, querido – disse a mãe, dando tapinhas no braço do filho. – Você vem de uma família de viajantes e tem talento com números. Eles seriam tolos de colocá-lo em uma base.

– Claro – falou Eli.

Embora agora que compreendia melhor a logística da Marinha, ele sabia que ter talento com números poderia ser o motivo perfeito para que eles o colocassem em uma base ou um depósito de aprovisionamento.

– E nós temos que ir – disse o pai subitamente.

Eli franziu a testa ao olhar para ele. De rabo de olho, ele viu Thrawn se aproximando em passos enérgicos. Como seu pai aparentemente também havia notado.

Alguém mais embaixo.

– Vocês não precisam ir mesmo – disse ele. – Se puderem ficar mais um dia, ou mesmo mais algumas horas, nós podemos descobrir minha designação juntos.

– Nós temos que ir – falou o pai, remexendo na túnica. – Nós temos que... droga.

E aí era tarde demais.

– Boa tarde – disse Thrawn ao se juntar ao pequeno grupo. – Os senhores são os pais do guarda-marinha Vanto, é claro. Bem-vindos a Coruscant.

– Obrigado – falou o pai de Eli, com a voz um pouco forçada. – O senhor é... hã...

– Sou o tenente Thrawn – respondeu ele. – Seu filho se saiu muito bem. Os senhores devem estar muito orgulhosos dele.

– Nós estamos – disse a mãe de Eli. A voz estava menos forçada que a do marido, mas a curiosidade escancarada no rosto mais do que compensava por isso. – O senhor é um... o senhor é realmente um Chiss?

– Sou – confirmou Thrawn. – Seu filho falou de suas lendas a nosso respeito. Cuidado, que nem todas elas são precisas.

– Mas algumas são? – perguntou o pai de Eli cuidadosamente. – Posso perguntar quais?

– Pai! – ralhou Eli, sentindo o rosto ficar quente.

– As mais lisonjeiras, é claro – respondeu Thrawn, com um sorrisinho nos lábios. – Ainda assim, mesmo quando são falsas, as lendas podem ser muito informativas.

– Eu pensei que o senhor disse que nem todas eram verdade – disse a mãe de Eli.

– Eu não me referi às lendas em si – explicou Thrawn, virando os olhos brilhantes para ela. – Mas o que é lembrado diz muita coisa a respeito daqueles que se lembram.

Por um momento, um silêncio incômodo cercou o grupo.

– Entendi – falou o pai de Eli finalmente. – Muito interessante. Mas, como eu estava dizendo, nós temos que ir.

– Qual foi o problema? – perguntou Eli.

– O problema?

– O senhor disse *droga*. Isso geralmente implica um problema.

– Ah – disse o pai. – Não, não exatamente. Eu apenas me esqueci que não podemos usar nosso convocador aqui, só isso. Temos que tomar um airbus para a plataforma de pouso.

– E eles cobram os olhos da cara para usar – acrescentou a mãe. – Mas ficaremos bem. Temos que voltar para casa, de qualquer forma.

Ela se aproximou de Eli e deu um abraço no filho.

– Obrigado por nos convidar aqui, Eli. Avise-nos onde eles vão colocá-lo e cuide-se.

– Vou sim, mãe – prometeu Eli quando o pai abraçou os dois. – Façam uma boa viagem de volta.

– Vamos sim – disse o pai. – Adeus e cuide-se. – Ele soltou o abraço. – Tenente – completou ele, dando um aceno de cabeça cauteloso para Thrawn.

– Sr. Vanto – disse o Chiss, devolvendo o cumprimento. – Sra. Vanto. Boas jornadas.

– Obrigado. – O pai de Eli pegou o braço da esposa e a levou embora.

Por um momento, Eli e Thrawn ficaram calados, observando os pais dele percorrerem o caminho na direção da plataforma de pouso da Academia.

– Eles estão preocupados com você – falou Thrawn finalmente.

– Prerrogativa de pais – disse Eli, pensando, incomodado, quanto Thrawn fora capaz de interpretar pelo breve encontro com eles.

Será que Thrawn descobriu que uma grande parte da preocupação dos pais de Eli era que sua presença na vida do filho poderia ter envenenado o futuro dele?

– Eles também não estão nada à vontade aqui – continuou Eli. – Cidade grande, gente do Núcleo. Você sabe.

– Sim – falou Thrawn. – Seu pai falou de um convocador. O que é isso?

– É um aparelho que pode trazer remotamente a nave da pessoa até ela – explicou Eli. – Todas as naves comerciais da família são escravizadas para funcionar com convocadores. Com alguns de nossos clientes, é uma boa ideia manter a nave da pessoa e o resto da carga fora de alcance e de vista até que ela tenha terminado o negócio.

– Por causa da possibilidade de roubo?

– Basicamente.

– Por que o Império não reprime tal atividade criminal?

– Porque ele não pode estar em toda parte – respondeu Eli. – E o Espaço Selvagem não está exatamente no topo da lista de Coruscant.

Ele apontou com a cabeça para a divisa de tenente, agora visivelmente presa na túnica de Thrawn.

– Então essa é uma nova divisa que Deenlark lhe deu na cerimônia? Ou você devolveu a antiga de antemão?

– Esta é nova – respondeu Thrawn, passando a ponta dos dedos gentilmente pelas pastilhas. – Evidentemente ele se esqueceu que já havia me dado uma.

– Ah – disse Eli, concordando com a cabeça. – Acho que você pode guardar a outra como uma lembrança.

– Ou encontrar outro uso para ela – falou Thrawn. – Quando saberemos nossas designações?

Eli verificou o crono.

– Pode ser a qualquer momento agora. – Ele olhou para os pais indo embora, agora quase perdidos entre o restante dos familiares que se reuniram para a cerimônia de formatura. – É melhor voltarmos para a sala do comandante e vermos.

– Muito bem – concordou Thrawn. – Por que eles simplesmente não enviam as designações para nossos computadores?

– Não sei. – Eli deu as costas para os outros cadetes e seus admiradores e foi na direção da sala do comandante. – Provavelmente querem que a gente se acostume a lidar com informações e ordens devidamente encriptadas. Ou é a maneira como eles sempre fizeram as coisas. Escolha uma opção. Vamos, há uma boa chance de sermos os primeiros da fila.

Eles não foram os primeiros, mas foram o segundo e o terceiro.

Eli olhou para o datacard enquanto ele e Thrawn passavam pela fila que os formandos começavam a fazer; os olhos se demoraram no símbolo da Academia Real Imperial, e uma nova onda de satisfação passou pela decepção da partida abrupta dos pais. Eles poderiam não considerar grande coisa sua transferência para Coruscant, mas todos os demais na Marinha considerariam.

Eli tinha conseguido. Tinha realmente conseguido. Contra tudo e contra todos, o caipira do Espaço Selvagem fora jogado dentro da elite de Coruscant e se dado bem.

– E então? – perguntou Thrawn.

– Você primeiro – disse Eli.

E assim como o tempo de Eli na Real Imperial estava chegando ao fim, o mesmo acontecia com seu tempo com Thrawn. Tinha sido interessante, mas ele estava pronto para seguir em frente.

– Muito bem – Thrawn enfiou o datacard no datapad e espiou o monitor. – Interessante. Serei o segundo oficial de artilharia a bordo de um cruzador classe Gozanti, o *Corvo Sangrento*.

– Bacana – respondeu Eli.

Os Gozantis tinham design corelliano e 64 metros de comprimento, com torres de tiro laser dorsais e ventrais. Eles eram um pouco velhos – a maioria fora fabricada antes das Guerras Clônicas –, mas ainda se garantiam ao lado de naves mais novas. Grande parte estava sendo usada como cargueiros ou naves de evacuação, mas alguns estavam sendo readaptados com ganchos externos para carregar caças ou walkers, o que colocaria os cruzadores na linha de frente contra piratas, contrabandistas e escravagistas. Independente de sua atribuição, contudo, um Gozanti era uma nave boa e confiável para lançar uma carreira.

– E você? – perguntou Thrawn. – Eu imagino que tenha pedido por um posto de oficial de aprovisionamento?

– Pedi – confirmou Eli ao introduzir o próprio datacard. – É grande a chance de eu ter conseguido, também; as naves maiores estão sempre em falta de pessoal de aprovisionamento...

Ele parou de falar. Que *diabos*?

– O que foi? – perguntou Thrawn.

Eli precisou de duas tentativas para recuperar a voz.

– O *Corvo Sangrento* – disse ele, engasgado. – Ajudante de ordens do... tenente Thrawn.

Ele ergueu os olhos para o Chiss, e uma névoa vermelha de raiva recaiu sobre a visão.

– Você fez isso? – perguntou Eli.

Thrawn balançou a cabeça.

– Não.

– Não minta! – rosnou Eli. – Tenentes não recebem ajudantes de ordens. *Jamais*. Você armou isso com o imperador, não foi?

– O imperador não fala comigo – respondeu Thrawn. – Nem eu falei com ele desde meu primeiro dia neste mundo.

– Isto não aconteceu por acidente – falou Eli com esforço. – Você deve ter dito *alguma coisa*. O que foi? *O que foi*?

Thrawn hesitou, depois baixou a cabeça.

– O *Corvo Sangrento* está programado para atuar em setores fronteiriços onde Sy Bisti e idiomas comerciais relacionados talvez sejam falados – disse ele relutantemente. – Eu simplesmente salientei que seria bom ter dois oficiais a bordo que compreendessem esses idiomas.

– Uma vez que eles não são programados nos droides tradutores? – disparou Eli com um gosto ácido na boca.

– Mas eu lhe garanto que não falei nada sobre um ajudante de ordens – insistiu Thrawn. – Se você quiser, eu vou recusá-lo para esse posto.

Eli baixou os olhos para o datapad e sentiu a raiva passar. A raiva e a empolgação da formatura. Thrawn poderia recusar, pedir ou exigir o quanto quisesse. Não daria em nada. Assim que as ordens eram registradas no banco de dados da Marinha, era como se fossem gravadas a laser em granito.

E pronto. Em um único golpe, a vida de Eli foi virada completamente de cabeça para baixo. Novamente.

Só que agora não era apenas a educação. Dessa vez era a carreira, tão cuidadosamente calculada e implementada, que fora arrancada de Eli. Ele entraria na Marinha não como um oficial de aprovisionamento, mas como o ajudante de um oficial. Uma carreira promissora que estava garantidíssima de não ir a lugar algum.

E *isso* presumindo que o próprio Thrawn sequer fosse promissor. E se não fosse? E se fracassasse?

Porque ele poderia fracassar. Na verdade, as chances eram grandes de que Thrawn fracassaria. O

desrespeito aos não humanos podia não ser uma política oficial, mas mesmo assim permeava discretamente a Marinha. Thrawn teria que se esforçar duas vezes mais do que qualquer outra pessoa e ser quatro vezes mais bem-sucedido, só para ficar em pé de igualdade com eles.

E, quando Thrawn caísse em desgraça, era quase garantido que qualquer um associado a ele também cairia.

– Guarda-marinha Vanto? – chamou Thrawn. – Devo falar com o comandante?

– É inútil – disse Eli, que desligou e guardou o datapad. – A Marinha não altera ordens apenas porque oficiais subalternos não gostam delas. Quando você for um almirante, veremos o que você pode fazer.

– Compreendo – falou Thrawn rapidamente. – Muito bem. Vou me empenhar para chegar a essa patente o mais rápido possível.

Eli olhou incisivamente para Thrawn. Será que o maldito Chiss estava debochando dele?

Mas não havia indício no rosto de que ele estivesse achando graça. Thrawn falava seríssimo.

Eli sentiu um arrepio nas costas, os fantasmas de velhas histórias sussurrando na mente. Os Chiss não faziam promessas ou bravatas vãs. E uma vez que decidiam fazer determinada coisa, eles a realizavam ou morriam tentando.

Talvez Thrawn estivesse certo.

– Estou ansioso por isso – disse Eli. – Vamos. Recebemos ordens para estar no transporte corelliano às seis da tarde. Não queremos começar nossa carreira perdendo a carona.



CAPÍTULO

7

É satisfatório derrotar um inimigo, mas não se deve jamais permitir que você se torne complacente. Há sempre mais inimigos a serem identificados, encarados e derrotados.

Todos os guerreiros compreendem a necessidade de encarar e derrotar o inimigo. Ambos os aspectos da tarefa podem ser desafiadores. Ambos exigem raciocínio, discernimento e planejamento. Fracassar em qualquer uma dessas áreas pode custar tempo adicional e vidas insubstituíveis.

Mas um guerreiro pode se esquecer que até mesmo a tarefa de identificar o inimigo pode ser difícil. E o custo desse fracasso pode levar à catástrofe.

Eli de vez em quando alertava Thrawn sobre a presença de politicagem dentro da Marinha. Eles certamente viram provas dessa influência durante o incidente envolvendo Orbar.

Agora, mais uma vez a politicagem parecia poder afetá-los diretamente.

– Não consegui descobrir nada sobre o motivo de o capitão Virgilio ter sido substituído – murmurou Eli enquanto os dois acompanhavam a procissão de oficiais que escoltava a nova comandante, a capitã Fíliá Rossi, no passeio pelo *Corvo Sangrento*. – Mas todo mundo concorda que Rossi tem muitos bons contatos. Hoje em dia, isso é tudo que uma pessoa precisa para obter o comando.

– Entendo – disse Thrawn.

Eli torceu a cara. *Entendo*. Essa era a resposta de sempre de Thrawn quando ele não queria dizer mais nada.

Com certeza havia muita coisa que ele *podia* dizer.

Começando pelo tipo de capitão que Rik Virgilio tinha sido. Ele fora excelente no cargo e mantivera o equilíbrio necessário entre as ordens permanentes e a flexibilidade. Eli e Thrawn haviam servido sob seu comando, e o capitão construíra uma bela reputação por capturar contrabandistas, prestar socorro a naves com problemas e acalmar situações políticas potencialmente prejudiciais em mundos da Orla Média e da Orla Exterior. Ele conquistara o respeito dos oficiais e da tripulação e recebera resenhas altamente satisfatórias de governadores e de outros líderes políticos com quem interagira.

Igualmente importante, certamente pelo ponto de vista de Eli e Thrawn, Virgilio era tolerante à presença de um oficial alienígena na nave. Houve um pouco de tensão durante as primeiras semanas, quando Virgilio testou os limites de inteligência, conhecimento e capacidade de Thrawn, mas, assim que o capitão descobriu os parâmetros do novo oficial, Eli não percebeu diferença no tratamento ou aceitação por parte do capitão em relação ao segundo oficial de artilharia. Quando o posto de primeiro oficial de artilharia foi aberto, ele não fez objeção à promoção de Thrawn para aquele cargo. Na verdade, a fofoca

pela nave sugeriria que Virgílio talvez tivesse de fato recomendado o Chiss para o posto.

Agora, sem aviso ou explicação, Virgílio fora removido do *Corvo Sangrento* e uma capitã mais nova e menos experiente foi trazida.

Eli conseguiu descobrir pouca coisa sobre a nova capitã. Filia Rossi tinha se formado na Academia Raithal havia doze anos e passara a maior parte do tempo desde então em Socorro, primeiro em terra firme, depois a bordo de uma plataforma orbital de defesa lá nos cinturões de asteroides do sistema. No ano anterior, ela tinha atuado como primeira oficial a bordo de uma escolta de cargueiros de minério.

Agora, de repente, Filia Rossi havia sido promovida ao comando de um cruzador.

Parecia óbvio que a decisão fora baseada em politicagem e influência em vez de mérito ou até mesmo tempo de serviço. Ainda assim, Eli estava disposto a acreditar em Rossi. Era possível que a força por trás da promoção tivesse sido menos uma questão política do que um simples resultado de transferências de pessoal. Se o capitão Virgílio tivesse sido promovido para um comando melhor, de mais prestígio, então outra pessoa teria que ser trazida para o *Corvo Sangrento* a fim de tomar seu lugar.

Mas, se esse foi o caso, a notícia da promoção de Virgílio não foi passada para os demais oficiais do *Corvo Sangrento*. Tal silêncio do Alto Comando deu mais peso às suspeitas de Eli de que o antigo capitão fora aposentado ou até mesmo dispensado discretamente.

– Ainda assim, deve haver necessariamente um primeiro comando na carreira de todo oficial – disse Thrawn, respondendo aos pensamentos de Eli.

– Creio que sim – admitiu Eli. – Eu só não vejo por que o primeiro comando dela tem que ser em *nossa* nave.

Adiante, a capitã e uma pequena fila de oficiais atrás dela chegaram ao compartimento de armazenamento Número Dois. A capitã apertou a trava da comporta e entrou, seguida pelo primeiro oficial Nels Deyland.

Eli estremeceu.

– Ah, não – murmurou.

O resto dos oficiais também sabia o que aquilo significava. Eles começaram a se deslocar para ambos os lados da passarela, dando espaço para Thrawn passar quando viesse o chamado esperado.

A espera mal durou dez segundos.

– Thrawn! – trovejou a voz da capitã vinda do interior do compartimento de armazenamento. – Venha aqui. *Agora*.

A capitã Rossi e o capitão-tenente Deyland estavam lado a lado no compartimento de armazenamento. *O rubor de Rossi está aumentando, os olhos estão franzidos. Deyland está imóvel, e o rosto demonstra uma expressão de incômodo parcialmente mascarada.*

– O capitão-tenente Deyland me diz que isto é seu – falou Rossi, apontando para o equipamento empilhado ao lado do anteparo.

– É sim, capitã.

– O senhor se importa de me dizer o que diabos isto está fazendo ocupando espaço na minha nave?

– Ele encontrou em um ferro-velho que estávamos investigando por atividade de contrabando – informou Deyland. – Como eu mencionei antes...

– O seu nome é tenente Thrawn? – interrompeu Rossi. *O rubor aumenta. A postura é rígida, os dedos se movem de leve.*

– Não, senhora.

– Então cale a boca. Eu lhe fiz uma pergunta, tenente.

– Como disse o capitão-tenente Deyland, as peças estavam em um ferro-velho – falou Thrawn. – Elas eram antiguidades, remanescentes das Guerras Clônicas.

– Eu sei o que elas são – rosnou Rossi, olhando para a pilha novamente. – Droideka, droide serra;

dois droides serras; meio STAP.. – Ela franziu os olhos. – Isto é parte de um *anel de hiperdrive*?

– Sim, senhora.

– Essas coisas não são antiguidades, tenente. – *Rossi dá um muxoxo de desdém, e os lábios se curvam brevemente para baixo.* – São lixo.

– Talvez, senhora – disse Thrawn. – No entanto, como não conheço completamente a tecnologia daquela era, eu esperava obter ideias ao estudá-las.

– E talvez colocá-las para funcionar novamente? – perguntou Rossi. – Não negue, estou vendo peças substituídas nos dois droides serras. Componentes estalando de novos. – *Ela ergue as sobrancelhas. Os movimentos dos dedos se intensificam brevemente.* – É melhor que não sejam componentes dos depósitos do *Corvo Sangrento*.

– Não, senhora – respondeu Thrawn. – Eles foram comprados em outro lugar.

– Do próprio bolso dele – murmurou Deyland.

– O capitão-tenente Deyland está certo – disse Thrawn. – Os droides serras, em especial, me pareceram potencialmente úteis. Eles são compactos, com ferramentas especializadas para perfurar e cortar que permitem que eles...

– Poupe-me da palestra – interrompeu Rossi. *A mão faz um corte breve no ar. A intensidade da voz diminui.* – O senhor pode ter lido a respeito das Guerras Clônicas, mas alguns de nós as viveram. E Virgílio simplesmente permitiu que o senhor trouxesse essas coisas a bordo?

– O capitão Virgílio permitiu que eu as comprasse, sim, senhora – respondeu Thrawn. – Ele também me deu permissão para guardá-las aqui quando não estivesse trabalhando nelas.

– Que generoso da parte dele – falou Rossi. – Talvez o senhor tenha percebido que Virgílio não é mais capitão. *Eu sou, e eu comando uma nave limpa. Quero este lixo jogado fora antes de seu próximo turno. Está claro?*

Ao lado dela, Deyland se remexeu. *A postura dele indica desacordo.*

– Senhora, se posso sugerir...

– Eu perguntei se está claro, tenente.

– Sim, capitã – disse Thrawn. – Posso sugerir uma alternativa?

– Se eu não quis ouvir da parte do meu primeiro oficial, o que o faz pensar que quero ouvir da sua? – contra-argumentou Rossi. – Capitão-tenente Deyland, o senhor vai garantir que ele jogue isso fora conforme ordenado. Estamos encerrados por aqui.

– Sim, senhora. – *Deyland permanece parado onde está e não dá indicação de que está se preparando para sair do compartimento.* – Com sua permissão, senhora, eu gostaria de ouvir a sugestão do tenente Thrawn.

A capitã Rossi franze ainda mais os olhos ao encarar Deyland. Os braços estão rígidos dentro das mangas do uniforme, os dedos agora se encontram imóveis, a postura está ligeiramente inclinada para a frente. A expressão do capitão-tenente Deyland é tensa, mas a postura indica firmeza. A capitã Rossi ajeita o corpo ligeiramente.

– Aparentemente, ninguém a bordo sabe dar o devido respeito aos capitães – disse ela, com a voz inflexível. – Teremos que lidar com isso. – Rossi se voltou novamente para Thrawn. – Muito bem. Vamos ouvir essa alternativa.

– Pelo que sei, senhora, o material a bordo de uma nave de guerra do Império é de propriedade daquela nave, e portanto está sob o controle do comandante – argumentou Thrawn. – Quando eu comprei esses itens por quinhentos créditos...

– *Quinhentos créditos?* – interrompeu Rossi. – Está falando *sério*? Essas coisas não valem um décimo disso.

– Isso estaria correto, capitã, se esses fossem droides serras padrão – falou Thrawn. – Mas eles são da versão Mark Um. Bem raros, e aparentemente bem valiosos.

– Séri-o? – *Rossi olha para os droides serra e franze os lábios.* – *Quão valiosos?*

– Quando eu os comprei, eles não estavam funcionando – disse Thrawn. – Como a senhora percebeu, eu fiz algum avanço ao consertá-los. Imagino que, quando os droides estiverem completamente restaurados, eles serão muito valiosos para colecionadores.

– Colecionadores. – *O tom de voz de Rossi é desanimado.* – Pessoas com mais dinheiro do que cérebro.

– Alguns só têm interesse em antiguidades das Guerras Clônicas – explicou Thrawn. – Fui informado de que há integrantes do Alto Comando com interesses assim.

Os lábios de Rossi se entreabrem ligeiramente, a postura enrijece. Ela olha novamente para os droides serras, e os músculos das bochechas se contraem, depois relaxam e se contraem novamente. Os dedos estão em movimento, o polegar e o indicador da mão direita se esfregam delicadamente.

– Modelos Mark Um, o senhor disse?

– Sim.

– Modelos Mark Um – murmurou a capitã. *A voz tem uma mistura de tensão e interesse que indica uma compreensão súbita. A mão faz um pequeno movimento na direção do datapad e depois para.* – Tudo bem. Vamos chegar a um meio-termo. Nós devemos voltar a Ansion em três meses. O senhor tem até lá para brincar com seus brinquedos. Assim que chegarmos a Ansion, eu tomo posse deles, quer estejam funcionando ou não. Está claro?

– Claro, senhora – respondeu Thrawn. – Obrigado.

Rossi olha para Deyland, e depois para os droides. As rugas de tensão no rosto se desfazem. Ela passa por Deyland ao sair do compartimento.

– Fique à vontade, capitão-tenente Deyland – disse ela olhando para trás.

– Sim, senhora. – *Deyland dá um sorrisinho de satisfação, depois segue a capitã de volta pelo corredor. Eles vão em direção à popa, e o resto dos oficiais novamente vai atrás dos dois.*

– E então? – perguntou Vanto baixinho assim que chegou ao compartimento. *A expressão contém tanto ansiedade como medo.* – Ela o obrigou a jogar tudo fora?

– Por que você considerou isso?

– Porque Virgílio deixou que você ficasse com aquelas coisas, e Rossi está tentando varrer qualquer indício da presença dele do *Corvo Sangrento* – respondeu Vanto. *Seu tom de voz tem um nível baixo de amargura.* – Acredite, eu já vi muito o tipo dela.

– Interessante – disse Thrawn. – Por acaso, ela concordou em permitir que eu deixe os itens funcionando plenamente até o fim de nossa patrulha atual.

– Que generoso da parte dela. Eu presumo que tenha uma condição?

– Eu lembrei a ela que os itens se tornariam sua propriedade.

– Ah – falou Vanto. *Ele concorda com a cabeça, compreendendo.* – E você se lembrou do que eu disse sobre colecionadores e valores extrínsecos quando comprou os itens?

– Eu me lembrei. Obrigado por aquela lição.

– De nada – disse Vanto. – Eu não creio que você por acaso tenha mencionado que os droides serras já estão plenamente operantes?

– Ela não perguntou, mas creio que a capitã também chegou à conclusão tardia de que eles têm um valor que vai além da atração extrínseca para os colecionadores. Você se lembra de um metal chamado *dúnio* de nossas aulas técnicas?

– Ah, eu conhecia o dúnio bem antes de entrar na Real Imperial – falou Vanto. – Meu pai sempre aumentava a segurança quando tínhamos a sorte de levar um caixote ou dois do minério. Mas não há dúnio em droides serras.

– Havia nos modelos Mark Um – disse Thrawn. – Era uma carapaça que protegia o processador. Foi removida nos modelos posteriores porque o custo era maior do que os benefícios defensivos.

– Então, eles são raros e têm valor intrínseco – falou Vanto. *Ele concorda com a cabeça, compreendendo.* – Você está dizendo que a capitã descobriu essa última parte sozinha?

– Creio que sim. Ela levou a mão ao datapad, aparentemente na intenção de confirmar a lembrança da construção do modelo Mark Um, mas depois mudou de ideia.

– Não quis dar muita importância na frente de todo mundo – comentou Vanto. – Vai esperar até estar sozinha. – *Ele sorri cinicamente, achando graça.* – E depois, sem dúvida, vai se congratular pela memória e intuição e por ter passado a perna no pobre oficial de artilharia ingênuo.

– Talvez – disse Thrawn. – E nós provavelmente deveríamos nos juntar aos demais novamente.

– Certo. – Vanto começa a ir na direção do corredor em um passo acelerado. – Tomara que Deyland também não mencione que os droides estão funcionando. Se fizer isso, Rossi provavelmente vai tomá-los agora mesmo, e você não poderá mais mexer neles.

– Ele não disse nada na hora.

– Que bom para ele – falou Vanto. – É óbvio que ele *realmente* deve uma para você. Ter sido pego de surpresa quando aqueles Delfidianos tentaram escapar poderia ter sido vergonhoso.

– Possivelmente letal, também.

– Muito possivelmente – concordou Vanto.

– *Thrawn!* – Um berro distante ecoou pela passagem.

– Creio que eles chegaram à oficina eletrônica – disse Thrawn.

– E encontraram a outra parte de seu anel de hiperdrive – falou Vanto. – É. Melhor nós correremos.

Levou uma semana para a capitã Rossi se inteirar completamente a respeito do novo comando e da nave, dos oficiais e da tripulação.

Ela era, Eli tinha que admitir, muito boa naquilo. No fim da segunda semana, Rossi era mencionada em tom cauteloso de aceitação pela maioria da tripulação e estava a caminho de ter boas relações de trabalho com a maioria dos oficiais.

Com duas exceções gritantes.

Eli, obviamente, era a segunda.

A parte mais frustrante era que ele havia previsto o problema logo de início. A capitã tinha um ajudante de ordens; o tenente não humano Thrawn tinha um; e ninguém mais a bordo da nave tinha.

Aquele não era o protocolo adequado. Certamente não era a tradição adequada. E, na Marinha Imperial, essas duas coisas eram a base sobre a qual todo o resto era construído.

Havia levado algum tempo para o capitão Virgílio se acostumar com a ideia. Levou mais tempo ainda para o capitão-tenente Deyland. Nenhum deles, Eli suspeitava, jamais esteve realmente contente com aquela situação.

Eli não esperava que Rossi algum dia se acostumasse ou aceitasse aquilo. Infelizmente, havia um número infinito de maneiras pelas quais um comandante podia demonstrar desagrado com alguma coisa. Ou com alguém.

Como era de se esperar, no mês seguinte, Eli viu um padrão se desenvolver nitidamente. Todas as tarefas ruins, sujas ou indesejáveis iam parar de alguma forma na lista de Thrawn. Se fosse um serviço que um oficial não poderia receber uma ordem legítima para fazer, ainda assim Thrawn seria mandado para supervisionar o procedimento.

E como ajudante de ordens de Thrawn, Eli geralmente recebia a ordem de serviço com ele.

Thrawn encarava isso com uma boa vontade impassível. Eli fez questão de que sua própria irritação fosse igualmente invisível. Ele sabia que, ao menor sinal de insubordinação, Rossi cairia em cima dele como um gato-de-presas em um shaak.

Então, quando o *Corvo Sangrento* recebeu uma chamada de socorro de um cargueiro levando um volume de gás tibanna com fechos estáticos, Eli sabia exatamente quem lideraria o grupamento de

abordagem.

– Se entendi direito – disse Thrawn enquanto o guarda-marinha Merri Barlin manobrava a nave deles entre o *Corvo Sangrento* e o cargueiro abandonado *Dromedar* –, a parte mais desagradável desta missão é a poeira?

– Sim, senhor – respondeu Eli, olhando para o homem e a mulher nos assentos móveis nas paredes da nave.

Nenhum dos dois também parecia especialmente contente com a missão.

– A técnica em eletrônica Layneo tem experiência com fechos estáticos – continuou Eli, gesticulando para a mulher. – Pode explicar em detalhes o problema?

– Como o guarda-marinha Vanto diz, senhor, há a poeira – falou Layneo, contorcendo o rosto brevemente com nojo. – Muita poeira. Tem algo nos fechos estáticos que tira o pó de todos os recantos de uma nave e o coloca com capricho no uniforme e na pele. Você sai parecendo um mineiro sujo.

– A poeira gruda muito bem em tecido – acrescentou o técnico em engenharia Jakeeb. – Você geralmente tem que colocar o uniforme duas vezes no limpador para retirar tudo.

– E todos nós sabemos como a capitã Rossi gosta que sua tripulação esteja elegante – disse Barlin lá da cabine de pilotagem.

– Como a poeira afeta o equipamento eletrônico? – perguntou Thrawn.

– Felizmente, ela é suficientemente grossa para não penetrar em equipamento adequadamente selado – respondeu Layneo. – Ênfase no *adequadamente*. Até hoje, eu nunca vi um transporte civil onde tudo fosse devidamente dentro das regras.

– Na verdade, eu apostaria cinquenta créditos que não vamos encontrar ninguém a bordo – disse Jakeeb. – Sinalizador automático, imóvel no espaço; provavelmente a poeira entrou no hiperdrive, eles não conseguiram consertar e foram embora.

– Eu caso a aposta – falou Layneo.

– Calma – alertou Eli. – Sem apostas na nave, lembram?

– Mas não estamos a bordo da nave, senhor – disse Jakeeb inocentemente.

– Este transporte é considerado parte do *Corvo Sangrento* – falou Thrawn. – Se os fechos estáticos têm desvantagens tão sérias, por que ainda são usados?

– Fechos estáticos só são usados realmente com gás tibanna, senhor – respondeu Layneo. – A substância é altamente explosiva e valiosíssima. Uma grande atração para sequestradores de naves. Fechar os tanques com estática torna arriscado roubá-los.

– O que significa que será igualmente complicado para nós se a capitã Rossi quiser que os tanques sejam levados a bordo – alertou Jakeeb. – Tomara que seja apenas uma questão de consertar o que estiver com defeito e pilotar o cargueiro inteiro até Ansion.

Houve um solavanco suave.

– Chegamos, senhor – relatou Barlin. – Acionando o anel da comporta... ok, estamos prontos. Leitura normal da atmosfera interior. Luzes baixas, temperatura em nível médio, gravidade padrão e funcionando. O purificador de ar ainda está trabalhando.

– Sinais de formas de vida? – perguntou Thrawn.

– Nada que preste, senhor – respondeu ela. – O armazenamento por estática ainda está atrapalhando tudo. Ok, a purificação terminou... sinal negativo quanto a micro-organismos ou produtos químicos perigosos. Estamos prontos para ir, tenente.

– Obrigado – disse Thrawn. – Guarda-marinha Vanto, leve os técnicos Layneo e Jakeeb para a sala de máquinas, na popa. O guarda-marinha Barlin e eu iremos para a ponte de comando, na proa.

Dois minutos depois, Eli e os dois técnicos estavam passando pelo corredor central do cargueiro, e os passos ecoavam na penumbra.

– Eu *realmente* odeio naves abandonadas, senhor – murmurou Layneo enquanto eles andavam; Eli

notou que a mão dela estava pousada na arma de raios guardada no coldre. – Ouvi muitas histórias de naves fantasmas na infância.

– Eu também ouvi um monte – disse Eli. – A maioria são apenas histórias. O resto são incidentes reais enfeitados a ponto de não serem reconhecíveis.

– Tenho certeza de que este lugar vai ficar muito mais alegre assim que Barlin chegar aos controles de iluminação – falou Jakeeb tentando ajudar.

– É, acho que não – rosnou Layneo. – Nem todas as luzes do mundo...

Sem aviso, o corredor irrompeu em um clarão ofuscante de luz.

– Parados! – disse uma voz tensa vindo de algum ponto atrás deles. – Ouviram? Parados! Ou *juro* que vou atirar em vocês.

A expressão de Vanto está cautelosa quando ele aparece, mas a tensão que havia na voz quando soou o alarme se acalmou. Vanto segura uma pistola de raios desconhecida na mão, sem fazer força.

– Relatório, guarda-marinha Vanto – ordenou Thrawn.

– Tenente – disse Vanto. *Ele oferece um aceno de cabeça curto e formal como cumprimento e reconhecimento. Os dedos estão semicontraídos no sinal silencioso que confirma que, de fato, tudo está bem.* – Deixe-me apresentar Nevil Cygni. Ele aparentemente nos confundiu com outras pessoas.

– É mesmo? – falou Thrawn. *Cygni é um humano com cabelo escuro e a textura de pele de alguém que trabalhou muitos anos sob a luz intensa do sol. Está sentado no convés aos pés de Vanto. O torso está curvado à frente, com o rosto enfiado nas mãos. A expressão está em grande parte escondida, mas os músculos tensos no pescoço e braços contêm medo e cansaço. As roupas estão sujas da mesma poeira que está grudada nos próprios uniformes dos imperiais. As mãos demonstram as cicatrizes e os calos de trabalho físico leve.* – Com quem ele nos confundiu?

– Cygni? – exigiu Vanto.

– Sim, senhor – disse Cygni. *Ainda sentado, ele endireita o corpo e baixa as mãos. O rosto é carnudo, sem sinais de desnutrição. A pele em volta dos olhos está contraída por estresse, assim como os músculos da garganta. Os olhos estão sombrios e cautelosos.* – Por favor, acredite que eu pensei que os senhores fossem... – *Ele se interrompe e arregala os olhos.* – Eu... hã...

– O tenente Thrawn lhe fez uma pergunta, Cygni – falou Vanto.

– Sim – respondeu Cygni. *Ele pestaneja duas vezes e volta os olhos para Vanto.* – Desculpe. Meu nome... não; os senhores já sabem meu nome. Desculpe. A questão é que fomos atacados. Por piratas.

– Quem eram eles? – perguntou Vanto. – Eles mencionaram nomes? Usavam algum tipo de insígnia?

– Não – disse Cygni. – Sem nomes. – *Os lábios tremem.* – Pelo menos, nada que eu tenha ouvido. Eu meio que... corri.

Há um breve silêncio.

– Para onde você correu? – perguntou Vanto.

– Há um armário lá atrás onde a capitã Fitz guarda seu estoque particular de comida. – *Cygni vira a cabeça para trás.* – Coisas especiais que ela adquire no decorrer da nossa rota e vende onde quer que consiga obter lucro. Nós costumávamos surrupiar a comida, retirávamos da parte de trás e mantínhamos a frente intacta para que ela não notasse tão rapidamente.

– O que deixou espaço suficiente atrás das embalagens para que você se escondesse?

– Eu sei o que o senhor está pensando – falou Cygni. *A voz fica ríspida.* – Eu deveria ter ficado com os outros. Talvez lutado, talvez... – Ele se interrompeu, e a garganta ficou se mexendo. – E então os piratas os levaram. – *O volume da voz diminui.* – Todos eles. Eu ouvi alguém dizer que eles voltariam para a base e encontrariam um slicer para fazer a nave funcionar. Mas os piratas levaram todo mundo com eles.

– O que aconteceu com o hiperdrive? – perguntou Thrawn.

– Eu mandei Layneo verificar – disse Vanto. – A melhor hipótese é que alguém desativou o hiperdrive antes de os piratas chegarem a ele.

– Sim.. foi isso – concordou Cygni. – A capitã Fitz desativou o hiperdrive. Eu ouvi os piratas ameaçando a capitã. Ou talvez tenha sido Toom, nosso engenheiro, que o desativou. – *Ele fecha bem os olhos.* – Eu ouvi... gritos.

– Você pensou que fossem os piratas voltando? – indagou Thrawn.

– Sim. – *Cygni abre os olhos e gesticula com uma mão para Vanto.* – Eu estava assustado e não me concentrei nos uniformes. Nunca pensei que alguém fosse ouvir o sinalizador ou viesse ver, de qualquer forma. Quando eu vi quem eram os senhores... – Ele se interrompe. – Acho que tive sorte que os senhores simplesmente não atiraram em mim por apontar uma arma de raios para os senhores.

– Nós temos um autocontrole melhor do que isso – disse Vanto. – *Ele olha para Thrawn.* – Ordens, senhor?

– Entre em contato com o *Corvo Sangrento* – disse Thrawn. *Cygni enfia o rosto nas mãos novamente. Os músculos das mãos estão contraídos de tensão.* – Relate a situação para a capitã e informe que farei uma inspeção minuciosa da nave.

– A não ser no compartimento de energia, senhor – disse Layneo ao se juntar a eles, após dobrar uma esquina. – Há um vazamento sério no reator principal.

– Ah, sim... não entre lá – falou Cygni rapidamente. *Ele tira as mãos do rosto e endireita as costas ao erguer o olhar.* – Desculpe... eu deveria ter alertado os senhores sobre aquilo.

– Tudo bem – disse Layneo, em tom sarcástico. – Os indicadores e as travas da comporta foram um indício bem confiável.

– Ah. Certo. – *Cygni suspira. O torso se dobra novamente em uma pose curvada.*

– E então diga para ela – continuou Thrawn para Vanto – que eu recomendo trazer uma tripulação completamente operacional a bordo enquanto tentamos religar o hiperdrive. Se não conseguirmos, eu recomendo tentar abrir os fechos estáticos para que os cilindros de tibanna possam ser removidos e transferidos para o *Corvo Sangrento*.

Layneo fica boquiaberta.

– Ah... sim – disse Vanto cautelosamente. – Senhor, eu suspeito que a capitã vá considerar suas sugestões... um pouco excessivas.

– Pode ser que sim – falou Thrawn. *O rosto de Cygni continua escondido nas mãos.* – Mesmo assim, essas são minhas recomendações.

– Sim, senhor – disse Vanto. – Eu vou enviá-las imediatamente.

– Obrigado, guarda-marinha – agradeceu Thrawn. – Enquanto o senhor faz isso, a técnica Layneo vai me levar aos cilindros de tibanna.

Layneo contrai firmemente o maxilar.

– Sim, senhor – falou ela. – Por aqui.



CAPÍTULO

8

Liderança e obediência são as duas pernas em que se equilibra a vida de um guerreiro. Sem ambas, a vitória não pode ser alcançada.

Liderança depende de informação e compreensão. A obediência, não. Às vezes, um comandante pode escolher compartilhar detalhes de seus planos. Geralmente, ele não compartilha. Em ambos os casos, a obediência deve ser instantânea e completa.

Uma reação automática assim depende da confiança entre comandante e comandados. E confiança só pode ser obtida por meio de liderança.

Eli esperava que a capitã Rossi reagisse mal às recomendações de Thrawn. Ele não ficou desapontado.

– Uma tripulação operacional *completa*? – repetiu Rossi sem acreditar. – Ele ficou maluco?

– Senhora, a carga é extremamente valiosa – salientou Eli contendo uma irritação crescente.

Rossi não deveria simplesmente rejeitar as sugestões de Thrawn de imediato. Mas, da mesma forma, Thrawn também não deveria ter colocado Eli no meio daquela situação. Se quisesse sugerir esse plano maluco, deveria tê-lo feito pessoalmente.

– Se conseguirmos transportar a nave ou o gás tibanna...

– E se ele pensa que vai brincar com vinte cilindros de tibanna enquanto minha nave está no mesmo sistema solar, ele está *muitíssimo* enganado – interrompeu Rossi.

– Sim, senhora – disse Eli olhando feio para o comlink.

Agora a capitã estava sendo exageradamente dramática. Uma explosão de tibanna em efeito cascata era muito terrível, mas não era *tão* grave assim.

– Mas se o tenente Thrawn acha que é possível, pode valer a pena deixá-lo tentar.

– Estaria longe de ser uma grande perda para a Marinha se ele se explodisse em vários átomos – contra-argumentou Rossi em tom sarcástico. – Mas não vou não vou expor tanto assim da minha tripulação a esse risco. De qualquer forma, essa é uma discussão irrelevante. Uma colônia ho'diniana em Moltok está sob fogo a mando do chefão Makurth local e precisa de um pouco de força imperial para acalmar as coisas entre eles antes que a coisa se torne uma guerra completa. Temos que ir.

– Sim, senhora – disse Eli, desejando que pudesse simplesmente deixar a questão de lado e que a decisão de Rossi, bem ou mal, acontecesse como ela imaginava.

Mas Cygni precisava de proteção e justiça também. Assim como a base imperial ou a força local de defesa planetária que encomendou o carregamento de tibanna.

Além disso, Thrawn estava contando com ele.

– E se apenas eu e o tenente Thrawn ficássemos para trás? – sugeriu Eli para Rossi. – Possivelmente com um dos técnicos conosco para nos ajudar? Poderíamos tentar dar partida na nave, e talvez trabalhar no tibanna um pouco. A senhora poderia voltar e nos pegar assim que resolvesse a situação em Moltok.

Houve uma pequena pausa, e Eli conseguiu visualizar Rossi tamborilando os dedos no braço da cadeira enquanto avaliava as opções.

Se Eli fosse um apostador – e se jogatina fosse permitida a bordo do *Corvo Sangrento* –, ele apostaria que a capitã aceitaria qualquer opção que desse a Thrawn maior chance de se explodir. Se o gás tibanna não resolvesse a questão, talvez uma nave cheia de piratas retornando resolvesse.

– Muito bem, guarda-marinha – disse Rossi. – Informe o tenente Thrawn que ele pode ter o equipamento que quiser e até três tripulantes, se ele conseguir encontrar tantos homens assim dispostos a serem voluntários. O senhor ficará com ele de qualquer maneira, é claro. Um oficial importante como ele não pode ficar sem seu ajudante de ordens.

Eli fechou a cara. Ele apostara certo, realmente.

– Sim, senhora – respondeu. – Eu passarei sua mensagem imediatamente.

Dadas as circunstâncias, Rossi sem dúvida supusera que o agrupamento de reparos consistiria apenas de Thrawn e Eli. Provavelmente foi uma surpresa para ela – e uma surpresa nada agradável – quando Barlin, Layneo e Jakeeb se ofereceram como voluntários para ficar também.

– Fico grato que todos os senhores estejam dispostos a ajudar – disse Cygni enquanto ele e os demais observavam o *Corvo Sangrento* executar o salto para a velocidade da luz, na ponte de comando da *Dromedar*. – Eu só torço para que não acabe mal para os senhores.

– Não acabará – garantiu Thrawn. – Guarda-marinha Barlin e técnica Layneo, podem começar quando estiverem prontos.

– Sim, senhor – respondeu Barlin, que ocupou o posto do leme. – Layneo?

– Deixe comigo, senhor – respondeu Layneo enquanto puxava uma cadeira para a estação do computador central. – Lá vamos nós.

– O que eles estão fazendo? – perguntou Cygni, que baixou o tom de voz para um sussurro, como se temesse atrapalhar o serviço dos imperiais.

– Estão tentando executar o que é conhecido como uma porta dos fundos assimétrica – informou Thrawn. – É um código escondido na programação de muitos computadores de naves precisamente para este propósito.

Cygni assobiou baixinho.

– Eu nunca ouvi falar disso. Bacana. – Ele deu uma olhadela de lado para Thrawn. – Também nunca ouvi falar de um não humano como um oficial imperial. O senhor é uma espécie de Pantorano, certo?

Eli respirou fundo e se preparou para salientar que Pantoranos não tinham olhos vermelhos...

– Mais ou menos, sim – disse Thrawn. – O que eu sou é um tenente da Marinha Imperial.

– Certo – repetiu Cygni. – Desculpe, não tive a intenção de me intrometer. Eu só... não se ofenda.

– Não me ofendi – falou Thrawn. – Guarda-marinha Vanto, vá à sala de máquinas e abra o caixote que mandei que fosse entregue a bordo. Vamos nos juntar ao senhor em breve.

– Sim, senhor – disse Eli, franzindo de leve a testa.

Havia algo na maneira como Thrawn estava agindo, alguma coisa que Eli não sabia identificar exatamente. Será que ele estava preocupado com a nave? Com o gás tibanna? Os piratas? A capitã Rossi?

Na verdade, vendo por esse lado, não era surpresa alguma que Thrawn pudesse estar preocupado.

O caixote fora deixado do lado de fora do compartimento de carga, onde a fileira de cilindros de tibanna estava disposta contra a parede. Eli olhou o interior do compartimento – Jakeeb estava lá dentro fazendo as análises que Thrawn pedira – e depois começou a trabalhar no caixote. Ele conseguiu abri-lo.

E arregalou os olhos. Eli não fazia ideia de que Thrawn havia trazido...

– Mas o que é isso? – A voz estupefata de Cygni surgiu por trás dele. – É um *droide serra*?

– É, sim – respondeu Thrawn calmamente. – Estou surpreso que tenha reconhecido.

– Eles não eram exatamente uma arma secreta – disse Cygni, que foi até Eli e se ajoelhou ao lado dele para espiar o interior do caixote. – É um Mark Um, não é? Raro. Está funcionando? Por favor, me diga que não está funcionando.

– Claro que está funcionando – falou Thrawn. – Caso contrário, não teria serventia.

Cygni olhou para Thrawn, depois para o droide serra, depois voltou a olhar para Thrawn.

– Ok, não entendi – disse ele. – Essas coisas foram feitas para devorar caças estelares, certo?

– Eles têm outras serventias – falou Thrawn. – Venha. Vou explicar.

Ele se virou e passou pela comporta para entrar no compartimento de carga. Cygni viu Thrawn indo embora, depois se voltou para Eli.

– Ele está falando sério? Sobre usar os droides serra lá dentro, quero dizer?

– Considero que sim – respondeu Eli.

– Sério. – Cygni olhou para a comporta novamente, depois deu de ombros e gesticulou para Eli. – Depois de você. Isso é algo que eu *tenho* que ver.

Thrawn estava ao lado de Jakeeb, conversando em tom baixo, quando Eli e Cygni se juntaram a eles.

– O técnico Jakeeb confirma minha hipótese inicial – disse Thrawn. – O fecho estático realmente sela os cilindros de tibanna, mas apenas a partir deste lado.

– Perdão? – perguntou Cygni, parecendo ainda mais confuso. – O que o senhor quer dizer com *deste* lado?

Thrawn gesticulou.

– Técnico Jakeeb?

– O fecho só fica no lado dos cilindros voltado para o compartimento de carga – explicou Jakeeb. – Veja, eles estão presos no casco com suportes de meio metro. Essa é uma distância muito pequena para o fecho dar a volta completa por trás; ele se apagaria sem energia ou sofreria um curto-circuito. Então o fecho só está presente nas superfícies dentro do compartimento.

– Embora também esteja em volta das extremidades da fileira de cilindros, presumo – disse Eli, que agora estava entendendo aonde Thrawn queria chegar com aquilo.

– Correto – confirmou Jakeeb. – Apenas não na parte traseira. Então, para poder retirá-los, a melhor forma é atravessar o casco.

– Daí o droide serra – falou Cygni, parecendo espantado. – *Uau!* Por que ninguém pensou nisso antes?

– Ah, já pensaram – disse Jakeeb. – A questão é que não é tão simples quanto parece.

– Por quê?

– Primeiro: a pessoa tem que arrumar um droide serra e provavelmente reconstruí-lo – disse Jakeeb, enumerando com os dedos. – Segundo: dito isso, os cascos de naves grandes são mais espessos e duros que os cascos de caças velhos. A probabilidade é grande que o droide vá se quebrar no meio do caminho. Terceiro... – Ele olhou para Thrawn e ergueu as sobrancelhas.

– Terceiro: a pessoa necessariamente esvaziará um dos cilindros no espaço quando cortar a nave – explicou Thrawn. – Isso representa uma perda que muitos não estão dispostos a aceitar.

– Embora perder um em vinte cilindros não seja ruim, em termos de porcentagem – ponderou Cygni. – Especialmente se a alternativa é perder todos eles. Então, pelo que entendi, assim que aquele cilindro for drenado, é possível cortá-lo em pedacinhos e jogá-lo fora pelo buraco no casco, que dá acesso aos demais por trás. Aí é só ir passando pela fileira inteira, cortando todos os suportes e liberando um por um?

– Exatamente – concordou Jakeeb. – Leva tempo, mas, assim que se retira o primeiro cilindro, é uma operação puramente mecânica. – Ele olhou para Thrawn novamente. – Há outro *probleminha*, é claro. Jogar o tibanna para fora da nave teoricamente não dá problema. Mas, se a pessoa aquecer o vapor da

maneira certa... bem, pode haver problemas.

– Tipo explodir a nave? – perguntou Cygni.

– Não um problema *tão* grande assim – respondeu Jakeeb. – Mas seria uma confusão.

– Felizmente, isso não será necessário, afinal de contas – disse Thrawn.

Eli viu que ele estava com a cabeça inclinada um pouco para o lado, como se estivesse ouvindo algo.

– Por que não? – indagou Cygni.

Como resposta, Thrawn puxou o comlink.

– Guarda-marinha Barlin? Estou ouvindo o hiperdrive sendo ativado?

– Sim, senhor, está ouvindo sim. – A voz de Barlin veio baixa pelo comlink. – Passamos pela

segurança e estamos prontos para partir. Cygni está com as coordenadas do destino? Ou vamos simplesmente levar a nave para Ansion?

– Nem uma coisa, nem outra, infelizmente – disse Cygni baixinho.

Eli franziu a testa e se voltou para ele.

E travou. O tripulante triste, nervoso, azarado havia sumido. No lugar dele estava outra pessoa: tranquila, calma e extremamente confiante.

Havia uma pequena arma de raios firme na mão.

– Mas que *diabos*? – sussurrou Jakeeb.

Cygni ignorou o comentário. Ele puxou o comlink com a mão livre e ligou.

– Tudo ok – informou Cygni. – Três com o tibanna; dois na ponte. – Ele ergueu as sobrancelhas na direção de Thrawn. – Eu agradeceria se você mandasse que Barlin e Layneo se rendessem calmamente.

– Por que eu os privaria do direito e do dever de defenderem suas vidas? – contra-argumentou Thrawn.

– Porque, se eles se renderem, sairão ilesos – disse Cygni. – Eu lhe dou minha palavra.

– E esses aqui? – perguntou Thrawn, inclinando a cabeça na direção de Eli e Jakeeb.

– Todos vocês sairão ilesos – falou Cygni. – Tudo o que queremos é o tibanna. – Ele torceu o nariz. –

Bem, e a nave também. Acho que é desnecessário dizer.

Antes que Thrawn pudesse responder, meia dúzia de homens grandes e brutos apareceu e entrou no compartimento de carga pela comporta. Um deles, um magro com uma trança na barba, ergueu a arma de raios...

– Baixem as armas – disparou Cygni. – Eles se renderam. Sem disparos. Angel, eu disse para *baixar*.

O homem com a trança na barba o ignorou.

– O que diabos é *isto*? – perguntou o sujeito, que apontou para Thrawn com a arma de raios.

– *Isto* – respondeu Cygni – é um tenente da Marinha Imperial. Agora, baixe a arma. – Ele olhou para Thrawn. – Tenente?

Por um momento, Thrawn o avaliou; a seguir, ergueu o comlink mais uma vez.

– Guarda-marinha Barlin, um grupo de piratas está a caminho. Eles receberão ordens de não machucá-los se os senhores se renderem sem resistência. O senhor se renderá.

– Senhor?

– Renda-se, guarda-marinha. Isso é uma ordem. – Thrawn guardou o comlink. – Gostaria de aceitar minha rendição pessoalmente, senhor Cygni?

– Não precisa, tenente – respondeu Cygni, sem se mexer. – Eu não sinto nenhum prazer especial em derrotar meus oponentes. Angel? Desarme-os, por favor.

– É claro. – Angel deu um sorriso cruel. – Porque *eu* sinto. Então não banque o espertinho.

Ele gesticulou para que três capangas fossem à frente. Pelo rabo do olho, Eli viu Jakeeb se preparar para entrar em ação.

– Descansar, Jakeeb – murmurou ele. – O senhor recebeu uma ordem.

Jakeeb soltou um suspiro.

– Sim, senhor.

Um momento depois, os imperiais foram desarmados.

– Ótimo – disse Cygni, que aos olhos de Eli parecia mais relaxado, agora que o risco de combate passara. – Melhor chamar sua nave, Angel.

– Já foi chamada – falou Angel. – Imagino que você queira que eu jogue esse pessoal com os demais.

– Foi o acordo – respondeu Cygni. – Sem mortes; sem ferimentos. E, caso eu não tenha mencionado, já tenho pessoal em terra firme no ponto de entrega para garantir que você solte todo mundo em segurança.

– Bem, você sabe, ora, as coisas nem sempre acontecem da maneira como você quer – alertou Angel, cujos olhos, notou Eli, não deixaram Thrawn por um minuto. – Às vezes ocorrem acidentes. Às vezes ocorrem problemas. Pode haver...

– Às vezes há consequências que você realmente não vai querer encarar – interrompeu Cygni, que não elevou a voz, mas algo no tom com que disse isso causou um frio na espinha de Eli. – Chega de marra. Você está com os outros dois imperiais? Ótimo. Traga-os aqui. Assim que sua nave chegar, vamos transferi-los para lá. Acredito que você tenha decidido quais dos seus homens vão me ajudar a levar a *Dromedar* para o porto?

– Ah, sim, estou com sua equipe – falou Angel, ainda encarando Thrawn. – Começando por mim.

Cygni franziu a testa.

– Não há necessidade de você vir pessoalmente – disse ele. – Pegar os cilindros vai levar um tempo, não importa se nós quebrarmos o fecho estático ou usarmos a ideia do tenente Thrawn de retirá-los pelo casco. Há muito tempo para você entregar os prisioneiros e se reunir a nós.

– Eu sei – respondeu Angel. – Apenas gosto da sua companhia, só isso. – Ele apontou com a cabeça na direção de Thrawn. – Só estava dizendo que acidentes *realmente* acontecem. Não estou falando que vão ou não vão acontecer, e sim que é possível que aconteçam.

Cygni encarou Angel com uma expressão ilegível no rosto. Olhou para Thrawn, depois voltou para Angel. Eli ficou tenso...

– Deixe-me aumentar o valor do que está em jogo – disse Cygni. – Você notou aquela caixa no corredor quando entrou?

– Sim – respondeu Angel. – Aquilo é um droide serra?

– É, sim – falou Cygni. – Leve-o como bônus. Provavelmente vale uns...?

Ele ergueu uma mão para Thrawn.

– Duzentos créditos no Estado – disse Thrawn.

Cygni deu um muxoxo de desdém.

– Você não faz ideia, tenente. Aquele é um Mark Um, Angel. Nos preços de hoje, provavelmente vale mil créditos só pela carapaça de dúnio do núcleo.

Angel lançou um olhar espantado para o droide.

– Ele tem uma carapaça de *dúnio*?

– Dúnio refinado, reforçado e pronto para ser arrancado pelo comprador certo e jogado no mercado negro – confirmou Cygni. – Mil créditos. Duzentos por cada um dos cinco imperiais até então inúteis. Apenas para mantê-los vivos.

Angel torceu o nariz.

– Beleza – respondeu relutantemente. – Claro. Creio que sim.

– Se isso não for suficiente, pense assim – disse Cygni. – Se eu não os tivesse convencido a se render, os imperiais teriam lutado, e alguns de seus homens estariam mortos agora. Talvez até mesmo você.

– Eu disse que está *beleza* – falou Angel com desdém. – Se eles andarem na linha, eu solto os imperiais com o resto. Está contente?

Cygni inclinou a cabeça.

– Você pode não perceber, Angel, mas vale a pena construir uma reputação por manter a palavra.

– Não com o pessoal com quem eu trabalho – disse Angel. – Beleza. Vamos acabar logo com isso.

– Só porque eu não tenho a sua reputação cristalina, você acha que não é possível confiar que eu vá fazer o que prometi? – *Angel olha para trás, na direção dos prisioneiros e dos outros piratas. Os olhos estão franzidos, os lábios, contorcidos, com os cantos voltados para baixo. Os músculos da garganta e das costas estão contraídos.*

– De maneira alguma – respondeu Cygni. *O tom é calmo, as palavras, conciliatórias. Os movimentos são cuidadosos e precisos. O rosto demonstra pouca expressão, mas há um músculo tenso por trás da bochecha.* – Já que estou aqui, pensei em dar uma olhada nos outros prisioneiros. Seus homens foram um pouco violentos com alguns deles.

– Ei, se a pessoa dá um soco em um Senke, ela recebe de volta com juro – rosnou Angel. – Eles têm sorte que não atirei para matar.

– Sim – murmurou Cygni. – Muita sorte.

– O que é um Senke? – perguntou Thrawn.

– O quê? – indagou Angel. *Os olhos se apertam, o rubor se intensifica. O tom é cauteloso e subitamente irritado, talvez indicando arrependimento por ter falado a palavra.*

– Não é uma palavra que eu tenha ouvido falar antes – disse Thrawn. – Guarda-marinha Vanto?

– Também nunca ouvi – respondeu Vanto. *O tom é cauteloso, mas interessado.* – Alguma gíria, acho eu. Provavelmente quer dizer “idiota”.

Angel dá um passo na direção de Vanto. A expressão está subitamente furiosa. As mãos se fecham em punhos.

– Preste atenção, bonitão...

– Já chega – disse Cygni. – Vamos, Angel. Temos um cronograma a cumprir.

A tripulação da *Dromedar* estava trancafiada em uma enorme jaula de barras de metal que fora construída no terço final do compartimento de carga, na popa e a estibordo da nave pirata. Havia dez tripulantes: sete humanos de idades, tamanhos e tons de pele variados; dois Grans, cada um com os três olhos e os típicos focinhos parecidos com cabras da espécie; e uma Togruta, com os chifres cônicos e tentáculos listrados na cabeça que a destacavam dos prisioneiros. *A Togruta observa os novos prisioneiros se aproximando, com as mãos alisando lenta e verticalmente uma das barras da prisão. Ela olha brevemente para cada um dos imperiais, depois volta a atenção para Angel.*

Quando chegaram à jaula, Angel tirou uma chave de uma corrente em volta do pescoço e abriu o cadeado que prendia a porta. A tranca era mecânica, imune a arrombamento eletrônico. A chave em si tinha uma forma complexa e sinuosa, com vários dentes e reentrâncias, provavelmente difícil ou impossível de duplicar.

Três piratas apontaram as armas de raios para os prisioneiros na jaula enquanto Angel abria o cadeado. Ele abriu a porta e gesticulou.

– Entrem.

Angel esperou até que os cinco imperiais estivessem do lado de dentro, depois fechou a porta e passou o cadeado.

– Satisfeito? – perguntou para Cygni.

Ele passou a chave para outro pirata, que pendurou a corrente no próprio pescoço e enfiou a chave no fundo da camisa.

– Por enquanto – disse Cygni. – Lembre-se: todos eles serão soltos como combinamos. Ilesos. – *Ele ergue as sobrancelhas em um desafio silencioso.* – Sem acidentes. Faça com que seus homens se lembrem disso.

– Não se preocupe – rosnou Angel. – Seus preguiçosos... voltem aos seus postos. Quero que estejam no Encom em seis dias. – *Ele encara Cygni novamente e franze os olhos.* – E lembrem-se de não

machucar nenhum deles quando forem soltá-los. Andem, vamos sair daqui.

Ele saiu do compartimento de carga e foi para a proa, acompanhado por seus homens. *Cygni dá um último olhar para os prisioneiros, com a boca bem cerrada, e depois vai atrás.*

– Eu imagino que vocês sejam o nosso esquadrão de resgate? – perguntou uma das humanas na jaula. *O lábio está contorcido, talvez com desdém ou sarcasmo.*

– Algo assim – respondeu Vanto. – Este é o tenente Thrawn; eu sou o guarda-marinha Vanto. Você é a capitã Fitz?

– Sim – disse a mulher. – Então ele engabelou vocês também?

– Quem, Cygni?

– É – concordou Fitz. – Entrou a bordo da *Dromedar* com autorizações falsas e depois conseguiu pegar todo mundo de calças curtas.

– Ele não pegou *todo mundo* – corrigiu Layneo. – Ele disse que você desativou o hiperdrive.

– É – repetiu Fitz. – O que não adiantou de muita coisa. Então Cygni convenceu vocês a religá-lo para ele?

– Mais ou menos – disse Vanto.

Fitz praguejou.

– Então acabou. A nave está perdida, o tibanna está perdido, e estamos acabados. Era melhor que nos matassem.

– Eu não perderia as esperanças ainda – falou Vanto. – Tenente?

– Ainda não, guarda-marinha – disse Thrawn. – Paciência.

– Ainda não o quê? – perguntou Fitz. – Ei, olhos brilhantes, estou falando com você.

– Provavelmente está pensando no que vai dizer no relatório – falou um dos prisioneiros. – Tem que fazer essa confusão parecer favorável de alguma forma.

– Cuidado com o que vocês dizem – alertou Vanto. – Vocês estão falando de um oficial da Marinha Imperial.

– É, estou *muito* impressionada...

– Eu falei *cuidado com o que vocês dizem*. – Vanto não eleva o tom de voz, mas o efeito nos prisioneiros é imediato. *Fitz dá um olhar velado para o guarda-marinha e baixa os olhos. O rubor cresce.*

– Desculpe – disse ela em voz baixa.

– Obrigado – falou Vanto. – E se vocês acham que o tenente Thrawn está perdendo tempo com desculpas, estão redondamente enganados. Tenente?

– Mais um momento – disse Thrawn.

– Veja bem, tenente... – começou Fitz.

– Ele mandou esperar – falou Vanto.

– Pelo quê? – *Fitz cerra os dentes, depois obriga-os a relaxar.* – Pelo que estamos esperando?

– Por Cygni e os demais voltarem a bordo da *Dromedar* e pularem para a velocidade da luz – explicou Thrawn. – Estou na contagem regressiva do tempo estimado agora.

– Você *quer* que ele fuja com a nossa nave?

– Calada, capitã – disse Vanto.

– Mas...

– Eu disse *calada* – repetiu Vanto. *Novamente, a voz permanece estável e controlada, mas a determinação e a confiança novamente calam o protesto de Fitz.* – Eu não vou pedir novamente.

A jaula ficou em silêncio. Thrawn continuou contando.

E então, a hora chegou.

– Técnica Layneo, a senhorita conhece os controles eletrônicos de uma nave deste tipo? – perguntou ele.

– Não deste tipo especificamente, senhor – respondeu Layneo. *Ela espia a entrada do compartimento de carga por entre as barras de metal.* – Mas eu olhei para a estrutura dos controles do motor ao entrar e me pareceu bem padrão. O que o senhor precisa que eu faça?

– Se isolarmos a ponte, podemos comandar a nave daqui?

Um burburinho passa pelos prisioneiros.

– Provavelmente – disse Layneo. – Guarda-marinha Barlin?

– Acho que é possível, tenente – concordou Barlin. – Porém, vai ser necessária uma reprogramação ligeira. Se os piratas forem suficientemente rápidos, podem conseguir desabilitar alguns dos circuitos antes que nós consigamos anulá-los.

– Acho que nós conseguimos mantê-los ocupados – disse Thrawn.

– Parece ótimo – falou a capitã Fitz. – Só que os circuitos estão lá fora, e nós estamos aqui dentro.

– Acho que não por muito mais tempo, capitã – disse Vanto. – Tenente, o senhor quer que lhe demos espaço?

– De maneira alguma, guarda-marinha. – Thrawn retirou a divisa. – O senhor me perguntou uma vez o que eu faria com a divisa sobressalente que o comandante Deenlark me deu na Academia?

Vanto se inclina à frente, com a testa franzida. Ele examina a divisa, os componentes eletrônicos e os microinterruptores parcialmente visíveis na parte de trás. Vanto desfaz o cenho franzido.

– Isso é um convocador, não é?

– Sim – respondeu Thrawn.

– Espere aí – disse Fitz. – Você está dizendo que sua nave está suficientemente perto para chamar...? Não, isso não faz sentido.

– Nossa nave já se foi há muito tempo – falou Vanto. *Ele sorri.* – Mas não é isso que ele vai chamar.

– Então vai chamar o quê? – Fitz exigiu saber.

Cinco segundos depois, ela obteve a resposta.

Holovídeos da era das Guerras Clônicas mostrando o ataque de droides serras em caças da República eram bastante impressionantes. Mas combates como aqueles ocorriam no vácuo do espaço, com apenas sons tênues gravados via condução metálica. O droide que agora varava o anteparo do compartimento de carga cortando e serrando na direção deles fazia muito mais barulho do que Thrawn esperava.

– Recuem! – berrou ele acima do ruído quando as lâminas das serras, as pontas da broca e a lâmina brilhante do plasmaçarico apareceram através do metal do anteparo.

Assim que o droide penetrasse o cômodo, a única coisa entre ele e o convocador seria a jaula em si. O sincronismo seria vital para permitir que ele cortasse as barras e não continuasse na direção do controle remoto e de quem o empunhasse.

O droide irrompeu pelo anteparo, jogando longe alguns últimos estilhaços de metal. Ele se fechou na forma esférica para continuar seguindo seu vetor sem ser interrompido e cruzou o compartimento de carga. O droide bateu na jaula e se abriu novamente, os apêndices com ponta de gancho agarraram uma barra enquanto a serra circular e o maçarico atacaram duas outras. Um trecho de um metro de uma das barras foi cortado e caiu fazendo barulho no convés, e a lâmina foi para a próxima barra.

– Isso vai levar tempo demais – alertou Vanto.

Thrawn já havia estimado o avanço do droide. Vanto estava certo.

– Concordo – disse o Chiss.

Ele deu dois passos para a direita e moveu o convocador para o outro lado da porta da jaula. O droide se dirigiu para Thrawn, que reposicionou o convocador e trouxe o droide diretamente para a porta. Com um ajuste final, a serra do droide começou a varar o mecanismo da tranca.

Thrawn olhou para a entrada do compartimento. Dentro de mais alguns segundos, os piratas daquela área da nave certamente viriam investigar.

Ele voltou o olhar para a porta da jaula e novamente calculou o avanço do droide. O tempo seria

curto.

– Cuidado! – gritou um dos prisioneiros.

Três piratas apareceram abruptamente pela comporta. *O ritmo deles esmorece, os olhos se arregalam e os queixos caem quando eles veem o droide serra varando a jaula. Um segundo depois, eles se recuperam da surpresa e levam as mãos levemente trêmulas com os últimos resquícios do susto às armas de raios. As expressões mudam de surpresa para raiva.*

Thrawn meteu a mão entre as barras da jaula e jogou o convocador acima da cabeça deles, fazendo-o cair no convés da sala de máquinas atrás dos piratas. Instantaneamente, o droide serra fechou os instrumentos cortantes, se soltou da jaula e disparou pelo compartimento de carga na direção dos piratas.

Os piratas arregalam os olhos novamente. As armas de raios estavam apontadas para os prisioneiros, mas agora os piratas as voltaram para o droide que se aproximava e atiraram.

Mesmo com uma carapaça interna de dúnio, o mecanismo interno do droide serra era vulnerável a tiros de armas de raios. Mas a carapaça esférica externa era muito mais forte. Todos os tiros dos três piratas acertaram, mas nenhum penetrou. Eles dispararam novamente, e todos os três tiros erraram. Dois piratas se atiraram no convés, na tentativa de se desviar da aproximação do droide. O terceiro foi lento demais e foi atingido por um golpe de raspão que o fez sair girando.

Ao lado de Thrawn, Jakeeb deu um passo à frente, agarrou as barras de cima da jaula e meteu as solas dos pés na porta. A parte do mecanismo da tranca que permanecia ileso se soltou com o impacto. Jakeeb caiu de volta no chão e saiu da jaula abaixado. Barlin, Layneo e o resto dos prisioneiros foram logo atrás dele.

Houve um breve combate corpo a corpo. Quando terminou, todos os três piratas estavam inconscientes.

– Muito bem – disse Thrawn. – Guarda-marinha Vanto, técnico Jakeeb, capitã Fitz: peguem as armas de raios deles e protejam o acesso a esta seção. Guarda-marinha Barlin e técnica Layneo: o sistema de controle.

– Sim, senhor – respondeu Barlin, que correu em direção aos painéis de controle, seguido por Layneo e três tripulantes da *Dromedar*.

– Vamos precisar de mais armas se formos resistir – falou a capitã Fitz.

– Isso muito provavelmente será desnecessário – disse Thrawn. – Os piratas que ainda estão à frente da comporta de entrada não se juntarão a nós.

– O que vai detê-los? – perguntou Fitz.

– As travas de segurança da comporta interna – respondeu Thrawn, que apontou para a frente, na direção de luzes vermelhas que piscavam ao longe. – Neste exato momento, a câmara de entrada e a seção à meia nave foram abertas para o vácuo.

– *O quê?* – perguntou Fitz. *Os músculos dela ficam tensos de surpresa e perplexidade.* – Como assim...?

– Relaxe, capitã – disse Vanto. *Ele sorri com satisfação e humor negro.* – O tenente Thrawn está sempre preparado. Por acaso, ele também possui um segundo droide serra.

Fitz fica calada por dois segundos. Depois um sorriso lento se espalha pelo rosto.

– Que azar para nossos piratas – falou ela. – Tenente Thrawn, creio que a nave seja sua. Que rumo tomamos?



CAPÍTULO

9

Um grande estrategista cria planos. Um bom estrategista reconhece a solidez de um plano que lhe é apresentado. Um estrategista regular precisa ver o plano dar certo antes de aprová-lo.

Aqueles que não têm nenhuma capacidade estratégica talvez jamais entendam ou aceitem o plano.

E também não entenderão ou aceitarão o estrategista. Para as pessoas sem tal capacidade, aqueles que a possuem são um mistério.

E, quando uma mente é muito deficiente em termos de compreensão, o espaço resultante geralmente é preenchido por ressentimento.

– Deixe-me entender direito – rosnou a capitã Rossi, olhando para Eli e Thrawn. – Os senhores estão dizendo que se *deixaram* capturar?

– Sim, senhora – disse Thrawn. – Pareceu a maneira mais simples de encontrar e resgatar a tripulação da *Dromedar*.

– Que diabos de risco estúpido – rechaçou Rossi categoricamente. – Especialmente quando o senhor nem sequer sabia que ainda estavam vivos.

– Achei que havia boa chance de ainda estarem vivos, senhora – explicou Thrawn. – Cygni não é um assassino malévolo ou fortuito. Se fosse, simplesmente teria atirado em nós três quando o guarda-marinha Barlin destravou o hiperdrive. Estávamos com as costas voltadas para ele, e Cygni tinha um tiro desimpedido.

– Aí são *dois* riscos estúpidos – disse Rossi. – E não apenas um risco para sua própria vida, mas também para a vida da minha tripulação.

– Não foi um risco grave – argumentou Thrawn. – Eu estava observando o reflexo de Cygni nos cilindros de tibanna. Se ele tivesse se preparado para disparar, eu teria notado a mudança de postura a tempo de detê-lo.

Rossi soltou um muxoxo de desdém.

– O senhor tem uma resposta para tudo, não é?

– Parte do meu trabalho é antever as ações de nossos inimigos.

Rossi disparou um olhar para Eli, como se o desafiasse a dizer algo. Mas ele não era bobo. Já tinha visto a capitã naquele estado de espírito e sabia que ela estava se coçando para encontrar algo que pudesse jogar na cara de Thrawn.

Só que, neste caso, a capitã Rossi estava sem sorte. Thrawn superara Cygni estrategicamente, superara os piratas e também superaria Rossi.

– Parece mais pura sorte do que um planejamento sólido – retrucou a capitã, que voltou o olhar feio para Thrawn e aumentou um pouco a intensidade. – O senhor não tinha como saber que Cygni não era exatamente quem alegava ser até ele sacar aquela arma de raios.

– Pelo contrário, senhora, eu sabia que Cygni era um infiltrado desde o início – respondeu Thrawn calmamente. – A roupa dele estava coberta de poeira, o que indicava que ele estivera na área dos cilindros de tibanna e na sala de máquinas. Um integrante da tripulação teria nos alertado sobre o suposto vazamento do reator assim que percebesse que não éramos piratas. No entanto, Cygni não fez isso.

Eli estremeceu. Ele perdera essa pista completamente.

– Grande erro da parte dele.

– Foi mais um risco calculado – disse Thrawn. – Cygni sabia que havia o perigo de alguém notar o lapso, mas também sabia que, se atraísse nossa atenção para o vazamento, poderíamos ficar curiosos por ele haver mencionado aquela ameaça específica. Isso poderia ter nos levado a examinar o compartimento do reator com mais atenção, coisa que ele não podia se dar ao luxo de deixar que fizéssemos.

– Porque, se tivéssemos examinado, teríamos descoberto o resto dos piratas – falou Eli, concordando com a cabeça.

– Isso ainda teria levado à nossa captura, pois eles tinham superioridade numérica significativa – explicou Thrawn. – Mas aí Cygni teria perdido a chance de religar o hiperdrive e levar o tibanna, e esse era o seu objetivo principal.

– A não ser que obrigasse Barlin e Layneo a fazer isso sob a mira de uma arma de raios – disse Eli, sentindo um arrepio na espinha.

Cygni podia ter alguns limites morais, mas Eli não teria apostado um crédito amassado que encontraria os mesmos padrões éticos em Angel ou no resto dos piratas.

– Ele não teria sido bem-sucedido.

– Talvez, talvez não – falou Rossi. – O que nos traz ao *seu* senso de prioridades.

– Senhora?

– O senhor tinha uma decisão a tomar, tenente – disse Rossi. – A *Dromedar* e sua carga ou a fragata pirata e a tripulação da *Dromedar*. O senhor escolheu a segunda opção. – Ela balançou a cabeça. – Escolha errada.

Os olhos de Thrawn voltaram-se para Eli.

– Nós salvamos a tripulação, senhora – falou ele, parecendo mais confuso do que Eli jamais o tinha visto. – E capturamos vários piratas e a nave deles.

– Nada disso chega se igualar a sequer *um* tanque de gás tibanna, quanto mais vinte – disse Rossi sem rodeios. – Estou esperando por uma ordem de Coruscant, mas, até que me mandem uma, eu não tenho escolha a não ser suspendê-lo.

Eli ficou nervoso.

– Capitã, a senhora...

Eli parou de falar quando Rossi virou o olhar furioso para ele.

– O senhor tem algo a dizer, guarda-marinha?

– Ele não tem – falou Thrawn ao lançar um olhar de advertência para Eli. – Eu imagino que serei deixado para trás em Ansion enquanto a senhora continua com sua patrulha?

– Sim – disse Rossi, parecendo mais aborrecida ainda pelo fato de não ter chegado a dar aquela mensagem. – Vai depender do almirante Wiskovis se o senhor ficará confinado ao seu alojamento. Dispensado.

Eli cerrou os dentes. Aquilo era completamente injusto. Ele abriu a boca para dizer isso...

Rossi chegou lá primeiro.

– Uma palavra sua, guarda-marinha – alertou ela –, e o senhor ficará aqui com ele.

– Isso não será necessário, capitã – falou Thrawn. – Tenho certeza de que o guarda-marinha Vanto

será de grande valor para a senhora no resto da patrulha.

– Tem, é? – disse Rossi. – Pensando melhor, acho que eu não deveria privar o meu tenente para serviços especiais de seu ajudante de ordens, não é? Parabéns, Vanto; o senhor acaba de ganhar uma folga em terra firme. Uma folga *prolongada*.

Eli sentiu um nó no estômago. Mas que *diabos*?

– Barlin vai levá-los à base – falou Rossi.

Os olhos da capitã ainda estavam em Eli, como se ainda esperasse algum comentário ou reclamação. Novamente, Eli não era bobo.

– Eu informarei a Wiskovis para esperá-los. Dispensados.

Eles saíram do gabinete, Thrawn em silêncio, Eli fervilhando de raiva em silêncio. O que havia sido *aquilo*? Tinha sido proposital. Rossi podia não ter percebido, mas, por outro lado, ela não passara tanto tempo com Thrawn quanto Eli. Para ele, os sinais foram claros como a luz do dia: o Chiss propositalmente levava a capitã a expulsar Eli da *Corvo Sangrento* junto com ele.

Mas por quê? Por que ele faria isso? Será que Thrawn manipulava Rossi apenas pela diversão ou pelo desafio?

Ou havia outra coisa acontecendo por trás dos olhos vermelhos brilhantes de Thrawn? Será que ele estava com tanto medo de perder seu ajudante de armas que não ousava deixar Rossi – ou qualquer outra pessoa a bordo da *Corvo Sangrento* – ver o que Eli realmente era capaz de fazer?

Sendo sincero, o próprio Eli só tinha uma vaga ideia do que poderia ser aquilo. Ele era bom com números e valores de provisionamento – diabos, Eli era *extremamente* bom com eles. Mas era questionável, na melhor das hipóteses, se ele conseguiria demonstrar algo desse talento durante o tempo supostamente breve em que ficaria fora da sombra de Thrawn.

– Minhas desculpas, guarda-marinha Vanto – disse o Chiss calmamente em meio ao emaranhado de pensamentos de Eli. – Eu sei que o senhor gostaria de retornar à *Corvo Sangrento*. Sob circunstâncias normais, eu teria ficado contente em permitir que o senhor mostrasse à capitã Rossi e aos demais o alcance e a qualidade de suas capacidades, mas as condições aqui não são normais.

– *Algum dia* as condições são normais na Marinha Imperial, senhor? – rosnou Eli.

Ainda assim, ele sentiu a curiosidade se agitando dentro do ressentimento. Havia uma intensidade no tom de Thrawn que era estranhamente contagiante.

– O que é especialmente anormal a respeito desta situação?

– A capitã Rossi está certa: o gás tibanna é de grande valor e, portanto, de grande interesse – respondeu Thrawn. – Se vamos encontrar a *Dromedar* antes que os cilindros sejam removidos, temos que agir rápido.

– Ouvi dizer que o DSI está enviando um interrogador – disse Eli, sentindo um embrulho no estômago.

O Departamento de Segurança Imperial era uma parte necessária da manutenção da ordem, mas às vezes se esforçava para ser malvisto, suspeito e temido.

– Eu duvido que os piratas tenham muitos segredos depois de o interrogador terminar o serviço com eles.

– Essa é, de fato, a reputação do DSI – concordou Thrawn. – Mas o interrogador pode não chegar a tempo ou pode não extrair a informação necessária tão rápido. Lembre-se, só temos quatro dias antes que Angel note que sua nave deixou de aparecer e comece a suspeitar.

– Ou pelo menos fique furioso. – Eli franziu a testa de lado para Thrawn quando subitamente compreendeu. – *O senhor* vai interrogá-lo?

– Considerando que eu consiga persuadir o almirante Wiskovis a me dar permissão – falou Thrawn. – Diga-me, o que já sabemos?

Eli abanou a mão.

– Basicamente nada.

Thrawn permaneceu calado. Eli cerrou os dentes.

– Beleza – disse ele, suspirando. Este era outro jogo em que Thrawn era muito bom. – Sabemos que eles estavam a seis dias do ponto de encontro, incluindo uma parada para soltar os prisioneiros e nós em algum lugar. Como o senhor disse, isso nos dá quatro dias para chegar aonde eles estavam indo, mas nem sabemos que direção tomar.

– Nós capturamos informações dos sensores da nave pirata – comentou Thrawn.

Eli balançou a cabeça.

– Não dá para dizer só pelo vetor de partida para onde uma nave está indo.

– É verdade – concordou Thrawn. – Mas não faria sentido deixar registrada a direção totalmente oposta, especialmente porque eles sabem que têm tempo limitado antes que o desaparecimento da *Dromedar* se torne conhecimento público. Então podemos presumir que o destino deles se encontra dentro de um cone de mais ou menos 90° ao redor do vetor de partida.

Eli franziu os lábios. Aquele cone cobria a localização atual deles em Ansion, então pelo menos chegar ao destino de Cygni em quatro dias não era completamente impossível.

Onde quer que *tal lugar* fosse. Quanto a isso, eles ainda não faziam ideia.

– O que mais nós sabemos? – insistiu Thrawn. – De que Angel chamou o ponto de encontro?

Eli teve que puxar da memória.

– Ele chamou de Encom – disse ele. – Eu imagino que o senhor já tenha procurado por um planeta com esse nome?

– Sim – respondeu Thrawn. – Não há planeta ou grande cidade listada nos registros. Mas note que Angel chamou o lugar de o Encom e não simplesmente de Encom. Isso pode indicar que seja um termo coloquial ou gíria.

– Um termo para o quê?

– Eu não sei ainda – falou Thrawn. – Mas creio que, com as perguntas certas, possamos descobrir isso. O que mais nós sabemos?

Eli deu de ombros.

– Temos os rostos de nossos prisioneiros, mas, mesmo que eles não tenham alterado ou apagado seus arquivos pessoais, o que muitos criminosos fazem exatamente, levaria dias ou semanas para examinar todos os registros planetários e descobrir quem são eles.

– Nós talvez tenhamos também o próprio nome usado pelos piratas – salientou Thrawn. – O senhor se lembra? Eu lhe perguntei sobre isso na ocasião.

– O senhor quer dizer Senke? – perguntou Eli, franzindo a testa. – Eu pensei que fosse apenas uma gíria.

– Creio que seja mais do que isso – falou Thrawn. – Angel teve uma reação muito forte diante do meu interesse pela palavra para que ela fosse inocente ou inócua.

– Eu não notei reação alguma.

– Foi sutil, de certa forma.

– Aceito sua palavra – disse Eli, que começou a sentir uma empolgação cautelosa.

Uma base na Orla Média como Ansion poderia não ter arquivos completos sobre os cidadãos do Império, mas deveria possuir uma lista das principais organizações criminosas dentro de sua jurisdição.

– O senhor pesquisou sobre os piratas?

– Pesquisei – respondeu Thrawn. – Não há nada listado com aquele nome.

– Ah – falou Eli, sentindo a empolgação passar.

– Mas há várias conexões possíveis que eu talvez possa explorar – continuou Thrawn. – Veremos assim que eu conseguir falar com eles.

– Então o que o senhor quer que eu faça? – perguntou Eli. – Presumo que conduziu Rossi a me deixar aqui por uma razão.

– Duas razões – respondeu Thrawn. – Eu preciso que o senhor monitore meu interrogatório. Talvez haja um momento no qual o senhor seja especialmente útil.

– Tudo bem – disse Eli, se perguntando o que Thrawn quis dizer com aquilo; *especialmente útil* não era um termo que alguém jamais usara em relação a ele. – E a segunda razão?

Thrawn ficou em silêncio durante um momento.

– Para o que estou planejando, eu preciso de uma testemunha – falou ele baixinho. – O senhor, guardamarinha Vanto, será essa testemunha.

Os três piratas estão impassíveis quando entram enfileirados pelo lado deles da sala de interrogatório. Cada um observa a sala ao entrar e nota as paredes, o teto e o chão de metal cinza. Cada um rapidamente vê a mesa de interrogatório atrás de uma barreira transparente que divide a sala.

Thrawn esperou até que eles se sentassem, depois tocou no controle do intercomunicador instalado na mesa. Em ambos os lados da barreira, luzes indicativas piscaram.

– Boa noite – falou ele na direção do microfone. – Eu sou o tenente Thrawn.

Nenhum dos três responde, mas o rubor aumenta. Os músculos das bochechas, gargantas e ao redor dos olhos se alternam entre mau humor e hostilidade. Os maiores músculos do corpo embaixo do uniforme da prisão se contraem e retesam em padrões distintos.

– Vocês com certeza estão se perguntando por que estou aqui – continuou Thrawn. – Eu gostaria de lhes oferecer um acordo.

O rubor dos prisioneiros se intensifica brevemente, depois volta aos níveis anteriores.

– Vocês não acreditam em mim, obviamente – disse Thrawn. – Mas é verdade. Nós temos um ditado: *agarrem o útil, deixem o inútil voar.* Vocês três são inúteis.

– E você pode ir ver se estou em Pantora – retrucou o mais alto dos três. *Há um tom anasalado característico na voz, que ficou nítido durante a ida a Ansion. Não é idêntico ao sotaque de Vanto, mas há forte semelhança e provavelmente indica as mesmas raízes no Espaço Selvagem.* – Se veio aqui para nos insultar, você está perdendo tempo.

– Não tenho intenção de insultar – falou Thrawn. – Pelo contrário, estou impressionado que os sucessores da rainha pirata Q’anah ainda operem pela galáxia.

O rubor dos piratas aumenta dramaticamente. Os olhos se arregalam; os músculos da garganta se contraem. Eles imediatamente tentam esconder as reações, mas conseguem apenas parcialmente, e aí já é tarde demais.

– Vocês certamente não acreditaram que passariam despercebidos – continuou Thrawn. – Na verdade, há muito tempo o grão-moff Tarkin percebeu que os remanescentes dos Salteadores de Q’anah haviam escapado do mesmo destino de sua capitã. Estive em contato com Tarkin, e ele expressou o desejo de voltar a Ansion e cuidar pessoalmente desse último vestígio de sua velha inimiga.

– Nós não fazemos ideia do que você está falando – falou o porta-voz dos piratas.

– Um blefe corajoso, mas inútil – disse Thrawn. – No entanto, como falei, eu preferiria trocá-los pelo seu líder. O grão-moff Tarkin pode não concordar, mas eu estou aqui, e ele, não. A verdadeira ironia é que seu líder Angel é da mesma filosofia que eu.

– O que você quer dizer?

– Vocês certamente notaram quais de seus colegas foram escolhidos para viajar com ele para o ponto de encontro de Cygni – respondeu Thrawn. – Mais importante, vocês certamente notaram quais de vocês não foram escolhidos. Você e os demais, que foram deixados para morrer.

Um dos piratas olha para o porta-voz, com a expressão tensa. O porta-voz o ignora, mas o próprio rubor se intensifica.

– De um ponto de vista de curto e longo prazo, foi uma decisão sensata – continuou Thrawn. – A curto

prazo, Angel perde vários tripulantes experientes, mas sua captura e interrogatório lhe dão tempo adicional para remover os cilindros de tibanna da *Dromedar*. A longo prazo, ele arranca aqueles que considera que não são mais úteis para seus objetivos.

– E a *Salteador*? – disparou o porta-voz. – Desculpe, Azulão, mas Angel não é estúpido a ponto de jogar fora uma fragata muito boa por nada.

– Como eu disse: perspectiva a longo prazo – replicou Thrawn, que agora tinha o nome da nave pirata. – Cygni demonstrou a eficiência de sua abordagem mais sutil em relação à captura de naves. Sem dúvida ele persuadiu Angel de que a *Dromedar* vai lhe servir melhor do que a *Salteador*. Certamente um cargueiro permite uma aproximação mais sorrateira a uma vítima do que uma fragata armada.

Na mesa, o datapad de Thrawn se acendeu com uma mensagem. *Fragata Salteador ligada a cinco sequestros de nave usando o código de identificação “Esperança de Elegin”*.

– Especialmente uma nave que vem atraindo tanta atenção, como a *Esperança de Elegin* – acrescentou ele.

– O que você fala não vale o cuspe de um parth. – *O tom de voz do pirata é baixo e desdenhoso.*

– Eu aplaudo a sua tenacidade – disse Thrawn. – Mas certamente você pode ver que não leva a nada. Eu já sei coisas demais sobre vocês para salvá-los, e assim que Tarkin chegar, saberemos tudo. A não ser que aceitem a minha oferta, vocês estão perdidos.

Os três piratas se entreolham urgentemente.

– Vamos ouvir o acordo – falou o porta-voz.

– Eu darei para você e seus companheiros prisioneiros um transporte civil – disse Thrawn. – Está parcialmente abandonado, mas deve levá-los embora deste setor em segurança sem precisar de reparos. Em troca, vocês identificarão o sistema para onde Cygni e Angel levaram a *Dromedar* para remover o tibanna.

– Que garantia nós temos de que você não vai pegar a informação e nos entregar para Tarkin mesmo assim?

– Eu ofereço a minha palavra – falou Thrawn. – E também ofereço lógica simples. Vocês três são jovens demais para terem sido piratas originais de Q’anah. Portanto, a vingança de Tarkin não será voltada especificamente contra vocês. Mais importante: eu conheço Tarkin. Ele sentirá mais prazer ainda pelo fato de que Angel saberá que vocês foram libertados como recompensa por traí-lo.

– Você não pode conhecer bem Tarkin se pensa que *algum dia* ele demonstraria piedade. Para *qualquer pessoa*.

– Precisamente – concordou Thrawn. – A reputação dele não permite tais ações. É por isso que vou libertá-los por iniciativa própria. Assim, ele poderá ter o prazer de dar a notícia para Angel sem a necessidade de tomar a decisão por si mesmo.

Ele fez uma pausa. Os piratas não falaram.

– Esta é a minha oferta – disse Thrawn. – Eu vou esperar enquanto vocês discutem entre si.

Ele tocou no interruptor do intercomunicador novamente, e as luzes indicativas se apagaram.

Os piratas não foram enganados. Eles provavelmente já haviam sido interrogados em ambientes como aquele antes e sabiam que o intercomunicador permanecia funcionando apesar da inatividade das luzes indicativas.

Thrawn havia jogado com todas as cartas, mas os piratas tinham a própria carta para jogar. Eles se aproximaram e começaram a falar baixinho juntos.

Em um idioma que teriam aprendido ao crescer no Espaço Selvagem. Um idioma que só era usado lá e nas Regiões Desconhecidas. Um idioma que nunca fora programado em droides tradutores ou protocolos, republicanos ou imperiais. Um idioma que eles tinham o bom senso de esperar que nenhum imperial jamais tivesse ouvido falar.

Sy Bisti.

– O que vocês acham? – perguntou o porta-voz para os outros. – Vocês acham que podemos confiar nele?

– Ele é um imperial – zombou o outro. – Claro que não.

– Quem se importa com isso? – retrucou o terceiro. – *Tarkin* está vindo.

O porta-voz solta um muxoxo de desdém.

– Vocês dão ouvidos demais às histórias de fantasmas de Angel. Nem mesmo *Tarkin* pode ser *tão* mau assim.

– Não? Então por que Angel vive contando as histórias? Eu estou dizendo, *Tarkin* é maldade pura.

– Falando em maldade – falou o segundo homem –, o que você acha que Angel vai fazer ao descobrir que o entregamos para o Azulão?

– Bom argumento – disse o porta-voz. – Mas talvez a gente consiga as duas coisas. Aceitamos a oferta, inventamos uma mentira qualquer para o Azulão e depois fugimos para o Encom e avisamos Angel. Se formos suficientemente rápidos, devemos chegar lá antes que *Tarkin* ou mesmo o Azulão consigam nos perseguir.

– A não ser que eles já tenham arrombado os fechos estáticos – alertou o terceiro homem. – Aí nós chegaríamos bem a tempo de nossa nave quebrar e nos deixar parados até *Tarkin* nos alcançar.

– Você acha que eles vão encontrar um squalsh ub-dub que realize um slice como aquele? – contra-argumentou o porta-voz, com a voz cheia de desdém. – Nem pensar. Angel vai ter que trazer alguém de fora.

– Talvez *Cygni* já tenha feito isso.

– *Cygni* *deveria* ter aberto o fecho estático antes de nós sequer entrarmos a bordo – disse o porta-voz. – Não se preocupe, temos muito tempo para chegar lá.

– Então vamos aceitar a oferta – falou o segundo homem. – Diga... sei lá, diga *alguma coisa* para ele e vamos cair fora daqui.

– Antes de *Tarkin* chegar? – sugeriu o porta-voz.

– Vai rindo – rosou o terceiro homem. – Eu não vou rir.

– Beleza. – O porta-voz voltou o olhar para *Thrawn* e ergueu a mão. – Ei – chamou ele na língua básica. – Você. Imperial.

Thrawn apertou o interruptor do intercomunicador.

– Vocês chegaram a uma conclusão?

– Vamos aceitar a oferta – disse o porta-voz. – Angel e *Cygni* foram para *Cartherston*, em um planeta chamado *Keitum*. Você precisa das coordenadas?

– Obrigado, nós somos capazes de encontrá-las – garantiu *Thrawn*. – Mais alguma coisa?

– Só que é melhor você correr se quiser alcançá-los – alertou o porta-voz. – Eles não vão se demorar por lá mais do que o necessário.

– Concordo – falou *Thrawn*. – Obrigado pela cooperação. Os guardas que estão esperando do lado de fora vão escoltá-los ao novo transporte.

– E o resto da tripulação? – perguntou o porta-voz.

– Seus companheiros já estão a caminho – respondeu *Thrawn*. – Mais uma coisa. Vocês receberam uma segunda chance. Sugiro que a usem para reconstruir suas vidas para melhor.

– Não é preciso pregar, irmão – disse o porta-voz quando eles se levantaram das cadeiras. – Confie em mim; você jamais vai ouvir sobre nós outra vez.

Os três saíram em fila. *Thrawn* viu os piratas irem embora, e quando a porta se fechou após a saída deles, o *Chiss* ficou em pé e se voltou para a porta do seu lado da sala. Ela se abriu e revelou *Vanto* e o almirante *Wiskovis*.

– Almirante.

– Tenente. – *Wiskovis* devolveu o aceno de cabeça. – Essa foi uma atuação das mais impressionantes

que já vi na vida.

– Obrigado, senhor – falou Thrawn. – Conseguimos?

– Conseguimos – disse Vanto com satisfação. – Uba, no setor Barsa. É um lugarzinho tranquilo para estacionar um cargueiro por um tempo, está na distância correta do ponto onde eles capturaram a *Dromedar*, e a gíria de xingamento para ele é *ub-dub*. *Squalsh* também é a gíria local para os habitantes de Uba, que não costumam ser considerados gênios tecnológicos. – Ele deu um sorrisinho contido. – E há um bando de grandes centros de comércio no continente norte, que a gíria local chama de entrepostos comerciais. Ou, para abreviar, Encom.

– Conseguimos, muito bem – concordou Wiskovis. – Não que eu faça a menor ideia do *motivo* de termos conseguido. Como o senhor sabia que esse grupo costumava trabalhar para Q’anah?

– Eu não sabia ao certo – falou Thrawn. – Foi apenas um palpite, baseado no nome deles.

– Que nome? – perguntou Vanto. *Ele franze a testa, confuso*. – Angel?

– *Senke* – respondeu Thrawn. – O nome que Angel deu ao grupo. Eu ouvi como se fosse *sem quê*, ou um grupo sem um Q. Depois que chegamos, enquanto esperávamos pelo retorno da capitã Rossi, eu realizei uma pesquisa sobre grupos criminosos conhecidos. Havia vários que incluíam uma referência à letra Q, mas os Salteadores de Q’anah pareciam ser o grupo com maior probabilidade de possuir os recursos, o histórico e os contatos para lidar com gás tibanna roubado.

– Isso pareceu meio que um tiro no escuro.

– Foi, sim – concordou Thrawn. – Mas Q’anah costumava assinar os roubos com uma referência codificada ao nome dela. Pareceu lógico que o restante de sua gangue também gostasse de deixar pistas assim.

– Ainda assim, um tiro no escuro. – *Wiskovis balança a cabeça*. – E se o senhor estivesse errado?

– Não haveria prejuízo algum – disse Thrawn. – O interrogador do DSI teria chegado, e o interrogatório teria ocorrido dentro do cronograma. Tudo teria acontecido como se eu não tivesse realizado a tentativa.

– Só que o senhor não teria se deixado vulnerável a uma corte marcial – falou Wiskovis. *A voz dele é soturna*. – Eu mesmo deveria liberar o transporte, pelo menos.

– Eu não posso permitir que o senhor faça isso – disse Thrawn.

– Perdão? – *Wiskovis se empertiga. A expressão fica séria, os músculos se contraem. A expressão de Vanto é de súbito incômodo*. – O senhor não pode permitir que eu faça isso?

– Acho que o que o tenente Thrawn quis dizer, senhor, é que ele veementemente insiste que o senhor se mantenha o mais longe possível da situação – disse Vanto rapidamente. – Eu creio que o objetivo dele seja atrair qualquer consequência para si e deixar todos os demais fora disso.

– Muito nobre – falou Wiskovis. *A expressão ainda é severa e furiosa*. – E se eu escolher fazer diferente? Esta é a *minha* base, tenente. O que acontece aqui é responsabilidade minha, no fim das contas.

– Verdade – reconheceu Thrawn. – Mas ainda há muita coisa que pode dar errado, e o equilíbrio entre sucesso e fracasso ainda está indeterminado. Eu não gostaria que o senhor fosse culpado pelo meu plano e minhas ações.

– Ou que eu aceitasse qualquer aclamação pelo sucesso?

Vanto estremece.

– Eu não acho que essa foi a intenção do tenente, senhor – disse ele.

– Bem, então talvez eu devesse escutar isso da boca do próprio tenente – falou Wiskovis.

– Se este plano der certo, é óbvio que eu reconhecerei livremente seu apoio – disse Thrawn. – Mas, se der errado, saiba que, quando eu for levado à corte marcial, o guarda-marinha Vanto testemunhará que eu agi sozinho.

– Perdão? – repete Wiskovis. *Os olhos se arregalam ao se voltarem para Vanto. O rubor aumenta, e os músculos das bochechas se contraem*. – Ele acabou de dizer que o senhor está preparado para dar

falso testemunho, guarda-marinha?

– Sim, senhor, ele disse – falou Vanto. *A tensão na voz aumenta, a expressão demonstra um incômodo extremo.* – Como eu disse, o objetivo dele é proteger o senhor e sua carreira de qualquer consequência deste plano.

Por três segundos, Wiskovis permanece calado. A tensão e a raiva não diminuem.

– Esta discussão não acabou – disse ele finalmente. – Mas, neste exato momento, nós temos trabalho a fazer. Quando o senhor quer que eu despache uma força para Uba?

– O senhor deve esperar até que os prisioneiros libertados deem o salto para a velocidade da luz – respondeu Thrawn. – Nós não queremos que eles notem os preparativos e fiquem desconfiados. O senhor também deve entrar em contato com o agente do DSI e informá-lo para alterar a rota da nave para Uba.

– E aí?

– O tenente Thrawn só prometeu soltá-los – disse Vanto. *A tensão dele também não diminuiu.* – Ele nunca disse que não os recapturaria se fossem para Uba.

– Certo – falou Wiskovis. – Mais alguma coisa?

– Eu também sugeriria que o senhor mandasse uma força para o outro lugar que eles mencionaram, a cidade de Cartherston em Keitum.

– Eu pensei que eles só tivessem dito aquilo para nos despistar.

– Esse certamente foi o objetivo principal – disse Thrawn. – Mas o nome veio rápido e fácil demais. Talvez descubramos que Keitum era o lugar onde a tripulação da *Dromedar* deveria ser liberada.

– E Cygni disse que o pessoal dele estaria observando – falou Vanto.

– Sim – concordou Thrawn. – Talvez seja possível descobrir quem exatamente é esse pessoal dele.

– Se nós pudermos pegá-los. – Wiskovis começou a se voltar para a porta, e então parou. – O senhor não entrou *realmente* em contato com o grão-moff Tarkin, não é?

– Não – falou Thrawn. – Jamais o conheci.

– Isso é bom, provavelmente – disse Wiskovis. – E se essa é a forma como o senhor fala com superiores, tenente, é melhor torcer para que jamais o conheça. Vamos, temos alguns piratas para capturar.



CAPÍTULO

10

É comum que você se sinta inicialmente desorientado quando seu caminho faz uma nova curva. Mas, conforme o tempo passa e o caminho segue firme em sua nova direção, surge a tendência de acreditar que ele permanecerá naquele rumo para sempre, sem mais curvas.

Isso não condiz com a realidade. Uma vez feita uma curva, o caminho estará sempre suscetível a novas mudanças.

Especialmente quando a mudança original foi causada pela manipulação de uma força externa.

– Então – disse Juahir Madras, tomando um gole cauteloso do café que Arihnda servira para ela. – Você vai à Praça do Núcleo para passar o fim de semana? Ou vai bancar a pão-duro e simplesmente ficar em Bash?

– Provavelmente vou bancar a pão-duro – respondeu Arihnda com pesar, cheirando a própria caneca.

Juahir gostava do café muito mais quente do que Arihnda, então era assim que ela o preparava quando a amiga dava um pulo no escritório. Era mais fácil deixar seu café esfriar do que assistir a Juahir tentando não reclamar de como a bebida estava morna.

– A Praça do Núcleo é cara demais.

– É mesmo – concordou Juahir discretamente. – Eu achei que você costumasse dormir no seu airspeeder quando ia até lá.

– Isto foi antes de Wapsbur ser flagrado consumindo especiaria em um estacionamento público – lembrou Arihnda. – Depois disso, Renking nos proibiu de dormir ou morar em qualquer um de seus veículos.

– Não sabia que era uma proibição categórica – falou Juahir. – Achei que ele só quisesse que seus funcionários não fossem flagrados fazendo alguma coisa ilegal ou embaraçosa.

Arihnda deu de ombros.

– Uma proibição categórica é sempre mais fácil.

– E mais desmiolada – comentou Juahir. – E você não pode ficar no escritório central de Renking?

– Cabem dez dormindo no escritório, forçando a barra – disse Arihnda. – Eu sou o número dezoito na fila de espera. Então, não.

– Ah – falou Juahir. – Bem, a Semana da Ascensão é meio importante.

Arihnda concordou com a cabeça e cheirou o café novamente. A Semana da Ascensão era importante para o morador médio de Coruscant, porém era mais importante ainda para a elite política. Eventos grandiosos davam aos ricos e poderosos a desculpa perfeita para socializarem uns com os outros, e a

Semana da Ascensão era o principal de tais eventos. As festividades que duravam uma semana e atingiam o auge no Dia do Império atraíam multidões de pessoas ao centro da sociedade imperial enquanto políticos faziam contatos e acordos discretos sem a obviedade de visitar os gabinetes uns dos outros ou sem o subterfúgio menos óbvio, porém teoricamente rastreável, de ligações via comlink.

Um milhão de pessoas e um milhão de possibilidades, e Arihnda trabalhara muito para tirar total proveito de ambos. Ela começara aos poucos, conversando com ajudantes e assistentes dos senadores, mas, nos últimos festivais, Arihnda também entrara em contato com um jornalista de pequeno escalão e o chefe de gabinete de um moff da Orla Média. Neste ano, ela esperava subir um degrau e chegar a seus respectivos chefes.

Agora, parecia que isso não ia acontecer, já que Renking proibira aquilo que seus funcionários costumavam chamar, brincando, de moradia portátil.

E era inevitável se indagar se a proibição fora causada pela imprudência de Wapsbur ou se Renking finalmente notara as maquinações políticas de Arihnda e tomara medidas para contê-las. Embora, sendo sincera, ela tivesse que admitir que isso era altamente improvável.

Porém, muita coisa em Coruscant tendia a ser altamente improvável.

Seu trabalho no departamento de assistência ao cidadão de Renking em Bartanish IV – conhecido universalmente pelos moradores como Bash IV – começara um pouco aos tropeços. A população do setor era composta predominantemente pela classe trabalhadora, não era muito diferente dos mineiros de Lothal. Mesmo assim, Arihnda tinha virado alvo de zombaria e desdém por causa de seu sotaque da Orla Exterior e por não ter sido criada em Coruscant. Mas Arihnda insistira no cargo e aos poucos conquistara a aceitação e a confiança da população.

E, o mais improvável de tudo, no meio do caminho ela tinha até feito uma amiga de verdade.

– Então acho que vamos ter que fazer algo a respeito disso – disse Juahir, que tomou outro gole e depois pousou a caneca. – Ok, eu reconheço: é possível fazer esse caf quente demais.

– Eu te disse – falou Arihnda, sorrindo.

Ela estava em Bash IV havia mais de um ano e começara a conquistar a população quando Juahir veio pedir ajuda para encontrar um apartamento. Arihnda localizou um em seu próprio prédio e, mais tarde, naquela mesma semana, ajudou-a a carregar sua parca coleção de pertences. Juahir agradeceu com um jantar em um restaurantezinho incrível, daqueles bem escondidos, que Arihnda nem sequer sabia que existia, e a partir dali as duas se tornaram inseparáveis.

– Nem vale a pena se estressar – disse Arihnda. – *Haverá* comemorações aqui também, você sabe.

Juahir balbuciou um som mal-educado pelos lábios.

– Claro, as festividades do Dia do Império em Bash IV. Dez minutos de fogos de artifício, dos quais dois minutos são os fogos que não estouraram no ano passado, e três minutos de todos os airspeeders buzinando. Ouvir o discurso pré-gravado de Palpatine, mais dois minutos de buzinaço, e todo mundo vai para casa. Grande festa. – Ela balançou a cabeça. – É uma pena que você não tenha um amigo que tenha um amigo que tenha apartamento com vista para o Palácio Imperial.

Arihnda soltou um pequeno muxoxo de desdém.

– Se você quer dizer o senador Renking...

– Ah, espere – interrompeu Juahir, ficando radiante. – É verdade: você *tem!* – Ela apontou um dedo para si mesma. – *Eu.*

– Do que você está falando? – perguntou Arihnda, franzindo a testa.

– Estou falando da Praça do Núcleo – respondeu Juahir, claramente se divertindo horrores. – Eu conheço um cara que acabou de conseguir um apartamento nas Torres Sestra.

– Nas *Torres Sestra*? – suspirou Arihnda.

Sestra era um complexo de apartamentos de luxo suficientemente perto do centro do Distrito Federal e visível do gabinete central de Renking.

– Você está de brincadeira.

– Não – garantiu Juahir. – Ficaré um pouquinho apertado, mas nós podemos fazer você caber.

– Você está falando sério – disse Arihnda, mal acreditando. – Tem certeza de que seu amigo não se importará?

– Já liberei com ele – respondeu Juahir. – Só tem uma condição, porém. – Ela apontou para Arihnda.

– Nós seremos responsáveis pelo transporte e acomodação. *Você* será responsável por nos colocar para dentro de pelo menos uma festa ou recepção exclusiva. Combinado?

– Combinado – falou Arihnda, sorrindo de volta. – Sem problemas. Eu consigo colocar mais dois convidados para dentro com meu crachá de assistente de senador.

– Não, não, não – ralhou Juahir. – A pessoa *jamaiz* conta para a plateia como o truque é feito. Então, você consegue sair um pouco mais cedo?

– Claro. – Arihnda olhou o crono. – Como chefe deste gabinete, eu estou me dando o resto do dia de folga.

– Quisera *eu* ter amigos bem relacionados.

– Você tem. Torres Sestra.

– E não se esqueça disso – disse Juahir. – Quanto tempo você demora para fazer uma mala?

– Cinco minutos – prometeu Arihnda enquanto desligava o computador e redirecionava as mensagens para o comlink. – Vamos, eu levo a gente, você pega a sua mala enquanto eu faço a minha, e nós nos encontramos de volta no meu airspeeder.

– Eu disse que eu cuido do transporte – lembrou Juahir.

– Eu sei – falou Arihnda. – Eu também já vi seu airspeeder. Nós vamos no meu.

O Distrito Federal, informalmente chamado de Núcleo de Coruscant – ou, mais informalmente ainda, Praça do Núcleo – era o centro incontestável da galáxia, tanto político como social. O Senado estava ali, bem como o Palácio Imperial, todos os principais ministérios e o quartel-general combinado do Exército e da Marinha Imperial.

A elite do Império morava e trabalhava ali. Assim como aqueles que nutriam ambições de se juntar àquela sociedade nobre, e também aqueles que executavam os desejos da elite.

– Então, qual é a *sua* desculpa? – perguntou Arihnda para Driller MarDapp enquanto os dois andavam no airbus lotado a caminho do Hotel Alisandre.

– Ela quer saber como você descolou um apartamento aqui – traduziu Juahir. – Tipo, quem era o dono do tooka de estimação que você teve que alimentar, dar banho e levar para passear?

– Ah, foi *isso* que ela quis dizer? – perguntou Driller, sorrindo.

No pouco tempo desde que o conhecera, Arihnda notou que ele sorria muito. Felizmente, Driller tinha os dentes e as covinhas para isso.

– Sinto desapontá-la – disse ele –, mas não houve nenhum tooka envolvido. Por acaso, eu tenho um tio que é oficial do alto escalão da Academia Real Imperial e que está fora do planeta por três meses. Como sou seu sobrinho favorito...

– Tradução: ele foi o sobrinho que pediu primeiro, antes de qualquer outro parente – interrompeu Juahir.

– ... sobrinho favorito entre todos que pediram para ele – consertou Driller ironicamente –, eu conseguir me mudar.

– Então, o que você está fazendo? – perguntou Arihnda. – Em termos de trabalho, quero dizer.

– Nada demais, infelizmente. Estou trabalhando com um grupo de ativistas que faz petições a senadores e ministros em nome de cidadãos comuns.

– Ah – disse Arihnda, que mentalmente cortou Driller de sua lista. Ativistas às vezes tinham acesso aos poderosos, mas não tinham poder próprio. Não havia nada ali para ela cultivar.

– Parece muito com o que Arihnda faz em Bash IV – falou Juahir.

– É bem parecido, sim – concordou Driller. – Só que você está cuidando de pessoas e problemas locais, enquanto nós falamos em nome de pessoas de outros planetas. Às vezes em nome do planeta inteiro, na verdade.

– Eu achava que isso era o que os senadores deveriam fazer – comentou Arihnda.

– Ênfase na parte do *deveriam* – falou Driller. – Desculpe, isso pareceu mais maldoso do que eu queria. Você sabe muito bem como é fácil deixar que algumas coisas escapem entre os nossos dedos. Este é o nosso trabalho: fechar a mão.

– Parece tão empolgante quando você fala desse jeito – disse Juahir. – Então, tem alguma ideia de qual dessas festas o imperador teoricamente está promovendo?

– Não tenho certeza de que ele esteja promovendo qualquer uma delas – falou Arihnda. – Esse rumor corre todo ano. – Ela apertou os olhos na direção do hotel do qual eles rapidamente se aproximavam. – Eu não vejo nenhum guarda imperial em lugar algum, então, caso haja uma festa, não está acontecendo aqui.

– Tudo bem – disse Juahir. – Vamos a muito mais festas antes de a semana acabar, certo?

– A quantas vocês aguentarem – prometeu Arihnda. – Ou pelo menos até sermos expulsos.

– Ei, isso pode ser divertido também.

O grande salão de baile do Alisandre era considerado um dos maiores na Praça do Núcleo, com um conjunto de salões menores em volta dele. Essa configuração tornava-o ideal tanto para grandes aglomerações como para reuniões menores, mais íntimas, que inevitavelmente brotavam de grandes multidões. Os seguranças à porta olharam bem e de cara feia para a identificação de Arihnda – e olharam com mais atenção e cara ainda mais feia para as identificações de Juahir e Driller –, mas deixaram os três passarem sem comentários.

– Uau – exclamou Juahir, olhando em volta enquanto Arihnda ia à frente no meio do fluxo sinuoso de gente. – Eu me sinto *muito* malvestida.

– Vocês são convidados de uma assistente de um modesto senador – lembrou Arihnda. – Não se espera que você tenha um vestido de mil créditos.

– Tenho certeza de que há muitos de nós por aí – acrescentou Driller. – Você só não consegue vê-los por causa do brilho das gemas de todas as outras pessoas. Então, quem está aqui exatamente, Arihnda?

– É uma mistura bem uniforme – explicou Arihnda ao observar as rodinhas de conversa que se formavam em meio ao movimento dos convivas. – Lá estão os governadores de alguns mundos secundários do Núcleo. Há um moff da Orla Média ali, e vejo pelo menos seis ou sete senadores.

– E você conhece todos eles? – perguntou Driller. – Pode me apresentar?

– Eu não os *conheço* realmente, mas já me encontrei com vários deles – respondeu Arihnda, embora ela certamente viesse tentando conhecer melhor a maioria deles. – O senador Renking às vezes me despacha para entregar datacards confidenciais quando estou aqui na Praça do Núcleo.

– Então é *aqui* que você desaparece o tempo todo – comentou Juahir.

– Está longe de ser *o tempo todo* – corrigiu Arihnda severamente. – Talvez quatro dias por mês, se eu der sorte.

– É, mas para cada um desses dias eu recebo vinte ligações perguntando por que você não está no seu gabinete resolvendo o problema de outra pessoa.

– Mas por que estão ligando para *ocê*? – perguntou Arihnda, franzindo a testa. Aquela era a primeira vez que ela ouvia falar daquilo. – Você não trabalha lá.

– Não, mas um número surpreendente de pessoas no nosso prédio sabe que somos amigas – disse Juahir ironicamente. – Elas acham que sou responsável por você ou algo assim.

– Que ridículo – exclamou Arihnda. – Você mal consegue ser responsável por si mesma.

– Se vocês duas puderem parar o bate-boca por um minuto apenas – interrompeu Driller –, alguém

poderia me explicar *aquilo*?

Arihnda acompanhou o dedo que apontava. Do outro lado do salão, havia mais uma rodinha de conversa, formada por apenas quatro pessoas.

Mas eles eram um grupo que definitivamente atraía a atenção. Um deles era um homem de cabelos grisalhos com um bigode igualmente grisalho, que usava uma túnica branca e uma divisa de coronel do DSI. O segundo homem estava de costas para Arihnda, mas o traje formal era igual a um que o senador Renking possuía. O terceiro homem era jovem e usava o uniforme e a divisa de um guarda-marinha. E o quarto homem..

Não era um homem, de maneira alguma. Ele tinha uma forma humana e traços humanos, mas a pele era azul, o cabelo era negro-azulado e os olhos vermelhos brilhavam.

E a divisa *dele* o identificava como um capitão-tenente.

– Eu nunca vi algo assim antes – continuou Driller. – O que ele é, um tipo de Pantorano com problema nos olhos?

– Ora, que grosseria – ralhou Juahir, mas ela encarava aquele ser estranho tão intensamente quanto ele. – Arihnda? Alguma ideia?

– Claro – respondeu Arihnda. – Vamos lá perguntar.

O suspiro de susto de Juahir foi audível mesmo em meio ao burburinho da conversa que tomava conta do salão de baile.

– Você está brincando.

– De maneira alguma – disse Arihnda. – Na verdade, acho que aquele é o senador Renking, então eu posso simplesmente fingir que fui verificar se ele precisava de alguma coisa.

– Achei que você estivesse de folga.

– Assistentes de senadores nunca estão de folga – respondeu Arihnda. – Vamos.

E caso o homem não fosse Renking, decidiu ela, sua roupa indicava alguém de status similar. Seria bem fácil transformar um caso engraçado de troca de identidade em um novo contato dentro da elite.

O plano de contingência provou ser desnecessário. O homem era, de fato, o senador Renking.

A primeira coisa que Arihnda aprendera como assistente dele fora nunca interromper uma conversa. A segunda coisa que tinha aprendido fora como se enfiar na conversa. Naquele caso, a melhor abordagem era se posicionar a uma distância discreta, fora do grupo, mas dentro do limite da visão periférica do senador. Com o tempo, ela sabia, Renking iria notá-la. Ela mal precisou esperar dez segundos.

– Ah, Arihnda – disse Renking, se interrompendo e esticando uma mão convidativa. – Eu estava torcendo por esbarrar em você. Seu comlink indicou que você estava aqui, mas não queria interrompê-la com uma ligação a não ser que fosse necessário.

– Sem problema, senador – falou Arihnda. – O que posso fazer pelo senhor?

– Eu preciso de um favor. – Renking meio que se virou para as outras três pessoas. – Mas estou esquecendo os modos. Coronel, tenente, guarda-marinha: esta é Arihnda Pryce, uma de minhas assistentes. Srta. Pryce, este é o coronel Wulf Yularen do Departamento de Segurança Imperial; o capitão-tenente Thrawn, um astro em ascensão na Marinha; e o guarda-marinha Eli Vanto, o ajudante de ordens e tradutor do tenente.

– Sinto-me honrada, nobres senhores – disse Arihnda, se curvando de forma respeitosa.

– O coronel Yularen estava me contando sobre uma operação intrigante em que o tenente e o guarda-marinha se envolveram recentemente lá na Orla Média – continuou Renking.

– Sério? – falou Arihnda

Ela colocou algum fascínio – em grande parte genuíno – na voz. A elite adorava ouvir a própria voz, mas, na maioria das vezes, valia a pena ouvir as histórias.

– Sério – confirmou Yularen, cujos olhos olharam sobre o ombro dela para Juahir e Driller, provavelmente para garantir que estavam fora de alcance para ouvir. – O tenente mais ou menos capturou

sozinho uma nave pirata e a maior parte da tripulação, e ainda por cima salvou um carregamento valioso de gás tibanna.

– Não foi assim tão sozinho, coronel – disse o não humano em uma voz calma e respeitosa, com uma base discreta de confiança e inteligência.

– O senhor tinha apenas quatro tripulantes ao seu lado, incluindo o guarda-marinha Vanto – falou Yularen. – Eu chamo isso de quase sozinho. O que o *senhor* diz, guarda-marinha? Estou exagerando o caso?

– De maneira alguma, senhor – respondeu o guarda-marinha Vanto educadamente.

Ele parecia e soava um pouco incomodado, como se não tivesse ideia do que estava fazendo ali e apenas quisesse ir para casa – que, pelo sotaque inconfundível, Aarihnda imaginou que fosse em algum lugar na Orla Exterior ou até mesmo no Espaço Selvagem, o que provavelmente tornava sua presença forçada ali entre a elite ainda mais embaraçosa e incômoda.

– O guarda-marinha Vanto talvez esteja sendo modesto demais sobre sua contribuição e a dos demais – falou Thrawn. – Mas o que importa é o resultado.

– Bem, seja lá como tudo se desenrolar, parabéns para os dois – disse Renking. – Eu presumo que o senhor esteja aqui em Coruscant para uma condecoração? – Ele ergueu os olhos. – Ou promoções?

– Não exatamente – respondeu Yularen. – Temos um pouco de... processamento de dados adicional, digamos assim, que precisa ser feito.

– A situação é séria? – perguntou Renking, olhando para Thrawn.

– Bastante – disse Yularen. – Mas eu não estou especialmente preocupado. Fui almirante durante as Guerras Clônicas e ainda tenho amigos bem relacionados.

– E com certeza está fazendo mais alguns agora à noite – murmurou Aarihnda.

Yularen olhou para ela com novo interesse.

– Muito perceptiva, srta. Pryce – elogiou o coronel. – Sim, é exatamente por isso que estou fazendo o tenente passar pelo moedor social de Coruscant. Acho que ele fez um serviço notável e quero garantir que o maior número possível de senadores saiba disso.

– Bem, eu, pessoalmente, estudarei os detalhes quando tiver oportunidade, com certeza – disse Renking. – Mas agora, como falei, preciso que a srta. Pryce resolva um assunto para mim. Aarihnda, preciso ir embora, mas também preciso entregar um datacard para o moff Ghadi. Sabe quem ele é, não?

– Sim, senhor, é claro – respondeu Aarihnda.

Na verdade, ela havia feito um monte de entregas sigilosas para Ghadi nos últimos dois anos. O moff sempre estivera ocupado demais para falar com Aarihnda durante aquelas visitas, mas ela sempre fizera questão de conversar amigavelmente com o povo da recepção e seus funcionários. Aquela talvez pudesse ser sua chance de finalmente fazer contato com o próprio Ghadi.

– Ótimo – falou Renking. – Ele vai precisar carregá-lo em um datapad seguro, baixar os arquivos e depois devolver o datacard para você.

– Entendido – disse Aarihnda. Um procedimento um pouco fora do normal, mas ainda assim algo que ela já fizera antes, ocasionalmente. – O senhor quer que eu leve o datacard para o seu gabinete assim que ele terminar?

– Por favor – confirmou Renking. – Apenas coloque-o na caixa de entrega. – Ele cumprimentou Yularen e os outros com um aceno de cabeça. – E agora, eu realmente preciso ir. Coronel, boa sorte. Tenente e guarda-marinha, mais sorte ainda.

O senador deu meia-volta e começou a passar no meio da multidão em direção à entrada principal.

– Se nos dá licença, srta. Pryce – disse Yularen com uma mesura educada –, eu quero apresentar o capitão-tenente Thrawn para mais algumas pessoas antes de cruzarmos a Praça do Núcleo para a próxima recepção.

– É claro, coronel – falou Aarihnda, devolvendo a mesura. – Tenente, guarda-marinha.

Ela deu meia-volta e foi embora enquanto notava que Yularen e os outros oficiais estavam a caminho de outra roda de senadores.

– Eu pensei que você fosse nos apresentar – reclamou Driller quando ele e Juahir se aproximaram dela.

– Foi mal – desculpou-se Arihnda. – Realmente não houve uma oportunidade. No próximo grupo.

– Então, quem é ele? – perguntou Juahir. – E *o que é* ele?

– O que ele é, principalmente, é uma pessoa em apuros com o Alto Comando – respondeu Arihnda. – Não nos aprofundamos mais do que isso.

– Interessante – comentou Driller. – O Alto Comando geralmente não perde tempo com oficiais subalternos. Imagino de quem era o tooka que ele atropelou.

– Você pode perguntar para seu tio quando ele voltar – falou Arihnda. – Tudo o que eu sei é que, quando alguém como o coronel Yularen diz *processamento de dados adicional* com uma pausa entre as palavras, a pessoa está falando sobre algo sério.

– Ou, mais precisamente, *não* está falando – disse Driller.

– Exatamente – concordou Arihnda. – Mas isso é problema de Thrawn. O *meu* problema é que eu tenho que trabalhar.

– É, nós vimos a transferência – falou Juahir. – Entrega, certo?

– Certo.

– E durante uma festa da Semana da Ascensão. – Juahir balançou a cabeça. – Renking é um feitor de escravos. Quer que a gente vá com você?

– Não, tudo bem – respondeu Arihnda.

Ela virou o pescoço, mas não conseguiu ver Ghadi, porém, se ele estivesse ali, não deveria levar muito tempo para localizá-lo.

– Eu volto o mais rápido possível – disse Arihnda. – Divirtam-se e não fiquem bêbados com os torvelinhos.

– Torvelinhos levam álcool? – perguntou Juahir, ficando animada.

– Aqui, sim – respondeu Arihnda. – Não se metam em confusão, ok?

Graças à aparência inconfundível do moff Ghadi, Arihnda o encontrou após apenas três minutos de busca.

– Então Renking colocou a senhorita para trabalhar hoje, não foi? – perguntou Ghadi, passando os dedos no datacard.

Arihnda notou, um pouco incomodada, que os olhos do moff estavam brilhantes e intensos. Torvelinhos ou algo mais forte. Ela torceu para que Ghadi estivesse suficientemente bem para acabar rápido com aquela operação e ela pudesse voltar a fazer contatos na festa.

– Sim, vossa excelência – respondeu ela. – Mas tenho certeza de que o senador não teria interrompido o senhor se não fosse importante.

– E ele até mandou *a senhorita* – disse Ghadi, dando um sorriso torto. – Bem, vamos lá.

O moff deu meia-volta, e sua capa de padronagem amarela e vermelha se ergueu em volta dele enquanto se dirigia para os elevadores.

– Meu datapad seguro está na minha suíte – acrescentou ele enquanto Arihnda corria para alcançá-lo. – Só vai levar um minuto, depois a senhorita pode voltar para se divertir.

– Sim, vossa excelência – falou Arihnda, olhando em volta enquanto os dois avançavam pela multidão.

Ela nunca tinha sequer visto fotos de como eram as suítes do Hotel Alisandre. A julgar pelo salão de baile, a suíte de Ghadi valeria uma visita rápida.

E valeu.

– Sirva-se de um drinque se quiser – ofereceu Ghadi ao cruzar o tapete elegante da sala de estar em direção a uma porta lateral. – O droide pode fazer qualquer coisa que a senhorita pedir.

– Obrigada, vossa excelência – agradeceu Arihnda.

Ela olhou para o bar comprido ao lado e para o clássico droide barman LeisureMech C5, perfeitamente restaurado, parado atrás do balcão. Arihnda sentiu-se tentada; mas, no momento, pelo menos, ela estava oficialmente a serviço. Em vez disso, Arihnda se contentou em olhar para os entalhes, as obras de arte e os painéis decorativos de mosaicos. Só aquele cômodo já era duas vezes o tamanho de seu apartamento, e provavelmente a diária custava seu salário inteiro de um ano.

– Fico feliz que ele tenha mandado a senhorita – disse Ghadi do outro cômodo. – Eu vi a senhorita no meu gabinete várias vezes nos últimos meses, geralmente bancando a mensageira. Renking obviamente a tem em alta conta.

– Obrigada, vossa excelência.

– Assim como eu, é claro – acrescentou Ghadi. – Em altíssima conta mesmo. Diga, a senhorita gosta de trabalhar para ele?

– Tem sido muito interessante – respondeu Arihnda, franzindo a testa. Aquele não era o tipo de pergunta que geralmente lhe faziam. Será que Ghadi estava apenas batendo papo? Ou estava acontecendo alguma outra coisa?

– É claro, *interessante* – disse Ghadi. – A palavra mais diplomática, e também a mais insípida, possível.

Ele voltou para a sala de estar, com o datacard de Renking na mão, e cruzou o tapete novamente até Arihnda.

– Cá está – disse o moff ao entregá-lo para ela. – A senhorita pode devolver para ele agora.

– Obrigada, vossa excelência – falou Arihnda, franzindo a testa.

Parecia o datacard que Renking havia lhe dado... mas, ao mesmo tempo, algo a respeito dele dava uma impressão diferente. A cor estava certa, e o símbolo do senador no canto superior parecia correto. Será que era o peso? Arihnda ergueu o datacard delicadamente, tentando decidir.

Não, ela se deu conta subitamente – era o símbolo. O símbolo do senador Renking estava gravado na superfície de todos os datacards do departamento, mas o símbolo naquele datacard estava estampado em relevo, em vez de gravado. Aquele não era o mesmo datacard que ela acabara de entregar para Ghadi.

Arihnda ergueu o olhar para o moff e viu Ghadi olhando de volta para ela, com um meio sorriso perigoso no rosto.

– Muito bem, srta. Pryce – disse o moff calmamente. – Que pena, realmente.

– Vossa excelência? – perguntou Arihnda cautelosamente.

– A senhorita notou que há algo diferente a respeito do datacard – falou Ghadi. – Que pena. Se a senhorita simplesmente o tivesse levado de volta para ele... como eu disse, que pena.

Sem aviso prévio, o moff lançou a mão na direção dela. Arihnda só teve tempo de ver um tubinho escondido na palma quando um jato de pó fininho banhou seu rosto e peito. Ela se encolheu, recuou e fechou os olhos por reflexo...

– Então agora vamos ter que fazer do modo difícil – continuou Ghadi. – Isto, srta. Pryce, é especiaria de polstina. MUITÍSSIMO apreciada, MUITÍSSIMO cara. E MUITÍSSIMO ilegal. E a senhorita, minha cara, tem o suficiente em sua pessoa para garantir que vai passar o resto da vida na prisão.



CAPÍTULO

11

A liderança militar é o caminho, não o destino. É continuamente desafiada e deve continuamente provar seu valor contra novos obstáculos. Às vezes, os obstáculos são eventos externos. Outras vezes, são as dúvidas daqueles que são liderados. Ainda há ocasiões em que os obstáculos são resultado dos próprios fracassos e defeitos do líder.

Poder e influência políticos são diferentes. Uma vez que alcançam certos níveis, extinguem a necessidade de se provar liderança ou competência. Alguém com tal poder está acostumado a ter cada palavra levada em consideração e cada desejo tratado como ordem. E todos que reconhecem esse poder sabem curvar-se a ele.

Poucos têm a coragem ou a insensatez de resistir. Alguns são bem-sucedidos ao se manterem firmes contra a tempestade. Com mais frequência, descobrem que seus caminhos se desviaram mais uma vez do objetivo que almejavam.

Mas desvios assim nem sempre querem dizer que a vítima perdeu. Ou que o vitorioso venceu.

Eli não tinha que estar ali. Ele sabia disso, Yularen certamente sabia disso, e Eli tinha certeza de que todas as outras pessoas no salão de baile também sabiam disso. Nada ali fazia sentido. Eli era caipira demais para aquelas pessoas do Núcleo. Era subalterno demais em termos de patente para os almirantes e generais presentes. E era de uma classe social muito baixa para socializar com a elite do Império.

As mesmas desvantagens se aplicavam a Thrawn, obviamente, e ele ainda tinha o inconveniente de não ser humano em uma sociedade que, embora fosse tolerante na maior parte das vezes, não era exatamente acolhedora. Mas havia pelo menos um motivo para Yularen ter arrastado o Chiss até ali para exibi-lo para os poderosos e poderosas. Se o Alto Comando estivesse falando sério quanto à ameaça de corte marcial, possuir uma base de apoio civil podia ser útil como contrapeso aos almirantes ofendidos.

Thrawn precisava estar ali. A presença de Eli era completamente desnecessária.

Embora mesmo com Thrawn ele não conseguisse evitar a sensação de que o Chiss estava sendo visto mais como um peixe raro do que um oficial acusado de maneira injusta.

– Interessante – murmurou Yularen.

Eli tirou os olhos do vestido reluzente que mudava de cor e viu o coronel observando o datapad.

– Senhor? – perguntou ele.

– Uma mensagem do quartel-general – falou Yularen. – A sugestão mais recente do tenente Thrawn parece ter dado certo.

Eli olhou para Thrawn.

– É a perseguição a Cygni que o senhor sugeriu há alguns dias?

– Não – respondeu Thrawn, observando Yularen com atenção. – Na verdade, o coronel Yularen não conseguiu coletar dados suficientes com aquela pesquisa a ponto de gerar resultados úteis. Nesse caso, eu observei que o planeta Kril'dor, uma conhecida fonte de gás tibanna, fica bem perto do sistema Uba. Me ocorreu que, se Cygni tivesse simplesmente a intenção de vender os cilindros, ele teria levado a *Dromedar* para lá, onde tibanna extra poderia ser acrescentado de maneira fácil e invisível aos próprios canais de distribuição.

– O que sugere que os receptadores para quem ele planejava repassar o tibanna queriam o gás no estado em que se encontrava – disse Yularen. – O que imediatamente apontou para traficantes de armas ou pessoas que já possuíam armas de raios e queriam ser capazes de dispará-las.

Eli estremeceu.

– Criminosos ou insurgentes.

– Sim – confirmou Thrawn. – Nós andamos traçando o perfil de muitos deles, à procura de indicadores e marcadores.

– Sério? – falou Eli, franzindo testa. Ele não ouvira falar nada sobre esse processo de definição de perfis criminosos. – Quando o senhor vem fazendo tudo isso?

Thrawn inclinou a cabeça.

– O senhor dorme mais do que eu.

Eli sentiu o rosto ficar quente.

– Desculpe.

– Não se desculpe – disse Yularen com um grunhido. – E não se preocupem, uma carreira na Marinha vai tirar toda essa disposição que os senhores têm em breve. A questão é que, ao aplicarmos o filtro mais recente de Thrawn a todo o resto, eis o que surge.

Ele entregou o datapad para Thrawn. Eli se aproximou do Chiss e espiou a tela. Havia um relatório completo ali, mas, no centro, Yularen destacara um único nome.

Cisne Noturno.

– Andamos ouvindo rumores sobre alguém chamado Cisne Noturno no último ano, mais ou menos – continuou Yularen. – De início, ele pareceu ser uma espécie de consultor que planejava serviços como este para vários grupos.

– E agora? – perguntou Thrawn ao devolver o datapad.

– Agora não temos certeza – respondeu o coronel, enquanto passava os olhos frenéticos pelo relatório. – Alguns analistas estão sugerindo que ele pode ter se estabilizado com uma única organização. Eu mesmo não tenho certeza de que acredito nisso. – Yularen franziu os lábios. – Bem, vamos ficar de olho nele. Pelo menos conhecemos um de seus pseudônimos.

Eli sabia que aquele era um pseudônimo que o sujeito jamais usaria novamente. Ninguém ainda sabia como Cygni escapulira pelo cordão de isolamento que o almirante Wiskovis armara em volta de Uba, mas, de alguma forma, ele tinha fugido.

Talvez o interrogatório dos piratas que sobreviveram lhes desse algumas pistas. Eli duvidava disso.

– De qualquer forma, isto surgiu enquanto o senhor estava conversando com aquele último grupo de senadores, e achei que gostaria de saber – disse Yularen.

– Eu agradeço, coronel – falou Thrawn. – Obrigado.

– Não precisa agradecer; foi a sua sugestão que nos levou lá – lembrou Yularen, que começou a guardar o datapad e parou quando algo atraiu seu olhar. – Espere um instante. Está vindo uma novidade. Os cilindros de tibanna...

Ele foi parando de falar.

– Problemas, coronel? – perguntou Thrawn.

– Pode-se dizer que sim, tenente. – Yularen respirou fundo. – Parece que doze dos vinte cilindros que

recuperamos juntamente com a *Dromedar* – ele novamente passou o datapad para Thrawn – estavam vazios.

Eli sentiu o queixo cair.

– *Vazios?* Mas isso é impossível. Eles estavam lacrados com fecho estático.

– Seu amigo Cygni aparentemente descobriu uma forma de retirar o gás mesmo assim – grunhiu Yularen. – Parece que ele entrou pela parte traseira dos cilindros.

Eli estremeceu. A mesmíssima técnica que Thrawn havia sugerido. Que ótimo.

– Pelo casco?

– O casco estava ileso – respondeu o coronel, balançando a cabeça. – Não, eles vão ter que desmantelar tudo para descobrir como ele fez aquilo.

Por um longo momento, os três apenas se entreolharam.

– O senhor ainda assim salvou a nave – disse Yularen finalmente. – Juntamente com metade do tibanna e a tripulação da *Dromedar*. E capturou a maioria dos piratas.

– Considerando o valor que o Alto Comando dá ao tibanna – comentou Thrawn –, eles podem não considerar que foi uma vitória suficiente.

A voz dele saiu suficientemente calma.

Mas a expressão no rosto de Thrawn provocou um arrepio nas costas de Eli.

Alguns dos mitos diziam o que acontecia quando alguém passava a perna nos Chiss ou quando eles eram derrotados. Nunca acabava bem.

– Se não considerarem, eles deveriam – disse Yularen categoricamente. – Não se preocupe. Ainda há um longo caminho pela frente, e eu, por exemplo, sempre considereirei meio pão melhor do que não ter pão nenhum.

O coronel deu um sorriso torto para Thrawn.

– E se a Marinha decidir expulsá-lo, o DSI adoraria recebê-lo. – Ele bateu com o dedo na túnica branca. – Arrisco dizer que o senhor ficaria bem de branco.

– Obrigado, coronel – falou Thrawn. – Mas minhas qualificações e aptidões são mais adequadas para naves e guerra aberta.

– Então vamos garantir que o senhor fique lá. – Yularen olhou em volta. – Acho que aquele ali é o ministro da guerra. Não faz sentido apostar baixo quando podemos apostar alto. Se dermos sorte, e se ele estiver bebendo, talvez consigamos que ele cancele a corte marcial completamente.

– Vossa excelência, por favor – disse Arihnda cuidadosamente enquanto recuava para a porta, com os pulmões se alternando entre uma sensação de ardência e de frio pelo pouco de especiaria que ela inalara por acidente.

Que *diabos* estava acontecendo?

Não importava o que fosse, havia pouca coisa que ela pudesse fazer a respeito. A porta provavelmente estava trancada, as janelas eram inquebráveis e, mesmo assim, Arihnda estava no quinto milésimo andar.

– Ele é muito esperto, o seu senador Renking – falou Ghadi em uma voz calma, quase em tom de conversa. – Será que ele realmente pensou que poderia se safar dessa?

Arihnda balançou a cabeça.

– Desculpe, vossa excelência, mas eu não faço ideia do que o senhor está falando.

– Estou falando de inserir dados falsos no computador de uma autoridade imperial do alto escalão – respondeu Ghadi, cuja voz se tornara suave e ameaçadora. – Aparentemente, Renking esperava que eu ficasse tão empolgado com a senhorita que simplesmente carregaria o datacard sem verificá-lo primeiro.

Arihnda sentiu os olhos se arregalarem.

– Espere um pouco. Inserir *dados falsos*? Que tipo de dados falsos?

– Eis o que a senhorita vai fazer – continuou Ghadi ignorando a pergunta dela. – A senhorita vai pegar este datacard – ele apontou languidamente para o cartão na mão de Arihnda – e fazer o que quer que Renking tenha lhe dito para fazer com ele. E nunca, *jamais* vai contar para o senador sobre a troca ou sobre esta conversa.

Ghadi ergueu as sobrancelhas.

– Siga minhas instruções, e assunto encerrado. Desvie-se delas, e farei com que seja presa por posse de especiaria. A escolha é sua.

Os pulmões de Arihnda estavam lentamente ficando limpos. Mas, ao mesmo tempo, o cômodo começava a ficar estranhamente claro. As cores e texturas adquiriam uma definição muito maior e as sombras pulsavam.

– O que essa substância está fazendo comigo? – perguntou ela.

Sua voz, notou Arihnda, estava pulsando ao ritmo da dança de luzes e sombras.

– Nada demais – respondeu Ghadi. – Ela precisa ser refinada para liberar a potência total. Obviamente, o fato de a especiaria estar pura significa que a senhorita será identificada como uma traficante ou vendedora em vez de simplesmente uma usuária. Uma sentença muito mais grave. Eu preciso da sua decisão.

Arihnda fechou bem os olhos. Mesmo através das pálpebras fechadas, ela parecia ser capaz de enxergar a nova vibração do ambiente.

– Como vou saber que o senhor manterá sua palavra? – perguntou ela, abrindo os olhos novamente.

– Por que não manteria? – retrucou Ghadi, dando de ombros. – A senhorita é um peixe muito pequeno, que não vale o tempo e esforço de estripar.

– Entendo – disse Arihnda. – O que havia no datacard que eu lhe dei?

Ghadi franziu a testa.

– A senhorita faz muitas perguntas, srta. Pryce – falou ele ponderadamente. – Está *tentando* me fazer pensar que vale a pena estripá-la?

– O senhor está me pedindo para fazer com Renking a mesma coisa que ele tentou fazer com o senhor – salientou Arihnda. – Eu não quero escapar da sua fogueira apenas para ser jogada na dele.

– Faça o seu serviço, e ele jamais saberá que foi a senhorita – falou Ghadi. – Além disso, a senhorita não tem realmente escolha, tem?

Arihnda olhou para o pó que Ghadi jogara em sua túnica. O branco reluzente estava sumindo conforme o pó era absorvido pelo tecido, mas ela sabia que, com o equipamento certo, ele seria detectável por dias.

– Creio que não.

– E não se esqueça disso. – Ghadi abriu um sorrisinho cruel e amargo. – Bem-vinda à política, srta. Pryce. Bem-vinda à *verdadeira* Coruscant.

Arihnda conseguiu sair de mansinho do salão de baile sem ser vista por Juahir ou Driller. Ela pegou um airtaxi, foi até o gabinete de Renking e colocou o datacard de Ghadi na ranhura do cofre de mesa como fora instruída. Depois, chamou outro airtaxi e voltou para o apartamento emprestado de Driller. A última coisa que Arihnda queria fazer era permanecer na Praça do Núcleo um segundo a mais do que o necessário, mas ela sabia que correr a faria parecer culpada.

Além disso, os pulmões e a visão ainda exibiam os efeitos da especiaria, e provavelmente havia outros sinais visuais que a marcariam para qualquer um que soubesse o que procurar. Seria o ápice da ironia se Ghadi mantivesse a palavra e não a entregasse apenas para um segurança qualquer fazer isso por ele.

Arihnda ficou acordada na cama pelas próximas três horas, esperando que os sintomas passassem, imaginando o que havia no datacard. Imaginando o que aquilo faria. Imaginando o que *ela* faria.

Arihnda não tinha respostas.

Foi depois das duas da manhã que Juahir e Driller finalmente voltaram. Arihnda repeliu as perguntas de Juahir com uma história de que não estava se sentindo bem, depois rechaçou os esforços da amiga para ajudá-la. Com o tempo, Juahir desistiu, e ela e Driller foram para as próprias camas.

Foi só quando a aurora começou a clarear o céu que Arihnda finalmente dormiu. O último pensamento ao adormecer foi pensar quando viria o golpe.

O golpe veio muito rapidamente.

A ligação geral aconteceu às nove da manhã, pouco mais de três horas depois de Arihnda ter adormecido. Ela chegou ao gabinete de Renking e viu a maioria do corpo de funcionários local já reunido, sussurrando com urgência e apreensão entre si. Renking chegou alguns minutos depois, com olhos frios, o rosto sombrio e rígido.

– Eu tenho más notícias – disse ele sem preâmbulos.

O olhar vasculhou o grupo de pessoas enquanto falava, mas Arihnda notou que os olhos do senador jamais pareciam tocar sua face.

– Algumas alegações foram feitas recentemente sobre discrepâncias financeiras e corporativas, vindas deste gabinete. Embora essas alegações sejam categoricamente falsas, mesmo assim eu devo enfrentá-las o mais rápido possível. Portanto, eu voltarei para Lothal por um tempo e provavelmente precisarei fazer visitas breves a outros mundos antes de retornar. Infelizmente, até que a situação se resolva, meus recursos de custeio estarão severamente restritos. Não tenho escolha a não ser fechar alguns dos departamentos periféricos e dispensar os serviços de quem trabalha lá. Aqui estão os departamentos afetados.

Ele leu uma lista de sete departamentos no datapad. Arihnda suspeitou que não foi coincidência quando Renking deixou Bash IV para o finalzinho.

– Obrigado a todos pela presença – concluiu o senador. – Minhas desculpas àqueles que não sou mais capaz de empregar, mas tenho certeza de que encontrarão outros cargos em breve. Aproveitem o resto das festividades da Semana da Ascensão. Srta. Pryce, pode ficar um momento?

Arihnda permaneceu parada ao lado da parede enquanto os outros saíam. Renking se ocupou com o datapad, ou pelo menos fingiu fazer isso, até que os dois estivessem sozinhos.

E então, pela primeira vez desde que entrou no gabinete, o senador olhou para ela.

Arihnda esperou ver raiva nos olhos dele. Viu apenas gelo. Ela esperou que Renking berrasse ou praguejasse. A voz, quando ele finalmente falou, era suave e infinitamente mais assustadora.

– Espero que a senhorita esteja orgulhosa de si mesma.

– Eu não tive escolha – disse Arihnda, amaldiçoando silenciosamente a tremedeira que subitamente abalou a voz.

Ela havia prometido que seu tom seria páreo para o de Renking, mas um senador imperial tomado por plena fúria era mais intimidante do que Arihnda imaginara.

– Ele disse que mandaria me prender.

– E a senhorita *acreditou* nele? – exigiu Renking. – A senhorita realmente acreditou que era suficientemente importante para sequer valer o tempo de uma simples ligação para a polícia? – Ele balançou a cabeça. – A senhorita realmente *é* uma tola, não é?

– E quanto *ao senhor*? – contra-argumentou Arihnda. Como aquilo era culpa *dela*? – O que quer que o senhor tenha tentado fazer, não deve ter disfarçado muito bem. Se eu tivesse sabido o que estava acontecendo, pelo menos teria ficado pronta para ele.

– Ah, claro – disparou Renking. – Uma caipira inexperiente de Lothal teria ficado pronta para um lobo. Sim, eu teria pagado um bom dinheiro para assistir a *essa* luta.

Ele esticou a mão.

– A chave de seu airspeeder.

Arihnda entregou a chave e fechou a boca para conter a resposta que queria sair.

– Eu presumo que o senhor vá pegar de volta meu apartamento também – disse ela, em vez da outra réplica. – Vou lá para começar a liberá-lo.

– Ele já foi esvaziado – falou Renking. – Seus pertences estarão esperando na recepção do gabinete amanhã. – Ele torceu o lábio. – Nós poderíamos ter feito grandes coisas juntos, Arihnda. Sinto muito por não poder mais contar com você.

– Sinto muito por não poder mais confiar *no senhor* também – disse Arihnda.

– Confiar? – Renking soltou um muxoxo de desdém. – Não seja tola. Não há confiança em política. Nunca houve. Nunca haverá. Agora saia. Tenho certeza de que será muito feliz de volta em Lothal.

Para a surpresa de Arihnda, Juahir e Driller a estavam esperando do lado de fora do gabinete.

– Você está bem? – perguntou Juahir ansiosamente. – Eu recebi uma ligação da síndica dizendo que um grupo de Ugnaughts esteve no seu apartamento empacotando tudo e calculei que você estivesse aqui.

– Eu acabei de ser demitida – informou Arihnda.

A tremedeira estava voltando a tomar conta da sua voz. Implacavelmente, ela fez um esforço para contê-la.

– O apartamento desapareceu junto com o emprego.

– Eita. – Juahir observou atentamente a amiga. – Isso tem algo a ver com você ter abandonado a gente ontem à noite?

– Sim, e eu não quero falar a respeito.

Arihnda olhou em volta para o cenário da cidade que se agigantava ao redor deles, para os prédios majestosos e o tráfego sem fim de airspeeders. Quando ela chegara em Coruscant pela primeira vez, Arihnda achara a vista exótica e empolgante. Depois, ela tornara-se uma imagem conhecida e corriqueira.

Agora era uma visão sinistra. Bilhões de humanos e alienígenas enfurnados ali, todos disputando os mesmos empregos e as mesmas moradias.

E agora Arihnda era um deles.

– Ok – disse Juahir, animada. – Bem, você pode ficar comigo por enquanto. Vai ser um pouco apertado, mas nós daremos um jeito. Quanto ao emprego... você sabe como é a clientela do Topple's, então talvez não queira considerar. Mas os droides servidores estão sempre quebrando, então Walt está sempre contratando.

– Sim – murmurou Arihnda.

As palavras de Renking, *sinto muito por não poder mais contar com você*, ecoaram de maneira acusadora em sua mente.

Talvez esse fosse o truque para sobreviver em Coruscant: jamais contar com ninguém.

Se fosse isso o necessário, Arihnda o faria.

– Ou você pode ficar comigo pelos próximos dois meses, se preferir – ofereceu Driller. – Mais perto do centro das coisas e dos empregos mais sofisticados. Embora seja difícil conseguir um deles.

– Provavelmente – disse Arihnda.

Ela respirou fundo. Ela seria capaz de fazê-lo.

– Obrigada pelas ofertas. O que eu preciso, Driller, se você estiver disposto, é ficar com você e Juahir pelo resto da Semana da Ascensão. Depois disso, vou parar de incomodar vocês.

Juahir e Driller se entreolharam.

– Ok – falou Juahir cautelosamente. – Tem certeza de que não quer voltar comigo?

– Não – disse Arihnda. – Obrigada.

– Não tem mais *nada* que a gente possa fazer por você? – insistiu Driller. – Nada mais que você precise?

– Só mais uma coisa – respondeu Aarihnda ao puxar o datapad, que, pelo menos, era dela, não de Renking. – Eu preciso do endereço do departamento de assistência ao cidadão mais próximo.

–... e, portanto, é a decisão desta mesa que sejam retiradas todas as acusações contra o tenente Thrawn.

Eli respirou fundo. Então era isso. A mesa da corte marcial levava em conta todos os detalhes do incidente com a *Dromedar*, tomara nota especialmente da mesquinhez da capitã Rossi e chegara à decisão correta. Havia sido uma justificação concreta. Ainda assim, Eli se flagrou cultivando sentimentos ambíguos quando ele e Thrawn saíram juntos da sala. Ele próprio estivera em apuros naquela situação, mas, como subalterno, sua carreira não corria tanto risco quanto a de Thrawn. Se o Chiss fosse condenado e expulso da Marinha, será que Eli teria voltado à velha carreira de oficial de aprovisionamento?

E se tivesse voltado, teria ficado contente ou desapontado?

Eli olhou feio para as paredes lisas e cinzentas ao redor dos dois. Ele não havia pedido por aquele papel que lhe fora incumbido e definitivamente não queria aquilo. Como Eli suspeitava havia muito tempo, seu cargo como ajudante de ordens de Thrawn estava tendo um efeito amortecedor em seu próprio progresso, e houvera muitas vezes nos anos anteriores que ele teria dado qualquer coisa para se livrar completamente do Chiss.

Mas também houvera as outras ocasiões. Aquelas em que Thrawn fizera alguma conexão ou notara algum fato pequeno pegado de um contrabandista ou estelionatário com a mão na massa. As ocasiões em que o Chiss sugerira uma manobra tática que arrancara uma vitória inesperada de uma derrota. As ocasiões, como aquela com Cygni e seus piratas, em que Thrawn estava dois passos adiante do inimigo a cada rodada.

Ou, pelo menos, na maioria das rodadas. O tibanna perdido ainda incomodava Eli, e ele percebia que aquilo incomodava Thrawn ainda mais.

Então, o que Eli *realmente* queria? Um caminho calmo e seguro que levasse seus talentos e capacidades ao potencial máximo e o dirigisse ao topo da carreira escolhida? Ou um caminho que fazia com que ele quase sempre se sentisse um peixe se debatendo em terra firme, mas que permitia que ele testemunhasse um verdadeiro gênio em ação?

Eli vinha ponderando sobre essa questão desde que saíra da Academia Real Imperial. Ainda não tinha uma resposta.

– Sua família ainda realiza fretes particulares, não é? – perguntou Thrawn, interrompendo os pensamentos de Eli.

– Sim, senhor – confirmou ele, estremeando um pouco.

Eli ainda não tinha certeza de como se sentia por ser ajudante de ordens de Thrawn, mas seus pais haviam deixado sua opinião sobre a carreira estagnada do filho *muitíssimo* clara. A situação se tornara tão ruim que ele não ansiava mais pelas cartas e ligações deles.

– Eu presumo que tal serviço incluía um conhecimento sobre oferta e demanda?

– O frete em si, não – explicou Eli. – Mas eles também fazem muitas aquisições, e isso com certeza inclui. Por quê? Há algo de que o senhor precise?

Thrawn ficou em silêncio por mais alguns passos.

– Dúnio – respondeu o Chiss. – Cygni identificou meu droide serra como um modelo Mark Um e claramente reconheceu seu valor. Isso só pode ser por causa do conteúdo de dúnio.

Eli deu de ombros.

– Não há surpresa nisso. O preço do dúnio disparou desde que a Marinha começou sua onda mais recente de construção de naves.

– É o que diz a história – concordou Thrawn. – Mas eu estou curioso: o senhor sabe quantas naves

estão sendo construídas e de quanto dúnio elas precisam?

– Não de cabeça, mas provavelmente consigo descobrir – disse Eli, franzindo a testa. – O senhor acha que a Marinha talvez esteja estocando o minério?

– Essa é uma possibilidade – falou Thrawn. – A outra possibilidade é mais... intrigante.

– Essa possibilidade seria...

– Algum outro projeto – disse Thrawn ponderadamente. – Alguma coisa grande e que não foi anunciada.

– As forças armadas geralmente têm projetos sigilosos em andamento – salientou Eli. – Mas eu não sei o tamanho que essa coisa poderia ter. Creio que o primeiro passo seja verificar os registros públicos do Senado e do Ministério da Economia.

– A não ser que o projeto seja sigiloso até mesmo para eles.

– Isso ainda sugeriria algo pequeno – falou Eli. – Projeto secreto ou não, o dinheiro tem que vir *de algum lugar*. Não apenas os custos materiais, mas de engenharia, pagamento de trabalhadores e transporte de recursos. Quanto maior for, mais difícil vai ser esconder tudo isso.

– Mas não é impossível?

– Meu pai sempre dizem que nada é impossível – respondeu Eli. – Se o senhor quiser, posso dar uma olhada nisso.

– Eu agradeceria muito. Obrigado. – Thrawn apontou para a porta adiante. – Eu fui informado de que nossas novas ordens estarão à nossa espera aqui.

– Ah – exclamou Eli. Que rápido! Aparentemente, o Alto Comando já sabia de antemão qual seria o veredito da mesa. Pelo menos ele e Thrawn não ficariam simplesmente sentados num limbo, sem nada para fazer.

Ainda assim, a notícia provavelmente seria ambígua. Pelo que Eli lera, cortes marciais eram os maiores assassinos de carreiras. Mesmo que o oficial fosse absolvido, ele geralmente recebia apenas postos em terra firme ou orbitais nos anos seguintes. Dada a atitude da Marinha em relação a não humanos – e dado que Thrawn irritara tanto o almirante Wiskovis como a capitã Rossi no caminho de conseguir apenas uma meia vitória –, Eli também duvidava que receberiam um dos melhores e mais prestigiosos postos em terra firme.

E aonde Thrawn fosse, será que ele seguiria?

– Guarda-marinha Eli Vanto? – soou uma voz por trás dele.

– Sim, senhora – confirmou Eli ao dar meia-volta.

A mulher que vinha a passos largos na direção deles era de meia-idade, vestia um traje formal discreto, mas de aparência cara, com uma pequena capa. A expressão era fria, a pele, lisa, com o aspecto de quem raramente, ou nunca, andava a céu aberto.

– Uma palavra com o senhor, se possível? – perguntou ela.

Eli olhou para Thrawn.

– O senhor pode falar com ela – disse o Chiss. – Eu pegarei nossas ordens e retornarei.

Thrawn olhou brevemente para a recém-chegada, depois continuou na direção da porta que indicara. Ela se abriu, e ele desapareceu lá dentro.

– *O senhor pode falar com ela?* – repetiu a mulher. – Eu nem sabia que guardas-marinha precisavam de permissão de seus superiores para falar com pessoas.

– É só o jeito dele falar – disse Eli, sentindo o rubor no rosto.

Thrawn se tornara fluente na língua básica havia muito tempo, mas sua capacidade de exprimir comentários de forma educada ou diplomática às vezes ainda era terrivelmente deficiente.

– A senhora é?

– Meu nome é Culper – respondeu a mulher. – Sou ajudante de ordens do moff Ghadi.

Ela arqueou as sobrancelhas ligeiramente.

– O senhor *sabe* quem é o moff Ghadi, eu presumo?

– É claro – falou Eli.

Ele realmente *ouvira* falar de Ghadi – um moff do importante setor Tangenine ali no Núcleo, como Eli se lembrava vagamente. Tirando esse fato, porém, os detalhes da vida e do cargo de Ghadi eram meio nebulosos.

– Ótimo – disse Culper, animada. – Sua excelência andou acompanhando este caso com algum interesse. Ele concorda com o resultado, mas está um pouco descontente que seu papel no sucesso do tenente não tenha sido completamente reconhecido.

– Não é difícil explicar – falou Eli. – O tenente Thrawn foi quem identificou o impostor Cygni como um agente infiltrado, concebeu um plano para capturá-lo e depois executou aquele plano com habilidade e eficiência.

– Mas não fez isso sozinho – salientou Culper. – O senhor e os outros integrantes da tripulação da *Corvo Sangrento* foram importantes para que ele atingisse esse resultado.

– O que foi dito várias vezes – lembrou Eli. – A maior parte delas pelo próprio tenente Thrawn. Que eu creio também ter recomendado condecorações para todos nós.

– Mas não promoções.

– Oficiais subalternos não podem dizer como os oficiais superiores devem realizar seu trabalho – disse Eli. – Eu confio que o Alto Comando e a Marinha Imperial façam o que é justo e correto.

Culper deu um sorrisinho.

– Ah, sim. Justo e correto. Duas palavras que soam impressionantes, mas são vazias. Ninguém consegue o que merece neste universo, guarda-marinha Vanto. Você certamente não deveria esperar pelo que outra pessoa considera justo e correto. Não, você tem que estar alerta para as oportunidades e agarrá-las com firmeza. – Ela ergueu a mão e fechou o pulso enfaticamente.

– Há uma oportunidade aí fora que estou perdendo?

– Certamente – falou Culper. – Sua excelência moff Ghadi tem muitos contatos e conhecidos no Império inteiro. Um deles, um governador em um sistema de prestígio da Orla Interior, está precisando de um adido militar assistente. Uma palavra de sua excelência, e o emprego é seu. – Outro sorrisinho. – E o senhor certamente seria promovido a tenente no meio do caminho, com uma promoção para capitão logo a seguir.

– Interessante – disse Eli. – Infelizmente, estou comprometido com mais três anos de serviço na Marinha antes de eu sequer poder considerar uma oferta dessas.

– Não é problema – garantiu Culper. – Naquele sistema especial em questão, o departamento do adido é uma extensão da Marinha Imperial. O senhor estaria servindo ao compromisso imperial ao mesmo tempo em que se estabeleceria na hierarquia local.

– Parece melhor ainda – falou Eli. – Eu agradeço a oferta, mas ainda não estou pronto para um cargo burocrático.

– Este está longe de ser um cargo burocrático – disse Culper, com os lábios se contorcendo ligeiramente, com escárnio ou achando graça.

Aparentemente, Eli era ainda mais mal informado sobre essas coisas do que ele achava.

– O senhor faria a ligação com a Marinha Imperial, sim; mas também seria um oficial da força de defesa na frota do sistema. Antes que se desse conta, o senhor teria o próprio posto de comando. Uma nave de patrulha para começar, depois uma fragata, até chegar a um cruzador leve ou mesmo pesado.

– Parece intrigante – comentou Eli.

– Mais do que simplesmente intrigante, espero – falou Culper, franzindo a testa lisa. – O senhor parece estranhamente hesitante, guarda-marinha. Imagino que o senhor saiba que há oficiais superiores na Marinha inteira que agarrariam uma chance como esta. Que sua excelência ofereça algo assim para um oficial tão subalterno quanto o senhor é algo inédito.

– Eu não duvido – concordou Eli. – O que leva à pergunta óbvia: por que eu?

Culper deu de ombros.

– É possível simplesmente perguntar por que *não* o senhor? O senhor provou ser capaz em uma situação fora do comum, ficou famoso... – Ela fez uma pausa e olhou para a porta pela qual Thrawn acabara de sair. – E não é como se a Marinha tivesse seu futuro em mente.

Eli virou o rosto, e um nó se formou no estômago. Culper estava certa quanto àquilo, de qualquer forma. O próprio Thrawn estava a caminho de um cargo burocrático, com seu ajudante de ordens caindo como um meteoro ao lado dele.

Ou, em vez disso, Eli poderia aceitar a oferta do moff Ghadi e comandar a própria nave.

Ele nunca considerara isso como uma possibilidade para o futuro. Eli trabalhara com aprovisionamento na Academia, e o melhor que aquela carreira podia oferecer era ser chefe de aprovisionamento em um destróier estelar ou possivelmente o comando de um grande depósito em terra firme.

Mas aquela carreira tinha acabado havia muito tempo. Agora ele era assistente de ordens de um oficial... e, se havia um caminho que não levava a lugar nenhum, era esse. Eli poderia acabar como capitão, até mesmo como primeiro-tenente; mas sempre estaria à sombra de um comandante, um almirante ou grão-almirante.

Ou, em vez disso, ele podia ser o capitão da própria nave.

Era a oportunidade de uma vida. Ele seria um tolo de não aceitá-la.

Mas será que Eli realmente conseguiria ter sucesso? Será que seria capaz de comandar uma nave inteira, mesmo uma tão pequena quanto uma nave de patrulha de sistema? Ele não tinha o treinamento ou a experiência. Certamente não tinha os dons de liderança ou o carisma.

Mas, ainda assim. Capitão da própria nave...

– Imagino que a localização não seja um problema – falou Culper diante da hesitação dele. – Sendo completamente sincera, um posto na Orla Interior é mais do que generoso.

Os pensamentos de Eli travaram.

– O que a senhora quer dizer com “mais do que generoso”?

Os lábios de Culper se apertaram brevemente.

– Eu quis dizer que, para alguém do Espaço Selvagem como o senhor, a Orla Interior é uma subida incrível.

– Entendo – disse Eli, sentindo uma pontada de raiva.

Ele já tinha experimentado muito da superioridade e do desdém por parte dos cadetes na Academia Real Imperial, mas nunca imaginara que ouviria o mesmo preconceito vindo de uma autoridade do alto escalão do governo.

– Diga-me, sra. Culper, por que eu fui escolhido exatamente para esta honra?

– Porque sua excelência considera o senhor digno de promoção.

– É o que a senhora diz – concordou Eli. – Qual é o *verdadeiro* motivo?

Os lábios de Culper se apertaram novamente.

– Se o senhor não quiser aproveitar esta oportunidade...

– É por causa de Thrawn, não é? – interrompeu Eli quando compreendeu de repente. – O moff Ghadi não se importa se eu tiver sucesso. O que ele quer é que Thrawn fracasse.

– Sua excelência não se interessa pelo que ocorre a um mísero capitão-tenente.

Eli olhou para a porta com um súbito lampejo de compreensão.

– Só que ele não é mais um capitão-tenente, não é? Thrawn foi promovido a capitão.

O lábio de Culper tremeu. Não muito, mas o bastante para mostrar que Eli acertara em cheio.

– Certo – falou ela, com a voz calma se tornando sombria. – Sim, ele está sendo promovido; e sim, há alguns de nós que não estão satisfeitos com toda a atenção que o alienígena vem recebendo. As atitudes

de Thrawn custaram ao Império centenas de milhares de créditos em gás tibanna perdido.

– Ele recuperou metade do gás.

– Quarenta por cento – disse Culper friamente. – E isso foi uma ação do almirante Wiskovis, não dele.

Tudo que importava a seu amigo alienígena era demonstrar como ele era esperto.

– Thrawn também resgatou a tripulação do cargueiro.

– Da qual três eram alienígenas.

Eli sentiu um formigamento na pele.

– Que diferença isso faz?

– O senhor realmente não compreende? – indagou Culper. – A prioridade do Império era recuperar o tibanna. Era *isso* que era valioso. Era *nisso* que um bom oficial imperial teria se concentrado. Ao contrário, Thrawn arriscou a sua vida e a dos outros tripulantes da *Corvo Sangrento* para resgatar alguns alienígenas. O que o senhor acha que ele fará na próxima vez que uma decisão dessas for exigida?

– Entendo – falou Eli.

Então era isso. Ele não estava sendo lembrado por sua habilidade e preparo para um posto de prestígio. Estava sendo apenas um brinquedo nas mãos de Ghadi e seus amigos, que pretendiam usá-lo para derrubar aquela ameaça não humana e de fora da elite que estava interferindo em seu pequeno universo de conforto.

– Eu agradeço a honestidade, sra. Culper. Por favor, agradeça à sua excelência moff Ghadi pela oferta, mas estou feliz bem aqui onde estou.

– Então o senhor é um tolo – disse Culper em tom venenoso. – Ele *vai* cair algum dia. Mesmo que o senhor esteja presente para facilitar a caminhada política dele, Thrawn vai cair. Ele deu sorte desta vez. Mas a sorte nunca dura. E quando Thrawn cair, qualquer um próximo demais dele cairá junto.

– O moff Ghadi vai garantir que isso aconteça?

Culper sorriu.

– Bom dia, guarda-marinha – falou ela.

Culper começou a dar meia-volta, depois parou.

– Ah, e, se eu fosse o senhor, me acostumaría a esse título – acrescentou ela. – O senhor ficará com ele por muito tempo.

Culper deu meia-volta novamente, desta vez com a capa esvoaçando, e foi a passos largos na direção da saída. Eli olhou a mulher ir embora, e o nó emocional que sentira voltou conforme a indignação recuava.

Porém, embora os sentimentos ainda fossem ambíguos, o rumo agora estava claro. De uma forma ou de outra, sua carreira estava ligada à de Thrawn.

– O senhor está abalado – a voz do Chiss surgiu por trás de Eli.

– Estou bem – rosnou Eli.

Era pedir muito que as pessoas parassem de surgir de mansinho?

– O senhor pegou suas ordens?

– Sim – respondeu Thrawn. – O que ela queria com o senhor?

– Ela estava me oferecendo um emprego – falou Eli em poucas palavras. – Qual é seu novo posto?

Thrawn baixou o olhar para o datapad na mão.

– Primeiro oficial a bordo da *Vespa Trovejante*, que está listada como cruzador leve da classe Arquitens atualmente patrulhando a Orla Média.

– E o senhor foi promovido a capitão?

Thrawn inclinou a cabeça e franziu ligeiramente os olhos brilhantes.

– Como o senhor sabe?

– Um chute de sorte – respondeu Eli. – Eu presumo que o senhor pegou minhas ordens, aproveitando o ensejo.

- Sim. – Thrawn ofereceu um datacard. – Também a *Vespa Trovejante*, como meu ajudante de ordens.
 - Sem promoção.
 - Não – disse Thrawn. – Lamento, guarda-marinha. Eu *recomendei* o senhor tanto para uma promoção como para um posto de combate.
 - Para o qual eu realmente não fui treinado – salientou Eli. – Onde eu *deveria* estar era em aprovisionamento.
- Thrawn ficou calado um momento.
- Esse emprego que lhe ofereceram. Era melhor do que aquele designado pela Marinha?
- Eli olhou para trás a tempo de ver Culper sair da sala. Capitão da própria nave...
- Não – respondeu ele. – Não mesmo.

Arihnda levou quatro tentativas para encontrar o que procurava.

Mas foi tempo bem gasto.

O lugar em que ela estava agora era, sem dúvida, o departamento de assistência ao cidadão com menos funcionários que Arihnda tinha visto. Apenas quatro das doze mesas estavam ocupadas, duas por humanos, uma por um Rodiano e a outra por um Duros. Havia uma luz vindo da porta do gabinete do supervisor, então aparentemente havia pelo menos mais uma pessoa ali.

A falta de pessoal provavelmente era consequência das festividades da Semana da Ascensão. O corolário óbvio era que aqueles que *estavam* ali eram os que não conseguiram tirar folga, o que provavelmente significava que eram os mais novos ou menos competentes.

Obviamente, uma vez que cidadãos comuns também não tinham feriados que durassem uma semana, a fila estava simplesmente comprida como sempre. Mais comprida, na verdade, uma vez que havia apenas um terço dos funcionários para cuidar de seus problemas.

Arihnda sorriu para si mesma. Perfeito.

Ela teve tempo de sobra durante a espera na fila para avaliar os funcionários. Arihnda finalmente escolheu um dos humanos, uma mulher atarracada cujo rosto e linguagem corporal indicavam em silêncio o fato de que ela não queria estar ali. Arihnda habilidosamente alterou sua posição na fila o suficiente para garantir que finalmente se sentasse à mesa da Carrancuda.

– Bem-vinda à Assistência ao Cidadão da Avenida Proam – disse a mulher em uma voz que era mais mecânica do que alguns dos droides com quem Arihnda havia trabalhado. – Meu nome é Nariba. Como posso ajudá-la?

– Eu sou Arihnda – respondeu ela. – Perdi meu emprego recentemente e preciso de outro. Algo interessante e divertido seria melhor. Ah, eu também preciso de um lugar para morar.

– Só isso? – disse Nariba com um resmungo enquanto espiava o computador. – Referências? Qualificações? Currículo? Vamos, vamos, eu não tenho o dia todo.

– Eu trabalhava para um senador – respondeu Arihnda radiante. – Mas tudo que me ofereceram desde então foi um emprego de garçonzete.

– E você não aceitou? – rosnou Nariba. – Não foi inteligente. Você não vai conseguir nada melhor por aqui.

– Mas eu trabalhava para um *senador*.

– Ei, queridinha, olhe em volta – falou Nariba em uma voz de paciência forçada. – Metade das pessoas na Praça do Núcleo trabalhava para um senador. Você tem sorte de não ter tido que *servir* um senador, se é que me entende.

Ela observou com mais atenção.

– Ou talvez tenha servido. Você é do tipo que muitos deles gostam.

– Você está sugerindo que meu senador agiria *de maneira imoral*? – perguntou Arihnda, e uma parte dela gostou da ironia da pergunta.

– Ora, você acabou de cair do transporte de Rimma? – Nariba franziu os lábios em um sorriso condescendente. – *Claro* que sim. Pelo que vejo, melhorou o sotaque. Precisa melhorar um pouco mais.

– Eu vou – prometeu Arihnda. – Mas quanto ao emprego e um apartamento...?

Nariba revirou os olhos.

– Claro, por que não? Ainda há pessoas que acreditam em milagres. Deixe o número de seu comlink e colocarei você na lista.

Arihnda fez isso. Agradeceu Nariba, ficou de pé e chamou a próxima pessoa na fila com um gesto.

E depois foi diretamente para o gabinete do supervisor.

Havia uma campainha ao lado da porta. Arihnda tocou e esperou um momento. Tocou mais duas vezes. Na quarta vez, a porta deslizou e abriu.

O gabinete era menor do que Arihnda tinha imaginado, não muito maior do que a mesa de tamanho médio e as prateleiras de datacards na parede que ocupavam a maior parte do espaço. Atrás da mesa, estava sentado um homem de meia-idade, com aparência estressada.

– Quem é você e o que você quer? – grunhiu ele.

– Meu nome é Arihnda Pryce – respondeu ela, que entrou no escritório e olhou a placa com o nome sobre a mesa. *Alistar Sinclair*. – O senhor tem um problema, sr. Sinclair, e eu tenho a solução.

Sinclar ficou surpreso.

– Perdão?

– Eu acabei de falar com Nariba – disse Arihnda. – Sua funcionária na mesa três. Ela não é muito boa no que faz. É grossa e ofende as pessoas; e, pior ainda, não é muito prestativa. Cá entre nós, Nariba precisa ser demitida.

– Precisa, é? – falou Sinclair. – Não acho que você seja capaz de fazer esse tipo de avaliação.

– Mas o *senhor*, sim – argumentou Arihnda. – É aí que entra minha solução. Contrate-me para substituí-la.

Sinclar ergueu as sobrancelhas.

– Suas credenciais?

– Eu trabalhei pelos últimos dois anos no departamento de assistência do senador Renking no Bash IV – respondeu Arihnda. – E eu era muito boa no que fazia.

Sinclar franziu os lábios.

– Ter trabalhado para um senador é um *pouco* limitado...

– Eu lidei com proprietários raivosos, inquilinos raivosos, funcionários relutantes e gente nervosa procurando emprego – continuou Arihnda. – Também com líderes sindicais, pretensos líderes sindicais, mineiros em greve, mineiros furando greve, homens e mulheres raivosos que queriam quebrar meu escritório, criminosos de meia tigela, criminosos do alto escalão e políticos do pilantra mais puro ao fóssil mais arraigado.

Ela parou para tomar ar. Pela expressão de Sinclair, ele provavelmente nunca tinha ouvido ninguém antes jogar uma lista tão extensa assim em sua cara.

– Sério? – disse Sinclair, pouco convencido.

– Sério – garantiu Arihnda. – Mas não acredite apenas na minha palavra.

Arihnda indicou com a cabeça o gabinete central atrás dela.

– O senhor tem oito mesas vazias ali. Deixe-me trabalhar pelo resto da Semana da Ascensão de graça. Depois disso, o senhor pode decidir por si mesmo qual de nós quer manter.

Sinclar sorriu.

– Você é pretensiosa, não é?

– Sou – concordou Arihnda. – Mas me disseram que não é pretensão se você obtém sucesso.

– Argumento interessante. – Sinclair ficou de pé e ofereceu a mão por cima da mesa. – A senhorita está dentro, srta. Pryce. Assuma a mesa oito. Vamos ver se é tão boa quanto pensa.



CAPÍTULO

12

Ninguém consegue dizer para onde um caminho vai levá-lo, mesmo por um único dia. Mais difícil ainda é saber onde o caminho de um guerreiro cruzará com o caminho de outro.

Um guerreiro deve estar sempre alerta para tais encontros. Alguns são gerados ao acaso e podem ser benignos. Mas outros são determinados com um objetivo. Estes nunca devem ser subestimados.

Felizmente, sempre há sinais. Antes que uma armadilha seja acionada, ela deve ser preparada, calibrada e armada. Se os sinais forem interpretados corretamente, o padrão de ataque será nítido.

Mas é preciso lembrar que preparar uma armadilha é mais fácil do que derrotá-la.

Os contrabandistas foram escoltados a bordo, desdenhando e praguejando, e foram mandados um a um para a prisão. O comandante Alfren Chenó estava parado ao lado da comporta externa da prisão, passando os dedos por uma grande concha de molusco-da-areia.

– Conchas – disse ele categoricamente. – Eles estavam contrabandeando irídio dentro de conchas.

– Sim, senhor.

Cheno era da velha guarda e atingira o ápice de sua capacidade como capitão da *Vespa Trovejante*. Provavelmente estava destinado a encerrar a carreira a bordo da nave ou de outra parecida com ela.

Dadas a idade e a criação do capitão, Eli temeu que ele fosse demonstrar o preconceito de Culper, a porta-voz condescendente do moff Ghadi, ou o desdém da capitã Rossi, da *Corvo Sangrento*. Em vez disso, Chenó aceitou Thrawn de bom grado, embora com um certo grau de apreensão discreta, mas inconfundível. Porém, com o tempo, o Chiss lentamente conquistou o comandante com sua capacidade de enxergar o cerne de qualquer questão que estivessem enfrentando.

Ainda assim, Chenó nunca havia perdido sua capacidade de ficar atônito – o que tornava momentos como aquele tão divertidos.

– Eles estavam tirando o irídio roubado das minas e colocando-o em um velho transporte submarino comprado como excedente militar, senhor – explicou Eli. – Possivelmente é um veículo gungano; nós ainda não fizemos uma identificação positiva. Depois eles levaram o irídio para um grupo de barcos de pesca onde moldaram o metal em pequenos discos e esconderam dentro de conchas a fim de transportá-lo para fora do planeta.

– A discrepância de peso não entregava o esquema?

– Não havia nenhuma, senhor – disse Eli. – Os discos são pequenos, a carne de molusco-da-areia tem uma densidade fora do comum. A operação toda funcionava como um relógio.

– Hum. – Chenó franziu os lábios. – Posso perguntar quem desmantelou o esquema?

– O senhor realmente precisa perguntar?

– Creio que não – respondeu o comandante. – Muito bem. Como ele fez?

Havia cerca de um ano, ponderou Eli, quando ele e Thrawn vieram a bordo da *Vespa Trovejante*, era um pouco incômodo ter que explicar como o Chiss realizara o mais recente de sua longa sequência de milagres. Agora, Eli estava tão acostumado com aquilo que era quase divertido. Praticamente como ser o assistente de um ilusionista que sabia os segredos do funcionamento dos truques.

O que não queria dizer que ele próprio algum dia seria capaz de realizar os truques, mas Eli estava surpreendentemente fazendo as pazes com isso.

– Foram os makorrs, senhor – falou ele. – Uma espécie local de predador marinho. O capitão Thrawn notou que eles estavam ativos, de maneira fora do comum, perto daqueles barcos em especial. Os makorrs pareciam estar sendo atraídos por alguma coisa.

– A isca misteriosa era a comida grátis – disse Chenó, acenando com a cabeça para indicar que compreendia. – Os contrabandistas tinham que se livrar da carne do molusco para dar lugar ao irídio e simplesmente a jogavam na água.

Ele balançou a cabeça.

– É realmente muito simples quando a pessoa enxerga.

– Sim, senhor – concordou Eli. Assistente de ilusionista... – A maioria das coisas é simples.

A comporta se abriu, e Thrawn apareceu.

– Capitão – cumprimentou Chenó. – Nossos convidados estão todos guardados para a noite?

– Sim, senhor – disse Thrawn. – Eles parecem um tanto quanto perplexos, porém.

– Ótimo – falou Chenó. – Eu adoro prisioneiros perplexos. Eles ficam com algo para pensar além de fugir. Falando em guardar, soube que nós temos mais antiguidades a caminho?

– Sim, senhor – respondeu Thrawn. – Desculpe por não tê-lo informado antes.

– Sem problema – disse Chenó. – O que é desta vez? Outra peça de anel de hiperdrive?

– Não, senhor. Um pedaço de droide serra e um segmento de uma arma de combate que eu creio ter sido chamada de droide abutre.

Chenó resmungou.

– Material das Guerras Clônicas novamente – falou ele, observando Thrawn com atenção. – Algo a respeito daquela era lhe interessa?

– Na verdade, senhor, *tudo* sobre aquela era me interessa – respondeu Thrawn. – Posso continuar a guardar os itens no hangar de popa?

– Certamente – disse o comandante. – Mas, saiba: se algum dia recebermos aqueles novos caças TIE que vivem nos prometendo, teremos que chegar a alguma solução. Porém, até lá, não vejo motivo para o espaço não ser seu.

– Obrigado, senhor – falou Thrawn. – Com sua permissão, vou lá cuidar para que sejam guardados de maneira adequada.

– É claro – disse Chenó. – Prossiga, capitão. Guarda-marinha.

Com um aceno de cabeça para cada um deles, o comandante deu meia-volta e foi para a ponte.

– Pode me acompanhar, guarda-marinha? – convidou Thrawn, gesticulando na direção do hangar não utilizado.

– Certamente, senhor – disse Eli enquanto eles saíam. – Perplexos, o senhor disse?

– Eles estão furiosos pela maneira como foram capturados.

– Aposto que sim – falou Eli. – Talvez o próximo grupo seja esperto o bastante para guardar a carne de molusco e jogar aos poucos pelo caminho inteiro de volta ao porto. Dessa forma, não vão atrair uma multidão.

– Excelente – disse Thrawn.

Eli franziu a testa.

– O que é excelente?

– Sua crescente aptidão para a arte da tática – Thrawn entregou o datapad. – O que o senhor acha disso?

– O que é? – perguntou Eli ao pegar o aparelho.

Estava longe de ser tática enxergar as atitudes estúpidas tomadas por um grupo de contrabandistas convencidos. Como Cheno dissera, tudo era óbvio em retrospecto.

– Uma listagem de preços de vários artefatos das Guerras Clônicas em várias lojas de antiguidades e de material militar velho e em ferros-velhos nos últimos três anos.

Eli franziu a testa.

– O senhor quer dizer desde lá atrás, quando começou a colecioná-los na *Corvo Sangrento*?

– Sim – respondeu Thrawn. – Os números mais antigos estão no topo. Estude-os e diga-me o que vê.

Eli espiou a lista. Era um documento impressionante, comprido e detalhado. E não eram apenas os itens que Thrawn comprou, mas sim o registro inteiro de armamentos e equipamentos das Guerras Clônicas. Ele observou a lista, e a mente entrou automaticamente no modo de oferta e frete que não tivera muita oportunidade de usar desde que se formara na Academia.

– Bem, os droides serras Mark Um dispararam – comentou ele. – Mas, com o preço do dúnio ainda subindo, isso era inevitável.

– De fato – disse Thrawn. – Continue descendo pela lista, por obséquio. Procure um padrão.

Eli concordou com a cabeça, distraído, já adiante da sugestão. Itens, preços, datas...

E lá estava.

– Os droides abutres – falou ele, batendo com o dedo no datapad. – Os preços eram estáveis até cinco meses atrás.

– Quando subitamente começaram a subir – disse Thrawn, concordando com a cabeça. – O que o senhor conclui quanto a isso?

– Obviamente, alguém está comprando os droides abutres. Alguém está comprando *um monte*. – Eli ergueu as sobrancelhas. – Mais dúnio?

– Não com esses droides – explicou Thrawn. – Mas, o que me faz lembrar, o senhor fez algum avanço em sua análise do programa de naves de guerra da Marinha?

– Algum – respondeu Eli cautelosamente.

Na verdade, eles andaram tão ocupados nos últimos meses que ele tivera apenas momentos ocasionais para se dedicar àquele projeto.

– Há muitos esconderijos naquele tipo de planilha, então não dá para dizer com certeza. Mas, neste exato momento, eu não consegui encontrar nenhum projeto de construção que sequer chegasse perto de absorver a quantidade de dúnio que está desaparecendo dos mercados.

– E as finanças em si? – perguntou Thrawn.

– Novamente, nada óbvio. Se algo está acontecendo, está *muito* bem escondido.

– Interessante – murmurou o Chiss. – Acredito que o senhor continuará com a investigação. – Ele gesticulou para o datapad. – Enquanto isso, nós temos que levar esses droides abutres em consideração. O senhor disse que eles estão sendo comprados?

– Sim – respondeu Eli. – E as compras não são apenas locais também. É impossível que os valores subam assim tão rápido a não ser que todos os setores circunvizinhos estejam sendo esgotados também.

– Também foi minha suposição – concordou Thrawn. – E, sem nenhum outro valor óbvio desses droides, a conclusão provável é de que o comprador tem a intenção de usá-los.

– Não há muito uso para um droide abutre a não ser atirar em outras pessoas – salientou Eli. – E a tecnologia deles deve ter pelo menos umas duas décadas de idade. Eu achava que nós basicamente havíamos aprendido a lidar com droides abutres.

– É possível que tenhamos nos esquecido – comentou Thrawn. – Conforme o armamento progrediu, as

técnicas usadas contra material bélico obsoleto podem ter sido negligenciadas ou perdidas.

– Possivelmente – disse Eli. – Porém, é preciso uma pessoa muito confiante para pensar que é capaz de vencer turbolasers modernos com canhões de raios.

Thrawn deu de ombros.

– Eu poderia.

– Certo, mas o senhor está do nosso lado – falou Eli ironicamente. – Quem mais poderia?

Thrawn ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. Eli franziu a testa...

– Deixe-me adivinhar. O Cisne Noturno?

– O Rodiano que me vendeu a peça de droide abutre tinha um pedido para mais peças do mesmo estilo sob o nome do Cisne Noturno – confirmou Thrawn.

– O comerciante deixou que o senhor visse os pedidos?

– Ele não soube que eu vi.

– Ah – falou Eli, observando o Chiss atentamente.

Desde o episódio do tibanna perdido em Uba, Thrawn passara a dar um enfoque sutil, porém forte, ao Cisne Noturno – Eli se recusava a chamar o comportamento de obsessão, mesmo na privacidade da própria mente. No último ano, Thrawn fora convocado para ir a Coruscant quatro vezes a fim de se consultar com o imperador, e durante cada uma daquelas viagens ele arrumara tempo para visitar o coronel Yularen para uma atualização informal e sigilosa sobre as atividades do Cisne Noturno.

– Não imagina que possa haver um segundo Cisne Noturno à solta?

– Isso sempre é possível – disse Thrawn. – Mas, considere: nós sabemos que nosso Cisne Noturno se especializa em estratégias inteligentes. Também sabemos que ele viu em primeira mão a eficácia de velhas armas e tecnologias que ninguém espera enfrentar. E, junto com o nome, o pedido especificou que o pagamento seria em irídio.

– Então o senhor também está responsabilizando o Cisne Noturno pela operação que acabamos de desmantelar? – Eli balançou a cabeça. – Não sei. O Cisne Noturno é esperto. Esses caras são idiotas.

– De fato, são – concordou Thrawn. – É por isso que eu perguntei para um deles sobre a carne de molusco enquanto estavam sendo presos. Ele admitiu que o homem que armou todo o esquema mandou que eles jogassem fora a carne especificamente por todo o itinerário. Eles responderam que isso era trabalhoso demais.

– Interessante – falou Eli. – Mas ainda não qualifica como prova.

– Verdade, mas pede que examinemos melhor o assunto – disse Thrawn. – Vou informar ao comandante meus pensamentos e especulações. Enquanto isso, talvez o senhor consiga rastrear os metais contrabandeados e procurar por uma conexão com a compra de droides abutres.

– Farei o possível – prometeu Eli. – Mas rastros assim são muito fáceis de acobertar.

– Eu confio em suas capacidades – falou Thrawn. – Também devemos ficar de olho em relatórios sobre problemas no planeta Umbara.

– Por que Umbara?

– Os contrabandistas se lembraram de que o homem que lhes passou as instruções mencionou esse mundo.

– Parece um despiste – alertou Eli. – Umbara foi um dos principais planetas separatistas. Os habitantes lutaram muito e foram derrotados pra valer. Difícil acreditar que eles queiram passar por aquilo novamente.

– Concordo – disse Thrawn. – Mas vamos ficar de olho nos relatórios vindo de Umbara mesmo assim. – Ele fez uma expressão grave. – O Cisne Noturno escapou do Império uma vez. Tenho certeza de que o Império agradecerá se nós remediássemos aquele fracasso.

Para alguns, é um indicador de cultura. Para outros, é um indicador de riqueza. Para a maioria, é uma questão de simples satisfação.

Para Thrawn, era uma ferramenta inestimável.

O acervo do computador da *Vespa Trovejante* só possuía um catálogo limitado de reproduções de arte, e apenas três obras eram de Umbara. Felizmente, Thrawn passara os últimos três anos construindo uma ampla coleção de datacards que rivalizava com os melhores arquivos de arte do Império.

Ele estava sentado na cabine, cercado por hologramas de esculturas estáticas, móveis, cinéticas e interativas e outras formas de artes que os Umbaranos desenvolveram e exploraram com o passar dos séculos. De interesse especial, havia as mudanças sutis que ocorreram nas obras criadas antes e depois das Guerras Clônicas.

Os outros Chiss não entendiam. Nunca entenderam. Havia perguntado para Thrawn inúmeras vezes como ele era capaz de montar um conhecimento tático tão detalhado a partir de ingredientes tão obscuros e insignificantes.

A questão continha a própria resposta. Para Thrawn, nada na arte de uma espécie era obscuro ou insignificante. Todos os fios narrativos se uniam; todas as pinceladas conversavam com ele; todas as curvas delicadas contavam a história de seu criador.

Artistas eram indivíduos, mas também eram produtos de sua cultura, história e filosofia. O entrelace de artista e cultura era evidente ao olhar crítico. O padrão fundamental de uma espécie podia ser esboçado, depois desenhado e então preenchido completamente. Mais importante de tudo: os relacionamentos entre arte, cultura e doutrina militar podiam ser deduzidos.

E o que pode ser deduzido pode ser combatido.

Com a mente distante, Thrawn percebeu que uma nova imagem entrou no padrão de arte umbarana que fluu à sua volta. Relutantemente, ele tirou a cabeça da contemplação e reflexão e se concentrou.

O guarda-marinha Vanto entrou na cabine.

– Guarda-marinha – disse Thrawn. – O senhor está perturbando minha solidão.

– O senhor nos deixou preocupados – contra-argumentou Vanto. *A expressão dele está preocupada.* – O comandante Chenó vem tentando entrar em contato via intercomunicador pelos últimos dez minutos. Nós entramos no sistema Umbara, e ele quer o senhor na ponte.

– Minhas desculpas – falou Thrawn. – Eu estava mais concentrado do que imaginava.

– Claro – disse Vanto. *Ele olha ao redor para as obras de arte.* – O comandante achou que o senhor talvez tivesse ficado doente. O que é tudo isso?

– Arte do povo Umbarano – respondeu Thrawn. – O resto da força-tarefa chegou?

– Nosso destróier estelar, sim – respondeu Vanto. *Ele continua estudando as obras de arte com interesse.* – A *Principal*, no comando do almirante Carlou Gendling. Trouxeram duas de suas quatro corvetas; as outras duas e o cruzador leve foram despachados para investigar um problema que acabou de aparecer em outro sistema.

– O almirante Gendling está planejando esperar pelas outras navas?

– Ele parece confiante que nós podemos dar conta da situação sem a ajuda delas – respondeu Vanto. – Eu presumo que, assim que chegarmos à órbita, o almirante Gendling vá ordenar que os dissidentes se dirijam para a guarnição ou delegacia mais próximas e se rendam e entreguem suas armas. O comandante Chenó quer o senhor na ponte apenas no caso de eles não obedecerem.

– Entendido – falou Thrawn. – Por favor, dê minhas desculpas ao comandante e diga que vou me juntar a ele em questão de momentos.

Ele chegou à ponte e viu a tripulação de batalha reunida em seus devidos postos. Todos os indicadores mostravam que a *Vespa Trovejante* estava em pleno preparo para combate.

– Capitão Thrawn se apresentando, comandante – disse ele. – Minhas desculpas pelo atraso.

– Sem problema – falou Chenó. *Ele observa atentamente o rosto de Thrawn.* – O senhor está bem?

Eu achei que talvez tivesse ficado doente.

– Estou bem – garantiu Thrawn. – Eu soube que o almirante Gendling está se preparando para dar um ultimato?

– Sim – respondeu Cheno. *A expressão dele indica apreensão.* – Eu o aconselhei a esperar pelo resto da força-tarefa, mas Gendling é do tipo impaciente.

Ele se aproxima de Thrawn e baixa o volume da voz.

– Gendling tem uma visão exagerada de si mesmo e de suas capacidades – acrescentou Cheno. – Embora essa seja apenas a minha opinião.

– A opinião não é simplesmente sua, senhor – disse Thrawn. – O padrão geral da carreira do almirante valida sua avaliação.

– Sério? – falou Cheno. *Ele está surpreso.* – O senhor estudou a carreira dele?

– Eu examinei por alto.

– Sério? O senhor também examinou por alto a *minha* carreira?

– O senhor não recebeu as mesmas oportunidades que o almirante Gendling – disse Thrawn. – Sem elas, há pouca chance de o senhor provar suas capacidades.

– Mesmo que eu pudesse? – perguntou Cheno. *A expressão dele é irônica e compreensiva.* – Não, não tente poupar meus sentimentos. O senhor é um oficial brilhante. Eu sou apenas competente. O senhor subirá na hierarquia. Eu encerrarei minha carreira discretamente.

O comandante se voltou para a vigia frontal.

– Mas talvez tenhamos sorte. Talvez tenhamos que travar uma batalha, e o senhor a vencerá para mim. Pelo menos a *Vespa Trovejante* vai finalmente ganhar algum reconhecimento. – Cheno apontou com a cabeça para a popa. – O sistema de mira dos turbolasers de estibordo tem nos dado alguns problemas. Veja se o guarda-marinha Vanto precisa de alguma ajuda para verificar o diagnóstico, por obséquio.

– Sim, senhor.

Vanto estava parado ao lado da estação de diagnóstico de armas quando Thrawn chegou.

– Guarda-marinha – cumprimentou o Chiss. – Relatório sobre o sistema de mira de estibordo.

– Eles acabaram de rodar um diagnóstico – disse Vanto. – Não há problema óbvio, mas a coisa anda temperamental, então estamos rodando novamente. Eu ouvi que o comandante Cheno está torcendo para que os Umbaranos tentem a sorte contra nós?

– Ouviu, sim – confirmou Thrawn. – Mas a esperança dele provavelmente não se realizará. Os Umbaranos não vão atacar.

– Sério, senhor? – perguntou Vanto, em tom de surpresa. – Porque eles atacaram muitíssimo bem durante as Guerras Clônicas.

– Mas somente quando se consideraram em vantagem numérica, de posição ou de capacidade de comando – explicou Thrawn. – Esses fatores não existem aqui. Além disso, o planeta natal dos Umbaranos sofrerá graves estragos de bombardeio orbital se eles iniciarem combate.

– Ah – disse Vanto. – Que pena para o comandante Cheno, creio eu.

No monitor principal, apareceu o rosto do almirante Gendling.

– Povo de Umbara – falou ele. *O rosto é forte e orgulhoso, demonstra tanto desafio como desdém.* – Ou talvez eu deva dizer insurgentes de Umbara. Aqui é o almirante Carlou Gendling do destróier estelar *Principal*. Vocês participaram de sedição e reuniram armas contra as leis imperiais. Em nome do imperador, eu ordeno que se rendam e entreguem suas armas nas guarnições militares ou delegacias mais próximas. Seus líderes serão acusados de acordo com a gravidade dos crimes; aqueles que simplesmente seguiram por ignorância ou laços familiares terão permissão de voltar aos lares e às vidas sem punição. Se não obedecerem, seu mundo vai encarar a força destruidora completa que um destróier estelar imperial é capaz de empregar. Eu lhes dou uma hora.

– E é isso – disse Vanto. *Há um toque de arrependimento na voz dele. Assim como o comandante*

Cheno deseja se testar em combate amplo, Vanto também quer. – Ele provavelmente vai acabar despachando alguns poucos esquadrões de stormtroopers para manter a ordem e garantir que os arruaceiros se lembrem de quem paira sobre suas cabeças. Mas, para nós...

– Invasores! – berrou a capitã-tenente Hammerly do posto de sensores. *A voz dela indica surpresa e tensão.* – Várias naves, saindo de trás da lua externa. Duzentas, trezentas, *quatrocentas*. Quatrocentas naves invadindo o quadrante frontal de estibordo, entrando em vetores de ataque. Identificação: droides abutres.



CAPÍTULO

13

Nenhum plano de batalha pode antever todas as contingências. Há sempre fatores inesperados, incluindo aqueles que brotam da iniciativa do oponente. Assim sendo, uma batalha se torna um equilíbrio entre plano e improvisação, entre intelecto e reflexo, entre erro e correção.

A linha é tênue, mas é uma linha em que o oponente também tem que andar. Apesar de todo o equilíbrio entre a experiência e a esperteza, geralmente é o guerreiro que age mais rápido que vai prevalecer.

– Todas as naves, dispersar – retumbou a voz do almirante Gendling na ponte. – Curva de 180°. Preparem-se para combate.

Eli rosnou baixinho. O que aquele almirante de araque *pensava* que eles estiveram fazendo?

Mas um dos oficiais da *Vespa Trovejante*, pelo menos, não pareceu ouvir nenhum menosprezo subentendido na ordem. O comandante Chenou estava altivo e empertigado na ponte de comando, com a cabeça erguida e os ombros para trás. Aquela era sua chance – talvez sua última chance – de brilhar em combate.

– Turbolasers a postos – ordenou ele. – Leme, leve-nos para a proa e acima da *Principal*. Artilheiros, seu trabalho é interceptar e destruir caças inimigos que mirem nas superfícies dorsais da *Principal*.

Um coro de confirmações veio das valas de tripulantes.

– Parece que o comandante conseguiu o desejo dele afinal de contas, senhor – murmurou Eli para Thrawn.

– Não – disse Thrawn.

– Perdão?

– Ele queria enfrentar os Umbaranos em combate, mas esse ataque não é deles.

– Está vindo de uma das luas de Umbara – salientou Eli, tentando evitar o sarcasmo na voz. A confiança inabalável de Thrawn às vezes lhe subia à cabeça. – O sistema inteiro está cheio de Umbaranos. Os líderes de Umbara não estão berrando para Gendling que o ataque não é deles e “por favor, não atire”.

– Porque eles ainda não se enxergam em uma posição de fraqueza – explicou Thrawn. – Os Umbaranos estão assistindo ao ataque para ver se estamos suficientemente enfraquecidos para eles nos enfrentarem.

Eli balançou a cabeça.

– Como você *sabe* tudo isso?

– Todas as armas: *fogo!* – gritou Cheno.

A ponte da *Vespa Trovejante* se acendeu com lampejos de luz verde quando os raios dos turbolasers foram disparados na direção dos caças que se aproximavam. Alguns dos droides abutres foram atingidos e instantaneamente reduzidos a explosões brilhantes de fumaça e destroços, mas a maioria deles evitou o ataque do cruzador com facilidade.

– Disparem de novo! – vociferou Cheno. – E, desta vez, *acertem* os alvos.

– Eles são pequenos demais, senhor – respondeu o oficial de armas Osgoode. – Vamos ter que esperar até que se aproximem mais.

Antes que Cheno pudesse responder, os droides abutres dispararam uma saraivada de tiros rumo a eles.

– Defletores! – gritou Cheno, cuja voz, Eli notou, estava começando a soar forçada.

Não era para menos. Teoricamente, droides abutres não deveriam ser páreo para naves de combate imperiais. Mas havia muitos deles.

Os artilheiros do cruzador tentaram o melhor possível, mas podiam fazer pouca coisa contra o enxame que se aproximava. As naves menores eram rápidas demais, ágeis demais, estavam longe demais. A *Vespa Trovejante* continuou atirando, mas apenas alguns raios atingiram o alvo.

Enquanto isso, os tiros dos droides abutres estavam rasgando o casco da *Vespa Trovejante*, penetrando em vãos nos escudos sobrecarregados para destruir sensores, espaldões de artilharia, e um número pequeno, mas que crescia rápido, de placas externas do casco.

Eli olhou para o mostrador tático. Até agora, a *Principal* parecia estar aguentando firme, mas as duas corvetas classe atacante estavam apanhando ainda mais do que a *Vespa Trovejante*.

E o comandante Cheno ainda permanecia na passarela de comando. Imóvel. Calado.

Além de sua capacidade.

Impotente.

Eli deu uma olhadela para Thrawn. O Chiss também estava imóvel, com o rosto tão impassível quanto o de Cheno.

Mas havia algo a respeito dele que provocou um arrepio na espinha do guarda-marinha. Thrawn viu alguma coisa. Em algum lugar em todo aquele caos e destruição, ele viu alguma coisa.

Abruptamente, Thrawn pareceu chegar a uma decisão.

– Quem aqui teve experiência de combate com droides abutres? – perguntou ele.

– Eu, senhor – respondeu Hammerly, erguendo a mão.

– Vá para a estação um de turbolaser, tenente – ordenou Thrawn.

– Comandante? – perguntou Hammerly, olhando para Cheno à espera de confirmação.

– Vá – mandou o comandante Cheno, com a voz grave. – Oficial do sensor secundário...

– Eu assumirei o posto do chefe de sensores – interrompeu Thrawn. – Guarda-marinha Vanto, venha comigo.

Alguns segundos depois, Thrawn estava sentado ao console de Hammerly. Eli ficou atrás dele, se esforçando muito para não parecer tão nervoso quanto se sentia. Já era ruim que eles estivessem sendo desmantelados por uma força agressora que não conseguiam deter. Mas, ao dar ordens a torto e a direito sem a aprovação de Cheno, Thrawn havia efetivamente usurpado o comando. A mente de Eli se recordou da capitã Rossi e do almirante Wiskovis, e das reações dos dois ao desprezo gratuito de Thrawn pelo protocolo da hierarquia.

– E agora? – perguntou ele em voz baixa. – O senhor já sabia que Hammerly esteve em combate?

– Eu precisava de um motivo para tomar a estação dela – respondeu Thrawn calmamente. – Eu estudei os droides abutres, guarda-marinha. Eles normalmente não lutam com essa eficiência.

Eli olhou o monitor. Os caças se aproximaram das quatro naves imperiais e formaram um enxame em volta delas, despejando fogo contínuo enquanto ainda conseguiam desviar em grande parte o contra-

ataque dos defensores.

– Bem, eles não foram feitos para serem muito inteligentes – salientou Eli. – Algumas manobras pré-programadas e padrões de combate, usados sempre em enormes quantidades para sobrepujar os alvos...

– Ali! – Thrawn apontou com o dedo. – Aquele grupo de quatro. O senhor viu?

Eli franziu a testa.

– Não.

– As emissões dos propulsores aumentaram subitamente, permitindo que acelerassem – disse Thrawn. – Mas não houve motivo para o aumento de velocidade. Eles já estavam desviando de nosso ataque com bastante eficiência.

– Ok – falou Eli, franzindo ainda mais a testa.

O grupo que Thrawn marcou estava passando no meio dos tiros de turbolaser e dando a volta para outra saraivada...

Eli se enrijeceu. Ali estava.

– Eu vi.

– Ótimo – disse Thrawn. – Perceba como o estilo de combate dos droides abutres também se altera. Em vez de atirar com propósito em pontos vulneráveis, eles disparam indiscriminadamente, não importando se vale a pena atirar no alvo ou não.

– Entendi – respondeu Eli.

As alterações no estilo de combate eram sutis, mas, agora que ele sabia o que procurar, elas eram bem visíveis.

– Então, o que isso quer dizer?

– O senhor mesmo disse que esses droides não são inteligentes – disse Thrawn. – Seus criadores presumiram que um dado caça não sobreviveria por muito tempo, então os programaram para serem armas de enxame.

– Daí eles gastam seus recursos o mais rápido possível, sem considerações a longo prazo? – perguntou Eli, franzindo a testa. – Tem certeza?

– Observe a curvatura dos pods – explicou Thrawn. – O formato das listras, a posição dos canos das armas de raios. Armas como essas não são apenas funcionais como também incorporam o talento artístico de seus criadores. Os seres que criaram e construíram esses caças acreditavam em respostas curtas e rápidas para questões e problemas.

– Vou acreditar no que o senhor diz – falou Eli.

A explicação parecia ridícula, mas ele já tinha visto Thrawn puxar fatos igualmente obscuros de imagens igualmente imperceptíveis.

– Onde isso nos deixa?

– Eles foram feitos para formar um enxame – respondeu Thrawn. – Mas demonstraram essa tática apenas brevemente, o que nos leva à conclusão...

Ele fez uma pausa e esperou.

– Que, durante o resto do tempo, os droides abutres estão sob comando direto de algum ponto – respondeu Eli quando finalmente teve um estalo. – Em algum ponto na lua externa?

– Eles foram lançados de lá – concordou Thrawn. – Mas não estão sendo controlados de lá. As mudanças ocorrem quando os caças voam pela zona de sombra de transmissão de uma de nossas naves.

– Então, se conseguirmos encontrar e analisar todas as zonas de sombra, podemos localizar o transmissor – disse Eli com uma pontada súbita de esperança. – E o senhor veio aqui porque precisa da estação de sensores para realizar esse tipo de cálculo?

– Precisamente – respondeu Thrawn.

Eli sentiu o lábio tremer quando o último elemento se encaixou. Ao esconder sua constatação e revelação, Thrawn esperava passar mais do crédito para o resto da tripulação da *Vespa Trovejante*. E,

por extensão lógica, para o comandante Cheno. Uma última chance para ele brilhar em combate.

– O que o senhor quer que eu faça?

– Eu farei os cálculos e coordenarei as localizações e vetores – disse Thrawn. – O senhor ficará de olho em outras zonas de sombra e vai marcá-las.

– Certo. – Eli olhou para o monitor tático e estremeceu ao ver todos os pontos vermelhos que marcavam grandes avarias às naves imperiais. – Trabalhe rápido.

Os próximos dois minutos se arrastaram. Eli examinou a batalha inteira e percebeu mais três mudanças súbitas que marcavam o momento em que um caça funcionava brevemente sob a própria programação. Ele não tinha ideia de quantos Thrawn notara no mesmo período, mas o Chiss se voltou abruptamente para o painel não menos do que dez vezes.

– Corveta abatida!

Eli olhou para o mostrador tático e sentiu um nó no estômago. Onde uma das corvetas classe atacante estivera, agora havia uma nuvem turbulenta de metal rompido e destroços queimados.

– Senhor? – murmurou ele urgentemente.

– Feito. – Thrawn tocou em uma última tecla.

E, abruptamente, retículos de mira apareceram em amarelo intenso no mostrador planetário.

– Comandante Cheno? – chamou Thrawn na direção da passarela de comando. – Creio que nós isolamos o transmissor em terra firme que está coordenando o ataque. Eu recomendo que o senhor passe essa informação para o almirante Gendling e peça que ele mire no transmissor e destrua-o.

– Do que o senhor está falando? – perguntou Cheno, franzindo a testa para o Chiss. – Que transmissor?

– Aquele que está passando dados táticos para os droides abutres – explicou Thrawn. – Os turbolasers da *Principal* são os únicos que alcançam a superfície com algum efeito.

– Entendo – disse Cheno.

Eli suspeitava que o comandante não entendeu, mas sabia que não devia ignorar o conselho do primeiro oficial.

– Transmissões: entre em contato com a *Principal*. Informe o almirante que preciso falar com ele imediatamente.

Eli soltou um longo suspiro. E, feito aquilo, tudo acabou. Thrawn tinha cumprido seu dever novamente, e tudo acabou.

Só que não desta vez.

– Ridículo – desdenhou o almirante Gendling. – Mesmo que esses caças *estejam* sendo controlados e não tenham sido simplesmente reprogramados, não há como o senhor ter localizado o transmissor.

– Senhor, como eu expliquei...

– E não estou disposto a atirar aleatoriamente em uma cidade civil baseado na suposição maluca de um oficial qualquer de médio escalão – interrompeu Gendling. – Menos conversa, comandante. Mais combate.

Eli estremeceu. Geralmente, não atirar na população civil era uma postura perfeitamente sensata de combate. Mais sensata, na verdade, do que ele teria esperado de muitos oficiais imperiais.

Mas, naquele caso, o ataque proposto estava longe de ser aleatório e deixar de agir provavelmente teria um custo altíssimo.

– E agora? – perguntou ele para Thrawn.

Por um momento, Thrawn olhou fixamente para o monitor tático em silêncio. Aí, esticou a mão para o painel e digitou uma nova ordem.

E tanto no monitor tático como no de sensores apareceu um conjunto de vetores cinza em movimento.

– Avise todas as naves – ordenou o Chiss para o oficial de transmissões. – Os vetores cinza marcam as zonas de sombra de transmissão, onde os droides abutres dependem da própria programação. Dentro dessas zonas de sombra, eles estarão mais vulneráveis e, portanto, serão mais facilmente destruídos. –

Ele ergueu a voz. – Capitã-tenente Hammerly?

– É para já, senhor – respondeu ela.

No mostrador tático, quatro droides que passavam voando pela zona de sombra da *Vespa Trovejante* foram desintegrados com quatro rajadas de disparos de turbolaser.

– Era isso que o senhor tinha em mente, senhor?

– Era, sim – confirmou Thrawn. – Muito bem.

– Todas as naves confirmam nossa transmissão – acrescentou o oficial de transmissões. – Os artilheiros estão mudando de tática.

E feito isso, a maré finalmente começou a mudar.

Mas foi sangrento. No fim, a corveta que restou da força-tarefa de Gendling estava gravemente avariada, com quase metade da tripulação morta ou ferida. A *Vespa Trovejante* e a *Principal* estavam em condições melhores, mas ambas as naves precisariam de tempo em um estaleiro antes que pudessem estar prontas para combate novamente.

Todos os droides abutres foram destruídos. Os Umbaranos se renderam incondicionalmente. Os esquadrões de stormtroopers da *Principal* foram para a superfície supervisionar a rendição dos insurgentes.

E o almirante Gendling estava furioso.

– O senhor tem sorte de eu não incriminá-lo aqui e agora, comandante – vociferou o almirante. *A expressão dele contém constrangimento e culpa. O tom contém rispidez e raiva.* – O senhor não pode, repito, não pode usurpar o comando e a autoridade de um almirante dessa forma. Eu falo *pela* minha tripulação e *para* a minha tripulação.

– Sinto muito que o senhor enxergue dessa maneira, almirante – falou o comandante Chen. *O tom de voz contém tensão, mas também determinação.* – Eu estava simplesmente tentando recapturar a iniciativa da forma mais eficiente possível e salvar a batalha. E, com ela, algumas vidas.

– O senhor está debochando de mim, comandante? – indagou o almirante Gendling. – Porque, se estiver, o imperador é minha testemunha: eu vou esmagá-lo tão rápido e com tanta força que vão ter que raspar o que sobrou do senhor com uma espátula. De quem foi essa ideia brilhante? Eu sei que não foi o senhor que sugeriu nada daquilo.

A expressão do comandante Chen permanece determinada.

– Eu ordenei que a informação fosse passada para a *Principal* e para a corveta restante – respondeu ele. *Há uma pequena ênfase na palavra* restante. – Quanto à descoberta da fraqueza do inimigo, aquilo foi um esforço conjunto da tripulação da ponte.

Com um movimento bem lento, o almirante Gendling virou os olhos para Thrawn. *Os músculos dos braços e torso estão rígidos.*

– Seu primeiro oficial conquistou uma reputação e tanto – disse ele para Chen. – Talvez eu devesse perguntar para *ele* quem sugeriu a ideia do transmissor.

– Ou talvez o senhor devesse falar diretamente comigo – falou Chen. – Como o senhor disse, o comandante fala por sua tripulação.

Por três segundos, Gendling continua encarando fixamente. Depois se volta novamente para Chen.

– Eu vou acabar com a sua carreira, comandante – disse ele. – Eu tiraria sua nave também, mas é óbvio que algum arrivista com a metade da sua idade fará isso.

– Se o arrivista merecer, boa sorte para ele – respondeu Chen.

Gendling sorri com maldade e orgulho.

– Isto não acabou, comandante. O senhor tenha muita certeza disso. Eu o verei na corte marcial. Dispensado.

O comandante Cheno fica calado enquanto retorna à nave. Apenas a bordo, e voando, ele fala.

– Bem – disse Cheno. *A voz contém cansaço.* – Parece que não vou encerrar a minha carreira de forma tão tranquila quanto esperava.

– Não há necessidade de me proteger – falou Thrawn. – O diário de navegação da *Vespa Trovejante* vai responder a todas as suspeitas do almirante.

– Talvez – disse Cheno. – Os diários *podem* ser alterados, sabe.

– Eu não sabia disso.

– Não é fácil, logicamente – falou Cheno. *Ele dá um sorrisinho.* – Certamente não é legal. Não importa. Como ele disse, o senhor tem uma reputação. Mais importante: o almirante Gendling não pode realmente chamar a atenção para todos os detalhes dessa suposta quebra de protocolo sem expor a própria incompetência. Não, ele vai se satisfazer em destruir a minha carreira e deixar o senhor e o resto da tripulação da *Vespa Trovejante* em paz.

– Isso não é certo ou decente.

– Não, mas *é* a realidade – disse Cheno. – Como falei, a minha carreira não é importante. O que é importante é o futuro da Marinha Imperial. – *Ele gesticula com respeito e admiração.* – O senhor é esse futuro, Thrawn. Foi um privilégio ser seu comandante.

– Obrigado, senhor – agradeceu Thrawn. – Eu aprendi muito servindo sob seu comando.

– Eu duvido disso – falou Cheno. *O tom de voz contém um humor sarcástico, sem amargura ou ressentimento.* – Mas agradeço. E eu também aprendi muita coisa.

Eli meio que esperava que a nave retornasse vazia, com ambos os passageiros confinados à prisão da *Principal*. Para seu alívio, tanto Cheno como Thrawn saíram do hangar. Cheno murmurou algo para Thrawn e depois foi na direção da ponte. O Chiss observou até o turboelevador do comandante ir embora, depois fez um sinal para Eli se juntar a ele.

– Guarda-marinha – saudou Thrawn calmamente. – Eu presumo que o senhor queira saber como foi nossa reunião com o almirante Gendling. Em resumo, não muito bem.

– Não fico surpreso – disse Eli com uma careta. A expressão no rosto de Cheno quando ele saiu do hangar... – Eu imagino que o comandante tenha sofrido as consequências.

– Sim – concordou Thrawn. – Em parte porque ele estava no comando durante a batalha. Em parte porque ele tentou blindar meu papel no resultado.

– Então, porque Gendling meteu os pés pelas mãos, ele está descontando nos senhores – rosnou Eli. – Eu achava que apenas políticos estavam nesse nível de estupidez e maldade.

– Já vi essas características em todas as áreas e atividades – respondeu Thrawn. – Conseguiu descobrir mais alguma coisa útil em sua pesquisa?

– Talvez. – Eli entregou o datapad para Thrawn. – O prédio em que o transmissor operava pertence a um grupo de humanos. Os nativos não sabem os nomes e não deram nenhuma descrição útil, mas é evidente que o senhor estava certo sobre nenhum Umbarano ter se envolvido diretamente no ataque.

– Eu duvido que o almirante Gendling vá levar isso em consideração.

– Ninguém está levando isso em consideração – disse Eli, chateado. – Uma vez que a maior parte da agitação civil e dos tumultos esteve concentrada nos distritos de mineração, Gendling já pediu que o Império assumira o controle direto do setor inteiro de mineração e refino de Umbara.

– Interessante – falou Thrawn. – O senhor encontrou alguma indicação de que o Cisne Noturno esteve envolvido diretamente?

– O transmissor era controlado por humanos – respondeu Eli. – Foi o mais perto que chegamos até agora.

– Ainda assim, nós sabemos que o Cisne Noturno esteve envolvido em mineração e contrabando de metal em outro local – disse Thrawn. – Diga-me, qual é o valor dos minérios umbaranos?

– Muito alto – respondeu Eli, que pegou o datapad de volta e apertou alguns comandos. – Vários importantes. O mais importante entre eles: dúnio.

Thrawn ponderou por um momento.

– Há alguma forma de calcular o percentual de êxito de um sistema contra contrabandistas?

– É possível se chegar a um valor aproximado – respondeu Eli. – Pegue o montante de remessa legal de algum produto facilmente identificável; aqueles moluscos-da-areia paklarnianos, por exemplo; e compare com o montante sendo vendido em outro lugar qualquer. Os números são um pouco imprecisos e obviamente não se aplicam a todos os tipos de produtos. Mas, como eu disse, chega-se a um valor aproximado.

– Entendido – disse Thrawn. – O senhor tem esse valor para Umbara? Se possível, eu gostaria de saber o valor para aplicar ao percentual de êxito de contrabandistas de metais raros ou minérios raros.

Eli puxou os valores relevantes e fez um rápido cálculo mental.

– É muito bom – falou ele. – Por volta dos 90%.

– E o valor para um mundo controlado pelo Império que seja comparável?

Eli acenou com a cabeça e se ocupou com o datapad.

– Parece... uau, 75% a 70%. Embora, partindo da minha própria experiência familiar, acho que esse valor chega a ser, na verdade, tão baixo quanto 40% ou 45%.

– Parece que encontramos o motivo do ataque – disse Thrawn. – O motivo para um ataque claramente inútil contra uma força imperial. O Cisne Noturno queria que o Império assumisse o controle das minas de Umbara.

– Porque é mais fácil para ele e seus contrabandistas passarem material pelos inspetores imperiais do que pelos umbaranos. – Eli suspirou. – Eu admito que isso parece com o tipo de tática engenhosa do Cisne Noturno, mas nós nem sabemos ao certo se ele esteve envolvido.

– Esteve, sim – falou Thrawn. – Ele está envolvido. Quem mais teria me convidado aqui para demonstrar sua obra?

Eli ficou surpreso.

– Ele *o quê*?

– Está claro, certamente – disse Thrawn. – O Cisne Noturno instalou seu grupo de contrabandistas de moluscos em uma área que ele sabia que a *Vespa Trovejante* estava patrulhando. Garantiu que Umbara fosse mencionado para que os contrabandistas ouvissem. Sabia do meu interesse em armas das Guerras Clônicas e garantiu que o nome *Cisne Noturno* estivesse em pelo menos um dos pedidos.

– Interessante – murmurou Eli.

Vendo de fora, a sugestão de Thrawn beirava a megalomania. Porém, o Chiss raramente estava errado sobre questões táticas. E o Cisne Noturno também não era exatamente um mestre do crime comum. Era completamente possível que ele fizesse tal coisa só pelo desafio.

– Bem, se *for* ele, o Cisne Noturno perdeu essa.

– De maneira alguma – falou Thrawn, com um tom de voz sombrio. – Eu derrotei seu ataque de droides abutres, mas vencer aquele confronto não era o verdadeiro objetivo.

– A tomada pelo Império.

– Ou talvez a tomada pelo Império em si tenha sido apenas um passo – considerou Thrawn. – Poderia ser seu objetivo final se ele fosse meramente um contrabandista, mas o Cisne Noturno é mais do que isso.

– Se ele não é um contrabandista, o que é?

– Eu ainda não sei – respondeu Thrawn. – Possivelmente, suas atividades estão levando a uma resolução ou a um confronto político em algum planeta ou sistema qualquer. Possivelmente, ele quer se vingar ou humilhar alguma pessoa ou organização. Mas, sejam quais forem seus objetivos ou motivações, ele é uma pessoa de extremo interesse.

– Acho que é melhor ficarmos de olho vivo nele, então – disse Eli. – Mais cedo ou mais tarde, ele vai

ter que aparecer.

– Incorreto, guarda-marinha. Mais cedo ou mais tarde, o Cisne Noturno vai *escolher* aparecer.



CAPÍTULO

14

Qualquer pessoa nasce com um conjunto singular de talentos e habilidades. É preciso escolher quais desses talentos fomentar, quais deixar de lado por um tempo, quais ignorar completamente.

Às vezes a escolha é óbvia. Outras vezes, os indícios e estímulos são mais obscuros. Nesses casos, é necessário passar por vários regimes de treinamento e experimentar diversas profissões diferentes antes de determinar onde residem os talentos mais fortes. Essa é a força motriz por trás de muitas alterações do caminho da vida.

Há poucas habilidades que servem apenas para um único emprego específico. Geralmente, elas são adaptáveis para várias profissões diferentes. Às vezes, é possível planejar uma mudança de área. Às vezes a mudança ocorre sem aviso prévio.

Em ambas as situações, é preciso estar alerta e considerar cuidadosamente todas as opções. Nem toda mudança é um passo à frente.

Havia sido um dia difícil, cheio de pessoas desesperadas e mesquinhas com problemas desesperados e mesquinhos. Com toda razão, Arihnda deveria estar exausta.

Ao mesmo tempo, o dia tinha sido de sucesso retumbante. Ela encontrara solução para quase todos aqueles problemas e recebera demonstrações sinceras de gratidão. Com toda razão, ela deveria estar encantada.

Arihnda estava tentando decidir qual sentimento dominaria sua noite e, enquanto ansiava pelo fim do dia, ouviu um bipe de alerta vindo da porta externa.

Ela olhou para o crono e conteve um suspiro. Tecnicamente, ainda havia dois minutos de expediente. Realisticamente, nenhum dos problemas do dia se resolvia em menos de vinte. A noite evidentemente começaria mais tarde do que Arihnda esperava.

Mas esse era o trabalho dela, e Arihnda era boa no que fazia. Além disso não havia coisa melhor para fazer por 10 quilômetros em qualquer direção, incluindo para cima ou para baixo. Então, não importava o quanto aquilo fosse durar...

– Ei, sumida – disse Juahir animadamente ao passar pela porta interna. – Como vai você?

– Juahir! – Arihnda só faltou soltar um suspiro de alívio e sentiu o rosto ganhar um sorriso radiante. – Estou bem. O que você está fazendo no lado mais caro do planeta?

– Ah, este é o lado mais caro, é? – perguntou Driller, que entrou por trás dela. – Ei, pelo menos você ganha o suficiente para *morar* aqui, de fato.

– O suficiente e olhe lá – disse Arihnda, sentindo o sorriso ficar um pouco mais radiante.

Driller havia passado ali pelo departamento algumas vezes antes de seu tio voltar para reivindicar o apartamento, mas ela não o via desde então. Quanto a Juahir, ela visitara apenas uma vez, havia quase seis meses. Porém, elas tinham se falado algumas vezes pelo comunicador, e Juahir era mais do que bem-vinda a passear pelo Distrito Federal caso algum dia arrumasse tempo para visitar aquele lado do planeta.

O que, aparentemente, tinha acabado de acontecer.

– Como é bom ver vocês dois – falou Arihnda, que deu a volta pela mesa e abraçou rapidamente cada um. – Quanto tempo vão ficar aqui? Têm planos para a noite? Estou de folga em cerca de um minuto e meio.

– Tem certeza de que eles conseguem se virar sem você? – perguntou Driller, olhando enfaticamente para a fileira de mesas vazias. – Ou seu supervisor decidiu que você era tão boa que não precisavam de mais ninguém?

– Não, ainda somos um departamento com equipe completa e totalmente sobrecarregado – respondeu Arihnda. – Por acaso, todos tinham planos para a noite e eu me ofereci para fazer a última meia hora sozinha.

– Bem, isso *não* é justo – falou Juahir com falsa indignação. – Bem feito para eles se alguém entrar aqui e te conquistar.

– Não é tão ruim – disse Arihnda. – Na verdade, eu trabalho melhor quando estou sozinha.

– Você gosta da pressão a mais? – perguntou Driller.

– Eu gosto da falta de testemunhas.

Ele olhou de lado para Arihnda.

– Você está brincando, certo?

Arihnda deu de ombros.

– Você ficaria surpreso com o que uma pequena insinuação é capaz de conseguir com um dono de apartamento.

– Que tipo de insinuação? – perguntou Juahir.

– Insinuações de que você sabe o que ele fez na noite passada – respondeu Arihnda. – Ou no mês passado, ou no ano passado. Jogue uns comentários vagos, e a maioria das pessoas preenche as lacunas. Assim que fazem isso, ficam bem mais propensas a resolver qualquer problema que o inquilino esteja tendo.

– Partindo do princípio de que elas tenham algum segredo podre para fazer com que se sintam culpadas – salientou Juahir.

– Todo mundo tem um segredo podre – disse Arihnda. – Você nunca disse quanto tempo ficaria aqui.

– *Você* nunca respondeu ao meu comentário sobre alguém te conquistar – contra-argumentou Juahir.

– Achei que você estivesse brincando – falou Arihnda, ciente do vazio permanente em sua existência.

Ela encontrara muitos homens no último ano, e alguns tentaram ser amigos ou namorados. Arihnda tentara dar chance a alguns desses homens – tentara pra valer –, mas nada tinha dado certo.

Ela também não encontrara ninguém, homem *ou* mulher, que pudesse chamar de amigo. Em sua profissão, todo mundo que Arihnda encontrava pensava nela como ajudante, defensora ou mesmo uma figura materna. O que não é uma boa base para uma conexão emocional equilibrada.

– Eu nunca brinco com comida – disse Juahir solenemente. – Nós estamos com fome e apostamos que você esteja também. Então, feche este lugar e vamos embora.

– Estou com vocês – falou Arihnda enquanto começava o procedimento de modo de segurança do computador. – Mas aviso: não posso bancar levá-los para um lugar tão luxuoso quanto o Hotel Alisandre desta vez.

– Não se preocupe, já demos um jeito nisso – disse Juahir com um sorriso maroto. – Já fizemos reservas.

- No *Alisandre*? É sério?
- Não, não, não. – Juahir apontou para cima. – No Pináculo.
- Arihnda sentiu os olhos se arregalarem.
- No *Pináculo*? Você está brincando.
- Não – respondeu Juahir com um sorriso ainda maior. – Você topa?
- Claro. – Arihnda olhou para as roupas. – Nesse caso, preciso trocar de roupa.
- Não tem problema – falou Juahir. – Nós reservamos tempo para isso.

O Pináculo não era o ponto mais alto de Coruscant, mas era o mais alto do Distrito Federal e tinha uma vista magnífica do palácio, do prédio do Senado e dos vários ministérios e monumentos agrupados em volta deles.

A clientela combinava com a vista. Parecia que, a cada três mesas, havia um rosto que Arihnda se lembrava da época em que trabalhou para o senador Renking. Era arrebatador, mas também vagamente deprimente. Ela viera a Coruscant para ganhar contatos e influência e galgar patamares na escada política. Em vez disso, acabou parada a poucos degraus do fundo do poço.

E ao observar o ambiente e o alto da escada que se agigantava de maneira debochada acima dela, o antigo objetivo de Arihnda de recuperar a Mineradora Pryce desaparecia cada vez mais dentro das brumas do nunca.

Mas a comida era suficientemente boa para quase expulsar as pontadas melancólicas de ressentimento pela maneira como ela fora tratada. Uma ou duas vezes ao longo da noite, Arihnda se perguntou como Juahir e Driller estavam pagando por tudo aquilo, mas, com a empolgação, as memórias e as sensações do paladar, ela não ficou pensando muito no assunto.

– Então, como você se sente ao voltar às aeroportos do poder? – perguntou Juahir quando o garçom serviu os pratos de sobremesa.

– Muito bem – respondeu Arihnda. – Eu achei que tivesse deixado tudo isso para trás, mas é algo que realmente me atrai.

– Então, se você pudesse voltar a essa vida, você voltaria?

Arihnda deu um pequeno muxoxo de desdém.

– Por quê? O senador Renking está contratando?

– Provavelmente não. – Juahir olhou de lado para Driller. – Mas Driller está.

Arihnda franziu a testa para ele.

– Sério? Para quê?

– Para um cargo no meu grupo de ativistas – respondeu ele. – Você *se lembra* que é nisso que trabalho, certo?

– É claro – disse Arihnda. – Eu apenas presumia que pessoas como você trabalhassem com um orçamento apertado. Vocês estão realmente contratando?

– Estamos, sim – concordou Driller com a cabeça.

– E *you* não pegou a vaga? – perguntou Arihnda olhando para Juahir. – O que quer que seja, deve estar cem degraus acima de ser garçonete no *Topple's*.

– Eu não estou mais trabalhando como garçonete – disse Juahir, franzindo a testa. – Você sabe disso. Eu tirei a poeira do meu conhecimento de artes marciais e comecei a treinar guarda-costas, lembra?

– Desde quando? – perguntou Arihnda, devolvendo a testa franzida.

Juahir às vezes falava sobre a época de combate corpo a corpo na escola, mas nunca sequer tinha sugerido que pudesse querer fazer aquele tipo de coisa profissionalmente.

– Desde quatro meses depois de você ter se mudado para cá ao sair de *Bash IV* – respondeu Juahir. – Eu comecei trabalhando meio período em uma pequena academia a quatrocentos níveis abaixo do meu apartamento, e quando surgiu uma vaga em período integral... veja bem, eu te contei tudo isso.

– Com certeza não – disse Arihnda.

– Mas... – Juahir olhou insistentemente para Driller.

– Ei, não olhe para mim – falou ele rapidamente. – Você disse *para mim* que contou para ela.

– Desculpe, Arihnda – disse Juahir com uma careta. – Eu teria jurado... de qualquer forma, eu me mudei para cá e trabalho na Academia Yinchom. Treinamos civis, mas também temos licença para treinar guarda-costas para o governo. Temos um punhado de guardas do Senado, e o boca a boca está trazendo novos.

– Eles ficam a cento e trinta níveis abaixo do seu departamento, mas estão procurando se mudar para uma locação mais alta – acrescentou Driller.

– Prós e contras – falou Juahir. – Os níveis inferiores são mais discretos para ajudantes de ordens e assistentes cujos senadores querem que também atuem como guarda-costas, mas não desejam que o mundo inteiro saiba que eles andaram treinando. Os níveis superiores são mais prestigiosos e podem atrair mais pessoas que têm a *obrigação* de se parecerem com guardas.

– E são mais caros – murmurou Driller.

– *Bem* mais caros – concordou Juahir torcendo o nariz. – De qualquer forma, de volta à pergunta original, esse é um dos motivos para Driller não ter me oferecido o emprego.

Arihnda quase se esqueceu de que fora ali que aquela conversa começara.

– E o outro motivo?

– Estamos procurando por um especialista em minas, mineração e refino – respondeu Driller. – Juahir não sabe nada sobre o assunto, enquanto você sabe tudo e mais um pouco.

– Eu não chegaria a *tanto* – disse Arihnda com modéstia, enquanto a mente disparava.

Trabalhar com um grupo de ativistas não era um grande passo adiante em termos de status, mas a levaria novamente para os centros de poder político. Só por isso já valia a pena investir.

Sem falar que a afastaria dos cidadãos desesperados e seus problemas desesperados.

– A desvantagem da vaga é que não vem com um apartamento como seu emprego no departamento de assistência – continuou Driller. – Mas Juahir está com um apartamento de tamanho decente, é mais perto do prédio do Senado, e ela já me disse que adoraria dividi-lo com alguém.

– Totalmente – confirmou Juahir. – Você não faz ideia de quantas vezes eu desabei no sofá, com todos os músculos doendo, e desejei que houvesse alguém ali para fazer o jantar sem que eu tivesse que me mexer.

– Eu sou bem boa com o jantar – falou Arihnda dando de ombros, pois aprendera que, na política, nunca era bom parecer muito ansiosa. – E com certeza estou pronta para fazer outra coisa qualquer. Onde e quando eu me candidato à vaga?

– Você já fez isso – respondeu Driller com um sorriso. – Sério. Eu já citei seu nome, e o resto do grupo já aprovou você. Se quiser o emprego, ele é seu.

Arihnda respirou fundo. Ao diabo com não parecer ansiosa.

– Vou querer a vaga.

– Ótimo. – Driller pegou a sobremesa e franziu um pouco a testa para Juahir. – Então, faz parte da etiqueta correta brindar a um evento importante com um prato de sobremesa?

– Eu não sei – disse Juahir ao erguer o próprio prato. – Vamos descobrir.

E assim, do nada, Arihnda estava de volta.

Foi como acordar de um pesadelo. De repente, ela estava entre a elite novamente, andando pelos corredores descorados dos prédios de escritórios e do Senado, falando com o povo que dominava o Império.

Não só falando também, mas sendo ouvida. Na época em que fazia entregas de datacards para o senador Renking, a maioria dos destinatários mal a notava. Porém, os grupos de ativistas licenciados

tinham prestígio, ainda que não tivessem poder de verdade, e *eram* notados. Agora, de repente, parecia que todo mundo conhecia seu rosto e seu grupo de ativistas. Algumas pessoas até mesmo se lembravam do nome dela.

Arihnda sobrevivera aos níveis inferiores do Distrito Federal. Mas ali em cima, onde o sol brilhava e as luzes mais reluzentes cintilavam, era onde ela queria estar.

Arihnda estava de volta. E nunca sairia dali. Jamais. Ela faria o que fosse necessário para permanecer nas aeropistas do poder.

– Ok – disse Driller, ao colocar Arihnda sentada diante do computador central do Grupo Ativista Céus Superiores. – É o último serviço do dia, eu prometo.

– Você me prometeu isso há dois serviços – lembrou ela.

– Quem, eu? – falou ele parecendo inocente. – Eu sei, eu sei. O que posso dizer? Você é a especialista em mineração. Isso significa que pega todos os serviços para especialistas em mineração.

– Certo – concordou Arihnda.

Não era como se outra pessoa qualquer pudesse fazer aquilo, afinal de contas.

Principalmente porque nunca parecia haver alguém por ali.

No início, Arihnda tinha ficado intrigada com aquilo. Driller lhe explicara que, na maior parte do tempo, os outros integrantes ficavam fora do escritório, falando com senadores ou assistentes, visitando os vários ministérios ou viajando para fora do planeta a fim de conversar com governadores ou moffs ou simplesmente coletando informação em primeira mão. Ele também salientou que ela mesma geralmente estava fora do escritório e sugeriu que era por simples azar que Arihnda não cruzava com os demais.

Era uma mentira, obviamente. Ela tinha percebido logo. Ou o resto da equipe estava ausente fazendo coisas nefastas ou então *não* havia equipe.

Mas Arihnda não se importava. Driller a pagava em dia e tinha créditos sobrando para mantê-la em trajes condizentes com a companhia refinada com a qual ela andava por aqueles dias.

O mais importante era que a licença dele continuava dando a Arihnda acesso aos poderosos do Império. No fim das contas, isso era tudo que importava.

– Então aqui está o que precisamos – disse Driller, passando o braço por cima do ombro dela e tocando em algumas teclas. – Parece que há um número fora do comum de incorporações por parte do Império ultimamente, de minas e às vezes de planetas inteiros. Eu quero que você puxe a lista e avalie a importância das minas em questão, as circunstâncias da incorporação imperial e qualquer outra coisa que possa estabelecer um padrão do que está acontecendo. O que foi?

– O que você quer dizer com “o que foi”? – perguntou Arihnda.

– Você acabou de torcer a cara – respondeu Driller. – Algum problema?

– Não – falou ela, que não percebeu que havia reagido. – Desculpe. Eu acabei de pensar no Império incorporando a mina da minha família há três anos.

– Sinto muito, eu me esqueci disso – falou Driller. – Se for incômodo demais para você fazer isso...

– Não, não, estou bem – garantiu Arihnda.

– Ok – disse ele. – E não precisa terminar hoje à noite. Eu tenho um compromisso mais tarde... tem problema se você fechar o escritório sozinha?

– Nenhum – respondeu Arihnda.

O apartamento que ela dividia com Juahir ficava duzentos níveis abaixo e fora da melhor parte do distrito, mas geralmente os arruaceiros não saíam para as passarelas e plataformas até a luz do sol ter sumido dos trechos de céu aberto acima. Nesta época do ano, isso ocorreria dali a umas boas duas horas.

– Divirta-se.

– Certo – falou Driller ironicamente. – Um encontro com o porteiro de um senador. Vai ser *tão* divertido.

Ele saiu e trancou a porta, e Arihnda se preparou para ler.

Ela presumia que Driller estivesse imaginando coisas, vendo padrões e conspirações que na verdade eram produtos de sua imaginação exagerada. Ele tinha a tendência de fazer isso.

Mas, naquele caso, Driller havia acertado na mosca.

Havia 28 minas na lista: 28 incorporações imperiais que datavam até um ano antes de Renking arrancar a Mineradora Pryce das mãos de Arihnda. A maioria delas, porém – precisamente 21 –, havia ocorrido durante o ano anterior. Ela examinou a lista, vasculhou os elementos básicos, de vez em quando metendo a cara ou pelo menos passando os olhos nos subarquivos anexos, à procura de fios condutores comuns. Arihnda chegou ao registro do evento mais recente, um ataque a uma força-tarefa imperial em Umbara...

Ela parou e franziu a testa quando um dos nomes no relatório chamou a atenção.

Capitão Thrawn.

– Não – murmurou Arihnda baixinho.

Certamente não podia ser o mesmo não humano de pele azul que ela havia conhecido no Hotel Alisandre um ano antes. Aquele Thrawn era um tenente, e este era um capitão, e Arihnda ouvira falar em algum lugar que tipicamente se levava de dez a quinze anos para subir assim nos escalões da Marinha.

Mas era ele mesmo. Havia um subarquivo anexado que dava detalhes da batalha, e as imagens que acompanhavam não deixavam dúvida. O mísero tenente que o coronel Yularen tentara resgatar havia pulado para uma patente de comando em menos de dois anos.

Mentalmente, Arihnda balançou a cabeça. Ou ele era espantosamente competente ou tinha amigos poderosos impressionantes.

Interessante, mas não era problema dela. Arihnda tirou Thrawn da mente e voltou ao trabalho.

Concentrada na análise, ela não notou o tempo passando e tomou um susto quando olhou para o crono e se deu conta de que o sol tinha se posto havia mais de meia hora. Os arruaceiros estariam começando a se reunir, mas a viagem de volta ao apartamento ainda deveria ser segura se ela corresse. Arihnda desligou o computador, foi para a porta e trancou-a ao sair.

A tênue luz do sol acima tinha sumido havia um tempo, mas o aumento da intensidade luminosa vindo dos postes de luz e das placas de anúncios ousados mais do que compensava. Ainda assim, a ausência do sol de alguma forma criava uma ilusão psicológica de escuridão.

Ali em cima, onde a polícia era vigilante, tudo ia bem. Porém, nos trechos inferiores do distrito, os arruaceiros estariam se reunindo para beber, consumir especiaria e fazer barulho.

Alguns deles, com o tempo, também começariam a causar confusão.

O turboelevador, quando chegou, estava lotado. O próximo estaria mais confortável, mas Arihnda não estava a fim de esperar. Felizmente, os passageiros começaram a sair quase que imediatamente quando o turboelevador parou nos níveis das residências mais elitistas, logo abaixo dos escritórios governamentais. Vinte níveis acima do nível dela, o último companheiro de viagem saiu e deixou Arihnda sozinha.

Não era a situação ideal, certamente não àquela hora e naquele nível, mas Arihnda deveria ficar bem.

E uma vez que estava sozinha no turboelevador, era melhor tirar vantagem da privacidade inesperada. Ela puxou o comlink e ligou para Juahir.

– Ei – respondeu Juahir animadamente. – O que foi? Preparou o jantar?

– Não exatamente – disse Arihnda. – Eu fiquei presa no escritório e só estou indo para casa agora.

– Oh – falou Juahir em tom sério. – Você está bem? Onde você está?

– Descendo de turboelevador – respondeu Arihnda, olhando para o mostrador. – Estou quase...

Ela parou de falar e sentiu a respiração presa na garganta. O turboelevador chegara ao nível de Arihnda, mas, em vez de parar, ele continuou descendo.

– Juahir, o turboelevador não parou – disse ela, lutando para manter a voz sob controle.

Com atraso, ela avançou contra o painel e apertou o botão do próximo nível abaixo.

Tarde demais. O turboelevador já havia passado daquele nível. Aarihnda tentou novamente e escolheu um botão dez níveis mais baixo desta vez. Novamente, o turboelevador chegou àquele patamar e continuou sem parar.

– Aarihnda? Aarihnda!

– Não está parando – grunhiu ela.

Desta vez, Aarihnda passou o dedo por toda a coluna de botões. O turboelevador ignorou todos eles. E estava ganhando velocidade.

– Juahir, eu não consigo pará-lo – disse ela. – Está descendo e não consigo detê-lo.

– Ok, não entre em pânico – falou Juahir com firmeza. – Há um botão de parada de emergência. Viu?

– Sim – respondeu Aarihnda.

O botão estava no pé do painel, protegido por uma tampa laranja esmaecida. Após anos de viagens tranquilas de turboelevador, ela esquecera que o botão da parada de emergência ficava ali. Aarihnda abriu a tampa, viu um botão laranja menos esmaecido embaixo e o apertou.

Ela agarrou o corrimão quando o turboelevador guinchou e parou subitamente.

Por um instante, tudo ficou em silêncio.

– Aarihnda? – chamou Juahir com hesitação.

Ela encontrou a voz.

– Estou bem – respondeu Aarihnda. – Ele parou. Finalmente.

– Onde você está?

Aarihnda espiou o mostrador.

– Nível 4 120.

Juahir assobiou baixinho.

– Mil níveis abaixo do topo. Ok. Você tomou o turboelevador de sempre, certo?

– Certo.

As portas do turboelevador se abriram. Com cuidado, Aarihnda espiou o lado de fora.

Ela nunca estivera tão baixo assim, mas o ambiente parecia exatamente como os vídeos e hologramas mostravam. Placas berrantes brilhavam em todas as partes, muito mais intensas e estridentes do que aquelas nos níveis superiores, promovendo lojas ou anunciando produtos e tremeluzindo com a estética visual de mau funcionamento ou contas que não foram pagas. Contrastando com as cores berrantes estava o branco frio e esmaecido dos postes de rua, dos quais três quartos funcionavam e o resto lutava para se manter iluminando ou estava completamente apagado. As passarelas embaixo das luzes, como os próprios postes, estavam bem em sua maioria, mas havia um número suficiente de ladrilhos quebrados ou ausentes para enfatizar que Aarihnda não estava mais nos níveis superiores da cidade. As fachadas dos prédios por trás das placas variavam daquelas bem cuidadas e quase alegres, passando pelas esmaecidas e em dificuldades, até as fachadas em más condições, que pareciam mais cortiços. E tudo, até mesmo as fachadas de lojas bravamente pintadas, parecia sujo.

E aí havia as pessoas.

Não havia muitos pedestres nas passarelas naquele exato momento. A maioria andava em grupos de três ou mais pessoas, como se ninguém quisesse ou ousasse estar sozinho, e todos os pedestres andavam naquele passo estranho de gente que queria se apressar mas não queria *parecer* que estava se apressando.

Como os prédios e as passarelas, as pessoas também pareciam sujas.

– Ok – veio a voz de Juahir pelo comlink. – Você vai ter que andar; o turboelevador obviamente quebrou, e é melhor você não esperar até que alguém venha consertá-lo. Há outro turboelevador a cerca de seis quarteirões a oeste. Consegue ver a placa?

Aarihnda apertou os olhos pela passarela. Porém, a placa do turboelevador, mesmo que teoricamente estivesse visível daquele ângulo, fora completamente engolida pelo clarão das placas luminosas.

– Não, mas consigo chegar lá.

– Ok, vá – mandou Juahir. – Nós estamos a caminho; vamos tentar te encontrar antes que você chegue lá.

Arihnda franziu a testa. *Nós?*

– Driller está com você?

– Apenas ande – disse Juahir. – Esconda seu comlink, que vai marcá-la como alguém da elite, e é melhor que isso não aconteça. E tome cuidado.

– Tomarei.

Arihnda desligou e enfiou o comlink de volta no bolso. Ela deu uma última olhada ao redor, depois tomou o rumo da passarela, tentando acompanhar o passo sem pressa dos demais.

Não foi tão ruim assim, na verdade. As pessoas não eram educadas e pareciam um pouco assustadiças, e Arihnda não tinha dúvidas de que elas estavam dispostas e eram capazes de violência se lhes desse vontade. Porém, lá no Bash IV, ela aprendera truques de expressão e linguagem corporal que faziam as pessoas pensarem duas vezes antes de encará-la.

Felizmente, o padrão ali parecia ser o mesmo de lá. O punhado de pessoas que se aproximou o suficiente para olhar bem para ela passou sem fazer comentários ou diminuir o passo.

Arihnda andou quatro quarteirões e finalmente conseguia ver a placa indicativa do turboelevador quando tudo deu errado.

Eles vieram sem aviso: seis jovens desengonçados dopados em especiaria ou algo pior, que saíram de um par de portas escuras entre dois postes quebrados. Dois deles portavam correntes compridas; os outros quatro levavam pequenas facas de maneira desleixada nas mãos.

– Ei, doçura – chamou um dos jovens que carregavam as correntes. – Procurando por diversão?

Arihnda olhou rápido para trás. Mais dois valentões saíram de um esconderijo atrás dela.

Com uma sensação de desespero, Arihnda percebeu que estava encurralada. À esquerda, havia as vitrines e portas de pequenas lojas já fechadas para a noite. À direita, havia um guarda-corpo de 2 metros de altura entre a passarela e a queda livre de pelo menos vinte níveis antes de ela sequer atingir algo sólido.

– Não estou interessada, obrigada – respondeu ela, tentando manter a voz estável.

Arihnda já havia brigado com alguns amigos na juventude e eventualmente tivera que lidar com algum bêbado ou algum viciado em especiaria lá em Lothal, mas nunca encarara algo como aquilo.

Ela podia chamar a polícia, mas os agentes da lei estavam espalhados por todo o distrito, e os valentões estavam bem ali. Ela estaria encrocada antes de qualquer ajuda chegar. Arihnda podia dar meia-volta e torcer para que pudesse, de alguma forma, passar pelos dois homens atrás dela. Mas não havia nada lá atrás a não ser passarelas desconhecidas e um turboelevador quebrado.

– Ó, não seja assim – disse o valentão com falsa gentileza. – Quer uma bebida? Claro que quer. A gente também. Você pode pagar para todos nós. Você tem dinheiro, certo?

Arihnda sentiu um nó no estômago. O que diabos ela faria?

Atrás dos seis valentões, apareceram um homem e uma mulher, indo a passos largos na direção do confronto pelas sombras de outro par de postes quebrados. Arihnda viu a dupla e sentiu uma pontada de esperança. Aquela seria a sua chance. Se os dois se aproximassem demais antes de perceberem o que estava acontecendo, ela talvez conseguisse apontar aquela direção para os valentões e fugir enquanto eles se ocupavam com presas mais interessantes.

Tarde demais. O homem parou 10 metros atrás dos valentões ao ter notado o problema, aparentemente. Se ele e a mulher dessem meia-volta e corressem agora mesmo, eles provavelmente conseguiriam voltar ao turboelevador antes de serem alcançados pelos arruaceiros.

Só que a mulher não parou quando o companheiro se deteve. Ela ainda andava na direção dos valentões como se nem os tivesse visto. Arihnda se preparou...

O porta-voz dos valentões deve ter ouvido os passos se aproximando. Ele começou a se virar quando a mulher chegou perto...

Sem sequer parar, a mulher ergueu a perna e enfiou a borda do pé atrás do joelho do jovem.

A perna dele desmoronou. Ele colocou uma mão no asfalto e rugiu de raiva e dor enquanto se debatia para se equilibrar. Os xingamentos foram abruptamente interrompidos quando a mulher meteu o dorso do punho na lateral do pescoço dele. O valentão desmoronou na passarela e ficou imóvel.

Por um único segundo, os outros valentões congelaram, ficaram de queixo caído, embasbacados. A mulher não deu tempo para que se recuperassem do choque. Mesmo enquanto o primeiro alvo caía, ela pegou a corrente dos dedos dormentes e jogou na cabeça dos três jovens à direita.

Dois deles conseguiram desviar. O terceiro levou uma correntada bem na garganta e desabou com um gorgolejo sofrido enquanto a corrente caía fazendo barulho no asfalto ao lado dele.

A mulher girou para encarar os dois parados à esquerda. Mas a gangue considerou que já tinha sido o bastante. Os quatro ainda de pé dispararam em alta velocidade, passaram por Arihnda em ambos os lados sem sequer uma olhadela. Arihnda girou o corpo quando eles passaram e viu que os dois que estiveram atrás dela já estavam correndo para as luzes berrantes da noite.

– Você está bem?

Arihnda se virou de volta e sentiu o queixo cair.

– *Juahir?*

– É. Oi. Você está bem? – Juahir pegou o ombro de Arihnda e olhou a amiga de cima a baixo. – Eles pegaram você?

– Não – conseguiu dizer Arihnda.

O homem com quem Juahir veio andando finalmente se desgrudou da passarela e estava vindo na direção delas.

– Eu estava... você me surpreendeu.

– Eu *disse* que nós estávamos vindo – lembrou Juahir, que chamou o companheiro com um gesto. – Arihnda Pryce, conheça Otlis Dos. Otlis é um guarda-costas que vem tendo aulas adicionais de combate corpo a corpo na academia. Nós terminamos a sessão e estávamos indo para casa quando ouvimos sua ligação. Otlis se ofereceu para vir junto caso eu precisasse dele.

– Acho que você não precisou – disse Arihnda, observando atentamente o homem, que não parecia muito com um guarda-costas.

– Não – concordou Juahir. – E, antes que você pergunte, ele me deixou enfrentá-los sozinho porque eu mandei. Otlis é funcionário do governo. Se ele espancar alguém, tem um monte de papelada que ele precisa preencher.

– Presumindo que a vítima faça queixa – murmurou Arihnda.

– Bem, tem isso – admitiu Juahir. – Não obstante, como cidadã, tudo que tenho que fazer é alegar legítima defesa ou a defesa de outros e vou embora.

– É bom quando a lei está do lado das pessoas.

– Para variar, você quer dizer? – perguntou Otlis.

A voz era suave e ressonante, agradável e quase alegre. Novamente, não era o tipo de voz que Arihnda esperaria de um homem que ganhava a vida espancando pessoas.

– Não foi o que eu disse – reclamou Arihnda.

– Tudo bem. Otlis não duvida de que a lei imperial seja um jogo de cartas marcadas – disse Juahir. – Ele trabalha para... bem, na verdade, ele não deve falar sobre o trabalho ou empregador. Desculpe.

– Sem problema – falou Arihnda, dando uma segunda olhadela.

Esse tipo de silêncio obrigatório geralmente indicava alguém muito alto no escalão da política, à espreita nos bastidores. Podia valer a pena manter o contato com esse tal Otlis.

– É melhor nós irmos agora, você não acha?

– Com certeza – respondeu Juahir. – Quando você estiver pronta.

– Estou pronta agora – disse Arihnda, que deu um passo.

E se viu lutando inesperadamente por equilíbrio quando uma perna tentou ceder.

– Uau! – exclamou Juahir ao pegá-la pelo braço. – Deixe-me ajudar.

– Obrigada – falou Arihnda, enrubescendo de vergonha. – Não estou com medo, sabe. Apenas... tremendo.

– Não se preocupe, acontece com todo mundo – disse Juahir examinando-a com atenção. – Adrenalina e choque atrasado. Você algum dia já pensou em fazer algum treinamento de defesa pessoal?

– Eu pensei muito sobre isso – garantiu Arihnda enquanto eles começaram a andar na direção do turboelevador. – Especialmente nos últimos três minutos. Quanto cobra a sua academia?

– Infelizmente, estamos totalmente lotados no momento – falou Juahir, que torceu o nariz ao pensar no assunto. – Talvez a gente consiga te indicar para...

Ela parou e olhou para Otlis, que havia se posicionado no outro lado de Arihnda.

– E quanto a você? Estaria disposto a dar uma hora de treinamento para Arihnda antes ou depois das suas aulas? Podemos ver um desconto.

– Eu não poderia lhe pedir para fazer isso – reclamou Arihnda. – Juahir, pare... você está deixando Otlis envergonhado.

– De maneira alguma – disse Otlis, inclinando a cabeça para ela. – Eu adoraria lhe dar algumas aulas. Dizem que uma pessoa nunca compreende de verdade um assunto até ensiná-lo.

– Mas você tem tempo? – insistiu Arihnda. – Juahir disse que você é o guarda-costas de alguém.

– Sim, mas neste momento estou apenas ajudando a guardar um escritório vazio – respondeu Otlis. – Meu patrão só vai chegar para a próxima visita daqui a pelo menos mais umas seis semanas. É mais do que tempo suficiente para lhe ensinar o básico. – Ele sorriu, quase tímido. – E talvez até um pouco mais.

Arihnda olhou de volta para Juahir. Havia uma expressão estranhamente inocente no rosto da outra mulher. Talvez aquilo não consistisse *apenas* em treinamento de defesa pessoal?

E, de repente, Arihnda se deu conta de que não se importava. Realmente cairia bem ter outro amigo naquela cidade. Se Juahir quisesse brincar de casamenteira, melhor para ela.

– Ok, está combinado – disse ela. – Com vocês dois – acrescentou, olhando de um para o outro. – Sob uma condição.

– Qual é? – perguntou Otlis.

– Eu pago o jantar hoje à noite – respondeu Arihnda. – Para vocês dois.



CAPÍTULO

15

Muitos daqueles com habilidade em guerra tecnológica acreditam que treino físico e disciplina são desnecessários. Com turbolasers, hiperdrives, blindagem e recursos mentais para guiá-los, força muscular e agilidade são considerados meros conceitos. Estão errados. O corpo e a mente estão ligados em uma rede de oxigênio, nutrientes, hormônios e saúde neurológica. Exercícios físicos ativam essa rede, estimulam o cérebro e libertam o cérebro da pessoa. A simulação de combate tem a virtude adicional de treinar o olho para ver pequenos erros e explorá-los.

Uma mudança de foco também pode permitir que o inconsciente se concentre em questões não solucionadas. A simulação de combate geralmente termina com o guerreiro descobrindo que uma ou mais daquelas questões foram inesperadamente solucionadas.

E, ocasionalmente, tais exercícios podem servir a outras finalidades.

– Eu não compreendo – disse Thrawn, com o rosto geralmente impassível perturbado enquanto observava o relatório no datapad.

Se Thrawn fosse uma pessoa inferior, pensou Eli, ele quase diria que o Chiss estava confuso.

– O que há para compreender? – perguntou Eli. – É o resultado que todo mundo esperava.

Os olhos vermelhos brilhantes se voltaram intensamente para Eli.

– *Todo mundo?*

– Quase todo mundo. – Eli foi evasivo.

Sim, aquilo era definitivamente o que ele caracterizaria como confusão.

– Realmente, é apenas a política de sempre da Marinha.

– Mas viola toda a lógica tática – contestou Thrawn. – O comandante Cheno se portou bem, e as ações de sua nave venceram a batalha e salvaram muitas vidas. Como o Alto Comando chega à conclusão de que ele deve ser deposto?

– Eles não o depuseram exatamente – salientou Eli. – O comunicado disse que ele recebeu permissão para se aposentar.

– Há alguma diferença no resultado?

– Não realmente – admitiu Eli. – O senhor está certo, deixá-lo se aposentar é basicamente apenas dourar a pílula. Como eu disse, é política. Gendling tem bons contatos e, como seu orgulhinho delicado foi ferido, ele está descontando em Cheno.

Thrawn olhou novamente para o datapad.

– É um desperdício tolo de recursos.

– Concordo – disse Eli. – Mas poderia ter sido pior.

– Como assim?

– Sério? – perguntou Eli, franzindo a testa. Era *sério* que não era óbvio para ele? – Era o senhor que Gendling realmente queria pregar ao anteparo. Chenon poderia ter se salvado se tivesse dito para a mesa que o senhor excedeu sua autoridade. Mas não fez isso. Uma vez que não tinham nada contra o senhor, eles jogaram Chenon aos lobos em vez disso.

Thrawn ficou em silêncio por mais três passos.

– Um desperdício tolo – murmurou ele outra vez.

Eli suspirou.

– É melhor o senhor se acostumar com isso.

Novamente, os olhos vermelhos brilhantes se voltaram para o guarda-marinha.

– O que o senhor quer dizer?

Eli hesitou. Realmente não era de sua alçada dizer aquilo. Mas, se não dissesse, quem mais diria? E apesar de toda a capacidade e percepção militares de Thrawn, ele parecia incapaz de enxergar a situação sozinho.

– O que quero dizer, senhor, é que há uma boa chance que o senhor vá deixar um rastro de carreiras prejudicadas ao longo do caminho. Na verdade, já deixou: o comandante Chenon, o almirante Wiskovis, o comandante Deenlark; todos eles foram oficialmente perturbados.

– Não houve tal intenção da minha parte.

– Eu sei disso – disse Eli. – Não foi por causa de nada que o senhor tenha feito. É apenas uma reação política a... bem, ao *senhor*.

– Essa nunca foi a minha intenção ao aceitar servir ao imperador.

– A intenção não é a questão – explicou Eli pacientemente. – O problema é que o senhor não cabe na caixinha bonita onde os oficiais da Marinha devem caber. O senhor não é humano; pior ainda, o senhor não é dos Mundos do Núcleo.

– Nem o senhor e muitos outros.

– Mas o restante de nós, caipiras do Espaço Selvagem, não está humilhando a elite cheia de contatos políticos que se acha o máximo – explicou Eli. – Eles estão sendo envergonhados pelo senhor e sentem rancor por isso. E, se não podem derrubá-lo, vão atrás das pessoas que eles acham que são responsáveis pelo que o senhor é.

– Pessoas como o senhor?

Eli deixou o olhar vagar. *Sim*, pessoas como ele. Pessoas que ainda mantinham a patente modesta com que se formaram na Academia enquanto todos os demais estavam subindo na carreira ativamente.

Mas essa conversa não era sobre ele. Essa conversa e o alerta eram sobre Thrawn.

– Eles provavelmente viriam atrás de mim se achassem que eu valia o esforço – respondeu ele, desviando da pergunta.

– O senhor sugere que eu tente ser menos capaz?

– Claro que não – disse Eli com firmeza. – Faça isso, e mais pessoas vão morrer e mais bandidos vão escapar. Só estou deixando claro que o senhor precisa estar ciente de que está na mira política.

– Compreendo – falou Thrawn. – Vou me esforçar para aprender as regras e táticas dessa forma de guerra. Enquanto isso, tem algo que possamos fazer pelo comandante Chenon?

– Apenas desejar sorte para ele, creio eu – respondeu Eli. – Mesmo que o senhor conseguisse persuadir alguém a dar ouvidos a um recurso jurídico, ele nunca comandaria uma nave outra vez. Dessa forma, pelo menos, o comandante Chenon conseguiu sair por cima.

– Só que nós sabemos que foi apenas uma vitória parcial.

– Nós *suspeitamos* – corrigiu Eli baixando a voz. – Não *sabemos* se esse era o objetivo do Cisne Noturno.

Ele apontou para a porta adiante, com uma placa dourada simples escrita DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA IMPERIAL acima da plaquinha menor com CORONEL WULLF YULAREN.

– Talvez seja aqui que vamos encontrar essas respostas – disse Eli.

O coronel Yularen estava esperando pelos dois quando eles chegaram.

– Bem-vindos, capitão Thrawn, guarda-marinha Vanto – cumprimentou ele. – Sentem-se.

– Obrigado, coronel – respondeu Thrawn. – Imagino que tenha notícias para nós?

– Sim, mas não as notícias que os senhores queriam – disse Yularen mal-humorado. – Falando em notícias, acabei de ouvir que seu comandante Chenou levou uma facada nas costas pela mesa da corte marcial. Lamento.

– Obrigado, coronel – disse Thrawn. – Ele era um bom oficial.

– Foi o que ouvi dizer – falou Yularen. – Não era ótimo, mas não merecia ter sido descartado dessa forma.

Ele franziu os olhos.

– Alguma reação na direção do senhor? Na direção de qualquer um dos senhores? – acrescentou o coronel, olhando para Eli.

– Não que tenhamos ouvido, senhor – respondeu Eli.

– Ótimo – disse Yularen. – Eles podem não gostar do senhor no Alto Comando, Thrawn, mas não podem ignorar o fato de que o senhor obtém resultados. – Ele fez uma expressão de desdém. – Infelizmente, os nossos resultados não chegam exatamente ao nível dos seus. Realizamos uma busca completa em todos os documentos que o DSI conseguiu meter as mãos. O nome *Cisne Noturno* apareceu em todo lugar, desde contrabando de metal a compras de antiguidades e organização de protestos e tumultos. Mas ainda não fazemos a menor ideia de quem seja ele.

– Interessante – falou Thrawn. – O senhor disse que ele organizava protestos. Protestos contra quem?

– Basicamente todo mundo – respondeu Yularen. – Em grande parte contra governos, tanto locais como contra o governo imperial, mas também contra corporações, fábricas e até mesmo transportadoras.

Os olhos foram de um lado a outro enquanto ele lia no monitor do computador.

– Nós também não encontramos nada em comum nos vários alvos. Talvez ele apenas goste de causar confusão.

– Posso obter uma lista de todas as atividades às quais o Cisne Noturno está associado? – pediu Thrawn.

– É claro. – Yularen pegou um datacard e entregou-o por sobre a mesa. – O que o senhor espera encontrar?

– Um padrão – disse Thrawn. – O senhor disse que os alvos dele parecem aleatórios, mas eu acredito que vamos encontrar alguma coisa que conecte os locais, as ocasiões e as pessoas envolvidas. Muitos dos esquemas do Cisne Noturno envolvem o roubo de dúnio ou outros metais preciosos. Existe a chance de ele ser motivado pelo que considera roubo ou... – Ele olhou para Eli. – *Gubudalu?*

Eli franziu a testa. *Gubudalu?* Que palavra era *aquela*? Rapidamente, ele recorreu à raiz Sy Bisti e aos modificadores...

Ah.

– Usurpação – falou Eli.

– Obrigado – agradeceu Thrawn. – Será que ele é motivado pelo roubo ou usurpação de alguma empresa mineradora pessoal ou de família?

– Uma ideia interessante – disse Yularen. – Um contrabandista, pirata ou ladrão típico não gosta de atrair atenção para si, mas o Cisne Noturno estampa seu nome em todos os lugares. – O coronel franziu os lábios. – Pode ser que ele esteja planejando uma grande operação e queira que todo mundo esteja olhando para outro lado. Eu me lembro de um grupo de contrabandistas de armas durante as Guerras Clônicas que gostava de atear fogo a um lado de uma cidade a fim de atrair a polícia e os bombeiros para

lá, e aí atacava um depósito de armas do outro lado.

– Realmente – falou Thrawn. – E quanto a Coruscant? Há tumultos lá?

– O senhor deve estar brincando – disse Yularen com um muxoxo de desdém. – Desça 2 mil níveis e o senhor vai encontrar todo o tumulto que quiser. Desça 4 mil níveis e o senhor estará praticamente no Espaço Selvagem.

– Então esse seria um terreno fértil para protestos anti-Império?

– Seria – concordou Yularen. – Só que todos os centros de poder estão lá em cima, e nós temos a melhor polícia, forças armadas e forças de defesa particulares da galáxia. Ora essa, nós temos academias de combate que não fazem nada a não ser treinar guarda-costas ministeriais e do Senado. O Cisne Noturno pode agitar daqui até a Semana da Ascensão sem provocar uma única moosa em nada que importe.

– É de imaginar que Nubia fosse igualmente imune a ameaças como esta. – Thrawn indicou uma no datapad. – No entanto, este protesto na prefeitura da Baía Circular parece ter sido bem eficaz.

– Aquele foi um caso isolado – grunhiu Yularen. – Os criminosos conseguiram que toda a equipe de cozinha fosse demitida e depois infiltraram os próprios agentes na nova equipe. No momento em que se tem alguém do lado de dentro, é possível realizar quase qualquer coisa.

– Exatamente – concordou Thrawn. – O senhor disse que há academias que trabalham especificamente com guarda-costas do Senado?

– Sim – murmurou Yularen, franzindo a testa com súbito interesse. – Sim, eu sei aonde o senhor quer chegar. Mas a maioria dos seguranças que treinam nesses lugares já está empregada. Eu duvido que um senador fosse a uma dessas academias para contratar substitutos ou mais funcionários. Eles provavelmente contratam diretamente por meio de uma agência credenciada.

O coronel se levantou e continuou:

– Ainda assim, já faz tempo que o DSI examinou qualquer um desses lugares. Pode valer a pena fazer uma turnê pela subcultura de combate do Distrito Federal. Os senhores gostariam de se juntar a nós?

– Bem-vindos à Academia Yinchom. – *O rapaz sentado de pernas cruzadas no piso à direita da porta fica em pé. A voz possui a clareza da juventude, com alegria por baixo da seriedade. Ele se curva na direção do coronel Yularen, depois repete o gesto para cada uma das outras quatro pessoas do grupo.* – Abandonem o tédio e as preocupações da vida, aqueles que entram, e preparem suas mentes e corpos para os rigores e alegrias do combate.

– Faremos isso – respondeu Yularen. *A voz é calma e em tom oficial, mas há um traço de humor por baixo, bem como reconhecimento pela atuação do rapaz.* – Sou o coronel Yularen. Eu quero falar com a proprietária deste lugar. Você pode ir buscá-la para nós?

– Posso – respondeu o rapaz. *Ele se curva novamente para Yularen.* – Por favor, entre.

O grupo entrou na academia. O rapaz esperou até que todos os cinco estivessem contra a parede, depois deu a volta pelo canto da sala de treinamento.

– Esta não é tão impressionante quanto a última academia, senhor – murmurou Vanto.

– Não – concordou Thrawn.

– Um pouco pequena e um pouco longe da luz do sol para ser considerada de primeira linha – concordou Yularen.

Ele olha lentamente para a área de treinamento, os olhos vão de um lado a outro, absorvendo os detalhes. Uma dupla trabalha em cada um dos cantos do tatame central: uma dupla de mãos vazias, a segunda de mão vazia contra faca, a terceira e quarta com bastão contra bastão. Uma jovem circula no centro do tatame, ocasionalmente corrigindo e instruindo cada uma das duplas.

– Por outro lado, trinta senadores mandaram um ou mais guarda-costas aqui para reciclagem de treinamento ou luta nos últimos cinco anos – continuou Yularen. – Então este lugar deve ter *alguma coisa*

especial a seu favor. A proprietária é uma Togoriana chamada H'sishi.

Continuando a dar a volta pela sala, o rapaz passa por uma mulher sentada em um banco contra a parede.

– Senhor? – disse Vanto subitamente. *Ele indica a mulher com a cabeça.* – Aquela mulher. Nós já a vimos antes em algum lugar.

O rapaz passa pela mulher, e ela fica em pé e vai até a borda do tatame. Um chute rodado muito aberto passa perto. Ela se desvia com graça. Uma indicação de competência e habilidade moderadas. Ela chega aos imperiais e inclina a cabeça.

– Bem-vindo à Academia Yinchom, capitão Thrawn – falou ela, aumentando a voz para ser ouvida acima do choque dos bastões de combate. – Sou Arihnda Pryce. O senhor provavelmente não se lembra, mas nos encontramos uma vez na recepção da Semana da Ascensão no Hotel Alisandre, quando o senhor era um capitão-tenente.

– Eu certamente me lembro, srta. Pryce – disse Thrawn. – A senhorita era uma assistente do senador Domus Renking.

– O senhor tem uma memória surpreendente, capitão – falou Pryce. – Porém, não trabalho mais para o departamento do senador Renking. Eu agora trabalho para um grupo de ativistas.

– Entendo – disse Thrawn. – Deixe-me reapresentar meus companheiros, o coronel Yularen e o guarda-marinha Vanto.

– Eu me lembro de ambos – falou Pryce. *Ela cumprimenta cada um com um aceno de cabeça. Os olhos se voltam brevemente para os dois agentes do DSI, que mantêm uma vigília silenciosa atrás deles.* – Como posso ajudá-los?

– Nós queremos falar com a proprietária – respondeu Yularen. – O rapaz foi chamá-la.

– Quem é a mulher que está supervisionando as lutas? – perguntou Thrawn.

– Aquela é Juahir Madras, uma das instrutoras – respondeu Pryce.

– A senhorita está aqui para ter aula? – indagou Yularen.

– Não – disse Pryce. – Meu chefe achou que eu poderia estabelecer contato com alguns dos guarda-costas do alto escalão que treinam aqui, então, nos últimos dias, eu tenho passado o tempo conversando com as pessoas. Ah... eis H'sishi agora.

Um grande ser felino surge em uma das portas na lateral do salão central. Ela é coberta de pelo curto branco-amarronzado e está vestida com uma combinação de saiote com bandoleira. Os olhos amarelos se concentram em cada visitante por vez. Ela olha para cada uma das duplas que lutam, depois para a instrutora Madras.

– Parem! – berrou H'sishi.

Instantaneamente, as lutas pararam. No silêncio, H'sishi cruzou o tatame com passos largos, se deslocando com graça nas pernas com as juntas voltadas para trás. Ela passou pela instrutora Madras sem olhar e parou ao lado de Pryce.

– Bom dia para os senhores, oficiais do Império – disse H'sishi. *A voz é sibilante, mas nítida.* – Eu sou H'sishi, mestra da Academia Yinchom. Como posso lhes servir?

As duplas de lutadores estão voltadas para os visitantes, com rubor intenso no rosto por causa do exercício pesado. A expressão e a postura da instrutora Madras demonstram inquietude. O olhar dela está no peito de Yularen, não no rosto dele.

– Sou o coronel Yularen – falou ele. – Estes são o capitão Thrawn, guarda-marinha Vanto, agentes Roenton e Brook. Estamos fazendo uma verificação de rotina nas academias do Distrito Federal, com interesse especial nos contratos governamentais e treinamento de guarda-costas. Eu imagino que a senhora tenha o registro completo de ambos?

– É claro – respondeu H'sishi. – Vou pegá-los para o senhor.

– Antes de fazer isso – disse Thrawn –, nós também estamos interessados em treinadores para uma

possível unidade nova de combate urbano. Vocês ensinam luta avançada de bastões?

– Sim – confirmou H'sishi. – O senhor já teve algum treinamento nessa arte?

– Eu sei o básico – respondeu Thrawn. – Gostaria de observar sua melhor técnica em primeira mão.

– Certamente – disse H'sishi. – A instrutora Madras e eu vamos lhe oferecer uma demonstração.

– Não há necessidade de envolver outros – disse Thrawn. – Instrutora Madras, por favor, traga os bastões. A instrutora H'sishi e eu lutaremos.

– Senhor? – perguntou Vanto. *A voz está surpresa e cautelosa, mas não há compreensão nela. Ele não enxergou os padrões, nem costurou os fatos e as possibilidades.*

Madras anda até o centro do tatame, com os bastões de luta nas mãos. *A postura corporal indica inquietude.*

– Srta. Pryce, venha comigo, por favor – falou Thrawn. – Há uma pergunta que quero fazer.

– É claro. – Pryce foi para o lado do Chiss.

Thrawn, Pryce e H'sishi andaram ao centro do tatame.

– A senhorita disse que trabalhava para um grupo de ativistas – disse Thrawn. – Qual deles?

– Ele se chama Grupo Céus Superiores – respondeu Pryce.

– Obrigado – agradeceu Thrawn. – Agora, afaste-se. Instrutora H'sishi, vamos começar.

Pryce e Madras se afastaram.

– O cronômetro está programado para três minutos – falou H'sishi.

Ela cruzou os bastões em um cumprimento. Thrawn fez o mesmo gesto.

Eles começaram.

H'sishi é uma boa lutadora, mas seu foco está apenas no combate, sem pensar em outras questões. Ela não nota quando suas posições são lentamente alteradas até que Pryce e Madras estejam visíveis.

Ambas observam o combate, nenhuma fala com a outra, embora uma rápida conversa possa ter ocorrido antes de estarem completamente visíveis.

A expressão das duas é inconclusiva. Ambas estão fascinadas pelo combate, deixando submersos todos os medos, preocupações e pensamentos. A própria H'sishi não mais aparenta inquietação.

Os três minutos se encerram. H'sishi dá um passo para trás novamente e cruza os bastões.

– Excelente, capitão – disse ela. – Não conheço seu estilo, mas o senhor claramente foi bem treinado.

– Obrigado, instrutora – agradeceu Thrawn.

Ele cruzou os próprios bastões e depois os ofereceu para Madras. *Ela dá um passo à frente e pega os bastões, enquanto os olhos evitam o olhar de Thrawn.*

– Talvez na próxima vez que eu tiver um compromisso em Coruscant a senhora me ensine um pouco do seu estilo. É da sua espécie?

– Sim, é um estilo togoriano – respondeu ela. – Espero que o senhor tenha tempo. Eu o receberia tanto na posição de aluno como de professor. E agora, coronel Yularen, vou pegar os registros que pediu.

Eles esperaram enquanto ela ia ao gabinete e retornava com um datacard. Yularen o aceitou e depois conduziu o grupo para fora.

– Bem, *aquilo* foi interessante – comentou o coronel enquanto andavam na direção do aircar. – Imagino, capitão, que o senhor não tenha simplesmente sentido a necessidade de fazer um pouco de exercício?

– De fato – disse Thrawn. – Eu presumo que o senhor notou que a instrutora Madras não parou de lutar quando entramos?

– Ela também não parou quando Pryce veio conversar – falou Yularen. *O tom denota reflexão.* – Mesmo com o fato de que o barulho atrapalhava a conversa.

– Elas não pararam até que H'sishi ordenasse – acrescentou Vanto.

– Eu imagino que *o senhor* esteja achando que não foi apenas grosseria – indagou Yularen.

– Eu acho que ela sabe quem eu sou – falou Thrawn. – Ela certamente sabe quem *o senhor* é, coronel.

E, portanto, ela atrasou nossa reunião, pois queria um tempo a mais para se preparar.

– Interessante – disse Yularen. – Infelizmente, essa é uma reação que agentes do DSI veem o tempo todo. *Todo mundo* tem segredos sujos.

– Mas nem todo mundo tem segredos que envolvem o Céus Superiores – falou Thrawn.

– O grupo de ativistas? – perguntou Yularen.

– Sim – respondeu Thrawn. – É o grupo em que a srta. Pryce trabalha. Eu perguntei sobre ele antes da luta e observei a instrutora Madras enquanto a srta. Pryce me informava o nome. Ela reagiu com incômodo.

– O senhor tem certeza?

– Sim – disse Thrawn. – Seja como for, o grupo merece ser investigado.

– Então, assim que o senhor obteve o nome e viu a reação de Madras, por que levou a luta adiante? – perguntou Vanto.

– Eu desenvolvi certa capacidade de interpretar emoções humanas – respondeu Thrawn. – Mas não tenho um parâmetro para Togorianos. Eu queria saber se H'sishi também estava preocupada que eu soubesse do envolvimento da srta. Pryce com o Céus Superiores.

– Então o senhor lhe deu a chance de derrotá-lo – disse Vanto lentamente. *O tom encerra uma compreensão crescente.* – O senhor foi o único de nós a ouvir o nome. Se ela quisesse, poderia tê-lo nocauteado, alegar que foi um acidente e ganhar um pouco de tempo para si e para o grupo.

– Correto – falou Thrawn. – Mais precisamente, eu ofereci algo que *parecia* uma oportunidade para me ferir. Ela era, obviamente, ilusória.

– Obviamente – disse Vanto. *O tom é respeitoso, como deve ser, mas também contém ironia.* – Então, quando o senhor foi atacado na Academia Real Imperial...?

– Eu queria estudar a capacidade dos agressores – respondeu Thrawn. – Eu teria protegido o senhor de danos graves, da mesma forma que me protegi de fato.

– O senhor tem que me contar tudo sobre esse caso algum dia, capitão. – *Yularen saca o comlink.* – Eu vou mandar o DSI começar a investigar o Grupo Céus Superiores e ver o que conseguimos descobrir.

– Eu aconselho que a investigação seja cautelosa e discreta – comentou Thrawn. – Eles estarão bem alertas agora, e não queremos afastá-los.

– Sim, nós *sabemos* como lidar com investigações, obrigado.

– Eu não quis ofender – falou Thrawn. – Eu também consideraria um favor se o senhor me permitisse observar seu avanço.

– Lamento, mas isso não será possível – respondeu Yularen. – Chegaram novas ordens enquanto o senhor cruzava bastões com H'sishi. O guarda-marinha as recebeu. – *Ele gesticula para Vanto.* – Guarda-marinha?

– Sim, senhor – falou Vanto. *A voz contém frustração escondida.* – Pelas próximas quatro semanas, enquanto a *Vespa Trovejante* passa por reparos, o senhor ficará no palácio com o imperador Palpatine. Assim que os reparos estiverem completos, a nave voltará à patrulha da Orla Média e Orla Exterior. – *Ele faz uma pausa, e a frustração aumenta.* – Sob a autoridade do capitão recém-indicado, comandante Thrawn.

– Parabéns, comandante – murmurou Yularen.

– Obrigado – disse Thrawn.

Ele fora promovido. No entanto, Vanto, não?

Não deveria ser assim. Vanto permanecia com a patente de guarda-marinha um ano a mais do que o normal. Porém, não havia nada que Vanto tivesse feito ou deixado de fazer para ter atrasado sua promoção.

– Um feito impressionante – continuou Yularen. *O olhar vai de Thrawn a Vanto. Ele também reconhece que há algo de errado.* – Geralmente um capitão aguarda esse posto por pelo menos seis anos.

– Eu sei que durante as Guerras Clônicas as promoções ocorriam mais rapidamente.

– A guerra geralmente faz isso – disse Yularen. *A voz guarda memórias sombrias.* – Boa sorte com a nova missão e o novo comando. E não se preocupe com o Céus Superiores. O que quer que haja ali, nós descobriremos.



CAPÍTULO

16

Ninguém é imune ao fracasso. Todos já provaram o gosto amargo da derrota e da decepção. Mas um guerreiro não pode viver no fracasso – deve aprender com ele e seguir em frente. No entanto, nem todos aprendem com os erros. E aqueles que procuram dominar os outros sabem muito bem como aproveitar quando isso acontece. Se alguém houver alguma vez fracassado diante de um problema lógico, a primeira coisa que seu inimigo fará é tentar usar um problema do mesmo tipo, na esperança de que o fracasso se repita.

O que o manipulador às vezes se esquece, e o que um guerreiro deve sempre se lembrar, é de que não há dois conjuntos de circunstâncias parecidas. Um desafio nunca é como o outro. A suposta vítima pode ter aprendido com o erro anterior.

Ou seu rumo de vida pode ter cruzado outro de maneira inesperada e desconhecida.

– Desculpe eu ter perdido nossas últimas duas sessões. – A voz de Otlis veio pelo comlink de Arihnda. – Como eu lhe disse, meu patrão veio para uma visita, e todos nós estamos ocupadíssimos.

– Eu entendo – respondeu Arihnda.

Ela entendia mesmo, mas isso não significava que estivesse contente com a situação. Não apenas pela interrupção do treinamento de combate, mas porque Arihnda realmente apreciava a companhia de Otlis.

Mas trabalho era trabalho, e mesmo nos altos escalões do poder imperial apenas algumas pessoas podiam se dar ao luxo de escolher os seus próprios horários.

– Porém, se você por acaso tiver algumas horas e não souber o que fazer com elas, me avise – disse ela.

– Na verdade, é por isso que estou ligando – falou ele. – Estou vigiando o gabinete sozinho hoje à noite, todo o resto do pessoal foi para uma festa, e se a gente empurrar a mesa da sala de reuniões contra a parede, deve haver espaço suficiente para uma luta. Você topa?

– Acho que sim – respondeu Arihnda, franzindo a testa. *Aquilo* viera do nada. Ainda assim, seria uma chance de praticar um pouco. Além de poder passar algumas horas fazendo algum tipo de contato humano que não fosse apenas vender políticas idealistas para senadores e ministros.

– Quando você me quer? E *onde* me quer? Você nunca me forneceu o endereço.

– Não forneci? Desculpe. – Otlis passou o endereço: um lugar em uma das torres de escritórios perto do prédio do Senado. – Quanto ao tempo, quanto mais cedo, melhor. Como eu disse, todo mundo já saiu, e teremos o lugar só para nós.

– Tirando os droides porteiros?

– Bem, é claro que tirando eles – concordou Otlis. – Mas eu tenho autorização suficientemente alta para me responsabilizar por você em relação a eles. Quando você consegue estar aqui?

Arihnda verificou o crono. Tecnicamente, ela tinha que manter o departamento aberto por mais quarenta minutos, caso algum assistente de senador passasse em busca de mais informações sobre uma das propostas políticas do Céus Superiores.

Mas, como sempre, Arihnda estava sozinha ali naquela tarde. Só desta vez, pensou ela, os poderosos e influentes do Império poderiam esperar até amanhã.

– Dez minutos – disse Arihnda.

– Dez minutos então – falou Otlis. – Toque a campainha da porta quando chegar que eu deixo você entrar.

Arihnda rastreou o endereço no datapad durante a corrida do airtaxi, na esperança de descobrir para quem exatamente Otlis trabalhava. Mas a informação não estava listada. Uma vez dentro do prédio – Otlis já havia liberado sua entrada com os droides das portas externas –, ela procurou por um diretório ou outro índice ou lista de moradores qualquer.

Mais uma vez, nada. Aparentemente, os residentes não queriam que nem os visitantes aprovados pelos droides soubessem quem estava ali e onde exatamente se localizavam.

Os dois droides porteiros no corredor encararam Arihnda silenciosamente enquanto ela se aproximava da porta do gabinete. Mas permitiram que ela tocasse a campainha sem ser questionada. Otlis atendeu prontamente, deu aos droides a senha pessoal de liberação e conduziu Arihnda para dentro.

– Bonito – comentou ela, olhando em volta enquanto ele ia à frente pelo saguão e por um longo corredor.

O tapete, as decorações na parede e as esculturas das pilastras eram elegantes, porém mais sutis do que a decoração que Arihnda tinha visto no gabinete de outros senadores. Alguém que vivia no luxo, mas não sentia necessidade de esfregá-lo na cara das pessoas.

– Seu chefe deve ser mais importante ainda do que eu imaginava.

– Provavelmente sim – concordou Otlis. – Por aqui.

Arihnda franziu a testa e de vez em quando ficava para trás meio passo em relação a ele. Havia uma camada estranha de distanciamento emocional na fala e nos maneirismos de Otlis naquela noite. Algo não estava certo.

– Onde está sendo a festa? – perguntou ela.

– Que festa?

– A festa pra qual você disse que todos os outros estavam indo.

– Ah. – Ele parou ao lado de uma porta aberta e gesticulou para que ela entrasse. – Aqui, por favor.

– Obrigada – falou Arihnda.

Algo estava errado com certeza, mas era tarde demais para recuar agora. Ela passou por Otlis e entrou no cômodo. Arihnda parou abruptamente. Aquela não era a sala de reuniões que Otlis prometera. Era um gabinete, decorado com tanto luxo quanto o saguão e o corredor, com lembranças e troféus da galáxia inteira em exibição e sem nenhum espaço para luta.

E sentado atrás da mesa de pérola entalhada...

– Boa noite, srta. Pryce – disse o moff Ghadi, ficando de pé. – É um prazer vê-la novamente.

Por um longo momento, Arihnda ficou parada ali mesmo, tomada pela memória do último encontro com Ghadi. Aquele era o homem que jogara especiaria nela e depois ameaçara mandar prendê-la. O homem que usara aquela chantagem para fazê-la trair o senador Renking. O homem que fizera sua vida inteira entrar em parafuso.

– Vossa Excelência – disse ela, saindo da porta e andando na direção dele. – É um prazer vê-lo, como sempre. O senhor realmente deveria ter confiado na minha discrição e lealdade lá no Hotel Alisandre.

O sorriso confiante de Ghadi cedeu um pouco.

– Ah, é?

– Com certeza – garantiu Arihnda. – Se o senhor tivesse confiado, eu teria lhe dito que estava tão ansiosa para derrubar o senador Renking quanto o senhor.

– Sério? – falou Ghadi examinando-a atentamente. – Seu próprio chefe?

– O homem que planejou que o Império incorporasse a empresa mineradora da minha família em Lthal – corrigiu ela. – Eu só teria preferido destruí-lo sem ferrar com a minha própria vida no processo.

Arihnda parou ao lado da cadeira de visita diante da mesa dele.

– Posso?

– À vontade – disse Ghadi, gesticulando para que ela se sentasse.

Arihnda notou que o sorriso dele voltara a ser de total confiança.

– Pelos resultados, eu diria que a reviravolta na sua vida foi a melhor coisa que poderia ter-lhe acontecido. Sua postura e confiança mostram que a senhorita evoluiu muito.

– E provavelmente eu teria evoluído ainda mais se não tivesse tido que recomeçar do fundo do poço – falou ela.

Arihnda olhou em volta ao se sentar e notou que Ottlis se posicionara no centro da porta atrás dela, como se esperasse frustrar uma tentativa de fuga. O fato de que Arihnda nem sequer tentara fugir parecia tê-lo confundido.

– Mas isso são águas passadas – acrescentou ela, ao se voltar de novo para Ghadi. – Então, a que devo o prazer deste convite?

– Primeiro, postura, e agora, objetividade – disse Ghadi em tom de aprovação. – Excelente. Vamos ver se podemos acrescentar honestidade à lista. Para quem a senhorita trabalha?

– Tenho certeza de que o senhor já sabe. O Grupo de Ativistas Céus Superiores.

– Ótimo – falou Ghadi. – Vamos continuar. Quem contratou seu grupo de ativistas para me destruir?

Arihnda franziu a testa.

– Perdão?

– Não, não, a postura inútil de criança inocente não vai funcionar mais – disse o moff. – Não para você.

– Eu não sou inocente e não sou uma criança – disse Arihnda tão calma quanto possível. – Só estou confusa porque não faço ideia do que o senhor está falando.

– Sério? – rosou Ghadi. – A senhorita não faz ideia de que pouco depois que um de seus funcionários veio falar comigo algumas de minhas informações financeiras confidenciais foram obtidas por uma gangue qualquer de contrabandistas? Ou que uma das minhas minas foi atacada por invasores pouco mais de uma semana depois?

– O que foi roubado? – perguntou Arihnda.

Ghadi franziu a testa.

– O quê?

– Eu perguntei o que foi roubado – repetiu Arihnda. – Talvez quem quer que tenha levado os dados estivesse interessado apenas nas suas minas e outros recursos.

Ghadi deu um muxoxo de desdém.

– Não insulte minha inteligência – disparou ele. – Ninguém rouba um moff. Não se quer continuar respirando. Essas foram alfinetadas preliminares antes de um ataque ou então uma distração. De uma forma ou de outra, eu quero saber quem está por trás disso. – Ghadi franziu os olhos. – Foi Renking?

– Vossa Excelência...

– Ele é o culpado óbvio – continuou Ghadi. – Mas sutileza nunca foi o forte de Renking. Um outro senador? Eles estão sempre disputando posição e vantagem. Ou talvez um moff? – Ele soltou uma risada cínica. – É óbvio. É Tarkin, não é? Grão-moff Tarkin, para quem nada nunca é suficiente. Ele quer se ver

livre de mim há anos. Diga-me que é ele.

Arihnda balançou a cabeça.

– Lamento, Vossa Excelência, mas não posso ajudá-lo.

Ghadi se reclinou na cadeira e manteve o olhar firme no rosto dela.

– Muito bem. Você não sabe. Talvez seu chefe saiba. Vamos ligar para ele e dizer que a senhorita foi convidada ao meu gabinete, convidada por Otlis, exatamente como aconteceu. Vamos ver se ele vai fazer alguma sugestão interessante sobre o que a senhorita deveria fazer uma vez que está aqui.

Arihnda pensou a respeito. Driller parecia muito alegre e franco para ser um espião.

Mas havia aquela questão que a deixava com um pé atrás a respeito de quem mais estava trabalhando para ele e o que estavam fazendo. E havia sua pilha de créditos aparentemente sem fim.

E talvez os melhores espiões fossem aqueles que não se parecessem com espiões.

– Tudo bem – disse ela ao sacar o comlink. – Eu imagino que o senhor queira escutar?

– É claro. – Ghadi chamou Otlis com um gesto para sair da porta e acrescentou: – Apenas caso a senhorita esteja planejando tentar alguma coisa.

– Tudo que estou planejando é ter uma conversa – falou Arihnda.

Ela aumentou o volume do comlink até o máximo e ligou para o número de Driller.

– Ei, Arihnda – disse a voz animada de Driller. – O que foi?

– Eu acabei de receber uma ligação de Otlis – falou ela. – Ele não pode ir à academia hoje à noite, mas está com tempo livre e sozinho no gabinete do moff Ghadi, e quer saber se posso visitá-lo para uma sessão particular.

– Ótimo – disse Driller. – O que você disse?

Arihnda sentiu um sorriso cínico torcer os lábios. Então Driller sabia que Otlis trabalhava para Ghadi, porém não se dera ao trabalho de mencionar o fato.

– Eu disse que precisava verificar com você e ver se podia fechar mais cedo.

– Claro, vá em frente.

– Obrigada – falou Arihnda. – Alguma instrução especial?

Houve apenas uma hesitação brevíssima.

– O que você quer dizer? – perguntou ele, com a voz sutilmente alterada. – Instrução sobre o quê?

– O que devo fazer assim que estiver lá – disse Arihnda. – Tipo... ah, sei lá. Alguma coisa que devo observar ou tomar notas?

– Não, não, nada do gênero – respondeu Driller, com a voz voltando ao normal. – Apenas faça sua sessão e vá para casa.

Arihnda ergueu os olhos para Ghadi. Os olhos dele estavam voltados para o comlink, e os lábios, franzidos em concentração. Pela ausência do sorrisinho de satisfação, não parecia que ele tivesse ouvido fosse lá o que estivesse procurando.

Provavelmente não ouviu. Era quase certo de que não ouviu, aliás. Ghadi não tinha como conhecer Driller o bastante para ter notado a hesitação ou o tom de voz levemente alterado.

Mas Arihnda notara os dois. Será que isso significava que *havia* alguma coisa acontecendo no Céus Superiores? Ou será que Driller estava simplesmente cansado ou distraído com outra coisa qualquer?

Talvez houvesse um jeito de descobrir.

– Obrigada – disse ela. – Escute, tem mais uma coisa. Otlis disse que em breve vai abrir uma vaga de assistente com algum treinamento de combate. Ele acha que eu talvez queira me candidatar.

– Você quer dizer que sairia do Céus Superiores? – perguntou Driller em um tom de voz subitamente cauteloso. – Você não pode fazer isso, Arihnda. Há muito trabalho a ser feito, e você é nossa melhor representante.

– Obrigada, mas acho que você não entendeu – falou ela. – Essa não é uma vaga de gabinete qualquer. É com o grão-moff Tarkin.

Desta vez, até mesmo Ghadi não deixou de notar a pausa.

– Tarkin? – perguntou Driller cautelosamente.

– É o que Otlis falou – disse Arihnda. – E, veja bem, não é como se eu fosse embora para sempre.

Quando ele não estiver aqui em Coruscant, eu trabalharei apenas meio período, então talvez ainda possa fazer algum serviço para você.

– Você pelo menos conseguiria nos visitar e nos ver ocasionalmente, certo? Talvez jantar e conversar?

– É claro – falou ela. – Gosto de conversar com você. Sabe disso.

– É, e vice-versa – disse Driller. – Bem... olhe, tenha uma boa sessão e... se você quiser se candidatar à vaga, vá em frente. Pode ser interessante.

– Obrigada – falou Arihnda. – Vejo você de manhã.

– Certo. Boa noite.

Ela desligou o comlink.

– Bem? – perguntou Arihnda erguendo as sobrancelhas para Ghadi.

– Bem, o quê? – rosnou o moff. – E o que foi exatamente esse absurdo sobre Tarkin?

– A prova de que o senhor não é alvo de ninguém – disse ela. – Se fosse, ele teria me mandado dar uma espiada em seu gabinete enquanto eu estivesse aqui, assim como o senhor obviamente pensou que ele mandaria. E Driller não teria ficado disposto a me deixar perder o contato com Otlis, e portanto com o senhor, para ir trabalhar para Tarkin.

Lentamente, um pouco do fogo se apagou no olhar de Ghadi.

– A senhorita sabe contar uma história difícil de acreditar, srta. Pryce – comentou ele. – Pode até ser que esteja certa. Mas nós realmente precisamos saber ao certo, não é?

– Isso significa?

– Isso significa que, de agora em diante, a senhorita será meus olhos e ouvidos dentro do Céus Superiores – disse Ghadi. – A senhorita vai copiar todos os arquivos, relatar todas as conversas e listar todos os contatos do grupo.

Com um esforço, Arihnda manteve a expressão neutra.

– Tenho certeza de que isso não é necessário, Vossa Excelência.

– Ah, eu acho que é – falou Ghadi. – E a senhorita vai fazer isso ou eu chamarei o DSI e direi que a senhorita veio aqui hoje à noite roubar arquivos confidenciais e datacards. Otlis confirmará isso, é claro.

Arihnda ergueu os olhos para Otlis. Ele devolveu o olhar, com uma expressão neutra.

– Eu não emprego tolos, srta. Pryce – acrescentou Ghadi calmamente. – Otlis sabia desde o início que foi designado para ficar com a senhorita. Ele me manteve a par do jogo o tempo todo.

– Eu já lhe disse que não estou participando de nenhum jogo.

– Então a senhorita deve aceitar a chance de provar isso – retrucou Ghadi. – Otlis lhe dará o que a senhorita precisa e depois vai acompanhá-la até sua casa.

– Eu não preciso da proteção dele – falou Arihnda, erguendo o olhar novamente. E pensar que um dia ela considerou aquele homem um amigo. – Nem da companhia dele.

– Que pena que a senhorita pense assim – disse o moff. – Mas não me importo, ele vai acompanhá-la. Boa noite, srta. Pryce. Nós nos falaremos novamente. Muito em breve.

A ida ao apartamento foi muito silenciosa. Otlis esperou até ela destrancar e abrir a porta, depois foi embora sob as luzes e placas tremeluzentes da noite. Nenhum dos dois disse uma única palavra durante todo o caminho.

O apartamento estava vazio. Juahir provavelmente ainda estava na academia ou então estava se encontrando com a pessoa que a havia instruído a juntar Otlis e sua boa amiga Arihnda.

Não importava. Arihnda não estava pronta para encará-la agora, de qualquer forma.

Ela estava completamente no piloto automático quando fez o jantar e não tinha saído dele quando comeu. Depois, sentou-se ao computador, encarou o monitor e tentou pensar.

Arihnda fora colocada em uma caixa. Uma caixa muito pequena e muito desconfortável. Ao menor sinal de que ela estivesse tentando trair Ghadi, o moff a entregaria ao DSI, e Ottlis corroboraria as acusações. Arihnda seria condenada em tempo recorde.

Isso não lhe deixava opção a não ser espionar o Grupo Céus Superiores. Mas, se Driller realmente estivesse espionando para alguém, aquela pessoa não ficaria contente se flagrasse Arihnda escavando seus segredos. Se Driller *não* estivesse espionando e Arihnda provasse que não havia ameaça premeditada contra Ghadi, o moff poderia entregá-la para o DSI mesmo assim, como um alerta aos inimigos hipotéticos.

Era a mesma caixa em que Ghadi havia aprisionado Arihnda antes. Ele provavelmente esperava que fosse funcionar da mesma forma novamente.

Só que, desta vez, ela estava preparada.

E aquilo custaria caro para Ghadi.

Arihnda trabalhou no computador pela próxima hora, puxando informações, metendo a cara em rumores e relatórios infundados, encontrando registros financeiros e indícios obscuros. Ela passou outra hora juntando tudo isso. Em algum momento, Juahir ligou para dizer que estava indo a uma festa e que Arihnda não esperasse por ela. Arihnda não tinha planejado fazer isso, de qualquer forma.

Ela esperou até que tivesse tudo em um belo pacote. Então, pegou o comlink e ligou para o sistema de Conexão Universal.

– Meu nome é Arihnda Pryce – disse ela para o droide que atendeu à ligação. – Eu quero mandar uma mensagem para um oficial da Marinha que acredito que esteja em Coruscant.

– Nome?

Arihnda se preparou. Ele era espantosamente competente, ela disse para si mesma uma vez, ou então tinha amigos poderosos. De uma forma ou de outra, valia a pena entrar em contato com ele.

– Thrawn – respondeu Arihnda. – Comandante Thrawn.

Ele estava esperando em uma cabine de canto na lanchonete Gilroy Plaza quando Arihnda chegou. As feições de Thrawn estavam meio escondidas pelo capuz da capa lisa, e seus olhos vermelhos estavam completamente invisíveis. O primeiro pensamento de Arihnda foi de que aquela era a pessoa errada, mas, ao se aproximar dele, ela viu que Thrawn estava usando óculos escuros que só deixavam escapar um brilho fraquíssimo.

– Srta. Pryce – cumprimentou ele quando Arihnda chegou à mesa. – Está atrasada.

– Perdão – desculpou-se Arihnda, olhando em volta ao se sentar diante dele.

A lanchonete estava quase deserta; os únicos outros clientes sentavam-se em uma cabine após a curva do bar. Isso deveria dar-lhes privacidade suficiente.

– Belos óculos. Com os olhos cobertos, a maioria das pessoas provavelmente vai achar que o senhor é um Pantorano.

– Já me disseram isso – falou Thrawn. – Por que pediu para se encontrar comigo?

Arihnda analisou Thrawn. O rosto dele estava impassível e não entregava nada.

– Estou em uma pequena enrascada – respondeu ela. – Acho que o senhor também está enfrentando os mesmos problemas. Espero que possamos nos ajudar.

Ele inclinou a cabeça levemente embaixo do capuz.

– Continue.

– Na noite de hoje, fui levada a uma reunião com uma autoridade do alto escalão do governo – explicou Arihnda. – Ele acha que o grupo de ativistas em que trabalho está tentando destruí-lo. Quer que eu espione o grupo para ele e ameçou me entregar ao DSI sob acusações falsas de espionagem se eu me

recusar.

– Ele parecia confiante na ameaça?

Arihnda franziu a testa. Uma pergunta estranha.

– Muito confiante.

Thrawn acenou com a cabeça.

– Continue.

– É só isso, realmente – disse ela. – Eu tinha esperanças de que o senhor me ajudasse a me livrar dele.

– Entendo – falou Thrawn. – E a sua arma?

Arihnda ficou atônita.

– O que o senhor quer dizer?

– Certamente a senhorita não espera que eu dispare um turbolaser no gabinete dele – disse Thrawn com um leve tom de sarcasmo. – Eu concluo que deve ter outra arma qualquer que a senhorita acredita que seja útil contra ele.

Arihnda deu um sorrisinho. Ele era bom mesmo.

– Tenho – concordou ela enquanto puxava o datapad. – Durante o falatório, ele mencionou que uma de suas minas fora atacada recentemente. Eu meti o nariz um pouco e descobri.

Arihnda acionou o datapad e virou-o na direção de Thrawn.

– Algo interessante lhe salta aos olhos?

Thrawn concordou com a cabeça.

– Dúnio.

– Sim – disse Arihnda. – Um veio de bom tamanho, que ele aparentemente nunca registrou. Ele parece estar vendendo o dúnio para a Marinha utilizando canais escondidos, provavelmente com lucros inflados, e certamente sem pagar impostos por isso.

– Ou talvez esteja vendendo em outro lugar – sugeriu Thrawn.

– E o atual mercado negro de dúnio vai gerar lucros ainda mais absurdos – concordou Arihnda. – De uma forma ou de outra, ninguém sabia sobre o dúnio até que alguém cavou os dados e atacou a mina. Eu perguntei o que foi roubado, mas ele nunca respondeu. Estou apostando muito alto que foi um pouco do dúnio.

– E a senhorita acredita que essa ausência de transparência é uma arma que possa ser acionada?

– Exatamente – disse Arihnda. – Eu pensei que, uma vez que o senhor é amigo do coronel Yularen, talvez pudesse passar essa informação discretamente para ele.

– Anonimamente, eu imagino?

Ela sentiu um aperto na garganta.

– Anonimamente em parte, sim – falou Arihnda. – É um pouco complicado. Eu não quero que ninguém, a não ser Yularen, saiba que eu dei essa informação para o senhor. Mas *Yularen* precisa saber, porque quero que fique registrado que eu passei esses dados para ele, de maneira que eu não seja presa ou acusada caso se descubra que alguém no Céus Superiores *foi* o ladrão.

Por um momento, Thrawn olhou para ela por trás dos óculos. Depois, lentamente, balançou a cabeça.

– Eu posso passar esta informação para o coronel Yularen – disse Thrawn. – Mas não agora.

Arihnda o encarou.

– Por que não?

– Porque quanto mais tempo isso ficar nas mãos dele, mais provável é que outras pessoas dentro do DSI se inteirem do assunto – explicou Thrawn. – Possivelmente, incluindo o amigo íntimo e aliado secreto de sua autoridade corrupta.

– O senhor acha que ele tem algum aliado específico lá dentro?

– Tenho certeza – falou Thrawn. – A senhorita disse que ele ameaçou mandá-la para a prisão por

roubo. Mas a palavra dele sozinha não seria suficiente para superar a ausência de provas.

– Nem mesmo a palavra de uma autoridade do alto escalão?

– A tarefa do DSI é exatamente monitorar as autoridades do alto escalão – disse Thrawn. – Apenas se ele tivesse um aliado secreto lá dentro ele poderia ficar tranquilo de que as acusações contra a senhorita não passariam por uma análise mais atenta.

– Eu não compreendo – falou Arihnda. – Como o senhor sabe que ele *tem* alguém assim?

– A senhorita disse que ele estava confiante – lembrou Thrawn. – Um guerreiro não ameaça um inimigo com uma arma descarregada a não ser que não tenha outra escolha.

Ele tirou o datacard do datapad e enfiou no bolso.

– Eu vou guardar sua informação e entregá-la para o coronel Yularen, mas vou fazer isso apenas quando julgar que é o momento certo.

Arihnda engoliu em seco. Ela compreendia a lógica de Thrawn, que fazia bastante sentido.

Mas ela não teria como enfrentar Ghadi sozinha, sem que Yularen e o DSI tivessem algo contra ele.

– E se eu disser que estou disposta a correr o risco?

– Eu não estou.

– E se eu tornar o acordo mais atraente? – insistiu Arihnda. – O senhor entende de táticas militares, mas eu entendo de política. Posso ajudá-lo aí.

– Eu agradeço a oferta – disse Thrawn. – Mas não preciso de ajuda.

– Acho que seu ajudante de ordens discordaria – falou Arihnda. – O guarda-marinha Vanto. Em três anos, o senhor foi de tenente para comandante, mas ele ainda é um guarda-marinha. Por quê?

Mesmo por trás dos óculos, ela conseguiu vê-lo franzir os olhos.

– Isso é uma questão militar.

– É mesmo? – contra-argumentou Arihnda. – Lembre-se que eu estava na academia quando ele recebeu a notícia de sua promoção. O guarda-marinha Vanto ficou desapontado. E também ressentido, creio eu, embora ele tenha tentado esconder.

– Como a senhorita sabe disso?

– Ele e o coronel Yularen tiveram uma breve conversa quando o relatório chegou – respondeu Arihnda. – O senhor estava duelando com bastões com H'sishi, então provavelmente não conseguiu ouvir os dois. Mas eu estava perto o suficiente para captar a essência do que estavam dizendo.

Na verdade, Arihnda não ouvira tanto quanto estava fazendo parecer, mas havia pesquisado sobre Vanto enquanto se preparava para aquela reunião com Thrawn, e não foi difícil juntar as peças do quebra-cabeça.

Felizmente, ela as encaixara direito. Por trás dos óculos, Thrawn franziu os olhos.

– Promoções não deveriam ser afetadas por politicagem – disse ele.

– Talvez não deveriam, mas são – falou Arihnda. – Da forma como interpretei, alguns senadores e ministros não gostam do senhor. O senhor é bom demais para eles o atacam diretamente, então eles dão outros jeitos. Fazer pressão sobre o Alto Comando para evitar que seu ajudante de ordens progrida é uma forma de ataque. Colocar sua nave no último lugar da fila para reparos é outra.

Thrawn se empertigou.

– Perdão?

– Ah, o senhor não soube disso? – perguntou Arihnda. – Praticamente todas as outras naves que precisavam de espaço no estaleiro foram colocadas na frente da *Vespa Trovejante*. Afinal de contas, a melhor maneira de evitar que o senhor brilhe mais do que todos os oficiais da elite do Núcleo é mantê-lo em Coruscant, longe de quaisquer batalhas ou confrontos.

– Interessante – disse Thrawn. – É claro que eu notei que a *Vespa Trovejante* foi colocada na prioridade mais baixa. Eu presumi que a ordem de reparos era baseada em quais naves precisavam retornar à missão de patrulha com mais pressa.

– O senhor estava meio certo – falou Arihnda. – Apenas substitua quais *capitães* eles querem de volta à ativa e quais eles não querem e o senhor terá o quadro completo.

– Entendo – murmurou Thrawn. – A senhorita tem um aliado que pode alterar isso?

– Eu tenho alguns contatos – respondeu Arihnda.

Ela repassou rapidamente a lista de senadores e ministros com quem conversou durante seu trabalho para o Céus Superiores. Como não sabia quem estava por trás da vingança contra Thrawn, era impossível adivinhar qual de seus contatos poderia interceder em nome dele.

– Nenhum deles é realmente um aliado – ela concluiu.

Ele ficou em silêncio por um momento.

– Diga-me: de quem essa autoridade do alto escalão, que ameaçou a senhorita, tem medo?

– Não sei se ele tem medo de *alguém*.

– Então, quem ele odeia? Todos os poderosos temem ou odeiam alguém. Ou alguma coisa.

Arihnda pensou no falatório de Ghadi. Agora que Thrawn mencionara...

– *Existe* alguém que ele odeie, sim – disse ela.

– Então a senhorita tem um inimigo e uma ameaça àquele inimigo – falou Thrawn. – Isso lhe dá dois vetores possíveis de ataque. Um é transformar a ameaça em um aliado, depois usá-lo contra seu inimigo. O outro vetor... – ele fez uma pausa e inclinou a cabeça para o lado. – É usar a ameaça como uma alavanca de forma a *tornar seu inimigo* seu aliado.

– Entendo – disse Arihnda lentamente, com a cabeça girando. Falando dessa forma... – Alguma recomendação sobre qual postura seria melhor?

– Só a senhorita pode decidir sobre isso – respondeu Thrawn. – A senhorita deve considerar quais armas e alavancas estão disponíveis e qual postura oferece a melhor chance de sucesso. – Ele ergueu um dedo em alerta. – Mas lembre-se que, em nenhum dos casos, o novo aliado provavelmente é seu amigo. A associação dele com a senhorita será baseada apenas em medo ou necessidade. Medo do que a senhorita pode fazer com ele ou uma necessidade do que a senhorita possa fornecer para ele. Se alguma dessas forças perder o valor, sua vantagem também será perdida.

– Entendi – falou. – Obrigada, comandante. Acho que agora sei o que fazer.

– Mais uma coisa. – Os olhos meio escondidos de Thrawn pareciam queimá-la. – Talvez seu grupo de ativistas realmente prove ser mais do que a senhorita sabe. Se quiser ter a proteção e o apoio definitivos do coronel Yularen, a senhorita talvez precise trair seus colegas. Está preparada para fazer isso?

Arihnda deu um sorriso amargo. *Seus colegas*. Driller, seu chefe. Juahir, sua colega de apartamento. As únicas duas pessoas em Coruscant que ela conhecia bem. As únicas pessoas naquele planeta que ela um dia chamara de amigos.

– Totalmente – respondeu Arihnda.

O gabinete do Grupo Céus Superiores estava deserto quando Arihnda chegou uma hora depois. Não havia nem chance de alguém passar por lá. Driller sabia que ela tinha saído para ver Otlis e sem dúvida passara aquela informação para Juahir. O fato de Arihnda não ter retornado ao apartamento delas provavelmente seria visto como prova de que ela e o guarda-costas de Ghadi tinham evoluído do treinamento de luta para outras formas de atividades físicas.

Há um ano, ter feito algo tão escancarado ou óbvio a teria envergonhado. Agora, ela mal notava e se importava menos ainda.

Tudo que interessava agora era que Arihnda tinha a noite inteira para trabalhar sem medo de ser interrompida.

Foi somente após a aurora que ela finalmente fez a ligação.

– É melhor que isso seja importante – rosou Ghadi. – E quero dizer importante *mesmo*. Estou a um passo de mandar chicotear Otlis por ter me acordado, e nem queira saber o que quero fazer com a

senhorita.

– É importante – garantiu Arihnda. – O senhor estava certo, o Céus Superiores está vigiando muitas pessoas importantes. Eu encontrei os arquivos.

– Claro que eu estava certo – disse Ghadi com raiva. – Algum motivo para essa revelação não ter podido esperar até mais tarde?

– Provavelmente podia – admitiu ela. – Mas pensei que o senhor talvez quisesse ouvir o mais cedo possível sobre o arquivo de Tarkin.

Houve um breve silêncio.

– Eles têm um arquivo sobre *Tarkin*? – perguntou ele, com o humor subitamente melhor. – O que tem no arquivo?

– Eu não sei – respondeu Arihnda. – Ele está encriptado de maneira diferente de tudo que encontrei. Mas, se for igual aos arquivos que consegui ler, provavelmente contém muitos segredos. Coisas que Tarkin não quer que ninguém mais saiba.

– Perfeito – falou Ghadi. – Sim. Eu realmente quero ver esses arquivos.

– Pensei que o senhor fosse querer – disse Arihnda. – Eu posso juntá-los aos outros arquivos que consegui ler, mas queria garantir que o senhor queria este aqui.

– Não seja idiota – rebateu o moff. – A senhorita tem a arma que preciso para derrubar Tarkin e quer saber se eu *quero*? Coloque em um datacard e traga ao meu gabinete. *Agora*.

– Sim, Vossa Excelência – disse ela. – Como falei, porém, no momento o arquivo está ilegível. Se o senhor me der tempo, eu talvez consiga decifrá-lo.

– Apenas traga-o para mim – rosnou Ghadi. – *Eu* vou decifrá-lo. Vamos ver como o todo-poderoso grão-moff Tarkin vai ficar quando eu estiver enfiando seus segredinhos sujos goela abaixo.

– Muito bem, Vossa Excelência – falou Arihnda. – O senhor também quer as outras informações? Ou quer esperar até que eu as decifre?

– Eu quero qualquer coisa que a senhorita tenha encontrado sobre outros moffs – respondeu ele. – Pode parar com todo o resto.

Ghadi murmurou baixinho algo ininteligível.

– *Tarkin*.

– Eu vou levar esse arquivo imediatamente, então – disse ela. – A quem devo entregar o datacard no seu gabinete?

– Hum... boa pergunta – falou Ghadi. – Sim, é melhor a senhorita trazê-lo para mim diretamente aqui. – Ele forneceu um endereço na Torre Falcão Branco. – Ottlis vai encontrá-la na porta e pegará o datacard. Entregue para ele e *apenas* para ele.

– Sim, Vossa Excelência – disse Arihnda. – Irei imediatamente.

Ela desligou o comlink.

Estava feito.

Ou melhor, metade do plano estava feito.

Mas Arihnda tinha tempo. Tinha tempo suficiente.



CAPÍTULO

17

Há três maneiras de abater um tusklan selvagem.

O caçador mediano pega uma arma de grosso calibre para atirar no animal. Quando funciona, esse método é rápido e eficiente. Mas, se o primeiro tiro errar um órgão vital, o tusklan pode avançar contra o agressor antes que um segundo tiro possa ser mirado e disparado.

O caçador prudente pega uma arma de pequeno calibre. O método pode não matar no primeiro tiro, mas o segundo, terceiro ou quarto tiros poderão ter sucesso. No entanto, se o calibre for pequeno demais, nenhum dos tiros penetrará pontos vitais, e o tusklan novamente triunfará sobre o agressor.

O caçador sutil não leva nenhuma arma visível. Em vez disso, ele induz mil moscas-de-ferrão a atacarem o tusklan por todos os lados. O método é lento e destrói a pele. Mas, no fim, o tusklan está morto.

E morre sem jamais saber de onde veio o ataque.

Eli suspirou ao olhar para o monitor repetidor de navegação no gabinete de Thrawn. Outro dia, outra crise.

Outra crise medíocre em um planeta pouco importante.

– Então, qual é o motivo desta aqui, senhor? – perguntou ele.

– Parece ser uma disputa de terras, guarda-marinha – respondeu Thrawn.

Eli cerrou os dentes. *Guarda-marinha*. Thrawn prometeu que tentaria conseguir a promoção que ambos concordavam que já estava muito atrasada. Até agora, ela não acontecera.

E só Eli sabia o motivo.

Ele pensou a respeito daquela reunião breve, ocorrida havia muito tempo, com Culper, a lacaia do moff Ghadi. Pensou muito a respeito. Na época, ele descartara a ameaça de Culper de mantê-lo no fundo do poço do corpo de oficiais da Marinha como uma hipérbole vazia feita para assustá-lo.

Mas, como dizia o velho ditado, não é um blefe se a pessoa tem as cartas. O moff Ghadi obviamente tinha as cartas.

E, apesar de toda a inteligência militar de Thrawn, ele não fazia ideia de como navegar pela politicagem de Coruscant.

– De um lado está o clã Afe, formado por Cypharis nativos – continuou Thrawn. – Do outro lado, um grupo de colonos humanos em um enclave que está invadindo o território dos Afes. Os colonos alegam que os Afes andam atacando seus assentamentos da fronteira e exigem concessões e uma zona neutra de segurança que, juntas, tomariam quase metade da terra dos Afes e forçariam o clã a entrar em territórios

controlados por outros Cypharis. Os Afes alegam que vivem naquela terra há séculos e argumentam que seus ataques são retaliação contra invasões e ataques fronteiriços realizados pelos humanos.

Eli conteve outro suspiro.

– E por que nós estamos aqui?

– Porque eu pedi a missão – disse Thrawn. – Com a assistência e o apoio do coronel Yularen.

– Entendo – murmurou Eli. E será que também com o apoio do imperador?

Possivelmente. A conexão informal que Thrawn mantinha com Yularen não era algo muito comum entre os oficiais da Marinha e os do DSI, e Eli suspeitava havia muito tempo que o imperador manipulava discretamente esse relacionamento. Fazia sentido: Yularen era capaz de facilitar o caminho de Thrawn pela burocracia e simples inércia do Alto Comando, enquanto Thrawn, por sua vez, geralmente notava detalhes que eram úteis para as investigações de Yularen, especialmente naquele quebra-cabeça que envolvia o Cisne Noturno.

Mas o esquema e os privilégios que resultavam dessa relação não passavam despercebidos por outros na Marinha. Eli notava os olhares estranhos que outros oficiais ocasionalmente lançavam ao passar e também as transmissões formais para a *Vespa Trovejante* que às vezes continham insinuações de ressentimento e inveja.

Thrawn, naturalmente, não parecia notar nada, a não ser os privilégios.

– Aqui – disse Thrawn ao girar o monitor de mesa. – Diga-me o que o senhor vê.

Eli se aproximou. Era um sumário dos registros de remessas do planeta dos últimos seis meses, mostrados lado a lado com uma descrição dos tipos de carga. Ele passou os olhos pelos registros, e o cérebro automaticamente começou a classificar, juntar e analisar...

Eli deu um sorrisinho.

– Crustáceos.

– Precisamente – falou Thrawn. – O volume de exportação de crustáceos quase dobrou nos últimos quatro meses.

– Na mesma época em que a disputa de terras começou?

– A disputa vem aumentando há aproximadamente o dobro desse tempo – respondeu Thrawn. – Mas o crescimento de incidentes na fronteira data a partir desse ponto. A petição para Coruscant data de um mês depois.

– Os humanos têm alguns metais preciosos que querem contrabandear – disse Eli lentamente enquanto desvendava a lógica. – Possivelmente porque descobriram um novo veio há oito meses.

Ele olhou intensamente para Thrawn e perguntou:

– Embaixo do território dos Afes?

– Esse é o motivo mais provável para a súbita exigência dos colonos pelas terras dos Afes.

– Então os colonos resolvem conduzir uma atividade contrabandista de leve por um tempo – continuou Eli. – Aí alguém chama o Cisne Noturno. Ele mostra como as coisas devem ser feitas, e eles começam a enfiar o acúmulo de metal dentro dos crustáceos, e daí decidem que querem um acesso melhor ao veio. – O guarda-marinha balançou a cabeça e comentou: – Meio desleixado. Era de imaginar que alguém tão inteligente quanto o Cisne Noturno teria criado uma técnica nova em vez de repetir uma anterior.

– Ora, vamos – falou Thrawn, repreendendo-o de leve. – O senhor não reconhece um convite quando vê um?

Eli olhou para a lista de remessas novamente.

– Muito ousado – disse ele. – E também muito estúpido. Ele mal venceu a última rodada. Era de se imaginar que o Cisne Noturno fosse parar um pouco enquanto estivesse em vantagem.

– Ah, mas será que ele venceu a *última* rodada? – contra-argumentou Thrawn. – Nós concordamos que o Cisne Noturno ganhou em Umbara, mas não sabemos de fato quantos outros confrontos ele e eu podemos ter tido nos últimos meses. Apenas as operações que o Cisne Noturno assina, por assim dizer,

nós podemos atribuir a ele.

– Eu não pensei nisso.

– Eu, sim – disse Thrawn, com um tom de voz sombrio e pensativo. – Talvez o senhor não tenha notado, mas parece haver um número crescente desses incidentes espalhados pelo Império. Houve um aumento na atividade contrabandista, que rouba dinheiro de impostos de Coruscant. Roubos de metais como dúnio também aumentaram, na mesmíssima ocasião em que o Império está tentando reunir o máximo possível desses recursos. Houve disputas como essa, às vezes entre povos de um único planeta, às vezes entre sistemas vizinhos, e todos distraem a atenção e drenam recursos militares. Mais perturbador ainda: há um número crescente de incidentes envolvendo distúrbios e revolta franca.

– E o senhor acha que o Cisne Noturno está por trás deles?

– De *todos* eles? – Thrawn balançou a cabeça. – Não. No momento, o tumulto é desorganizado. O Cisne Noturno não é um reflexo sombrio do imperador, conduzindo um exército crescente de insatisfeitos. Mas, da mesma forma, não tenho dúvida de que o Cisne Noturno foi responsável por alguns dos incidentes. Em muitos deles, eu suspeito, ele alcançou o objetivo almejado.

– Seja lá qual fosse esse objetivo – ponderou Eli. – E agora ele nos convidou para este. Fico feliz por nós podermos acomodá-lo em nossa agenda.

– Realmente – disse Thrawn. – Vamos ver o que ele preparou para nós desta vez.

– Eu realmente não entendo o motivo desta reunião, comandante – disse o prefeito Pord Benchel. *A expressão dele é tensa, os músculos da garganta estão igualmente tensos. A voz contém ressentimento e frustração.* – O senhor não pediu nada que não estivesse em nossos relatórios e declarações juramentadas para Coruscant. O senhor sequer os leu?

– Eu li – falou Thrawn. – O objetivo desta reunião é conhecê-lo pessoalmente. Conhecer o senhor e o resto do comitê de negociação.

– Não é um *comitê de negociação* – exclamou Lenora Scath. *A expressão contém raiva, assim como a voz.* – É um comitê de justiça. Somos *nós* que estamos sendo atacados, comandante, não os Cypharis.

– O relatório sugere que é uma questão de negociação – disse Thrawn. – Daí, o termo que lhes designei.

– Não os *nossos* relatórios – retrucou Brigte Polcery. *A expressão e voz dela também contêm raiva.* – Nem nenhum relatório no qual alguém em perfeito juízo acreditaria.

– A senhora está sugerindo que eu *não* estou em meu perfeito juízo? – perguntou Thrawn moderadamente.

– Não, claro que não – corrigiu Polcery rapidamente. *A raiva diminui, substituída por precaução.* – Só estou dizendo que o senhor não pode confiar que os Cypharis estejam dizendo a verdade. Aquele lance de clã deles significa que todo mundo sempre repete o que o líder do clã diz.

– Entendo – disse Thrawn. – O senhor concorda, sr. Tanoo?

– Perdão? – perguntou Clay Tanoo. *A postura do corpo sugere surpresa e nervosismo.*

– Eu perguntei se o senhor concorda que não se pode confiar nas declarações dos Cypharis.

– Ah. – Tanoo olhou para os demais. – Sim, claro. O lance dos clãs. Sabe?

– Foi informado – falou Thrawn. – Por fontes confiáveis.

A expressão deles se altera. Benchel e Scath pensam se a declaração é um insulto. Polcery e Tanoo têm certeza de que é. Algumas das outras 73 pessoas reunidas na assembleia demonstram emoções similares. A maioria está meramente nervosa ou assustada. Aqueles no fundo do salão possivelmente estão longe demais para ouvir o testemunho. As laterais da assembleia estão cobertas por estandartes que mostram a vida em Cyphar. Os desenhos e padronagens falam das dificuldades e da determinação do passado, e da esperança para o futuro. Entremeadas naquelas padronagens estão a proximidade da família e a desconfiança da autoridade vinda de fora.

– Obrigado – disse Thrawn. – Todos vocês podem voltar às outras atividades.

– Obrigado, senhor – falou Benchel. – Podemos perguntar a qual decisão o senhor chegou?

– Eu mal tive tempo de tomar uma decisão, prefeito Benchel. Minha próxima tarefa é ver diretamente o território disputado.

– Eu o aconselharia contra isso, comandante – disse Polcery. – Os Cypharis ameaçaram atacar qualquer um que entrasse em suas terras sem permissão.

– Foi o que eu ouvi – respondeu Thrawn. – Felizmente, eu já recebi o convite do chefe dos Afes, Joko.

A reação que expressam no rosto e na postura é breve, mas suficiente.

– Bem, boa sorte para o senhor – disse Benchel. – Eu o aconselharia a levar guardas, mesmo assim.

Três minutos depois, a nave decolou e voou pela paisagem.

– Suas conclusões, guarda-marinha Vanto? – pediu Thrawn.

– Não estou totalmente certo, senhor – respondeu Vanto ponderadamente. – O prefeito Benchel é uma escolha óbvia; ele é enfático, inflamado e foi o que mais falou. Mas acho que ele talvez seja enfático demais.

– E os demais?

– Eu diria Scath e Polcery. Talvez Tanoo, mas ele parece um pouco obtuso e simplório. Não vejo o Cisne Noturno confiando grandes segredos a ele.

– O senhor se esquece que a conspiração já estava em andamento quando o Cisne Noturno foi chamado para participar – disse Thrawn. – Ele pode não ter tido escolha alguma em relação aos participantes. Mais alguém?

– Eu não enxerguei nada nos outros dez integrantes do comitê. Até onde sei, eles eram apenas colonos normais que se envolveram com os eventos ou possivelmente foram manipulados a acreditar no que os outros disseram. O mesmo para os espectadores.

– Tem razão – falou Thrawn. – Parabéns, guarda-marinha. Suas habilidades melhoraram nitidamente.

– Obrigado, senhor – disse Vanto ironicamente. – Quem eu deixei passar?

– Ninguém – respondeu Thrawn. – Scath, Polcery e Tanoo estão realmente envolvidos na conspiração. O prefeito Benchel, como o senhor já supôs, é um dos enganados. O senhor tem mais ideias e conclusões?

– Ainda não, senhor – falou Vanto.

– Ainda há tempo – garantiu Thrawn. – Estude mais. Conversaremos novamente após nos encontrarmos com o chefe Joko.

Eli fez um estudo rápido a respeito dos Cypharis durante a viagem da *Vespa Trovejante*, e a imagem mais próxima que ele conseguiu pensar para a aparência dos nativos foi a de grandes bichos-pau com focinhos rodianos e belas fileiras de pelo curto vermelho.

Que, na vida real, era exatamente como os Cypharis pareciam.

– Eu não sei o que lhe dizer, comandante Thrawn – disse o chefe Joko, com uma voz ao mesmo tempo rangente, lamuriosa e melodiosa; era uma combinação interessante, que Eli nunca tinha ouvido antes. – Os relatórios do meu clã são verdadeiros e precisos. Os humanos do Enclave Hollenside cruzaram a fronteira em várias ocasiões, roubaram e vandalizaram nossas plantações e atacaram ou queimaram nossas fazendas.

Ele estendeu um braço comprido para trás e tocou na superfície interna do templo cônico para onde o chefe Joko havia convidado os imperiais.

– Uma vez, um lar também foi queimado.

– Felizmente não foi o templo do clã – falou Thrawn, olhando demoradamente a estrutura e a dezena de desenhos que a decorava. – Esta estrutura está repleta da cultura e da história do clã Afe.

– Está, sim – concordou Joko. – Poucos no Império notariam. Menos ainda valorizariam.

– Talvez. Vocês confrontaram os agressores?

– Em três ocasiões, nossas sentinelas chegaram ao local antes de os invasores fugirem – respondeu

Joko. – Em duas dessas ocasiões, as sentinelas foram atacadas.

– Houve mortos ou feridos?

– Oito feridos – disse Joko. – Ninguém foi morto.

– Pelo menos isso – falou Thrawn. – Vamos torcer para que esta situação seja resolvida antes que chegue ao ponto que cause a perda de vidas.

Ele terminou a inspeção visual do templo e voltou a atenção para Joko.

– Vamos agora examinar o outro lado da espada. Fui informado que integrantes do clã Afe também cruzaram a fronteira e entraram no Enclave Hollenside.

– Ficar sentado fazendo nada e sem reagir é encorajar mais ataques – disse Joko, que achou o focinho. – Sim, nós cruzamos a fronteira. Sim, nós infligimos prejuízos iguais ao nosso sofrimento. Mas jamais atacamos os humanos no próprio solo deles.

– Vocês não se defenderam contra guardas humanos?

– Sim – respondeu Joko, cujo focinho se arredondou de novo. A ponta dos pelos ficou ligeiramente alaranjada. – Mas nós disparamos apenas para distrair e para afugentar. Não atiramos para ferir ou matar.

O que não era o que diziam os relatórios do prefeito Benchel, como Eli se recordava. De acordo com ele, vários integrantes da força civil organizada às pressas *levaram* tiros e *foram* feridos. E, se Thrawn estivesse certo a respeito de Benchel não fazer parte da conspiração, o prefeito não teria motivo para mentir sobre aquilo.

A não ser que um dos outros tenha mentido para ele. Nesse caso, o relatório do prefeito poderia ser inútil.

Eli suspirou para si mesmo. Thrawn fazia tudo aquilo parecer tão simples.

– Eu gostaria de ver onde a primeira dessas invasões ocorreu – disse Thrawn. – O senhor poderia mandar um guia conosco em nossa nave para tal local?

– Não há necessidade de nave ou guia – falou Joko, que saiu da posição com as pernas cruzadas como tranças de cabelo se desfazendo. – Já estamos aqui. O senhor me acompanha?

– É claro – garantiu Thrawn ao se levantar enquanto Eli, pego de surpresa, se apressava para ficar em pé. – Demos sorte que as invasões tenham ocorrido tão perto do templo do clã.

– A sorte acompanha o planejamento – falou Joko, cujo focinho se dilatou. – Eu previ seu pedido.

Ele abriu os braços para abarcar a estrutura inteira.

– O templo do clã é, obviamente, móvel. Venha, vou lhe mostrar.

– Aqui – disse Joko. *Ele para à beira de um campo de ramos de grão rígidos e sem vida.* – Aqui, quando os grãos ainda estavam maduros e não tinham sido colhidos, foi onde os humanos entraram pela primeira vez na terra do clã Afe.

Thrawn olhou o campo e imaginou como teria sido a aparência das plantas em plena floração. Do jeito que estava, havia pouca vida nos ramos para ele ver.

Thrawn olhou para o templo do clã, a 100 metros atrás deles. A forma e a estrutura reforçavam os padrões de palavras e desenhos que ele tinha visto na parede interna.

Padrões e conexões. No fim das contas, tudo se resumia a isso. Padrões e conexões na natureza; padrões e conexões nas coisas criadas; padrões e conexões na guerra.

Padrões de humanos e contrabandistas humanos. Padrões dos Afes e da defesa afe. Padrões do Cisne Noturno.

Quais eram os padrões ali?

– Airspeeders passam regularmente por esta área? – perguntou ele.

– Regularmente, não – respondeu Joko. – Às vezes, um veículo viaja do enclave humano ao

assentamento twi'lek.

– Há imagens do solo tiradas de algum desses voos?

– Não que eu saiba – disse Joko. *Ele toca a pele ao lado dos olhos.* – Nós vemos a terra pela altura dos olhos. – *Ele aponta para cima.* – Não vemos da altura das nuvens.

– Todas as informações e pontos de vista são úteis – falou Thrawn. – Guarda-marinha Vanto, por favor, calcule a rota mais provável.

– Não há necessidade – disse Joko.

Ele puxou uma pequena caixa achatada do cinto e ligou. Um holomapa enorme da área, vertical e com 20 metros quadrados, apareceu a 10 metros diante deles. Joko ajustou a caixa, e a visão se expandiu.

– Há duas grandes cidades para tráfego aéreo – falou ele enquanto apontava para o holomapa.

Joko tocou na caixa novamente, a visão se aproximou para o ponto onde eles estavam.

– Nenhuma rota provável passa por cima de onde estamos.

– Sim, estou vendo – disse Thrawn.

Ele examinou o holomapa, depois a área de plantio e a seguir o holomapa novamente. O campo como um todo seria visível a partir de um airspeeder, embora aquela área em especial, onde estava, fosse estar no limite da área de observação.

Isolamento limitado que oferecia anonimato limitado. Talvez alguma coisa estivesse visível antes da colheita que não estava visível agora.

– Guarda-marinha, eu quero uma lista de todo mundo que passou por esta rota no último ano. Chefe Joko, algum dos Afes notou algo estranho na colheita oriunda deste campo? Algum grão foi descartado por causa de doença ou má formação?

– Algumas plantas morrem em todos os campos – respondeu Joko. – Este aqui tem um histórico de perdas assim. Ainda assim, o campo é fértil em grande parte e tem água em abundância, então ele continua a ser cultivado.

– Sim.

Um grupo de ramos ligeiramente menor e mais fino do que o resto estava visível e formava um corredor de 4 metros de largura que começava no limite do campo e percorria um traçado sinuoso até o centro.

– As perdas ocorreram nesta parte específica do campo? – perguntou Thrawn.

– Sim. – *Joko encara Thrawn, e o tronco está curvado como se fosse para aproximar seus olhos do olhar do imperial.* – Os ramos atrofiados são um sinal de desenvolvimento inadequado. O senhor tem um olho vivo, comandante Thrawn.

– O seu mapa também inclui os locais dos ataques humanos ao território afe?

Joko ajustou a caixa. O enfoque do mapa se expandiu novamente. Com outro toque nos controles, apareceu uma dezena de pontinhos vermelhos pulsantes. Todos ao norte do campo onde os imperiais estavam agora.

– Os mais recentes estão com a cor vermelha mais intensa.

– E os contra-ataques aos humanos?

Quatro pontos azuis apareceram, aproximadamente do lado oposto aos quatro pontos vermelhos mais ao norte.

– Nós somos resignados – falou Joko. – Mas finalmente tivemos que resistir.

– Compreensível. – Padrões; e um padrão estava começando a surgir ali. – O senhor protegerá alguns de seus vilarejos na noite de hoje. Onde seus guardas estão alocados?

Joko empertiga o corpo completamente.

– Por que o senhor pergunta?

– Eu creio que consigo prever o plano dos conspiradores humanos para a noite de hoje – respondeu Thrawn. – Eu gostaria de ver a mobilização dos seus guardas para que eu possa ajustar meus próprios

planos.

Joko fica em silêncio por alguns segundos, depois toca o controle. Três pontos amarelos aparecem no mapa: um no ponto vermelho mais ao norte, os outros mais distantes ao norte.

– A audácia dos humanos os leva ainda mais perto de nossas cidades principais – disse ele. – Nós vamos guardar esses vilarejos na expectativa. Também deixaremos guardas de reserva para persegui-los até seu covil e emboscá-los.

– Sim.

A mobilização se encaixava no padrão que a arte no templo indicava. Era um padrão que os conspiradores provavelmente também aprenderam no decorrer dos vários anos em que as duas espécies viveram lado a lado.

– Eu ofereço duas sugestões – falou Thrawn. – Primeiro, não reserve guardas para a perseguição. Mobilize-os somente para proteger os vilarejos.

– O senhor quer nos negar o direito de reação?

– Eu acredito que seus agressores esperam atraí-los além da fronteira para que possam alegar que vocês invadiram o enclave – explicou Thrawn. – Permanecendo no seu lado, vocês negarão essa arma.

– No entanto, as provas vão demonstrar que o ataque deles ocorreu primeiro – disse Joko. – Nós não temos intenção de causar ferimentos. Nossa perseguição seria somente para identificar os invasores.

– Mesmo assim, eu ainda aconselho moderação.

– Por quanto tempo, comandante Thrawn? – *As pontas dos pelos de Joko ficam brevemente em tom laranja.* – Por quanto tempo o senhor quer que nos acovardemos diante de um inimigo?

– Esta situação acabará hoje à noite.

Os olhos de Joko se voltaram para Vanto, depois para cada um dos cinco stormtroopers da escolta e a seguir retornaram para Thrawn.

– Hoje à noite – disse ele.

– Hoje à noite. Enquanto isso, eu lhe ofereço minha escolta para o senhor mobilizar como quiser na defesa de seus vilarejos. Fique sabendo que as armas de raios deles estarão reguladas para atordoamento. Não vou matar ninguém de nenhum lado.

– Mas alguns desses humanos são criminosos.

– Quando a culpa deles for estabelecida, eles enfrentarão a justiça imperial – falou Thrawn. – Até lá, não haverá mortes.

– Justiça imperial. – *A voz e a postura de Joko denotam desdém.* – Muito bem, comandante Thrawn. Eu aceito sua palavra. Por enquanto. O senhor vai retornar à sua nave para refletir?

– Não – respondeu Thrawn. – Eu e o guarda-marinha Vanto passaremos a noite aqui.

– Aqui em nosso planeta?

– Aqui neste mesmíssimo ponto – disse Thrawn. – O senhor deixaria a estrutura do templo em seu lugar atual para nosso uso?

– Por quê?

– Eu desejo observar a plantação sob a luz do luar – falou Thrawn. – Às vezes, o espectro alterado oferece pistas.

– O senhor não encontrará pistas dessa forma – disse Joko. – Mas eu deixarei a estrutura. Fique à vontade.

– Obrigado – agradeceu Thrawn. – Um último pedido: eu sei que muita gente do seu povo vive neste distrito. Eu peço que eles se retirem na noite de hoje.

– Todos eles?

– Todos eles – confirmou Thrawn. – Eles podem subir as colinas ou cruzar o rio, mas todos precisam abandonar esta área.

– Mas isso será uma desordem – falou Joko. – São muitas as famílias e crianças pequenas que

precisariam viajar.

– A mudança será apenas por esta única noite – garantiu Thrawn. – Certamente, o povo do clã Afe pode enfrentar uma noite de dificuldades em troca da recuperação de sua terra.

– O senhor pode prometer uma resolução tão simples assim?

– Eu prometo justiça imperial – disse Thrawn. – Desloque seu povo. Eu entrarei em contato quando for seguro para ele retornar.

Cinco minutos depois, os stormtroopers e os Afes partiram, os primeiros na nave de transporte da *Vespa Trovejante*, os segundos nos landspeeders antigos do clã.

– Guarda-marinha? – chamou Thrawn.

– O senhor está esperando que os conspiradores venham aqui hoje à noite – falou Vanto. – Provavelmente em peso.

– Por quê?

– Porque esperam que o senhor decida a favor dos Afes e portanto bloqueie o acesso deles ao minério – respondeu Vanto. – Esta pode ser a última chance dos conspiradores, e eles querem tirar plena vantagem dela.

– Muito bem – disse Thrawn. O caminho de Vanto era ligeiramente equivocado, mas a conclusão final estava correta. – Se os conspiradores já tiveram qualquer experiência com a justiça imperial, sabem que uma decisão não será tomada rápido demais. Porém, uma investigação longa certamente voltará os olhos para esta região e evitará que eles retornem sem que sejam observados.

– Ah – falou Vanto, com a confiança anterior ligeiramente reduzida. – Entendo.

– Mas sua conclusão em relação à incursão ainda é válida – disse Thrawn. – O que o senhor conclui a respeito das plantas atrofiadas?

– Intoxicação por metal pesado – respondeu Vanto, com a confiança voltando. – O que indica mais ainda que o minério está perto da superfície. Estranho que ninguém tenha notado antes.

– As necessidades metalúrgicas do planeta são satisfeitas por outras minas maiores – falou Thrawn. – Um veio deste tamanho pode não valer a pena ser explorado.

– A não ser por um grupo de dez ou vinte pessoas que estão atrás de créditos fáceis.

– Sim. O senhor notou o padrão nas incursões humanas?

– Eles estão se movendo cada vez mais para o norte – disse Vanto. – Na direção dos maiores centros populacionais. Eu presumo que estejam tentando provocar uma reação mais forte por parte dos Afes.

– Sim – concordou Thrawn. – Eles reconhecem que a reação normal dos Cypharis aos ataques é defender o último lugar atacado, mais os próximos dois locais seguindo o caminho previsto. A esperança dos conspiradores é dupla: atrair a atenção para um lugar mais distante daqui, de maneira que a operação de mineração permaneça escondida, e provocar um ataque afe que resulte em mortes humanas.

– Eles querem que os Afes *matem* alguém? Apenas para que tenham um caso mais concreto para apresentar a Coruscant?

– Em parte – disse Thrawn. – Mais significativo é o fato de que o *ethos* dos Afes fará com que eles recuem com vergonha e culpa, o que causará desvantagens nas negociações futuras.

– Por isso o senhor aconselhou Joko a permanecer deste lado da fronteira – falou Vanto, concordando com a cabeça. – Mesmo que eles não estejam tentando matar, podem ser manipulados a fazerem isso. O senhor captou tudo isso a partir das obras de arte no templo?

– Sim.

– Eu gostaria que o senhor me ensinasse como se faz isso – disse Vanto com pesar. – Se estamos esperando companhia, não deveríamos trazer mais alguns soldados da Marinha ou stormtroopers?

– Nós dois seremos suficientes – respondeu Thrawn. – Eles não esperam por problemas.

Vanto sorriu com uma expectativa sombria.

– Não – concordou ele. – Ouso dizer que não esperam.



CAPÍTULO

18

Há muitos mitos e histórias contadas sobre os Chiss. Alguns são precisos; outros foram distorcidos pelas forças gêmeas da distância e do tempo.

Mas um fato sempre permanece constante nesses mitos: os Chiss devem ser abordados a partir de uma posição de poder e respeito. É preciso ter força, pois os Chiss só lidam com aqueles capazes de manter suas promessas. É preciso ter respeito, pois os Chiss precisam acreditar que aquelas promessas serão mantidas.

Haverá muitas diferenças culturais, e um guerreiro que lida com os Chiss deve estar atento a elas. Mas jamais cometa o erro de acreditar que tolerância equivale a aceitação, ou que todas as posições são igualmente válidas. Há coisas no universo que são pura e simplesmente más. Um guerreiro não procura compreendê-las ou fazer acordo com elas. Ele procura obliterá-las.

Eram três landspeeders abertos, com nove homens e três mulheres ao todo. Através da porta do templo, Eli e Thrawn observaram quando os intrusos entraram dirigindo com cuidado na trilha de plantas danificadas, avançando por cima e através dos ramos atrofiados. Os veículos pararam um de cada vez e ficaram espaçados em intervalos de 20 metros ao longo do corredor. Os invasores saíram dos landspeeders, se espalharam pela trilha e começaram a trabalhar.

Eli torceu para que todos os três conspiradores que Thrawn identificara mais cedo na reunião estivessem presentes. Certamente facilitaria acusá-los se eles fossem pegos em flagrante. Porém, apenas o nervosinho, Tanoo, estava presente.

Ainda assim, o fato de que os landspeeders tinham entrado diretamente no campo, aparentemente sem se importar se estavam causando danos visíveis aos ramos que sobraram, indicou que Thrawn estava certo ao concluir que aquela seria a última incursão por um tempo. A outra dedução era que todo mundo que não estivesse trabalhando nas incursões diversivas provavelmente estava ali.

E com os stormtroopers de Thrawn dando apoio aos Afes, a incursão invasora não seria o bate e volta rápido e fácil que estavam esperando.

Na verdade, havia uma boa chance de que o bando inteiro fosse capturado. Se Eli e Thrawn conseguissem enfrentar aquele grupo também, os imperiais poderiam, de fato, acabar com a conspiração inteira naquela noite.

Certamente não haveria falta de provas. Cada um dos invasores levava duas bolsas compridas e cilíndricas presas à cintura, com cerca de 15 centímetros de diâmetro, que se arrastavam no chão. Eles andavam aos poucos pelas seções designadas do veio de minério, cavavam o solo com pequenas trolhas

e guardavam as recompensas nas bolsas.

– Interessante – murmurou Thrawn. – Tanoo não está cavando.

Eli ajustou o foco do eletrobinóculo. Thrawn estava certo. Tanoo estava andando de um lado para o outro entre os escavadores e testando o material que eles desenterravam com um sensor portátil.

– Verificando a qualidade do minério? – sugeriu ele.

– Talvez – disse Thrawn, em tom de voz pensativo. – Puxe a ficha completa dele. Eu quero uma lista das áreas de conhecimento e qualificações de Tanoo.

– Sim, senhor.

Eli baixou o eletrobinóculo e pegou o datapad. Eles já haviam examinado um resumo dos perfis dos três conspiradores conhecidos, que listava Tanoo como um geneticista agrônomo. A ficha surgiu, e Eli passou os olhos por ela...

Ele franziu a testa quando uma coisa chamou a atenção.

– Sua segunda formação foi em química orgânica.

– Alguma vez Tanoo foi preso ou acusado de um crime?

– Nada sobre isso aqui – respondeu Eli, que teve uma ideia e realizou uma nova busca. – Nenhuma prisão para o próprio Tanoo, mas o irmão mais velho foi preso por...

Ele parou de falar e sentiu um nó na garganta ao ler o resto da ficha.

– O irmão mais velho foi preso por posse de especiaria – falou Eli. – Especificamente, uma variedade rara chamada scarn que se forma embaixo de campos de grãos.

Thrawn virou os olhos vermelhos brilhantes para ele.

– Campos de grãos como este aqui?

– Sim – respondeu Eli, sentindo o gosto de bile no fundo da boca.

A especiaria, em qualquer uma de suas dezenas de variedades, era uma praga na galáxia: uma droga horrivelmente viciante que fazia com que suas vítimas mentissem, roubassem, assaltassem e assassinassem por ela.

– Essa substância está mais para um composto pré-especiaria, na verdade. Parece que é preciso fazer algum refino e manipulação química para transformá-la em scarn pleno.

– Mostre-me o método – pediu Thrawn.

Eli acessou um arquivo e entregou o datapad. Por alguns minutos, Thrawn leu em silêncio, depois devolveu o datapad e puxou o comlink.

– Aqui é o comandante Thrawn – disse ele baixinho. – As naves e os stormtroopers que eu pedi estão prontos para voar? Ótimo. Envie-os a esta localização para a captura de prisioneiros. Adicione também o tenente Gimm à escolta de caças TIE. Lancem quando estiverem prontos.

Thrawn recebeu uma confirmação e devolveu o comlink ao cinto. Eli repassou os números rapidamente. Normalmente, o tempo de preparação e viagem indicava que as naves apareceriam em quarenta minutos. A previdência de Thrawn em deixá-los de prontidão deveria cortar o tempo pela metade.

– Quantos stormtroopers estão vindo?

– Vinte – disse Thrawn. – Eu não sabia o tamanho da conspiração até ter dado as ordens.

– Melhor pecar pelo excesso de cautela – concordou Eli. E realmente vinte stormtroopers eram um excesso de cautela. – O tenente Gimm é um dos novos pilotos de TIE?

– Sim – confirmou Thrawn. – Ele também é o melhor que temos no momento.

Eli franziu a testa. Um ás não era exatamente necessário para cuidar de uma missão de cobertura ali nas áreas abertas de Cyphar. Será que Thrawn estava esperando encontrar resistência na forma de airspeeders inimigos?

Ele considerou perguntar, mas decidiu que seria igualmente fácil esperar para ver e apontou o eletrobinóculo novamente para os escavadores.

Eles estavam progredindo bem. As bolsas compridas já estavam se arrastando atrás deles conforme começavam a se encher. Quando os stormtroopers chegassem, os escavadores já poderiam estar prontos para fugir correndo pela fronteira.

– O que é aquilo? – ecoou tenuamente uma voz distante pelo campo vazio.

Eli estremeceu. A não ser, obviamente, que eles se assustassem e fugissem antes.

Ele se concentrou em Tanoo. O homem estava olhando para o céu noturno e tentando atrapalhadamente retirar um eletrobinóculo civil de uma bolsa na cintura. Ele levou o aparelho aos olhos...

– Ajuste para atordoamento – disse Thrawn baixinho ao sacar a pistola de raios. – Eu vou me mover a 100 metros à direita e me posicionar ao lado daquela pedra que delimita a fronteira.

– Entendido – falou Eli, que olhou para o chão e localizou o obelisco em estado bruto à beira do campo.

– O senhor ficará aqui – continuou Thrawn. – Eu cuidarei dos landspeeders enquanto o senhor mira nos invasores. Garanta que nenhum deles consiga passar por nós.

– Entendido – repetiu Eli.

Doze contra dois... e todos os doze invasores tinham armas de raios nos coldres. Brevemente, ele torceu para que Thrawn tivesse levado em conta as probabilidades.

– Nós atacamos juntos ou um de nós começa?

– Eu começo – respondeu Thrawn. – O senhor saberá quando abrir fogo.

Eli franziu a testa.

– Saberei? Como saberei...?

Mas Thrawn já tinha saído de mansinho pela escuridão.

Eli xingou em silêncio. Que ótimo. Ele apoiou a lateral da pistola de raios contra o limite da porta do templo e torceu para que aquelas aulas de armas na Academia, muito tempo antes, voltassem à memória.

– São naves Lambda! – disse Tanoo com ansiedade e em um tom de voz que cresceu e quase virou um guincho. – Duas delas. Todo mundo, de volta para os speeders. Vamos, vamos, *vamos*.

– Ah, late mais baixo – rosou alguém com desdém. – Provavelmente é apenas aquele imperial idiota trazendo um bufê de jantar tardio ou algo assim.

As palavras mal tinham saído da boca do sujeito no momento em que Thrawn abriu fogo.

O primeiro disparo atravessou o chassi enferrujado do último dos três landspeeders e detonou o repulsor a estibordo da popa. Com um guincho metálico, a frente do veículo se ergueu quando a popa bateu no chão.

Os invasores mais próximos tiveram um espasmo como se tivessem pisado em uma placa de estática. Eli cerrou os dentes e se perguntou se aquele era o momento em que deveria aparecer. Mas, antes que conseguisse decidir, Thrawn disparou de novo e detonou o repulsor do veículo em frente ao outro.

Aquele foi o limite para Tanoo. Ele guinchou algo incompreensível e pulou dentro do terceiro landspeeder – o veículo que estava mais perto – e tentou girá-lo na direção da fronteira.

Mas não seria fácil para ele escapar, já que os landspeeders que Thrawn desabilitara bloqueavam o caminho atrás dele, e os ramos mais altos e rígidos da plantação em ambos os lados resistiam às tentativas de atravessá-los. Ele continuou tentando mesmo assim, batendo sem parar o landspeeder contra os ramos, ganhando alguns centímetros a cada investida.

O resto dos invasores não se perturbou tão facilmente. Correram na direção dos veículos desabilitados, com as bolsas compridas se arrastando e quicando atrás deles, e sacaram as armas de raios, atirando na direção do esconderijo de Thrawn enquanto corriam. Eli ficou tenso, mas os invasores estavam em movimento e nenhum deles parecia ser muito bom com as armas, e todos os disparos passaram longe. Eles rolaram para trás dos landspeeders para se protegerem, ficaram de joelhos e se abaixaram mais quando Thrawn mudou para um padrão de tiro contínuo, feito para imobilizar o inimigo. Os invasores responderam colocando a cabeça para fora aleatoriamente e disparando.

E, quando ambos os lados da batalha se estabilizaram para o combate, Eli notou que os invasores estavam agora perfeitamente alinhados dentro de seu campo de tiro. Melhor ainda, imprensados contra os landspeeders e de joelhos, eles não apenas estavam parados como tinham uma capacidade limitada de se mover e desviar.

Eli deu um sorrisinho. Thrawn estava certo: ele *realmente* saberia quando atirar.

Eli mirou no primeiro par e apertou o gatilho.

O ajuste de atordoamento tinha um alcance efetivo mais amplo do que os disparos comuns de raios e permitia que cada tiro derrubasse dois invasores. Com a atenção voltada para Thrawn e seus disparos mais perigosos e altos, os conspiradores perderam seis integrantes para o ataque de Eli antes que os demais subitamente notassem a nova ameaça. Instantaneamente, eles transferiram os disparos na direção do templo, o que obrigou Eli a se jogar de lado para evitar ser acertado. Ele caiu no chão com o ombro esquerdo, o corpo inteiro estremeceu e sua mira momentaneamente se perdeu.

O que, em retrospecto, foi a manobra errada. Até aquele momento, sua posição estivera de certa forma escondida; agora, Eli estava em espaço aberto. Disparos martelavam o templo e o chão em volta dele quando Eli saiu correndo o mais rápido possível, engatinhando na direção de outra pedra de fronteira à esquerda do templo.

Depois de cinco metros dessa corrida desenfreada, ele se deu conta, atrasado, de que provavelmente deveria ter ido para o outro lado, depois da linha de defesa dos invasores, tentando alcançar Thrawn. Lá, os dois poderiam ter trabalhado em conjunto para conter os oponentes até a chegada dos reforços da *Vespa Trovejante*.

Tarde demais para isso agora. Xingando baixinho, Eli continuou avançando, estremeecendo a cada tiro que passava queimando pelo ar ou atingia o chão perto dele...

E então, subitamente, tudo ficou em silêncio.

Cautelosamente, Eli cambaleou até parar. Ainda silêncio. Mais cautelosamente ainda, ele ergueu a cabeça.

Os homens e mulheres que estiveram atirando em Eli encontravam-se esparramados no chão ao lado dos landspeeders. Parado de pé sobre ele, com a pistola de raios apontada para o ainda encurralado Tanoo, estava Thrawn.

Sentindo-se um tolo, Eli ficou em pé, limpou a poeira da melhor maneira possível e andou até seu comandante.

– Muito bem, guarda-marinha – disse Thrawn, com olhos e pistola de raios ainda apontados para Tanoo. O homem já abandonara qualquer tentativa de escapar e estava apoiado resignadamente no volante do landspeeder. – O senhor está ferido?

– Não, senhor – respondeu Eli, sentindo um rubor no rosto. *Muito bem?* Nem perto disso. – Desculpe, senhor.

Thrawn lançou um olhar rápido para ele.

– Por que está pedindo desculpas? O senhor desempenhou seu papel perfeitamente.

– Mas eu não peguei todos eles – salientou Eli. – E, quando atiraram em mim, eu fui na direção errada.

– Eu não esperava que o senhor derrotasse todos eles – garantiu Thrawn. – E sua decisão de atrair o fogo dos invasores para longe de mim foi o que permitiu que eu fosse, sem ser notado, para uma posição onde pude dar um fim à resistência deles.

– Ah – disse Eli sem soar muito convincente, dividido entre o desejo involuntário de contar para Thrawn que aquela não fora mesmo uma decisão e a hesitação igualmente involuntária de não discutir com seu comandante quando estava sendo elogiado.

Thrawn não deu tempo para Eli solucionar nem uma parte nem outra do dilema.

– Venha – falou ele. – Eu espero que o sr. Tanoo esteja pronto para falar.

O sr. Tanoo estava.

– A ideia não foi minha – gemeu ele, ainda abraçado ao volante. – Foi Polcery; foi ela que teve a ideia.

– No entanto, foi o senhor que refinou a pré-especiaria para contrabando – disse Thrawn. – Após ter aprendido a técnica com seu irmão.

– Eles me forçaram – gemeu Tanoo. – Eu não queria, mas eles me forçaram.

– A técnica é bem interessante – continuou Thrawn como se Tanoo não tivesse falado. – Uma pequena mudança na fórmula resultaria em um produto que aparenta ser scarn, mas tem efeitos drasticamente diminuídos. Um homem que esteja sendo forçado a trabalhar poderia facilmente sabotar os esforços e desejos deles. No entanto, o senhor não fez isso.

Tanoo se ergueu do volante, e mesmo na escuridão Eli pôde ver a expressão de nojo no rosto dele. Tanoo não gostou de ter sido capturado e muito menos ainda de ter sido capturado por um alienígena.

– Você é um duende espertinho, não é? Beleza; você nos pegou. E agora?

– O senhor será entregue para um tribunal a fim de ser julgado.

– E do que você vai acusar todos nós?

– Posse de substância ilegal – disse Thrawn. – Ataque aos vilarejos dos Afes e a seus habitantes.

– Acho que não – falou Tanoo. – Veja bem, não há incursões ocorrendo hoje à noite; Polcery não confiou que você não fosse colocar alguns stormtroopers de guarda. Então isso está descartado. E posse de pré-especiaria não é ilegal.

– Sério? – disse Thrawn. – Guarda-marinha?

Eli já estava com o datapad nas mãos. Uma busca rápida...

Droga.

– Ele está certo, senhor – falou Eli. – Pré-especiaria não é uma substância ilegal. Ela pode ser transformada em muitos outros produtos que são perfeitamente seguros e legais.

– Mas o produto que o senhor criou é ilegal – argumentou Thrawn.

– Talvez – falou Tanoo. – Mas você jamais conseguirá provar isso. Veja bem, isto é o que os outros estão fazendo na noite de hoje em vez de cutucar os Cypharis. Eles estão escondendo todo o nosso produto onde ninguém jamais encontrará.

– Talvez sim. – Thrawn meteu a mão dentro do landspeeder e arrancou o sensor do cinto de Tanoo. – Talvez não.

Tanoo soltou uma gargalhada.

– Se você acha que vai vasculhar o enclave à procura de nosso estoque, pode esquecer. O alcance desse troço é de apenas 20 metros, e, de qualquer forma, só registra pré-especiaria. Encare os fatos: você não tem nada.

– Pelo contrário, eu tenho tudo de que preciso – disse Thrawn calmamente. – Vinte metros serão suficientes. Uma última pergunta: quem do seu grupo trouxe o Cisne Noturno para aconselhá-los?

Tanoo franziu os olhos.

– Como você sabe a respeito dele?

– Responda à minha pergunta.

Tanoo contraiu os lábios.

– Foi Scath – falou ele. – Ela conhecia alguém que o conhecia e pensou que ele pudesse ajudar.

– E foi o que ele fez – disse Thrawn. – Mas não o suficiente. O fim do Cisne Noturno virá. O seu chegou agora.

E, com incrível precisão, as duas naves e seus três TIE de escolta passaram no céu. As naves fizeram uma curva e mergulharam para perto de Thrawn, e os caças novamente ascenderam para formações de cobertura de alta e baixa altitude.

Dez minutos depois, os conspiradores inconscientes estavam a bordo da primeira nave, com algemas

fechadas com força em volta dos pulsos e tornozelos. Eli usou aquele tempo para verificar os landspeeders, torcendo para achar contrabando ou qualquer outra coisa que pudesse ser usada contra eles no tribunal.

Mas, tirando o material nas bolsas de coleta, não havia nada. A não ser que houvesse alguma alteração na lei local que tornasse ilegal a posse de pré-especiaria, e se os demais tivessem mesmo ficado em casa em vez de invadir a fronteira, então Thrawn talvez realmente não tivesse nada.

– Tudo seguro, senhor – relatou o comandante dos stormtroopers enquanto Tanoo subia se arrastando pela rampa sob a mira das armas de raios de um par de guardas atentos e desaparecia no interior da nave.
– Ordens?

– Leve os prisioneiros para o enclave, passando pelos vilarejos afes que eu marquei – respondeu Thrawn ao entregar um datacard para ele. – Se vir qualquer combate lá, o senhor deve interferir pelo lado dos Afes. Faça o possível para capturar vivos os humanos agressores, mas o senhor está liberado para usar força letal se julgar necessário.

– Sim, senhor – disse o comandante. – O senhor quer que a outra nave fique aqui?

– Ela vai acompanhá-lo – falou Thrawn. – Haverá mais prisioneiros antes que a noite acabe; seja nos vilarejos ou no enclave. Eu ficarei com o tenente Gimm; o senhor levará os outros dois TIE como escolta.

– Sim, senhor.

Ele se empertigou brevemente em posição de sentido e foi a passos largos na direção da nave, dando ordens pelo caminho.

Alguns minutos depois, as naves estavam de volta ao céu, com os TIE voando em formação pelos flancos.

– E agora nós damos um fim a esta situação – disse Thrawn, passando os dedos no sensor que tomou de Tanoo. – Venha.

O tenente Gimm estava esperando ao lado do TIE e ficou em posição de sentido quando Thrawn e Eli se aproximaram dele.

– Fui informado de que o senhor precisa de um voo de grande habilidade, comandante – falou Gimm.

– De fato – confirmou Thrawn. – Correndo pelo solo embaixo de nós está um veio de material que é um precursor de uma variedade de especiaria chamada de scarn.

O piloto se empertigou um pouco mais.

– Sim, senhor – disse ele com a voz ficando grave. – Eu já ouvi falar de scarn.

– Este sensor mostrará a presença do material – continuou Thrawn. – No entanto, ele tem um alcance mínimo, de 20 metros ou menos, o que vai exigir um voo ao nível do solo. É quase certo que o veio em si não corre em linha reta, mas sim vai e volta ao longo do caminho. O senhor acha que é capaz de segui-lo?

– Posso ver o sensor?

Thrawn entregou o aparelho. O piloto espiou o sensor, sacudiu-o de um lado para o outro diante de si e depois concordou com a cabeça.

– Sim, senhor, eu consigo – falou ele. – Posso sugerir um pequeno treino de artilharia enquanto voo sobre o material?

– Seu entusiasmo está registrado e é valorizado, tenente – disse Thrawn. – Mas me disseram que a pré-especiaria corre em veios profundos em alguns lugares, e sei que uma determinada quantidade de calor faz parte do processo de refino. Não queremos transformar acidentalmente a pré-especiaria no produto final e letal.

– Não, senhor – falou o piloto. – Se o senhor quiser apenas mapear a pré-especiaria, eu posso fazer isso.

– Está longe de ser um simples mapeamento, tenente – garantiu Thrawn, que sacou o comlink. – Como o senhor disse, treino de artilharia. Primeiro-tenente Osgood, aqui é o comandante Thrawn. Eu tenho um desafio interessante para o senhor.

Foi, Eli decidiu mais tarde, a operação militar mais maluca que ele tinha visto ou mesmo tido notícia. Mas funcionou.

Foi muito espetacular vista do solo. Provavelmente foi mais espetacular ainda vista de órbita baixa. Gimm voou baixo com o caça TIE sobre a plantação, quase roçando o topo dos ramos algumas vezes, depois continuou sobre pastoreios, pântanos e mais plantações. Ele fez curvas suaves e zigue-zagues estonteantes, aonde quer que a trilha o levasse, sempre acompanhando a linha de pré-especiaria à espreita embaixo do solo.

E seguindo 50 metros atrás do tenente Gimm, veio uma onda fulgurante de chamas conforme os disparos purificadores dos turbolasers da *Vespa Trovejante* rasgavam o mesmo caminho, com o ponto focal coincidindo precisamente com as manobras do TIE e queimando a pré-especiaria completamente.

Pela manhã, como Thrawn havia previsto, tudo estava acabado.

– O que o senhor fez? – indagou Joko. *A voz dele treme.* – O senhor atacou nossa terra soberana à vontade?

– Eu destruí a fonte de lucro dos conspiradores – respondeu Thrawn.

Será que o chefe realmente não via o padrão, nem entendia o resultado?

– Com a pré-especiaria destruída, eles não têm mais incentivo para buscar o controle sobre as terras dos Afes.

– O senhor nos atacou – repetiu Joko. – Destruiu plantações, danificou casas e nascentes d’água.

– Se eu não tivesse destruído toda a pré-especiaria, os ataques teriam continuado.

– O Império deveria ter nos dado justiça sem destruição.

– Sem destruição, a justiça teria sido temporária – explicou Thrawn. – O valor era grande demais para ser ignorado. Os ladrões teriam voltado. Quando voltassem, vocês teriam perdido mais do que apenas plantações.

– O que mais? – exigiu saber Joko. – Pomares? Pontes?

– Vidas.

Por alguns segundos, Joko encarou Thrawn em silêncio. Mas o silêncio foi formal, e havia amargura nele.

– Eu entendo sua preocupação com meu povo – disse ele finalmente. – Mas as vidas e as terras poderiam ter sido protegidas de uma maneira diferente. Uma maneira *melhor*.

– O senhor pode recorrer contra minhas ações em Coruscant – falou Thrawn. – Eles podem repudiá-las.

– No entanto, o prejuízo permanecerá – disse Joko. – Eu vou recorrer contra suas ações. E rezar para que nunca mais nos encontremos.

Vanto estava esperando quando Thrawn saiu da nave.

– Guarda-marinha Vanto – falou ele. – Coruscant já respondeu ao meu relatório?

– Sim, senhor – respondeu Vanto com a voz grave tomada por desprezo. – Infelizmente eles não estão contentes com o senhor.

– Sem dúvida o descontentamento vai aumentar quando o chefe Joko informar sua própria reação.

– Certo – disse Vanto com um suspiro resignado. – Ele não estão apenas descontentes. Estão furiosos.

– Como era esperado.

– O que é uma loucura – falou Vanto, cuja raiva rompeu o decoro. – O senhor acabou com o conflito, expôs uma conspiração criminosa e manteve um veio profundo de especiaria fora do mercado. O que mais eles queriam?

– Eles querem um comandante que siga as normas – respondeu Thrawn. – Querem um comandante que peça o conselho deles.

– E a permissão deles?

– Talvez – disse Thrawn. – Eu descobri que muitos almirantes almejam chegar a tal patente por conta de seu desejo de exercer controle e autoridade. Líderes assim sentem-se ameaçados se oficiais de uma patente inferior resolvem problemas difíceis sem eles.

– E, claro, sempre há politicagem à espreita, atrás da esquina. – Vanto encarou Thrawn, pensativo. – E quanto ao senhor, comandante? Por que *o senhor* almeja uma patente mais alta? – Era uma pergunta que muitos lhe haviam feito no decorrer dos anos. Thrawn também havia se perguntado sobre essa questão. Sua resposta jamais parecia satisfazer a quem perguntava.

– Porque há problemas que precisam ser solucionados. Alguns não podem ser solucionados por ninguém a não ser eu.

– Entendo. – Vanto ficou calado por um momento. – A capitã-tenente Hammerly conseguiu ganhar um pouco de tempo com eles ao dizer que o senhor estava confabulando com o chefe local. Mas esperam que o senhor retorne a ligação.

– É claro – falou Thrawn. – Farei isso imediatamente.

– O que dirá para eles?

– A verdade.

Vanto agora tinha feito a pergunta. E não estava mais satisfeito do que qualquer outra pessoa que tivesse vindo antes dele.

Thrawn imaginou se alguém ficaria satisfeito algum dia. Ou se algum dia entenderia de verdade.

A verdade.

Eli sentiu desprezo pelas palavras ao andar pelo corredor central da *Vespa Trovejante* na direção de sua cabine. *A verdade.* Quando foi que alguém saiu ganhando com isso alguma vez?

Thrawn vinha contando a verdade basicamente desde que chegara ao espaço imperial. No entanto, ele continuava sendo levado de volta a Coruscant para se explicar diante de comitês de oficiais cada vez mais hostis. Foi apenas por meio da intervenção e da boa vontade de pessoas como o coronel Yularen que ele ainda continuava na Marinha, quanto mais no comando de uma nave própria.

A verdade. Não, nunca ninguém saíra ganhando alguma coisa com a verdade. Tudo que ela fazia era irritar as pessoas que preferiam mentiras, confusões e deturpações na esperança de parecerem melhores do que eram.

E, até onde Eli sabia, essas pessoas eram basicamente todo mundo.

Adiante, a porta para o hangar dos caças estelares se abriu e o tenente Gimm saiu.

– Tenente – cumprimentou Eli. – Voo excelente lá embaixo.

– Obrigado – disse Gimm com uma expressão estranha no rosto. – Estou contente de ter esbarrado com o senhor.

– O senhor tem uma pergunta?

Os lábios de Gimm se contorceram em um sorriso irônico.

– O senhor não se lembra de mim, não é?

Eli franziu a testa e estudou o rosto do tenente. Não o identificou.

– Não, senhor – admitiu ele. – Deveria lembrar?

– Eu imaginaria que sim – falou Gimm dando de ombros em um gesto descontraído. – Obviamente, *estava* muito escuro na ocasião. E o senhor provavelmente estava com outras coisas na mente.

– O senhor era um dos cadetes que atacou o comandante Thrawn.

– Eu nego categoricamente, é claro. – Gimm baixou os olhos incisivamente para a divisa de Eli. – E o senhor ainda é um guarda-marinha.

– Um guarda-marinha a serviço do melhor comandante na Marinha – contra-argumentou Eli com firmeza.

– Talvez – disse Gimm. – Embora, pelo que ouço, se ele vai *permanecer* como comandante é algo que

está meio que indefinido.

– Veremos – falou Eli. – O que o senhor quer?

– Nada, na verdade – disse Gimm. – Só queria que o senhor soubesse que, apesar daquilo que tenho certeza terem sido os melhores esforços do comandante Thrawn, eu não fui expulso da Academia. Na verdade, as coisas deram muito certo para mim. O comandante Deenlark conseguiu mexer pauzinhos suficientes para conseguir que nós três fôssemos transferidos para o treinamento de caças estelares na Academia Skystrike.

– Sêrio? – falou Eli. – O comandante Deenlark fez isso, é?

Gimm franziu a testa por apenas um momento, depois voltou ao normal.

– Ah, entendi. O senhor acha que foi a minha família que mexeu os pauzinhos. – Ele deu de ombros. – Não interessa, na verdade, desde que os pauzinhos tenham sido mexidos por *alguém*. Mas não leve tão a mal, guarda-marinha. Conseguir ser um comandante mesmo por tanto tempo assim é muito impressionante para um alienígena das Regiões Desconhecidas. Se ele acabar voltando a ser um tenente encarregado da manutenção de droides, bem, ainda terá as lembranças.

– Tenho certeza de que ele terá mais do que isso – disse Eli.

Gimm ergueu as sobrancelhas.

– Tenho certeza de que ele terá mais do que isso, *senhor* – corrigiu ele.

Com um esforço supremo, Eli conteve a vontade súbita de socar Gimm até o outro lado do corredor.

– Tenho certeza de que ele terá mais do que isso, *senhor*.

– Melhor – falou Gimm. – Acho que vou beber com os oficiais *de verdade* agora. Boa noite, guarda-marinha.

Ele deu meia-volta e foi embora pela passarela a passos largos. Eli observou Gimm enquanto uma mistura desagradável de emoções girava dentro dele.

Thrawn estava certo. O sujeito *se tornara* um piloto de caça excepcional.

Só que Gimm provavelmente jamais saberia a quem deveria agradecer por aquilo. Na verdade, ele provavelmente iria para a cova pensando que passara a perna no pobre alienígena burro.

Com um suspiro, Eli continuou na direção de sua cabine, imaginando se alguém, em algum lugar, realmente se importava com a verdade.



CAPÍTULO

19

Alianças são úteis em algumas situações. Em outras, são absolutamente vitais.

Mas devem sempre ser abordadas com cautela. Uma união deve trazer vantagem mútua. Enquanto as vantagens existirem, a aliança se manterá firme. Mas as necessidades mudam e as vantagens somem, e pode chegar o dia em que um aliado enxergue que vai obter maiores benefícios ao trair o seu parceiro.

O guerreiro deve estar alerta se quiser prever essas mudanças e sobreviver a um golpe surpresa. Felizmente, os sinais geralmente são evidentes, e há tempo de se planejar e executar um plano de defesa.

Sempre há também a possibilidade de que as mudanças sirvam para fortalecer ainda mais a aliança. Isso é raro, mas pode acontecer.

– Este é realmente o melhor vinho de quatro *blends* – disse Lady Teeyr Hem enquanto acariciava com seus dedos findianos longos e finos a garrafa que Arihnda lhe trouxera. – Estou em grande dívida com você – completou a Findiana.

– Fico feliz que esteja contente – respondeu Arihnda. – Eu, por minha vez, estou em dívida por sua afinidade com os objetivos do Céus Superiores.

– Seus objetivos são parecidos com os meus e os de meu marido – falou Lady Hem, ainda acariciando delicadamente o gargalo da garrafa. – A senhorita deve ter ido longe e levado muito tempo para encontrar este vinho especial.

– Foi um prazer – garantiu Arihnda.

De fato, *havia sido* um pouco desafiador e envolvera idas a quase trinta das melhores lojas de vinho do Distrito Federal e várias horas estudando rótulos até Arihnda encontrar a safra, *blend* e textura que ela sabia que Lady Hem queria.

Mas valera a pena. A expressão no rosto da Findiana não tinha preço.

– De qualquer forma, preciso ir agora – acrescentou Arihnda enquanto ficava de pé. – Eu só queria entregar essa pequena demonstração da minha gratidão e perguntar se o senador Hem teve tempo de ler o documento que enviei para ele.

– Sim – respondeu Hem, cujos dedos agora desciam para o rótulo com textura da garrafa. – Eu creio que ele concorda com seus objetivos e planos. Mas falarei com ele sobre isso hoje à noite. – Ela pestanejou rapidamente, o que, para sua espécie, equivalia a um sorriso, e continuou: – Tomando uma taça de vinho, talvez.

– Aguardo com prazer ouvir notícias dele – disse Aarihnda devolvendo o sorriso. – Até a próxima vez, Lady Hem, passar bem.

– Passar bem, minha boa amiga Aarihnda Pryce.

Não era surpresa que Driller tivesse ficado horrorizado.

– Dois mil créditos por uma garrafa de *vinho*? – exclamou ele ao olhar o recibo de Aarihnda. – Você perdeu o *juízo*?

– Os Findianos são uma espécie altamente tecnológica e muito devotada à família – salientou Aarihnda. – Isso vale em dobro para o senador Hem. Uma simples garrafa do vinho favorito de sua esposa e é como se ele estivesse em nosso bolso.

– Não foi exatamente uma *simples* garrafa – rosnou Driller. – Ao menos ela lhe garantiu acesso ao gabinete dele?

– Estou esperando um convite no fim da semana – garantiu Aarihnda. – E, sim, tenho certeza de que conseguirei extrair alguns valores da parte dele sobre o orçamento militar da Marinha e o nível de apoio do Senado. Os valores *secretos*, não aqueles a que o público tem acesso.

– Ótimo – disse Driller. – É importante saber aonde o dinheiro está indo para que vejamos o que sobrou para escolas e hospitais.

– Com certeza – falou Aarihnda, sorrindo para conter a súbita onda de desprezo.

Será que Driller *realmente* pensava que ela era assim tão inocente e estúpida? Aparentemente, sim.

– Então, tem mais alguém para quem você quer que eu venda o Céus Superiores?

– Vejamos – respondeu Driller, estudando o datapad. – Uns dois governadores estão chegando para visitar. Orla Média, nada difícil. Ou... oh. Qual o tamanho do peixe que você quer pescar?

– Qual tamanho você tem?

– O maior de todos – disse ele, observando Aarihnda cautelosamente. – O peixe pelo qual você ia me trocar naquela vez até a oferta de emprego não se concretizar. Grão-moff Tarkin.

Aarihnda sentiu um nó no estômago. *Tarkin*.

E o momento era absolutamente perfeito.

– Uau – falou ela tentando usar a mistura certa de informalidade e interesse. – Claro, por que não?

– Talvez porque ele tenha a reputação de mastigar advogados e pequenos burocratas e cuspi-los em belas tirinhas de carne – alertou Driller. – Não seria uma missão simples como as que você anda fazendo ultimamente. Vai parecer mais um combate aéreo.

– Missões simples são divertidas – disse Aarihnda. – Mas eu gosto de combates aéreos também. Você consegue me arrumar uma reunião com ele?

– Acho que sim – respondeu Driller. – Tem certeza?

Aarihnda sorriu.

– Acredite – falou ela. – Tarkin é alguém que eu sempre quis conhecer.

Aarihnda aprendera que existiam muitos truques usados por políticos e militares para intimidar, pressionar e colocar seus visitantes em desvantagem.

Tarkin conhecia todos eles.

Para começar, seu gabinete: a longa caminhada após a porta; o tapete espesso e com texturas que agarrava os pés e ameaçava derrubar o visitante a cada passo; a luz do sol que reluzia nos cantos das prateleiras, dos mostruários e da mesa em si, criando pontos de luz que piscavam, reluziam e distraíam. Os objetos expostos nas prateleiras e mostruários formavam a próxima camada: mementos dos triunfos passados de Tarkin formavam uma procissão de lembretes de seu poder. Aqui e ali, Aarihnda vira algum artefato antigo e valioso que ele comprara, roubara ou despojara. Mais uma lição prática: o homem conseguia o que queria.

Era uma demonstração impressionante, especialmente considerando que o grão-moff provavelmente

só usava aquele gabinete durante algumas semanas a cada ano. O escritório central, de onde ele controlava uma grande faixa da Orla Exterior, provavelmente era ainda mais intimidante.

No fim daquele fogo cruzado, sentado em uma cadeira de espaldar alto enquanto observava Arihnda se aproximar, estava Tarkin.

Se o gabinete em si não tivesse sido suficiente para deixar os visitantes na defensiva, ponderou Arihnda, bater os olhos em Tarkin provavelmente dava conta do recado. O rosto cadavérico, o cabelo grisalho, os lábios finos e os olhos penetrantes eram como uma imagem da morte à espera; as doze pastilhas da divisa em um contraste enganosamente colorido com o verde-oliva escuro do uniforme; a imobilidade da expressão e do corpo enquanto ele observava Arihnda se aproximar era igual à de um predador na floresta se preparando para atacar.

Era uma demonstração impressionante de poder e intimidação, que sem dúvida funcionava bem contra quase todo mundo que ousava entrar em seu santuário.

Arihnda pretendia ser a exceção.

– Governador Tarkin – cumprimentou ela quando chegou à mesa. – Eu lhe agradeço por dedicar um tempo para me ver.

– Srta. Arihnda Pryce. – Ele devolveu o cumprimento com uma voz que combinava com a frieza do rosto. – Eu soube que a senhorita representa um grupo de ativistas chamado Céus Superiores.

– Isso é certamente o que pensam – concordou Arihnda. – Na verdade, estou aqui representando a mim mesma. E vim lhe fazer a melhor oferta que o senhor receberá hoje.

A expressão de Tarkin não se alterou, mas os olhos pareceram se tornar ainda mais frios.

– Sérió? – disse ele. – Eu acho que a senhorita talvez superestime seu charme.

– Ah, eu não funciono à base de charme, governador – garantiu Arihnda. – Eu funciono à base de informações.

Ela tirou um datacard da bolsinha da cintura e colocou-o na mesa.

– Aqui está uma amostra. Eu espero o senhor examinar, sem problema.

Por um momento, Tarkin ficou calado, com os olhos fixos nos de Arihnda. Aí surgiu um sorriso de leve nos lábios.

– Merece reconhecimento pela inventividade – falou ele ao pegar o datacard. – Sente-se.

Arihnda foi até a cadeira na ponta da mesa de Tarkin e se abaixou para sentar, tentando impedir que a apreensão dentro dela chegasse à superfície. Ela tinha 90% de certeza de que havia interpretado aquele homem corretamente, mas os 10% que restavam de dúvida podiam ser fatais.

Tarkin observou Arihnda por outro momento, depois enfiou o datacard no computador.

– Pelo menos a senhorita não é tão óbvia a ponto de usar um programa ladrão de dados – comentou ele.

– De maneira alguma. – Arihnda tirou outro datacard e o colocou sobre a mesa. – É *este* aqui que contém o programa ladrão. São o prospecto e a programação do Céus Superiores que eu deveria lhe dar.

Tarkin franziu brevemente a testa.

– Sérió? – disse ele em um tom intrigado. – Quem exatamente é você, srta. Pryce?

– Alguém que quer fazer um acordo que beneficiará a nós dois – respondeu Arihnda. – Mas, por favor, examine a informação no datacard. Ela lhe dará um gostinho do que tenho para oferecer.

Novamente, Tarkin a encarou por um momento antes de voltar a atenção para o computador. Arihnda ficou sentada em silêncio, observando os olhos do grão-moff irem de um lado para o outro enquanto examinavam o documento no monitor. Ela se especializara em interpretar expressões, tanto de humanos como de não humanos, durante o tempo no Céus Superiores. Mas era como se Tarkin estivesse usando uma máscara de teatro.

Ele chegou ao fim do arquivo e se voltou para Arihnda.

– Interessante – comentou Tarkin.

– O senhor achou informativo o arquivo? – perguntou Aarihnda.

– Longe disso – falou ele. – A maior parte do conteúdo eu já sabia.

Aarihnda sentiu um nó no estômago.

– Não fique tão preocupada – disse Tarkin com outro sorrisinho. – Isso é bom. Prova que a senhorita acessou os arquivos do governador Nasling e também confirma um ou dois itens de que eu não estava ciente. Não, meu comentário foi direcionado para o nível de seus patrões. Como eles chegaram a criar um programa ladrão tão engenhoso?

– Acho que eles trouxeram alguém para ajudar – explicou Aarihnda. – Sabe, eles pensam que são rebeldes.

Pelo mais breve dos momentos, um lampejo de emoção passou pelo rosto de Tarkin. Depois a máscara voltou ao lugar.

– Rebeldes – repetiu ele.

– Sim, Vossa Excelência, mas não se preocupe. Tudo que eles possuem é um mero esqueleto do arquivo. Só o suficiente para mantê-los contentes com meu trabalho, de modo a continuarem me enviando para outras autoridades. – Ela arriscou um sorriso. – E vão continuar me bancando, é claro. Subornos são caros.

– Especialmente em Coruscant – concordou Tarkin. – Então esse é um programa ladrão de duas camadas?

– Exatamente. Foi programado por cima de uma versão do Céus Superiores, feito por um colega. A ideia de trazê-lo ao senhor foi inspirada por outro colega. Ambos preferem se manter anônimos – acrescentou Aarihnda, como se tivesse acabado de pensar naquilo.

A provocação funcionou exatamente como ela esperava. Tarkin se recostou na cadeira, e seu olhar penetrou em Aarihnda.

– Já passamos do ponto de sermos evasivos – falou ele friamente. – Os nomes deles.

– O programa foi criado por ordem do coronel Wullf Yularen, do DSI – respondeu Aarihnda. – Quem me aconselhou a trazer os resultados para o senhor foi o comandante Thrawn.

– Ah – disse Tarkin, cuja voz caiu mais alguns graus. – Então a senhorita solta os nomes de dois indivíduos muitíssimo respeitadas na esperança de que eu vá pensar que a senhorita tem amigos e benfeitores poderosos. Qual deles lhe sugeriu *isso*?

– Nenhum – respondeu Aarihnda, começando a suar um pouco. – Sempre considerei que o senhor era o único benfeitor de que eu precisava.

Para o alívio dela, Tarkin deu outro sorrisinho.

– Obrigado por não presumir que algum dia seríamos amigos. – O sorriso sumiu, e a testa franziu um pouco. – Interessante sobre o comandante Thrawn. Ele esteve em Coruscant há algumas semanas, mais uma vez se explicando diante de uma comissão de corte marcial.

– O que ele fez? – perguntou Aarihnda.

Ela tentava acompanhar as atividades de Thrawn, mas não tinha ouvido nenhum detalhe sobre essa.

– Queimou um veio de especiaria scarn em algum território alienígena – falou Tarkin. – Direto e eficiente. Não tão astuto em termos de política quanto alguns teriam preferido.

– Qual foi o resultado?

– Ele foi inocentado, é claro – disse Tarkin. – O Alto Comando não gosta muito dele, mas tem dificuldades em contestar seus resultados. O imperador parece ter se afeiçoado ao comandante Thrawn, também. Mas o que exatamente ele e nosso bom coronel Yularen esperavam da senhorita em troca da ajuda deles?

– O coronel Yularen queria as informações, é claro – falou Aarihnda. – Ele estava interessadíssimo na minha, digamos, pesquisa informal sobre os principais políticos do Império.

– Eu presumo que a senhorita não passou as informações para ele?

– Ainda não – respondeu Arihnda. – Eu achei que o senhor fosse gostar de uma prévia. E talvez de extrair alguns trechos que pudesse usar... – Ela deu de ombros. – Digamos que para o bem do Império.

– Quanta nobreza da sua parte – disse Tarkin. – E o comandante Thrawn?

– Surpreendentemente fácil de agradar – falou Arihnda. – Tudo que o comandante Thrawn pediu foi que sua nave fosse reparada rapidamente, além de uma promoção que está atrasada há muito tempo para seu ajudante de ordens. O primeiro pedido eu já consegui com alguns de meus contatos, mas ainda existe um pouco de resistência política para o segundo.

– Resistência para uma promoção militar? – perguntou Tarkin, incrédulo. – Qual de nossos estimados políticos tem tanto tempo e energia sobrando?

– Moff Ghadi – respondeu Arihnda, observando Tarkin com atenção.

Foi tudo que ela tinha esperado. Até mais. O rosto de Tarkin se entesou, os olhos se contraíram e brilharam.

Arihnda já sabia que existia uma rivalidade entre os dois homens, só não havia se dado conta de como ela era realmente amarga e profunda.

– Moff Ghadi – repetiu Tarkin. – Eu deveria ter adivinhado.

– Eu tenho informações sobre ele, é claro – disse Arihnda, mantendo uma voz espontânea. – Ele foi um dos meus primeiros alvos entre os políticos.

– A senhorita está de posse dessas informações?

– Bem aqui – falou Arihnda, tocando na bolsinha da cintura e retirando o datapad. – Mas, primeiro, eu achei que o senhor pudesse se interessar por uma gravação que fiz há alguns meses.

Ela pôs a gravação para tocar e aumentou o volume.

“É melhor que isso seja importante”, a voz de Ghadi surgiu pelo alto-falante. “E quero dizer importante *mesmo*. Estou a um passo de mandar chicotear Otlis por ter me acordado, e nem queira saber o que quero fazer com a senhorita.”

“É importante”, respondeu a voz de Arihnda. “O senhor estava certo, o Céus Superiores está vigiando muitas pessoas importantes. Eu encontrei os arquivos.”

“Claro que eu estava certo. Algum motivo para essa revelação não ter podido esperar até mais tarde?”

“Provavelmente podia. Mas pensei que o senhor talvez quisesse ouvir o mais cedo possível sobre o arquivo de Tarkin.”

“Eles têm um arquivo sobre *Tarkin*? O que tem no arquivo?”

“Eu não sei. Ele está encriptado de maneira diferente de tudo que encontrei. Mas, se for igual aos arquivos que consegui ler, provavelmente contém muitos segredos. Coisas que Tarkin não quer que ninguém mais saiba.”

“Perfeito. Sim. Eu realmente quero ver esses arquivos.”

“Pensei que o senhor fosse querer. Eu posso juntá-los aos outros arquivos que consegui ler, mas queria garantir que o senhor queria este aqui.”

“Não seja idiota. A senhorita tem a arma que preciso para derrubar Tarkin e quer saber se eu *quero*? Coloque em um datacard e traga ao meu gabinete. *Agora*.”

“Sim, Vossa Excelência. Como falei, porém, no momento o arquivo está ilegível. Se o senhor me der tempo, eu talvez consiga decifrá-lo.”

“Apenas traga-o para mim. *Eu* vou decifrá-lo. Vamos ver como o todo-poderoso grão-moff Tarkin vai ficar quando eu estiver enfiando seus segredinhos sujos goela abaixo.”

“Muito bem, Vossa Excelência...”

– Já chega – disse Tarkin baixinho.

Arihnda desligou a gravação.

– Imagine só – falou ela em tom de deboche. – Uma autoridade do alto escalão conspirando para usar

material obtido ilegalmente a fim de derrubar outra autoridade do alto escalão.

– E sendo suficientemente tolo a ponto de permitir que a conspiração fosse gravada. – Tarkin encarou Arihnda. – Eu notei que sua própria voz não era tão prontamente identificável quanto a dele.

– Um defeito do gravador.

– É claro – disse Tarkin. – Diga-me, o que exatamente a senhorita deu para ele?

– Absolutamente nada – garantiu Arihnda. – Foram arquivos completamente confusos, embrulhados no que aparentava ser uma camada de encriptação avançada. Ele provavelmente ainda está tentando encontrar uma frase coerente no pacote.

– Entendo – murmurou Tarkin. – Então o coronel Yularen conseguirá informações sobre os políticos do Império. O comandante Thrawn fará seu ajudante de ordens ser promovido. Eu terei acesso às informações antes de Yularen vê-las, além da satisfação de remover o moff Ghadi da face da galáxia.

Ele ergueu as sobrancelhas e disse:

– Nós ainda não falamos sobre a senhorita. O que *você* ganha com isso?

– Seu patronato e apoio – respondeu Arihnda. – A satisfação de saber que ajudei a manter os poderes que fazem o Império funcionar.

Ela fez uma pausa.

– E, se o senhor achar útil e conveniente, eu gostaria de ser governadora de Lothal.

– Lothal – repetiu Tarkin enquanto se debruçava e digitava no computador. – Não é exatamente o pedido arrasador que eu esperava. Por que lá?

– A rivalidade entre o governador Azadi e o senador Renking custou a empresa de mineração dos meus pais e os expulsou de casa – falou Arihnda, sentindo uma onda inesperada de raiva surgir dentro de si.

Ela achava que tinha deixado para trás o ódio por ter sido traída. Aparentemente, não.

– Me tornar a governadora de Lothal humilhará Azadi e vai facilitar que eu derrube Renking.

– Uma visão clara dos objetivos pessoais é importante em um governador – disse Tarkin ironicamente. – Mas cargos de governador são bens valiosos. Infelizmente, isto – ele tocou no datacard sobre a mesa – não é suficiente.

– Eu imaginei que não fosse. – Arihnda respirou fundo e tirou outro datacard. – Mas isto é.

– E o que é...?

– Tudo sobre Lothal que o Império sempre quis saber – respondeu Arihnda. – Suas minas e refinarias, incluindo as minas discretas e secretas de que ninguém fala e pelas quais ninguém paga impostos e taxas. Toda a infraestrutura e as fábricas, incluindo valores de produção e índices de eficiência. A estrutura bancária e como bens são escondidos e levados embora. Seu povo, incluindo a estrutura social, quais espécies se dão bem e quais não. Resumos de pesquisas arqueológicas no norte, que sugerem a presença de recursos minerais inexplorados, tanto em terras protegidas como desprotegidas.

Ela se empertigou na cadeira e colocou o datacard na mesa de Tarkin.

– O Império está reunindo os mundos da Orla Exterior. Isso pode ser feito da maneira mais fácil e indolor possível. Para todo mundo.

– Interessante – comentou Tarkin, sem fazer um gesto para pegar o datacard. – Algumas pessoas considerariam isso uma traição ao seu planeta natal.

– Eu prefiro pensar que é lealdade ao meu novo planeta natal.

– Muito bem dito – falou Tarkin em tom de aprovação. – Se me permite dizer, sua escolha de momento foi impecável. Por acaso, aquele cargo de governador em especial pode estar vago em breve.

– O governador Azadi está se aposentando? – perguntou Arihnda, franzindo a testa.

Ela não tinha ouvido falar nada a respeito.

– Sim – disse Tarkin. – Um tanto quanto contra a vontade dele, ao que parece.

– Interessante – falou Arihnda.

Não que Azadi não merecesse. Caso ele tivesse se envolvido diretamente na prisão de sua mãe e na perda da empresa da família ou caso ele simplesmente tivesse ficado de lado enquanto outros em seu gabinete faziam seu serviço sujo, Azadi ainda merecia.

– Foi Renking?

– Talvez – respondeu Tarkin. – Talvez tenham sido outros motivos. Ainda assim, o senador Renking *está* de olho no cargo de governador. – Ele ergueu as sobrancelhas. – Imagino qual de vocês dois quer mais.

– Eu lhe forneci os meios para derrubar o moff Ghadi – disse Aarihnda, forçando uma tranquilidade no meio do súbito lampejo de raiva e frustração. Ela *não* perderia agora. Especialmente não para Renking. – Eu tenho informações privilegiadas sobre outros moffs, governadores e senadores. Eu lhe entreguei Lothal. Quero aquele cargo de governador, Vossa Excelência. O que mais o senhor quer para tornar isso possível?

– Ah, muito, muito mais, srta. Pryce – garantiu ele. – Há muitos poderosos que eu gostaria de conhecer melhor. Felizmente, agora tenho a senhorita.

Aarihnda cerrou os dentes. Ela começara como lacaia de um senador; e agora estava recebendo uma oferta de emprego como lacaia do grão-moff?

– Vossa Excelência...

– Obviamente, como governadora, a senhorita terá um acesso muito melhor àquelas pessoas do que tem como ativista – continuou ele. – Sim, vejo que esta situação pode ser vantajosa para nós dois.

Aarihnda deixou escapar um suspiro silencioso. Então Tarkin estava brincando com ela. Aarihnda deveria ter sabido.

– Estou contente que aprove, Vossa Excelência.

– Obviamente, passar de uma mera civil para uma governadora planetária é um passo e tanto – continuou Tarkin. – Ainda assim, a senhorita tem muita experiência e contato com os poderosos do Império, bem como a vantagem de ser nativa do mundo em questão. Talvez nós comecemos apontando-a como governadora em exercício antes de lhe dar o título pleno.

– Por quanto tempo? – perguntou Aarihnda.

– Ah, alguns meses – respondeu Tarkin, dando de ombros. – Um ano, no máximo. Tecnicamente, é claro, essas indicações deveriam passar pelo palácio, mas não vejo motivo para precisarmos incomodar os burocratas. A senhorita vai passar um boa parte de seu primeiro ou segundo ano em um gabinete aqui em Coruscant, aprendendo os detalhes de seu novo cargo.

– Enquanto também recolho as informações de que o senhor precisa?

– Porém, uma viagem curta a Lothal não deve ser problema – continuou Tarkin. – Há vários ministros aqui, e qualquer um deles pode cuidar das coisas enquanto a senhorita cumpre sua parte na barganha. A senhorita só precisa escolher um antes de voltar a Coruscant.

Aarihnda sorriu. O cargo de governadora de Lothal, uma boa chance de derrubar Renking e poder viver entre a elite de Coruscant por mais um pouco de tempo. Ela não poderia ter planejado melhor se tivesse tentado.

– Acho que fechamos o acordo, Vossa Excelência.

– Fechamos. – Tarkin esticou a mão. – O restante de seus arquivos, por favor?

– Aqui está metade – disse Aarihnda enquanto retirava mais dois datacards da bolsinha da cintura. – Eu lhe darei a outra metade assim que for confirmada como governadora.

– É claro – falou Tarkin. – A senhorita vai se encaixar muito bem aqui, srta. Pryce. Ou devo dizer, governadora Pryce?

– Obrigada, Vossa Excelência – falou Aarihnda enquanto ficava de pé. – Agora, se me dá licença, eu tenho mais um compromisso. Tenho certeza de que o senhor quer examinar esses datacards, de qualquer forma. – Ela apontou para eles. – Ah, e a gravação do moff Ghadi está no segundo datacard. É melhor ter

um cuidado especial com ele.

Juahir estava cruzando o tatame central da Academia Yinchom, com o bolsão na mão, quando Arihnda chegou.

– Ei, Arihnda – cumprimentou Juahir. – Você saiu mais cedo?

– Não, só estou entre tarefas – respondeu Arihnda. – Foi um bom treino?

– Médio – disse Juahir. – A senadora Xurfel matriculou seus dois guarda-costas mais novos conosco hoje de manhã. Eu tive que tirar o couro deles para ver se eram bons.

– E?

– Os dois têm potencial, mas não estão à altura dos padrões de Coruscant – falou Juahir. – Mas vamos colocá-los em forma. Então, entre que tarefas você está?

– Bem, eu estive no gabinete do grão-moff Tarkin ontem – respondeu Arihnda. – Tivemos uma boa conversa.

– Sim, eu soube – falou Juahir radiante. – Driller conseguiu que você falasse com ele. Parabéns.

– Obrigada – disse Arihnda. – Não tem muita coisa acontecendo hoje, então pensei em fazer uma visita aqui.

– Ótimo – falou Juahir. – Então vamos treinar ou almoçar?

– Nem uma coisa, nem outra – respondeu Arihnda. – Vamos fazer uma prisão.

– De quem?

– Você.

Arihnda observou o queixo de Juahir cair enquanto o coronel Yularen e seus agentes entravam silenciosamente na academia por trás dela.

– Arihnda, o que você está fazendo? – perguntou Juahir cuidadosamente.

– Estamos prendendo uma traidora – disse Arihnda. – Uma mulher que vem usando seu cargo de treinadora para subornar ou chantagear guarda-costas do alto escalão e mandar que espionem os patrões.

– Ela ergueu as sobrancelhas. – E, de vez em quando, tentem matá-los.

– O quê? – sussurrou Juahir, cujos olhos se arregalaram e a pele empalideceu.

– Kaniki, o guarda-costas do senador Evidorn – falou Yularen em tom sombrio ao se aproximar delas. – Ele tentou matar o senador na manhã de hoje. Aparentemente, sua doutrinação a respeito das maldades do Império foi um pouco eficaz *demais*.

– Nós jamais mandamos que eles matassem alguém – reclamou Juahir. – Eles só deveriam conseguir informações para...

Ela se interrompeu e lançou um olhar súbito de compreensão para Arihnda.

– Isso mesmo – confirmou Arihnda. – Fui eu que peguei os dados que Driller e o Céus Superiores vinham coletando e entreguei para o DSI. Driller e todos os outros ligados ao grupo estão sendo presos agora, mas, dado o incidente com Kaniki, o coronel Yularen decidiu que queria prendê-la pessoalmente.

– Arihnda...

– Só tem uma coisa que eu quero saber – disse Arihnda, sentindo uma dor repentina na garganta por causa da emoção contida. – Algum dia você foi minha amiga? Ou eu sempre fui simplesmente um instrumento para você?

Juahir encarou Arihnda enquanto os agentes do DSI chegaram atrás dela com algemas na mão.

– Sim, você foi minha amiga – falou Juahir baixinho. – Eu não estava envolvida com... isso... até depois de você ter sido demitida pelo senador Renking. Aquilo foi tão horrivelmente injusto. Aquilo me mostrou como o sistema inteiro era corrupto. Foi só depois que Driller me abordou e...

– Driller e o Cisne Noturno? – interrompeu Yularen.

Juahir transferiu o olhar para ele.

– Driller mencionou alguém com esse nome. Mas nós só conversamos sobre o que poderíamos fazer

para dar um jeito nas coisas. Para tornar o Império melhor para todo mundo.

– E aí vocês pensaram em mim e calcularam que podiam me usar – falou Arihnda. – Pobre Arihnda Pryce, à deriva na ralé revolta de Coruscant. A perfeita otária.

– Não foi assim.

– Mas foi bem parecido – disse Arihnda, que olhou para Yularen. – Acabei. Obrigada.

– Espere – implorou Juahir quando os agentes da DSI começaram a conduzi-la na direção da porta. – Arihnda, eu era sua amiga. Ajudei você quando você precisou de alguém. Não pode me ajudar agora?

Arihnda ergueu a mão. Yularen fez o mesmo gesto, e os agentes pararam.

– Eis o que farei, Juahir – falou ela. – O coronel Yularen vai interrogá-la. Se você entregar tudo, e quero dizer *tudo*, ele vai mandá-la para a prisão em vez de executá-la.

O rosto de Juahir ficou ainda mais branco.

– Arihnda...

– Estou no caminho do poder agora – interrompeu Arihnda. – Se eu alcançar meus objetivos, devo ser capaz de mexer os pauzinhos para tirá-la da prisão em alguns anos. Se não...

Ela deu de ombros.

– *Arihnda!*

Mas Yularen já havia gesticulado, e os homens entraram em ação novamente. Arihnda permaneceu onde estava, sem se virar, até a porta se fechar novamente atrás dela.

– E quanto a ela? – perguntou Yularen.

Arihnda se virou e pestanejou para conter as lágrimas repentinas. H'sishi estava parada em silêncio na porta de seu escritório, observando-os.

Será que Yularen havia acabado de pedir um conselho para *ela*?

Claro que tinha. Yularen e Tarkin estiveram em contato sobre o caso do Céus Superiores, e, embora o novo status de Arihnda não tivesse sido anunciado oficialmente, o coronel provavelmente já recebera a notícia.

– O comandante Thrawn disse que ela estava limpa, não disse?

– Essa foi a conclusão dele, sim – falou Yularen.

– O senhor encontrou algo nos registros que contradiga isso?

– Não.

– Então creio que possamos deixá-la ir embora. – Arihnda ergueu um dedo de alerta na direção da Togoriana. – Mas eu recomendaria que você saísse de Coruscant o quanto antes. Sua antiga funcionária pode tentar jogar um pouco da culpa em suas costas. Ela faz esse tipo de coisa com os amigos.

– Obrigada – disse H'sishi em tom grave. – Madame Arihnda; coronel Yularen.

Ela deu meia-volta e desapareceu no escritório.

Arihnda sorriu. *Madame Arihnda*. Um título sem valor, um verniz de respeito cobrindo um desdém mais profundo e espontâneo. O título dos pequenos e sem poder.

Mas isso acabara para ela. Acabara para sempre.

Governadora Pryce. Sim, soava melhor. Muito, muito melhor.

Mais uma semana, Eli se acostumara a dizer para si mesmo, *mais uma semana*.

Daquela vez foram contrabandistas, gangues pequenas que trabalhavam em sistemas obscuros. A *Vespa Trovejante* se mostrara especialmente eficiente em erradicar essas pragas que prejudicavam o comércio imperial, e Coruscant tinha percebido.

Obviamente, Thrawn devia pelo menos parte daquele sucesso ao talento do próprio Eli em identificar e rastrear remessas e cargas. O que resultara em ataques bem-sucedidos a nada menos do que quatro operações de contrabando, três das quais incluíam dúnio vendido no mercado negro.

Duas das quais aparentemente incluíam o Cisne Noturno.

Eli fez uma careta para si mesmo. Esse lance todo do Cisne Noturno estava começando a fugir ao controle. A *Vespa Trovejante* tinha chegado a tempo de interromper um dos esquemas que Eli notara, mas tarde demais para impedir outro antes que fosse abruptamente encerrado. Pior: Eli identificou pelo menos outras cinco operações que pareciam se encaixar no padrão do Cisne Noturno e que estavam fora da área de patrulha da *Vespa Trovejante* e, portanto, fora da capacidade de Thrawn de derrotá-las.

Thrawn sempre mandara alertas para os comandantes dos setores afetados. Mas as comunicações eram geralmente lentas demais, as naves estavam ocupadas com outras questões ou os comandantes simplesmente não acreditavam nele. Com o DSI, era apenas um pouco melhor e, mesmo lá, era apenas o coronel Yularen que geralmente levava os relatórios a sério.

Thrawn sempre falava de padrões e conexões. Após quase quatro anos servindo com ele, Eli só agora estava pegando o dom de notar aqueles padrões. Outros na Marinha aparentemente não eram tão astutos assim. Possivelmente jamais seriam.

O único enigma que nem Eli, nem Thrawn conseguiram decifrar até então era por que o Cisne Noturno estava tão obcecado em tirar dúnio do Império e para que o próprio Império queria o material.

Eles não estavam construindo naves com o dúnio. Toda vez que Eli fazia os cálculos, a quantidade de dúnio que o Império estava reunindo excedia muito qualquer necessidade possível. Será que estavam estocando para usar em naves futuramente? As discussões de Thrawn no Palácio – será que o imperador estava planejando alguma coisa especial? Uma série de expedições às Regiões Desconhecidas, talvez? Havia muitas questões para as quais Eli não tinha respostas.

Mas essas questões perdiam a importância diante daquela que se agigantava diante deles naquele dia. Especificamente, a questão sobre o motivo de ele e Thrawn terem sido subitamente convocados de volta para Coruscant.

Não poderia ser por causa do incidente em Cyphar. Thrawn já tinha sido inocentado de má conduta pelas ações cometidas lá. Será que Yularen descobrira algo novo a respeito do Cisne Noturno que queria compartilhar pessoalmente? Ou será que o Alto Comando decidira que estava cansado do foco contínuo que Thrawn dava ao sujeito e queria que ele parasse de incomodar os outros comandantes só porque achava que eles não estavam cumprindo com suas obrigações?

Ou será que Thrawn tinha ultrapassado algum limite invisível em sua pesquisa e investigação do assunto? O fato de que Eli tinha recebido ordens específicas de aparecer com Thrawn era mais do que um pouco inquietante.

– Sabe do que isso se trata, senhor? – murmurou Eli para Thrawn quando o grupo de oficiais superiores entrou na sala.

– Não – respondeu Thrawn. – Mas acho interessante que o senhor também tenha sido convocado.

Então Thrawn também tinha notado aquele detalhe. O que não era surpreendente, na verdade.

– Tente interpretar as expressões deles – sussurrou Thrawn.

Eli conteve uma careta. Ele estava tentando. *Esteve* tentando desde que os oficiais começaram a entrar. Eli concentrou a atenção no almirante à frente, estudou a expressão e linguagem corporal do homem...

E ficou sem ar. Sua análise foi interrompida quando o último homem da fila passou pela porta.

Grão-moff Tarkin.

E, de repente, tudo podia acontecer. Tecnicamente, o título de Tarkin era civil, e seu posto lhe dava autoridade sobre uma faixa imensa da Orla Exterior. Mas ele também usava um uniforme da Marinha Imperial, e suas atribuições e autoridade cobriam tanto o aspecto civil como o militar.

Que área, Eli se perguntou, o grão-moff Tarkin estaria representando hoje?

A almirante no centro esperou que todo mundo estivesse sentado, depois ficou em pé.

– Nós nos reunimos na manhã de hoje – disse ela – para prestar uma honra especial a dois dos nossos.

Eli ficou perplexo. Honra? Então isso *não era* outro comitê de investigação e corte marcial?

– Jamais um oficial da Marinha Imperial alcançou tanto sucesso em um período tão curto – continuou a almirante.

Eli sentiu um pouco de alívio, misturado a um toque de melancolia. Então era isso. Thrawn fora chamado de volta para receber mais uma promoção.

Não que ele estivesse ressentido pelo Chiss receber o reconhecimento. Pelo contrário, Thrawn mais do que merecia. Tirando a pedra no sapato que era o Cisne Noturno, seu desempenho era uma série ininterrupta de vitórias contra os inimigos do Império.

– É, portanto, com grande prazer que este comitê confere ao comandante Thrawn a patente de comodoro. Parabéns, comodoro Thrawn.

E pronto. Eli sorriu e tentou parecer feliz – que ele estava, de verdade – enquanto se juntava aos aplausos. Ter vindo até Coruscant parecia um exagero para algo que era, para Thrawn, uma cerimônia bem corriqueira, mas pelo menos eles voltariam para o espaço agora. Enquanto a almirante dava um passo à frente e entregava a Thrawn a nova divisa, Eli começou a examinar mentalmente os arquivos que deveriam levá-los ao próximo covil de contrabandistas...

– Também é uma honra e um privilégio – continuou a almirante – para este comitê retificar uma situação que permitiram que durasse tempo demais.

Eli franziu a testa, e os pensamentos a respeito de listas e manifestos de carga sumiram. Havia uma situação em que Thrawn se metera que Eli não sabia?

– É, portanto, com o mesmo prazer que este comitê confere ao guarda-marinha Eli Vanto...

Eli ficou sem ar. Estava acontecendo. Finalmente acontecendo. Após todo esse tempo, eles finalmente iriam promovê-lo a tenente.

– ... a patente...

Tenente Vanto. O som na cabeça era como um gole de água fresca e cristalina após uma sessão na academia. *Tenente Vanto...*

– ... de primeiro-tenente.

Eli sentiu o corpo todo se contrair. O que a almirante havia dito? *Primeiro-tenente?*

Aquilo era impossível. Um guarda-marinha pular tantas patentes assim ao mesmo tempo era sem precedentes. Ele devia ter ouvido errado.

– Parabéns, primeiro-tenente Vanto – encerrou a almirante.

E a divisa na mão estendida da almirante era, de fato, de um primeiro-tenente.

– Parabéns – repetiu Thrawn ao lado dele.

– Obrigado, senhor – Eli conseguiu dizer. – E obrigado, senhora.

Houve mais alguns discursos curtos da parte dos demais no comitê, mais parabéns, visões empolgantes do futuro glorioso que aguardava por todos eles.

Eli realmente não ouviu nada daquilo.

Ele ficou um pouco surpreso ao ver que Tarkin ficou para trás após os oficiais da Marinha terem saído em fila novamente.

– Parabéns, comodoro – disse o grão-moff cumprimentando Thrawn com a cabeça. – E, para o senhor, primeiro-tenente – acrescentou ele para Eli.

– Obrigado, Vossa Excelência – falou Thrawn.

– Obrigado, Vossa Excelência – repetiu Eli.

– Uma bela cerimônia – continuou Tarkin. – Fico contente por ter dado uma passada para assistir. A governadora Arihnda Pryce mandou lembranças e os próprios parabéns.

– Eu imaginei que ela fosse mandar – disse Thrawn.

Eli notou que havia um indício de algo na voz. Alguma espécie de piada interna entre ele e Tarkin?

– Ela está bem, imagino?

– MUITÍSSIMO bem – respondeu Tarkin. – Ela está se preparando ansiosamente para assumir o novo

posto.

– Fico feliz que as coisas tenham dado certo para ela.

– Assim como eu. – Tarkin estendeu o braço e tocou na nova divisa de comodoro no peito de Thrawn.

– Considere isto um bônus.

– Obrigado, Vossa Excelência – falou Thrawn. – Por favor, agradeça à governadora na próxima vez que a vir.

– Farei isso – disse Tarkin. – Agora, creio que o senhor tenha inimigos do Império para enfrentar. Boa caçada para o senhor.

Com um aceno final de cabeça, o grão-moff deu meia-volta e foi embora.

– Novamente, parabéns, primeiro-tenente Vanto – falou Thrawn. – Espero que a demora tenha valido a pena.

– Valeu, sim, senhor – respondeu Eli.

Distante, ele imaginou o que o tenente Gimm diria quando visse pela primeira vez a nova patente do ex-guarda-marinha.

Provavelmente nada. Não havia nada que ele *pudesse* dizer para um oficial superior.

Mas a expressão de Gimm com certeza valeria a pena ver.

– E agora, é melhor nós irmos para nossa nova nave – continuou Thrawn se voltando para a porta. – Haverá muita coisa para aprender.

Eli franziu a testa.

– Nossa nova nave?

Thrawn se virou, achando um pouco de graça, com meio sorriso consciente no rosto.

– Eu percebo que o senhor não estava prestando atenção no final. Achei que não estivesse. Estamos sendo transferidos, primeiro-tenente. Agora sou o comodoro do destróier estelar imperial *Quimera*.

Eli ficou sem fôlego. Thrawn recebera um *destróier estelar imperial*?

– Não, eu... parabéns, senhor.

– Obrigado, primeiro-tenente – falou Thrawn, achando mais graça. – Vamos?

– Sim, senhor.

Os dois se dirigiram para a porta.

– O que o grão-moff Tarkin quis dizer a respeito de sua promoção ser um bônus? – perguntou Eli.

– Acho que foi simplesmente uma piada.

– Ah – disse Eli.

Um destróier estelar era um dos melhores postos possíveis, quase o mais alto pináculo de sucesso que a Marinha Imperial podia oferecer. Seria de fato uma honra e um privilégio servir a bordo de um destróier estelar. E ainda por cima como um primeiro-tenente.

Antes de deixarem a *Vespa Trovejante*, Eli prometeu a si mesmo que *com certeza* faria questão de procurar o tenente Gimm.



CAPÍTULO

20

Raramente alguém obtém vitória na guerra sem aliados. Alguns aliados fornecem assistência direta e formam duas forças lutando lado a lado. Outros fornecem apoio logístico, seja na forma de armas, equipamento de batalha ou simplesmente comida e outras necessidades básicas. Às vezes, o uso mais eficaz de um aliado é na forma de uma ameaça, cuja mera presença cria uma distração ou força o inimigo a empregar recursos longe do campo de batalha principal.

Mas apoiar um aliado não significa necessariamente que a pessoa vai concordar com aquele aliado sempre. Ou com seus objetivos e métodos.

O alarme da *Quimera* já havia parado de tocar quando Eli chegou à ponte. *Mais um dia*, pensou ele, cansado, ao sair do turboelevador, *mais uma crise*. A vida sob o comando do comodoro Thrawn era muito empolgante, mas havia ocasiões em que a perseguição e a captura de piratas e contrabandistas começava a parecer rotineira e até um pouco chata.

Só que aquele dia não era simplesmente mais um dia. Nem aquela crise, mais uma crise.

O primeiro alerta de que algo sério estava acontecendo foi o grupo reunido em volta de Thrawn, ao lado do holoprojetor da ponte de popa. Não apenas o chefe de transmissões Lomar estava ali, como também a primeira-oficial Karyn Faro e o comandante stormtrooper Ayer.

Thrawn notou o olhar de Eli e fez um gesto para que ele se aproximasse.

– Primeiro-tenente Vanto – disse o comodoro em tom sério. – O capitão-tenente Lomar acabou de receber um pedido de socorro do transporte de tropas *Sempre*. O capitão relata que está sob ataque.

Eli disparou um olhar para o monitor tático. Se as posições e vetores fossem precisos, eles estavam a mais de duas horas da cena.

– Eu presumo que não haja outra nave mais perto, senhor?

– Nenhuma com poder de fogo suficiente. – Thrawn gesticulou para Lomar. – Capitão-tenente?

– A *Sempre* identificou seus agressores como a fragata *Castilus* e dois esquadrões de caças estelares V-19 – falou Lomar. – Pode haver mais; os agressores estão com interferentes ligados, e as transmissões da *Sempre* são irregulares. Meu pessoal está limpando e analisando as gravações agora, então, se houver mais alguma coisa ali, nós encontraremos.

Ele lançou um olhar velado para Thrawn.

– A última transmissão dizia que o casco fora rompido e estavam sendo abordados.

– As naves agressoras foram registradas como roubadas há oito semanas – acrescentou Thrawn.

Eli franziu a testa. Havia algo na voz do comodoro...

– Pelo Cisne Noturno?

– Possivelmente – respondeu Thrawn. – O esquema é bem engenhoso, o que pode indicar a mão dele no planejamento. Mas esteja ou não o Cisne Noturno por trás do roubo, eu não creio que ele esteja envolvido neste ataque. Ataques excessivamente violentos não são o estilo dele.

– Estilos podem mudar, comodoro – retrucou Faro em um tom de voz brusco, com um toque de impaciência. – E, com todo o respeito, eu não vejo como o ponto de partida da nave possa ser tão importante neste momento quanto o fato de que eles estão lá e estão atirando em nossa gente.

Eli estremeceu. A comandante Faro viera com a *Quimera* e servira como primeira-oficial sob o antigo capitão. Ela nunca fora abertamente insubordinada, mas nunca tinha estado muito longe disso também. Questionar os comentários de Thrawn não era uma coisa que um primeiro-oficial deveria fazer, especialmente não em público.

Mas Thrawn meramente inclinou a cabeça para ela.

– Nós já estamos indo ajudar na maior velocidade possível da *Quimera*, comandante – disse ele. – E saber a origem dos agressores pode nos permitir prever seus objetivos e ações futuras.

– É um transporte de tropas, senhor – respondeu Faro, ainda soando um pouco impaciente. – Acho que o objetivo dos agressores provavelmente é matar alguns soldados imperiais.

– Talvez sim, talvez não. – Thrawn gesticulou para Ayer. – Parece haver um certo mistério sobre esse transporte em especial.

– Sim, senhor – respondeu Ayer, olhando incomodado para Eli. – Como eu disse para o comodoro, tenente Vanto, a *Sempre* não está levando tropas.

– Está vazia?

– Não, senhor.

Eli lançou um olhar para cada um deles.

– Perdão?

– Não posso dizer mais nada, senhor. Para nenhum dos senhores – acrescentou Ayer, olhando ainda mais incomodado para Thrawn.

– O major Ayer recebeu uma transmissão direta de Coruscant, mas não tem liberdade para compartilhar o conteúdo conosco – falou Thrawn. – Nossas ordens são para levá-lo com seus stormtroopers à *Sempre* enquanto lidamos com as naves agressoras.

– Entendido, senhor – disse Eli sentindo uma sensação desagradável entre as omoplatas, pois ele sempre ficava nervoso com transmissões secretas fora da cadeia de comando. – E se eles precisarem de ajuda a bordo?

– Não precisaremos, senhor – garantiu Ayer.

– E se precisarem? – repetiu Eli.

– Não precisaremos, senhor – repetiu Ayer, cujo tom de desculpas sumiu da voz, e cujo novo tom deixou claro que o assunto estava encerrado. – Não posso dizer mais nada.

– Tenho certeza de que seremos informados no devido tempo – disse Thrawn. – Até lá, nossa tarefa é alcançar a *Sempre* antes que ela seja completamente subjugada. Comandante Faro, a senhora fará uma verificação completa das armas e dos artilheiros. Temos que estar prontos para combate no momento em que chegarmos à cena do ataque. Primeiro-tenente Vanto, entre em contato com a sala de máquinas. Se houver uma maneira de aumentar a velocidade da *Quimera*, o senhor a implementará.

Uma hora e quarenta e nove minutos depois, a *Quimera* chegou.

Para ver que todas as ordens agora eram irrelevantes.

A *Sempre* estava à deriva no espaço. A tripulação se encontrava espalhada pela nave, todos mortos. Os compartimentos dos soldados estavam vazios.

As naves agressoras, obviamente, haviam ido embora havia muito tempo.

– Estranho – comentou Vanto enquanto ele e Thrawn passavam em volta de um grupo de cadáveres.

Sem mais a necessidade de sigilo – fosse lá por que motivo – Ayer permitiu, relutantemente, que os dois se juntassem aos stormtroopers enquanto eles finalizavam a varredura da nave.

– Queimaduras de raios em alguns dos corpos, mas não em todos – disse Vanto.

– Sim, notei isso – falou Thrawn. – Vários desses últimos também apresentam ferimentos na cabeça e no torso.

– Como se tivessem sido atingidos fisicamente – disse Vanto, que apontou para as manchas de sangue em uma seção próxima de um anteparo. – E aí temos isto aqui. Parece que a maioria das vítimas agredidas teve a cabeça ou o corpo jogado contra as paredes e os anteparos.

– Note, também, que algumas das manchas são mais altas do que a altura das vítimas – comentou Thrawn. – Aquela mancha em especial. O senhor enxerga um padrão nela?

Vanto foi até a parede e ergueu o olhar para a mancha. *Ele franze a testa, pensativo. Os dedos pairam pela mancha como se fizesse o traçado mentalmente.*

– Tem mais sangue do que a maioria. Aquelas manchas parecem marcas de dedos. Alguém escrevendo em sangue?

– Talvez – respondeu Thrawn.

A mancha estava borrada e parecia incompleta, como se a pessoa que escrevia tivesse sido interrompida. Ou talvez não fosse algo escrito. Certamente não se parecia com nenhuma letra ou combinação de letras que ele conhecia. Porém, se o escritor estivesse ferido, isso poderia justificar a distorção.

Mas por que uma pessoa ferida teria escolhido escrever em um lugar tão alto? E se não era uma palavra ou o início de uma palavra, talvez fosse um símbolo ou um glifo.

Thrawn inspecionou os corpos caídos. Como Vanto notara, dois haviam sido mortos por armas de raios, e o resto tinha apanhado até morrer. Ninguém era suficientemente alto para ter feito aquela marca com facilidade.

Vanto chegara à mesma conclusão.

– Eu diria que aquilo foi feito por um dos agressores ou um dos passageiros.

– Talvez uma investigação no alojamento dos soldados diga qual das opções foi – falou Thrawn. – Venha.

Um stormtrooper estava de guarda na comporta que levava aos alojamentos.

– Lamento, senhor – disse o stormtrooper. *A voz filtrada é inflexível e arrogante.* – Não é permitida a entrada de ninguém.

– Sou o comodoro Thrawn – falou ele. – Eu quero entrar.

– Lamento, senhor, mas tenho minhas ordens.

– Estou lhe dando novas ordens, stormtrooper – disse Thrawn. – Os passageiros se foram. Não é mais caso para o sigilo que o senhor recebeu ordens de manter envolvendo a *Sempre*. Oficiais e tripulantes imperiais estão mortos, e há alguns de seus próprios colegas entre eles. A justiça e a retaliação pelo ataque dependem de informações. Algumas dessas informações estão atrás do senhor, dentro dessa comporta.

– Lamento, senhor, mas tenho minhas ordens – repetiu o stormtrooper. *A voz dele não demonstra nenhum reconhecimento da urgência da situação.*

– Eu sou seu comandante, stormtrooper – falou Thrawn. – *O senhor sairá do caminho!*

Vanto estremece diante do volume e da veemência repentinamente colocados na voz. O stormtrooper reage igualmente surpreso e logo se afasta da comporta.

– Obrigado – disse Thrawn.

Ele e Vanto entraram.

– O senhor reprova minhas palavras e meu tom de voz?

– Não reprovos nenhum dos dois, senhor – respondeu Vanto. – Só fiquei surpreso. Acho que nunca ouvi o senhor berrar de raiva antes.

– Eu não estava com raiva – explicou Thrawn. – Algumas pessoas não reagem ao bom senso. Outras se recusam a considerar alternativas para seu padrão normal de comportamento. Em tais casos, uma quebra inesperada dos próprios padrões pode ser uma ferramenta eficaz. O que o senhor está vendo?

Vanto foi até o centro da área de dormir. Ele virou a cabeça lentamente, e o olhar se demorou sobre os beliches de três camas.

– Essas não são camas de tamanho padrão. Elas têm pelo menos de meio a um metro a mais de comprimento. E os beliches padrão de transporte de tropas não têm quatro camas em vez de três?

– Sim – respondeu Thrawn. – Esses alojamentos foram claramente projetados para passageiros maiores.

– Também não parecem alojamentos temporários – disse Vanto. – Os beliches estão presos permanentemente às paredes, ao piso e ao teto. Então para que tipo de passageiros a *Sempre* foi projetada...

As palavras param. Os olhos se concentram nos anéis de junção embutidos nas paredes, ao lado de dois beliches. Os dedos se flexionam com tensão repentina.

– Eles não eram passageiros – falou Vanto baixinho. – Eram prisioneiros.

– Não apenas prisioneiros – disse Thrawn. – Escravos.

Faro estava esperando quando Thrawn e Eli voltaram à ponte.

– Relatório, comandante – ordenou Thrawn.

– Eu tenho a análise do ataque, comodoro – respondeu Faro ao colocar o diagrama no monitor dos sensores. – Parece que os disparos que causaram mais avarias vieram dos V-19. Eles derrubaram os geradores de escudos, hiperdrive e motores subglow, enquanto a fragata serviu predominantemente como uma distração.

– Não é inesperado – comentou Thrawn, que olhou para Eli. – *Nikhi*.

Mentalmente, Eli sacudiu a cabeça. Todos esses anos falando a língua básica, e ainda havia palavras que ocasionalmente fugiam de Thrawn.

– Não obstante – informou ele.

Thrawn agradeceu com um aceno de cabeça.

– Não obstante a doutrina militar estabelecida, se um esquadrão de caças estelares bem treinado consegue penetrar nas defesas de ponto, ele geralmente tem mais poder ofensivo que as naves de linha. Note que a destruição proposital do hiperdrive indica que o objetivo deles nunca foi capturar a nave para uso próprio.

– Eles estavam ali para libertar os escravos – murmurou Eli.

– Exatamente – concordou Thrawn. – Havia algo que indicasse a espécie de origem ou os métodos de treinamento dos agressores?

– Ah, nada que tenhamos notado, senhor – disse Faro, franzindo a testa. – Nem sei como determinaríamos isso.

– Há formas. Nós as discutiremos mais tarde. – Thrawn se voltou para Lomar. – Capitão-tenente?

– Nós terminamos de limpar o áudio da *Sempre* – falou Lomar. – Há meia dúzia de espécies que podem ter feito os sons que acessamos, mas apenas Wookiees se encaixam no tamanho que o senhor descreveu para os escravos.

– Ótimo. – Thrawn puxou o datapad. – Nesse caso, essa marca de sangue pode ser interpretada como um emblema em vez de algo escrito. Muito bem. Tenente Vanto, para o computador.

– Sim, senhor. – Eli sentou-se ao terminal mais próximo. – Pronto.

– Os escravos teriam vindo de Kashyyyk – disse Thrawn com os olhos franzidos ao passar por

páginas no datapad. – Mas deve haver um centro de processamento fora de Kashyyyk para exames de saúde e outras qualificações antes de eles serem enviados ao destino final. Usando Kashyyyk e nossa posição atual como extremidades, procure pela localização provável de tal centro.

– A não ser que estivessem com pressa, não há motivo para terem vindo direto – argumentou Faro. – Os Wookiees podem ter sido processados em qualquer lugar daqui a Alderaan.

– A pressa não está tanto em questão quanto a eficiência, comandante – falou Thrawn. – Se houve um fluxo constante de transportes como esse...

Ele fez uma pausa, depois continuou a rolar as páginas no datapad.

– De qualquer forma, a *Sempre* foi permanentemente alterada para levar Wookiees ou criaturas do mesmo tamanho. Parece razoável que o centro de processamento seja igualmente permanente. Tenente Vanto?

– Eu acessei tudo dentro de um cone duplo de 90º, senhor – relatou Eli. – Há *muitos* sistemas nesse perímetro.

– Deve ser uma base militar – disse Thrawn. – De propriedade do Império e operada somente por ele. É provável que seja relativamente isolada, fechada ao tráfego externo e com um nível mais alto de material importado que o quadro completo de tripulantes sugeriria.

– Por que o senhor não pesquisa simplesmente por remessas de comida de Wookiee? – sugeriu Faro.

– Não acho que haja nada especial sobre a comida dos Wookiees, senhora – falou Eli quanto ele continuava a digitar os parâmetros. – Mesmo que houvesse, as remessas estariam disfarçadas como máquinas ou outros itens. Não faz muito sentido ter um centro secreto de escravos se a pessoa anunciar para a galáxia que está alimentando um monte de bocas a mais.

– Precisamente – concordou Thrawn.

Eli notou que o Chiss continuava olhando o datapad, mas que a rolagem acelerada de texto havia parado. Ele devia ter encontrado o que procurava.

– É muito provável que também haja uma base imperial nas proximidades, menos sigilosa, porém maior e suficientemente perto para poder reagir rapidamente, caso necessário.

– Sim, senhor. – Eli digitou os parâmetros finais. – E isso nos dá... Lansend 26. É um velho posto alfandegário que os separatistas ocuparam durante a guerra e converteram em uma área de concentração de tropas. O Império a retomou, mas não fez muita coisa com ela.

– Até agora – murmurou Faro. – O senhor acha que deveríamos avisar que um dos transportes deles levou uma surra?

– Faremos mais do que isso – disse Thrawn. – Avise o leme, tenente Vanto, para nos levar a Lansend 26 na maior velocidade possível.

– Sim, senhor – falou Eli, que ligou o intercomunicador e passou as ordens.

– Por que os agressores teriam ido para lá, senhor? – perguntou Faro. – Não seria mais provável que eles tivessem evitado o posto e levado os Wookiees para algum planeta de refugiados?

– A senhora presume que eles já têm todos os Wookiees que queriam – respondeu Thrawn.

– O senhor quer dizer que acha que eles vão atacar o posto para pegar mais prisioneiros? – perguntou Faro, franzindo a testa.

– Pense bem, comandante – falou Thrawn.

Eli escondeu um sorriso. Ele conhecia o tom do Chiss.

– Ter tirado a *Sempre* do hiperespaço no ponto exato onde os agressores estavam esperando teria sido praticamente impossível sem ajuda – continuou Thrawn. – Essa ajuda teria que ter partido de Lansend ou da própria *Sempre*. De uma forma ou de outra, isso sugere que os agressores têm um aliado e sabotador a bordo do posto.

– E se ele ainda estiver lá – disse Faro, concordando com a cabeça –, por que não sabotar as defesas do posto, aproveitando a ocasião?

Thrawn inclinou a cabeça para ela.

– Muito bem, comandante.

– Se eles têm um sabotador a bordo, não deveríamos alertá-los? – sugeriu Lomar. – Alertá-los ou alertar... Tenente Vanto, o comodoro está certo a respeito de haver outra estação nas proximidades?

– Sim – respondeu Eli. – Base Baklek, a um voo de vinte minutos dali.

– Devemos manter silêncio nas transmissões – falou Thrawn. – Não queremos alertar os agressores que estamos em perseguição.

– Com todo o respeito, senhor, isso ainda parece meio forçado – disse Faro. – Se alguém sabotou a *Sempre*, há uma boa chance de Lansend ter captado o mesmo pedido de socorro que recebemos e ter calculado que eles têm um problema. Atacar um transporte que não suspeita de nada é uma coisa; atacar um posto que está de prontidão é outra bem diferente.

– Concordo – falou Thrawn. – Mesmo assim, acredito que eles tentarão.

– Só porque eles são malucos idealistas e intrometidos, isso os torna suicidas?

– Não – respondeu Thrawn. – Mas eles nos disseram que eram.

Faro lançou um olhar surpreso para Eli.

– Eles fizeram o quê?

– O desenho deixado entre os corpos – disse Thrawn. – Nós sabemos agora que os escravos eram Wookiees. A marca que encontramos era um símbolo de clã, sublinhado por outra marca que indicava alerta ou resistência.

Eli estremeceu ao entender aonde Thrawn queria chegar.

– E resistência resulta em vingança?

– Em culturas tribais como a dos Wookiees, isso é muito frequente – confirmou Thrawn. – Mesmo que não haja mais nenhum Wookiee no posto para ser resgatado, eles irão atrás de vingança contra aqueles que participaram da escravidão. Uma vez que ainda existe a possibilidade de que o posto esteja alheio às suas ações, eles precisam atacar o mais cedo possível.

– Só que Lansend *pode* estar pronto para eles – salientou Eli.

– Devemos torcer por isso – falou Thrawn. – Mesmo assim, espero que nós cheguemos a tempo para pegar os agressores em flagrante.

– Ainda não há sinais vindos do posto – relatou Vanto. *A voz está empolgada com a expectativa da batalha, o tom indica o redemoinho de possibilidades e padrões girando em sua mente.* – Saída do hiperespaço em quinze segundos.

– Sistemas de armas e tripulantes de prontidão – disse Faro. – Esquadrões de TIE prontos para lançamento.

– Sinal para a Base Baklek a postos – falou Lomar. – Mensagem pré-gravada carregada e pronta.

Com um lampejo de traços de luzes estelares, a *Quimera* chegou.

E viu que a batalha começara.

– A base está sob ataque – disparou Vanto. – Captando uma fragata... 22 caças V-19. Os canhões lasers de estibordo da base estão derretidos e mudos; armas de bombordo ainda estão disparando.

– Lançar caças TIE – ordenou Thrawn. – A prioridade deles é inutilizar a fragata sem destruí-la. Sinalize a Base Baklek e acrescente os detalhes do tenente Vanto ao alerta. Sinalize Lansend e peça um relatório da situação.

Em muitos casos, a estratégia de ataque de um oponente revelava sua origem. Ali, a batalha já havia degenerado para o caos. Cada caça atacava efetivamente como seu próprio estrategista.

Mas mesmo na grande desordem era possível encontrar padrões e conexões. Thrawn estudou os movimentos dos V-19s, de olho em repetição e previsibilidade.

– *Quimera*, aqui é o coronel Zenoc. – *A voz que sai do alto-falante da ponte está tensa, mas não em*

pânico. – Bem-vindos. Chegaram em excelente momento.

– Coronel, aqui é o comodoro Thrawn – respondeu o Chiss. – O senhor tem um sabotador em seu posto.

– Já foi encontrada, desarmada e presa – revelou Zenoc. – Infelizmente, não antes de ela inutilizar o transmissor de longo alcance e desligar os sistemas de defesa de estibordo. A Base Baklek supostamente está de plantão... o senhor pode avisá-los por nós?

– Eu já fiz isso – disse Thrawn. – Preciso da planta da sua base.

– Certo – respondeu Zenoc. – A caminho. Também incluí um sinal em tempo real dos sensores internos.

– Muito bom – falou Thrawn. – Tenente Vanto?

– Planta e sinal dos sensores sendo recebidos agora – respondeu Vanto.

A planta apareceu, com pontos em movimento que indicavam a posição dos agressores e defensores.

– Romperam nossa comporta de atracação a estibordo – continuou Zenoc. – Até agora seguramos firme, mas estamos sendo repelidos. Parece que estão tentando destruir nossas defesas a bombordo de maneira que consigam enviar outro grupo de abordagem daquela ponta e nos pegar em uma tenaz.

– Meus caças estão enfrentando esses agressores – disse Thrawn. – Tenente Vanto?

– A força de V-19s a bombordo se dividiu – relatou Vanto. – Metade se voltou para enfrentar os TIE, metade continuou atacando as defesas da estação. V-19s a estibordo se voltando para defender a fragata.

– Tarde demais – anunciou Faro. *A voz dela contém uma satisfação cruel*. – Destruímos o hiperdrive da fragata. Nossas visitas não vão a lugar algum.

– Mande os TIE se concentrarem nos V-19s – ordenou Thrawn, pois o movimento do pessoal do posto agora revelava um padrão. – Coronel Zenoc, há alguém de seu pessoal nas seções A-4, A-5 e B-5?

– Não, senhor.

– Há escravos naquela área?

Houve uma pequena pausa.

– Não tenho liberdade para discutir tais questões, comodoro.

– Se quiser salvar seu posto, coronel, o senhor vai responder à minha pergunta.

Outra pausa.

– Há um... pessoal civil na seção B-5 – disse Zenoc.

– Obrigado – falou Thrawn. – Retire todo o pessoal para a seção B-8 e fiquem lá.

– Para a B-8? – *A voz de Zenoc contém confusão*.

– Sim – confirmou Thrawn. – Comandante Faro: eu marquei sete alvos na parte a estibordo do posto. Eu necessito de precisão cirúrgica da parte dos turbolasers. A senhora consegue?

– Certamente, comodoro – confirmou Faro. – Enviando alvos aos artilheiros... artilheiros aguardam sua ordem.

– Coronel Zenoc?

– Nós recuamos – respondeu Zenoc. *A voz ainda contém confusão, e agora também cansaço e desconfiância*. – Mas essa não é uma posição defensável, senhor. Se formos repelidos ainda mais, ficaremos enrascados.

– Os senhores não serão repelidos – garantiu Thrawn. – Sua batalha acabou. Turbolasers: *fogo*.

Na planta, os sete pontos marcados piscaram quando as placas do casco foram desintegradas. Atrás deles, os sensores pintaram quatro seções internas de vermelho no momento em que o ar dentro delas vazou fervendo para o espaço.

– Mas que *diabos*? – vociferou Zenoc. – *Quimera*, vocês por acaso *dispararam* em nós?

– Sim – confirmou Thrawn. – Eu creio que o senhor verá que agora os intrusos estão encurralados nas posições atuais.

Outra pausa.

– Eu serei frito – disse Zenoc. *O cansaço e a confusão anteriores passaram. A voz agora contém um entendimento admirado.* – E a B-5?

– Intacta, embora agora também esteja isolada do resto do posto – respondeu Thrawn. – Nós continuaremos a batalha contra a fragata e os V-19s. Sugiro que chame os intrusos para se renderem antes que os senhores comecem as operações emergenciais de acesso.

– Sim, é claro. – *A voz de Zenoc contém alívio e até mesmo um pequeno grau de humor.* – Obrigado, comodoro. Excelente trabalho.

– De nada, coronel – falou Thrawn. – Nós continuaremos as operações até que cheguem os reforços de Baklek. Depois disso, deixaremos que os senhores cuidem dos prisioneiros enquanto recuperamos a *Sempre* e voltamos para cá. Eu presumo que os senhores tenham ordens que cubram essas contingências?

– Temos – disse Zenoc. *A voz se controla assim que o imediatismo da batalha passa, e ele se lembra da perda da tripulação do transporte.* – Estaremos prontos quando o senhor retornar. E, novamente, comodoro, obrigado.

– Comandante Faro? – chamou Thrawn.

– As forças inimigas foram reduzidas à fragata incapacitada e três V-19s em funcionamento – relatou Faro. – Eu imagino que o senhor gostaria que nós encurralássemos e capturássemos os caças que sobraram intactos, se possível?

– Se for possível – disse Thrawn. – Se não for, já há prisioneiros suficientes para o Império interrogar entre os sobreviventes.

– Sim, senhor.

Vanto surgiu ao lado dele.

– Comodoro? – perguntou ele em um tom de voz baixo e incomodado. – O que faremos a respeito dos Wookiees?

– Vamos deixá-los aqui.

Vanto fica em silêncio por um momento.

– Não estou completamente à vontade com a ideia de que o Império esteja usando escravos, senhor.

– Os termos nem sempre são o que parecem, tenente – falou Thrawn. – Eles são chamados de *escravos*, mas podem ser servos por contrato. Podem ser prisioneiros cumprindo pena de trabalhos forçados. Podem ter se vendido como escravos como forma de quitar dívidas de outras pessoas em seu planeta. Eu já vi todas essas situações em diversas ocasiões.

– O senhor realmente acha que alguma dessas situações é provável?

– Não – respondeu Thrawn, engrossando o tom. – Mas não importa. Seja lá como esses seres foram arregimentados, eles agora são bens imperiais. Serão tratados como tal.

– Compreendido, comodoro.



CAPÍTULO

21

Cada cultura é diferente. Cada espécie é singular. Isso apresenta desafios para o guerreiro, que geralmente tem que determinar, a partir de indícios limitados, a estratégia, os objetivos e a tática de um oponente.

Mas o perigo de interpretar mal um oponente às vezes é ainda maior na política, já que nela não existe a clareza da ativação de uma arma ou do deslocamento de tropas para alertar sobre o perigo iminente. Geralmente, o único indício de perigo surge somente quando a batalha já começou.

A escotilha da nave se abriu e deixou entrar o ar quente da tarde.

Após todos aqueles anos, Arihnda voltava para casa.

Ela parou no topo da rampa e dedicou um instante para deixar o olhar vagar pelos prédios da Capital antes de se voltar para a paisagem mais rústica de Lothal ao redor. Após viver no gigantesco cenário urbano de Coruscant, a presença de vegetação silvestre era quase um choque.

– Bem-vinda ao lar, governadora – chamou uma voz ao pé da rampa.

Arihnda baixou o olhar. Maketh Tua estava ali, vestida nos tons cinza e azul de uma ministra imperial. Uma mecha de seu cabelo louro reluzia por baixo do capacete justo de formato cônico que ela usava. A mão continha um datapad; o sorriso, um toque de nervosismo.

– Obrigada – disse Arihnda, que desceu a rampa e parou diante dela. – Faz tempo, não é?

– Sim, governadora – confirmou a mulher. – Mais de um ano desde que a senhora sucedeu ao governador, na verdade.

Arihnda sentiu o lábio tremer. Ela passara menos de uma semana ali no último ano, geralmente algumas poucas horas por vez, governando por procuração o mundo que lutara tanto para conseguir. Arihnda tinha passado a maior parte do tempo em Coruscant, fazendo amigos, reforçando o prestígio de Lothal entre os milhares de mundos do Império e indo atrás de informações incriminatórias para o grão-moff Tarkin.

Mas, finalmente, *finalmente*, ela estava ali para ficar.

Após as luzes reluzentes de Coruscant, Arihnda ainda não estava totalmente certa de como se sentir a respeito daquilo.

– E também faz mais de um ano desde que a senhora foi indicada como supervisora da produção industrial – falou ela. – Então, me diga: como vai a produção industrial de Lothal?

– Vai muito bem, Vossa Excelência, muito bem – respondeu Tua. – Estou com todos os dados relevantes para quando a senhora estiver instalada e pronta para examiná-los.

Em silêncio, Arihnda esticou a mão. A expressão alegre de Tua cedeu só um pouquinho, e ela rapidamente passou o datapad para Arihnda.

– É o arquivo de cima, Vossa Excelência.

– Obrigada.

Arihnda acessou o arquivo e observou Tua pelo rabo do olho. A mulher tinha sido vice-ministra durante os últimos meses da administração do governador Azadi. A retirada e a prisão repentinas de Azadi sob acusação de traição foram um evento traumático para todo o corpo do governo, e, mesmo após todo esse tempo, era óbvio que Tua não havia se recuperado totalmente.

Arihnda torcia para que os demais também se sentissem assim. Subordinados nervosos trabalhavam com mais afinco ainda e se mantinham *muito longe* de confusão. Até que entendessem melhor a chefe que acabara de retornar, eles seriam educados, eficazes e fáceis de controlar ou intimidar.

O que era conveniente, porque a intimidação estava prestes a começar para valer.

– O que é este declínio na produção da refinaria? – perguntou ela ao virar o datapad. – Vinte por cento nos últimos quatro meses?

– São as minas, Vossa Excelência – respondeu Tua. – Elas foram tão exploradas nos últimos anos que estão ficando sem minério de qualidade.

– Sério? – disse Arihnda deixando a voz ficar um pouco mais fria.

Tua sentiu um nó na garganta.

– As minas foram muito exploradas – repetiu ela. – Também está cada vez mais difícil encontrar mineiros de qualidade. Muitos jovens vão para a Academia; o comandante Aresko armou toda uma série de incentivos para eles. Os jovens simplesmente não querem mais trabalhar nas minas como antigamente. Com o Império administrando as minas em vez das antigas famílias mineradoras...

– Então traga mineiros de fora do planeta – interrompeu Arihnda, que já havia notado que as minas administradas pelo Império tinham registrado a maior queda em número de trabalhadores. – Meus pais...

Ela parou quando um número na lista chamou a atenção.

– Aquele veio de dúnio *já* se esgotou? Isso é impossível!

– Lamento, Vossa Excelência, mas é verdade – disse Tua. – Eu mesma fui à mina. Todo o dúnio foi extraído.

– Entendo – falou Arihnda enquanto acessava os dados completos da Mineradora Pryce. O fato de Renking ter mantido o nome original tão descaradamente era apenas uma irritação a mais. – Neste caso, a Mineradora Pryce não vale o esforço dedicado a ela. Encerre as operações.

Tua arregalou os olhos com o choque.

– Perdão, Vossa Excelência?

– A ordem não foi clara?

– Não, Vossa Excelência – respondeu Tua às pressas. – A senhora quer... é para fechar a mina imediatamente?

– Imediatamente – confirmou Arihnda. – No fim do turno atual. Cuide disso pessoalmente, ministra.

– Sim, Vossa Excelência. – Ela deu meia-volta e começou a ir embora...

– Ministra?

Tua se voltou para ela.

– Sim, Vossa Excelência?

Arihnda esticou a mão com o datapad da mulher.

– Eu sei que o senador Renking está em Lothal neste momento – disse ela enquanto Tua recuperava rapidamente o aparelho. – Mande alguém informá-lo que quero vê-lo em meu gabinete assim que possível.

A sala de Arihnda no prédio do governo estava da mesma forma que ela deixara: bonita, mas com uma decoração apenas escassa. Os correligionários de Azadi haviam saqueado todos os bens pessoais após a

prisão dele, e Arihnda não se dera ao trabalho de substituí-los.

Nem pretendia fazer isso. Ela estava ali para trabalhar, não para relaxar entre enfeites sentimentais.

Arihnda passou o resto da tarde e o início da noite examinando os dados que se acumularam desde o último relatório de Azadi para Coruscant. A industrialização de Lothal estava ocorrendo em um ritmo satisfatório, mas ainda havia deficiências sérias que precisavam ser tratadas.

Era quase o momento do poente quando o droide no gabinete exterior anunciou que Renking chegara.

Não foi surpresa nenhuma para Arihnda quando o senador irrompeu pela porta sem esperar pela permissão para entrar.

– Bem-vinda, Vossa Excelência – disse ele sem um traço de boas-vindas na voz. – Por quanto tempo a senhora ficará aqui desta vez?

– Espero que eu fique aqui permanentemente – respondeu Arihnda.

– Maravilha. – Ele parou na borda da mesa, deixando a expressão carrancuda. – Agora: que diabos é isso de fechar a minha mina?

– *Sua* mina – contra-argumentou Arihnda calmamente. – Perdão, mas eu não me dei conta de que o senhor *tinha* uma mina. Eu achava que todas as minas em Lothal eram de propriedade e supervisão do Império.

– A senhora sabe do que estou falando – rosnou Renking. – Sua velha mina... Mineradora Pryce. Meu acordo com o Império foi ficar com 10% dos lucros.

– Isso já teria sido motivo suficiente para encerrar as operações – disse Arihnda. – Mas não se gabe. Fechá-la foi uma decisão puramente comercial. O veio de dúnio estava esgotado, e não há mineiros suficientemente experientes sobrando para desperdiçá-los em rochas que apresentam mau desempenho. Portanto, a Mineradora Pryce será fechada e seus empregados, transferidos para outro lugar.

– E suponho que a senhora vá decidir que pessoas vão para que lugar? – perguntou Renking com desconfiança.

– Eu deixarei isso a cargo da ministra Tua – falou Arihnda. – Mas parece justo que os melhores cargos sejam oferecidos para os funcionários com mais tempo de serviço.

– Esses são os funcionários da época em que *a senhora* administrou a mina, creio eu?

– É *assim* que o mérito por tempo de serviço funciona.

Renking chiou com os dentes cerrados.

– Eu não posso simplesmente ficar sentado aqui e aceitar isso, sabe – disse ele. – Posso trazer meus próprios especialistas e mostrar que a produção da mina está pelo menos no mesmo patamar que todas as outras minas em Lothal.

– O senhor poderia – concordou Arihnda. – Mas não fará isso. Quer saber o motivo?

– Estou morrendo de vontade de saber – disparou Renking sarcasticamente.

– Primeiro: porque a Mineradora Pryce é pequena demais para a briga valer a pena – respondeu Arihnda contando nos dedos. – O senhor tem negócios que pagam muito melhor, especialmente agora que o dúnio acabou. Dois: porque todo favor que o senhor queima por causa de uma mina sem valor é um favor que não pode pedir por outro motivo qualquer. Eu sei como o senhor trabalha. Não pode se dar ao luxo de desperdiçar favores por causa de orgulho.

Ela se permitiu fechar a cara.

– E três: a única forma pela qual eu poderia ter me tornado governadora assim tão jovem é se tivesse amigos e benfeitores poderosos. Amigos *muito* poderosos... e, após toda a sua investigação, eu ousou dizer que o senhor ainda não faz ideia de quem eles sejam. Até que faça, o senhor não vai ousar mover um dedo contra mim.

Por um longo momento, eles se encararam sobre a mesa. Depois, com outro chiado, Renking inclinou a cabeça.

– Neste caso, governadora, eu creio que nossa conversa esteja encerrada.

– Eu creio que sim, senador – concordou Arihnda. – Boa noite.

Ela esperou até que Renking estivesse fora do gabinete e que os droides porteiros relatassem que ele saíra do prédio. Aí, Arihnda ligou o holoprojetor da mesa e digitou um número conhecido.

O monitor acendeu com o rosto triangular, os olhos reluzentes e a crista protuberante de uma mulher Anx.

– Olá, Eccos – disse Arihnda. – Aqui é Arihnda Pryce. Como vai você?

Por um instante, os olhos se esbugalharam. Então, abruptamente, a líder mineradora Anx soltou um monte de palavras em shusugaunt.

– Calma, Eccos, calma – pediu Arihnda. – Na língua básica, por favor... o meu shusugaunt está bem enferrujado. Sim, estou de volta; e sim, ainda sou a governadora. Mas isso não significa que não podemos mais trabalhar juntas. Se você ainda estiver no negócio de ganhar dinheiro, quero dizer.

– É claro – falou Eccos, com palavras quase incompreensíveis por causa do sotaque carregado.

– Ótimo – disse Arihnda. – Você está ciente, obviamente, de que a Mineradora Pryce tinha um veio de dúnio que estava sendo explorado. Também presumo que você esteja ciente de que o veio se esgotou.

– Sim para os dois – respondeu Eccos com a voz cheia de pesar. – É muito triste.

– Na verdade, não, uma vez que nós duas sabemos que é mentira – falou Arihnda calmamente. – Eu vi o relatório e sei que o bloco de granito que teoricamente marcou o fim do veio não é nada mais do que uma intromissão. O dúnio continua do outro lado.

– Sério? – disse Eccos, parecendo surpresa. – Tem certeza?

– Claro que tenho – falou Arihnda. – Porque você vem explorando esse veio.

As bochechas enrugadas se contraíram com desalento.

– Governadora Pryce...

– Não perca seu tempo negando – interrompeu Arihnda – porque eu também vi as *suas* estatísticas. O motivo da ligação era contar que acabei de encerrar as atividades da Mineradora Pryce. Isso significa que, a partir de amanhã de manhã, você pode explorar pra valer aquele veio sem se preocupar que um dos homens de Renking vá ouvir suas máquinas por trás do granito.

As bochechas desta vez se incharam.

– Eu... não sei o que dizer.

– Então não diga nada – falou Arihnda. – Apenas retire aquele dúnio e leve para o refino.

Ela olhou brevemente para o mapa que acessou no datapad.

– Dependendo de aonde o veio vai, talvez a gente precise desalojar mais um fazendeiro ou dois para extraí-lo. Avise-me se você precisar que eu faça isso.

– Sim, governadora Pryce – disse Eccos. – Que a senhora descanse hoje à noite na ternura de seus sonhos.

– E você também – falou Arihnda.

Ela desligou e sentiu uma irritação nos ouvidos e na mente causada pela pura deselegância vulgar da despedida tradicional. Arihnda sempre considerara Lothal incomodamente rústica, mas a vida em Coruscant havia acentuado seriamente essa impressão. Ela se voltou novamente para o computador.

E parou. Pela janela voltada para o oeste, o sol estava começando a se pôr.

Por um momento, Arihnda assistiu ao poente e se recordou da noite quando a mãe fora presa e suas vidas foram mudadas para sempre. Na época, ela imaginara que o povo nas cidades grandes provavelmente nunca via o horizonte ou o pôr do sol, e se perguntara se eles já haviam pensado sobre tais coisas. Ou se sequer se importavam.

Arihnda tinha morado em Coruscant, a maior cidade da galáxia.

E, ao olhar pela janela, ela se deu conta de que realmente *não* se importava.

Arihnda apertou um botão para as cortinas se fecharem, deu as costas para o horizonte distante e voltou a trabalhar.

Os meses seguintes foram uma mistura desagradável de trabalho frenético, interações irritantes com os habitantes locais e um tédio implacável. Lothal era exatamente como Aarihnda se lembrava: cheio de humanos caipiras, não humanos ainda mais caipiras, padrões de paternalismo que geralmente minavam os negócios imperiais no planeta e uma estrutura social que não oferecia absolutamente nenhum entretenimento de qualidade.

O paternalismo era a pior parte. Durante os anos afastada na capital, o Império fortalecera gradualmente as indústrias do planeta, expandira as minas e, aos poucos, trouxera mais tropas para supervisionar tudo.

Mas nem todo mundo tinha ficado feliz com o novo rumo do planeta. Os antigos líderes e as famílias tradicionais estavam ressentidos por verem seu poder ser lentamente corroído e não deixaram de reunir os amigos, conhecidos e todos na sua esfera de influência para criticar a nova ordem. A reação imperial foi previsível: reprimiram a liberdade de expressão, restringiram direitos e seguiram a rotina de sempre.

Parte da rotina envolvia retirar fazendeiros de suas terras, às vezes para construir uma nova fábrica ou instalação militar, mais frequentemente para melhorar as operações de mineração. Naturalmente, os fazendeiros reclamavam da remoção forçada e chamavam os amigos para participar da discussão, que ocasionalmente descambava para a violência.

Era uma discussão inútil. Lothal tinha terras férteis mais do que suficientes para suas necessidades, e na verdade ainda era um exportador superavitário de alimentos. O punhado relativo de fazendas perdidas era desprezível, mas os fazendeiros despejados raramente viam dessa forma, e a oferta de empregos nas fábricas e minas geralmente era rejeitada sem a menor consideração.

Ainda assim, apesar das reclamações de uma pequena minoria, o trabalho continuava a progredir. Aqueles que alegavam que a nova mudança criaria trabalhos e prosperidade foram vingados. Os que reclamavam em voz alta do aumento da presença imperial e discursavam sobre catástrofe passaram a murmurar baixinho.

Mas nem todas as ameaças eram internas. Aarihnda estava em Lothal fazia três meses quando surgiu de mansinho um perigo inesperado.

– Sim, Vossa Excelência, eu notei este relatório há alguns dias – disse a ministra Tua, confusa, franzindo a testa diante da página que Aarihnda acessara no computador. – Não entendo por que isso é um problema.

– Não entende – falou Aarihnda ameaçadoramente.

Apesar de toda a experiência de Tua em administrar a infraestrutura industrial de Lothal, a mulher era completamente cega para outras questões.

– A governadora de Kintoni está oferecendo expandir as áreas de uso militar para pouso e manutenção, e a senhora não entende por que isso é um problema?

– Não, Vossa Excelência – disse Tua, parecendo mais confusa do que nunca. – Eu achava que, quanto mais presença naval na área, melhor. Com todos os piratas e contrabandistas...

– Não queremos mais presença naval nesta área – rosnou Aarihnda.

Será que a mulher não entendia *nada*?

– Nós queremos mais presença naval *em Lothal*. A senhora entendeu? *Apenas* em Lothal.

Tua se encolheu na cadeira, com os olhos arregalados de surpresa e medo. Ótimo.

– Vossa Excelência...

– Nós queremos que Lothal seja o centro desta parte da Orla Exterior – falou Aarihnda baixinho. De certa forma, o tom mais calmo parecia assustar Tua mais do que o rompante. – Isso significa indústrias, mineração, comércio, academias militares e juvenis maiores... e uma presença naval *poderosa* para manter tudo isso. Se Kintoni começar a atrair nossas naves, todo o resto irá atrás.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– A senhora quer viver em Lothal do jeito que era, ministra Tua? Ou sequer se lembra de como era há tanto tempo assim?

Com um esforço visível, Tua encontrou a voz.

– Eu compreendo, Vossa Excelência, mas...

– Mas a senhora não consegue ver o que podemos fazer a respeito – disse Arihnda, subitamente com nojo.

Mesmo com toda a educação recebida fora do planeta, Tua estava ali voltando a raciocinar como uma nativa. Quer dizer, raciocinando quase nada.

– Eu estou de saída para Coruscant imediatamente – falou Arihnda enquanto desligava o monitor e ficava em pé. Lá se fora a mudança permanente. – A senhora estará no comando até eu voltar.

– Sim, Vossa Excelência – respondeu Tua, que demorou a ficar de pé. – Ah... posso perguntar quanto tempo a senhora ficará ausente?

– Até eu acabar com essa situação – disse Arihnda. – De uma forma ou de outra.

– Lamento, mas o grão-moff Tarkin não está em Coruscant no momento – falou a recepcionista do gabinete de Tarkin, em tom de voz educado, porém distante. – Se a senhora quiser, posso mandar uma mensagem para ele.

– Não é necessário – disse Arihnda, que realmente não esperava que Tarkin estivesse ali, mas valia a pena tentar. – Só acrescente uma nota à próxima coisa que enviar para ele dizendo que a governadora Arihnda Pryce manda lembranças.

– Sim, governadora.

Então a recepcionista não reconheceu Arihnda, fosse pelo rosto ou nome. Não era de surpreender, na verdade. Havia milhares de governadores no Império, e era impossível esperar que alguém memorizasse sequer um décimo deles.

Ainda assim, Arihnda tinha esperança de que seria reconhecida.

O holocomunicador do airspeeder estava piscando para avisar que havia uma chamada em espera quando ela voltou. Arihnda olhou para o identificador, sorriu para si mesma e apertou o botão.

– Aqui é a governadora Arihnda Pryce – ela se identificou para o homem uniformizado que atendeu. – Estou retornando uma ligação do comodoro Thrawn.

– Um momento, governadora.

O monitor ficou em branco. Um minuto depois, o rosto azul e os olhos vermelhos conhecidos de Thrawn apareceram.

– Srta. Pryce – disse ele, inclinando a cabeça na direção de Arihnda para cumprimentá-la. – Ou, devo dizer, governadora Pryce.

– Obrigada por retornar a minha ligação, comodoro – falou Arihnda.

Ela decidiu deixar o tropeço de lado, pois conhecia muito bem a falta de tato de Thrawn em questões políticas e sociais e sabia que não havia sido um insulto intencional. Além disso, nunca era uma boa ideia repreender alguém que estava prestes a ser útil, como Arihnda esperava.

– O senhor teve a oportunidade de examinar as propostas que lhe enviei?

– Tive – respondeu Thrawn, que baixou os olhos na direção de alguma coisa fora da tela. – Se entendi corretamente, a senhora quer minha opinião se Lothal ou Kintoni seria a melhor localização para uma expansão da presença da Marinha naquela parte da Orla Exterior.

– Correto – disse Arihnda, cruzando os dedos mentalmente.

Contra seus instintos naturais, ela descartara o plano original de avaliar sutilmente os dados e propostas a favor de Lothal. Thrawn talvez notasse uma manipulação dessas, e aí seria o fim de qualquer chance de trazê-lo para o lado de Arihnda.

– Obviamente, eu tenho um interesse na questão, mas tentei apresentar a escolha da maneira mais justa

possível.

– E foi o que a senhora fez, governadora – reconheceu Thrawn, com os olhos ainda voltados para fora da tela. – Eu tomei a liberdade de confirmar suas anotações e mapas com os arquivos da Marinha. Sua apresentação estava notadamente justa.

– Obrigada – falou Arihnda, sentindo um arrepio nas costas. Ainda bem que não tentara ser tendenciosa. – Sua conclusão?

– Ambos os sistemas oferecem vantagens – disse Thrawn, finalmente olhando de volta para ela. – Mas, se tivesse que escolher um, eu escolheria Lothal.

Arihnda suspirou silenciosamente.

– Obrigada, comodoro – agradeceu ela. – Posso citá-lo quando fizer minha apresentação diante do Alto Comando?

– Não há necessidade, governadora – respondeu Thrawn. – Eu fiz uma análise completa que inclui minhas conclusões. Posso mandá-la para a senhora agora, se quiser.

– Eu quero mesmo – falou Arihnda. – Obrigada.

– Não precisa agradecer – garantiu ele. – Estou sempre pronto para ajudar a Marinha Imperial de qualquer maneira possível. Mais alguma coisa?

– Não desta vez, comodoro – respondeu Arihnda. – Espero que nossos caminhos se cruzem novamente em breve. Adeus.

– Adeus, governadora.

Levou alguns momentos para o relatório ser carregado, primeiro para o airspeeder dela e depois para um datacard. Arihnda observou o progresso enquanto repassava tudo aquilo na mente. Com a bênção de Thrawn à mão, só havia uma pessoa que Arihnda ainda precisava ver antes de estar pronta para apresentar sua causa ao Alto Comando.

E havia um motivo para ela ter colocado esse contato em último lugar na lista. Ela colocou o datacard no bolso e dedicou um momento para se preparar mentalmente. Depois, Arihnda entrou no fluxo do tráfego e cruzou o Distrito Federal na direção de um lugar conhecido – conhecido até demais.

O gabinete do senador Domus Renking.

– Eu mal esperava vê-la aqui hoje – comentou Renking formalmente ao conduzi-la a uma cadeira.

Arihnda achava que o senador ainda estava furioso pela perda da Mineradora Pryce, mas não estava pronto para tentar um contragolpe contra ela.

– Eu soube que a senhora estava em Coruscant, mas presumi que passaria seu tempo com todos aqueles amigos e benfeitores poderosos que usou uma vez para me ameaçar.

– Visitas sociais podem esperar – disse Arihnda ao puxar o datacard. – Eu presumo que o senhor ouviu falar sobre o pedido de Kintoni por uma presença naval maior no sistema deles.

– É claro – respondeu Renking, franzindo a testa ao se sentar atrás da mesa. – E daí?

– Daí que nem mesmo a Marinha tem recursos infinitos – falou Arihnda com a maior paciência possível.

Ela deveria ter adivinhado que Renking estaria tão concentrado em suas intrigas políticas mesquinhas que não teria percebido o significado completo da manobra por poder executada pela governadora Sanz.

– Daí que todo crédito que a Marinha gasta em Kintoni é um crédito que *não* é gasto em Lothal. Então temos que impedir isso.

– Tudo bem, certo – falou o senador. – Entendi os argumentos. Presumo que tenha algumas ideias?

– É claro – respondeu Arihnda. – O plano tem três frentes. Primeiro, eu tenho uma proposta mostrando o que Lothal pode fazer quanto a áreas de pouso e manutenção. Aqui estão os detalhes. – Ela entregou um datacard para Renking. – Segundo, tenho uma análise e recomendação para Lothal feitas pelo comodoro Thrawn. Terceiro...

– Thrawn? – interrompeu o senador, que franziu a testa de novo. – Aquele tenente de pele azul que conhecemos na festa da Semana da Ascensão?

– Sim, só que ele é um comodoro agora. E é muitíssimo respeitado pelo Alto Comando. A opinião de Thrawn deve ter um peso importante. E terceiro... – Arihnda ergueu as sobrancelhas – ... eu quero que o senhor trabalhe na governadora Sanz.

– Trabalhe nela como?

– Eu não sei – falou Arihnda com impaciência. – Fale com ela, discuta, convença-a... como quiser fazer, depende do senhor. Apenas faça com que a governadora retire a proposta.

– Posso tentar – disse Renking. – Quanto tempo eu tenho?

– As apresentações serão ouvidas daqui a seis dias – respondeu ela. – Eu vou passar esse tempo ajustando minha proposta e procurando por aliados no Senado. Eu sugiro que o senhor passe esse tempo trabalhando em Sanz.

– Pode deixar – falou ele. – Da maneira que eu quiser?

Arihnda ergueu a mão.

– Apenas faça o que o senhor faz de melhor, senador. Faça o que faz de melhor.

– Todos em pé – entou o suboficial parado ao lado da mesinha.

Sentada no meio da multidão na galeria dos requerentes, Arihnda ficou em pé, com Renking ao lado dela, quando um oficial e dois civis entraram na sala. Do outro lado do corredor estreito, ela notou a governadora Sanz quando a mulher se levantou com o resto das pessoas daquele espaço da galeria. Aos olhos de Arihnda, as costas de Sanz pareciam extraordinariamente tensas.

O comitê ocupou suas cadeiras, e, quando os requerentes se sentaram, a civil no meio pegou o datapad diante dela, sobre a mesa.

– O comitê seletor do Alto Comando Imperial estudou as várias propostas que foram trazidas a ele – disse ela. – Estamos aqui para tornar públicas nossas decisões.

A mulher tocou no datapad.

– Primeiro: na questão de Lothal contra Kintoni em relação a um contrato de expansão de áreas navais. O contrato vai para Lothal.

Arihnda sentiu uma onda de alívio. Ela deu uma olhadela para o outro lado do corredor, e pareceu que um pouco da tensão de Sanz passou.

Estranho, dado que seu pedido acabara de ser negado. Talvez ela não quisesse tanto o contrato como havia demonstrado.

– Podemos ir agora – chamou Renking baixinho ao tocar na manga de Arihnda.

– Pode ir – murmurou ela de volta enquanto examinava o datapad. – As próximas petições também são questões que envolvem a Orla Exterior. Eu gostaria de ver como serão resolvidas.

Renking grunhiu.

– Tudo bem – disse ele, que ficou em um silêncio mal-humorado.

Arihnda ficou de olho em várias petições, e nenhuma das decisões do comitê foi uma surpresa. Finalmente, após vinte minutos, ela acenou com a cabeça e gesticulou para Renking ir ao corredor. Ele ficou de pé e passou pelo resto das pessoas na fileira, com Arihnda logo atrás dele.

– O plano deu certo – comentou Renking quando os dois saíram do auditório e foram para a saída do prédio. – Creio que a senhora mereça os parabéns.

– Obrigada – falou Arihnda.

De rabo de olho, ela viu uma mulher com a túnica branca do DSI se dirigindo para a entrada, indo na direção deles.

– Mas não teríamos conseguido sem o senhor.

– Fico feliz por ter feito a minha parte...

– Senador Domus Renking? – perguntou a mulher.

Renking se voltou para ela e teve uma pequena contração ao notar o uniforme.

– Sim – respondeu ele com cautela.

– Major Hartell, DSI – identificou-se a mulher. – Preciso que venha comigo, senhor.

– Para quê? – perguntou Renking, começando a fechar a cara. – Do que se trata?

Arihnda notou, pela visão periférica, que os transeuntes estavam começando a parar e diminuir o passo, e cabeças estavam se virando.

– O senhor realmente quer ter esta conversa aqui, senador? – perguntou Hartell.

– Eu lhe digo o que *não* quero – contra-argumentou Renking, com o tom de voz começando a subir. –

Eu não quero que algum laçao do DSI jogue meu nome em uma lista só para que outro laçao do DSI possa fazer joguinhos de poder com o Senado Imperial. Eu exijo saber a acusação, se é que existe uma, e quem é o acusador.

– Como queira, senador – falou Hartell. – O acusador, neste caso, é o próprio Departamento de Segurança Imperial. A acusação é de suborno.

Renking ficou sem fôlego.

– O quê? – perguntou ele, com palavras que saíram de lábios retesados.

– Não aja com tanta surpresa – disse Hartell. – Há quatro dias, o senhor entrou em contato com a governadora Sanz de Kintoni e ofereceu um enorme suborno se ela retirasse a petição de seu planeta diante do Alto Comando. A governadora Sanz declinou, alegando que uma retirada a essa altura levantaria suspeitas, mas depois concordou com sua contraproposta de que ela sabotasse a apresentação, com o dobro do suborno original sendo pago se Lothal vencesse o contrato.

Renking assumiu a expressão de um animal caçado.

– Isso é uma mentira – insistiu ele. – Tudo isso.

Mas, para Arihnda, o tom parecia mais preocupado do que desafiador.

– *Pryce?*

– O senhor realmente não deveria discutir atos criminosos com o datacard de outra pessoa na sua bolsinha de datacards – disse Arihnda calmamente.

– Mas... – Renking disparou um olhar para Hartell e voltou a encarar Arihnda. – A senhora me *mandou* fazer isso.

– Eu mandei conversar, discutir ou persuadi-la – corrigiu Arihnda. – Eu nunca sugeri ou sequer insinuei que o senhor tentasse suborná-la.

Ela gesticulou para Hartell.

– Tudo isso também está na gravação.

– Correto – falou Hartell. – Obrigada pela ajuda, governadora Pryce. A senhora pode ir. Senador Renking, siga-me, por favor.

Renking deu uma última olhada para Arihnda, com uma expressão mista de descrença e ódio. Então, sem dizer uma palavra, ele deu meia-volta e acompanhou Hartell até a saída.

Em volta deles, após o encerramento daquele drama, o povo de Coruscant retomou suas atividades.

– Eu irei para Lothal de manhã – disse Arihnda para a recepcionista em seu gabinete em Coruscant enquanto recolhia os datacards que havia se esquecido de pegar mais cedo naquele dia. – Não devo me ausentar por muito tempo, porém. Há algumas reuniões e conferências no próximo mês de que quero participar, o grão-moff Tarkin me convidou para conhecer Eriadu, e eu certamente vou querer voltar para a Semana da Ascensão. Então é melhor deixar tudo aberto e funcionando.

– Sim, governadora – falou a recepcionista. – Ah, a senhora recebeu outra mensagem há cerca de duas horas de uma tal de Juahir Madras.

Arihnda travou.

– Juahir Madras?

– Sim, governadora, do centro de detenção de Oovo IV. Ela escreveu... ah, cerca de vinte dessas mensagens ao longo do ano passado, mais ou menos. Eu encaminho, mas seu gabinete em Lothal sempre devolve as mensagens. A senhora quer levá-las agora?

Arihnda respirou fundo. Juahir Madras. Sua velha amiga. Sua velha amiga traidora.

– Não, mantenha as mensagens aqui – respondeu ela. – Eu aviso quando estiver pronta para lê-las.



CAPÍTULO

22

O soldado no campo e o tripulante a bordo de uma nave de batalha inevitavelmente enxergam a guerra a partir de uma perspectiva limitada. O objetivo dos dois é cumprir sua missão e confiar que seus comandantes conheçam a situação em larga escala e a vasta gama de fatos, posições, opções e perigos. A liderança é um papel e um dever que não pode ser almejado levemente. Nem a lealdade deve ser dada sem motivo. Mesmo que o motivo primário seja apenas o juramento de um soldado, um verdadeiro líder tem que se esforçar para provar que merece uma confiança mais profunda.

Mas liderança e lealdade são ambas armas de dois gumes. Cada uma pode ter seu propósito original deturpado. As consequências nunca são agradáveis.

– Se conseguir, convença-os – disse o almirante de esquadra Jok Donassius, com a cara fechada e furiosa no holoprojetor. – Se precisar, devaste-os. Mas detenha-os, de uma forma ou de outra. E detenha-os rapidamente.

– Compreendido, almirante de esquadra – respondeu Thrawn, com a voz controlada e calma.

Bem mais controlada, pensou Eli, e bem mais calma que ele próprio se sentia naquele exato momento.

E, pela expressão que ele pôde ver nos rostos do resto da tripulação da ponte da *Quimera*, ele não era o único que estava apreensivo.

Não era de admirar. Não fazia tanto tempo assim desde que a crise separatista provocara a devastação sangrenta das Guerras Clônicas. Bilhões haviam morrido naquele conflito, e centenas de planetas tinham sido praticamente destruídos. Milhares de outros ainda estavam se esforçando para sair da beira do precipício. A última coisa de que a galáxia podia se dar ao luxo era uma repetição daquele horror.

Mas o governador Quesl e o povo de Botajef aparentemente estavam prontos para tentar.

Thrawn e Donassius terminaram a conversa, e o holoprojetor se apagou. Por um momento, Thrawn continuou a olhar para o aparelho vazio, como se ponderasse as ordens que acabara de receber. Então, ele ergueu a cabeça alguns centímetros e deu meia-volta para encarar os oficiais superiores.

– Comandante Faro, mande o leme traçar uma rota para Botajef – ordenou Thrawn.

– Sim, senhor.

Faro olhou para o timoneiro – que, Eli notou, já observava a comandante com atenção – e ergueu um dedo. O timoneiro acenou com a cabeça e se voltou para o painel.

– Rota traçada para Botajef, comodoro – confirmou Faro.

– Obrigado. – Thrawn olhou para o grupo. – Comentários? Capitã-tenente Pyrondi?

– Com todo o respeito, senhor, acho que eles são malucos – disse a oficial de armas Pyrondi, um

pouco hesitante.

Como a mais nova integrante do corpo de oficiais da ponte de comando da *Quimera*, ela ainda estava se acostumando ao estilo particular de Thrawn de consulta aberta sobre tática.

– Eles realmente acham que podem se separar do Império sozinhos?

– Quem disse que *estão* sozinhos? – contra-argumentou Faro friamente. – Há muita inquietação na galáxia, e essa inquietação está crescendo.

– Embora grande parte seja apenas lamentação – falou Eli.

– Até agora – disse Faro enfaticamente. – Mas quem pode afirmar que Quesl não tem uma centena de outros sistemas apoiando-o em segredo, todos apenas esperando para ver se ele vai muito longe antes de fazerem suas próprias proclamações de independência?

– *Não muito longe* é exatamente aonde Quesl vai chegar – falou Pyrondi. – Quero dizer, é sério, senhora? Temos poder de fogo suficiente para gravar nossas iniciais no leito de rocha de Botajef.

– Um fato do qual o governador Quesl está ciente, sem dúvida – disse Thrawn. – O que, então, ele espera ganhar com suas palavras de rebeldia?

– Essa é a questão, senhor – concordou Faro. – Se ele é o representante de um monte de outros sistemas, apenas dar uma surra em Quesl não vai necessariamente resolver o problema. Pode até exacerbá-lo. Se ele estiver sozinho – ela gesticulou para Pyrondi –, então a capitã-tenente Pyrondi está certa, muito provavelmente. O sujeito é maluco.

– Porém, caso ele seja, Quesl escolheu um ótimo lugar para protestar – falou Pyrondi. – Eu conheci alguns Jefies na minha vida. Eles são os seguidores mais fiéis da galáxia. Se você consegue persuadi-los de que é o líder deles, os Jefies vão segui-lo a qualquer lugar. E, mesmo com toda a imigração que ocorreu no último século, eles ainda são bons 85% da população planetária.

– E, no entanto, eles não reclamaram quando Coruscant indicou um governador humano para o planeta deles? – perguntou Eli.

– Como eu disse, senhor, os Jefies são seguidores – explicou Pyrondi. – Se você provar que é um líder, eles vão te dar apoio. Quesl deve ter provado isso, e muito mais.

– Essa também é a minha interpretação dos Jefies – concordou Thrawn. – O que sugere que a melhor estratégia pode ser criar um novo líder para eles.

– Presumindo que eles estejam simplesmente seguindo Quesl cegamente, senhor, e não acreditem nessa questão de secessão – alertou Pyrondi. – O senhor pode pegar um grupo de fiéis seguidores Jefies, e eles podem não precisar de um líder para lhes dizer o que fazer. Tem muita coisa que não sabemos sobre eles.

– Então devemos aprender – disse Thrawn. – A ponte é sua, comandante Faro. Eu quero a *Quimera* pronta para combate em quatorze horas, a partir de agora.

– Ela estará, comodoro – falou Faro com a cara fechada, e, nos olhos dela, Eli notou as memórias ardentes e chamejantes das experiências que ela tivera durante as Guerras Clônicas. – Conte com isso.

A história de Botajef consistia em longos períodos de obediência passiva, seguidos por breves episódios de conflito geralmente encarniçado, seguidos por nova liderança e uma nova era de obediência passiva.

A arte jefi seguia o mesmo padrão: curvas interrompidas por linhas perfeitas ou ângulos retos, com uma gama de cores que refletia o espectro emocional e ético grupal. As esculturas eram em baixo relevo, talvez indicando que os próprios Jefies reconheciam as deficiências de sua matriz cultural. Em comparação, as treliças penduradas, com seu balanço gentil, indicavam que eles também reconheciam a estabilidade básica de seu sistema político.

– Comodoro? – veio a voz de Vanto.

– Entre.

Vanto andou entre os hologramas e se aproximou.

– Arte jefi?

– Sim.

– Bonita – comentou Vanto enquanto o olhar percorria as obras. – Um pouco irregular para o meu gosto, mas bonita. Eu vim informá-lo, comodoro, que estamos a duas horas de Botajef e a *Quimera* está pronta para a batalha.

– Obrigado, tenente – disse Thrawn. – O senhor parece atormentado. Está preocupado com o confronto iminente?

– Estou – respondeu Vanto. – Mas provavelmente não da maneira como todos os outros estão. Estou preocupado que tenhamos recebido esta missão porque certas pessoas estão tentando conspirar contra o senhor.

– O senhor tem alguma prova disso?

– Não há provas, mas muita lógica – falou Vanto. – Nós sabemos que há autoridades do governo que não gostam do senhor, muitas das quais também não gostam de não humanos em geral. Então agora nós temos um planeta majoritariamente não humano proclamando independência, com uma frota robusta de defesa do sistema para respaldá-la. Os dois resultados mais prováveis são, primeiro, que o senhor vá esmagar os Jefies; ou, segundo, que a força de defesa de Botajef nos sobrepujará e nos expulsará do sistema.

– Felizmente, há mais do que apenas essas duas opções.

– Espero que sim – disse Vanto – porque, no meu primeiro cenário, Coruscant pode pintá-lo como o alienígena maluco possuído por uma fúria homicida que esmagou um mundo de Jefies e humanos inocentes que estavam apenas obedecendo ao líder designado. No segundo cenário, o senhor é pintado como um incompetente, e eles o rebaixam ao comando de um transporte de minério.

– Interessante o senhor ter escolhido isso como exemplo – falou Thrawn.

Os hologramas de arte jefi sumiram e foram substituídos por um mapa do Império.

– O senhor se lembra do posto que a capitã Filia Rossi detinha antes de comandar a *Corvo Sangrento*?

– Primeira-oficial em uma nave de escolta de cargueiros de minério, não era? – perguntou Vanto.

– Sim – disse Thrawn. – Sei que o senhor e alguns dos demais tinham reservas na época sobre a capacidade e tempo de serviço de Rossi. Mas considere o que sabemos agora a respeito do dúnio e de outros metais estarem saindo do mercado. Talvez os cargueiros de minério que ela estava escoltando fossem mais importantes do que qualquer pessoa sabia na época.

– Interessante – falou Vanto, pensativo. – Não apenas isso, mas agora eu me lembro de que o posto anterior de Rossi foi em Socorro. Muitos cinturões de asteroides de dúnio ali. Eu fico imaginando... como o senhor disse, ninguém sabia o significado daqueles cargueiros. Fico imaginando se aquilo poderia ter feito alguém ser um pouco menos cuidadoso com a segurança do que eles são agora.

– É verdade – disse Thrawn. – No caso, deve ser possível rastrear as remessas e descobrir onde esta operação está ocorrendo.

– Posso tentar. – Vanto franziu a testa quando a palavra chamou a atenção. – Operação, no singular? O senhor acha que esse é um projeto único?

– Acho – falou Thrawn. – Pense bem. Peças de hiperdrives estão sendo retiradas de depósitos, mas nenhum hiperdrive montado desapareceu até agora. Peças de motores subglow estão sendo retiradas da mesma forma, mas nenhum motor completo.

– Interessante – comentou Vanto. – Embora isso possa apenas indicar que eles não querem carregar por aí coisas que sejam volumosas.

– Talvez – disse Thrawn. – Embora certamente existam transportes suficientemente grandes para carregar tais itens. Minha conclusão é que eles talvez estejam criando hiperdrives e motores subglow de um

tamanho jamais visto antes.

Vanto arregalou os olhos em choque.

– O senhor está dizendo algo ainda maior do que um destróier estelar?

– Pela minha interpretação dos dados, consideravelmente maior – respondeu Thrawn. – Confesso que sinto um certo mau pressentimento diante dessa conclusão. Eu já vi essa mesma... *omseki*.

– Síndrome.

– Eu já vi essa síndrome antes – continuou Thrawn. – Naves de linha do tamanho de destróieres estelares apoiadas por uma grande quantidade de caças são a formação naval mais eficiente e flexível tanto para intimidação como para combate. No entanto, há muitos que consideram que *maior* é o equivalente de *melhor*. Até mesmo o Império tem recursos limitados, e eu temo que esses recursos não sejam sempre distribuídos de maneira sensata.

– São as realidades de uma enorme burocracia – refletiu Vanto com tristeza. – Duas burocracias, neste caso, se o senhor contar tanto o governo como a Marinha. Há sempre desperdícios, às vezes muito grandes, que escapam pelas frestas do processo de revisão.

– Isso é verdade, infelizmente – concordou Thrawn. – Talvez eu ainda venha a ter uma oportunidade de expressar minhas considerações sobre as estratégias desses sistemas de armas de larga escala.

– Bem, o senhor é convidado a ir a Coruscant muito regularmente – salientou Vanto. – Talvez...

Ele parou de falar ao compreender subitamente.

– O senhor sabe onde ela está, não é? Descobriu onde eles estão construindo essa monstruosidade.

– Eu faço certa ideia.

– Eu deveria ter imaginado que o senhor teria uma ideia – disse Vanto. – Imagino que o senhor tenha rastreado os cargueiros de minério de Rossi?

– Não consegui descobrir o destino final – respondeu Thrawn. – No entanto, descobri o vetor mais provável para as remessas.

– O que apenas lhe dá... – Vanto sorriu diante de uma nova compreensão. – Mas nós também temos o vetor provável para aquela nave de escravos Wookiees. Então, presumindo que todos eles estavam indo para o mesmo lugar, o senhor cruzou os vetores...

– E encontrei uma localização – completou Thrawn. – Pode não ser a localização correta, é claro. Talvez surja uma oportunidade para visitá-la em algum momento. Enquanto isso, nós temos que lidar com Botajef.

– Sim – falou Vanto. – Presumo que o senhor tenha um plano.

– Tenho.

O mapa galáctico desapareceu e foi substituído pela imagem de um humano parado atrás de um pódio.

– Esta é a gravação da declaração de independência do governador Quesl há trinta horas.

– Sim, eu vi – disse Vanto. – Em termos de discurso, o sujeito realmente faz o ambiente pegar fogo.

– O senhor notou as obras de arte expostas na parede atrás dele?

– Todas as 57 peças. – Vanto deu um sorriso irônico. – Sim, eu contei. E também gravei hologramas de todas as obras visíveis naquela gravação, caso o senhor quisesse ver o que era possível extrair sobre o sujeito.

– Obrigado – falou Thrawn. – No entanto, as obras de arte não vão nos dizer nada sobre o governador. Elas foram colecionadas no decorrer de séculos pelo povo jefi, e nenhuma das peças nem sua disposição foram alteradas pelo governador Quesl.

– E o senhor sabe disso porque já verificou os registros antigos – disse Vanto, um pouco desapontado. – Bem, na hora pareceu uma boa ideia.

– Foi uma ideia excelente – elogiou Thrawn. – Em outras circunstâncias, poderia ter sido de grande utilidade. Mas eu chamo sua atenção para as palavras do governador e sua forma de falar. O que o senhor ouviu?

– Bem, ele não se acanha em relação a seus objetivos e sentimentos – respondeu Vanto. – O governador deixa bem claro que não tem intenção de manter Botajef no Império.

– No entanto, Quesl não deveria também ter demonstrado algum reconhecimento do poder que certamente será empregado contra ele?

– Certamente é algo a ser pensado – disse Vanto, esfregando o queixo em concentração. – Agora que o senhor falou, o governador está quase desafiando Coruscant a vir enfrentá-lo.

– Farei uma previsão – falou Thrawn. – Creio que, quando chegarmos, veremos armamento pesado distribuído em volta do prédio central do governo. Também prevejo que o governador Quesl repetirá o desafio diretamente para a *Quimera*.

– Sêrio? – falou Vanto. – E as forças de defesa planetária?

– Ele inicialmente vai empregá-las para manter a *Quimera* longe. Em algum momento, mais tarde, elas serão enviadas para atacar.

– Tática interessante – disse Vanto. – Descobriremos em breve.

– Com certeza – falou Thrawn. – Pode voltar à ponte agora. Quando chegar, mande a comandante de caças Yve e o comandante stormtrooper Ayer se apresentarem a mim aqui. Eu tenho algumas últimas ordens para os dois.

A *Quimera* chegou a Botajef exatamente dentro do prazo.

E não é que Thrawn estava certo?

– Duas corvetas CR90 saindo da órbita – relatou Eli dando uma olhadela rápida no visor tático. – Vindo por estibordo e bombordo, possivelmente tentando nos flanquear, mas se mantendo longe da distância de tiro. Cinco esquadrões de interceptadores V-19 Torrent emergindo da base do polo norte; dois outros esquadrões saindo do polo sul.

– Ambos os sistemas de armas das corvetas estão frios – acrescentou Faro. – Eles podem ter sido surpreendidos.

– Captando três grupamentos de turbolasers terrestres – disse Eli sorrindo para si mesmo. – As coordenadas estão no visor tático. Percebam que um deles está na capital, com cinco turbolasers distribuídos em volta do palácio do governador.

– Em volta do *palácio*? – repetiu Faro sem acreditar. – Ele está *mesmo* contando com o autocontrole imperial, não é?

Eli se recordou da batalha em Umbara e da precisão cirúrgica dos tiros que depois a *Vespa Trovejante* deu no veio de pré-especiaria em Cyphar.

– É mais provável que ele não conheça a precisão da artilharia imperial, senhora.

– Talvez nós tenhamos a oportunidade de ensiná-lo – falou Thrawn. – Capitã-tenente Yve, lançar TIE.

– Lançando TIE, comodoro – respondeu Yve. – Alvos?

– Mande quatro para cada corveta – ordenou Thrawn. – Eles não devem disparar, mas sim realizar rasantes próximos, dois a estibordo e dois a bombordo. Os outros TIE se deslocarão para formar um escudo entre nós e os V-19.

– Incluindo a unidade especial, senhor?

– Sim – disse Thrawn. – Eles não devem disparar até e se eu mandar.

– Sim, senhor. – Yve se voltou para o painel.

Eli franziu a testa. Ele não ouvira falar nada de uma unidade especial de TIE. Seria algo que Thrawn e Yve combinaram depois de ele ter saído da cabine do comodoro para ir à ponte?

– O senhor não vai deixar os TIE se defenderem, senhor? – perguntou Faro.

– Estou oferecendo um único tiro livre para os Jefies, comandante – respondeu Thrawn calmamente. – Dito isso, eu não acredito que eles atacam primeiro.

– Comodoro, estamos recebendo um sinal do governador Quesl – informou Lomar.

– Coloque no monitor.

O monitor de transmissão se acendeu com a mesma cara fechada e encarquilhada que Eli tinha visto na gravação anterior. Quesl estava mais próximo da câmera desta vez, e de perto ele parecia ainda mais desagradável e ardiloso.

– Aqui é o governador Quesl do sistema livre de Botajef – entoou ele. – Vocês invadiram o espaço jefi. Se não se retirarem, levarão tiros.

– Aqui é o comodoro Thrawn, comandante do destróier estelar imperial *Quimera* – falou Thrawn. – Infelizmente, o senhor está agindo baseado em um mal-entendido, governador. De acordo com o tratado assinado pelos Jefies após as Guerras Clônicas, qualquer mudança de condição deve obedecer às regras gerais previstas na seção dezoito, parágrafo quatro.

O rosto encarquilhado se afastou da câmera, e Eli notou um vislumbre das obras de arte penduradas na parede atrás dele.

– Do que o senhor está falando? – exigiu Quesl. – Esse tratado não existe.

No visor tático, os quatro caças TIE passaram pela corveta a estibordo como Thrawn ordenara. Eli ficou apreensivo e imaginou se a corveta consideraria aquilo um ataque e abriria fogo.

Felizmente, a nave não atacou. Tirando uma leve tremida da proa, na verdade, a corveta não teve nenhuma reação. A corveta a bombordo foi ainda mais otimista em relação ao rasante dos TIE, sem sequer aquela tremida de puro reflexo.

– Sua falta de conhecimento em relação ao posto que lhe foi designado é intrigante – disse Thrawn. – Diante das circunstâncias, chamo sua atenção para o parágrafo sete. Aquela cláusula diz que, antes que qualquer negociação possa ser aberta, o governador ou outro líder deve estar completamente desarmado.

Ele gesticulou para o visor tático.

– Eu, portanto, devo insistir que estas baterias de turbolasers em volta de seu palácio sejam removidas.

– Ah, o senhor insiste, não é? – retrucou Quesl em um tom condescendente. – Muito bem. Comodoro ou não, destróier estelar imperial ou não, o senhor ainda assim não ousa encarar um povo livre e suas armas? Tem medo de que nossa mordida seja tão feroz quanto o latido?

Ele cruzou os braços, com um sorriso debochado no rosto.

– O senhor quer retirar aqueles turbolasers, comodoro Thrawn? Pois bem. Retire-os o senhor mesmo.

– Muito bem – falou Thrawn, que gesticulou para Yve. – Capitã-tenente?

– Sim, senhor – respondeu Yve. – Unidade especial: *entrar em ação*.

No visor tático, seis dos caças TIE que estavam se deslocando para interceptar os V-19s abruptamente saíram da formação. Eles costuraram facilmente por entre a formação dos defensores e rumaram diretamente para a capital e o palácio.

– O quê? *Não!* – berrou Quesl. – Defensores: *defendam!*

Os turbolasers abriram fogo, os disparos brilhantes cortaram o ar na direção dos caças que se aproximaram.

Foi um exercício inútil. O treinamento dado aos pilotos de TIE por Yve foi excelente, e os próprios caças estelares eram rápidos e ágeis. Eles desviaram dos disparos facilmente e se aproximaram do palácio mesmo com o aumento dos tiros dos defensores.

– Não é tarde demais para se render, governador – disse Thrawn.

– Jamais – disparou Quesl, cujo rosto estava contraído com iniciativa, e os olhos se voltaram para algum ponto fora da câmera. – Eu morrerei com dignidade e graça, e com a força e rebeldia totais do povo Jefi ao meu lado.

– Seu espírito é admirável – falou Thrawn –, mas sua atitude dramática é totalmente desnecessária. Observe o poder e a capacidade da Marinha Imperial.

Os TIE chegaram ao palácio, e os canhões laser abriram fogo.

Mas eles não miraram no palácio. Enquanto se contorciam para evitar os disparos frenéticos dos turbolasers, em vez do palácio, eles despejaram uma salva de tiros atrás da outra nas armas em si. Um dos turbolasers se desintegrou em uma explosão brilhante de metal e ligas cerâmicas estilhaçadas. O segundo explodiu... e depois o terceiro...

– Comandante Faro? – chamou Thrawn.

Eli pestanejou. Ele tinha estado tão absorto pela dança mortal na superfície do planeta que se esquecera de acompanhar a situação nas imediações da *Quimera*. Eli olhou para o visor tático...

Para descobrir que, enquanto esteve distraído, a *Quimera* de alguma forma havia cruzado uma distância significativa a estibordo, na direção da corveta que ainda mantinha posição ali. Uma linha azul surgiu no visor tático para marcar a ativação de um dos raios tratores do destróier estelar...

E, no visor de transmissões, Quesl ficou atônito quando sua imagem sofreu um solavanco violento.

Eli olhou novamente para o visor tático, ao perceber com atraso o que estava acontecendo.

– Ele está na *corveta*?

– Com certeza – respondeu Thrawn com um levíssimo toque de satisfação na voz. – Juntamente com a coleção de arte extremamente valiosa que o senhor vê atrás dele. Minhas desculpas, governador, por não cooperar com a destruição do palácio que o senhor esperava. Ela teria acobertado seu roubo, bem como teria enfurecido os Jefies a ponto de lançarem um ataque total contra a *Quimera*. Eu imagino que o senhor esperava fugir para a liberdade de mansinho, durante o caos que se seguiria.

No visor, Quesl respirava com dificuldade, seu rosto era uma máscara de ódio e desespero.

– Eles jamais acreditarão no senhor – disparou ele. – Os Jefies são leais a mim.

– Eles são leais a um líder respeitado – contra-argumentou Thrawn, cuja voz ficou fria. – Eu não acredito que enxergarão o senhor dessa forma depois do dia de hoje.

Por um momento, Quesl olhou com raiva. Aí, pareceu desanimar. Ele deu outro sorriso debochado para Thrawn e se virou um pouco para ver a parede atrás.

– As obras valem centenas de milhões, comodoro. Talvez até mesmo bilhões. E tudo que elas fazem é ficar pegando poeira em um prédio de terceira categoria em um mundo de quinta. Bilhões.

Ele se voltou para o visor, e um pouco da melancolia foi substituída por perplexidade.

– Mas havia duas corvetas idênticas. Como o senhor soube que eu estava nesta?

– O rasante dos caças – respondeu Thrawn. – Seu piloto tremeu com a reação ao que imaginava ser uma colisão iminente. Tripulação humana. A outra corveta confiava no líder deles implicitamente, e portanto não demonstrou esse medo. Tripulação jefi. O senhor, é claro, não poderia confiar que os Jefies o ajudassem na própria traição.

Quesl suspirou.

– Então acabou?

– Longe disso – garantiu Thrawn. – O senhor e sua tripulação ainda devem ser trazidos a bordo da *Quimera*, as obras de arte precisam ser devolvidas, os Jefies devem ser informados, e um novo líder precisa ser escolhido até que Coruscant possa enviar um novo governador.

Os olhos dele brilharam.

– Depois, é claro, haverá seu julgamento.

Thrawn deixou a última palavra pairar por um momento, talvez dando uma chance para Quesl responder. Mas o governador permaneceu em silêncio.

Thrawn gesticulou para que o visor de transmissões fosse apagado.

– Então eu imagino que *não* exista nenhum tratado da era das Guerras Clônicas? – perguntou Faro.

– Não – confirmou Thrawn. – Eu simplesmente queria mantê-lo em vista até que o solavanco causado pela puxada do raio trator fizesse a imagem tremer, confirmando finalmente a presença de Quesl na nave.

Thrawn respirou fundo.

– Capitão-tenente Lomar, entre em contato com o chefe da Força de Defesa de Botajef e explique a

situação. Tenho certeza de que ele vai querer provas; o senhor pode convidá-lo a bordo quando for conveniente para ele. Comandante Faro, traga a corveta do governador para o hangar. Major Ayer, seus stormtroopers vão abordar assim que a nave estiver em segurança. Cuide bem dos prisioneiros; cuide ainda melhor das obras de arte. Capitã-tenente Yve, traga a unidade especial 1 de volta à posição de escudo com os outros TIE. Informe a todos os pilotos que eles devem permanecer alertas, mas que não esperamos mais combate.

Ele olhou para Eli, que pensou ter notado um sorrisinho nos lábios do Chiss.

– Tenente Vanto, entre em contato com o Alto Comando em Coruscant. Informe que a situação em Botajef foi resolvida.



CAPÍTULO

23

Muitos acreditam que a vida militar é repleta de aventuras e emoção. Na verdade, ela consiste mais frequentemente em longos períodos de rotina, até mesmo de tédio, com apenas breves intervalos de desafio e perigo.

Os inimigos raramente procuram seus oponentes. O guerreiro deve se tornar um caçador, procurando e perseguindo com trabalho e paciência. Normalmente, o sucesso é atingido devido a uma confluência de pequenas coisas: fatos isolados, conversas descuidadas e ouvidas por acaso, vetores logísticos. Se o caçador for persistente, o padrão se tornará visível, e o inimigo será encontrado. Só então a rotina será interrompida pelo combate.

Não é surpresa, portanto, que aqueles que procuram emoção às vezes se cansam dos esforços longos e árduos. Ficam aliviados quando o inimigo aparece por vontade própria, em pose firme de rebeldia, oferecendo desafio.

Mas o guerreiro sábio é especialmente cauteloso nesses momentos. Ele sabe que há poucas coisas mais perigosas do que um inimigo habilidoso em seu próprio terreno cuidadosamente escolhido.

– Cilindros de dados, por favor – disse a guarda da porta.

Sua voz é formal, mas o rosto demonstra desconfiança.

– Aqui – falou Vanto, entregando tanto o cilindro dele como o de Thrawn.

A guarda pega o primeiro e o coloca no leitor de identidade. O procedimento de confirmação leva mais tempo do que o normal. Talvez ela não acredite que as identidades sejam genuínas.

Vanto também nota a demora.

– Algum problema, suboficial?

– Nenhum problema, tenente.

O rosto dela ainda demonstra desconfiança ao devolver os cilindros, mas não a ponto de chamar ajuda.

– O senhor está liberado para entrar, primeiro-tenente Vanto. – *Outra hesitação breve, porém notável.*

– Assim como o senhor, almirante Thrawn.

Eles passaram pela porta e entraram no quartel-general do Alto Comando.

– Eu estou curioso para saber o que é desta vez – murmurou Vanto enquanto avançavam entre os outros integrantes da Marinha, que corriam para cumprir suas tarefas.

– O padrão das transmissões durante os últimos quatro dias indica que as forças-tarefa 103 e 1 205 também foram convocadas – disse Thrawn. – Concluo que uma grande missão esteja sendo planejada.

– Interessante – falou Vanto. – Quanto tempo examinando o falatório o senhor levou para colher essas informações?

– Não muito – garantiu Thrawn. – Há padrões nas transmissões imperiais, assim como em tudo mais. Uma vez que o padrão é reconhecido, é fácil obter informação.

– Essa é uma habilidade e tanto – disse Vanto. – Eu levaria horas com um computador e uma planilha para chegar a algum lugar.

O resto do grupo estava esperando, sentado em um semicírculo diante de um holoprojetor, com as costas voltadas para os recém-chegados quando Thrawn e Vanto entraram. Quatro dos presentes eram oficiais da Marinha e quatro eram civis vestidos no estilo da elite do governo. Havia dois assentos vagos entre os oficiais e os civis.

Parado de um lado do projetor estava o almirante de esquadra Donassius. *A expressão dele está controlada, mas a postura denota tensão.* Do outro lado estava o coronel Yularen. *O rosto e postura também denotam tensão, embora ele esconda melhor que Donassius.*

– Almirante Thrawn – disse Donassius com um aceno de cabeça sóbrio quando Thrawn e Vanto se aproximavam do anel de assentos. – Deixe-me apresentar o almirante Durril, do destróier estelar imperial *Julgador* e da 103ª força-tarefa; o almirante Kinshara, do destróier estelar imperial *Vigoroso* e da 1 205ª força-tarefa. Almirante Thrawn, do destróier estelar imperial *Quimera*, recentemente destacado para a 96ª.

– É uma honra – falou Thrawn, cumprimentando com a cabeça enquanto ele e Vanto passavam pelo fim da fila.

Kinshara devolve o gesto com educação, e a expressão não contém rancor ou má vontade. A expressão e postura de Durril contêm desgosto pela presença de um não humano. Os outros dois oficiais, um capitão e um comandante, mantêm a cortesia e cautela típicas de ajudantes de ordens encontrando um oficial do alto escalão pela primeira vez.

– E estes são os governadores dos sistemas relevantes – continuou Donassius. – O governador Restos de Batonn; governador Wistran de Denash; governador Estorn de Sammun...

A quarta governadora da fila é inesperada.

– ... e a governadora Pryce de Lothal.

– É uma honra – repetiu Thrawn. – É bom vê-la novamente, governadora Pryce.

– Igualmente – disse ela. *A expressão é fria, a voz, profissional, mas a postura esconde tensão.* – Eu gostaria que este encontro fosse em circunstâncias mais agradáveis.

– Circunstâncias com as quais a senhora foi chamada para lidar – falou Donassius. *A voz dele contém uma preocupação séria.* – Sentem-se, por favor, e iremos direto ao ponto. Coronel Yularen?

– Obrigado, almirante – disse Yularen, que apertou um botão no controle remoto, e um holograma de uma seção da Orla Exterior apareceu. – Setor Batonn – identificou ele. – Vínhamos notando um aumento nas atividades criminosas e insurgentes ali nos últimos meses. Até agora, presumíamos que fossem atos descoordenados e aleatórios dos descontentes de sempre. No entanto, há indícios de que alguns desses grupos estão começando a trabalhar juntos, ou pelo menos a compartilhar informações e a coordenar planos.

– Até onde vai essa cooperação? – perguntou Thrawn.

– Não muito longe, neste momento – respondeu Yularen. – Grupos de insurgentes são paranoicos, praticamente por definição, e eles tipicamente não confiam uns nos outros, da mesma forma como não confiam nos próprios governos. Mas, como eu disse, os grupos estão começando a conversar.

– Então nós precisamos calá-los – falou Pryce.

– Uma pergunta, coronel – falou o governador Restos. – Há quatro governadores aqui, representando quatro sistemas afetados. No entanto, eu vejo comandantes de apenas *três* forças-tarefa. Posso saber qual de nossos sistemas o senhor planeja ignorar?

– Os insurgentes de Lothal já estão sendo enfrentados pelo almirante Konstantine – disse Donassius. – A governadora Pryce pediu para estar aqui como observadora, uma vez que o sistema dela fica perto da área de interesse e está passando pelo mesmo problema.

– Entendo – disse Restos, olhando Pryce com uma expressão de desconfiança. – Desde que Batonn receba atenção suficiente.

– Certamente, governador – garantiu Yularen. – Na verdade, vamos começar com seu mundo, uma vez que ele parece ser o ponto focal de atividade no setor. Se conseguirmos repeli-los, os outros grupos devem murchar.

– O que o senhor quer dizer com *repeli-los*? – perguntou Wistran. – De onde eles serão repelidos?

– No momento, de um lugar chamado ilha Scrim, a 300 quilômetros a oeste do principal continente de Batonn – falou Yularen. – Há cinco dias, um grupo de insurgentes invadiu e assumiu o comando de um batalhão imperial ali. Eles estão mantendo pelo menos cem reféns, a maioria composta por soldados e técnicos da Marinha, mas também alguns trabalhadores civis. Os insurgentes têm controle total do escudo de energia da ilha, das defesas da costa e de três canhões iônicos. Almirante Thrawn, eles serão sua responsabilidade.

– O senhor tem uma planta do batalhão? – perguntou Thrawn.

– Certamente.

O holograma mudou para uma vista aérea da ilha Scrim.

– O senhor disse que havia três canhões iônicos – disse Thrawn. – No entanto, eu vejo oito baterias fortificadas ao longo da costa.

– O último relatório, de cerca de seis semanas atrás, dizia que cinco dos canhões estavam esperando tubos de cathron de reposição – respondeu Yularen.

– Quais dos cinco?

– Infelizmente, é irrelevante – disse Yularen. – Os insurgentes tiveram tempo suficiente para trocar os três tubos que funcionavam, então não sabemos quais canhões estão operacionais.

– Não deve ser importante – falou o almirante Durril. *Ele faz um gesto casual de rejeição.* – O senhor não vai conseguir invadir por cima, afinal. A melhor abordagem é uma incursão de baixa altitude.

– As defesas da costa são mais do que adequadas para repelir até mesmo um ataque de tamanho considerável – salientou Thrawn.

– O senhor não está há muito tempo na Marinha, não é? – perguntou Durril. *O tom é condescendente, o olhar desce para a divisa do novo almirante, e a expressão contém reprovação e ressentimento.* – Se estivesse, saberia que, se mais da metade dos canhões iônicos da ilha está fora de operação, então pelo menos metade das defesas de costa também está. Alguns barcos de assalto cheios de stormtroopers, e tudo estará acabado.

– Talvez – disse Thrawn. – Eu precisarei de mais tempo para estudar a situação.

– Não *há* tempo – falou Donassius. – A cada hora que o batalhão é controlado, a reputação do Império é manchada um pouco mais. Suas ordens são para ir a Batonn imediatamente e libertar Scrim do controle dos insurgentes. – *O lábio treme.* – Destrua a ilha se for preciso, mas retire os rebeldes.

– Destruir a ilha também mataria os reféns – disse Thrawn. – Há maneiras melhores, mas elas exigem mais reconhecimento e planejamento.

A sala fica em silêncio. A postura dos outros indica reprovação e incômodo.

– Muito bem – falou Donassius. *A voz é inflexível.* – Se o senhor não acha que dá conta, a 96ª pode ir para Sammun. Essa missão lhe agradaria mais?

– Eu irei aonde a Marinha desejar – respondeu Thrawn.

– O senhor passou tempo suficiente com a 96ª para operarem juntos tranquilamente?

– Passei, almirante.

– Muito bem. Almirante Durril, o senhor parece confiante que os rebeldes em Scrim podem ser

facilmente neutralizados. Sua 103ª vai enfrentá-los.

– Com prazer – disse Durril. *A voz contém ansiedade e tripúdio.*

– Ótimo. – *Donassius gesticula para Yularen, cuja expressão denota decepção.* – Coronel Yularen, pode continuar com o informe.

– O senhor reprova a minha decisão – disse Thrawn quando ele e Eli desceram pela escada exterior em direção à plataforma de pouso onde o transporte esperava.

– Acho que *todo mundo* reprovou sua decisão, senhor – falou Eli mal-humorado. – Qualquer crédito que o senhor tinha com o Alto Comando, acho que acabou de queimá-lo.

– Por enquanto – disse Thrawn calmamente enquanto puxava e ligava o datapad. – Mas isso vai mudar.

– Eu não vejo como – falou Eli, tentando ver o que o Chiss estava fazendo.

Imagens passaram no monitor do datapad, mas, pelo ângulo de Eli, ele não conseguiu perceber os detalhes.

– O almirante Durril parecia estar muito certo de que conseguiria retomar a ilha.

– O almirante Durril está sempre certo de si – disse Thrawn –, mas tende a valorizar velocidade em detrimento da precisão. Às vezes isso é útil para ele. Frequentemente, leva a erros de julgamento.

– O senhor acha que esse é um erro de julgamento?

– Tenho certeza – respondeu Thrawn. – E esse fracasso terá um preço alto, tanto para sua força-tarefa como para ele, pessoalmente.

– Que maravilha – murmurou Eli.

Mais homens e mulheres seriam feridos ou mortos por causa da arrogância de seus superiores.

– Nós deveríamos dizer alguma coisa?

– Eu *disse* alguma coisa – lembrou Thrawn. – Disse que a situação exigia mais estudo.

– Então nós simplesmente permitimos que ele e a 103ª deem com a cara na parede?

– O almirante Durril definiu sua posição – disse Thrawn. – Nós oferecemos conselho. Ele não seguiu. Agora, devemos nos afastar e permitir que o almirante teste sua confiança.

– Creio que sim – falou Eli, torcendo o pescoço.

As imagens continuavam fluindo pelo datapad de Thrawn.

– Posso perguntar o que o senhor está fazendo?

– Estudando a arte sammuni – respondeu Thrawn. – Eu preciso entender melhor aquela cultura.

Já era possível ver a plataforma de pouso quando Thrawn finalmente guardou o datapad. Eles andaram na direção da nave, e Eli estremeceu sentindo-se novamente constrangido ao ver como seu cargueiro leve parecia patético enfiado entre as impressionantes naves lambda dos outros almirantes. Ele ainda não sabia por que Thrawn escolhera aquele transporte específico, que fora tomado da última gangue de contrabandistas que os dois haviam derrotado, em vez de trazer a própria lambda. A melhor hipótese para Eli era de que Thrawn esperava exibir a nave como um troféu para os outros almirantes. De alguma forma, ele nunca chegara a ter a oportunidade de fazer isso.

– O senhor também reprova minha escolha de transporte.

Eli olhou de lado para Thrawn.

– O senhor *tem* que fazer isso?

– Eu acho que tende a evitar conversa desnecessária – falou Thrawn enquanto sacava o comlink. – Almirante Thrawn para a comandante Faro.

– Sim, almirante – disse a nova capitã da *Quimera*. – Temos ordens, senhor?

– Temos, comandante – respondeu Thrawn. – A senhora deve levar a força-tarefa para Sammun. Há atividade insurgente lá que recebemos a incumbência de eliminar.

– Sim, senhor – falou Faro, com um toque de incerteza atípica na voz. – O senhor disse que *eu* devo

levar a força? O senhor não estará conosco?

– Correto – confirmou Thrawn. – O comandante Vanto e eu temos um compromisso em outro lugar.

– Entendo – disse Faro.

Eli sabia que ela ainda estava se acostumando a ser a capitã da *Quimera* e dava para ver que Faro não estava exatamente feliz por ser jogada em uma missão assim tão cedo, sem seu almirante para observar de perto. Mas a autoconfiança de sempre já estava começando a voltar.

– Muito bem, almirante. Alguma instrução específica?

– É claro – falou Thrawn. – A senhora entrará no sistema de longe e espalhará o resto da força-tarefa. Depois, aproximará a *Quimera* de Sammu e exigirá a rendição dos insurgentes. Nossos dados de inteligência indicam que eles estão protegidos de ataques aéreos e terrestres, mas os escudos e as casamatas não devem suportar os turbolasers de um destróier estelar por muito tempo.

– Então devo ameaçar um ataque, mas o verdadeiro objetivo é expulsá-los de suas posições?

– Exatamente – confirmou Thrawn. – A senhora talvez precise disparar algumas vezes para persuadi-los a abandonar sua fortaleza, mas não deve precisar destruí-la completamente. A força-tarefa talvez precise destruir algumas naves em fuga também, mas a senhora deve conseguir capturar a maioria ilesa.

– E se, em vez disso, eles rumarem para outros locais no planeta em si?

– Acho improvável – disse Thrawn. – O primeiro instinto será procurar a segurança e a escuridão do espaço.

– Entendido, senhor – falou Faro.

Ela estava a par do plano agora, e Eli não tinha dúvida de que Faro o executaria até o fim. Apesar da atitude descuidada que ela tinha em relação ao decoro, Faro era bem inteligente e geralmente sabia o que estava fazendo.

– Se tem uma coisa que eles não vão encontrar lá fora é segurança.

– Muito bem, comandante – disse Thrawn. – Antes de a senhora partir para Sammu, destaque a *Shyrack* para meu uso pessoal. Informe a capitã Brento que falarei com ela em particular assim que decidir qual será sua linha de ação.

– Sim, senhor – falou Faro. – Devo informá-lo quando completar minha missão ou espero que o senhor entre em contato?

– É melhor a segunda opção – respondeu Thrawn. – Boa caçada para a senhora.

– Para o senhor também, almirante.

Thrawn devolveu o comlink para o cinto.

– E agora, para o nosso compromisso.

– Sim, senhor – disse Eli. – Ah... estamos pisando em gelo fino aqui, senhor? Donassius mandou que fôssemos para Sammu.

– Não exatamente – garantiu Thrawn. – O almirante de esquadra Donassius disse que a 96ª deveria lidar com a insurgência lá. Não houve menção específica ao senhor ou a mim.

Eli torceu a cara. Uma bela diferença, que ele duvidava que qualquer um dos envolvidos apreciaria. Mas Thrawn era um almirante, e Eli era um comandante, e ele recebera ordens.

– Sim, senhor – falou Eli. – Posso saber para onde vamos?

– Para Batonn, é claro – respondeu Thrawn. – O almirante Durril está convencido de que não terá dificuldade em capturar a ilha Scrim. Estou interessado em ver se ele está certo.

– Formação padrão de cerco – murmurou Vanto. *O tom contém interesse e vigilância, mas até agora ele não opinou sobre as táticas do almirante Durril.* – Ainda sem reação óbvia por parte da ilha.

– Eles podem estar negociando – salientou Thrawn. *As naves de fato estão dispostas em uma formação de cerco, mas não é precisamente padrão. Dois cruzadores leves estão mais afastados da Julgador do que o normal, e Durril não lançou nenhum escudo de caças.* – Nós não captaríamos um

sinal compacto de transmissão daqui.

– Verdade – concordou Vanto. – Eu continuo esperando que alguém nos note e nos mande ir embora.

– Nosso transponder nos identifica como um cargueiro devidamente licenciado – lembrou Thrawn.

Vem um sinal de uma das corvetas que protegia o perímetro de Durril. O transponder do cargueiro sinaliza de volta. Um momento de hesitação, um último sinal, e aí a corveta para de fazer mais perguntas.

– Eles sem dúvida presumem que estamos aguardando para avaliar a extensão da batalha antes de nos comprometermos a retomar a viagem rumo à superfície.

– Sim – disse Vanto sarcasticamente. – Que sorte a nossa que o senhor teve a intuição de escolher isto aqui como nosso transporte. – Ele ergueu as sobrancelhas. – Ou *não foi* sorte? O senhor extraiu algo da circulação de transmissões que fez com que desconfiasse que talvez precisássemos de algo mais discreto do que uma lambda militar?

– Eu tinha algumas suspeitas – respondeu Thrawn.

O discernimento e a percepção de Vanto haviam crescido nitidamente com o passar dos anos. Ele enxergava muitos padrões agora e rapidamente percebia razões e motivações obscuras.

As razões mais sérias ainda fugiam de Vanto. Mas havia tempo. As capacidades táticas do jovem comandante continuavam crescendo, embora o próprio Vanto ainda não estivesse completamente ciente de seu progresso. O foco agora seria melhorar a observação e treinar a mente para reunir dados e chegar a conclusões mais rapidamente. Em combate, essas decisões por reflexo geralmente significavam a diferença entre a vitória e a derrota.

Há uma série de clarões vindo da força-tarefa distante.

– A primeira salva foi disparada – anunciou Vanto. – Todos os turbolasers da *Julgador*. O escudo de energia da ilha... parece que está aguentando.

– Alguma redução na força?

– Nada que esses sensores consigam detectar daqui – respondeu Vanto com a testa franzida, preocupado. – A segunda salva foi disparada. A terceira salva foi disparada. Parece que Durril mandou que todas as naves disparassem agora. Ainda nenhuma reação por parte dos insurgentes.

– Isso logo vai mudar – falou Thrawn. *As corvetas do perímetro agora são trazidas para perto do destróier estelar enquanto Durril reage ao fracasso inicial de destruir o escudo da ilha.* – Ao ordenar disparos de todas as naves, Durril agora demonstrou toda a capacidade delas.

– E também revelou todas as posições – salientou Vanto. – Se o comandante da ilha for esperto, ele vai contra-atacar antes que essas posições mudem... e lá vão eles. O escudo parece estar contraindo... consigo enxergar trechos das costas oeste e sul. Durril continua martelando no centro...

No monitor central, duas rajadas verdes com matizes vermelhas são disparadas dos limites da ilha.

– Disparos iônicos! – berrou Vanto. – Impactos diretos na *Julgador*.

– Incapacitada? – perguntou Thrawn.

Os cruzadores leves e fragatas abrem fogo novamente enquanto Durril ordena que os turbolasers mirem nos canhões iônicos nas costas oeste e norte.

Mas era um pouco tarde demais para tal ação. A borda do escudo se expandiu novamente após as salvas dos canhões iônicos, e os raios dos turbolasers respingaram inofensivos. As naves de escolta continuaram disparando, algumas nos canhões iônicos protegidos, outras no centro do escudo como uma tentativa de sobrecarregar o gerador.

– Agora Durril está apenas se debatendo – murmurou Vanto, cujas opiniões antes contidas haviam rapidamente virado escárnio. – Provavelmente mandou todo mundo continuar disparando enquanto tenta fazer seus sistemas funcionarem novamente. Ok, o escudo está se contraindo de novo. Desta vez, é a costa sul que está se abrindo...

Novamente, Durril fracassa ao notar ou reagir. As naves de escolta continuam disparando

inutilmente na direção das baterias a oeste e a sul enquanto o canhão iônico na costa norte abre fogo.

– Droga – murmurou Vanto. – No momento certo. Quem quer que esteja no comando lá embaixo é bom.

– Avarias? – perguntou Thrawn.

O último disparo iônico atingiu a fragata e os dois cruzadores no flanco a bombordo da *Julgador* e mandou ondas de energia faiscante pelos cascos que avariaram sensores e os sistemas de mira e controle dos turbolasers.

– Impactos nas naves de escolta a bombordo – relatou Vanto. – Elas ficarão reduzidas a armas secundárias e motores auxiliares agora. Provavelmente ainda vão conseguir sair de lá se Durril liberá-las, mas outro disparo ou dois nos locais certos e as naves ficarão à deriva.

Novamente, Durril continua o ataque ineficiente em vez de se ajustar à tática do oponente. As naves de escolta ainda estão mantendo a posição quando outra salva é disparada a partir da ilha.

Desta vez, quando as rajadas atingiram o mesmo grupamento de escolta, um conjunto de oito cargueiros espaciais pequenos apareceu por debaixo do limite leste do escudo e foi em direção ao continente, a 3 quilômetros de distância.

– A *Julgador* definitivamente perdeu seus turbolasers – disse Vanto com a cara fechada. – Talvez ainda tenha motores auxiliares, talvez o suficiente para fugir. Porém, Durril não está tentando. Os dois cruzadores leves e a fragata que sofreram o último ataque parecem ter sido imobilizados.

– Um ataque concentrado na *Julgador* e na escolta do flanco a bombordo de Durril – falou Thrawn. *Os cargueiros continuam a voar rente à água. O comandante continua fazendo o grupo ziguezaguear, se aproveitando da vantagem da cobertura mínima de nuvens e do brilho refletido do sol para alcançar a mínima visibilidade de cima.* – O flanco oposto à direção em que ele despachou os cargueiros.

– Cargueiros? – perguntou Vanto, franzindo a testa. – Onde?

– Voando a leste da ilha – respondeu Thrawn. – Voando devagar, com o mínimo de energia, o que os deixa praticamente invisíveis para naves já sob ataque iônico.

– E para naves que não estão sob ataque, mas estão concentrando toda a atenção nas naves que estão – falou Vanto. – Ok, localizei os cargueiros agora. Caí no truque também.

Ele olhou para Thrawn.

– Imagino que o senhor estivesse esperando por isso?

– Era uma razão possível para as naves de escolta a estibordo estarem sendo ignoradas em detrimento das naves a bombordo – explicou Thrawn. – Interessante, no entanto. O procedimento padrão teria sido exatamente o oposto: mirar na escolta a estibordo da *Julgador* a fim de minimizar a reação contra a partida dos cargueiros.

– É um longo caminho até o continente – salientou Vanto. – Não faz sentido escapar se todos sabem que a pessoa está a caminho e para onde ela vai.

– Sim. – *Sete cargueiros ainda estão indo para o leste na altura da crista das ondas. O oitavo, agora efetivamente livre da zona de batalha, está subindo para o espaço. Um momento interessante para o comandante dividir o comboio.* – O que provoca a pergunta: aonde eles estão indo? Em especial, o cargueiro que se separou e está rumando para o espaço. Sua análise?

Vanto ponderou um momento.

– Não consigo dizer daqui se aquelas naves são cargueiros ou transportes pessoais – disse ele lentamente. – Mas não há motivo para eles despacharem pessoas para fora da ilha no meio de uma batalha, sejam as próprias forças ou os reféns. Então, são cargueiros. O motivo óbvio para tomar Scrim é todo o material bélico militar guardado ali, então aquelas naves provavelmente representam tudo que não estava soldado ao chão. Sete naves para as células de insurgentes no continente; uma para Denash ou Sammu?

– Ou para qualquer outro lugar – falou Thrawn.

– Sim. – Vanto se aproximou do mostrador dos sensores. – Os escudos estão se alterando novamente.

Parece que vão dar um novo tiro na *Julgador*.

Mas, desta vez, não foi uma rajada de canhão iônico que foi disparada da costa oeste da ilha. Em vez disso, o fogo vermelho intenso de uma salva de turbolaser saiu de uma bateria ao norte do canhão iônico a oeste. O bombardeio atingiu a superestrutura a estibordo da *Julgador*, rasgou e penetrou o casco de metal.

Vanto ficou aflito.

– Droga. Um *turbolaser*? Donassius nunca disse que a ilha possuía turbolasers funcionando.

– Ele podia não saber. – *Uma segunda rajada de disparos brilha na atmosfera e novamente transmite a energia contra a nave capitânia de Durril. Novamente, Durril não faz um gesto para contra-atacar ou evadir.* – O cargueiro que está se afastando do planeta provavelmente fará o pulo para a velocidade da luz em breve. Saúde-o.

Vanto disparou um olhar surpreso para Thrawn.

– O senhor quer que eu *saúde* o cargueiro?

– Sim – confirmou Thrawn. – Um sinal de transmissão, para manter a conversa sigilosa. Somos a *Nó Corrediço*, e o senhor é um contrabandista de armas chamado Horatio Figg.

A confusão momentânea de Vanto se transformou em compreensão.

– Então esta é a *verdadeira* razão de o senhor ter nos posto em uma nave contrabandista capturada. Estamos comprando ou vendendo?

– O que quer que nos consiga um convite para visitar a base do comandante.

– Um convite para a base dele. – Vanto respirou fundo. – Ok, lá vamos nós.

Vanto ligou o transmissor e o ajustou para um sinal compacto.

– Cargueiro não identificado, aqui é o cargueiro *Nó Corrediço* – chamou ele. – Parece que vocês estão sob fogo aí. Precisam de ajuda?

Não houve resposta.

– Novamente – disse Thrawn baixinho.

Vanto concordou com a cabeça.

– Deixe-me tentar de outra maneira, cargueiro. Imagino que vocês tenham mercadoria nova. Também imagino que vocês queiram ficar com ela. Querem ser civilizados ou querem que eu denuncie vocês para os imperiais?

– Nem *pense* nisso, *Nó Corrediço*.

A voz é sombria e furiosa, contém tanto desconfiança como ameaça.

– Não estou pensando nisso – garantiu Vanto. – Só tentando começar uma conversa amigável. Se eu estiver certo a respeito da sua carga atual, pode haver alguma coisa aí que eu possa tirar de suas mãos.

– Esqueça. A carga já tem dono.

– Beleza – falou Vanto. – Nesse caso, talvez vocês queiram algo mais para adoçar a boca.

Houve uma longa pausa.

– Sua oferta?

A voz ainda contém desconfiança, mas agora também contém interesse cauteloso.

– Um pouco de tudo – disse Vanto. – Uma vez que vocês atacaram uma base militar e não um traficante de especiaria, imagino que estejam interessados em armas, principalmente. Então, são contrabandistas de armas. Vocês estão ou não no mercado?

Houve mais um silêncio da outra ponta.

– Podemos estar – falou o sujeito. – O chefe disse que está disposto a falar.

Uma luz piscou no painel.

– Eu mandei as coordenadas. Pule quando estiver pronto.

– Estão aqui comigo – disse Vanto. – Já estou chegando.

Vanto desligou o canal de transmissão.

– Bem, ou nós o enganamos ou não – falou ele. – E agora?

– Nós nos preparamos para seguir – respondeu Thrawn.

– O senhor quer dizer *agora* mesmo? – perguntou Vanto. – E quanto à *Julgador*?

Uma terceira salva de turbolasers sacode o destróier estelar. As quatro naves de escolta ilesas disparam contra a arma, mas novamente é tarde demais, pois o escudo da ilha se fecha sobre ela. Há um padrão nos ataques, mas Durril não o reconhece nem o explora.

– Não há ajuda que possamos prover – disse Thrawn. – Eu já transmiti um sinal de socorro de emergência em nome do almirante Durril. É melhor concentrarmos nossos esforços em outro lugar.

– Entendido – falou Vanto, frustrado ao reconhecer a realidade da situação.

O escudo se encolhe novamente e desta vez se abre na costa leste. As naves de escolta alteram a mira e direcionam um novo ataque contra as baterias de canhões iônicos agora expostas. É a mesmíssima reação que Durril já tentou várias vezes.

Mas, como esperado, o comandante da ilha agora muda de tática. Não vem nenhum raio iônico do canhão. Em vez disso, enquanto as naves imperiais continuam disparando, o escudo se encolhe novamente na costa oeste, sem ser notado pelas naves imperiais preocupadas e surradas. As naves de escolta ainda estão atirando nas baterias ao leste quando um novo bombardeio de disparos iônicos sai da bateria oeste e silencia suas armas.

– Estranho – comentou Vanto.

– Explique.

– Nosso amigo no cargueiro – falou Vanto. – Ele está suficientemente longe para pular, mas não pulou. Imagino que esteja com problemas com o hiperdrive.

– Talvez – disse Thrawn. – Quais as outras possibilidades?

– Ele pode estar esperando para ver como a batalha se desenrola – sugeriu Vanto. – Adquirindo o máximo de informações antes de pular. Ou pode estar mandando, ou recebendo, algumas instruções de último minuto.

O cargueiro tremeu com um pseudomovimento e sumiu.

– Acho que ele conseguiu tudo o que queria – disse Vanto. – E agora nós vamos atrás?

Na ilha, o escudo novamente se encolhe para expor o turbolaser dos insurgentes. Porém, as naves imperiais não estão mais em condições de reagir em tempo suficientemente hábil. Assim como antes, a Julgador é o alvo do ataque.

Neutralizar, atacar, simular, atacar. Era um padrão eficiente, executado com precisão.

– O senhor tem dúvidas?

– Não sei – falou Vanto lentamente. – Ele cedeu as coordenadas fácil demais. Pode ser uma armadilha.

– Verdade – disse Thrawn. – Por outro lado, eu duvido que ele fosse tolo a ponto de oferecer a verdadeira localização de sua base. É mais provável que tenha nos passado um ponto de encontro onde podemos ser estudados com mais atenção.

– Não sei se isso soa melhor.

– Há riscos – falou Thrawn. – O resultado vai depender do quanto eles querem novas armas. Deixe-me sugerir um motivo possível para ele ter demorado a sair. Diga-me: o que os outros sete cargueiros estão fazendo?

– Os outros...? Ah, certo; o resto do grupo. – Vanto reajustou os sensores. – Ainda estão a caminho do continente. Só que... interessante. Os vetores estão divergindo. Não estão indo mais para o mesmo lugar, parecem estar se dirigindo para sete pontos diferentes.

– Se houvesse um observador imperial presente, ele agora teria uma escolha – disse Thrawn. – Ele

poderia tentar seguir o oitavo cargueiro no espaço ou permanecer aqui e rastrear as outras sete fortificações dos insurgentes.

– Depois que o oitavo atraiu toda a atenção para si – disse Vanto. – Há uma grande chance de ele estar por aí, esperando para ver se o seguiremos rápido.

– Ou se sequer o seguiremos – falou Thrawn. – Se o senhor estivesse no comando, qual escolheria: o cargueiro solitário ou os sete?

Os disparos do turbolaser da ilha continuam surrando a Julgador, destruindo o casco e as armas. Os canhões iônicos novamente abrem fogo e bombardeiam as naves de escolta, evitando que se desloquem para ajudar.

– Eu provavelmente iria com... espere aí – disse Vanto, subitamente compreendendo. – Eu não *tenho* que escolher, tenho? O senhor já imaginou que nós precisaríamos de reforços e por isso destacou a *Shyrack* da 96ª força-tarefa. Presumo que a nave esteja à espreita em algum lugar?

– Está sim, de fato – respondeu Thrawn. Excelente. – A capitã Brento está observando o planeta, incluindo aqueles sete cargueiros. Portanto, nós podemos voltar nossa atenção para o oitavo cargueiro.

– Sim. – Vanto deu uma última olhadela para o monitor do sensor, claramente relutante em deixar a 103ª presa em uma batalha desesperada. – Tudo bem. Vamos nessa.



CAPÍTULO

24

Há momentos na vida de todo comandante em que ele tem que ceder o bastão da autoridade para um subordinado.

Às vezes isso ocorre por questões de capacitação – o subordinado tem conhecimentos que faltam ao comandante. Às vezes, a razão é o posicionamento – o subordinado está no lugar certo, na hora certa, e o comandante, não. Geralmente, espera-se que ocorra perda de comunicação direta, o que significa que o subordinado deve executar as instruções gerais que recebeu por iniciativa própria conforme a situação que o cerca.

Nenhum comandante gosta quando isso acontece, e esses momentos também são temidos pela maioria dos subordinados. Aqueles que não os temem já revelam uma confiança excessiva que quase sempre leva ao desastre.

Mas esses momentos têm que ser encarados. E todos aprendem com eles, seja para alegria ou tristeza.

Eles chegaram às coordenadas e encontraram o cargueiro à espera.

– Não teve pressa para vir, hein – rosnou o outro. – Problemas?

Eli respirou fundo. Se havia um grupo que ele passara a conhecer muito bem durante o tempo na Marinha foram contrabandistas, traficantes de armas, ladrões e canalhas em geral.

Eli sabia como eles se comportavam, falavam e pensavam. O truque era se fazer pensar e falar da mesma forma.

Ele apertou o transmissor.

– A gente não estava planejando usar o hiperdrive em hipótese alguma, até vocês aparecerem. Não achamos que vocês fossem ficar entediados tão facilmente.

– É. Rá-rá. Quem é você?

– Meu nome é Horatio Figg.

– O que estava fazendo em Batonn?

– Procurando tranquilamente por barganhas e clientes – respondeu Eli. – Eu ouvi falar do seu lance na ilha Scrim e pensei em passar para ver se você estava interessado em fazer negócios. Comprando ou vendendo; como disse, eu faço os dois.

– Bem, pessoalmente, eu preferiria transformar você em poeira e encerrar o assunto – disse o outro. – Mas o chefe quer vê-lo, então acho que você vai viver um pouquinho mais. Siga-me.

– Obrigado – falou Eli enquanto virava a nave para o vetor do cargueiro. – Você não vai se

arrepender.

– Eu já me arrependo. E não tente fugir; não sou o único aqui fora.

O transmissor emitiu um clique ao desligar.

– E agora? – perguntou Eli.

– Agora, nós temos que nos preparar – respondeu Thrawn enquanto soltava o cinto de segurança e saía do assento. – Siga-o e fique vigiando. Eu volto em um momento.

Dez minutos depois, com o destino visível nos mostradores, ele voltou.

– Noto que chegamos.

– Quase – disse Eli, franzindo a testa.

Thrawn estava com a túnica dobrada sobre um braço e uma arma de raios de pequeno porte na outra mão.

– O local parece com uma velha nômade das Guerras Clônicas.

– Esse eu não conheço.

– Era uma espécie de nave de viagem/oficina que vinha aos sistemas após o fim das batalhas e a saída das frotas – explicou Eli. – Instalações de manutenção geralmente sofriam ataques muito pesados, e essas naves vinham para fazer alguns reparos para a população local. O senhor sabe que tirar a túnica não vai enganar ninguém, certo?

– A intenção não é essa – falou Thrawn. – Tire sua túnica e coloque esta aqui.

– Ok, mas não vai caber...uau – Eli se interrompeu ao notar a queimadura recente de raios na túnica. – O que é isso?

– O senhor pegou esta túnica de um oficial que matou – disse Thrawn. – É por isso que não cai bem. O senhor usa porque ela intimida as pessoas.

– Ok – falou Eli, franzindo a testa para a túnica enquanto rapidamente tirava a própria.

Ele viu que a divisa de almirante de Thrawn fora substituída por uma divisa de tenente.

Uma divisa de *tenente*?

Eli lançou um olhar incisivo para Thrawn.

– Sim – confirmou o almirante. – Meu velho controle remoto, modificado para a necessidade atual. Quando chegar a hora, pressione a pastilha mais próxima do centro do seu peito.

– E qual seria essa hora?

– O senhor saberá. Aqui. – Thrawn ofereceu a arma de raios de pequeno porte para Eli. – Esconda em algum lugar. Eles vão tirá-la do senhor, mas seria suspeito se o senhor não estivesse portando uma arma de apoio.

– Então eu fico com esta também? – perguntou Eli ao apontar para sua pistola de raios enquanto ajustava a faixa de vedação da túnica de Thrawn.

A roupa certamente era dois números maior do que ele usava.

– Sim – respondeu Thrawn. – Será uma amostra da mercadoria que o senhor tem para vender.

– Ok – falou Eli.

Novas dúvidas o atormentavam. Interpretar esse papel maluco via transmissor era uma coisa. Interpretar ao vivo era outra coisa completamente diferente.

Ele expulsou o pensamento da mente. Toda a essência de ser um canalha era a autoconfiança. Se não conseguisse fingir isso, Eli estaria morto.

– Onde o senhor estará?

– Planejando nossa fuga – disse Thrawn. – Enquanto isso, descubra o máximo possível sobre eles.

– Certo.

A nômade estava surgindo no campo de visão agora, e Eli notou que havia seis naves pequenas já alinhadas no hangar de reparos comprido, que ocupava todo um flanco. Enfiadas entre as naves estacionadas estavam três vagas, e luzes piscantes de aproximação marcavam a vaga do meio.

– Só se lembre de que não posso manter esse papel para sempre.

– Serei o mais rápido possível – falou Thrawn, que saiu da cabine e levou a túnica de Eli com ele.

– Figg, há uma vaga de pouso marcada para você – disse o piloto do cargueiro, desviando do caminho de Eli. – Pouse e entre. Alguém estará esperando.

Eli apertou o transmissor.

– Entendido – falou ele. – Espero que tenha algo para comer. Estou morrendo de fome.

– Só esteja pronto para falar – disse o outro sujeito, mal-humorado – porque você vai fazer muito disso.

Três homens armados estavam esperando por Eli quando ele desceu pela rampa do cargueiro.

– Ora, ora – desdenhou um deles. – Um imperial. Que surpresa.

– E você é exatamente o tipo de idiota para quem eu uso este uniforme – disse Eli, colocando um desdém cansado no tom de voz. – Você sequer notou que ele não é do tamanho certo?

– Ou viu a queimadura de raios? – acrescentou outro sujeito, apontando a arma para o estômago de Eli.

– Que você não consegue ver se eu ajustar o ângulo da câmera transmissora certinho – falou Eli. – Garantia de atrair a atenção das pessoas e conseguir sua cooperação.

– Aqui, não – disse o primeiro homem. – Essa arma de raios. Saque... devagar... e chute para cá.

– Tome cuidado com isto – falou Eli enquanto sacava a pistola do coldre e a colocava no convés diante dele.

Um toque suave com a ponta do pé fez a arma girar até os guardas.

– Isso faz parte do meu estoque. Uma genuína arma pessoal da Marinha Imperial. Não dá para conseguir uma dessas em qualquer lugar.

– Você ficaria surpreso – disse o primeiro homem. – Abra os braços e fique parado.

Eli obedeceu. O sujeito gesticulou, e dois companheiros pousaram as próprias armas de raios no convés e foram até Eli com uma expressão determinada no rosto.

Ele tinha esperança de que os insurgentes não encontrassem a arma de raios de pequeno porte embaixo do braço. Eles encontraram.

– Mais estoque? – perguntou o primeiro homem, que pegou a arma e franziu a testa para ela enquanto os demais pegavam as próprias armas.

– Parte estoque, parte seguro – respondeu Eli. – Você ficaria surpreso com a quantidade de clientes que tentam ir embora sem pagar pelas compras.

– Aposto. Venha.

O hangar de atracação possuía três comportas que conduziam ao interior do resto da nave gigante. Os três homens levaram Eli pela comporta central, a mais próxima de seu cargueiro. Após uma curta caminhada por um corredor enferrujado e uma curva em outro corredor, eles chegaram a um compartimento com uma placa apagada que dizia COMANDANTE ao lado.

O primeiro homem deu um passo à frente e tocou na tranca. A comporta se abriu, e ele gesticulou para Eli entrar.

Eli respirou fundo e cautelosamente. *Autoconfiança*, ele disse para si mesmo. *Autoconfiança arrogante*. Com um aceno de cabeça informal para seu captor, Eli passou pela comporta.

E congelou. Sentado atrás de uma mesa velha, com um sorrisinho no rosto...

– *Cygni*?

– Então você se lembra de mim – falou o homem, cujo sorriso aumentou um pouco. – É um prazer vê-lo novamente, comandante Vanto. E, por favor... me chame de *Cisne Noturno*.

Por um longo momento, Eli não conseguiu respirar. Desde o primeiro encontro na *Dromedar*, o Cisne Noturno sempre se mantivera nas sombras e no pano de fundo. Ele era a última pessoa que Eli esperava ver no comando da operação da ilha Scrim.

Será que isso era alguma novidade? Ou eles realmente não haviam o conhecido para valer?

Ele levou um susto quando alguém cutucou-o com força nas costas. Eli obrigou os músculos a se mexerem e entrou na sala.

– Sente-se – disse o Cisne Noturno, gesticulando para uma cadeira na quina da mesa. – O que ele portava?

– Uma arma de raios padrão – respondeu o primeiro guarda, que passou por Eli e colocou a arma pessoal da Marinha sobre a mesa. – Mais isto aqui – acrescentou ele ao colocar a pistola de raios de pequeno porte ao lado. – Nunca vi uma como esta antes.

– Uma espécie de antiguidade – falou o Cisne Noturno enquanto examinava a arma com atenção. – Da era das Guerras Clônicas? – perguntou ele ao erguer os olhos para Eli.

Ele balançou a cabeça.

– Não faço ideia.

– Não importa, na verdade – disse o Cisne Noturno, que girou ambas as armas alguns graus, de maneira que ficassem apontadas para longe dele e diretamente para Eli. – Seja como for, fico contente que o almirante Thrawn tenha mandado você para me procurar. Eu sempre achei que você tivesse recebido uma mão ruim de cartas, e sua presença aqui significa que você foi poupado do que os rebeldes na ilha Scrim estão fazendo com ele neste exato momento.

Ele franziu a testa e baixou o olhar para a divisa na túnica.

– Você é um comandante, não é? Eu vi o anúncio. Você não foi rebaixado, foi?

– Não, ainda sou um comandante – confirmou Eli, e um pouco da confusão mental se transformou em uma onda súbita de empolgação cautelosa.

O Cisne Noturno estava pensando que era *Thrawn* que estava no comando daquele ataque fracassado na ilha?

– Isto é apenas parte da camuflagem.

– Ah – falou o Cisne Noturno. – Não é lá grande coisa como disfarce. Você realmente não esperava que o colocassem contra a parede?

– Ah, eu esperava que me colocassem contra a parede – respondeu Eli, enquanto sua mente calculava freneticamente.

O Cisne Noturno claramente achava que ele estava sozinho. A melhor chance para Eli era enrolar.

– Eu só não esperava que houvesse alguém a bordo que tivesse me visto antes, quanto mais você. Então, e aí, você se juntou a um bando de malucos?

– Eles estão longe de serem malucos – disse o Cisne Noturno. – Seu Império é corrupto, comandante. Corrupto, perigoso e, no fim das contas, autodestrutivo. Seu Império vai cair, de uma forma ou de outra. Só estou ajudando.

– Eu pegaria leve no excesso de confiança se fosse você – aconselhou Eli. – Enquanto houver comandantes como o almirante Thrawn, você vai ter uma tarefa árdua pela frente.

– Ah, mas não há comandantes como o almirante Thrawn – falou o Cisne Noturno com um sorrisinho. – Não mais.

O sorriso sumiu.

– Por favor, compreenda que a ilha Scrim foi meu último recurso. Eu tentei destruir o almirante Thrawn politicamente. Tentei persuadir o Alto Comando que ele dava muito trabalho para quem era. Mas Thrawn escapou ileso todas as vezes. Matá-lo foi a única maneira que pensei para neutralizá-lo.

– Tenho certeza de que ele reconheceu sua interferência nas coisas – disse Eli, que franziu a testa quando os padrões dos desafios anteriores do Cisne Noturno subitamente se tornaram evidentes. – Ainda

assim, destróieres estelares são naves bem resistentes. A ilha também só tem um único turbolaser, que está atirando através da atmosfera. Ele ainda pode escapar.

O Cisne Noturno deu de ombros.

– Talvez. A esta altura, porém, não importa, na verdade. Após perder a nave que ele comanda, e a nave está perdida, não importa que o almirante Thrawn sobreviva ou não. É um erro que nem ele é capaz de suportar. Não importa quem sejam seus amigos, ou se são muito influentes, eles não terão escolha a não ser dar as costas para Thrawn.

Eli teve que sorrir ao ouvir essa.

– Talvez – falou ele. – Você parece ter se interessado pela carreira do almirante.

– Sim – concordou o Cisne Noturno, franzindo a testa diante do sorriso de Eli. – Desde que ele virou o jogo no meu pequeno roubo de gás tibanna. Qual é a graça?

– Ah, nada – respondeu Eli. – Falando no tibanna, aquele foi um belo truque seu. Como você retirou o gás sem provocar danos nos cilindros?

– Foi mal. Segredo profissional.

– E daí? – contra-argumentou Eli. – Você vai me matar mesmo.

– Na verdade, não vou – disse o Cisne Noturno. – A não ser que você cause confusão. Meu alvo era Thrawn, não você.

– Obrigado – falou Eli sarcasticamente. – Não sei se me sinto lisonjeado ou insultado. Embora talvez nem a ilha Scrim seja suficiente. Eu imagino que você não saiba como Thrawn acabou sendo aceito na Marinha, para início de conversa.

– Eu presumo que a indicação tenha sido feita devido à insistência de um dos amigos dele. – O Cisne Noturno franziu os olhos ao observar a expressão de Eli. – Não – corrigiu ele lentamente. – Não apenas um amigo. Para um não humano das Regiões Desconhecidas... teria que ser alguém em um posto *muitíssimo* alto. Não, espere. – Ele arregalou os olhos. – Inferno e enxofre – sussurrou o Cisne Noturno, enquanto se debruçava sobre a mesa. – Foi *ele*?

– Foi ele o quê? – perguntou Eli, se encolhendo um pouco para trás por reflexo.

A intensidade repentina do Cisne Noturno foi mais do que um pouco intimidante.

– Inferno e enxofre – sussurrou ele novamente, com os olhos fixos em Eli. – Você realmente não sabe?

– Aparentemente, não.

– Então *foi* Thrawn – disse o Cisne Noturno, cujo olhar se desviou para algum ponto acima do ombro de Eli. – Eu ouvi falar a respeito há alguns anos de alguém que trabalhou nos asteroides Thrugii. Havia um não humano desconhecido, de pele azul e olhos vermelhos brilhantes, que de alguma forma se juntara a um dos generais Jedi que lutavam nas Guerras Clônicas.

Eli sentiu um nó na garganta.

– Anakin Skywalker – murmurou ele.

O olhar do Cisne Noturno retornou rapidamente, e uma comporta invisível pareceu se fechar em cima das memórias.

– Sim, o general Skywalker – falou ele, em tom de voz cauteloso. – Então você *conhece* a história.

– Tudo o que sei é que Thrawn conheceu o sujeito – disse Eli. – Ele não me falou mais nada.

O comunicador da mesa emitiu um bipe. Por um momento, o Cisne Noturno continuou sustentando o olhar em Eli. Depois, ele se recostou novamente na cadeira e acionou um interruptor.

– Sim?

– Vasculhamos o cargueiro, senhor – falou uma voz fraca. – Não há mais ninguém a bordo. Mas, preste atenção... o compartimento do motor está acusando um vazamento radioativo.

– Um vazamento radioativo, você diz – repetiu o Cisne Noturno, erguendo as sobrancelhas para Eli.

– Sim, senhor, e parece grave. O senhor acha que devemos tirar esse troço inteiro do hangar usando o raio trator antes que o reator atinja o ponto crítico?

– Ah, eu duvido que tenhamos que chegar a extremos. – disse o Cisne Noturno. – Quando homens estão aí com você?

– Todos os seis. O senhor mandou tomar cuidado.

– E foi o que vocês fizeram – falou o Cisne Noturno. – Junte todo mundo ao lado da comporta e descubra como entrar. Deve haver um controle de cancelamento perto da tranca central.

– Espere aí – reclamou o homem. – O senhor quer que a gente *entre*? Sem trajes de radiação?

– Vocês não precisarão deles – garantiu o Cisne Noturno. – É apenas um imperial ou dois se escondendo entre os defletores. Eles estarão armados, é claro, então continuem tomando cuidado.

– Entendido – disse o homem.

O Cisne Noturno acionou um interruptor novamente.

– É sério? – falou ele com um sorriso sardônico. – Um vazamento radioativo?

Eli deu de ombros e conteve um xingamento. De todos os truques para Thrawn tirar da manga, tinha que ser um que o Cisne Noturno já conhecia.

– É um *clássico*.

– É mesmo – concordou o Cisne Noturno. – Embora, assim como você, eu não saiba se me sinto lisonjeado ou insultado. Você provavelmente está desejando que tivesse tentado outra coisa.

– Eu não sabia que estaria diante de uma plateia que já tinha visto o mesmo show.

– Verdade – falou o Cisne Noturno. – Espero que quem quer que esteja lá dentro não ofereça resistência. O pessoal de Simmco não é muito esperto, mas atira muito bem.

– Tenho certeza disso – disse Eli com um suspiro.

Fosse lá como essa situação fosse se resolver, o Cisne Noturno teria uma surpresa. Ele pegaria o próprio Thrawn ou seu corpo sem vida.

– Mas você estava me contando sobre Thrawn e Skywalker – continuou o Cisne Noturno.

– Não, eu já lhe contei sobre Thrawn e Skywalker – corrigiu Eli. – Tudo o que eu sei. A história sobre Thrugii parece interessante, no entanto.

– Eu prefiro conversar sobre você – falou o Cisne Noturno. – Com Thrawn prestes a sair do palco, sua carreira finalmente sairá da sombra dele. – O Cisne Noturno ergueu as sobrancelhas. – Sua carreira *tem* ficado de certa forma na sombra de Thrawn, não é?

Eli sorriu. Antigamente, ele realmente achava que sim.

Porém, não mais. Não há muito tempo.

– Não estou preocupado com isso – garantiu ele para o Cisne Noturno. – O futuro depende do que a pessoa faz, como meu pai costumava dizer. Eu sou um comandante, tenho uma boa lista de vitórias no meu currículo e acho que fiz um ou dois amigos ao longo do caminho.

– Sério? – disse o Cisne Noturno. – Porque Thrawn não parece ter feito amigos. Não tem nenhuma astúcia política, pelo que ouvi dizer. – Ele soltou um muxoxo de desdém. – Quanto a você, meu jovem comandante idealista, você realmente acha que tem algum amigo em Coruscant? Um ninguém do Espaço Selvagem que passou a carreira inteira como bicho de estimação de um não humano?

– Não é bem assim – insistiu Eli. – Você viu como eles mudaram de opinião em relação a Thrawn.

– Provavelmente porque favores foram comprados ou vendidos – falou o Cisne Noturno. – Você realmente precisa aprender mais sobre Coruscant.

O intercomunicador emitiu um bipe novamente, e ele acionou o interruptor.

– Sim?

– Senhor, é Simmco – disse a voz do homem. – Vasculhamos o compartimento do motor, e tem um..

Simmco foi interrompido por um abalo explosivo que irrompeu pelo alto-falante do intercomunicador. Um momento depois, Eli sentiu o eco mais silencioso da explosão reverberar no anteparo atrás dele.

E, de repente, a sala tremeu com a cadência trovejante do alarme universal de *abandonar a nave*.

O Cisne Noturno pegou a arma de raios de Eli de cima da mesa com uma mão e acionou o

intercomunicador com a outra.

– Capitão? – berrou ele mais alto do que a cacofonia. – Capitão, o que está acontecendo?

Eli se preparou. *O senhor saberá*, prometera Thrawn. Ele levou a mão com naturalidade à divisa e pressionou a pastilha mais próxima ao centro do peito. O Cisne Noturno notou o movimento e virou a arma de raios na direção do prisioneiro como um gesto de alerta...

Quando a arma de pequeno porte diante dele explodiu em uma nuvem ofuscante de fumaça.

Eli saiu da cadeira em um instante e estremeceu quando o raio da arma do Cisne Noturno passou pelo espaço que ele acabara de desocupar e destruiu o espaldar da cadeira. Por uma fração de segundo, ele pensou em tentar contra-atacar, mas se deu conta de que seria suicídio e, em vez disso, disparou para a comporta. Se conseguisse abri-la antes que a visão do Cisne Noturno ficasse desobstruída, talvez conseguisse escapar.

Ele estava quase lá, com a mão esticada na direção da tranca, quando a comporta se abriu sozinha e um vulto irrompeu no interior da sala, com uma arma de raios firme na mão. Eli colidiu com ele a toda velocidade e fez o homem cair para trás no convés. O impacto tirou o ar dos pulmões do sujeito, que soltou um gemido de agonia. Então Eli arrancou a arma de raios da mão dele, golpeou a lateral da cabeça dele com a pistola para garantir que continuaria derrubado e depois se levantou correndo na direção do hangar de atracação.

Mesmo com o barulho, Eli conseguiu ouvir vários gritos e passos correndo conforme o resto da tripulação reagia ao alarme. Felizmente, ele não precisou ir longe. Eli irrompeu no hangar de manutenção pela comporta...

E entrou em uma colmeia agitada de atividade. Todo mundo que ainda não havia escapado da nave parecia estar ali, alguns entrando em equipamentos de controle de avarias, a maioria correndo na direção das várias naves, com a intenção clara de sair.

E cada vez mais homens e mulheres entravam no hangar a cada segundo. Mais cedo ou mais tarde, Eli sabia, um deles iria avistá-lo. Eli cerrou os dentes e virou o rosto na direção de seu cargueiro, na esperança de que aquela explosão tivesse sido Thrawn se livrando do grupamento de abordagem de Simmco.

Um raio passou por ele, fazendo Eli cambalear para trás e quase cair. Ele tentou agarrar em alguma coisa para manter o equilíbrio, não conseguiu e foi ao chão de mau jeito, apoiado em uma das mãos. Girou o corpo e ergueu a arma que havia pegado emprestada, imaginando se teria tempo de sequer dar um tiro antes que o agressor o acertasse...

E viu Thrawn a um quarto do caminho no hangar, com uma arma de raios na mão, gesticulando para Eli da entrada de um dos outros cargueiros. Eli ficou de pé rapidamente e correu para a nave.

Trinta segundos depois, ele já subia correndo a rampa e passava pela comporta. Thrawn já havia desaparecido, provavelmente estava na cabine de pilotagem. Eli trancou a comporta, verificou duas vezes se a tranca estava funcionando e depois seguiu em frente.

Thrawn estava sentado no assento do piloto, com os monitores e mostradores já em funcionamento.

– Bem-vindo a bordo, comandante – disse ele enquanto Eli passava pelo pequeno espaço até o assento do copiloto. – Devemos sair antes de eles perceberem que não fazemos parte de seu grupo.

– Então é por isso que o senhor está pegando esta nave em vez da nossa? – perguntou Eli enquanto prendia o cinto de segurança.

– Um bônus inesperado – falou Thrawn. – Meu objetivo principal era roubar informações que pudessem ter sido negligentemente deixadas sem proteção no computador desta nave. Em especial registros de navegação que pudessem nos apontar para bases e linhas de abastecimento.

Ele deu uma olhadela rápida de lado para Eli.

– O senhor foi levado ao líder deles, presumo. Era o Cisne Noturno?

– Sim – disse Eli, franzindo a testa diante da compreensão repentina. – O senhor sabia que *seria* ele?

– Eu não sabia ao certo, mas suspeitava.

– Por que não me disse? – perguntou Eli.

Thrawn sempre escondia demais o jogo, mas naquele caso havia ido longe demais. Eli continuou:

– Saber quem eu enfrentaria podia ter sido extremamente útil.

– Pelo contrário – falou Thrawn. – O senhor dificilmente teria sido capaz de atuar de maneira convincente se não tivesse ficado genuinamente surpreso.

– Então o senhor simplesmente nos fez entrar na armadilha dele?

– O Cisne Noturno precisava acreditar que nos tinha pegado desprevenidos – explicou Thrawn. –

Caso contrário, ele teria ficado em alerta.

– O Cisne Noturno e a tripulação dele – disse Eli, deixando a raiva passar.

Como sempre, uma vez que Thrawn explicava as coisas, ele enxergava a lógica tática.

– Eu presumo que o senhor nunca esteve no compartimento do motor?

– Correto – respondeu Thrawn. – Eu me escondi na cobertura da cápsula de fuga até que os invasores fossem para a popa, depois saí e encontrei o controle do alarme de abandonar a nave.

– Depois de armar uma bomba – falou Eli. – Deixe-me adivinhar. O mesmo truque da gambiarra com energipentes de armas de raios que o senhor usou para sair do planeta onde estava exilado?

– Sim – disse Thrawn.

Uma luz verde acendeu no painel de status da nave.

– Hora de voltarmos a Batonn.

Ele ligou o motor, e a nave disparou do hangar. Eli ficou tenso, mas ninguém abriu fogo contra eles.

– E de vermos quanto da força-tarefa do almirante Durril sobreviveu?

– Felizmente, mais do que você teme – respondeu Thrawn. – Mas veremos.

– Eu disse para o Cisne Noturno que destróieres estelares eram naves resistentes – falou Vanto, balançando a cabeça, surpreso, ao observar pela vigia a 103ª reagrupada. – Mas isso beira o inacreditável.

– Eles não ficaram sob bombardeio por muito tempo – disse Thrawn. – A capitã Brento recebeu ordens para entrar em ação assim que nós fôssemos embora, coordenando da melhor forma possível as naves que ainda funcionavam e usando os raios tratores combinados na *Julgador*.

– O senhor mandou um punhado de cruzadores leves moverem um destróier estelar com raio trator? E funcionou?

– Eles não precisaram movê-lo muito longe – respondeu Thrawn. – Só o suficiente para baixo a fim de chegar a um ponto da órbita onde o destróier estelar ficaria fora do alcance do canhão iônico. Assim que o ataque foi interrompido, os sistemas de energia da *Julgador* voltaram a funcionar suficientemente rápido para afastá-la de Batonn e do perigo.

– Ah – falou Vanto. – Eu imagino se Durril vai reconhecer a ajuda da *Shyrack*.

– Seria difícil para ele ignorá-la.

– Verdade, mas aposto que Durril vai tentar.

– ... e depois disso, nós conseguimos reparar os motores às pressas e sair do alcance. – Durril encerrou o relatório. *A imagem holográfica tremeluzente é difícil de interpretar, mas a voz dele contém raiva e constrangimento.* – Peço desculpas pelo meu fracasso, almirante de esquadra Donassius, mas, agora que sei o que estamos enfrentando, meu próximo ataque será bem-sucedido.

– Talvez – disse Donassius. *Sua imagem holográfica se volta para um terceiro holograma flutuando no projetor da Quimera.* – Almirante Kinshara. Seu relatório?

– Lidamos com os insurgentes em Denash, almirante de esquadra – falou Kinshara. *A voz contém*

satisfação com seu sucesso e uma satisfação mais sutil quanto ao fracasso de Durril. – Havia poucos insurgentes ali, na verdade. No entanto, os interrogatórios preliminares dos prisioneiros sugerem que uma grande parte de suas naves e materiais talvez já tivesse sido transferida para Batonn.

– Excelente – disse Durril. *A voz indica uma confiança animada.* – Todos os ovos em uma mesma cesta. Bem mais fácil de pegar todos eles.

– Almirante Thrawn? – chamou Donassius.

– Sammun também está pacificado – falou Thrawn. – Duas naves inimigas foram destruídas, quatro foram capturadas. Um conjunto bem grande de material bélico portátil também foi capturado.

– Sem sua presença, pelo que me contaram?

A comandante Faro se remexe. Sua postura típica de autoconfiança está atenuada; a postura indica incômodo.

– A ação foi executada sob minha direção, almirante.

– Entendo. – *Por um momento, Donassius continua encarando Thrawn.* – Almirante Durril, quando a 103ª estará apta a viajar?

– Podemos retomar o combate em trinta horas, senhor – respondeu Durril. *O constrangimento passou, e a voz agora contém expectativa.*

– Eu não perguntei quando o senhor poderá lutar, almirante – disse Donassius. – Eu perguntei quando o senhor poderá viajar.

– Ah... cinco horas, talvez – respondeu Durril. *A voz contém cautela repentina.* – Senhor, com todo o respeito...

– Em cinco horas, o senhor vai levar sua força-tarefa ao estaleiro de Marleyvane para reparos – falou Donassius. – Almirante Thrawn?

– Sim, almirante de esquadra.

– O senhor disse que precisava coletar informações sobre os insurgentes da ilha Scrim. De quanto tempo o senhor precisa?

– Senhor, eu protesto – falou Durril. *A descrença atordoada se transforma em fúria e orgulho ferido.* – Essa operação foi dada a mim. Sou perfeitamente capaz de executá-la.

– Almirante Thrawn? – repetiu Donassius.

– Na verdade, almirante de esquadra, a coleta está completa – respondeu Thrawn. – Eu posso retomar a ilha quando o senhor quiser.

– Ótimo. – *A imagem de Donassius olha para Durril, depois se volta para Thrawn. A voz contém satisfação.* – Quando quiser, almirante.



CAPÍTULO

25

Veza ou outra, todo guerreiro deseja possuir uma fortaleza inconquistável – um refúgio, um local de resistência ou uma rocha com a qual os inimigos são instigados a colidir até a própria destruição.

Os políticos também anseiam por uma fortaleza assim, embora a vejam em termos de poder e autoridade, em vez de pedras, armas e escudos. Empresários da indústria também desejam se proteger da mesma forma contra rivais e invasores, enquanto piratas desejam se defender contra as autoridades dos sistemas. De uma forma ou de outra, todas as pessoas querem a segurança suprema.

Mas a segurança suprema não existe. Aqueles que confiam em tal ideal logo veem sua esperança se despedaçar contra a mesmíssima rocha por trás da qual eles procuram se esconder.

Os comandantes tinham suas ordens. As naves da 96ª força-tarefa estavam posicionadas.

Era a hora.

– Todas as naves, apresentem-se – disse Thrawn do centro da ponte de comando, fazendo a verificação final, como de costume.

Eli sorriu para si mesmo. Apesar de todo o interesse de Thrawn em observar e estabelecer os padrões dos oponentes, o almirante tinha um monte de padrões próprios.

– Plano interessante – murmurou Faro ao lado de Eli. – No mínimo, tem a chance de pegá-los de surpresa.

– Os planos do almirante Thrawn geralmente fazem isso – sussurrou Eli de volta.

– Foi o que eu notei – falou Faro. – O senhor está com ele há muito tempo, não?

Eli deu de ombros.

– Minha carreira inteira.

– Deve ter sido bom – ponderou Faro. – Mentas como a dele são raras. Muitas vezes os homens e as mulheres no alto escalão de comando estão lá por causa de *quem* eles conhecem em vez do *que* conhecem.

– Sim, eu já tive a minha cota de superiores assim.

– Assim como Thrawn, presumo – disse Faro. – Isso deve tê-lo deixado maluco às vezes. Que bom que o senhor estava lá para evitar que enlouquecesse.

– Não há nada especial a meu respeito, senhora – falou Eli. – Na verdade, eu estava seguindo a carreira de oficial de aprovisionamento antes de ele aparecer.

Faro balançou a cabeça.

– Isso teria sido um desperdício. Seu lugar é na ponte, não em uma esteira.

– Não sei se concordo, senhora – disse Eli, sentindo uma pontada de constrangimento. – Eu certamente não tenho o gênio do almirante para tática.

– Talvez não – falou Faro –, mas, assim que os planos dele são explicados, o senhor os compreende.

Eli teve que sorrir.

– Assim que eles são explicados, senhora, *qualquer um* consegue compreendê-los.

– O senhor acha? – contra-argumentou Faro. – O senhor realmente acha que todos os comandantes e oficiais superiores lá fora na 96ª compreendem como isto vai funcionar?

– É claro – respondeu Eli, franzindo a testa. – É óbvio.

– Para o senhor e para mim, comandante – disse Faro. – Não para todo mundo.

Eli olhou para as costas de Thrawn, e o cérebro automaticamente fez a contagem regressiva de todas as confirmações das naves enquanto elas vinham pela estação de transmissão. Será que Faro estava certa?

E, se estivesse, será que tinha sido por isso que Thrawn manipulara a carreira de Eli para mantê-lo como seu ajudante de ordens? Não como um castigo, ou mesmo sem mais nem menos, mas para treiná-lo na arte do comando?

A última nave se apresentou, e Eli viu as costas de Thrawn se empertigarem um pouco.

– Muito bem – falou o almirante. – *Shyrack, Flensor, Tumnor*: avancem.

– Mantenha a posição – acrescentou Faro rapidamente para o timoneiro da *Quimera*.

Eli prendeu a respiração e a deixou sair lenta e silenciosamente. Despachar todos os três cruzadores leves da força-tarefa para uma situação perigosa era um risco terrível que a maioria dos comandantes hesitaria em correr. Mas era a única maneira desse plano funcionar.

Ele franziu a testa. Será que Faro estava certa? Será que Eli *era* um dos relativamente poucos que conseguiam compreender genuinamente as táticas de Thrawn?

Os cruzadores se dirigiam ao planeta, com os turbolasers disparando na ilha Scrim. Naquele momento, era um desperdício de esforço; os tiros teriam sido ineficazes mesmo se o escudo da ilha não estivesse ligado. Porém, conforme as naves de combate descessem e penetrassem na estratosfera, o nível de energia disparada se tornaria progressivamente maior. Com o tempo, se os cruzadores continuassem, os tiros começariam a pressionar o escudo e possivelmente a sobrecarregar o gerador. Antes de isso acontecer, os insurgentes teriam que agir.

Eles não esperaram até que a situação ficasse crítica, obviamente. Os cruzadores ainda estavam na parte mais exterior da atmosfera quando o escudo se contraiu simultaneamente na costa inteira e abriu vetores de tiro para todos os três canhões iônicos.

– Canhões iônicos liberados – anunciou Thrawn. – Cruzadores: atirem à vontade.

As três naves de combate alteraram os vetores de alvos do centro do escudo para os novos objetivos. Era, pensou Eli, como se fosse uma repetição da primeira tentativa do almirante Durril.

Porém, desta vez algo novo havia sido acrescentado à mistura. Enquanto os turbolasers dos cruzadores martelavam as baterias de canhões iônicos, um quarto canhão iônico abriu fogo a partir de uma posição na costa sudeste.

A *Shyrack* notou e tentou alterar a mira. No entanto, o tempo de reação da nave era lento demais para uma mudança tão grande de ângulo, e os disparos iônicos difusos vindo da superfície eram rápidos demais. Antes que os tiros do cruzador pudessem rastrear o novo alvo, os disparos iônicos atingiram o casco, apagaram sensores e silenciaram armas. Antes que a *Flensor* e a *Tumnor* pudessem alterar a própria mira, o quarto canhão mandou uma salva para cada um deles, e seus ataques também foram silenciados.

– Então o almirante estava correto – comentou Faro. – Eles tinham *mesmo* um quarto canhão ativo. Deviam ter um tubo de cathron sobressalente quando tomaram a ilha pela primeira vez.

– Nós já enfrentamos o Cisne Noturno antes – lembrou Eli. – A pessoa aprende a não acreditar

piamente em nada.

– Cruzadores: relatório – chamou Thrawn.

Eli ouviu atentamente enquanto chegavam os relatórios. O Cisne Noturno era esperto, muito bem, mas não sabia de tudo.

Incluindo como até mesmo os cruzadores imperiais eram resistentes. Todas as três naves haviam perdido as armas primárias e os motores principais, mas as comunicações e algumas das armas secundárias ainda estavam intactas.

E o mais importante de tudo: os motores auxiliares também estavam intactos.

– Manobras finais – ordenou Thrawn. – *Flensor*: agora.

A *Flensor* começou a virar para estibordo. Thrawn observou por um momento, depois gesticulou.

– *Shyrack*: agora.

A seguir, a *Shyrack* e a *Tumnor* foram calmamente para as posições que lhes haviam sido incumbidas.

– E quanto ao quarto canhão iônico, almirante? – perguntou Faro.

– Não será um problema – garantiu Thrawn. – Capitão Yelfis? A *Tumnor* levou a última salva. Quais foram suas observações?

– O canhão já estava falhando, almirante – disse a voz de Yelfis pelo alto-falante. – Meu engenheiro-chefe diz que isso é sinal de que o emissor do tubo de cathron está em processo de queimar. Seja qual for o traficante que vendeu o tubo para eles no mercado negro, foi roubado.

– Dado que o objetivo principal era nos forçar a recuar e reavaliar, eu diria que seu breve funcionamento provavelmente valeu o preço – afirmou Thrawn. – Felizmente, não somos dissuadidos assim tão facilmente. Comandante Faro, avante.

Adiante, o horizonte do planeta subiu um pouco mais quando a *Quimera* mudou de posição. O destróier estelar ficou atrás dos três cruzadores parcialmente desabilitados, entrou na estratosfera e se aproximou da superfície...

– Canhão iônico norte pronto para disparar – alertou o capitão da *Flensor*.

– Compensar, comandante – ordenou Thrawn.

– Compensado – confirmou Faro calmamente.

Eli deu um sorrisinho. Os insurgentes viram a *Quimera* avançando e tiveram a esperança de vencê-la como fizeram com a *Julgador*. Mas uma pequena alteração no posicionamento das naves imperiais colocou o destróier estelar atrás do cruzador danificado.

– Comandante? – perguntou Thrawn.

– Ainda avançando, almirante – relatou Faro.

– Canhão iônico oeste liberado para disparar – informou Brento da *Shyrack*. – Ajustando... os senhores estão protegidos, *Quimera*.

– Obrigado, capitã – agradeceu Thrawn. – Todas as naves, continuar como planejado.

Faro se aproximou de Eli.

– Me pergunto se eles já estão ficando preocupados – murmurou ela.

– Duvido – disse Eli. – Quem quer que esteja no comando da situação aqui é suficientemente inteligente para saber que sombras funcionam dos dois lados. Se os canhões iônicos não podem atingir a *Quimera*, os turbolasers da *Quimera* não podem atingir os canhões iônicos.

– E quanto ao turbolaser da ilha?

– Ele vai esperar até nos aproximarmos – respondeu Eli. – Já que o turbolaser é o único alvo ainda disponível para nós, eles vão presumir que já o colocamos sob nossa mira.

– Como o senhor disse, um homem inteligente – falou Faro. – Eu quase sinto pena dele.

Os três canhões iônicos da ilha continuaram disparando esporadicamente, claramente tentando meter um tiro na *Quimera* por entre os cruzadores. Mas Thrawn tinha posicionado bem as naves, e os quatro capitães seguiram suas ordens com precisão. Cada vez que os canhões iônicos disparavam, as rajadas

meramente se desperdiçavam nos cruzadores.

O impasse não duraria para sempre, obviamente. Se os canhões continuassem a disparar, os sistemas dos cruzadores ficariam tão congelados com o passar do tempo que as naves não teriam energia ou mobilidade alguma e não conseguiriam reiniciar. Àquela altura, elas começariam uma lenta espiral na direção do planeta que acabaria em uma colisão contra a superfície.

Felizmente, isso não iria acontecer. A *Quimera* avançou para o planeta...

– Distância de tiro ideal, almirante – relatou Faro. – Turbolasers de prontidão.

– Obrigado, comandante – disse Thrawn. – Alvo um. Turbolasers: *fogo*.

Pela vigia, Eli viu o céu se acender quando raios verdes brilhantes foram disparados para o planeta lá embaixo.

Mas não para a ilha em si. Como o almirante Durril e a *Julgador* haviam demonstrado tão penosamente, a defesa dos insurgentes era mais do que adequada para rechaçar um ataque orbital.

Mas Scrim era uma ilha... e o oceano logo após o litoral não estava sob a proteção daquele escudo.

– Impacto direto nas coordenadas do alvo um – disse uma voz vindo de uma das duas fragatas da 96ª, voando alto para observar a zona de combate. – Cratera de água... implosão... ondas se espalhando...

– Impacto! – berrou uma voz saindo da segunda fragata. – Onda com tamanho de tsunami atingiu a costa oeste.

– Alvo dois: *fogo* – ordenou Thrawn. – Avarias no alvo um?

– Não está claro, almirante – respondeu o observador da segunda fragata, que estava tentando permanecer calmo e profissional, mas Eli conseguia ouvir o espanto penetrando na voz. – Mas o tsunami teve um impacto direto na bateria oeste de canhão iônico.

– Relatório sobre o alvo dois – interrompeu o observador da primeira fragata. – Bateria de turbolaser também foi atingida. Parece que virou um pântano ainda maior do que no alvo um... a terra devia ser plana ou até mesmo côncava ali.

– Alternar fogo – falou Thrawn. – Alvos um e dois.

– Escudo se retraindo – relatou a *Flensor*. – Turbolaser liberado para disparar...

– O segundo tsunami atingiu o alvo dois – avisou o primeiro observador.

– Segundo tsunami no alvo um – acrescentou o segundo observador. – O canhão iônico oeste está inundado. Turbolaser... – ele se interrompeu. – Explosão da bateria de turbolaser, almirante. Parece que a água deu curto-circuito nos capacitores. Eu diria que a arma está inoperante.

– Estação de transmissão, estabeleça comunicação – mandou Thrawn. – Ilha Scrim, aqui é o almirante Thrawn, a bordo do destróier estelar imperial *Quimera*. Desliguem seu escudo e rendam-se, ou continuaremos a inundar suas armas pesadas e defesas costeiras até que elas estejam destruídas e seus operadores estejam mortos. Repito: desliguem seu escudo e rendam-se, ou sejam destruídos.

Não houve resposta.

– Continuamos atirando, almirante? – perguntou Faro.

– Alternar fogo entre os alvos um e três – respondeu Thrawn. – Alertar as canhoneiras de assalto para ação iminente.

Outra rajada de disparos de turbolaser saiu da *Quimera* e entrou no oceano agora em ebulição.

– Tsunamis nos alvos um e três – informou o primeiro observador. – Parece que um incêndio começou na área próxima ao alvo dois.

– Senhor, o escudo foi desligado! – gritou o oficial da estação de sensores, empolgado. – Parece que estão se rendendo.

– Confirmado, almirante – acrescentou o oficial de transmissões. – O líder insurgente está pedindo formalmente pelos termos de rendição.

– Informe que ele e seus homens devem abandonar as armas nos prédios e esperar do lado de fora pelas canhoneiras de assalto – disse Thrawn. – Qualquer tentativa de resistência será respondida com

força letal.

Ele meio que se virou para a vala dos tripulantes, e Eli notou um lampejo especialmente cruel em seus olhos vermelhos brilhantes.

– E diga para ele – acrescentou o almirante calmamente – que o preço será severo se algum dos reféns estiver ferido.

Thrawn esperou por uma confirmação, depois deu meia-volta e retornou pela ponte de comando para o ponto onde Eli e Faro estavam.

– O senhor pode mandar a notícia de nossa vitória para Coruscant, comandante Vanto – falou ele. – Assim que a ilha for completamente retomada, comandante Faro, a senhora supervisionará a tarefa de levar os três cruzadores em segurança, via raio trator, para fora do campo gravitacional de Batonn, de forma que eles possam iniciar reparos.

Eli concordou com a cabeça.

– Sim, senhor.

– Sim, almirante – disse Faro. – E posso acrescentar meus parabéns. Um plano brilhante, executado perfeitamente. Uma vitória incrível.

– Vitória, comandante? – Thrawn fez que não com a cabeça. – Esta batalha está encerrada, mas a guerra por Batonn ainda não foi vencida.

Ele deu meia-volta e olhou para o corredor.

– Caso precisem de mim, estarei na minha cabine. Informem quando a ilha for tomada.

– Algum dia a senhora já esteve a bordo de um destróier estelar imperial, governadora? – perguntou Yularen enquanto a corveta entrava no hangar da *Quimera* via raio trator.

– Não, nunca tive o privilégio, coronel – respondeu Arihnda.

Na verdade, ela nunca tinha visto uma daquelas naves gigantescas de perto, muito menos tinha sido convidada a bordo de uma.

Mas naves eram naves, homens eram homens, e almirantes – mesmo aqueles que haviam avançado tão rapidamente na carreira como Thrawn – eram apenas almirantes ainda. Arihnda já tinha encarado sua cota de almirantes e encararia mais este.

Thrawn estava esperando quando Arihnda e Yularen saíram do túnel de atracação.

– Governadora Pryce – cumprimentou o almirante. – Coronel Yularen. Bem-vindos a bordo.

– Obrigada, almirante – respondeu Arihnda.

O comandante Vanto estava parado a poucos passos atrás dele, juntamente com uma mulher usando uma divisa de comandante.

– Nós agradecemos sermos recebidos pelo senhor tão em cima da hora.

– Especialmente considerando como o senhor está ocupado, obviamente – acrescentou Yularen. – Mas creio que esta reunião vai se mostrar vantajosa.

– Veremos – disse Thrawn. – A sala de reuniões é por aqui.

A sala de reuniões, quando eles finalmente chegaram lá, revelou ser pouco mais do que um compartimento usado para passar instruções a pilotos. Os comes e bebes eram simples, servidos apenas para cumprir o protocolo, e provavelmente eram oriundos do refeitório dos pilotos.

Thrawn também não apresentou seus subordinados. Felizmente, tanto Arihnda como Yularen já conheciam Vanto, e a outra mulher era, por eliminação e patente, quem comandava a *Quimera*, a comandante Faro.

Mentalmente, Arihnda balançou a cabeça. Após todo esse tempo, Thrawn ainda não tinha domínio pleno das exigências políticas de seu posto.

– Nós soubemos que o senhor localizou a principal fortaleza dos insurgentes em Batonn – falou Yularen quando eles se sentaram ao redor da mesa. – O complexo da Mineradora e Refinaria Arroio, nos

arredores da cidade de Paeragosto.

– Sim. – Os olhos de Thrawn se voltaram rapidamente para Vanto. – Enquanto os cargueiros que fugiam da ilha Scrim pousavam em localidades diferentes no continente, o comandante Vanto conseguiu destrinchar os vetores de remessas, que indicavam que as cargas acabavam na Arroio, no fim das contas.

Arihnda sentiu um nó no estômago.

– E, é claro, o senhor planeja ir lá com força total.

– Não vejo outra escolha, governadora – falou a comandante Faro. – O escudo do complexo bloqueia um ataque orbital.

– Mesmo se não bloqueasse, há aproximadamente 30 mil civis dentro dos limites do complexo – acrescentou Thrawn.

– Sim, eu sei – disse Arihnda. – Dois desses civis são meus pais.

Aqueles perturbadores olhos vermelhos se apertaram.

– Entendo.

– O que não é necessariamente de todo mau – falou Yularen. – Por motivos óbvios, a governadora Pryce vem acompanhando os eventos em Batonn com muita atenção. Há dois dias, ela veio até mim com uma proposta. – Ele gesticulou. – Governadora?

– É muito simples, almirante – disse Arihnda, colocando a voz, expressão e postura no que ela gostava de chamar de “modo de persuasão”. – Eu visitei meus pais várias vezes quando trabalhava para o senador Renking. Eu conheço algumas pessoas lá embaixo, e meus pais provavelmente conhecem a maioria delas. Eu quero descer ao planeta, conversar com meus pais e os amigos deles, e dar uma boa olhada no arranjo de defesas e armas dos insurgentes. Dessa forma, quando o senhor enviar suas forças, elas não irão às cegas.

– Dependendo do arranjo, as forças imperiais podem até tentar ir contra o gerador de escudo – salientou Yularen. – Derrubá-lo tornaria essa operação consideravelmente mais fácil.

– Sim – falou Thrawn, observando Arihnda atentamente. – Uma questão. Quando visitou Batonn pela última vez, a senhora era uma assistente de senador. Agora é uma governadora imperial. Sua posição e reputação podem precedê-la.

– Não vão – disse Arihnda. – Eu posso usar um disfarce, mas o fato é que a expectativa da maioria das pessoas anula a observação. Elas não esperam ver a governadora Pryce de Lothal, então não vão vê-la.

– Seus pais saberão.

Por um segundo, Arihnda teve lembranças daquele dia terrível em Lothal, o dia em que ela teve que contar para os pais que eles teriam que ir embora de sua casa, talvez por anos, talvez para sempre. Ela falou muito e pra valer durante aquelas três horas: persuadindo e argumentando, enaltecendo a oportunidade que os dois receberam, ao mesmo tempo que alertava sobre os perigos caso recusassem a oferta de Renking, prometendo que ajudaria no futuro, enquanto admitia que estava impotente no presente. No fim, Arihnda persuadiu os pais, que se mudaram para Batonn, onde no fim das contas se acostumaram à nova vida com conforto e contentamento razoáveis.

Mas foi ela que os persuadiu. Não Renking e suas ameaças, mas Arihnda.

– Não se preocupe com eles – garantiu ela para Thrawn. – Eu vou garantir que eles fiquem em silêncio.

– Presumo que a senhora não irá sozinha – comentou Vanto.

– Claro que não – falou Arihnda.

Embora ir sozinha fosse, na verdade, exatamente o que ela esperava fazer. Arihnda discutiu muito e pra valer com Yularen antes de, no fim das contas, ser forçada a ceder.

– Um dos homens do coronel Yularen vai comigo.

– A história será que os dois estão à procura de um amigo que se envolveu na situação da mina –

explicou Yularen. – Isso lhes dará uma desculpa razoável para entrar em uma zona de possível combate e persuadir os pais a levá-la além dos postos de controle dos insurgentes.

– Isso também não exige que a governadora tome partido de um dos dois lados da disputa – disse Thrawn. – Melhor assim, uma vez que não sabemos qual lado os pais dela apoiam.

Arihnda sentiu o lábio tremer. Ela não pensara nesse ponto.

– Tenho certeza de que eles são leais ao Império.

– Talvez – falou Thrawn. – O Cisne Noturno pode ser bem convincente. Eu também devo salientar que, mesmo com uma escolta do DSI, essa será uma empreitada perigosa.

– Eu ficarei bem – insistiu Arihnda. – Mais importante, o senhor precisa da informação.

– Cujá coleta está longe de ser a especialidade da senhora – salientou Faro. – Ao meu ver, isso limita seu valor.

Arihnda teve que sorrir ao ouvir isso. Se ao menos Faro soubesse como ela era boa em coletar informações.

– Primeiro: o agente Gudry é treinado para essas coisas – argumentou Arihnda. – Ele sabe como coletar informações brutas. Segundo: eu entendo de minas, mineração e refino. *Eu* vou reconhecer quais equipamentos deveriam estar naquelas instalações e quais não deveriam, e o que vale a pena marcar para destruição orbital e o que não vale. Com a coleta de informações de Gudry e a minha análise, nós seremos uma equipe bem eficaz. – Ela olhou para Thrawn. – A mais eficaz, ousou dizer, que o senhor conseguirá tão em cima da hora.

Thrawn encarou Arihnda por um momento, depois virou o olhar para Yularen.

– O senhor se responsabiliza por esse agente Gudry, coronel?

– Totalmente – respondeu Yularen. – Ele é muitíssimo competente, como investigador e também como protetor. Ele vai manter a governadora a salvo. Conte com isso.

Thrawn ficou em silêncio por outro minuto. Depois acenou brevemente com a cabeça.

– Muito bem. Como o senhor pretende levá-la à mina?

– Vou levá-la a Dennogra e colocar Gudry e ela a bordo da ponte planetária regional – disse Yularen. – Eles chegarão à cidade de Paeragosto como qualquer outro visitante.

– Entendo – falou Thrawn.

Arihnda notou que ele ainda tinha suas dúvidas, mas que também tinha poder limitado sobre o que uma governadora imperial fazia, especialmente quando essa governadora já tinha a bênção do DSI.

– O cronograma?

– Nós podemos levá-la para Dennogra e de volta a Batonn em doze horas. – Yularen olhou para o crono. – Isso deve levá-la a Arroio mais ou menos duas horas depois do pôr do sol, na hora local. – O coronel acenou com a cabeça para trás. – Pela aparência de seus cruzadores leves, duvido que o senhor esteja pronto para tomar qualquer atitude antes disso, afinal.

Arihnda franziu os lábios. Yularen estava certo em relação a essa questão, certamente. A corveta deles tinha passado perto de um dos cruzadores ao chegar, e o flanco inteiro da nave avariada era uma massa sólida de rebocadores de manutenção e enormes barcas de reparos. Pelo que eles viram dos outros dois cruzadores, posicionados bem longe da *Quimera*, onde ficariam longe de qualquer combate, aquelas naves também não estavam nas melhores condições.

– Os cruzadores foram muito mais danificados no ataque dos canhões iônicos do que imaginamos primeiramente – admitiu Thrawn. – Ainda assim, seu estado de reparos é em grande parte irrelevante, pois eles seriam de pouca utilidade em um ataque terrestre.

– A não ser que o Cisne Noturno também tenha um componente espacial em seu plano – alertou Yularen. – Lembre-se que o almirante Kinshara relatou que a maioria das naves dos insurgentes já havia saído de Denash quando a 125ª chegou.

– Esse relatório simplesmente repetia as declarações dos prisioneiros – lembrou Thrawn. – A

presença ou a quantidade de naves insurgentes que estavam no sistema ainda precisam ser confirmadas de maneira independente.

– Talvez – disse Yularen. – É melhor o senhor ainda assim ficar de olho no céu.

– Eu sempre faço isso, coronel – garantiu Thrawn com um sorrisinho. – Que fique registrado que eu reprovo o plano da governadora Pryce, tanto em questão de segurança como de eficácia. No entanto, como tenho certeza de que ela está preparada para me lembrar, Batonn e a cidade de Paeragosto ainda não são consideradas zonas militares plenas, o que limita minha autoridade sobre os movimentos da governadora lá.

– E mesmo assim, reprovando ou não, eu sei que posso contar com sua assistência imediata se houver problema – falou Arihnda, cujos longos anos de combate político ensinaram que ser elegante na vitória jamais fazia mal. – Por isso, almirante, eu lhe agradeço.

Thrawn inclinou a cabeça para ela.

– Governadora. – Ele olhou para Yularen. – O senhor voltará à *Quimera* após levar a governadora Pryce e o agente Gudry para Dennogra?

– Infelizmente, tenho negócios urgentes em outro lugar – respondeu o coronel. – Mas acredito que nos veremos novamente em breve.

– Aguardo ansiosamente por isso – disse Thrawn. – O senhor providenciará os transmissores e coletores de dados que a governadora Pryce e o agente Gudry precisarão?

– Sim, e coordenarei com o comandante Vanto as frequências e senhas – respondeu Yularen.

– Muito bem. – Thrawn novamente inclinou a cabeça para Arihnda. – Sucesso em sua missão, governadora. Tenha cuidado e fique em segurança.

– E traga informações úteis – acrescentou Yularen. – Melhor ainda: veja se consegue destruir aquele escudo. Vai simplificar as coisas.

– Não se preocupem – garantiu ela para os dois. – Faremos o melhor.

– ... e as senhas vão decifrar tudo o que eles enviarem para nós – explicou Yularen ao entregar o datacard para Eli enquanto os dois andavam na direção do hangar.

– Obrigado – disse Eli.

Ele enfiou o datacard no datapad e verificou rapidamente. Tudo parecia estar em ordem.

– Eu presumo que o senhor queira manter isto isolado do resto dos computadores da nave?

– Se possível – falou Yularen. – É uma das melhores criptografias do DSI, e nós realmente não queremos que fique dando sopa pela galáxia.

– Entendido – disse Eli, que retirou o datacard do datapad.

A entrada do túnel de atracação ficava logo adiante, e a governadora Pryce já havia se separado dos demais, acelerando o passo em direção à passagem. Ela *realmente* estava ansiosa para dar início à missão.

– O almirante Thrawn já entrou em contato com as forças imperiais no solo. Elas estão prontas para agir quando e se a governadora Pryce e sua escolta encontrarem uma entrada fácil.

– Sim – falou Yularen, com um tom sutilmente estranho na voz. – Governadora, entre e se instale. Eu preciso trocar uma palavrinha rápida com o comandante Vanto.

Pryce deu um olhar ligeiramente intrigado para trás, mas desapareceu dentro do túnel, sem comentários.

– Algum problema, coronel? – perguntou Eli baixinho.

– Não sei – respondeu Yularen. – O senhor pode me informar quem armou o posicionamento da *Quimera* e do resto da força-tarefa?

– Creio ter sido o próprio almirante. Por quê?

– Porque certamente foge aos padrões – disse Yularen. – Na verdade, beira a loucura. – Ele

gesticulou. – Seus três cruzadores leves estão nos vértices de um triângulo equilátero com quase 100 quilômetros de lado. Isso significa que eles não apenas estão muito longe da nave capitânia, como também estão longe uns dos outros. Nenhum deles pode ajudar os demais, e nenhum deles está dentro do alcance de proteger a *Quimera*.

– Eles não estão exatamente aptos para combate neste momento – falou Eli.

Ainda assim, ele próprio ficara intrigado sobre o posicionamento. A explicação de Thrawn havia sido a de que ele queria muito espaço em volta de cada um dos cruzadores, de maneira que as enormes e volumosas barcaças de reparos que o almirante trouxera para o sistema vindo de algum lugar não ficassem uma no caminho da outra.

Mas isso era uma explicação? Ou simplesmente uma desculpa?

– A falta de capacidade de combate dos cruzadores é exatamente a questão – falou Yularen. – Como eu disse: eles não podem ajudar a *Quimera*, e a *Quimera* não pode ajudá-los. São basicamente tartarugas de barriga para cima, cercadas e restritas por outras tartarugas de barriga para cima. Se saírem algumas naves armadas do hiperespaço, os senhores ficarão apenas com um cruzador e um bando de naves auxiliares. Com três forças atacando em conjunto, todas as três naves e grupamentos de apoio serão perdidos.

– Não em conjunto – murmurou Eli. – Eles viriam em sequência. A *Shyrack*, depois a *Flensor*, e a seguir, a *Tumnor*. É melhor dar à *Quimera* apenas tempo suficiente para virar os turbolasers na direção de um cruzador antes de atacar o segundo.

– Vejo que está aprendendo a pensar taticamente – comentou Yularen. – A questão é: por que Thrawn não está fazendo a mesma coisa?

– Tenho certeza de que está – disse Eli.

Mas Yularen estava certo sob todos os aspectos. O que deixava apenas um motivo que Eli era capaz de pensar para os cruzadores terem sido posicionados tão distantes.

Eles eram o equivalente a obstáculos de trânsito para Thrawn. Algo para retardar um ataque sorrateiro por encorajar os agressores a lidar com um trio tentador de naves afastadas enquanto a *Quimera* entrava em prontidão de combate.

Só que a isca estava impotente... o que significava que qualquer ataque viraria instantaneamente um massacre.

Eli sentiu um nó na garganta. Thrawn não faria algo tão cruel. Certamente não faria.

– Bem, eu, por exemplo, não vejo a lógica dessa tática – falou Yularen em tom sombrio. – Mas creio que isso seja da conta dele, não da minha. Só estou dizendo para o senhor ficar de olhos abertos. O Cisne Noturno... eu tive a impressão, desde aquele primeiro confronto envolvendo o gás tibanna, de que o sujeito incomoda Thrawn. Incomoda mais, provavelmente, do que o almirante admitiria. Com o Cisne Noturno orquestrando toda essa operação, eu não tenho certeza se Thrawn está pensando com clareza.

– Ele está pensando direito – disse Eli com firmeza. – E seja lá o que o almirante fizer, será pelo bem do Império.

– Espero que sim – falou Yularen. – Fique de olho nele mesmo assim.

Com um último olhar demorado para trás, o coronel do DSI entrou no túnel.

E deixou Eli sozinho na passagem. Com ideias novas e perturbadoras.

Ele esperou até que a corveta estivesse seguindo seu rumo, a salvo. Depois voltou para a ponte, passando os dedos no datacard de Yularen.

Eli vigiaria Thrawn, certamente. Ele vigiaria todo mundo.

Porque o Cisne Noturno estava em algum lugar na área, com algum plano de ação já em andamento.

E, como o próprio Thrawn dissera, o sujeito era bastante persuasivo.



CAPÍTULO

26

Cada pessoa tem seus objetivos. Alguns desses objetivos são notórios, visíveis para todos que queiram observar. Outros são mais particulares, compartilhados apenas com os amigos e conhecidos mais íntimos.

Alguns objetivos são segredos sombrios que a pessoa espera que jamais vejam a luz do dia.

Mas, com o tempo, inevitavelmente, esses objetivos mais profundos precisam se manifestar se quiserem ser alcançados. Precisam ser revelados para alguém ouvir, ver ou oferecer ajuda.

Todos que trouxerem esses objetivos à luz devem estar preparados para que eles sejam aceitos ou rejeitados. E têm que estar prontos para aguentar as consequências.

Todas elas.

Lá atrás, a bordo da *Quimera*, Thrawn dissera que a cidade de Paeragosto ainda não era uma zona militar plena.

Se não era, Arihnda não tinha interesse nenhum em se envolver em uma zona militar de verdade.

O primeiro gargalo era o espaçoporto, onde todo mundo que saía do transporte tinha que mostrar a identificação e responder a perguntas sobre o motivo de visitar Batonn em geral e a cidade de Paeragosto em especial. Depois disso, vinham os soldados da Marinha e da Força de Defesa de Batonn, que armaram uma barreira na estrada principal que saía da cidade em direção ao complexo minerador de Arroio. Ainda não parecia que eles armariam um cordão de isolamento completo, mas Arihnda achou que era apenas questão de tempo e de pessoal. E, finalmente, havia um posto de controle perto do limite do escudo de Arroio, esse guarnecido por um grupo misto de insurgentes, descontentes, gente à procura de emoção e mercenários e aspirantes a mercenários.

Mas as identidades que Yularen havia fornecido para eles – um nome verdadeiro parcial e um endereço planetário falso para Arihnda, tudo falso para Gudry – funcionaram, reforçadas pelo falatório surpreendentemente bom da parte do agente Gudry. Arihnda esperara ter que carregar aquele fardo. Claramente, Yularen não exagerara sobre as capacidades de Gudry.

– A senhora se saiu muito bem, governadora – murmurou Gudry enquanto eles se encaminhavam para uma fila de transportes pessoais de quatro lugares dentro do último posto de controle. – Melhor do que eu esperava.

– Fico contente por ter sua aprovação – sussurrou Arihnda de volta. – Vamos começar pela casa dos meus pais, depois iremos para a área da mina a fim de dar uma olhada geral.

– Só precisávamos de seus pais para entrar – disse Gudry. – Já entramos.

– Só passamos pela barricada – salientou Arihnda. – Não entramos no complexo da mina em si.

– Não é problema – falou Gudry. – De qualquer forma, eu quero ver o que está acontecendo antes de escurecer.

Arihnda pegou no antebraço dele.

– Primeiro: não seja idiota – disse ela em tom de voz mais baixo. – Meu pai é um capataz, e minha mãe, uma administradora. Ter um rosto conhecido andando conosco vai facilitar mais a passagem por postos de controle e patrulhas de segurança do que o falatório fanfarrão do DSI. Segundo: uma mina é tão iluminada à noite quanto é durante o dia. Só as sombras é que mudam para lugares diferentes. E terceiro: uma vez que imperiais caxias gostam de atacar posições inimigas à noite, o pôr do sol fará com que a atenção dos insurgentes esteja voltada para fora. A noite é *exatamente* o que queremos.

Gudry ficou calado por alguns passos.

– Tudo bem – rosnou ele. – Faremos do seu jeito. Por enquanto.

– Faremos do meu jeito – concordou Arihnda. – Sempre.

Ela temia que seus pais pudessem ter mudado para um cronograma de trabalho diferente. Se isso tivesse acontecido, eles teriam que procurá-los ou até mesmo arriscar fazer uma ligação. Para o alívio de Arihnda, a mãe atendeu à porta no segundo toque.

– Sim? – falou ela cautelosamente, olhando de um para o outro, e se concentrou em Gudry. – O que posso fazer por vocês?

– Pode começar com um abraço – sugeriu Arihnda.

Elainye estremeceu, e o olhar se voltou para Arihnda. Houve uma fração de segundo de confusão, e depois ela arregalou os olhos.

– Arihnda! – exclamou Elainye enquanto dava um passo à frente e abraçava a filha. – Eu não fazia ideia de que você vinha. O que fez com o cabelo?

– Foi um lance impulsivo, mãe – respondeu Arihnda, dando um sorrisinho triunfante para Gudry sobre o ombro de Elainye.

Gudry argumentara que a peruca loura comprida sobre o cabelo preto curto de Arihnda e as lentes escuras nos olhos azuis não enganavam ninguém. Obviamente, ela estava certa.

– Eu ouvi falar da confusão aqui e quis garantir que a senhora e o papai estivessem bem.

– Estamos bem – falou Elainye com o rosto enfiado no ombro da filha. – Embora isso possa mudar a qualquer momento.

Ela se afastou e esticou a mão para Gudry.

– Sou Elainye Pryce.

– Mattai Daw, senhora – disse ele. – Arihnda me contou tanto a respeito da senhora que sinto como se a conhecesse.

Arihnda sentiu o lábio se contorcer. Na verdade, tudo o que Gudry sabia sobre seus pais fora transmitido em pequenos trechos de conversas a bordo do transporte, diálogos que consumiram provavelmente quinze minutos do tempo que os dois passaram juntos. O resto da viagem desde Dennogra fora passado em silêncio enquanto Gudry enfiava a cara em plantas, mapas e nas últimas mensagens do DSI.

– Precisamos conversar, mãe – falou ela. – O papai está?

– Sim, claro. Entrem, entrem.

Um minuto e uma rodada de abraços depois, os quatro estavam sentados juntos na sala de estar.

– Então, o que está acontecendo lá fora? – perguntou Talmoor. – Você veio aqui para conversar com o governador sobre dar um jeito nessa confusão?

– Infelizmente, o governador Restos não dá muitos ouvidos a ninguém – respondeu Arihnda, analisando o pai com o olhar.

Ele envelhecera muito desde a última hololigação algumas semanas atrás, estava com o rosto mais

enrugado, os olhos mais cansados e infelizes, e a postura curvada.

– Na verdade, estou aqui *muito* extraoficialmente, por isso o cabelo e as lentes de contato. Além de garantir que vocês estivessem em segurança, nós precisamos de sua ajuda. Um amigo de Mattai talvez esteja dentro da área da mina, e nós precisamos de sua ajuda para encontrá-lo e retirá-lo.

– Ah, ele está lá, com certeza – disse Gudry com a mistura perfeita de preocupação e constrangimento. – Ele é do tipo que pula de cabeça em uma situação como essa sem pensar. Preciso encontrá-lo e tirá-lo antes que a coisa exploda.

– Calminha aí – falou Talmoor. – Primeiro, não há ninguém na mina que não esteja lá por vontade própria. Eles estão lutando pelos direitos do povo contra um governo repressor e perigoso.

Arihnda sentiu um nó no estômago. Thrawn se perguntara de que lado os pais dela estariam no impasse. Na ocasião, Arihnda defendera a lealdade deles por reflexo. Ouvir o pai falar assim..

– Acho que o senhor está exagerando ao pintar o quadro – comentou ela. – O Império é bem multifacetado.

– Talvez em Coruscant ele seja – falou Elaine. – Talvez em Lothal. Não em Batonn. Aqui, o governador e seus amigos são... bem, é melhor dizer logo. Eles são corruptos, Arihnda. Completamente corruptos. E a galáxia precisa saber disso.

Arihnda recomeçou a respirar. Então o problema era apenas política local? Isso ela conseguia encarar.

– Eu examinarei essa questão quando voltar a Lothal – prometeu Arihnda. – Eu posso apelar para o Senado, possivelmente até mesmo para o imperador. Existem procedimentos para esse tipo de coisa.

– Sim, existem – disse Talmoor com a cara fechada. – São chamados de revolução. Eu entendo sua preocupação com seu amigo, Mattai, mas não há nada que você possa fazer.

– E estou totalmente disposto a aceitar isso – falou Gudry –, mas preciso ter notícias dele. Já ouvi muitas histórias de pessoas sendo forçadas por piratas e grupos de insurgentes. E, sim, eu sei que a maioria delas provavelmente é falsa. Mas preciso... – ele engoliu em seco. – Eu simplesmente preciso ter notícias dele.

– Então nós vamos entrar – disse Arihnda. – Vocês não precisam nos levar se não quiserem, mas ajudaria se pudessem avisar alguém que vocês conheçam.

Talmoor suspirou.

– Vocês nunca passarão pelo cordão de isolamento sem mim. Tudo bem, eu levo vocês. Qual é o nome do seu amigo?

– Quem sabe? – falou Gudry. – Quer dizer, ele nem sempre esteve do lado certo da lei, se me entende. Eu o conheci como Blayze Jonoo, mas não sei que nome está usando aqui.

– Isso ajuda – disse Talmoor com um toque de sarcasmo. – Você pelo menos o reconheceria se o visse?

– Com certeza – garantiu Gudry. – E ele é técnico em eletrônica bélica, então isso deve nos dar uma pista de aonde ele foi enviado para trabalhar.

– Ok – falou Talmoor ao pegar o casaco de um cabideiro ao lado da porta. – Nós vamos entrar e dar uma olhada rápida. Mas, quando eu disser para irmos embora, nós vamos embora. Entendido?

– Entendido – respondeu Arihnda. – Antes de irmos, preciso ir ao banheiro.

– Ok – disse Talmoor. – Você lembra onde fica?

– A não ser que o senhor e a mamãe tenham mudado o banheiro de lugar – falou Arihnda com um sorrisinho. – Volto já.

E voltou mesmo. Mas no caminho para o banheiro ficava a cozinha, e a bolsa da mãe estava pendurada pela alça em um pino atrás da porta, como sempre. Sem ser vista pelos demais, Arihnda abriu o bolso lateral, torcendo fervorosamente para que a mãe não tivesse mudado a marca e o modelo de comlink desde a última visita.

Mas sua mãe era uma pessoa acostumada à rotina, e para o alívio de Arihnda, o comlink era o mesmo que ela possuía antes. Rapidamente, Arihnda trocou o aparelho pelo modelo idêntico que trouxera de Coruscant e depois continuou para o banheiro.

Teria sido melhor simplesmente pegar o comlink sem se importar com trocá-lo, mas ela não queria correr o risco. Se sua mãe notasse que o comlink tinha sumido, ela usaria um sinal para localizá-lo, e isso poderia provocar perguntas embaraçosas no lugar e no momento errados. Desta forma, a não ser que Elaine decidisse fazer uma ligação, o sumiço do comlink não seria notado.

Gudry ainda estava falando sobre o amigo desaparecido quando Arihnda se juntou novamente a eles.

– Pronto? – perguntou Talmoor.

– Pronto – confirmou ela. – Obrigada, papai.

– De nada, como sempre – disse Talmoor. – Muito bem. Vamos nessa.

A linha do terminadouro havia passado pela cidade de Paeragosto. O céu acima da fortaleza inimiga em Arroio estava escurecendo com a aproximação da noite.

Era a hora.

O gabinete de Thrawn estava em silêncio, tomado pelo mesmo crepúsculo que os insurgentes lá embaixo estavam vivenciando. O almirante estava cercado por hologramas de arte batonnense, pairando como mensageiros do passado, cada obra informava o *ethos*, as atitudes e o modo de pensar das pessoas e da cultura que as criaram. Forma e fluxo, cor e textura, estilo e meio – tudo informava Thrawn. Mesmo fatores como o tipo de arte e o suposto valor das peças davam pistas de como as pessoas agiriam e reagiriam na guerra.

Infelizmente, com esse tipo de insurgência, os padrões não eram tão nítidos quanto seriam em um simples levante planetário. A maioria dos comandados pelo Cisne Noturno era batonnense, mas havia outros que viajaram até ali para se juntar à causa. Esses elementos externos deturpavam e diluíam os padrões revelados pela arte.

O ideal era que ele tivesse tempo para um estudo mais concentrado, sem pressa, do inimigo. Mas não havia mais tempo. A ilha Scrim tinha sido uma distração, algo barulhento e óbvio que o Cisne Noturno esperava que atraísse a atenção imperial enquanto ele reunia suas forças e armas sob o escudo protetor de Arroio. Era mais provável que ele tivesse esperado que a recaptura da ilha convencesse o Império de que Batonn não era mais uma ameaça, o que daria ao Cisne Noturno mais tempo para se preparar após a retirada imperial.

Mas daquela vez ele calculara mal. Seu momento estava chegando ao fim, juntamente com a insurgência em Batonn.

Era responsabilidade de Thrawn fazer tudo que estivesse a seu alcance para garantir que ela chegasse ao fim da melhor forma possível.

O transmissor de mesa já estava programado na sequência devida.

– Sim? – atendeu uma mulher.

– Aqui é o almirante Thrawn a bordo do destróier estelar imperial *Quimera* – disse ele. – Quero falar com o Cisne Noturno.

Houve uma pausa.

– Perdão? – falou a mulher. *A voz contém descrença e espanto.*

– Aqui é o almirante Thrawn – repetiu ele. – Por favor, informe o Cisne Noturno que desejo falar com ele.

Desta vez, a pausa foi mais longa.

– Um momento.

Levou quarenta segundos para o transmissor ficar ativo novamente.

– Aqui é o Cisne Noturno – disse a voz conhecida. *O tom contém cautela, mas pouca surpresa.* –

Como você conseguiu esta frequência?

– Era uma das muitas que havia nos registros do cargueiro que eu e o comandante Vanto retiramos de sua nômade.

– Ah – falou o Cisne Noturno. *A voz agora contém humor negro dentro da cautela.* – Que descuido da parte de quem pilotou aquela nave por último. Bem. De qualquer outra pessoa, eu esperaria um ultimato ou pelo menos algum tripúdio. Mas nenhum dos dois me parece ser seu estilo. Por que me ligou?

– Eu quero falar com você.

– Estamos falando.

– Juntos, cara a cara, sem barreiras entre nós.

Há um muxoxo de desdém silencioso.

– Certamente. Você quer vir ao meu quartel-general fortemente armado ou devo ir ao seu?

– Há um campo a 2 quilômetros a nordeste do prédio das instalações da Arroio – falou Thrawn. – Ele inclui uma cadeia de morros baixos que impede que a área seja observada por acaso, mas é facilmente acessível partindo do seu quartel-general.

Outra pausa.

– Você está falando sério, não é? – disse o Cisne Noturno. *A voz contém confusão.* – Você realmente quer que eu vá para lá, fora da cobertura do escudo?

– Se for deixá-lo mais à vontade, eu chegarei primeiro – ofereceu Thrawn. – Como você sabe, eu tenho um cargueiro civil, que não atrai atenção indevida.

– Você estará com guardas, é claro.

– Eu mandarei que fiquem no cargueiro e fora da distância de tiro. Garanto que não quero a sua morte.

– Apenas a minha captura?

– Você não está entendendo – falou Thrawn. – Seu valor para mim não pode ser medido pela sua captura. Certamente não pode ser medido pela sua morte.

– Você atçou a minha curiosidade – disse o Cisne Noturno. *Cautela, mas também um interesse crescente.* – Qual é o meu valor para você?

– Eu só falarei sobre isso cara a cara – respondeu Thrawn. – Não discutirei em uma conversa via transmissor.

– Entendo. – Outra pausa. – Você diz que não quer me matar. Eu gosto dessa parte. O que o faz pensar que não vou matar você?

– Porque você valoriza a vida – falou Thrawn. – Porque eu sou a única garantia que os civis reunidos dentro de sua fortaleza não serão massacrados. Caso outras pessoas liderem o ataque, é praticamente certo que elas matarão todo mundo e destruirão tudo que estiver no caminho. Isso é uma coisa que você não quer.

– Eu não pedi para os civis virem aqui – disse o Cisne Noturno. *Há sofrimento renovado, raiva e ressentimento.* – Alguns eu não consegui evitar, aqueles cujos lares estão embaixo do escudo. Mas os outros... eu pedi que não viessem, mas não pude evitar que entrassem.

– Compreendo – falou Thrawn. – Mas também compreendo que você encara esse fardo da maneira como eu encararia. Eu juro fazer tudo ao meu alcance para evitar mortes desnecessárias. É por isso que você vai permitir que eu retorne à *Quimera* em paz.

Desta vez, a pausa foi mais longa, de quase onze segundos. Uma leitura de expressão e postura teria sido útil, mas a conexão era apenas via áudio.

Se o Cisne Noturno aceitasse o convite, uma leitura mais completa seria possível.

– Como eu falei, curiosidade – disse o Cisne Noturno. – Tudo bem, por que não? O campo a nordeste. Quando?

– Eu estarei lá em uma hora – falou Thrawn. – Você pode chegar quando quiser.

– Uma hora – disse o Cisne Noturno. – Estarei lá.

Talmoor precisou usar todo o seu poder de argumentação e convencimento, mas, no fim das contas, ele, Arihnda e Gudry receberam permissão de entrar no perímetro externo da mina. Não havia transportes pessoais visíveis, mas Talmoor garantiu que a parte central do complexo ficava a apenas um quilômetro dali, e eles foram a pé.

E, enquanto andavam, como Arihnda já esperava que o pai fizesse, ele entrou num monólogo sobre a história recente de Arroio.

– ... a ironia é que o responsável pelo fato de nós termos um escudo é o próprio governador – disse Talmoor enquanto eles se desviavam de uma speedervan que ia para o interior do complexo com o compartimento de carga lotado de caixas.

Arihnda franziu os olhos quando o veículo passou e notou as palavras CORDÃO MAKRID nas laterais.

– Quando a confusão começou em Denash, o proprietário de Arroio implorou ao governador por proteção. Tudo o que ele queria eram algumas centenas de soldados para reforçar os postos de controle, mas o governador queria poupar toda a tropa para sua própria proteção. Então, em vez de fornecer soldados, ele encontrou um escudo regional DSS-02 e mandou instalá-lo.

– Que beleza – comentou Arihnda.

Ela deu uma olhadela por trás do pai para Gudry, que caminhava do outro lado dele. O sol já havia se posto muito tempo antes, mas, como Arihnda previra, as luzes do complexo mais que compensavam sua ausência, e, na iluminação, ela notou um sorrisinho nos lábios do agente.

Não era de admirar. Escudos DSS eram usados no Império inteiro, e em algum momento do treinamento de Gudry no DSI, ele certamente aprendera a desligar um modelo daqueles.

Yularen sugerira que eles eliminassem o escudo, mas de uma forma espontânea que indicava que o coronel estava meio que brincando. Antes de a noite acabar, ele talvez se surpreendesse.

– Eu pensei que os operadores tentariam sabotar o escudo antes de vocês os expulsarem – comentou Gudry.

– Antes de os *insurgentes* os expulsarem – corrigiu Talmoor, em um tom um pouco ríspido. – Eu posso concordar com algumas das queixas deles, mas não sou um insurgente. De qualquer forma, pelo que eu soube, os operadores foram reunidos e escoltados para fora das dependências antes de sequer saberem o que estava acontecendo.

– E aí veio o Cisne Noturno? – perguntou Arihnda.

Talmoor franziu a testa para ela.

– Quem é Cisne Noturno?

– O líder do grupo – respondeu Arihnda. – O senhor não sabia?

– Eu já disse que não faço parte desse grupo – disse ele, curto e grosso. – Você disse que seu amigo é um técnico, Mattai?

– Ele quase sempre atua como técnico, mas já mexeu em um monte de coisas – falou Gudry. – Talvez até o tenham trazido para manter o escudo funcionando. O senhor sabe onde fica o gerador?

– Ali, em algum lugar. – Talmoor apontou. – Acho que tanto faz irmos naquela direção como para qualquer outra.

Arihnda deixou que eles ficassem alguns passos à frente. Então, no momento certo, ela entrou de mansinho atrás de uma speedervan estacionada e mudou de direção. Arihnda passou pela speedervan, deu a volta em outra e se apoiou com o joelho em um ponto onde não seria vista se Gudry ou o pai olhassem para lá. Ela puxou o comlink da mãe e digitou a frequência do pai.

Talmoor respondeu ao segundo toque.

– Elaine? Algum problema?

– Não estou me sentindo bem – disse Arihnda, ofegando como se estivesse tendo algum tipo de reação. – Acho que foi... acho que é algo no ar.

– Calma, vou ligar para o hospital – falou Talmoor, com o tom de voz ansioso.

– Não, não é assim tão grave – disse Arihnda, ofegando um pouco mais.

Ela não fazia ideia se a imitação era boa, mas torcia para que o esforço e a respiração acobertassem qualquer deficiência.

– Você pode voltar para casa? Eu preciso que você e Arihnda voltem para casa.

– Sim, claro – respondeu Talmoor. – Arihnda...

Ele se interrompeu, sem dúvida imaginando onde a filha havia desaparecido.

– Por favor, rápido – falou Arihnda, que desligou o comlink, enfiou na bolsa e ficou de pé.

Bem na hora. Assim que ela se virou, o pai e Gudry apareceram dando a volta na extremidade da speedervan.

– Arihnda! – chamou Talmoor.

– Aqui – gritou Arihnda de volta e correu até eles. – Desculpe, eu vi um grupo de homens e quis verificar.

– Como eram eles? – perguntou Gudry.

– Nada como a descrição que você me deu, infelizmente – disse Arihnda. – Alguma coisa errada?

– Sua mãe está passando mal – falou Talmoor ao pegar o braço dela. – Temos que ir para casa imediatamente.

– É grave?

– Ela diz que não – respondeu Talmoor. – Mas vamos para casa mesmo assim. Vamos, Mattai.

– Espere aí, eu preciso encontrar meu amigo – reclamou Gudry. – Posso ficar? Eu prometo que não vou atrapalhar ninguém.

– Eu não acho... – começou Talmoor.

– É uma boa ideia – interrompeu Arihnda. – Você consegue voltar para casa, certo?

– Claro – disse Gudry. – Você dois, vão em frente. Eu ficarei bem.

– Não posso deixar você ficar sem mim – disse Talmoor, mas as palavras eram mecânicas; os pensamentos claramente estavam com a esposa. – Eu prometi...

– Deixe-me falar com ele – sugeriu Arihnda.

Sem esperar por uma resposta, ela pegou Gudry pelo braço e puxou-o para alguns passos dali.

– Bem, isso é inoportuno, porra – sussurrou Gudry. – A vaca velha resolve ficar doente *agora*?

– Você consegue fazer a missão sozinho, certo? – perguntou Arihnda, se esforçando para ignorar o fato de que ele acabara de insultar sua mãe.

– É claro – rosnou ele. – O problema é que seu velho não vai permitir.

– Eu vou convencê-lo a mudar de ideia – falou Arihnda. – Aquela última speedervan, aquela com os caixotes de Cordão Makrid? É melhor você descobrir para onde foi. Cordão Makrid é um...

– Um explosivo elétrico – interrompeu ele. – Obrigado, eu sei. Estou mais preocupado com a coleção de aeronaves de combate policiais e caças de rasante do Cisne Noturno.

Arihnda sentiu o queixo cair.

– Você viu *aeronaves de combate*? Quantas?

– Eu não vi *aeronaves* – falou Gudry pacientemente. – Vi uma caçamba de peças sobressalentes, com material suficiente para reparar umas vinte.

Arihnda estremeceu. Veículos de combate aéreo. Era só mais essa que eles precisavam.

– Você precisa encontrá-los e marcá-los – disse ela. – E...

– É, obrigado, eu sei o que tenho que fazer – falou ele. – Só tire seu velho do meu cangote e daqui, ok?

– Ok. – Ainda segurando o braço de Gudry, Arihnda se voltou para o pai e disse para ele: – Ok, chegamos a um acordo. O senhor e eu vamos para casa cuidar da mamãe. Ele vai ficar por uma hora, e uma hora apenas, e procurar pelo amigo. Se não tiver encontrado até então, Mattai vai sair. Ok?

Talmoor hesitou, com o rosto contorcido por indecisão.

– Arihnda...

– Vai ficar tudo bem, pai – falou ela enquanto soltava o braço de Gudry e pegava o do pai. – Ele vai ficar bem, e a mamãe precisa da gente. Vamos. *Vamos*.

– Tudo bem – disse Talmoor relutantemente ao permitir que a filha o puxasse de volta para o perímetro. – Só tome cuidado, Mattai. E não mexa em nada.

Com o pai distraído pela preocupação, foi fácil guiá-lo para fora por um posto de controle diferente, um em que os guardas não soubessem que três haviam entrado, mas apenas dois saído. Felizmente, os homens e as mulheres naquele posto também conheciam o capataz Talmoor Pryce e não o revistaram ou sequer fizeram perguntas.

Quantos deles, Arihnda se perguntou, ainda estariam vivos quando amanhecesse?

Mas isso não era problema dela. Essas pessoas estavam no centro de uma zona de combate, se colocaram ali por vontade própria, e o que acontecesse a seguir era culpa delas. O mesmo também valia para Gudry.

Quanto a Arihnda, ela tinha uma tarefa mais importante à frente. O serviço que Arihnda planejara desde o início daquele impasse. Algo que só ela era capaz de realizar.

Hora de começar.



CAPÍTULO

27

Um inimigo quase nunca será nada além de um inimigo. Tudo o que se pode fazer com um inimigo é derrotá-lo.

Mas um adversário às vezes pode se tornar um aliado.

Há um preço, é claro. Tudo na vida tem um preço. Ao lidar com um adversário, às vezes o preço a ser pago se traduz em poder ou em um cargo. Às vezes em orgulho ou prestígio.

Outras vezes, o custo é maior, e coloca em risco tanto o futuro do guerreiro como a sua vida.

Mas, em todas as situações, a conta é simples: o possível ganho vale ou não a possível perda?

Um guerreiro nunca deve se esquecer de que ele e seu adversário não são as únicas pessoas na equação. Às vezes, todo o universo pode estar em jogo.

O Cisne Noturno estava esperando no lugar combinado quando Thrawn chegou.

– Eu entendi que você esperaria até a minha chegada – disse o Chiss.

– Eu me entediei – respondeu o Cisne Noturno. *A voz contém humor negro casual. A postura indica tensão, mas também cansaço. O rubor está maior, com um nível baixo de cautela.* – Além disso, eu estava curioso para ver se você tinha me falado a verdade.

Ele gesticulou para as estrelas acima dos dois.

– Até mesmo agora você poderia me matar e não haveria nada que eu pudesse fazer para detê-lo.

– Você não me vale de nada morto ou capturado.

– Foi o que você disse – falou o Cisne Noturno. – Eu presumo que você tenha me chamado para que eu me renda ou convença meus seguidores a se renderem também?

– Interessante que você os chame de seguidores – disse Thrawn. – Quando nos conhecemos, você era simplesmente um consultor. Você vendia seu conhecimento tático para quem pudesse pagar, sem pensar nas consequências.

– Você faz com que eu pareça um tremendo mercenário amoral – falou Cisne Noturno. *A voz contém aceitação e concordância. A postura detona tensão, mas também uma sutil admissão de que a avaliação é precisa.* – Você está quase correto, mas eu gostaria de salientar que *salvei* sua vida durante o sequestro da *Dromedar*.

– Como assim?

– Eu convenci Angel a levar aquele droide serra a bordo da nave dele com você e os outros prisioneiros – respondeu o Cisne Noturno. – Eu tinha certeza de que você tinha algo em mente para o droide e quis deixá-lo disponível para você.

– Por quê?

O Cisne Noturno deu de ombros.

– Eu mandei Angel deixar todos vocês no ponto de entrega, mas suspeitava de que iria matar pelo menos você e os outros imperiais. Eu não podia detê-lo sozinho, então torci para que você fosse suficientemente inteligente para sobreviver, caso tivesse as ferramentas. Daí o droide.

– Obrigado – disse Thrawn. – Permita-me dizer que, caso você não tivesse feito aquilo, eu já tinha um segundo droide preso ao casco.

– Ah, claro que você tinha. – *O sorriso do Cisne Noturno contém ironia.* – Lá se foi minha jogada de apelar para seu senso de obrigação.

– Eu considero que obrigações não são base estável para um relacionamento – falou Thrawn. – Talvez seja diferente na Guilda de Mineração.

O Cisne Noturno arregalou os olhos.

– Na verdade, não – disse ele. *O tom contém medo crescente. Os músculos do braço ficam tensos quando a postura corporal se altera para modo de fuga.* – Como você sabia?

– Você entendia de mineração e metais – respondeu Thrawn. – Você notou o desaparecimento de dúnio mais rápido do que seria provável para alguém que não conhecesse metais e seu mercado. Você também falou do cinturão de asteroides Thrugii para o comandante Vanto, que atende a muitas operações da Guilda de Mineração.

– Eu soube que foi um erro no minuto em que falei – disse o Cisne Noturno. *Ele balança a cabeça, e a postura relaxa do modo de fuga para aceitação da derrota.* – Então, o quanto você sabe?

– Eu sei que um grupo observou a confusão crescente nos mercados de metal no Império e se separou da guilda em uma tentativa de manipular aquela confusão para ganho próprio. Sei que vários integrantes subsequentemente saíram e foram cada um para seu canto. Eu presumo que você tenha sido um desses.

– Sim. – *A expressão do Cisne Noturno contém agora uma calma cautelosa.* – O caos nos preços de metal estava prejudicando um monte de pequenos negócios; montadoras de naves em particular. Eu me juntei ao grupo na esperança de que pudéssemos desviar metal suficiente da demanda da Marinha para ajudá-los. – *Ele comprime os lábios, a expressão contém frustração e um rápido lampejo de raiva. O rubor aumenta brevemente e depois diminui.* – Quando eu descobri que eles simplesmente estavam vendendo nosso metal roubado de volta para o Império pelo mercado negro, eu saí.

– E aí se juntou aos insurgentes?

– Não a eles – respondeu o Cisne Noturno. – Não até muito tempo depois. A maioria das pessoas com quem trabalhei de início era composta de cidadãos comuns que foram prejudicados pelo Império e não conseguiam nenhuma indenização. A justiça custa dinheiro, e roubar e contrabandear metais como dúnio era a forma mais eficaz de gerar esse dinheiro.

– Dúnio e gás tibanna?

O Cisne Noturno sorriu.

– Eu queria ter visto a sua expressão quando descobriu que eu realizei aquele golpe. Parte do golpe, mas mesmo assim. – *A expressão e a postura contêm lembrança e reflexão.* – Pensando bem, aquela foi provavelmente a primeira vez que trabalhei diretamente com um grupo insurgente. A primeira vez que soube que estava trabalhando com um, de qualquer forma. Grupo terrestre, porém, sem naves, ou eu não precisaria ter contratado Angel e seus malucos Senkes.

– Eles jamais incomodarão a galáxia novamente.

– Sim, eu soube – disse o Cisne Noturno. – Depois disso... eu sei lá. Por um tempo eu fiquei em cima do muro, ainda simplesmente ajudando inocentes, na maioria das vezes, mas também trabalhando ocasionalmente com insurgentes quando eles apareciam. Pensei em voltar para a Guilda de Mineração, mas àquela altura o pessoal ficou sabendo sobre o grupo com quem eu saí e soltou o Império em cima deles. Você pode adivinhar o resultado. – Ele sorriu. – Ou não precisa adivinhar porque já sabe.

– Sei – confirmou Thrawn. – Mas você não tinha mais a quem recorrer a não ser insurgentes?

– Ah, eu podia ter levado uma vida confortável sem eles. – *O Cisne Noturno franze os lábios, e a expressão indica um medo súbito.* – Mas aí comecei a ouvir rumores. Histórias sobre algo terrível que o Império estava armando lá no meio do nada. O projeto que estava sugando todo o dúnio, irídio e outros metais que eles estavam retirando dos mercados. Ouvi falar de planetas inteiros sendo garimpados. As velhas instalações em Thrugii onde eu trabalhava ainda estão oficialmente sob o controle da Corporação Kanauer, mas agora são efetivamente uma operação imperial. Eu comecei a ficar curioso. – *Ele aperta os lábios. A expressão contém arrependimento.* – Às vezes é muito ruim ser curioso.

– Nunca é errado ser curioso, mas às vezes pode ser perigoso. Esse projeto que você procura. Você deseja detê-lo?

O Cisne Noturno franze a testa, a expressão e a postura denotam suspeita. O rubor novamente aumenta.

– Por quê? Você é o responsável por protegê-lo?

– Não.

– Provavelmente deveria ser. – *A suspeita passa.* – Se eles *realmente* querem proteger o projeto, quer dizer. Se eu o deteria? Não sei. Creio que primeiro eu teria que saber o que é, para julgar se vale ou não todo o caos que está causando. Por que pergunta?

– Porque eu também estou interessado no projeto. Eu gostaria de saber o que você descobriu.

– Claro. – *O Cisne Noturno gesticula para Arroio. A expressão contém humor sardônico.* – Tire o uniforme, venha se juntar a nós, e eu contarei tudo o que sei.

– Você sabe que não posso fazer isso.

– E eu não posso dar informações que um dia podem ser vitais para essa gente – disse o Cisne Noturno. – Obrigações, você sabe.

– No entanto, você também tem uma obrigação maior para com ideais maiores – falou Thrawn. – Fale-me sobre Cyphar.

– Cyphar? – *A testa franzida do Cisne Noturno denota surpresa.* – O que tem o planeta?

– Você alega ter obrigação para com o pessoal de Arroio – disse Thrawn. – O dinheiro que você teria obtido da operação de contrabando da pré-especiaria de Cyphar compraria armas e suprimentos para eles. No entanto, você usou propositalmente a mesma técnica dos crustáceos que eu tinha visto antes, na esperança de que eu notasse e destruísse a operação.

O Cisne Noturno balança a cabeça. A expressão contém tanto resignação como admiração. Os músculos dos braços relaxam, indicando que ele não espera mais qualquer forma de combate.

– Às vezes eu me esqueço de como você é bom – falou ele. – Outras vezes, fico contente por isso. Você está certo, eu armei aquele golpe na esperança de que você fosse detê-lo. Eu já vi o que a especiaria faz com as pessoas e não queria fazer parte disso.

– No entanto, você trabalhou com eles.

– Sob falsos pretextos. – *A voz contém amargura.* – Eles me disseram que estavam espremidos entre os Afes e o governo de Cyphar e não conseguiam chamar a atenção do Império. Quando descobri o que eles *realmente* estavam contrabandeando, eu já estava envolvido e não conseguiria sair sem arriscar tomar um raio na cabeça.

– Você poderia ter alertado as autoridades.

– Que poderiam ou não ter feito alguma coisa. – *O sorriso do Cisne Noturno contém humor negro.* – Além disso, eu tenho uma reputação a zelar. Não, minha maior esperança era que você notasse e lidasse com o caso. E foi o que você fez.

– Assim como também lidei com o grupo Céus Superiores em Coruscant – disse Thrawn.

O Cisne Noturno ergue as mãos espalmadas. A postura detona cautelosa e objeção. O rosto contém uma mistura de raiva e desprezo.

– Seja lá o que você acha que sabe sobre o Céus Superiores, acredite quando digo que assassinato ou tentativas de assassinato *jamais* fizeram parte do plano. O único motivo para eles subornarem guarda-costas era ter acesso a arquivos de alto nível atrás de informações sobre o projeto secreto do Império.

– Vocês descobriram alguma coisa?

– Descobrimos muita coisa – respondeu o Cisne Noturno. *A expressão contém determinação.* – Antes de mais nada, nós descobrimos que o grão-moff Tarkin está envolvido no topo. Descobrimos que o trabalho está sendo feito em um único local, em vez de estar espalhado por toda a galáxia.

– Não está totalmente correto – falou Thrawn. – Existe um local principal de trabalho, mas também há um subsidiário.

– Sério? – O Cisne Noturno franziu a testa. – Interessante. Eu geralmente não deixo esse tipo de coisa passar.

– Um erro perdoável – disse Thrawn. – A maior parte do material para o local subsidiário foi entregue há pouco tempo, e desde então houve apenas pequenas adições. Como eu disse, o local principal está absorvendo o grosso das remessas atuais.

– Obrigado, isso me faz sentir um pouco melhor. – *A voz do Cisne Noturno contém sarcasmo.* – Ainda assim, parece que estamos falando sobre uma única estrutura principal ou uma estrutura entrelaçada, em vez de um grupo de grandes naves ou estações de combate. Caso contrário, seria mais seguro dividir as naves e mandá-las para locais diferentes.

– Eu concordo.

– E estou chegando perto. Mais algumas semanas... – *Ele para, e a determinação novamente se transforma em cansaço.* – Mas eu não *tenho* algumas semanas, tenho?

– Essa decisão ainda é sua.

– É? – *O Cisne Noturno balança a cabeça. O ar de cansaço se espalha do rosto para o restante do corpo.* – Essas pessoas se uniram a mim, almirante. Eu não posso dar as costas para elas.

– Entendo – falou Thrawn. – Eu sempre soube que você era um mestre da estratégia. Vejo agora que você também é um líder.

– Sou? – *A expressão denota amargura.* – Vou lhe contar um segredo. Houve momentos em que eu tive um grande plano de reunir todos esses grupos insurgentes e rebeldes sob um único teto.

– O que o deteve?

– Paranoia – respondeu ele. – Desconfiança. Picuinha. Orgulho. – *Ele novamente balança a cabeça.* – Eu não sei se algum dia alguém vai reunir todos eles. Eu simplesmente sei que não consegui. Lá se vai minha capacidade de liderança. – *Ele gesticula para Thrawn, com um traço de confusão na expressão.*

– O que eu não entendo é por que *você* ainda serve ao Império. Não consegue enxergar o mal que está ajudando a perpetuar?

As luzes do complexo minerador atrás do Cisne Noturno emitiam um brilho tênue contra as nuvens baixas espalhadas. Milhares de pessoas esperavam ali e se preparavam para o ataque inevitável do Império.

– Eu vou lhe propor uma situação – disse Thrawn. – Você e eu encaramos um predador perigoso com intenção de nos massacrar. Correr é impossível; ferramentas e armas são limitadas. Quais são as suas opções?

– A opção óbvia é somarmos forças – respondeu o Cisne Noturno. – *A voz contém hesitação e reflexão.* – Mas você claramente espera uma resposta diferente.

– Não necessariamente – falou Thrawn. – Se unir contra o inimigo em comum é uma das escolhas. Porém, existe outra.

– Qual é?

– Você já sabe – respondeu Thrawn. – Você pode me matar para que eu seja a presa mais fácil. Enquanto o predador me devora, você espera encontrar ou construir uma arma que possa usar para

garantir a própria sobrevivência.

– Lógico – concordou o Cisne Noturno. *O tom contém repulsa discreta. A postura indica vontade de se afastar de uma ideia assim.* – Frio, mas lógico. Aonde quer chegar?

– Quero dizer que essa foi a escolha disponível para mim quando decidi visitar o Império.

O Cisne Noturno franziu a testa.

– A história que ouvi era de que você fora resgatado do exílio.

– Eu não sabia que essa informação havia sido revelada ao grande público.

– Não foi. – *O sorriso do Cisne Noturno contém humor negro.* – Eu tive que cavar fundo para descobri-la. Assim como tive que cavar para encontrar os registros de sua passagem pela Academia Real Imperial, bem como todos os outros detalhes de sua carreira.

– Fico honrado que você tenha me considerado digno de tamanha dedicação.

O Cisne Noturno dá de ombros.

– Para derrotar um inimigo, é preciso conhecê-lo. Não que eu o tenha derrotado com muita frequência, mas você sempre foi um estudo fascinante. Agora você me diz que *não* foi exilado?

– A intenção era parecer ter sido exilado, mas não foi a realidade.

O Cisne Noturno sorri levemente. A expressão contém expectativa.

– Conte-me sobre essa realidade.

– Eu estava explorando os limites do novo Império logo depois das Guerras Clônicas. Testemunhei uma pequena parte daquele conflito e vi o caos que o colapso da República criou na região.

– Há teorias que tanto o conflito como o colapso foram planejados por agentes externos.

– As causas não mudam o fato de que a República estava instável – disse Thrawn. – Havia muitos pontos de vista diferentes. Muitos estilos diferentes de atitude e pensamento políticos. O sistema era lento e ineficaz por natureza.

– E você achou que o Império era o oposto?

– Na época, eu sabia pouco sobre o Império – respondeu Thrawn. – Mas, durante uma das minhas sondagens, eu descobri uma colônia de Neimoidianos refugiados. Assim que eles descobriram quem eu representava, imploraram que eu convencesse os Chiss a lutar contra Coruscant. Os Neimoidianos prometeram que seu povo se ergueria em reação, e que juntos nós derrubaríamos o imperador Palpatine e restauraríamos a República.

– Eu espero que você não tenha aceitado a oferta. – *O tom e a expressão do Cisne Noturno denotam desprezo.* – Os Neimoidianos têm uma opinião extremamente exagerada de si mesmos e de suas capacidades.

– Eu certamente não acreditei na palavra pouco fundamentada deles. Nem fiz promessa alguma. Mas, mesmo assim, meus superiores ficaram preocupados com meu relatório.

– Por causa do Império? Ou por causa dos Neimoidianos?

– Por causa da realidade – falou Thrawn. – Há coisas malignas nesta galáxia, Cisne Noturno. Muito mais malignas do que o Império e muito mais perigosas para todos os seres vivos. Nós conhecemos algumas, enquanto sobre outras, ouvimos apenas rumores. Nós precisávamos saber se o Império que estava nascendo das cinzas das Guerras Clônicas podia ser um aliado contra elas.

– Ou se, em vez disso, podia ser transformado em presa fácil – disse o Cisne Noturno. *O tom de voz contém medo.*

– Você entende agora a minha situação – falou Thrawn. – Eu conheci um general Jedi durante as minhas investigações sobre as Guerras Clônicas. Isso me deu credenciais para oferecer aos líderes do novo Império. Eu, portanto, era a melhor opção a ser enviada.

– Então eles o abandonaram em um lugar qualquer e fizeram parecer como se você tivesse sido exilado?

– Sim – respondeu Thrawn. – O acampamento foi projetado para parecer que eu tinha sido

abandonado havia anos. Na verdade, eu estive ali por apenas alguns meses. Tentamos várias iscas para atrair uma nave imperial ao planeta. Na terceira tentativa, conseguimos. Eu usei minhas habilidades táticas para entrar de mansinho na nave, na esperança de impressionar seu comandante. Consegui e fui levado para Coruscant.

– Onde você se tornou um oficial da Marinha Imperial.

– Uma ocorrência totalmente inesperada – falou Thrawn. – Eu esperava simplesmente persuadir o imperador a permitir que eu estudasse a estrutura política e militar do Império sob o pretexto de compartilhar informações sobre ameaças distantes. Mas a oferta dele me deu a oportunidade de aprender muito mais.

– E seu estudo o convenceu de que era melhor torcer para que o Império algum dia fosse seu aliado em vez de derrubá-lo? – *O Cisne Noturno balança a cabeça. A expressão denota decepção.* – Infelizmente esse uniforme o deixou cego para a realidade.

– De maneira alguma – discordou Thrawn. – Certamente o Império é corrupto. Nenhum governo escapa totalmente desse mal. Certamente é tirânico. Mas rapidez e ausência total de piedade são necessárias quando a galáxia é continuamente ameaçada pelo caos.

– E o que acontece quando a ausência de piedade gera mais caos? – perguntou o Cisne Noturno. *O tom indica desafio, a postura descarta brevemente o cansaço para conter energia renovada.* – Porque é isso que acontece. Repressão e revolta se alimentam e se devoram.

– Então a revolta tem que morrer – disse Thrawn. – O perigo é grande demais. Há muita coisa em jogo. Se o Império cair, o que pode substituí-lo?

– Justiça. Misericórdia. – *O sorriso do Cisne Noturno contém tristeza.* – Liberdade.

– Caos – falou Thrawn. – Anarquia. As Guerras Clônicas.

O Cisne Noturno balança a cabeça.

– Talvez eu tenha uma visão mais otimista dos meus semelhantes do que você tem. Então você considera a tirania um baluarte contra o mal. Por quanto tempo?

– Explique.

– Por quanto tempo você aceitará a tirania como uma parte necessária do governo imperial? – perguntou o Cisne Noturno. – Até que toda a resistência seja silenciada? Até que todos os males sejam derrotados?

– Talvez seu otimismo não seja tão forte quanto você alega – disse Thrawn. – O tom de um governo é dado por seu líder. Mas o imperador Palpatine não viverá para sempre. Quando chegar o momento de a autoridade dele ser passada para outro, minha posição como oficial do alto escalão me permitirá influenciar a escolha do próximo líder.

– E você espera que esse novo líder espalhe a luz na escuridão?

– Há esperança de que ele faça isso – respondeu Thrawn. – Mas, se o mal for vitorioso, essa esperança será extinta. Para sempre.

– Esperança. – *O Cisne Noturno balança a cabeça. A postura não indica nenhuma esperança.* – Eu temo, almirante, que você ainda seja perigosamente ingênuo em relação a questões políticas. – *Ele ergue a mão. A postura indica derrota.* – Eu espero que você tenha razão, mas temo que esteja errado.

– Veremos.

– Alguns de nós verão – falou o Cisne Noturno. – Outros de nós estarão mortos há muito tempo. E quanto aos Neimoidianos? O que aconteceu com eles?

– Pelo que eu sei, eles ainda estão onde os deixei, acalentando o ressentimento e sonhando com uma vitória há muito adiada – disse Thrawn. – Como disse, eu não fiz nenhuma promessa para os Neimoidianos. Ainda assim, aquele contato inicial foi a razão pela qual eu primeiro criei e depois acalentei uma relação pessoal com o jovem cadete Vanto. Quando eu o ouvi falar o nome *Chiss*, pensei que ele tivesse sido colocado a bordo da *Raide* por eles para me observar secretamente.

– Eu presumo que não foi o caso?

– Não foi – respondeu Thrawn. – Quando me convenci disso, eu já tinha visto outras qualidades nele, qualidades que passei os últimos anos ajudando Vanto a desenvolver. Como você, ele tem a combinação rara de aptidão tática e liderança.

– Ah – falou o Cisne Noturno. *A voz contém tristeza.* – E agora chegamos à parte em que você me pede para abandonar minha gente e minha causa para me juntar a você na sua luta por um Império melhor.

– De maneira alguma – disse Thrawn. – Após suas atividades aqui, você jamais seria aceito pela Marinha.

– Nem eu aceitaria tal oferta.

– Mas você está correto em relação a eu querer lhe oferecer um cargo – falou Thrawn. – Não no Império, mas na Aristocracia Chiss.

O Cisne Noturno arregala os olhos. A expressão contém surpresa total. Os músculos dos braços e do torso se contraem, a postura se empertiga.

– Você quer...? Almirante, isso é loucura.

– Um humano entre os Chiss é mais improvável do que um Chiss entre humanos? – perguntou Thrawn. – O cargo lhe ofereceria a chance de enfrentar forças bem mais malignas do que você encara agora. Além disso, seu trabalho lá pode um dia salvar as vidas de todos aqueles que atualmente estão ao seu lado em Arroio.

– E quanto a essas pessoas neste exato momento? O que aconteceria com elas?

– Eu ofereço uma promessa para elas – respondeu Thrawn. – Caso se dispersem e deixem as armas para trás, este será o fim.

– Como assim? Sem punição? – *A expressão e tom do Cisne Noturno denotam sarcasmo.* – Nem martelo tirânico para esmagar o caos?

– O povo de Batonn é um recurso imperial – disse Thrawn. – Um comandante sábio jamais desperdiça recursos sem necessidade.

O Cisne Noturno balança a cabeça. A expressão contém descrença e tristeza.

– Eu deveria ter adivinhado que é assim que você enxerga as pessoas.

– Eu enxergo a realidade – falou Thrawn. – Seus seguidores podem retornar aos lares e empregos. Não haverá represálias ou outra ação tomada contra eles.

– Até você ir embora. – *A expressão do Cisne Noturno denota amargura.* – Mesmo que o governador Restos honre seu acordo, coisa que ele não faria, ainda assim o acordo não duraria. As injustiças contra o povo são muito grandes, a arrogância dos poderosos é muito profunda. Mais cedo ou mais tarde, eles se rebelariam novamente. Só que, desta vez, eles não teriam ninguém que os liderasse. Eles seriam ceifados como trigo no campo, as vozes seriam silenciadas antes de sequer serem ouvidas.

– Então você ficará?

– Eu não tenho escolha – respondeu o Cisne Noturno. – Nós temos a mesma noção de dever, almirante Thrawn. Talvez, no fim das contas, nós busquemos o mesmo objetivo, pelo menos no futuro distante. Mas nós enxergamos estradas completamente diferentes para esse objetivo.

Ele se empertiga novamente, e a postura indica uma noção de saída iminente.

– Posso contar com a sua promessa de proteger os civis, perdão, os recursos imperiais de Arroio da melhor forma possível?

– Pode – disse Thrawn. – Vou procurar preservar todas as vidas sob sua liderança, combatentes ou não, da melhor maneira possível. E minha oferta de clemência na rendição também continua valendo.

– Eu agradeço. Boa noite, almirante, e obrigado pela atenção. Nós fomos adversários distantes por muito tempo. Minha curiosidade está satisfeita agora.

– Está? – perguntou Thrawn. – Ainda há a questão do novo projeto do Império. Se eu o ajudasse na sua procura por respostas, isso o convenceria a se juntar a mim?

O Cisne Noturno olha fixamente através do espaço entre os dois. A expressão está tensa, os olhos, franzidos. A postura novamente revela surpresa.

– O que você sabe exatamente?

– Eu não tenho conhecimento direto – respondeu Thrawn. – Mas eu também reuni para mim algumas peças do quebra-cabeça. E também posso saber onde o ponto principal de trabalho está localizado.

– Mas você não foi lá para ver?

– Ainda não tive a oportunidade.

– Não teve? Ou se recusou a ter? E se você tivesse a oportunidade, e aí? O que faria? Você serve ao Império, e o projeto, seja lá o que for, representa um grande número de recursos imperiais.

– Eu realmente sirvo ao Império – concordou Thrawn. – Mas também às causas da Aristocracia Chiss. Se eu achar que esse projeto é uma ameaça a elas, talvez seja necessário reconsiderar meu rumo.

A expressão do Cisne Noturno denota interesse e tentação. Os dedos inquietos roçam a perna, o movimento indica dúvida.

– E se eu me render e aceitar seus termos? O que você está oferecendo?

– Nós iremos ao local juntos.

– E o povo de Arroio e Batonn?

– Eu lhe dei meus termos.

– E quanto às queixas das pessoas contra o governador Restos?

– Eu farei o que for possível.

O Cisne Noturno balança a cabeça, a postura contém resignação.

– E aí está o problema. Esta é uma situação política, e você não tem poder político. Em uma mão, nós temos um quebra-cabeça e medo do que o Império está planejando. Na outra, eu tenho pessoas de verdade, de carne e osso, que tenho que proteger. Lamento.

– Eu também lamento.

O Cisne Noturno dá meia-volta e começa a caminhar na direção do complexo de mineração.

– Eu li sobre o cisne noturno – disse Thrawn enquanto ele ia embora. – Você leu?

O Cisne Noturno se volta parcialmente. O rosto está oculto pelas sombras. A postura novamente indica cansaço, assim como medo discreto.

– Você se refere ao fato de que ele canta apenas quando a noite está caindo?

– Sim – respondeu Thrawn. – Você não espera que sua resistência dê certo, não é?

– Eu sei que não dará – falou o Cisne Noturno.

– Isso não quer dizer que seja o fim, necessariamente. Eu posso dar ordens para que você seja capturado ileso.

– Elas serão ignoradas. Metade dos soldados aqui é da Força de Defesa de Batonn, e Restos está determinado a se livrar de mim.

– Então venha comigo agora.

– Um homem tem que fazer o que é preciso, almirante Thrawn. Mesmo que sua resistência seja contra a queda da noite eterna.

Ele recomeçou a andar. Um minuto depois, o Cisne Noturno sumiu atrás dos morros. Um minuto depois disso, o som de um airspeeder sussurrou no silêncio da noite.

– Obrigado por não matá-lo – disse Thrawn.

– Não me agradeça ainda. – A voz do coronel Yularen surgiu por trás. *Ela contém raiva e suspeita.* – Diga-me por que eu não devo atirar *no senhor* como um traidor do Império.

Elainye ficou surpresa ao ver o marido e a filha voltarem para casa tão cedo. Mas não tão surpresa quanto Talmoor.

– Você está bem? – perguntou ele, dando um rápido abraço na esposa. – Parecia estar horrível. Passou

seja lá o que você estava sentindo?

– Passou *o quê?* – indagou Elaine, que franziu a testa para ele, confusa. – Eu não faço ideia do que você está falando.

– A culpa é minha, infelizmente – Arihnda se pronunciou ao tirar o comlink da mãe e entregar para ela. – Eu precisava voltar para cá e precisava me afastar de Mattai. Essa foi a maneira mais simples de fazer isso.

– Voltar... *o quê?* – perguntou Elaine, com os olhos na filha enquanto pegava de volta o comlink mecanicamente.

– Vai haver uma batalha em breve – disse Arihnda. – Uma grande batalha. Eu preciso tirar vocês dois daqui antes que ela comece. Então vocês precisam começar a fazer as malas...

– Arihnda, Arihnda – confortou Talmoor. – Está tudo bem. Eles não vão atacar a mina. É sério. O governador não ousaria retirar nenhum de seus preciosos soldados da tarefa de guarda-costas para usá-los contra nós.

– Ele não terá escolha – disparou Arihnda. – Há uma força-tarefa imperial no céu, e o almirante tem ordens de neutralizar os insurgentes em Batonn. Isso significa Arroio, e ele *vai* tomá-la. Então, vocês precisam reunir todas as coisas sem as quais não conseguem viver.

– Arihnda, por favor...

– Não há *por favor*, mamãe – rosnou Arihnda. – Não há por favor e não há tempo. Vocês precisam fazer as malas e precisam fazer as malas *agora*.

Ela não tivera a intenção de berrar aquela última palavra. Mas berrou e sentiu uma pontada de culpa quando a mãe levou um susto diante da inesperada veemência.

Mas, se aquilo era o necessário para colocá-los em movimento, Arihnda podia conviver com isso.

– Vamos, Elaine – disse Talmoor ao apertar a mão da esposa. – Faça o que ela diz.

Ele começou a ir na direção da escada. Elaine não se mexeu.

– E quanto aos nossos amigos? – perguntou ela, se afastando da mão do marido, com a voz rigidamente sob controle. – E quanto aos homens e mulheres com quem trabalhamos na mina?

– Eu não estou aqui por eles – falou Arihnda. – Estou aqui por vocês.

Houve outro silêncio longo.

– Entendo – disse Talmoor. – Muito bem. Vamos, Elaine.

– E andem rápido – alertou Arihnda enquanto olhava pela janela para as luzes do complexo de mineração ao longe.

Porque Gudry não sabia nada sobre essa parte. E, se Gudry descobrisse, ela tinha certeza absoluta de que ele não gostaria.

– Eu achei que o senhor tinha falado que tinha assuntos urgentes em outro lugar – disse Thrawn quando o coronel Yularen desceu o morro, segurando uma carabina de raios. *Como a voz, a postura indica cautela e suspeita.*

– O senhor perguntou se eu voltaria para a *Quimera* – lembrou Yularen. – Eu disse que não voltaria. E não voltei.

– O senhor não queria que a governadora Pryce e o agente Gudry soubessem que estava vindo aqui para vigiá-los de longe.

– Correto – falou Yularen. – Ambos se sentiriam insultados, embora por motivos diferentes. O senhor pode imaginar a minha surpresa quando o comandante Vanto me informou que o senhor saiu da *Quimera* naquele cargueiro que tomou da nômade do Cisne Noturno.

– Noto que o senhor pediu para o comandante Vanto redobrar a atenção também.

– E agora o senhor está ganhando tempo – disse Yularen. *Ele continua seguindo em frente até parar a 4 metros. A arma de raios está apontada a alguns graus para o lado, não ameaçando diretamente, mas*

pronta para ser apontada para o alvo. – Eu quero saber o que o senhor está fazendo aqui e qual era o seu assunto com o Cisne Noturno.

– Eu sou um almirante – falou Thrawn. – O senhor é um coronel. Eu posso mandar que o senhor se retire.

– Teoricamente, sim – concordou Yularen. – Em termos práticos, o DSI tem mais peso em Coruscant do que nossas respectivas patentes possam sugerir.

Ele hesita um segundo, depois baixa a carabina de modo que aponte para o chão.

– Eu não acredito que o senhor seja um traidor, almirante. Mas este encontro tem cara de traição, e isso é tudo que seus inimigos precisam para derrubá-lo. Moral da história: o senhor fala para mim agora ou algum dia vai encará-los. Qual vai ser?

– Eu convidei o Cisne Noturno aqui para oferecer-lhe um cargo com meu povo – respondeu Thrawn. – Isso não apenas teria beneficiado os Chiss, como também a perda do líder dos insurgentes teria feito a oposição em Batonn entrar em colapso.

– Entendo – disse Yularen. *A voz contém incerteza.* – Ele recusou, não foi?

– O senhor viu o Cisne Noturno indo embora.

– Talvez ele tenha simplesmente ido pegar uma muda de roupas – contra-argumentou Yularen. – Tem certeza de que o Cisne Noturno não vai voltar?

– Não vai.

– Muito bem – falou Yularen. – Agora me fale sobre os cruzadores leves. Especialmente por que eles foram posicionados tão longe da *Quimera* e envolvidos por aquelas barcaças feias pra caramba que o senhor trouxe de algum lugar?

– Os cruzadores estão sob reparos e incapazes de lutar – explicou Thrawn. – Eu os posicionei longe para que ficassem fora do alcance de qualquer ataque vindo da superfície.

– A-hã – disse Yularen. – Parece razoável... só que onde eles estão neste momento os deixa completamente vulneráveis a um ataque vindo do espaço. O senhor se lembra daquelas naves que escaparam de Kinshara em Denash?

– A existência dessas naves não foi provada.

– Provas são para juristas e políticos. Estou falando de táticas e estratégias, temas que o senhor subitamente parece desconhecer. Aqueles cruzadores estão tão fora do campo gravitacional de Batonn que alguém pode simplesmente chegar, abordá-los e levá-los embora. – *Ele ergue as sobrancelhas, a expressão indica uma pergunta.* – Os hiperdrives estão funcionando, correto? Foi o que Vanto deduziu pelos registros de reparos.

– O comandante Vanto é bem competente na área de aprovisionamento e reparos – falou Thrawn. – Se ele afirma que os hiperdrives estão funcionando, o senhor pode confiar nisso.

– Bom saber – disse Yularen. – O senhor não respondeu à minha pergunta.

– O senhor está certo: um agressor rápido e determinado talvez consiga levar os cruzadores embora – falou Thrawn. – Mas o senhor deixou de notar o inverso dessa situação?

Yularen franze a testa. A careta some e vira compreensão.

– Que os cruzadores também podem saltar para o hiperespaço se um ataque for iminente?

– Exatamente – respondeu Thrawn. – É por isso que eu os coloquei onde estão. As barcaças de manutenção estão posicionadas de uma maneira solta para que não sejam um obstáculo.

– E o senhor separou bastante os cruzadores porque...?

A expressão dele contém expectativa. Thrawn permaneceu calado. *A expressão de Yularen denota compreensão cautelosa.*

– Porque o senhor não quer que qualquer possível ladrão encontre todas as três naves dispostas em uma fileira arrumadinha, prontas para serem roubadas.

– Precisamente – concordou Thrawn. – O senhor possui as mesmas capacidades táticas que o

comandante Vanto, coronel. Não sei se o senhor também possui a qualidade dele para liderança.

– O senhor realmente *não* tem muita noção de política, não é? Deixe para lá. Eu recebi uma transmissão de Gudry quando o Cisne Noturno estava saindo. Ele penetrou na base de Arroio e colocou minas tanto no gerador do escudo como em um depósito de explosivos que encontrou. Gudry conectou ambos os detonadores ao controle remoto do comlink. – *A expressão dele revela frustração súbita.* – Ele também disse que, assim que recuperar Pryce, estará pronto para sair e que pode acionar uma ou as duas minas ao seu comando.

– Quando ele *recuperar* a governadora Pryce?

– Essa foi a parte que me deixou preocupado também – disse Yularen. *Frustração e raiva.* – Aparentemente, ela se perdeu em algum lugar, possivelmente com os pais a tiracolo, e Gudry não consegue ligar para a governadora ou localizar o comlink dela. Ele disse que vai procurar na casa dela primeiro. Se Pryce não estiver lá...

Ele balança a cabeça.

– Nós vamos encontrá-la – falou Thrawn. – Eu preciso retornar à *Quimera*.

– Vá – disse Yularen. – Vamos torcer para que não tenhamos que dizer para o grão-moff Tarkin que ele precisa encontrar mais um governador para Lothal.



CAPÍTULO

28

Todos se empenham pela vitória, mas nem todos compreendem o que ela realmente é.

Para um soldado ou piloto correndo risco de morte, a vitória é sobreviver à batalha. Para um político, a vitória é uma vantagem que ele pode levar em uma negociação. Para um guerreiro, é expulsar um inimigo do campo de batalha ou fazê-lo se render.

Às vezes a vitória é maior do que o guerreiro jamais poderia ter esperado.

Às vezes é maior do que ele é capaz de suportar.

– A senhora está brincando – disse Arihnda, olhando a pilha de vinte datacards que a mãe lhe entregou. – *Todos* eles?

– *Todos* eles – falou Elaine com firmeza. – E, se eu achar aquela outra caixa antes de você nos arrastar para fora aqui, haverá mais dez.

– É o registro da sua vida, Arihnda – lembrou Talmoor. – Seus recitais de dança, debates na escola, o primeiro dia trabalhando na mina. Tudo até você ir embora para Coruscant.

– Beleza – falou Arihnda, que conseguiu verificar o crono sem derrubar todos os datacards no chão. – Vocês têm quinze minutos. E não se esqueçam de pegar algumas de suas próprias lembranças.

– Você é a parte mais importante de nossa vida juntos, Arihnda – disse Talmoor baixinho.

– Bem, peguem algumas de suas coisas mesmo assim. Vocês devem ter *algumas* lembranças de antes de eu ter nascido. Onde estão as sacolas?

– Lá embaixo, no armário na saída da cozinha – respondeu Elaine. – Há uma grande e três menores.

– Ok – falou Arihnda. – Eu vou colocar esses datacards em uma das sacolas pequenas e trazer a grande aqui para cima. Lembrem-se: quinze minutos.

Ela desceu a escada, segurando os datacards em uma pilha vertical pressionada entre as palmas da mão. Quinze minutos deveria ser tempo suficiente para sair dali antes de Gudry voltar.

Arihnda errou. Por exatamente quinze minutos.

– *Aí* está você. – A voz de Gudry surgiu por trás dela quando Arihnda chegou ao pé da escada.

Ela estremeceu e quase derrubou os datacards ao girar o corpo. Gudry surgiu da alcova de jantar, com uma expressão feia e suspeita no rosto e um filete de sangue seco descendo pelo canto do queixo.

E uma pequena arma de raios na mão.

– Claro que estou – falou Arihnda tão calmamente quanto possível. *Droga*. – Onde mais eu estaria?

– Ah, sei lá – disse Gudry sarcasticamente. – Talvez no hospital? Sua mãe estando mortalmente doente e tudo o mais.

– Alarme falso – falou Arihnda. – Nós fizemos um chá para ela, mandamos que colocasse os pés para cima, e mamãe começou a se sentir melhor.

– É, dá para ver – disse Gudry. – Posso ouvir a festa que está rolando lá em cima. Parece uma festa de gente fazendo malas. Onde está a xícara de chá?

Arihnda sentiu um nó no estômago. *Idiota*, ela se repreendeu. Arihnda sabia muito bem que não devia contar mentiras desnecessárias, especialmente mentiras que podiam ser facilmente verificadas.

– O que você está insinuando exatamente?

– Estou *dizendo* que você fugiu de mim de propósito – falou ele, dando um passo na direção de Arihnda. – Estou *dizendo* que você nunca iria me ajudar a encontrar o que precisávamos lá dentro.

– Você é o profissional. Não pensei que precisasse da minha ajuda.

– Enquanto seus pais *realmente* precisam da sua ajuda para ir embora antes que este lugar vá para o inferno? – Gudry balançou a cabeça. – Sinto muito, meu bem. Isto não é uma missão de resgate. É de buscar e destruir.

Ele ergueu o comlink.

– Felizmente para o Império, eu *não* precisava de você. Eu fiz a busca e agora estamos prontos para destruir.

Arihnda respirou fundo. *Maldito* seja Gudry, de qualquer forma. Como ele podia ter sido tão rápido?

Ou, talvez, como ela podia ter sido tão lenta?

– Excelente – falou Arihnda. – O que conseguimos?

– Conseguimos um depósito de explosivos e o gerador do escudo. – Gudry deu um sorriso maroto. – Ah, sim, eu cheguei até o gerador do escudo.

Arihnda olhou para a nova arma de raios dele.

– Eu presumo que foi lá que você pegou a arma?

– Digamos que o antigo dono não vai mais precisar dela – disse Gudry. – Eu conectei os detonadores ao meu comlink. O sinal 1 é o escudo, o sinal 2 são todos os explosivos.

– *Todos* os explosivos?

– Todos eles – falou Gudry. – Um depósito enorme – foram necessárias quatro das minhas cápsulas para cobrir todas as pilhas. Deixe isso para lá. Estamos prontos, a força-tarefa da Marinha e os homens estão prontos, e é hora de cair fora daqui. Então largue esses datacards e vamos.

– Nós ainda podemos levar meus pais conosco – disse Arihnda. – Eles não vão nos atrasar.

– Eu não quero saber se eles conseguem se transformar em dragões arkanianos e nos tirar voando daqui – retrucou Gudry. – Um grupo atrai atenção, e não podemos nos dar a esse luxo. Eu estou no comando, e eles não vão.

– Eu sou uma governadora – disparou Arihnda, dando um passo na direção dele.

– Eu estou armado.

Houve um súbito suspiro de susto vindo da escada. A mãe de Arihnda travou na metade da escada, segurando um cristal multicolorido e reluzente, com os olhos arregalados ao ver a arma de raios de Gudry. Arihnda deu outro passo rápido na direção dele quando Gudry se virou por reflexo para encarar o barulho inesperado...

E, quando ele se virou de volta para Arihnda, ela atirou a pilha de datacards em seu rosto.

Gudry era rápido, mas ele também estava meio de lado, desequilibrado, e a arma de raios estava apontada na direção errada. Gudry baixou a cabeça para escapar dos datacards voadores, ergueu a mão livre para desviá-los e depois girou de volta para Arihnda.

Tarde demais. Ela pegou o pulso de Gudry com a mão direita e, quando ele tentou se soltar, Arihnda virou o braço para cima, passou por baixo, pegou a arma de raios com a outra mão e puxou o cotovelo dele com força sobre o ombro. Houve um som baixo quando a junta quebrou, um rugido um pouquinho mais alto quando Gudry reagiu à dor. Arihnda arrancou a arma da mão dele e começou a escapar do

alcance de Gudry...

E arfou de dor quando ele bateu com o cutelo da outra mão na nuca de Arihnda.

Ela caiu para a frente, longe de Gudry, com a cabeça girando e os joelhos tremendo. Arihnda jogou a mão livre freneticamente e conseguiu pegar o braço de uma cadeira ao passar por essa. Arihnda girou em volta do braço e caiu de costas no chão.

– Engraçadinha – rosou Gudry ao ir na direção dela com passos largos, segurando o cotovelo quebrado com a outra mão. – Vamos tentar isso de novo na academia depois que eles colocarem meu braço de volta no lugar. Levante-se, é hora de irmos.

– Com meus pais – Arihnda conseguiu dizer entre ofegos.

– Não – disparou Gudry. – Deixe que eles morram aqui com todo esse resto de aberrações da Orla Exterior.

Arihnda ergueu a arma de raios e deu três tiros no peito dele.

Gudry desmoronou, morto antes mesmo de sequer ter tempo de trocar de expressão. Arihnda se colocou de pé, segurando a nuca e fazendo uma careta ao sentir uma pontada de dor no crânio.

A mãe dela ainda estava parada na escada, com os olhos até mesmo mais arregalados do que antes.

– Viu? – Arihnda conseguiu dizer enquanto apontava a arma para o cristal que Elaine agarrava com as mãos. – A senhora tem *sim* lembranças próprias.

– Arihnda – sussurrou Elaine. – Ó, Arihnda...

– Eu não tive escolha, mãe – interrompeu ela. – Ele ia deixar a senhora e o papai para trás. E provavelmente ia me matar assim que eu o tirasse da área.

O que não era verdade, obviamente. Mas, se fizesse a mãe se sentir melhor, ela não via problema em inventar aquela história. Arihnda continuou:

– Deixe-me pegar a mala...

– *Eu* pego a mala – disse Elaine, que finalmente se desgrudou da escada e correu na direção da filha. – Você, fique sentada apenas. Não, espere... deixe-me pegar o medpac primeiro.

– Só pegue a mala – falou Arihnda. – Eu pego o medpac. Não temos muito tempo.

Elaine olhou para Gudry e rapidamente virou o rosto.

– Estaremos prontos – murmurou ela.

Com uma última olhada para a filha, e nenhuma para o morto caído no chão de sua casa, Elaine rumou na direção do armário e das sacolas.

Por um longo momento, Arihnda olhou fixamente para Gudry, se perguntando se deveria sentir algo sobre o que fizera. Mas não havia nada. Nenhuma culpa, nenhuma tristeza, nem mesmo qualquer mal-estar. Gudry ameaçara seus pais. Ficara no caminho.

Pagara o preço.

Com cuidado, ciente do equilíbrio precário, Arihnda foi até ele. Gudry ainda estava com todo o equipamento especial afinal de contas, incluindo as cápsulas explosivas, o mecanismo detonador no comlink que ele havia programado, e fosse lá o que mais Gudry decidira trazer com ele.

Arihnda talvez não fosse precisar de nada, a não ser o detonador. Mas, por outro lado, talvez precisasse.

Ela se abaixou devagar, ficou de joelhos e começou a explorar o corpo.

– Ainda sem resposta alguma de Pryce ou Gudry. – A voz de Yularen veio do alto-falante da ponte da *Quimera*. – Os senhores receberam alguma coisa?

– Nada desde a transmissão do agente Gudry confirmando que o escudo fora sabotado – disse Faro. – Eu presumo que o senhor também possui o código necessário para a detonação?

– Sim, mas eu prefiro não usá-lo até, e a não ser, que desistamos dos dois e os consideremos capturados. Ou mortos.

Eli olhou em frente pela ponte de comando. Thrawn estava diante da vigia frontal, com as mãos entrelaçadas atrás das costas, imóvel enquanto observava o planeta lá embaixo.

O almirante estava um tanto quieto desde que retornara de sua visita clandestina à área de Arroio. Eli havia recebido uma transmissão particular de Yularen quando Thrawn estava retornando para a nave, mas a mensagem não dissera muita coisa, a não ser que o questionamento sobre os motivos e estratégias do almirante foi respondido satisfatoriamente.

Satisfatoriamente para o coronel e o DSI, talvez. Não tanto para Eli. O fato de que Thrawn havia retornado a salvo de Batonn aliviou grande parte da preocupação e do estresse. Mas a questão dos cruzadores vulneráveis ainda pairava sobre a situação como uma nebulosa negra.

Especialmente porque Eli havia provado agora, pelo menos para a própria satisfação, que o almirante Kinshara estivera certo sobre os insurgentes tirarem naves de mansinho de Denash.

E também não haviam sido só algumas naves. As estimativas de Eli, feitas a partir da lista de peças sobressalentes e remessas de equipamentos que Kinshara recuperara da base capturada, indicavam que havia nada menos do que trinta naves de médio porte à espreita em algum lugar próximo. Todas elas armadas, todas elas prontas para dar o bote.

Mesmo para um destróier estelar imperial, uma força de trinta naves armadas não era para ser encarada levianamente. Em uma situação como aquela, a *Quimera* precisava das naves do perímetro à mão.

Só que a *Quimera* estava sem elas. Os três cruzadores ainda estavam sentados em seus pequenos círculos de isolamento, bem distantes da *Quimera*, cada uma meio que protegida por naves de aprovisionamento e barcaças de manutenção. As duas fragatas eram inúteis e haviam sido despachadas por Thrawn para observar do alto, caso o Cisne Noturno tentasse trazer novo pessoal ou armas para as forças terrestres.

Eli relatara suas descobertas para Faro, que reagiu esvaziando os hangares da *Quimera* e dobrando o perímetro de vigia formado pelos caças TIE em volta do planeta. Mas os TIE não seriam capazes de sequer começar a cobrir tudo, e as naves de combate mais próximas que poderiam responder a um chamado estavam a trinta horas de distância. Quando alguma ajuda chegasse, a batalha estaria encerrada.

Eli olhou para o monitor tático e sentiu um nó no estômago. Todas as naves da 96ª estavam vulneráveis. Mas só havia uma que realmente importava. Se as trinta naves do Cisne Noturno que estavam à espreita eliminassem a *Quimera*, o sistema inteiro estaria aberto para elas.

A *Quimera* não era apenas um alvo. Era o alvo.

– Coronel Yularen, qual é o estado da sua tropa? – perguntou Thrawn.

– Não temos o suficiente para um cerco, almirante, mas provavelmente podemos montar um bom ataque de penetração – respondeu Yularen. – Devo também mencionar que o relatório de Gudry sobre um número desconhecido de aeronaves de combate e caças de rasante deixou os comandantes terrestres um pouco preocupados.

– Assim que o escudo estiver inoperante, essas naves não devem ser problema – garantiu Thrawn. – A *Quimera* pode descer e entrar em distância útil de tiro dentro de três minutos, mais do que tempo suficiente para lidar com naves de combate de qualquer tamanho.

– Provavelmente precisaremos desse apoio, senhor.

– Os senhores o terão – disse Thrawn. – Antes que todos os homens estejam empenhados, quero que o senhor separe um esquadrão especial para mim.

– Sim, senhor. A missão?

– Assim que a batalha começar, eu quero que eles avancem para a casa dos pais da governadora Pryce – falou Thrawn. – Se ela e o agente Gudry foram descobertos, eles podem ter se refugiado ali.

– Compreendido, senhor – disse Yularen. – Na verdade, talvez não precisemos esperar que a batalha comece. Se estou interpretando corretamente os mapas e as imagens, a casa é tão longe do centro que

podemos infiltrar um esquadrão na hora que quisermos.

– Essa também foi a minha conclusão – falou Thrawn. – Mas a situação no solo é geralmente mais complexa do que parece ao ser vista de órbita. Quanto tempo o esquadrão leva para chegar à casa?

– Dê-me quinze minutos para selecionar um esquadrão e prepará-lo – respondeu Yularen. – Provavelmente mais trinta para infiltrá-los pela barricada externa e avançar pelo interior. Quarenta e cinco minutos, uma hora no máximo.

– Ótimo. Prossiga.

– Sim, senhor.

– E informe aos comandantes que eles devem preparar suas tropas – acrescentou Thrawn. – Se a governadora Pryce e o agente Gudry não estiverem no lar da família Pryce e se não tivermos tido notícia dos dois até então, vamos presumir que a missão deles fracassou e procederemos de acordo.

– Sim, senhor – disse Yularen.

– Comandante Faro?

– Almirante? – respondeu Faro, entrando na ponte.

– Prepare a *Quimera* para combate – ordenou Thrawn. – Eu espero que forças inimigas apareçam a qualquer momento.

– Sim, senhor. – Faro gesticulou para a vala dos tripulantes. – Turbolasers de prontidão. Escudo em energia de espera.

– Escudos em espera, senhora – respondeu uma voz.

– Turbolasers de... – começou uma segunda voz.

– Invasores! – disparou o oficial da estação de sensores. – Naves de médio porte, dez delas, invadindo pelo vetor um-dez por oitenta. Distância de 130 quilômetros.

Eli se voltou para o monitor tático e sentiu um nó na garganta. As dez naves saíram do hiperespaço 30 quilômetros atrás da *Shyrack* e estavam indo diretamente para ela, acelerando para velocidade de ataque enquanto se aproximavam. Exatamente como ele temia.

– Almirante, a *Shyrack*...

– Invasores! – interrompeu o oficial dos sensores. – Mais onze naves de médio porte no vetor...

– Mais dois grupos invadindo – corrigiu a oficial da estação secundária de sensores, com a voz tensa.

– Este aqui também com onze naves. Almirante, eles estão mirando nos cruzadores.

– Eu estou vendo – disse Thrawn com a voz em tom glacial.

Então faça alguma coisa! As palavras berraram no cérebro de Eli. Os três esquadrões de ataque ainda não haviam aberto fogo, mas a folga só duraria mais alguns segundos. Mais 20 quilômetros, e os canhões de raios romperiam os cruzadores indefesos como uma faca cortando uma fruta seca.

E, assim que as naves destruíssem os cruzadores, não haveria nada entre elas e a *Quimera*.

Eli olhava o mostrador enquanto sua mente repassava furiosamente a situação, tentando encontrar uma saída. Mas não havia uma. A *Quimera* estava muito no interior do campo gravitacional de Batonn para pular para o hiperespaço. Com o motor principal ainda em espera, levaria praticamente dez minutos para chegar à distância necessária. Não havia nenhuma arma terrestre que pudesse ajudar, e Batonn não possuía plataformas de armas orbitais. Tudo que restava era o destróier estelar ficar ali parado e trocar tiros com as naves inimigas.

Será que esse era o plano de Thrawn? Fazer os agressores gastarem energia nos cruzadores, possivelmente queimando algumas das armas, e depois torcer para que a blindagem e as armas da *Quimera* fossem suficientes para resistir a eles? Com certeza o almirante não queria que os recém-chegados se juntassem ao Cisne Noturno e seus insurgentes no solo – será que essa era a forma de Thrawn garantir que eles permanecessem no espaço e fora do alcance do Cisne Noturno até que a batalha de Arroio tivesse acabado?

Um movimento chamou a atenção de Eli, e ele se virou para ver Thrawn voltando pela ponte de

comando. Sem correr como se estivesse preocupado por estar próximo demais à vigia quando o ataque começasse, mas sim com o passo moderado de um homem confiante em seu plano e comando.

Ele parou ao lado da seção de transmissões da vala dos tripulantes, quase como se tivesse acabado de pensar naquilo.

– Avise aos comandantes das forças terrestres – ordenou Thrawn. – As unidades a oeste e ao norte podem abrir fogo contra os insurgentes de Arroio, mas devem permanecer nos limites do complexo, dando apenas disparos de inquietação, até que o escudo esteja inoperante ou eu dê mais ordens.

– Sim, senhor.

Thrawn continuou percorrendo a ponte e parou diante de Eli e Faro.

– O esquadrão de resgate do coronel Yularen vai se beneficiar com o fogo de distração em outro ponto do perímetro – comentou ele.

– Sim, senhor – falou Eli, e uma parte pequena da mente sentiu uma pontada de constrangimento por ter se preocupado tanto com as naves agressoras que não juntara as peças. – Senhor... as naves?

– Sim, comandante, as naves – concordou Thrawn, que se virou para olhar pela vigia. – Vamos descobrir agora se interpretei bem nosso oponente.

– E se estamos prestes a morrer – murmurou Eli.

– Sim – disse Thrawn. – E se estamos prestes a morrer.

Arihnda e os pais estavam quase chegando à barricada externa dos insurgentes quando o complexo se acendeu ao norte e a oeste com tiros de armas de raios.

– Talmoor? – murmurou Elaine tensa enquanto apertava o braço do marido.

– Eu ouvi – disse Talmoor em tom grave. – Então aconteceu. Eu torci para que não acontecesse.

Arihnda espiou a área semi-iluminada diante deles para tentar notar os soldados imperiais lá fora. Mas eles ainda estavam entrincheirados e quietos, como estavam quando ela e Gudry passaram pela linha dos imperiais mais cedo. Será que aqueles esquadrões tinham perdido a ordem de atacar?

Difícilmente. Se ainda estavam posicionados, era porque receberam ordens para ficar assim.

O que significava que os ataques ao longe eram um vetor de penetração única ou uma distração.

Arihnda deu um sorrisinho na escuridão. Era óbvio. Ela andara ignorando as chamadas cada vez mais frequentes em seu comlink e no aparelho que pegou de Gudry, não querendo falar com Thrawn até saber exatamente o que diria. Se os tiros eram uma distração, era para permitir que uma equipe pudesse entrar por outra direção qualquer a fim de procurar por ela.

O sorriso sumiu. O local mais lógico para começar uma busca seria a casa de seus pais. Se a equipe chegasse lá e descobrisse o corpo de Gudry...

Arihnda talvez conseguisse se safar com lábia, mas talvez não. O fato de que Gudry estava morto sem que ela e seus pais exibissem sequer uma queimadura de raio exigiria uma mentira muito elaborada para se explicar.

– Precisamos ir – falou Elaine, com os olhos ainda nas luzes cintilantes ao longe. – Arihnda?

– Um minuto – disse Arihnda, olhando em volta.

A alguns metros à direita, havia uma máquina parecida com uma escavadeira, provavelmente posta ali pelos insurgentes de maneira que aquela parte da barricada tivesse alguma coisa para onde fosse possível recuar quando o tiroteio começasse.

– Fiquem aqui. Volto já.

A bolsa de truques de Gudry incluía seis cápsulas explosivas acionadas por comlink. Ela tinha uma única sobrando.

Prender a cápsula embaixo da escavadeira foi a parte fácil. Programar o comlink de Gudry para detoná-la é que foi difícil. Ele havia ensaiado o procedimento no transporte com ela, mas tinha sido uma explicação superficial dada por um homem que claramente jamais esperara que Arihnda tivesse que usar

aquele conhecimento.

Mas, após algumas tentativas sem êxito, ela conseguiu programar a detonação para o sinal 3. Arihnda escondeu o comlink na mão e voltou para os pais.

Os dois ainda estavam olhando fixamente para o horizonte, como se fossem capazes de enxergar o que estava acontecendo lá longe por pura força de vontade.

– Hora de ir – murmurou ela para os pais. – Deixem que eu falo.

Arihnda torceu para que os guardas na linha dos insurgentes estivessem com toda a atenção voltada para fora, e que ela e os pais fossem capazes de escapar de mansinho sem serem vistos. Novamente, a sorte estava contra eles.

– Parem – ordenou uma voz baixa logo adiante. – Aonde vocês pensam que vão?

– Eu preciso tirar meus pais daqui – falou Arihnda.

Ele era um velho e segurava a arma de raios como alguém que sabia o que estava fazendo. Um veterano das Guerras Clônicas, talvez.

– Minha mãe não está bem – acrescentou ela ao se aproximar dele, segurando o comlink de Gudry com mais força, na expectativa. – Eu preciso levá-la para...

– Vamos ver as identidades – interrompeu o guarda. – De todos vocês.

Chegou a hora. Até aquele momento, todo mundo que eles encontraram conhecia seu pai, pelo nome quando não pelo rosto, e as chances eram boas que esse homem também conhecesse. Se ele conhecesse, e se começasse a fazer perguntas, ou pior, se chamasse um superior desconfiado...

– Isso não será necessário – falou o pai dando um passo à frente. – Eu sou Talmoor...

Arihnda cerrou os dentes e acionou o detonador no comlink.

As cápsulas explosivas só tinham poder limitado, e a explosão não foi enorme. Porém, foi suficientemente grande e barulhenta para atrair a atenção de todo mundo para a escavadeira, que tremeu e balançou brevemente para o lado.

Enquanto o guarda olhava boquiaberto, Arihnda se aproximou dele, pressionou o cano da arma de raios contra o peito do homem e disparou.

Com o som do disparo abafado pelo corpo dele e encoberto pelos ecos da explosão, ela duvidou que alguém tivesse ouvido. O guarda certamente não fez barulho algum ao desmoronar no chão, e sua própria arma de raios fez um ruído baixinho no asfalto. Arihnda deu uma olhada em volta enquanto enfiava a arma de raios dentro da túnica novamente, mas não viu outros guardas.

– Arihnda, o que foi... *Arihnda!* – A mãe soltou um suspiro de susto. – O que aconteceu?

– Provavelmente foi acertado por um estilhaço – respondeu Arihnda ao pegar o braço de Elaine e puxá-la. – Pai? Vamos.

– Mas temos que ajudá-lo – disse Elaine.

– Um momento – falou o pai, com a voz estranha.

Arihnda olhou para trás, e o movimento provocou outra pontada de dor na nuca. Talmoor estava parado sobre o recém-morto, olhando para ele.

– Pai! – disse ela em um sussurro alto. – *Vamos.*

Talmoor olhou para o corpo por mais um instante. Depois estremeceu e seguiu.

E, mesmo na luz tênue, Arihnda conseguiu enxergar a dor e a repulsa no olhar dele.

Arihnda esperava ser contida pelo menos mais uma vez antes de chegarem à linha imperial. Mas a explosão aparentemente fez o resto dos insurgentes sair correndo atrás de abrigo enquanto resolviam se o ataque estava ou não começando. Adiante, ela viu a linha de viaturas de transporte de pessoal blindadas, com seu grande volume escurecido pelo contraste com as luzes da cidade de Paeragosto ao longe...

– Pare! – disse uma voz profissional que surgiu por trás deles.

Arihnda olhou para trás. Dois homens vestindo o uniforme negro dos soldados da Marinha andavam a passos largos em direção a eles, com carabinas de raios de prontidão. Ela não sabia de onde os soldados

tinham surgido.

– Está tudo bem – falou ela rapidamente. – Eu sou Arihnda Pryce. Estou aqui em missão especial dada pelo coronel Yularen.

– *Governadora* Arihnda Pryce? – disse um dos soldados, aumentando o passo. – Já não era sem tempo, governadora. O coronel estava preocupado com a senhora. É melhor ligar para ele; a equipe já entrou.

– Que equipe? – perguntou Arihnda.

– A equipe de resgate que está indo para a casa de seus pais – respondeu ele. – Esses são eles?

– Sim, esses são meus pais – confirmou Arihnda, com o coração acelerado.

Ela tivera a esperança de que a equipe esperaria até a batalha começar antes de entrar. Mas talvez ainda houvesse tempo para detê-los.

– Quando eles partiram?

– Não sei – falou ele enquanto dava uma olhadela no passe de Arihnda. – Provavelmente há vinte minutos. A senhora vai ter que perguntar ao coronel Yularen. Não deveria haver mais alguém com a senhora?

– Nós nos separamos – disse Arihnda, cerrando os dentes.

Vinte minutos. Dependendo da furtividade que tiveram que empregar no trajeto para entrar no complexo, a equipe podia estar vendo a casa naquele momento.

Por sinal, a equipe podia já estar lá dentro.

– Vou ligar para ele imediatamente – falou ela erguendo o olhar.

As estrelas que podiam ser vistas através do brilho difuso do complexo demonstravam uma tremulação a mais, causada pela passagem da luz pelo campo de energia.

– Onde fica seu quartel-general? – perguntou Arihnda para os soldados. – Eu preciso levar meus pais para a cidade para serem devidamente cuidados.

– O quartel-general é ali – respondeu o homem, apontando para uma versão maior da viatura blindada. – Major Talmege. Ele vai arrumar um transporte.

– Obrigada. – Arihnda chamou os pais com um gesto. – Andem, vamos encontrar um lugar para vocês esperarem essa situação passar.

Eles foram embora, com Arihnda conduzindo os pais diante de si. *Mais alguns passos*, disse ela para si mesma. *Só mais alguns passos*.

Todos os três grupamentos das naves agressoras já estavam dentro da distância de tiro dos cruzadores. Eli cerrou os dentes e se perguntou quando elas começariam o massacre. Os agressores continuaram e chegaram ao alcance de tiro à queima roupa...

E, em perfeita harmonia, as formações se dividiram, e as naves passaram ao largo dos cruzadores e das naves de apoio. Elas evitaram os obstáculos, reformaram os grupamentos e continuaram rumo ao interior do perímetro, na direção da *Quimera*.

Sem disparar um único tiro.

– Mas como *assim*? – murmurou Faro.

– O Cisne Noturno aprendeu com nosso ataque à ilha Scrim – explicou Thrawn calmamente. – Veja como ele trouxe as naves pelos vetores exatos onde os cruzadores bloqueariam nossos disparos na primeira parte do ataque deles.

– Sim, senhor – disse Faro. – Falando nos nossos disparos...?

– Paciência, comandante – falou Thrawn. – Capitão-tenente Lomar, mande os cruzadores se soltarem das barcaças imediatamente.

– O senhor está despachando os cruzadores *agora*, senhor? – perguntou Eli. – Eu pensei que o senhor tivesse colocado as naves lá longe para que elas conseguissem pular para o hiperespaço *antes* que uma

força inimiga pudesse abrir fogo.

– Uma conjectura errada, comandante – disse Thrawn calmamente. – Os agressores jamais iriam atirar nos cruzadores. Lembre-se, estamos enfrentando o Cisne Noturno, que insistiu que a tripulação da *Dromedar* fosse mantida presa pelos piratas, que queriam matá-la. Ele jamais ordenaria que suas forças disparassem em naves que não pudessem devolver fogo.

O almirante gesticulou para a vigia, na direção da *Shyrack*.

– De um ponto de vista puramente tático, manter nossas naves avariadas e suas tripulações atrás dos agressores do Cisne Noturno e diretamente na nossa linha de fogo também deveria fazer com que hesitássemos em abrir fogo defensivo.

– E é por isso que o senhor está mandando os cruzadores embora? – perguntou Faro. – Para finalmente podermos revidar?

– Eu não estou mandando os cruzadores embora. – Thrawn deu um sorrisinho para ela. – Paciência, comandante. Comandante Vanto, relatório sobre as barcaças de manutenção.

– Elas se afastaram da *Shyrack* – respondeu Eli enquanto examinava o monitor. – O mesmo para as barcaças em volta da *Flensor* e da *Tumnor*...

Ele parou e espiou um grupo das estruturas de manutenção. Havia alguma coisa saindo detrás delas?

– Almirante? Aqueles são...?

– São, sim, comandante Vanto – falou Thrawn baixinho. – Caças TIE, um esquadrão completo, saindo de cada ponto. Foram trazidos para o sistema Batonn escondidos dentro das barcaças de manutenção.

Eli bufou baixinho, e o nó no estômago se desfez quando ele finalmente compreendeu.

– À espera da passagem das naves agressoras.

– Sim – concordou Thrawn. – E agora, graças à estratégia do Cisne Noturno, os TIE estão perfeitamente posicionados atrás dos alvos.

Enquanto Eli observava, os TIE fizeram curvas uniformes em volta das barcaças, aceleraram à velocidade de ataque e avançaram contra as naves insurgentes que se aproximavam.

– Nossos TIE ainda estão no perímetro de vigia – falou ele. – De onde vieram esses?

– Da *Julgador* – respondeu Thrawn. – O almirante Durril foi gentil em emprestá-los para nós. Comandante Faro?

– Senhor?

– Mande nossos turbolasers ficarem de prontidão para atirar – disse Thrawn. – Lembre-os de não ultrapassar os alvos e atingir os TIE.

– Sim, senhor – falou Faro com um sorrisinho no rosto. – Controle de tiro, o senhor ouviu o almirante. Inimigos se aproximando. Prepare-se para destruí-los.

O momento havia chegado.

Os pais de Arihnda estavam a salvo dentro do quartel-general do major Talmeg. Ela estava parada atrás do veículo. A luz estável das estrelas lá em cima indicava que eles tinham finalmente saído do escudo de Arroio.

E ninguém estava vendo.

Arihnda não podia deter o esquadrão especial de Yularen. Não podia evitar que encontrassem o corpo de Gudry. Tudo que ela podia fazer era garantir que eles jamais reportassem o fato.

Arihnda ergueu o comlink de Gudry e acionou o controle remoto.

Não o sinal 1, aquele que destruiria o escudo. O sinal 2, aquele que detonaria o depósito de explosivos do Cisne Noturno.

E, subitamente, o mundo estourou e virou um esplendor de fogo.

Independentemente do que Eli pensasse sobre as capacidades de Durril como estrategista, os pilotos de caça estelar da *Julgador* estavam entre os melhores que ele já tinha visto. Quando os agressores chegaram à distância de fogo aproximado da *Quimera*, seu número fora diminuído em quase dois terços.

Era a vez da *Quimera* agora.

O céu foi tomado por naves velozes e pelos clarões verdes dos tiros de turbolaser quando, pelo rabo do olho, Eli viu o mostrador centrado no complexo de Arroio se acender numa explosão brilhante de luz.

Ele girou para o monitor, e o ar ficou preso em sua garganta. Por uma fração de segundo, o fogo envolto por fumaça permaneceu contido, como um círculo quase perfeito...

E então, um segundo clarão cintilou bem no centro, o círculo sumiu e a massa turbulenta de fumaça e destroços se transformou em uma nuvem de bordas emaranhadas que era soprada para fora.

Alguém em uma das valas dos tripulantes praguejou... e Eli compreendeu abruptamente o que havia acontecido.

Os explosivos que Gudry plantara foram detonados. Mas, com o escudo ainda funcionando, a gigantesca explosão fora contida e refletida para dentro e para baixo, demolindo não apenas a fortaleza dos insurgentes como também a profusão de lares civis reunidos em volta do complexo da mina.

O que *diabos* os insurgentes tinham acabado de fazer?

A ponte da *Quimera* ficou em silêncio. Thrawn foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Comandante Faro, entre em contato com o coronel Yularen e os comandantes terrestres – disse ele, em um tom de voz calmo, mas contundente. – Os soldados devem entrar no complexo dos insurgentes imediatamente. Mas não para combate. Para busca e resgate.

– Compreendido, senhor – falou Faro, com a voz sob rígido controle. – E elas? – acrescentou ela, apontando para o enxame de naves inimigas entre os disparos de canhões de raios e turbolasers.

– Se alguma sair de formação e fugir, deixe – respondeu Thrawn. – As histórias sobre o que aconteceu hoje aqui vão acelerar a desmotivação de quaisquer outros grupos iguais.

– E aquelas que ficarem para lutar?

Thrawn não hesitou.

– Destrua-as.

– Você viu aquilo? – perguntou Elaine mais uma vez, com a voz ainda trêmula. – Você viu aquilo?

– Eu vi, mãe – confirmou Arihnda, enquanto meio que conduzia, meio que arrastava os pais para a nave que os aguardava.

Atrás deles, a linha imperial inteira se agitou conforme homens e veículos entravam nos prédios em chamas e nos destroços espalhados que tinham sido o complexo de mineração Arroio.

– E não, não faço ideia do que aconteceu – completou Arihnda.

– Que coisa terrível – murmurou Elaine. – Como o Império pode ter feito uma coisa dessas?

– Se a senhora quiser culpar alguém, culpe os insurgentes – contra-argumentou Arihnda, com mais rispidez do que queria. – Foram eles que forçaram o confronto.

A mãe ficou em silêncio. O pai não falava nada desde que eles haviam saído do veículo de Talmeg.

Arihnda teve que admitir um certo mal-estar. A explosão contida pelo escudo fora bem mais devastadora do que ela esperava.

Mas servira ao seu objetivo. A explosão e o incêndio incontrollável que se seguira certamente obliteraram a casa dos pais, e com ela a prova do assassinato de Gudry.

No fim das contas, era tudo que importava.

– Eis o que vocês vão fazer – disse ela, sacudindo um pouco os dois pais para garantir que tinha a atenção deles. – O piloto tem ordens para levá-los para o campo de pouso da cidade de Paeragosto e para um transporte chamado *Duggenhei*. A passagem para Lothal já foi paga. Uma vez lá, vão para a mansão do governo; eu vou ligar e mandar que coloquem vocês em um dos quartos de hóspedes. Vou me

juntar a vocês assim que puder, e então resolveremos o que vocês querem fazer. Entendido?

– Mas... – começou Elaine.

– Sem *mas*, mãe – falou Arihnda. – Apenas vão e esperem. Ok?

Elaine suspirou.

– Tudo bem.

– Pai? Ok?

Talmoor simplesmente concordou com a cabeça.

– Ok – disse Arihnda, que parou ao pé da rampa da nave e soltou os braços dos pais. – Vão indo. Eu estarei lá assim que puder.

Ela observou enquanto os dois entravam a bordo em silêncio, ambos ainda andando como sonhadores presos em um pesadelo horrível. A comporta se fechou, e a nave decolou, rumo às luzes distantes da cidade.

– Seus pais?

Arihnda se virou. O coronel Yularen estava parado a alguns metros, com olhos fixos nela.

– Sim – respondeu Arihnda. – Estou mandando os dois de volta para casa. Não há nada para eles aqui, agora.

– Não tem muita coisa aqui para qualquer pessoa, na verdade – falou ele. – Vim lhe dizer que o almirante Thrawn exige sua presença a bordo da *Quimera*.

Arihnda sabia que isso era uma coisa que o coronel poderia ter dito via comlink. Mas, se tivesse feito isso, ele não teria sido capaz de segui-la e ver o que ela estava aprontando.

Tudo bem. Yularen podia observar. Ele podia observar, imaginar e suspeitar. Ela era a governadora Pryce agora, governante de uma enorme gama de minas, fábricas e indústrias vitais para o bem-estar econômico e militar do Império. Desde que Arihnda continuasse a entregar o que o Império queria, ela era intocável.

– Obrigada, coronel – disse Arihnda. – O senhor tem uma nave à disposição?

– Tenho sim, Vossa Excelência – respondeu Yularen. – Vamos?



CAPÍTULO

29

Todas as pessoas têm arrependimentos. Guerreiros não são exceção.

É de se esperar que seja possível distinguir entre os eventos causados por descuido ou por falta de habilidade daqueles eventos causados por circunstâncias ou forças que fogem do controle. Mas, na prática, não há diferença. Todas as formas de arrependimento rasgam igualmente fundo na mente e na alma. Todas as formas deixam cicatrizes da mesma amargura.

E sempre, por baixo da cicatriz, espreitam a ideia e o medo de que havia outra coisa que poderia ter sido feita. Alguma atitude ou falta de atitude que teria mudado tudo para melhor. Às vezes, é possível aprender com esse questionamento. Com muita frequência, essas dúvidas apenas aumentam a cicatriz.

Um guerreiro deve aprender a deixar os arrependimentos de lado da melhor maneira possível, sabendo muito bem que eles jamais estarão muito longe.

– Foi, segundo qualquer critério, um massacre – disse Yularen. *A voz está sob controle, mas contém grande arrependimento e o eco de memórias sombrias.* – Eu vi algumas coisas horrendas durante as Guerras Clônicas. Isso está no topo da lista com as piores.

– O senhor tem o número de vítimas? – perguntou Thrawn.

– Sim, senhor – respondeu Yularen, digitando no datapad. – Como pode ver, o número de baixas civis foi muito maior do que o número de insurgentes mortos.

– Como sabemos quem era quem? – perguntou a governadora Pryce. *A voz contém escárnio e cautela, mas nenhuma empatia. Os músculos dos braços e ombros estão tensos embaixo da túnica.* – Isso foi uma revolta de cidadãos, afinal de contas.

– Podemos presumir que as pessoas dentro do cordão de isolamento central e aquelas portando armas nas linhas de vigia eram insurgentes – respondeu Yularen. *O tom é educado, mas indica um desprezo que mal consegue ser contido.* – As pessoas nas casas colhidas pela explosão provavelmente não eram.

– Não há necessidade para veemência, coronel – falou Pryce. – Eu fui à casa dos meus pais para deixá-los prontos para ir embora. Esperamos lá pelo agente Gudry. Ele não voltou na hora combinada, então fomos embora. Só posso presumir que ele foi preso ou incapacitado pelos insurgentes, e em vez de permitir que fosse capturado vivo, Gudry detonou as cápsulas.

– Aquelas no depósito de explosivos primeiro? – perguntou Yularen. *A voz contém suspeita. Os olhos estão fixos em Pryce, sem piscar.*

– Ou ele detonou ambas ao mesmo tempo – disse Pryce. *A voz denota impaciência e revolta. As mãos*

começam a se mexer, depois ficam novamente imóveis quando ela recupera o controle. – Ou ele tentou o gerador primeiro e não deu certo. Não saberemos os detalhes até que uma investigação completa seja feita.

O comandante Vanto se remexeu na cadeira, também frustrado e desconfiado, mas não disse nada.

– O Senado já ordenou que um inquérito seja aberto – falou Yularen. – Mas duvido que vá descobrir algo útil. A seção interna do complexo, onde as explosões ocorreram, foi basicamente reduzida a pó.

– Novamente, eu não tenho muita pena de insurgentes – disse Pryce. – Mas sinto pela perda do agente Gudry. Ele era um bom agente e protetor.

– Eu espero que a senhora também sinta pela perda dos soldados mortos na explosão – falou Yularen. – Incluindo aqueles que foram despachados para resgatá-la.

– Uma missão da qual eu não tinha conhecimento – disse Pryce. *A tensão está desaparecendo dos músculos.* – Como disse antes, eu não queria usar meu comlink mais do que fosse absolutamente necessário.

– Temos informações sobre a capacidade dos insurgentes para captar tais transmissões? – perguntou Thrawn.

– Não sabemos se eles podiam, senhor – respondeu Vanto. – Mas é teoricamente possível. E alguém como o Cisne Noturno com certeza tentaria vigiar quem estava transmitindo do interior de sua fortaleza se tivesse a capacidade.

– Sim – concordou Thrawn. – Seu relatório, coronel, disse que a morte do Cisne Noturno foi confirmada?

– Sim, senhor – falou Yularen. – O corpo dele foi encontrado e identificado em uma das áreas externas, onde o dano foi menos grave. O Cisne Noturno provavelmente estava verificando o perímetro. – Ele hesitou. – Provavelmente se preparando para lutar ao lado dos defensores ali.

– Sim – disse Thrawn.

E assim tudo terminou. O caminho acabou. O padrão foi interrompido.

A canção do Cisne Noturno fora silenciada. Seria uma grande perda para a galáxia.

– Ainda assim, o imperador está contente com o resultado – falou Pryce. *A voz contém orgulho e satisfação ao olhar para Thrawn. A cabeça está erguida.* – Muito contente, na verdade.

– Está? – perguntou Thrawn.

Os olhos de Pryce desviam do olhar dele. Os músculos da garganta se apertam, a expressão dela denota cautela e incômodo.

– Está – respondeu Aarihnda. – Eu espero que ele encontre um jeito tangível de demonstrar o agradecimento.

Veio um sinal pelo intercomunicador da sala de reuniões.

– Sim? – perguntou Thrawn.

– Uma mensagem de Coruscant, almirante – respondeu Faro. *A voz dela contém empolgação controlada.* – O imperador exige sua presença no Palácio Imperial o mais breve que puder.

– Obrigado, comandante – disse Thrawn. – Transmita minha confirmação e informe Coruscant que viajaremos para lá assim que a situação em Batonn for finalizada.

– Sim, senhor. – O intercomunicador emitiu um clique e desligou.

– É melhor não deixar o imperador esperando, almirante – alertou Pryce.

– Concordo – falou Yularen. – Com todo o respeito, senhor, nós podemos lidar com a situação no solo.

– E os cruzadores podem seguir assim que os reparos estiverem concluídos, senhor – acrescentou Vanto. – Eles não deverão ficar mais do que uns dois dias atrás de nós. Se o senhor quiser, podemos deixar as fragatas aqui com os cruzadores, de maneira que todos possam seguir em comboio.

– Uma ideia excelente – disse Thrawn. – Muito bem. Informe à comandante Faro para se preparar. A

Quimera irá embora de Batonn em três horas, com o resto da força-tarefa seguindo quando for capaz. Coronel Yularen, se durante as próximas três horas o senhor considerar que minha atenção aqui ainda se faz necessária, por favor me informe de modo que eu possa atrasar nossa partida.

– Sim, senhor.

Yularen, Vanto e Pryce se levantam da mesa.

– Governadora Pryce, uma palavrinha em particular com a senhora, por obséquio – falou Thrawn.

Vanto e Yularen se entreolharam, mas recolheram os datacards e saíram da sala de reuniões sem mais comentários.

– Uma pergunta, almirante? – indagou Pryce quando os outros saíram.

Ela permanece em pé ao lado da cadeira, e a postura indica que não está se preparando para sentar novamente.

– Uma afirmação, governadora – corrigiu Thrawn.

Pryce balança a cabeça. Os músculos da bochecha e da garganta indicam nova tensão, mas as costas estão rígidas e a cabeça está erguida com uma confiança desafiadora.

– Não.

– Perdão?

– Não é assim que se faz uma acusação contra um integrante poderoso do governo imperial – disse ela. – Apesar de toda a sua habilidade tática, almirante, o senhor ainda não sabe nada sobre lidar com políticos.

– Não sei?

– Não sabe – falou Pryce. *A voz contém confiança.* – Sua carreira inteira tem sido composta por triunfos militares e tropeços políticos, e cada um desses tropeços políticos exigiu alguém com habilidade política para fazê-lo se levantar.

Ela se debruça e coloca as mãos espalmadas sobre a mesa diante de si.

– Vamos mostrar nossas cartas. Ou melhor: eu vou mostrar as *minhas* cartas, uma vez que o senhor não é do tipo que joga. O senhor claramente suspeita que eu saiba mais do que falei sobre o que aconteceu em Batonn. Tudo bem. Pode suspeitar à vontade. Mas não se esqueça do fato de que o senhor precisa de mim.

– De que maneira?

– Para aliviar seus futuros tropeços políticos – respondeu Arihnda. – E acredite, eles *vão* ocorrer. O senhor é um almirante bem-sucedido. Isso o torna alvo de pessoas que querem sugar um pouco do seu poder para si mesmas.

– Pessoas como a senhora?

Ela sorriu de novo. *A expressão contém ironia. A postura indica um respeito ligeiramente relutante.*

– Pelo menos o senhor aprendeu *alguma* lição política. Mas não, eu não quero sugar seu poder. Apenas quero orientá-lo para uma direção que trará o melhor para nós dois.

– De que maneira?

– O fato é que eu tenho uma espécie de situação insurgente em Lothal – falou Pryce. *A voz contém hesitação. O rubor aumenta. A postura indica ressentimento e raiva, mas voltados para outro lugar.* – Eu quero tornar o meu planeta a melhor fonte de metais nobres na Orla Exterior, bem como o principal centro militar e industrial do setor. No processo, eu talvez tenha exigido demais dos nativos. Não obstante a causa, nós temos um problema, e o almirante Konstantine tem sido pouco eficaz em lidar com ele.

– A senhora falou com o Alto Comando?

– O Alto Comando tem um monte de áreas de tensão com as quais precisa lidar neste exato momento. – *A voz denota impaciência e escárnio.* – Com mais áreas assim surgindo a cada dia, eu tive algumas discussões com o grão-moff Tarkin, e ele está tão descontente com a situação quanto eu. Ele está

especialmente descontente que os rebeldes locais estejam começando a levar seu tipo de estorvo para outros lugares na região. Tarkin deixou claro que eu preciso encontrar uma solução.

– E a senhora encontrou?

– Sim – respondeu ela. – O senhor.

– E que proveito eu tiraria disso?

– Eu já detalhei um dos proveitos – disse Pryce. – Se o senhor não acha que minha orientação política vale muito, então considere o benefício de mais uma vitória ou duas para o seu prestígio. Isso é tudo que Coruscant valoriza, sabe: resultados. – *Ela inclina a cabeça de lado.* – Minhas fontes me dizem que o almirante de esquadra Sartan, da 7ª frota, será substituído em breve. Batonn é simplesmente o tipo de vitória que poderia colocá-lo na fila para tal posto de comando.

– Eu estou satisfeito com a 96ª força-tarefa.

– O senhor ficaria ainda mais satisfeito com a 7ª frota – retrucou Pryce. *Ela faz uma pausa; sua expressão e postura revelam esforço para recuperar o controle.* – Uma última carta, uma carta com a qual eu sei que o senhor se importa. A 7ª frota detém muito poder de fogo. Ela é enviada para grandes conflitos, onde há inimigos poderosos e desesperados. Se o senhor não comandá-la, outra pessoa comandará. Acha que há mais alguém na Marinha Imperial que se importe tanto quanto o senhor com limitar as baixas?

– A senhora apresentou argumentos interessantes – falou Thrawn. – Eu considerarei sua proposta.

– Faça isso. – *A postura indica confiança completa. A expressão denota triunfo discreto.* – Enquanto isso, vá ter sua reunião com o imperador. Sorria e agradeça pela pilha de honrarias e quinquilharias que ele lhe der. – *Ela sorri, a expressão contém cinismo.* – Quem sabe? Ele pode até transformá-lo em grão-almirante. A questão é: passe por isso, e nós nos veremos em breve.

– É possível que nos vejamos, sim – disse Thrawn. – Adeus, governadora. Faça uma boa viagem.

Ela saíra havia dezoito minutos quando Vanto voltou à sala de reuniões.

– A governadora Pryce acabou de ir embora – relatou ele, olhando com atenção para Thrawn. – O que ela disse?

– Ela se ofereceu como minha conselheira em questões políticas.

– O senhor com certeza precisa de alguém assim – falou Vanto em tom duvidoso. – Porém, não sei se ela é a pessoa certa para isso. O que a governadora falou sobre Arroio?

– Ela não admitiu ter tido papel algum na destruição – respondeu Thrawn. – Mas creio que ela tenha pelo menos um pouco de culpa.

– Mas o senhor não tem provas?

– Nenhuma.

– Imaginei – disse Vanto, com um tom de voz sombrio. – E, pelo que Yularen disse, nós provavelmente não conseguiremos qualquer prova. Então ela vai se safar.

– Talvez – falou Thrawn. – Talvez não. Eu já notei que geralmente há uma simetria nessas situações.

– Podemos torcer – disse Vanto. – Então, para Coruscant?

– Para Coruscant – concordou Thrawn.

– Eu sei que o senhor não vai gostar de levar o crédito pelo que aconteceu lá embaixo – falou Vanto. – Mas tente sorrir e agir com gratidão, de qualquer forma.

Ele franziu a testa.

– Por que o senhor está sorrindo?

– A governadora Pryce ofereceu o mesmo conselho.

– Ah. – Vanto deu de ombros. – Bem, ainda é uma boa ideia. Com sua permissão, eu gostaria de checar se há algum último dado vindo do solo antes de irmos embora.

– Por favor, faça isso – falou Thrawn. – E lembre-se, também, que outros também serviram bem ao Império. Eu confio que o imperador terá honrarias suficientes para premiar todos.

– Eu não espero que isso aconteça – disse Vanto. – Não importa. Eu estou muito satisfeito em ser seu ajudante de ordens, almirante. É onde devo estar.

– Talvez – falou Vanto. – Talvez não.

A sala do trono ainda estava como Thrawn se lembrava, embora a visse agora com outros olhos. O novo uniforme que ele havia recebido era branco, com barras douradas no ombro e uma insígnia dourada no colarinho, completamente diferente de qualquer outra coisa na Marinha Imperial. A divisa que o imperador segurava na mão nodosa era igualmente impressionante: doze pastilhas em azul, vermelho e dourado.

A face do imperador estava como Thrawn jamais tinha visto. *A expressão contém satisfação, com indícios tanto de divertimento como de maldade.*

– Parabéns, grão-almirante – disse ele ao oferecer a divisa. – Um dia excelente para o senhor. Um dia excelente para o meu Império. – *O divertimento aumenta.* – Embora eu tema que muitos não concordarão com isso.

– Eu me empenharei para tranquilizar seus corações e mentes – falou Thrawn. – Mas, primeiro, preciso acalmar meu coração e minha mente.

O sorriso abandona o rosto do imperador. Um pouco da satisfação desaparece, substituída por desgosto.

– É mesmo? – disse ele. – Muito bem. Seja sincero, grão-almirante.

– Fale-me da Estrela da Morte.

O divertimento desaparece. A maldade cresce.

– Quando e como o senhor ouviu falar do projeto?

– Eu descobri o nome a partir de mensagens desprotegidas – respondeu Thrawn. – Eu deduzi o tamanho e poder pelos recursos alocados. Eu agora desejo saber pelo senhor sobre o propósito do projeto.

O divertimento reaparece, misturado agora com compreensão e triunfo.

– Ah – falou o imperador, baixando a mão para o lado do corpo. – Seus pensamentos estão expostos, Mitth'raw'nuruodo. O senhor receia que, assim que eu lidar com os rebeldes dentro das minhas fronteiras, eu voltarei minha arma imbatível contra seus Chiss. Essa é a sua preocupação?

– É parte dela – disse Thrawn. – Eu certamente não quero ver minha ajuda ao senhor e ao seu Império ser subvertida em conquista ou destruição. Mas também devo alertar contra o desvio de tantos recursos imperiais de uma Marinha flexível composta por naves de linha e caças estelares para projetos imensos que só podem levar a presença do Império a um sistema de cada vez.

– Permita-me acalmar seus receios – falou o imperador. – Eu não tenho planos contra seu povo. Na verdade, eu notei que, apesar de sua ajuda para mapear as hiperlinhas das Regiões Desconhecidas, o senhor manteve em segredo a localização dos planetas e bases Chiss. É aceitável. Eu não vou me irritar com o senhor por defender seu povo. Quanto aos recursos imperiais...

Ele sorri novamente, o triunfo cresce e se torna estranhamente frágil.

–... em breve não haverá necessidade de espalhar a presença imperial pela galáxia. Assim que a Estrela da Morte estiver totalmente operante, sua própria existência suprimirá toda a oposição. E então...?

Ele ergueu o braço e ofereceu novamente a divisa.

Desta vez, Thrawn pegou.

– Ótimo – disse o imperador. *O sorriso novamente contém satisfação. A maldade diminui, mas jamais desaparece completamente.*

Ao lado da sala do trono, uma porta se abre deslizando e aparece uma figura alta, vestida de preto, com uma longa capa negra ondulando por trás.

– Ah... Lorde Vader – saúda o imperador. *Ele chama a figura com um gesto. A postura denota uma sensação de controle e domínio.* – Venha, junte-se a nós. Eu creio que o senhor não conheça Darth Vader, grão-almirante Thrawn.

Vader se aproxima com passos moderados, mas confiantes. O rosto está escondido, os movimentos dos músculos são atenuados e imperceptíveis embaixo da roupa blindada. Porém, a postura indica poder e autoridade.

E também indica confiança. Mais do que qualquer coisa, a postura indica confiança.

– O senhor está correto, Vossa Excelência – falou Thrawn. – Eu o saúdo, Lorde Vader.

– Grão-almirante – disse Vader, inclinando a cabeça dentro do capacete. *A voz é grossa e parcialmente mecânica. Ela também indica poder e confiança.*

– Eu ouvi muita coisa a seu respeito – falou Thrawn. – Estou contente por nós finalmente nos conhecermos.

– Sim – disse Vader. – Eu também.

EPÍLOGO

Dizem que é necessário manter os aliados ao alcance da visão e os inimigos ao alcance da mão.

Uma afirmação válida. Um guerreiro deve ser capaz de avaliar os pontos fortes de um aliado, bem como determinar a melhor maneira de usá-los. Igualmente, é preciso avaliar os pontos fracos de um inimigo, para determinar a melhor maneira de derrotá-lo.

Mas e quanto aos amigos?

Não existe uma resposta aceitável, talvez porque a verdadeira amizade é raríssima. Mas eu formulei a minha própria resposta.

Um amigo não precisa ser mantido nem ao alcance da visão, nem ao alcance da mão. Um amigo deve receber a liberdade para encontrar e seguir o próprio rumo.

Se vocês tiverem sorte, esses caminhos se juntarão por um tempo. Mas, se os caminhos se separarem, é reconfortante saber que seu amigo ainda abrilhanta o universo com suas habilidades, pontos de vista e presença.

Porque, se uma pessoa for lembrada por um amigo, ela nunca morre realmente.

Eli leu a anotação uma segunda vez. Depois, com um suspiro, desligou o datapad.

Ele ainda não sabia por que Thrawn lhe deixara seu diário. Talvez Thrawn simplesmente tivesse encarado o gesto como história. Talvez o tivesse encarado como uma última oportunidade para treinamento e educação.

Ou talvez o motivo estivesse contido de alguma forma naquela última anotação.

Friamente, Eli se perguntou se havia mais anotações do diário. E, se houvesse, se algum dia ele as encontraria.

Eli duvidava. Mas não importava, de verdade. A galáxia tinha o legado e os feitos de Thrawn. Aqueles que podiam aprender com esse legado presumivelmente já haviam aprendido. Aqueles que não podiam jamais aprenderiam.

Eli torcia para que fizesse parte do primeiro grupo.

Ele colocou o datapad de lado e olhou novamente para o conjunto de números que passavam no monitor. Eli sabia que, para a maioria das pessoas, os números praticamente não faziam sentido. Para ele, um especialista em aprovisionamento criado pela vida e pelo treinamento, os números eram como música. Não importava se eles formavam listas de inventários, cálculos de alvos, uma hiperlinha ou dados de posicionamento, os números estavam no cerne de tudo que fazia o universo funcionar. Eles se referiam a uma grandiosa sinfonia de pessoas, tanto humanas como não humanas; de planetas e rotas comerciais; da força vital do bem e do mal, da mesma forma.

Talvez por isso ele e Thrawn trabalharam tão bem juntos. Eli tinha seus números, Thrawn tinha sua arte, e nenhuma das duas capacidades podia ser compreendida completamente por mais ninguém.

Eli sorriu diante daquele pensamento e diante do próprio conceito. Não, ele nunca compreendera

Thrawn completamente. Ele duvidava que alguém jamais tivesse compreendido.

Mas aquilo era o passado de Eli. Este era o presente de Eli. O presente e, esperava ele, o futuro.

Os números de cálculo de rota chegaram ao fim, e Eli puxou as alavancas do hiperdrive. A visão da capota da cabine mudou do céu sarapintado para traços de luzes estelares e então para a beleza fria de estrelas desconhecidas.

E no centro daquela grandiosidade, uma única nave. Uma nave *grande*, tremeluzindo com as luzes de navegação atenuadas, repleta de armamentos, tripulada por homens e mulheres que Eli nunca tinha conhecido.

Ele havia chegado.

A tela do transmissor se acendeu com um rosto: majestoso, com pele azul e olhos vermelhos brilhantes. O cabelo negro-azulado estava preso em um coque apertado atrás da cabeça; a insígnia do colarinho era de almirante.

– Eu sou a almirante Ar'alani da Frota de Defesa Chiss – disse ela em uma voz límpida e um Sy Bisti com sotaque carregado. – Você é ele?

– Eu sou ele. – Eli respirou fundo. – Sou Eli Vanto. Trago saudações de Mith'raw'nuruodo. Ele acredita que posso ser útil para a Aristocracia Chiss.

– Bem-vindo, Eli Vanto – falou Ar'alani, inclinando a cabeça em cumprimento. – Vamos descobrir juntos se ele estava certo.

STAR WARS / THRAWN

TÍTULO ORIGINAL:

Star Wars / Thrawn

COPIDESQUE:

Matheus Perez

REVISÃO:

Giselle Moura

Cássio Yamamura

Camila Fernandes

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Desenho Editorial

ILUSTRAÇÃO:

The Two Dots

DIREÇÃO EXECUTIVA:

Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:

Adriano Fromer Piazza

EDITORIAL:

Daniel Lameira

Bárbara Prince

Andréa Bergamaschi

Renato Ritto

FINANCEIRO:

Roberta Martins

Sandro Hannes

COMUNICAÇÃO:

Luciana Fracchetta

Pedro Henrique Barradas

Stephanie Antunes

COMERCIAL:

Fernando Quinteiro

Lidiana Pessoa

Roberta Saraiva

Ligia Carla de Oliveira

André Castilho

COPYRIGHT © & TM 2017 LUCASFILM LTD.

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2017

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

THRAWN É UM LIVRO DE FICÇÃO. TODOS OS PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS SÃO FICCIONAIS.



A EDITORA ALEPH

Rua Henrique Monteiro, 121

05423-020 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3940

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vagner Rodolfo CRB-8/9410

Z19t Zahn, Timothy

Thrawn [recurso eletrônico] / Timothy Zahn ; traduzido por André Gordirro. - São Paulo : Aleph, 2017.
377 p. : 2,35 MB.

Tradução de: Star Wars: Thrawn
ISBN: 978-85-7657-386-9 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I. Gordirro, André. II. Título.

2017-555

CDD 813.0876

CDU 821.111(73)-3

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
2. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3

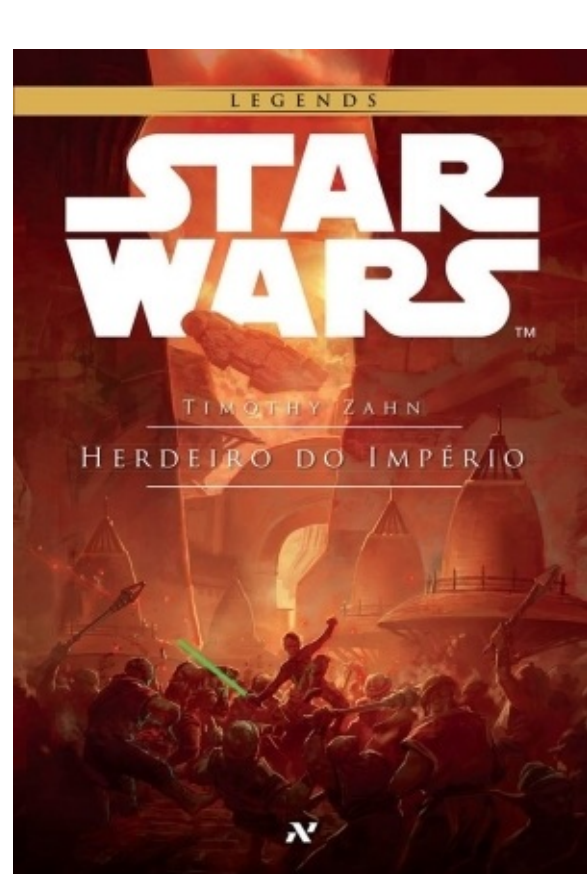
LEGENDS

STAR WARS™

TIMOTHY ZAHN

HERDEIRO DO IMPÉRIO

X



STAR WARS - Herdeiro do Império

Zahn, Timothy
9788576573425
472 páginas

[Compre agora e leia](#)

O PRIMEIRO VOLUME DA CONSAGRADA TRILOGIA THRAWN. Luke, Han e Leia enfrentam uma nova ameaça. Cinco anos após a destruição da Estrela da Morte, a ainda frágil República luta para restabelecer o controle político e curar as feridas deixadas pela guerra que assolou a galáxia. O Império, porém, parece não ter morrido com Darth Vader e o imperador. Habitando os confins da galáxia, o grão-almirante Thrawn, gênio militar por trás de diversas ações imperiais, ainda luta para reconquistar o poder perdido. A bordo do destroier estelar Quimera, ele descobre segredos que lhe darão a chance de destruir definitivamente o que restou da Aliança Rebelde, para assim retomar o domínio da galáxia e controlar os últimos dos Jedis. Herdeiro do Império é considerado um dos mais importantes marcos do universo expandido de STAR WARS. Desde seu lançamento, tem sido aceito pelos fãs da franquia como a verdadeira continuação da trilogia original. Além disso, a obra foi usada como base criativa para vários outros produtos da série, incluindo elementos de jogos, filmes e animações.

[Compre agora e leia](#)



AS BRIGADAS FANTASMA

CONTINUAÇÃO DO BEST-SELLER
GUERRA DO VELHO

JOHN SCALZI

As Brigadas Fantasma

SCALZI, JOHN

9788576573784

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na continuação do premiado romance Guerra do velho, a tenente Jane Sagan descobre um ardil sendo tramado contra a humanidade e um plano para a subjugação e a erradicação de sua espécie inteira. É um genocídio planejado detalhadamente com base na cooperação, até então inédita, entre três raças. E um ser humano. Para lidar com essa trama, as Brigadas Fantasma e suas tropas que já nascem com o propósito de proteger a raça humana precisam entrar em ação. Passando por conflitos de identidade, mas com um forte senso de companheirismo, esses soldados serão liderados por Jane Sagan, que precisa impedir uma guerra entre espécies enquanto lida com um fato preocupante: em meio a suas fileiras, pode haver um traidor. Com a escrita dinâmica, leve e inteligente característica de John Scalzi, As Brigadas Fantasma discute questões éticas e de identidade enquanto envolve o leitor na história de uma grande conspiração política e bélica.

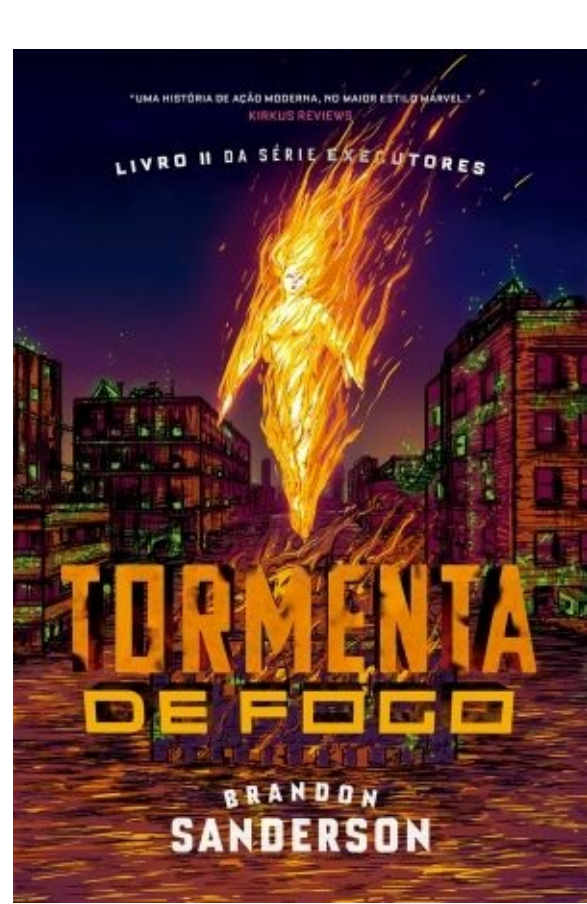
[Compre agora e leia](#)

"UMA HISTÓRIA DE AÇÃO MODERNA, NO MAIOR ESTILO MARVEL."
KIRKUS REVIEWS

LIVRO II DA SÉRIE EXECUTORES

TORMENTA DE FOGO

BRANDON
SANDERSON



Tormenta de fogo

Sanderson, Brandon

9788576573807

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao enfrentar o maior supervilão que já existiu, David ficou famoso. Mas sua tão sonhada vingança foi só o passo inicial de uma jornada bem mais difícil, e agora ele vai acompanhar os Executores em uma missão misteriosa à cidade de Babilar, governada por uma Épica bondosa, mas com segundas intenções. Enquanto ajuda sua equipe a desvendar os planos dessa mulher, David enfrenta suas próprias dúvidas. Desde os acontecimentos na luta contra Coração de Aço, seu ódio cego aos Épicos foi abalado, e o garoto se pergunta: será que não é possível haver, entre os super-humanos, algum herói?

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



AS FONTES DO PARAÍSO

As Fontes do Paraíso

Clarke, Arthur C.

9788576572275

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há dois séculos, Kalidasa desafiou sua família e sua religião para empreender uma verdadeira maravilha arquitetônica: a construção de um suntuoso palácio no topo de uma montanha, que o alçaria aos céus e o igualaria aos deuses. Duzentos anos depois, o ambicioso engenheiro Vannevar Morgan, que já unira dois continentes com a Ponte Gibraltar, se propõe a construir uma nova ponte, desta vez ligando a Terra ao espaço sideral. O que ele não imagina, porém, é que em seu caminho está um monastério budista, localizado sobre a única montanha na qual seu projeto poderia ser construído. Em paralelo, a humanidade detecta um estranho sinal de rádio, de origem não humana. Pela primeira vez na história, o planeta Terra é contatado por uma raça alienígena que, ao que tudo indica, está cada vez mais próxima.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



ENCONTRO COM RAMA

Encontro com Rama

Clarke, Arthur C.

9788576572572

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vencedor de renomados prêmios da ficção científica, entre eles o Hugo e o Nebula, "Encontro com Rama" conta a história de uma terrível colisão de um meteorito contra o continente europeu. Após o acontecimento, líderes mundiais e cientistas reuniram esforços para evitar que catástrofes dessa natureza voltassem a acontecer. Quase cinquenta anos depois, a humanidade atônita acompanha a chegada de um novo astro ao Sistema Solar. De proporções inimagináveis, Rama espanta e ameaça, pois avança firmemente na direção de nosso Sol. Uma expedição é enviada para explorar os mistérios do que se imagina ser um colossal meteoro. Mas, num misto de surpresa e apreensão, Rama se revela uma sofisticada construção, repleta de enigmas que desafiam a mente e os conceitos humanos. Inestimável fonte de pesquisa para a ciência ou ameaça para a segurança da humanidade, Rama torna-se palco de uma das mais fascinantes jornadas de descobrimento da ficção científica; um espelho da genialidade de um dos autores mais criativos do século 20.

[Compre agora e leia](#)